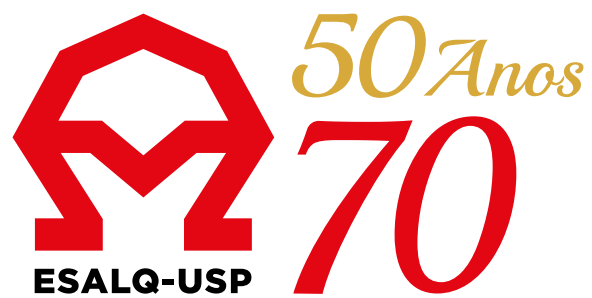


O Sonho Não Acabou

— Contribuições à evolução do agronegócio —
Legado dos engenheiros agrônomos da ESALQ/USP 1970



O Sonho Não Acabou

— Contribuições à evolução do agronegócio —
Legado dos engenheiros agrônomos da ESALQ/USP 1970

Entrevistas, textos e edição

Suzana Amyuni

Comissão Editorial

Aliomar Gabriel da Silva
Altair Lombardi (Nativo)
Antonio Ernesto Dal Ben (Tido)
Celso Edmundo Bochetti Foelkel (Celsão)
Godofredo Cesar Vitti (Traça)
José Fernando Herling Martins (Peca)
José Garcia Gasques (Zé Garça)
Newman Ribeiro Simões (Piava)

Revisão

Wilson Aires Ortiz

Projeto gráfico e diagramação

Leticia Salati D'Abronzio

Ilustração de capa

Klaus (Nikolaus) Reichardt
“Eng. Agr. ESALQ, 1963”

Impressão

Hawaii Gráfica
Rua Augusto Piacentini, 454 - Jd. Independência
São Paulo/SP - CEP 03223-190

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amyuni, Suzana

O sonho não acabou : contribuições à evolução do agronegócio : legado dos engenheiros agrônomos da ESALQ/USP 1970 / Suzana Amyuni. -- São Paulo : Hawaii Gráfica, 2021.

ISBN 978-65-995053-0-0

1. Agricultura 2. Agronegócios 3. Agropecuárias
4. Engenheiros agrônomos 5. Esalq - Usp - História
6. Pesquisa agrícola - Brasil - História I. Título.

21-66612

CDD-630.0239

Índices para catálogo sistemático:

1. Engenheiros agrônomos : Esalq/USP : História
630.0239

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

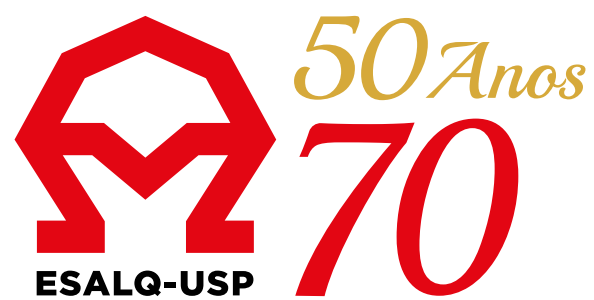
**Piracicaba
2021**

Sumário

Patrocinadores.....	5
Agradecimentos.....	19
Apresentação.....	23
Prefácio.....	27
Capítulo 1 - Evolução do Agronegócio no Brasil.....	31
Capítulo 2 - Esalq e Piracicaba ontem e hoje.....	55
Capítulo 3 - Reminiscências da A70.....	69
Capítulo 4 - Biografias.....	167
Quadro de formandos.....	170
A.....	172
B.....	191
C.....	192
D.....	198
E.....	203
F.....	210
G.....	214
H.....	219
I.....	220
J.....	221
L.....	236
M.....	245
N.....	256
O.....	264
P.....	270
R.....	272
S.....	284
T.....	286
U.....	291
V.....	292
W.....	298
Y.....	300
Z.....	301
Capítulo 5 - In memorian.....	303
A.....	305
B.....	315
C.....	316
D.....	317
E.....	318
F.....	323
G.....	328
H.....	329
J.....	330
M.....	337
N.....	344
O.....	346
P.....	347
R.....	350
T.....	352
Capítulo 6 - A70 “de coração”.....	353
Capítulo 7 - Gerações Esalqueanas.....	365
Capítulo 8 - Professores.....	371
Siglário.....	387
Bibliografia.....	397

Patrocinadores







ABRACASE III
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS DISTRIBUIDORES CASE IH

A FORÇA DA REDE CASE IH EM AÇÃO

ABRACASE é uma das mais jovens associações de marca no segmento de máquinas agrícolas, que nasceu para fortalecer a Rede **Case IH**. Em 2019, completou 20 anos e ao longo do tempo vem cultivando sólidas relações, registrando uma história de sucesso. Assim, continua sendo a Rede de concessionários que mais cresce no Brasil, atualmente são 156 lojas físicas espalhadas por todas as regiões.

Ao falar em Rede Concessionária, é preciso ter em mente que ela é a marca no campo. É o concessionário quem a personifica para o cliente,

seja com a loja física, o proprietário, os mecânicos, os vendedores, a equipe administrativa, enfim, todos os envolvidos: cada um deles é parte da Marca e a leva para o dia a dia da agricultura brasileira. São eles que cuidam para que tudo ocorra dentro do previsto no campo: que o equipamento nunca pare; que o agricultor consiga usufruir de tudo o que a máquina oferece. Se no passado a propriedade agrícola tinha dez tratores para realizar o trabalho no campo, quando um parava, outros nove podiam continuar o trabalho. Hoje um trator trabalha pelos dez e por



José Antônio F. Colagiovanni

Presidente ABRACASE - Associação Brasileira dos Distribuidores Case IH

isso não se pode parar.

A **Case IH** promoveu uma verdadeira revolução na nossa agricultura, mais do que potência, as máquinas **Case IH** trouxeram conceitos inovadores aprimorando a qualidade, como a colheitadeira axial, o piloto automático; os tratores articulados; são exemplos de equipamentos que se tornaram objetos de desejo na agricultura.

A trajetória da ESALQ traz em sua essência um sonho, Luiz Vicente de Souza Queiroz fez a doação da Fazenda São João da Montanha para o Governo do Estado de São Paulo para transformá-la

em uma escola agrícola. Com o passar dos anos de sua fundação, a entidade fortaleceu e ampliou os pilares de ensino, pesquisa e extensão, tornando-se referência no desenvolvimento industrial e agrícola, com toda a certeza, alcança os frutos do sucesso daqueles que já passaram pela ESALQ.

Essas histórias nos remetem a essência do agro no Brasil, são exemplos do trabalho constante daqueles que se dedicam a transformar e melhorar a realidade, são elas que continuam sendo plantadas e cultivadas todos os dias na agricultura brasileira.



RETHINK PRODUCTIVITY

PIONEIRISMO E INOVAÇÃO: A ESALQ, A CASE IH E O AGRO BRASILEIRO

Assim como a ESALQ é considerada uma líder e pioneira no desenvolvimento de tecnologias para o crescimento do Agro brasileiro, acreditamos que a **Case IH** também tem um papel de liderança tecnológica da mecanização agrícola no país.

Uma parceria que vem de longe. Fruto da força da terra, de corações e mentes visionários. Desbravando juntos novas terras. Acreditando juntos no

potencial da agricultura brasileira.

E, nessas conquistas, juntos transformamos o campo, vidas, cidades e regiões inteiras. Mudamos o patamar, a imagem e a produtividade do agro-negócio no país.

Como Esalqueano, também faço parte dessa história e tenho a honra de ter tido como base os ensinamentos dessa gloriosa escola. Ensinamentos esses, que contribuíram para estar hoje, à frente da



Christian Gonzalez (Lolok F-96)

Vice-Presidente da Case IH para a América Sul e ex-aluno da ESALQ

Case IH, uma marca que está presente há mais de 175 anos na história da agricultura. Trago para a minha rotina de líder dessa companhia valores que aprendi na ESALQ: pioneirismo, inovação, buscar estar sempre à frente, mas sem jamais esquecer nossas raízes e tradições.

Temos todos motivos de sobra para nos orgulharmos da trajetória da ESALQ. Uma universidade que é o verdadeiro ‘berço’ da agricul-

tura em nosso país e que segue formando profissionais altamente capacitados para o mercado, a exemplo da turma A70, que comemora este ano, seus 50 anos de graduação. E também, dos muitos Esalqueanos que já trabalharam e ainda trabalham conosco na **Case IH**.

Uma história que me enche de orgulho. E nos dá inspiração para continuar superando limites e avançando firmes, liderando o novo salto da agricultura.



Multitécnica.

MULTITÉCNICA, UMA HISTÓRIA DE EXCELÊNCIA

Com 27 anos de atuação nacional e internacional, o Grupo **Multitécnica**, por meio das 5 empresas que o compõem, atua no mercado agrícola, de nutrição animal e industrial oferecendo fertilizantes, ingredientes e aditivos minerais. Neste período, foi protagonista na evolução do agronegócio brasileiro. Seus micronutrientes e suplementos ajudaram de maneira significativa a tornar o setor um segmento altamente tecnificado e rentável.

Os produtos **Multitécnica** têm qualidade garantida pelas certificações ISO 9001-2015 e

FAMI-QS e atendem a clientes em todo o Brasil, América Latina e do Norte, Ásia e Europa com toda a segurança para a cadeia produtiva alimentar.

Trata-se de uma das 5 melhores indústrias de fertilizantes e a maior fabricante de micronutrientes do Brasil, tornando-se, assim, uma das grandes fornecedoras para as demais empresas de fertilizantes do País. O grupo adota política ambiental baseada na premissa de resíduo zero em todas as suas operações, localizadas num complexo industrial na cidade de Sete Lagoas (MG).



Antônio Afonso

Presidente do Grupo Multitécnica

A **Multitécnica Industrial** é a empresa que deu origem ao grupo e disponibiliza para toda a cadeia produtiva do segmento vegetal soluções em fertilizantes minerais. A linha possui produtos para uso via solo, foliar e fertirrigação, além de micro e macronutrientes para as mais diversas culturas. Para o mercado de nutrição animal, oferece aditivos nutricionais para todas as espécies.

A **Eletro Mineral Industrial** recebe e trata materiais de pouco valor agrônômico e os transforma em matérias-primas nobres para a fabricação de fertilizantes. Por sua vez, a **Geral Me-**

tais Industrial disponibiliza ao mercado óxido de zinco destinado à nutrição animal e ao mercado de fertilizantes.

Já a **MicroSolo Industrial** processa todos os subprodutos ricos em nutrientes minerais das empresas do grupo e disponibiliza ao mercado produtos fertilizantes granulados com nutrientes agregados. Finalmente, a **Multitécnica Logística – MultiLog** é a unidade focada na logística para todas as áreas de produção, vendas e movimentação de insumos para as demais empresas do grupo.



CORRIGIR O SOLO É DAR VIDA À TERRA

Fundada em 1999, em Jardinópolis (SP), região da alta Mogiana, a **Nutrigesso** nasceu diante da necessidade de solucionar um problema logístico para os caminhões de açúcar com destino ao porto de Santos (SP), que até então retornavam vazios.

Com o gesso agrícola à disposição na filial de Cubatão (SP), os caminhões passaram a retornar para as usinas carregados com o produto, tornando a operação mais atrativa e rentável.

Devido à alta mobilidade no perfil do solo, ao fornecimento de cálcio e enxofre em profundida-

de e à neutralização do alumínio tóxico em sub superfície, o gesso agrícola produzido pela **Nutrigesso** teve grande aceitação na cultura canavieira.

Tais características o tornam um potencial enraizador, vindo ao encontro das necessidades, especialmente, em época de mecanização no sistema de colheita da cana. As raízes mais profundas diminuem o abalo de soqueira ocasionado pelas colhedoras, aumentando a longevidade do canavial.

Além disso, como no Sistema de Plantio Direto quase não há revolvimento do solo, o nutrigesso



Créditos: Nutrigesso - GARCIA, A.W.R.

Eng. Agrônomo Marcelo Modesto Nonino

Diretor Comercial da Nutrigesso

se torna um forte aliado, levando as raízes a explorar um maior volume de solo, adquirindo mais elementos de nutrição e água.

O gesso agrícola da **Nutrigesso** tem como diferencial uma composição com maiores índices de cálcio e enxofre em forma de sulfato, e baixo teor de umidade, o que gera melhor aproveitamento do produto.

Todo esse desenvolvimento só foi possível devido à realização de pesquisas e ao levantamento de dados, que embasaram um trabalho de conscientização técnica da utilização do gesso em

todas as culturas.

É por isso que nós, da **Nutrigesso**, homenageamos todos os engenheiros agrônomos e pesquisadores que, juntos, ajudaram a escrever essa história de muito trabalho. Temos plena consciência de que sem esse conhecimento, não teríamos chegado até aqui.

Nesse processo, tivemos o apoio de instituições de ensino e grupos de pesquisa, entre os quais destacamos o GAPE/ESALQ, fundado pelo Prof. Dr. Godofredo Cesar Vitti, pioneiro na pesquisa e na difusão dos benefícios do gesso agrícola.



A EMPRESA DE FERTILIZANTES QUE MAIS CRESCE NO BRASIL

Somos a **EuroChem Fertilizantes Tocantins**, do Grupo EuroChem, uma das líderes mundiais na produção de fertilizantes. Verticalmente integrados, possuímos minas de extração de Fósforo e Potássio, fábricas de Nitrogênio, navios, além de uma rede de distribuição global, o que nos permite ter uma logística eficiente e fornecer fertilizantes de alta qualidade aos nossos clientes e parceiros de negócios, quando e onde for necessário.

Criada em agosto de 2020, após a aquisição da empresa brasileira pelo Grupo Russo, a **Euro-**

Chem Fertilizantes Tocantins reflete a estratégia da EuroChem para se tornar a principal produtora de fertilizantes do mundo até 2025. Os nossos planos de crescimento para o Brasil são ambiciosos.

Nossa sede fica em Goiânia (GO) e nossas unidades de mistura e distribuição estão nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, fronteiras agrícolas que mais crescem no País. Temos unidades em Catalão (GO), Araguari (MG), São Luís (MA), Barcarena (PA), Querência (MT), Sinop (MT) e Porto Nacional (TO). Estamos presentes em 18 estados do Brasil.



Lieven Cooreman

CEO da EuroChem Fertilizantes Tocantins

Há 8 anos, nossa empresa vem atingindo crescimento de vendas de 2 dígitos. Temos uma meta ambiciosa de dobrar a nossa capacidade de produção em 4 anos, atingindo 8 milhões de toneladas, consolidando nossa presença no mercado brasileiro.

Esse plano audacioso de crescimento é baseado em nossos valores de Segurança, Transparência, Trabalho em Equipe e Confiança e em nossa licença social para operar. Queremos estabelecer parcerias duradouras e de valor com as comunidades anfitriãs.

Integrar publicações como a do Jubileu de Ouro da A70 (ESALQ/USP) muito nos orgulha e reforça o nosso propósito de investir em relacionamentos com atores importantes do setor. Apoiar o resgate da memória do agronegócio no Brasil, registrando a história do desenvolvimento científico, é de suma relevância.

Tais iniciativas fornecem mais conhecimento às próximas gerações para que possam produzir novas tecnologias, que nos inspirem a construir um futuro com maior disponibilidade de alimentos para o planeta.

Agradecimentos

A gratidão é a virtude das almas nobres. (Esopo)



AGRADECIMENTOS

Os nossos agradecimentos reforçam a gratidão que já sentíamos desde que nos formamos, e que ficou registrada em nosso convite de formatura:

Aqueles que nos deram a vida, a nossa profunda e eterna gratidão pelo carinho, amparo e orientação que nos dispensaram, fatores decisivos na concretização dos nossos ideais.

Aos nossos mestres... O magistério reúne em si as artes todas, ao transmitir todas as ciências. Nossa gratidão a todos que serviram à nossa formação profissional.

E hoje agradecemos também:

A Deus pela vida e por tudo que conquistamos.

Às nossas famílias, que compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si relação solidária.

Ao amigo Godofredo Cesar Vitti (Traça), pelo seu esforço em manter unida a A70 por tantas décadas.

Aos saudosos amigos Onório Kitayama (Jurupoca) e Eduardo Pires Castanho Filho (Drepo) por darem o pontapé inicial para a retomada dos encontros dos amigos da A70.

À Comissão do Jubileu de Ouro: Aliomar Ga-

briel da Silva, Altair Lombardi (Nativo), Antonio Ernesto Dal Ben (Tido), Germano Rafael Bilotta Mariutti (Nojento), Gilberto Marques Soares (Mutuca), Godofredo Cesar Vitti (Traça), José Fernando Herling Martins (Peca), Marly Teresinha Pereira (Saravá) e Newman Ribeiro Simões (Piava) pela intensa dedicação.

Aos colegas Aliomar Gabriel da Silva, Celso Edmundo Bochetti Foelkel (Celsão) e José Garcia Gasques (Zé Garça) pelas contribuições no levantamento de informações sobre o Agronegócio nos últimos 50 anos.

Aos amigos da A70 e aos “A70 de coração”, que prontamente aceitaram colocar em prática a realização deste sonho, colaborando de diversas maneiras para que este livro fosse publicado.

Aos patrocinadores, que deram total apoio para a realização deste projeto.

A todas as pessoas e instituições que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta obra e para transformar a celebração do Jubileu de Ouro da A70 em registro único e exclusivo, de fundamental importância para todos nós.

Piracicaba, outono de 2021

Comissão do Jubileu de Ouro

Apresentação



TEMPOS DE MUDANÇAS

Vivemos tempos de mudanças.

Tempos de ver o homem do campo, que antes atuava sozinho ou com suas famílias, tornar-se empresário rural, com grande acesso ao conhecimento produzido em universidades e centros de pesquisa. E o engenheiro agrônomo, profissional responsável tanto pela produção desse conhecimento, quanto por levá-lo aos agricultores, que antes tinha status de autoridade nas cidades, ocupar lugar de destaque pelos resultados obtidos com a sua atuação.

Tempos em que a ascensão da tecnologia e esse conhecimento aplicado em tantas áreas revolucionaram a produtividade no campo, nas fazendas de gado, nas florestas... Tempos em que as sementes passaram por melhoramento genético e a adubação mudou, com a adoção de novas práticas e a utilização de uma diversidade maior de nutrientes e aditivos.

Tempos em que as novas máquinas dominaram a agricultura, sendo aparelhadas com eletrônica embarcada e controladas à distância. E drones passaram a integrar o cenário rural. Tempos de uso intensivo da irrigação.

Tempos em que os defensivos agrícolas foram dotados de eficientes moléculas para a proteção das plantas, ao mesmo tempo em que surgiram novos métodos de controle biológico. Tempos em que tantos recursos foram viabilizados graças à tecnologia.

Tempos em que novas fronteiras foram abertas e o sistema de plantio direto dominou o arado. Tempos da criação em cativeiro, do cultivo protegido, dos transgênicos e da inseminação artificial. Tempos de crescimento e ascensão da agroindústria, em que a produtividade ganhou força e novas formas de comercialização dos produtos foram estabelecidas.

E, mais recentemente, vivemos tempos nunca antes imaginados: tempos de uma pandemia que chegou sorrateira sem sequer avisar e nem dizer por quanto tempo ficaria. Apenas se instalou e permaneceu.

Ainda assim, a turma A70 da ESALQ continuou preparando tudo para o seu Jubileu de Ouro. Porque se teve algo que não mudou, nesse tempo de tantas mudanças, foi o orgulho de estudar em

uma Escola tradicional, hoje centenária, que com a formação de tantos profissionais, contribuiu sobremaneira para que toda essa mudança no agronegócio ocorresse.

Também porque já estavam em andamento, os preparativos para o Jubileu de Ouro da turma formada em 1970 continuaram firmes, mas com algumas mudanças. O encontro presencial não ocorreu, a sessão solene foi virtual. E sem a urgência da impressão, já que a festa havia sido adiada, o livro da A70, previsto para ter 250 páginas inicialmente, ganhou novas histórias e novos contornos, chegando às suas 400 páginas.

Mais do que a trajetória de cada agrônomo, as peculiaridades da turma ou a evolução no agronegócio nesses 50 anos, o livro do Jubileu de Ouro da A70 reúne histórias de amor pela profissão, de afeto pela ESALQ e de uma profunda gratidão por ter feito parte desta mudança que tornou o Brasil o país que é hoje: grande produtor e exportador de alimentos.

A festa do Jubileu de Ouro ainda não ocorreu. Mas tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.

Há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou.

Tempo de matar e tempo de curar; tempo de derrubar e tempo de edificar.

Tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de dançar;

Tempo de espalhar pedras e tempo de juntar pedras; tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar.

Tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de lançar fora.

Tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de estar calado e tempo de falar.

Tempo de amar e tempo de odiar; tempo de guerra e tempo de paz.

(Eclesiastes 3)

E, certamente, haverá o tempo em que a A70 irá se reunir e os colegas irão se abraçar, não só para festejar presencialmente o Jubileu de Ouro, data que merece a mesma pompa da formatura, mas também para celebrar a amizade, a honra de ter partilhado momentos com os amigos que já partiram e a carreira construída sobre um alicerce tão sólido como é a ESALQ.

Altair Lombardi, Antonio Ernesto Dal Ben, Godofredo Cesar Vitti e José Fernando Herling Martins



AS IMPORTANTES CONTRIBUIÇÕES DA A70 PARA AS DIVERSAS MUDANÇAS DOS ÚLTIMOS 50 ANOS

Em 1966, iniciava na ESALQ uma nova turma com 200 alunos no curso de Agronomia. Diria que envelhecemos juntos, não obstante, ao longo do caminho, alguns terem nos deixado, estando agora na morada do Todo Poderoso, após trilharem uma importante jornada.

Sinto-me muito honrado, juntamente com os demais professores homenageados na ocasião, poucos presentes atualmente, por mesmo após longos 50 anos, termos sido lembrados. Fiquei grandemente enaltecido e feliz com a homenagem. Nesta turma, como nas demais, tenho colegas e amigos de longa data.

Este é um compêndio extenso, porém cheio de informações que poderão ser aproveitadas pelas gerações futuras. Consta de 194 biografias, contando histórias das mais diversas e alguns “causos” hilariantes, sendo que todos que, em algum momento, fizeram parte da vida da A70, foram citados nesta obra.

São 15 biografias de agrônomas, sendo 2 falecidas, e 172 de agrônomos, sendo que 48 deles já faleceram. Há, ainda, biografias de 7 professores, os quais também foram entrevistados: Eduardo Castanho Ferraz, Fernando V. Novaes, falecido em 2021, Humberto de Campos, falecido em 2020, J. L. I. Dematte, Klaus Reichardt, Otto Jesu Crocomo e Sunhiti Torigoi.

Um detalhe importante que envolve essa turma merece ser aqui relatado. A A70 me auxiliou muito nas mudanças do currículo das aulas de Solos. Na época, eu era um jovem professor da ESALQ, de apenas 25 anos, que estava imbuído da necessidade de alterar a grade curricular dos ensinamentos básicos, inserindo e aperfeiçoando aulas de campo. Estava inclinado a promover mudanças no ensino da disciplina de Solos.

Outra característica era a de ensinar para os alunos as bases, as qualidades e limitações das terras deste imenso Brasil. Para isso, seria preciso vencer as grandes amarras que perduravam na ESALQ em diversos níveis. Como fazer? Isso só foi possível com o apoio dos alunos, não somente da A70, mas de todas as turmas que tinham aulas comigo. Porém, o sistema de modificação mais árduo ocorreu logo no início de 1966, justamente com a A70 e, portanto, o êxito inicial era fundamental para a consolidação desse novo método de ensinar.

Mesmo sem saber o que ocorria nos bastidores, os alunos aceitaram tais alterações, o que fortale-

ceu ainda mais a relação entre professor e alunos. À medida que estávamos evoluindo com as aulas de campo, apesar dos percalços inerentes à situação, houve a necessidade de alterar também as aulas teóricas, e esses alunos me ajudaram também, aceitando a nova proposta e dedicando-se para obter bom aproveitamento.

Na ocasião, as alterações nos currículos da ESALQ dependiam, em muito, da Direção, da chefia ou das Cadeiras. Contudo, minha percepção me dizia que, para haver tais alterações, uma relação profunda entre professor e alunos seria também imprescindível... e tornaria as mudanças inevitáveis. Foi através, principalmente, desse binômio, que a situação se espalhou como fogo num palheiro. A A70 foi o gatilho dessa grande transformação da ESALQ.

Por que um livro? Num país onde as histórias são alteradas e, muitas vezes, esquecidas, menosprezadas em razão de um suposto progresso, a ESALQ, por tradição, historicamente sempre preservou os seus conhecimentos, adquiridos ao longo do tempo, por meio de pessoas, prédios, jardins, lagos etc. Da mesma maneira, este compêndio que será lançado virá engrandecer a história e contar como eram as atividades esalqueanas na década de 1960: a vida nas repúblicas, o bonde, a praça principal da cidade, os namoros, as aulas etc.

Tais fatos virão à luz agora, e as demais gerações saberão que a grandeza da A70 estará preservada, assim como os conhecimentos e ensinamentos de seus integrantes. Tenho diversos amigos neste grupo, assim como nos demais. Alguns conheço pelo apelido, outros pelo nome... E embora talvez eu não conheça os demais, meu sentimento de gratidão pelo apoio e homenagem recebidos é distribuído igualmente por todos como, aliás, tem sido em minha vida, por poder servir.

Ainda falando em mudanças, outro ponto importante que esse livro traz é um apanhado das inúmeras mudanças ocorridas no Agronegócio (que ainda nem tinha esse nome), nos últimos 50 anos. Foi um verdadeiro progresso, fruto de um árduo trabalho e de ações de base realizadas por muitos profissionais, dentre os quais os agrônomos da A70. Cada um em sua área teve participação importante nessa evolução e, assim como em minhas aulas, contribuiu para uma sólida mudança de conceito.

E, por fim, uma das peculiaridades deste livro se refere a um dos últimos capítulos, que aponta

as linhas diretas de gerações esalqueanas da A70, incluindo avós, pais, irmãos, maridos ou esposas e filhos que aqui estiveram, fazendo também, de alguma forma, parte da turma. Muitos agrônomos da A70 foram inspiração para seus filhos e netos que, decididamente, seguiram o mesmo caminho. Outros não cursaram a ESALQ, mas também optaram pela Agronomia em boas faculdades. A

ESALQ arraigou-se em muitas famílias, criando uma tradição e envolvendo diferentes gerações de profissionais formados na Escola.

Finalmente, e como não poderia deixar de ser, cabe registrar que a ESALQ tem orgulho e satisfação em engrandecer seus filhos, não só por suas carreiras, mas também devido ao êxito do Agromércio e, ainda, da Agricultura Familiar.

J. L. I. Dematte

Evolução do Agronegócio no Brasil

A evolução do Homem passa, necessariamente, pela busca do conhecimento. (Sun Tzu)



A EVOLUÇÃO DO AGRONEGÓCIO NO BRASIL NOS ÚLTIMOS 50 ANOS

Quando os amigos da A70 iniciaram o curso na ESALQ, em meados de 1960, quase não havia tecnologia disponível para a agricultura. O Brasil era um país que importava alimentos.

Ainda durante o curso, muitos deles puderam auxiliar seus familiares nas lavouras com o conhecimento adquirido na Escola. O conteúdo visto em sala de aula podia ser aplicado em suas próprias terras, fazendo brilhar os olhos de seus pais, produtores, que viam a mudança acontecer no campo.

E justamente quando a A70 nascia, teve início uma série de fatores que contribuíram diretamente com a evolução da agricultura e da pecuária, cuja produção e seus derivados passaram a ser denominados como agronegócio, também conhecido como agrobusiness.

As medidas de incentivo do Governo Federal e dos governos estaduais, além do apoio da iniciativa privada, foram fundamentais para alavancar a agricultura brasileira. E os agrônomos da A70 estavam ali, atuantes, vivenciando cada momento e contribuindo com muita dedicação para cada etapa dessa evolução.

A transformação foi enorme e passou por vários setores.

REFLORESTAMENTO

Em 1966, o Governo Federal lançou um Programa de Incentivos Fiscais ao Florestamento e Reflorestamento, que estimulava empresas e cidadãos a investir em projetos de plantio de florestas, com o abatimento de parte do seu imposto de renda.

O programa durou duas décadas e promoveu o plantio de cerca de 4 milhões de hectares de florestas naquele período. A conexão com outros programas de incentivo criados pelos Planos Nacionais de Desenvolvimento, gerados na década 1970, permitiu que essa madeira fosse orientada para a produção de celulose e papel, carvão vegetal para siderurgia, biocombustíveis e painéis de madeira. Atualmente, mais da metade do país é coberta por florestas.

SETOR INDUSTRIAL

No final da década de 1960, as indústrias de fertilizantes e defensivos agrícolas, já instaladas no Brasil na década de 1950, tiveram grande cres-

cimento com os planos de incentivo do governo federal. Também foram favorecidas pela “Revolução Verde”, movimento mundial idealizado a fim de ampliar a produção agrícola por meio do uso intensivo de insumos industriais, mecanização e redução do uso de mão-de-obra.

CITRICULTURA

As fortes geadas ocorridas no estado da Flórida (EUA) no início da década de 1960 causaram grandes danos aos pomares, acarretando uma perda de metade da produção americana. A oferta de suco de laranja foi bastante reduzida e o preço subiu drasticamente.

Com a crise na produção norte-americana, sobrou espaço no mercado de suco concentrado para outros países. Como o Brasil estava em fase de modernização de sua agricultura, foi estimulado a entrar nesse mercado, o que favoreceu fortemente a atividade citrícola no país. Hoje, o Brasil responde por mais de 70% da exportação mundial.

CTC – CENTRO DE TECNOLOGIA CANAVIEIRA

Em 1969 nasceu o CTC – Centro de Tecnologia Copersucar, como unidade de pesquisas da Copersucar, a maior cooperativa brasileira de açúcar e etanol e, atualmente, uma das maiores exportadoras globais desses produtos. O CTC foi criado com o objetivo de desenvolver inovações tecnológicas para o setor sucroenergético.

Em 2004, tornou-se o Centro de Tecnologia Canavieira, instituição de pesquisa sem fins lucrativos que reúne, além dos cooperados da Copersucar, as principais usinas e associações de fornecedores.

PLANALSUCAR – PROGRAMA NACIONAL DE MELHORAMENTO DA CANA-DE-AÇÚCAR

Em 1971 o IAA, órgão do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, criou o PLANALSUCAR – Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-Açúcar. O objetivo era promover a melhoria dos rendimentos da cultura, tanto no campo, como na indústria.

Os agrônomos da A70 também tiveram participação no programa, atuando em pesquisas tanto nas universidades quanto em outros órgãos governamentais e na iniciativa privada.

ENSINO TÉCNICO AGRÍCOLA

A década de 1970 foi marcada, ainda, pela expansão do Ensino Técnico Agrícola no estado de São Paulo, que passou a contar com 35 instituições escolares. Além da forte expansão, também houve uma importante reestruturação com o que passou a ser caracterizado pela Escola-Fazenda, um sistema brasileiro onde o jovem aprendia, trabalhava e ganhava – criado pelo professor e engenheiro agrônomo Shigeo Mizoguchi.

O Sistema Escola-Fazenda é basicamente, um processo educativo que se propõe a desenvolver organismos escolares de ensino agrícola economicamente autossuficientes e que proporcionem condições de trabalho e da aprendizagem em situações de vida prática. [...] A filosofia do Sistema Escola-Fazenda tem como princípio o desenvolvimento das habilidades, destrezas e experiências indispensáveis à fixação dos conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas. Assim, a Escola-Fazenda vem a ser uma escola dinâmica que educa integralmente, porque familiariza o educando com atividades semelhantes às que terá de enfrentar na vida real, em sua convivência com os problemas da agropecuária, conscientizando-o, ainda, de suas responsabilidades e possibilidades. Em síntese, é o “aprender a fazer” e “fazer para aprender.” (MIZOGUCHI, 1980, p 7)

O Sistema Escola-Fazenda alcançou êxito imediato e reconhecimento das autoridades competentes, tornando-se modelo padrão do ensino agrícola no estado de São Paulo. Os cursos eram estruturados em dois níveis: 1º ciclo, que correspondia ao ginásial, e 2º ciclo para a formação do Técnico Agrícola, com duração de 3 anos.

Inúmeros agrônomos da A70 foram trabalhar nos Colégios Técnicos Agrícolas, tão logo deixaram a ESALQ. Contratados como agrônomos e professores, assumiram disciplinas com as quais tinham mais afinidade e também eram responsáveis por gerir as atividades no campo. Alguns se tornaram diretores dos colégios. Foi uma importante experiência para muitos deles, que puderam ajudar a preparar centenas de agricultores para atuar no campo.

CRISE DO PETRÓLEO

Em 1973, em decorrência de uma série de conflitos entre produtores árabes da OPEP – Organi-

zação dos Países Exportadores de Petróleo, ocorreu a crise do petróleo que, em poucos meses, provocou um aumento de 400% nos preços do barril de petróleo.

Na época, as vendas para os EUA e a Europa foram embargadas devido ao apoio dado a Israel na Guerra do Yom Kippur. O primeiro choque do petróleo causou forte recessão nos EUA e na Europa, e teve reflexos importantes na economia mundial, inclusive no Brasil.

GEADA NEGRA

E quem não se lembra da geada de 1975? Na ativa havia 5 anos, muitos colegas da A70 atuaram diretamente na tentativa de recuperar lavouras de café após a forte geada que dizimou as plantações, erradicando a cafeicultura em diversas regiões do país.

O dia 18 de julho daquele ano ainda está na memória de muitos agrônomos, que se recordam até dos detalhes. Naquela época, o café era um dos principais produtos brasileiros de exportação, cultivado, principalmente, nos estados de São Paulo e no Paraná.

O fenômeno, que ficou conhecido como “geada negra”, tirou o sono e o sustento de inúmeras famílias. Os danos causados foram enormes, alguns deles, irrecuperáveis, obrigando agricultores a migrar para novas áreas, como MT, GO, MG, ES e BA, inicialmente, e mais tarde para outras regiões do país. MG e ES foram os estados de maior concentração dos plantios de café.

Se, por um lado, a geada negra dizimou inúmeras lavouras, por outro, foi grande propulsora da abertura de novas fronteiras agrícolas. Muitas famílias da região Sul do país se desmembraram em busca de novas áreas e, recorrendo às conduções disponíveis na época e à experiência que tinham em campo, ajudaram a construir o Brasil de hoje.

CONCURSOS

Também na década de 1970, o governo do estado de SP lançou concursos para ampliar o quadro de agrônomos da CATI – Coordenadora de Assistência Técnica Integral, a fim de promover assistência aos pequenos produtores rurais nos municípios paulistas. Inúmeros colegas da A70 iniciaram suas jornadas profissionais nas Casas de Lavoura, mais tarde denominadas Casa da Agricultura. Alguns, fizeram carreira ali.

Em 2019, após mais de 50 anos de prestação de serviço de qualidade ao setor agropecuário paulista, um fato causou indignação entre muitos profissionais da área, inclusive entre os agrônomos

da A70: o governador do estado de São Paulo, João Dória, publicou o decreto nº 64.131, alterando o nome da CATI, que passou a ser chamada de CDRS – Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável. Criado em 1967, o órgão ainda permanece vinculado à SAA/SP – Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, mas o fato gerou estranheza e muitos agrônomos ainda se referem àquela Coordenadoria como CATI.

PESQUISAS

Na época, contudo, já havia importantes contribuições à ciência realizadas por diversos institutos de pesquisas e universidades. Dentre outras, as principais eram:

- IAC – que realizava pesquisas com diversas culturas, principalmente, café, cana-de-açúcar, algodão, soja, fruticultura e floricultura, entre outras;

- Instituto Biológico – com pesquisas em diversas frentes a fim de combater as pragas e as doenças de plantas e animais;

- ESALQ/USP – com trabalho em genética de milho, fruticultura, floricultura, silvicultura e controle de pragas em diversas culturas;

- UFV/MG – que também já desenvolvia diferentes pesquisas;

- IAPAR/PR – que trabalhava diversas frentes, pesquisando, principalmente, soja, milho, trigo, fruticultura e tabaco;

Em 1970, as Casas da Agricultura já tinham como parte da missão levar as tecnologias resultantes das pesquisas para os pequenos produtores dos municípios. No estado de São Paulo, essa função pertencia à CATI, órgão que tinha nomenclaturas diferentes conforme o estado.

Muitos agrônomos que lecionavam nos colégios agrícolas, decidiram prestar concurso na CATI, onde realizaram importante trabalho de extensão e assistência técnica.

Também no início da década de 1970 surgiu a Embrapa, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, com foco na geração de conhecimento e tecnologia para a agropecuária brasileira.

EMBRAPA

Criada em 26 de abril de 1973 e vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, a Embrapa nasceu com o desafio de desenvolver um modelo de agricultura e pecuária tropical genuinamente brasileiro, superando as barreiras que limitavam a produção de alimentos, fibras e energia no país.

O trabalho foi desenvolvido em conjunto com

os parceiros do Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária e contou com a participação ativa de agrônomos da A70. A criação da Embrapa foi um importante divisor de águas na produção agrícola nacional.

Até os anos 60, a agricultura tropical era considerada de segunda linha. Nunca atingiria a produtividade da agricultura de clima temperado. Segundo o modelo de pesquisa até então existente, cada cientista desenvolvia sua linha de pesquisa com pouca participação em equipes.

Havia diversos fatores limitantes, tais como solos ácidos de baixa fertilidade, o constante surgimento de pragas e doenças, impulsionado pelo calor, o cultivo de plantas originárias de regiões de clima temperado e longos períodos de estiagem.

Por outro lado, havia abundância de luz solar e calor durante quase todo o ano, favorecendo a fotossíntese, solo com boa drenagem, topografia favorável à mecanização e custo relativamente barato da terra. Contudo, o Brasil era ainda um país importador de alimentos, com raras exceções.

Já a partir dos anos 70, quando houve uma decisão política de se investir no desenvolvimento da agricultura tropical brasileira, houve também um grande salto. Escolheu-se o modelo concentrado de pesquisa, ou seja, optou-se por criar centros especializados em determinado produto onde a pesquisa seria conduzida por equipes, representando diferentes áreas do conhecimento, voltadas para resolver problemas específicos.

Foi então que ocorreu a criação da Embrapa, com formato jurídico de empresa pública de direito privado, a fim de desenvolver pesquisas aplicadas, utilizando os resultados da pesquisa básica das universidades para resolver problemas específicos do produtor.

Foram criados diversos Centros Nacionais, que ganharam o nome do produto ao qual os esforços da pesquisa eram direcionados: Embrapa Trigo, Embrapa Soja, Embrapa Gado de Corte etc. As equipes multidisciplinares focavam em um determinado problema, em busca de soluções viáveis para o produtor. O trabalho só era considerado concluído quando os produtores passavam a utilizar, com êxito, a tecnologia desenvolvida.

Também foram instituídos os Centros de Pesquisa de Recursos Naturais, como Embrapa Cerrados, Embrapa Semiárido e Embrapa Trópico Úmido. Um exemplo clássico foi o projeto realizado a fim de desenvolver os Cerrados. Inicialmente, cerca de 120 pesquisadores trabalharam para entender como o Cerrado poderia se tornar produtivo.

A Embrapa conta, ainda, com unidades de âmbito estadual ou regional, cuja função básica é

adaptar as técnicas desenvolvidas pelos Centros de Pesquisa às condições locais. Com sede em Brasília, a empresa tem, atualmente, 43 unidades de pesquisas descentralizadas.

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa



43 Unidades
Descentralizadas

Figura 1 | Fonte: Embrapa/MAPA

Entre os fatores que contribuíram sobremaneira para o desenvolvimento da Embrapa, estão os investimentos realizados. Houve um grande esforço na montagem de laboratórios e instalações adequadas aos objetivos propostos. A Embrapa também investiu pesadamente no desenvolvimento de suas equipes.

Mais de 4 mil pesquisadores foram formalmente treinados nas melhores escolas e nos mais desenvolvidos laboratórios do mundo. Metade desse pessoal ficou na própria Embrapa, e a outra metade foi para universidades e institutos de pesquisa, que produziam constantemente o conhecimento de base, viabilizando o trabalho da Embrapa, que aplica todo esse conteúdo produzido.

Muitos professores e engenheiros agrônomos formados pela ESALQ participaram da formação da Embrapa, entre eles, alguns colegas da A70. Os agrônomos da turma estavam prontos e, inseridos no momento certo, fizeram carreira na Embrapa, muitos como pesquisadores, outros como gestores, todos projetando-se profissionalmente na empresa.

O esforço de pesquisa desenvolvido não só pela Embrapa, mas também por universidades, institutos de pesquisa e iniciativa privada, pode ser considerado um dos fatores que impulsionaram a transformação do Brasil em um grande produtor de alimentos.

Na década de 1970, todo esse investimento em ciência e tecnologia mudou o cenário agrícola. Na época, também havia grande incentivo do governo federal, por meio do CNPq, para que os agrôno-

mos recém-formados, professores e pesquisadores cursassem Mestrado e Doutorado fora do país, principalmente nos Estados Unidos e na Europa.

Cientistas treinados em todo o mundo se distribuíram pelo país, provocando uma revolução tecnológica nos campos brasileiros. O desenvolvimento de plantas mais produtivas e de novas técnicas agropecuárias fizeram a diferença no campo e na vida de agricultores e fazendeiros, que passaram a contar com a tecnologia a seu favor.

PERÍODO PROFÍCUO

A década de 1970 realmente foi diferenciada. Além dos programas e ações mencionados acima, outras iniciativas foram fundamentais para o sucesso do Agronegócio.

DESENVOLVIMENTO DO CERRADO BRASILEIRO

Em meados da década de 1970, o governo federal instituiu uma série de ações para acelerar o desenvolvimento nos estados de Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso e no Distrito Federal. Com a criação de programas de financiamento e incentivo à produção, como o POLOCENTRO, foram construídos silos e armazéns, escolas e estradas. Assistência técnica e extensão rural passaram a integrar a rotina de atendimento nos municípios.

Houve também incentivo à pesquisa agropecuária e financiamentos para incorporação de novas áreas ao processo de produção, com a utilização de calcário e fosfato. Além disso, o governo abriu um crédito para investimentos, custeio e comercialização, estabeleceu preços mínimos e instituiu o seguro agrícola.

A Embrapa Cerrados foi criada no bojo da política governamental para o desenvolvimento do Centro-Oeste. A pesquisa agropecuária tinha justamente a missão de desenvolver tecnologias para viabilizar a ocupação do Cerrado. Os pesquisadores fizeram um amplo diagnóstico das principais limitações para uso agrícola e, então, realizaram um trabalho cooperativo com outras unidades da Embrapa, empresas estaduais, institutos e universidades, na busca de soluções para os problemas na região.

O desenvolvimento de técnicas de correção e adubação dos solos e a seleção de variedades de grãos e pastagens tolerantes ao alumínio foram essenciais para lidar com a baixa fertilidade da região. O uso de gesso em profundidade na correção dos solos, favoreceu o desenvolvimento de raízes em maior volume de solo, tornando as culturas mais resistentes à deficiência hídrica e

melhorando o aproveitamento de nutrientes.

A produção nacional de alimentos teve um grande salto com apoio das pesquisas e fomento do governo, resultando em aumento da área plantada, maior produtividade e uso do sistema de mais de um plantio/ano na mesma área, principalmente para o cultivo do milho. As variedades de grãos desenvolvidas e adaptadas ao solo e ao clima, possibilitadas a partir da correção do solo, contribuíram para que a agricultura na região tivesse o seu grande desenvolvimento.

A participação dos agricultores do sul do país foi outro fator que contribuiu para o êxito desse processo. Se hoje o Brasil ocupa um lugar de destaque na produção e exportação de alimentos, tais como soja, milho, algodão, arroz, feijão, entre outros, é porque houve todo esse desenvolvimento do Cerrado que, atualmente, responde por 50% da produção de grãos.

FINANCIAMENTOS DE CUSTEIO AGRÍCOLA E SEGURO RURAL

Paralelamente aos programas de pesquisa instituídos naquela época, seja pela União ou pelos Estados, também foram lançados diversos programas de apoio financeiro e seguros destinados ao setor de cultivo de alimentos, o que alavancou a produção nacional.

Coordenados pelos bancos oficiais ou particulares, esses programas também contaram com a atuação de muitos colegas da A70 que trabalharam, durante boa parte de sua trajetória, com crédito rural, na avaliação e na fiscalização da aplicação dos recursos.

SISTEMA DE PLANTIO DIRETO

O Sistema de Plantio Direto (SPD) surgiu no Brasil na década de 1970, na região Sul do país. O plantio direto, que já vinha sendo aplicado nos EUA desde a década de 1960, surgiu como alternativa aos problemas causados pelo uso intensivo do solo, em especial no cultivo de soja, tais como redução do teor de matéria orgânica e consequentes danos à fertilidade e conservação do solo.

Ao longo dos anos, através de pesquisas, percebeu-se que a manutenção do solo sempre coberto por plantas em desenvolvimento e por resíduos vegetais o protegia do impacto direto das gotas de chuva, do escoamento superficial e das erosões hídrica e eólica.

Com a redução da erosão, o potencial de contaminação do meio ambiente diminuiu e os custos de preparo e plantio também foram reduzidos, de modo que o agricultor passou a ter maior garan-

tia de renda, pois a estabilidade da produção foi ampliada em comparação com os métodos tradicionais de manejo de solo.

Por suas inúmeras vantagens, o Sistema de Plantio Direto tornou-se uma ferramenta essencial para se alcançar a sustentabilidade dos sistemas agropecuários. Com a evolução na indústria de máquinas e de herbicidas, a partir do final da década de 1980, houve significativa expansão do uso do SPD na região Sul e, mais recentemente, na região Centro-Oeste.

CONFERÊNCIAS AMBIENTAIS E RASTREABILIDADE

Com os Tratados Internacionais de Meio Ambiente e Sustentabilidade, o uso da rastreabilidade em todos os setores produtivos tornou-se uma ferramenta obrigatória.

Na primeira conferência ambiental mundial, organizada pela ONU em 1972, foi discutida a redução do uso de materiais tóxicos, a preservação do meio ambiente e o financiamento para promover essas ações em benefício do meio ambiente. O evento realizado na Suécia contou com a participação de autoridades do Brasil.

A cada década, novos assuntos foram entrando em pauta: em 1987, o tema principal foi a camada de ozônio; em 1992, retomaram-se as discussões dos projetos estabelecidos na Conferência de Estocolmo (1972) e foram abordados, ainda, clima, água, transporte coletivo, turismo ecológico e reciclagem. Em 1997, o Protocolo de Kyoto visava a redução das emissões de gases do efeito estufa da década, como o dióxido de carbono.

Foi justamente para atender ao controle do efeito estufa, assim como as boas práticas de produção e preservação do meio ambiente, que a rastreabilidade alcançou o status de instrumento indispensável.

Atualmente, as indústrias mundiais exigem um perfeito controle dos produtos, atestando a sua origem, o não uso de mão de obra escrava ou infantil, o uso controlado de fertilizantes e defensivos agrícolas, bem como o atendimento às leis do meio ambiente, visando o conceito universal de Sustentabilidade. São os chamados selos de qualidade.

MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA

A participação do setor de máquinas e caminhões foi fundamental para a evolução da agricultura nos últimos 50 anos. Os resultados das pesquisas sobre técnicas de preparo de solo, plantio e uso adequado de insumos (sementes gene-

ticamente melhoradas, corretivos de solo, fertilizantes, defensivos agrícolas etc.) exigiram uma evolução nas operações das práticas agrícolas.

Na década de 1960 e no início dos anos 1970, os recursos mecanizados, em sua grande maioria importados, eram inadequados e possuíam motores de baixa potência (50-60 CV) com baixo rendimento.

O setor nacional de tratores, caminhões e colheitadeiras, apoiado por políticas do governo federal, evoluiu junto com todo o processo. Passados 50 anos, o que se vê são equipamentos de alto rendimento, com elevada capacidade de tração e de transporte de carga, dotados de modernas tecnologias (GPS, internet, satélite etc.), barateando as operações e contribuindo muito para a evolução daquela agricultura dos anos 1960-1970 para o agronegócio vitorioso de hoje, tornando-se um orgulho nacional.

Ao longo dos últimos 50 anos, o governo brasileiro lançou vários programas de incentivo ao aumento e à renovação da frota de tratores, caminhões e colheitadeiras para o setor. Desde 2000, o lançamento da linha de financiamento Moderfrota, com apoio do BNDES/Finame, tem fomentado a renovação e o aumento da frota de equipamentos, apoiando totalmente o desenvolvimento do Agronegócio.

PROÁLCOOL – PROGRAMA NACIONAL DO ÁLCOOL

Com o intuito de reduzir a dependência brasileira do petróleo, o Governo Federal lançou, em novembro de 1975, o PROÁLCOOL – Programa Nacional do Álcool. Criado por decreto governamental, o PROÁLCOOL teve papel fundamental no impulsionamento da produção de bioenergia no país nas últimas quatro décadas.

Uma das maiores realizações genuinamente brasileiras baseadas em ciência e tecnologia, o PROÁLCOOL fomentou a produção de álcool hidratado carburante, para uso em motores de carros, e álcool anidro, para mistura na gasolina, teve papel preponderante para que o Brasil conseguisse diminuir a dependência do petróleo, logo após a crise mundial de 1973.

Segundo dados da ÚNICA – União da Agroindústria Canavieira do estado de São Paulo, a produção de etanol na safra 2019/2020 deve atingir 33,1 bilhões de litros, um valor recorde, que representa uma expansão de 7,1% com relação à temporada passada (30,95 bilhões de litros). As projeções são de que 9,72 bilhões sejam de etanol anidro e 23,42 bilhões de litros sejam de etanol hidratado.

Para se ter ideia, na época do lançamento do PROÁLCOOL, a produção anual de cana-de-açúcar era de cerca de 60 milhões de toneladas, com produtividade agrícola de apenas 50 t/ha (toneladas por hectare) e baixo rendimento em açúcar. A cana-de-açúcar era utilizada quase que exclusivamente para a produção de açúcar, já que a produção de álcool era mínima, oriunda apenas do aproveitamento do melaço residual. As tecnologias eram muito deficientes e havia poucas variedades com reduzido rendimento agrícola e industrial.

Na área operacional ainda se recorria intensivamente à mão de obra rural e os equipamentos mecanizados tinham baixa potência e baixo rendimento. Também era comum a prática da queima da palha do canavial, a fim de facilitar a colheita, prejudicando, no entanto, o meio ambiente.

O manejo das variedades lançadas a partir da década de 1970 pelos centros de pesquisas PLANALSUCAR, CTC e IAC, aliado a outras tecnologias de preparo, uso adequado de fertilizantes, resíduos industriais, corretivos de solos e colheita racional, além do melhor controle de pragas e doenças da cana-de-açúcar, alavancaram a produção dessa cultura, com grande êxito no aumento produção.

Atualmente, a produção anual brasileira de cana-de-açúcar é de 650 milhões de toneladas, com produtividade média de 80 t/ha, sendo que muitas unidades do Centro-Sul conseguem produtividade acima de 100 t/ha, com altos rendimentos industriais, produzindo açúcar e álcool.

Evolução da produção de cana-de-açúcar no Brasil (milhões de toneladas)

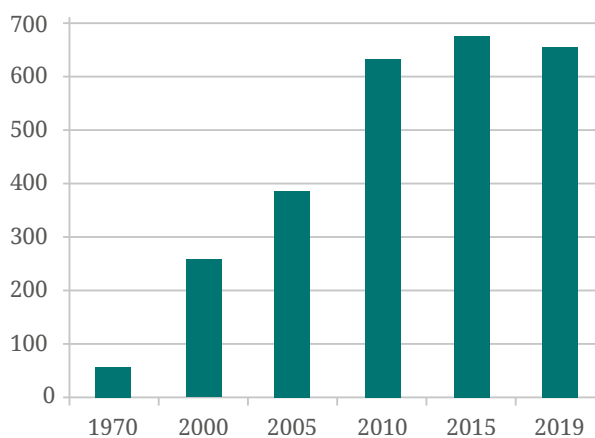
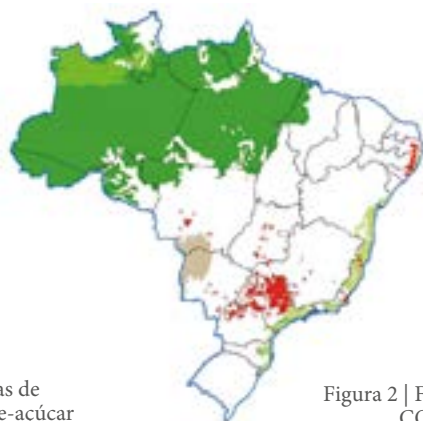


Gráfico 1 | Fonte: CONAB

A produção dessa cultura ocupa, basicamente, as regiões Centro-Sul e Nordeste brasileiras, tendo São Paulo como o seu principal estado produtor.

Regiões produtoras de cana no território brasileiro (em vermelho)



Culturas de cana-de-açúcar

Figura 2 | Fonte: DCAA/CONAB/MAPA

Hoje em dia, quase todo o processo de plantio, tratamentos culturais e colheita são mecanizados

com o uso de tratores, caminhões e colheitadeiras automatizadas, dotados de GPS e controle por satélites. O uso do fogo para a colheita foi banido com a colheita mecanizada de cana crua, atendendo às leis do meio ambiente e da sustentabilidade.

REFERÊNCIA EM EXPORTAÇÃO

A somatória de todas essas iniciativas contribuiu sobremaneira para que o Brasil passasse a ter destaque mundial. Por exemplo, com o desenvolvimento das pesquisas mencionadas, os agricultores passaram a adotar sistemas inovadores que possibilitaram mais produtos em menos área. Segundo a Embrapa, em 1970 o país produzia 21 milhões de toneladas de grãos e, 50 anos depois, são 250 milhões de toneladas de grãos. Como mostrado anteriormente, 50% dos grãos brasileiros são produzidos na região do Cerrado.

Produção brasileira de Grãos: Safra 1990/91 a 2019/20

Os sucessivos ganhos de produtividade entre 1990/91 e 2019/20* possibilitaram a economia de 100 MM ha.

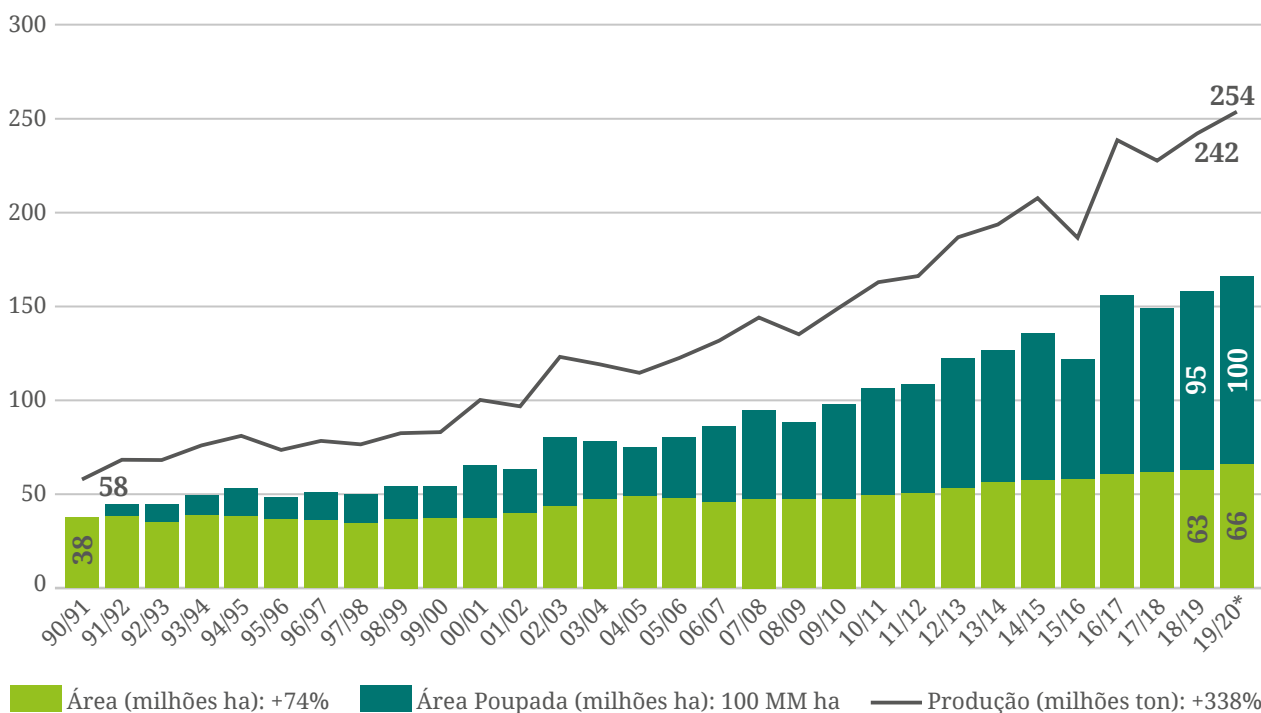


Gráfico 2 | Fonte: CONAB. Nota: *11º Levantamento – Safra 19/20 – Agosto/2020. Elaboração: FGV Agro

O Brasil tornou-se o maior exportador mundial de café, açúcar, suco de laranja, etanol, carne bovina, frango e soja. Agricultura e preservação ambiental passaram a caminhar juntas.

Ainda segundo a Embrapa, o Brasil alimenta sua população e exporta boa parte do que produz. No total, envia 350 produtos para 180 países. É um número bastante expressivo, já que, segundo a ONU, existem no mundo 193 países-

-membros, considerados Estados soberanos, com suas próprias fronteiras e governos independentes.

Só para se ter ideia, em 45 anos, o custo da cesta básica no Brasil caiu 43%, aponta levantamento da Embrapa. Hoje, de cada 4 produtos do agronegócio em circulação no planeta, 1 é brasileiro. Esses resultados são frutos da ciência, do trabalho incansável de engenheiros agrônomos

e da competência do agricultor brasileiro.

Atualmente, 12 milhões de brasileiros trabalham com agricultura familiar e produzem 1/3

do PIB agropecuário. Todas as regiões agora produzem frutas de todos os tipos e hortaliças são cultivadas de Norte a Sul do país.

PECUÁRIA

O Brasil tem o maior rebanho comercial de bovinos do mundo, com mais de 200 milhões de animais. É um grande produtor de suínos, aves, ovos e leite.

Produção brasileira de carnes

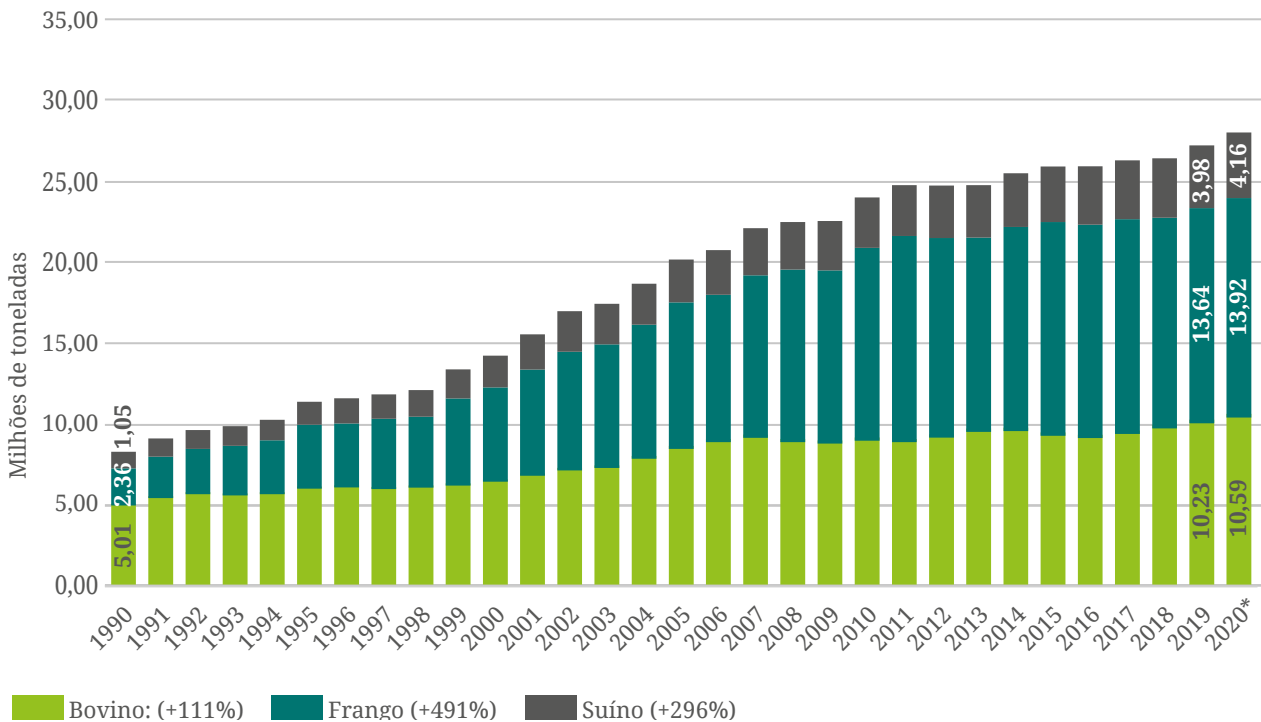


Gráfico 3 | Fonte: USDA. *Projeção para 2020

Mas nem sempre foi assim. Nos últimos 50 anos, a pecuária brasileira passou por uma revolução semelhante à ocorrida na agricultura. Melhoramento genético, controle sanitário, alimentação e nutrição e manejo foram os principais fatores que geraram esse avanço em todos os setores de produção.

AVICULTURA

Melhoramento genético

A introdução de linhagens puras, selecionadas por empresas privadas multinacionais, elevou o nível genético do plantel de aves no Brasil, tanto das poedeiras quanto das destinadas à produção de carne.

O foco principal do melhoramento de aves foi aumentar a precocidade e a eficiência em transformar os alimentos em produtos finais, como carne e ovos.

Controle sanitário

O uso rigoroso de vacinações e de práticas sanitárias tornaram os plantéis praticamente isentos de doenças, como foi o caso da eliminação da doença de Newcastle, que causava grandes prejuízos aos produtores.

Alimentação e nutrição

A avicultura acompanhou o aumento da produção de grãos, principalmente de milho e soja. À medida que a produção de grãos aumentava e, consequentemente, o seu preço diminuía, a avicultura se tornava mais competitiva.

O aumento do conhecimento da nutrição de aves, bem como da nutrição de suínos, foi o mais expressivo na pecuária, resultando em uma elevada eficiência na produção desses animais.

O desenvolvimento de uma poderosa indústria de rações foi consequência do aumento da produção avícola.

Manejo

O desenvolvimento de instalações mais adequadas, com maior controle do microclima nos galpões, foi fator importante para a manifestação do potencial genético das aves. O controle da iluminação permitiu maior domínio da produção, evitando sua estacionalidade.

SUINOCULTURA

Melhoramento genético

O melhoramento genético de suínos envolveu dois aspectos principais:

- A transformação do suíno tipo banha em suíno tipo carne;
- O aumento da precocidade e da eficácia alimentar a fim de produzir um animal mais eficiente, que ganhe mais peso com a mesma quantidade de ração e de modo mais precoce, ou seja, que chegue mais rápido ao peso de abate.

Controle sanitário

O rigoroso controle sanitário foi decisivo para eliminar doenças como as febres suínas. Praticamente não ocorrem doenças nos plantéis brasileiros de suínos.

Alimentação e nutrição

Como ocorreu no caso das aves, o maior conhecimento sobre a alimentação e nutrição de suínos gerou importantes melhorias nas últimas décadas, permitindo a manifestação do potencial genético dos animais e o desenvolvimento de poderosa indústria de rações.

Manejo

O desenvolvimento de práticas de manejo adequadas também teve impacto, tanto na adequação das instalações, como no manejo propriamente dito.

BOVINOCULTURA

Melhoramento genético

Na bovinocultura há duas espécies utilizadas:

- A espécie *Bos taurus*, introduzida pelo colonizador europeu. Desenvolvida em região de clima temperado e frio, encontrou muita dificuldade de adaptação nas regiões tropicais do Brasil
- A espécie *Bos indicus*, desenvolvida na Ásia tropical e introduzida no Brasil por produtores brasileiros que tentavam encontrar alternativa ao boi europeu. Essa introdução ocorreu, principalmente, no início do século XX.
- Apesar de serem espécies diferentes, são das poucas que se reproduzem entre si, com descen-

dência fértil.

- O rigoroso trabalho de seleção e melhoramento, desenvolvido principalmente por produtores, resultou em raças de *Bos indicus*, perfeitamente adaptadas às condições tropicais. O uso de cruzamentos industriais também resultou em incrementação da bovinocultura.

Controle sanitário

A febre aftosa limitava a exportação de carnes bovinas *in natura* e de animais vivos. Uma parceria entre órgãos do governo e a iniciativa privada possibilitou o controle da doença. Hoje o Brasil é considerado zona livre de febre aftosa devido à vacinação, o que permitiu a abertura do mercado mundial à carne bovina produzida no país.

A vacinação e o correto manejo sanitário do rebanho brasileiro permitem a colocação no mercado de produtos de qualidade.

Alimentação e nutrição

A alta produção das forrageiras tropicais permite que a bovinocultura brasileira seja alimentada essencialmente por pastagens. Esse fato faz com que a bovinocultura não compita por grãos que, eventualmente, possam ser utilizados na alimentação humana.

Na realidade, ao alimentar-se de forragens, essa bovinocultura tem a capacidade de transformar os alimentos grosseiros, não utilizados na alimentação do homem, em carne e leite, altamente nutritivos. Essa é uma característica importante da bovinocultura brasileira.

Em certas condições, como a que ocorre durante o período seco do ano, também são utilizados os confinamentos. Nesses casos, o bovino compete pelo uso de grãos. Considerando que os bovinos têm baixa eficiência alimentar, quando comparado com as aves e os suínos, o confinamento só se justifica em condições especiais.

O potencial da produção de bovinos utilizando forrageiras tropicais é muito alto. Apesar do enorme progresso já obtido, ainda há muito espaço para crescer.

Manejo

- Manejo da reprodução: A inseminação artificial representou um passo importante na bovinocultura. Foi responsável por grande impulso no melhoramento animal. Touros superiores puderam deixar grande descendência, no entanto, deve-se ter cuidado, pois o uso da inseminação artificial pode acelerar a consanguinidade do rebanho.

A transferência de embriões foi outro importante passo na bovinocultura. Acelerou o melhoramento genético do rebanho permitindo que

vacas superiores pudessem deixar descendência bastante numerosa.

- Manejo da ordenha: O manejo adequado da ordenha é importante para a qualidade do leite produzido. O uso de ordenhadeiras mecânicas e o armazenamento do leite de maneira adequada também afetam favoravelmente a qualidade do leite.

- Manejo das pastagens: O manejo adequado das pastagens é importante para que o potencial da forrageira tropical e da genética animal se manifestem plenamente.

CAPRINOCULTURA E OVINOCULTURA

Apesar de ser regionalmente importante, tanto a Caprinocultura, quanto a Ovinocultura têm pequeno peso econômico.

Participação da A70

Em todos os setores da Pecuária são encontrados egressos da A70. Não só como produtores, mas também como gestores, pesquisadores, ex-

tensionistas, professores e instrutores.

A A70 teve o privilégio e a oportunidade de participar desse momento bonito da história do Brasil, colaborando, cada um na sua área e na sua especialidade. Sim, os colegas da A70 têm participação importante nesse desenvolvimento.

DESENVOLVIMENTO FLORESTAL

O Brasil também é destaque no cenário florestal. Um levantamento do Sistema Nacional de Informações Florestais (SNIF/MAPA) aponta que a área de floresta do nosso país equivale a 58,5% do seu território, cobrindo 497,9 milhões de hectares. Desse total, 98% correspondem a florestas naturais, enquanto apenas 2% são florestas plantadas.

Devido à sua localização geográfica, extensão territorial e qualidade de seus ecossistemas (clima, solo e recursos hídricos), o país sempre teve grandes extensões de florestas naturais. A fitofisionomia de maior ocorrência é a Floresta Ombrófila Densa, com 39,2% e 195.284.061 hectares em área, muito presente no bioma Amazônia.

Área de floresta do Brasil em 2018

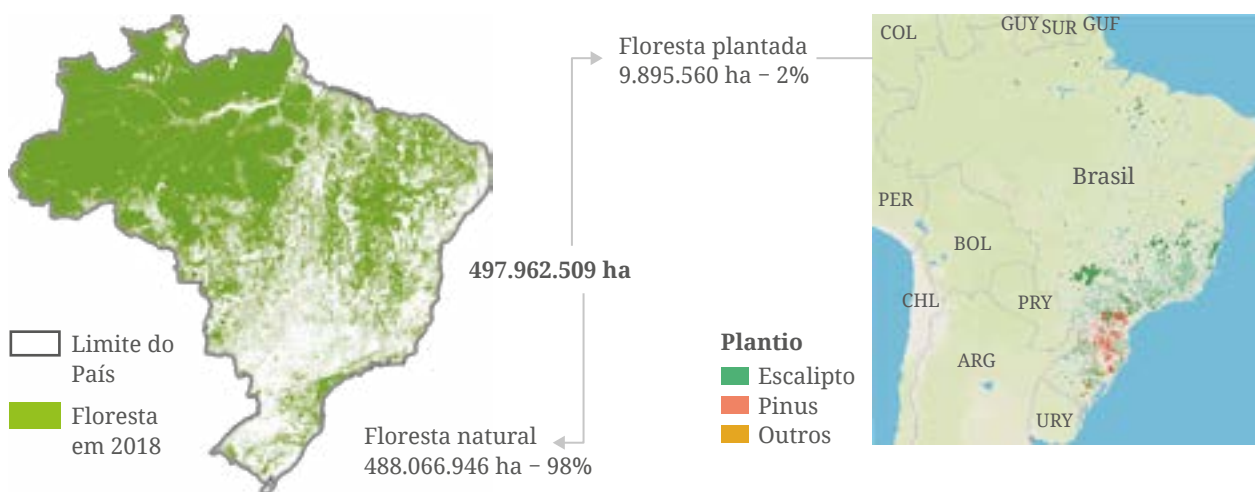


Figura 3 | Fonte: SNIF/MAPA

Contudo, com o descobrimento do Brasil e a necessidade de madeiras para atender à crescente população, inclusive com a demanda para ampliação das fronteiras agrícolas, muitas áreas florestais naturais foram sendo usadas de forma indiscriminada. Esse modelo, predatório, apesar de nocivo ao meio ambiente, acabou sendo impulsionador do surgimento de muitas cidades, de negócios e do crescimento de diversas regiões, principalmente nos biomas Mata Atlântica (incluindo a Mata das Araucárias), Cerrado, Caatinga e Amazônia.

No início do século XX, diversas regiões no litoral, Sul e Centro do país já mostravam carências

de madeira até para uso doméstico (lenha). Como havia a necessidade de novos modelos florestais, decidiu-se plantar florestas com espécies exóticas de rápido crescimento, como foi o caso dos gêneros Eucalyptus e Pinus. Os estudos sobre esses novos modelos de plantações surgiram com os eucaliptos na Companhia Paulista de Estradas de Ferro para encontrar formas de suprir as suas ferrovias com lenha para locomotivas, dormentes, postes, mourões etc.

O Pinus também foi introduzido comercialmente um pouco mais tarde para substituição ou complementação às florestas naturais de araucá-

ria, por meio da iniciativa do Instituto Florestal de São Paulo e de diversas empresas produtoras de resinas, celulose e papel, painéis de madeira etc. O sucesso com essas iniciativas foi tão grande que em 1961 o Brasil sediou em São Paulo a II Conferência Mundial do Eucalipto, organizada pela FAO e por órgãos do Governo Brasileiro.

Como visto, em 1966, ano do surgimento da A70, o Governo Federal lançou o Programa de Incentivos Fiscais ao Florestamento e Reflorestamento. Com isso, empresas e cidadãos puderam investir em projetos de plantio de florestas com o abatimento de parte do seu imposto de renda devido. Como se sabe, o programa durou duas décadas e promoveu o plantio de cerca de 4 milhões de hectares de florestas.

Apesar de diversas irregularidades, essa política florestal gerou enormes benefícios para o setor, principalmente, com o surgimento e o fortalecimento de empresas industriais, com a criação e a ampliação da carreira de Engenharia Florestal em inúmeras universidades e com a propagação da pesquisa científica e tecnológica na área florestal, tanto para florestas plantadas, quanto para bosques nativos.

Em 1968, a ESALQ surpreendia o Brasil com a criação do IPEF – Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais, uma entidade de pesquisa cooperativada, onde empresas industriais de base florestal, em parceria com a universidade, realizavam projetos compartilhados de pesquisa.

O sucesso do IPEF foi tão grande que surgiram outras iniciativas similares na Universidade Federal do Paraná (FUPEF – Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná), na Universidade Federal de Viçosa (SIF – Sociedade de Investigações Florestais) e em outras instituições acadêmicas.

Diversos centros de pesquisa surgiram ou se robusteceram no setor público, tais como o IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, o INT – Instituto Nacional de Tecnologia, o INPA – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e, mais tarde, o CNPF – Centro Nacional de Pesquisas de Florestas, atualmente Embrapa Florestas.

A evolução tecnológica foi rápida e, em pouco tempo, o Brasil passou a despertar a atenção do mundo florestal com suas florestas plantadas, atingindo a liderança em produtividade florestal e em custos baixos de produção de madeira. Com isso, as produções de bens industriais como celulose, papel, chapas/painéis de madeira, carvão vegetal, resinas, produtos sólidos e madeiras estruturais foram crescendo e sendo otimizadas em sua ecoeficiência e competitividade.

Cursos de graduação e de pós-graduação espalhados por todo o país têm suprido o setor com conhecimento para os avanços evolutivos de novos

processos e suas otimizações na área florestal e na indústria de base florestal. Mais recentemente, surgiu, em algumas universidades brasileiras, uma nova carreira com foco no uso industrial da madeira, a Engenharia Industrial Madeireira.

Além desses, outros fatores também tiveram influência positiva no desenvolvimento tecnológico florestal:

- O surgimento de associações técnicas e empresariais trabalhando integradamente para o bem florestal comum. Algumas de amplitude nacional e outras mais regionais, tais como ABTCP – Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel, SBS – Sociedade Brasileira de Silvicultura, IBÁ – Indústria Brasileira de Árvores, AGEFLOR – Associação Gaúcha de Empresas Florestais, entre outras.

- O lançamento de inúmeras revistas científicas e tecnológicas para disseminação e acumulação do conhecimento florestal, tais como Scientia Forestalis, Revista Árvore, Revista Cerne, Revista Ciência Florestal, Revista O Papel, Revista Silvicultura, Revista do Instituto Florestal, Revista Pesquisa Florestal Brasileira etc.

- Implantações de centros de pesquisas e de inovações nas empresas líderes do setor, contando também com o apoio governamental por meio de financiadoras de projetos, fundações de amparo à pesquisa e fundos setoriais. Tais instituições atuavam tanto nas áreas florestais, como nas tecnologias industriais e, inclusive, no atendimento das necessidades tecnológicas oriundas dos clientes a nível global.

- Instalação de amplo sistema de garantia de sustentabilidade setorial por meio de programas de certificação florestal de terceira parte, seja das florestas plantadas e manejadas, seja da cadeia de custódia dos produtos, o que garante que a madeira contida no produto tenha origem legal e sustentável.

Alguns pontos têm sido chaves importantes na evolução tecnológica nessa área:

- A geração de planejamentos conservacionistas antes das implantações das florestas, criando mosaicos onde as áreas florestais plantadas para finalidades comerciais se integram com áreas de preservação permanente e de reserva legal;

- Os plantios com mínimo impacto no solo e nos recursos hídricos regionais, por meio do manejo de microbacias hidrográficas;

- O desenvolvimento na nutrição florestal das árvores, com o manejo da fertilidade e da capacidade produtiva futura dos solos e do sítio florestal;

- A prevenção ao surgimento e controle biológico de pragas e doenças;

- O melhoramento florestal a partir do uso mais intenso das biotecnologias, hibridação e clonagem, ampliação da base genética, genômica e

estudos sobre transgenia;

- O foco no melhoramento da produtividade e da qualidade dos produtos obtidos das florestas plantadas;

- A intensa automação e mecanização nas áreas de plantio, manejo, colheita e logística florestal;

- O foco em ecoeficiência, sustentabilidade, produtividade e custos de produção como pontos vitais de competitividade.

A evolução tecnológica no setor florestal permitiu que fossem construídas no Brasil algumas das mais modernas linhas de produção de celulose, papel e chapas/painéis de madeira a nível global.

Da mesma forma, essa liderança pode ser observada pelo interesse e destaque dos trabalhos científicos e de aplicações tecnológicas apresentados em congressos e eventos nacionais e internacionais, como os congressos da IUFRO – International Union of Forest Research Organizations, FAO – Congressos Florestais Mundiais e muitos outros relacionados aos produtos da madeira, como celulose e papel, madeira serrada, painéis, pisos, resinas de Pinus etc.

O setor florestal brasileiro evoluiu em qualidade, produtividade, participação mercadológica e, principalmente, em sua base de conhecimentos. A ESALQ teve participação importante nesse processo que começou timidamente com a criação da Cadeira de Silvicultura, em 1961, e resultou, logo depois, na Diversificação em Silvicultura no 5º ano do curso de Engenharia Agrônômica. A

partir daí seguiu-se uma rápida evolução, particularmente após a criação do IPEF em 1968 e do curso de Engenharia Florestal em 1972.

Atualmente, o setor brasileiro de base florestal tem apostado em desenvolver os seus projetos com base em bioeconomia e economia circular, por meio de estudos com as biorrefinarias integradas, ampliando a geração de produtos de valor agregado, a partir da mesma base florestal, através de novas tecnologias que permitam produções de outros biomateriais (lignina, álcoois, hemiceluloses, nanoceluloses etc.) e de biocombustíveis (etanol, gás combustível, péletes etc.).

A ESALQ continua participando desse processo evolutivo por meio de suas áreas acadêmicas e de seus laboratórios de pesquisa e estações experimentais, bem como do desenvolvimento de profissionais qualificados e capacitados a essas novas realidades de sustentabilidade, inclusive dos negócios e mercados do setor de base florestal.

NOVAS TECNOLOGIAS

O avanço da tecnologia foi grande nesses 50 anos. A fixação biológica de nitrogênio na soja gerou uma economia de R\$ 22 bilhões por ano sem poluir o meio ambiente. O manejo integrado de pragas reduziu a aplicação de milhares de litros de inseticidas ano após ano. A agricultura de hoje gera muito menos impacto ao meio ambiente.

Tecnologia com sustentabilidade - Plano ABC

Reduzir as emissões de gases de efeito estufa em 37% abaixo dos níveis de 2005 em 2025 e reduzir ainda mais as emissões em 43% abaixo dos níveis de 2005 em 2030.



Figura 4 | Elaboração: FGV/Agro

As pesquisas também possibilitaram uma integração entre lavoura, pecuária e floresta. Hoje, grãos, carne, leite e madeira são produzidos numa mesma área, gerando mais sustentabilidade, maior produção e menos emissão de CO₂.

A tecnologia está em toda parte. O zoneamento agrícola, outro exemplo que marcou a evolução do agronegócio, permite que o produtor saiba o que plantar e o melhor momento para fazê-lo. Com isso, o crédito agrícola para ajudar o agricultor é feito de modo orientado e, assim, as tecnologias também apoiam políticas públicas brasileiras.

Essa agricultura resistente a mudanças climáticas e com menor emissão de gases de efeito estufa permitiu a recuperação de pastagens pobres, o emprego de técnicas para florestas plantadas, o incentivo de plantio direto, a criação de sistemas integrados, uma menor aplicação de adubos e o tratamento de resíduos. As tecnologias permitem,

ainda, a convivência com a seca no Semiárido.

A evolução do agronegócio no Brasil é um dos acontecimentos fantásticos dos últimos 50 anos, pois revela como um país pode atingir mudanças surpreendentes. O marco inicial dessa evolução se deu nos anos de 1970, e esse é um caminho sem volta. As porteiras foram abertas – muitas delas por agrônomos da A70 – e a caminhada foi cheia de desafios e progresso.

TRANSFORMAÇÃO ESTRUTURAL

Um fato que faz parte desse processo é a chamada transformação estrutural da economia, que mostra como os setores econômicos têm se transformado ao longo dos anos. Esse processo, ainda em curso no Brasil, é normalmente observado em períodos longos.

Composição Setorial da Renda no Brasil 1947 a 2020

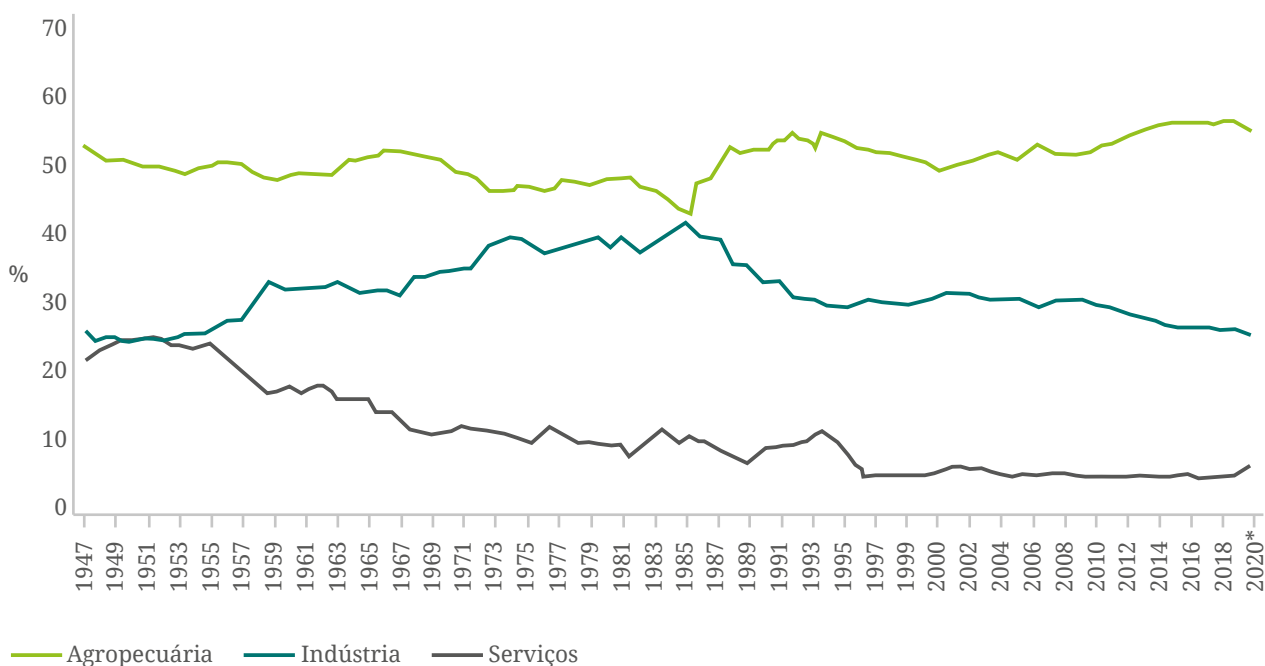


Gráfico 4 | Fonte: IBGE - Departamento de Contas Nacionais *1º trimestre 2020

O Gráfico 4 mostra 73 anos de composição do PIB, desmembrado nas participações da Indústria, dos Serviços e da Agropecuária. Com o desenvolvimento crescente, há uma transferência natural do peso relativo das atividades agropecuárias para os demais setores.

No início da série, a Agricultura tinha uma participação no PIB de pouco mais de 20%. Era quase igual à da Indústria; e o setor de Serviços já representava mais de 50% do PIB. Com o crescimento e a modernização, os setores transferem atividades

entre si, de modo que o setor que mais absorve essas transferências é o de Serviços. O resultado mais imediato é o aumento da produtividade.

Para que se tenha uma ideia dessas transformações, em 2020, a Agropecuária representa 5,2% do PIB, a Indústria 20,9%, e os Serviços 73,9% (IBGE, 2020). Quando se toma o que o CEPEA chama de Agronegócio, a participação no PIB é de 21%, pois nesta participação estão incluídos, além da produção primária, as atividades de transformação e distribuição.

Importância do Agronegócio

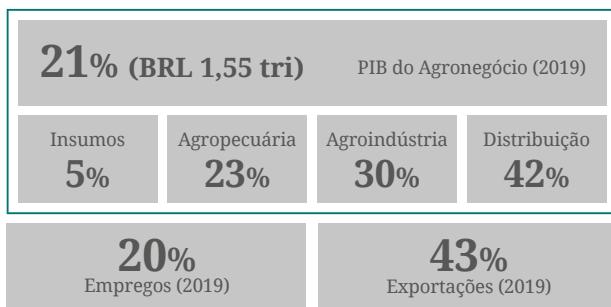


Figura 5 | Fonte: CEPEA/USP, CNA, IPEA, MAPA e MDIC. Elaboração: FGV Agro

Como o gráfico mostra um patamar duradouro nas últimas duas décadas, pode-se imaginar que os 5,2% de participação da Agropecuária no PIB total seriam o limite inferior da participação do setor no PIB. Contudo, outras evidências indicam haver ainda muito espaço para uma redução expressiva.

Por exemplo, a Agricultura dos Estados Unidos, desde 1997, tem participação no PIB total por volta de 1,0%. Em 2020, a participação é de apenas 0,91%, e o PIB da Agropecuária é de US\$ 187,6 bilhões (IHS GDP Estimates and WDI).

Se tomarmos uma série longa de crescimento como a da figura anterior, verifica-se, saudosamente, algumas décadas de crescimento do PIB por volta de 8,0% ao ano. Isso pode ser observado pelas séries históricas do IBGE até os anos 1970. Em um período especial, 1966 a 1970, o crescimento foi de 8,1% a.a.

Até os anos 1980, o crescimento do PIB total sempre foi maior do que o da Agropecuária. Mas nos últimos 24 anos (1996-2020) a média de cres-

cimento da Agropecuária está acima da média do PIB dos demais setores. Nesse período, as taxas de crescimento foram: PIB 2,2%; Indústria 1,2%; Serviços 2,3% e Agropecuária 3,5% (ABN 2020-08).

FONTES DE CRESCIMENTO: PRODUTIVIDADE TOTAL DOS FATORES (PTF)¹

Comparações internacionais mostram que nos últimos anos o Brasil experimentou taxas relativamente elevadas de crescimento da Produtividade Total dos Fatores (PTF). As taxas médias anuais para o período 2001-2015 foram as seguintes:

- América Latina 1,86%
- Brasil 2,80%
- Países Andinos 1,35%
- Ásia 1,49%
- China 3,47%
- África Subsaariana 0,39%
- Estados Unidos 1,93%
- Países em desenvolvimento 1,93%
- Mundo 1,71%

Segundo o USDA, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, a liderança da China e do Brasil é atribuída aos pesados investimentos em pesquisa e à adoção de políticas setoriais adequadas.

Os consumidores brasileiros podem agora aproveitar uma abundância de alimentos a preços acessíveis, embora as despesas com alimentos permaneçam um importante componente no orçamento doméstico. Com o aumento da produtividade, a oferta de alimentos como arroz, milho, soja e trigo se elevou, resultando numa redução real de preços desses produtos.

Produção de arroz, milho, soja e trigo

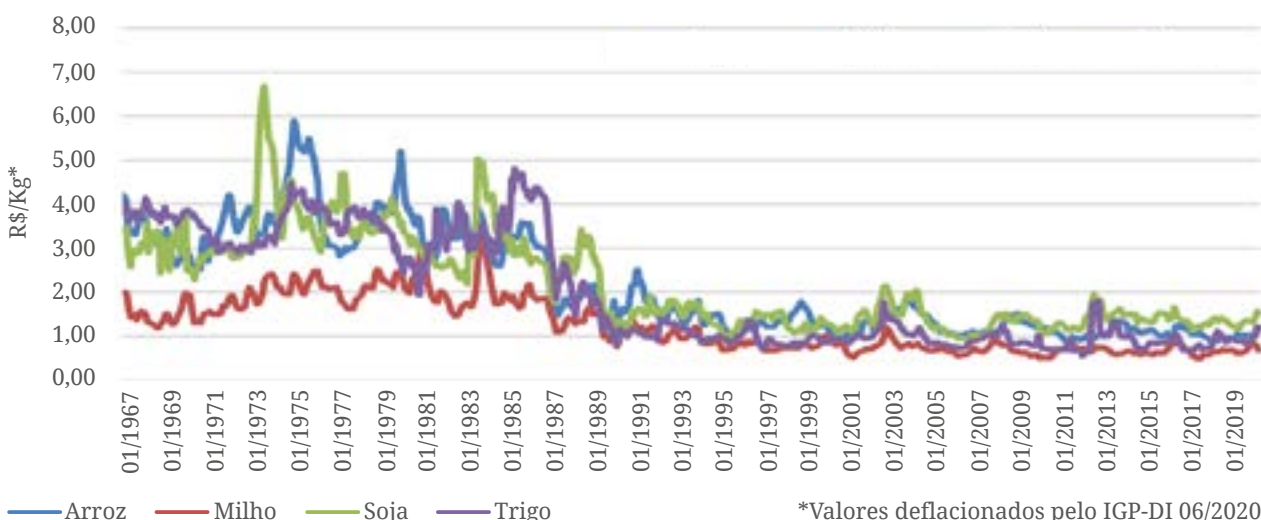


Gráfico 5 | Fonte: FGV e CONAB - Elaboração: CGAPI/DCI/SPA/MAPA

Os ganhos de produtividade obtidos pela Agropecuária ao longo dos anos, ocorridos em decorrência dos inúmeros fatores elencados neste capítulo, foram responsáveis por fazer o Brasil deixar de ser um grande importador de alimentos, sujeito a enormes crises de abastecimento, para se tornar um exportador global líder de uma diversidade de produtos.

Ao longo do período (1975 – 2018), 88% do aumento do produto agrícola podem ser atribuídos ao crescimento da PTF; e 12% ao uso mais racional de insumos, terra, trabalho e capital, embora desde a década de 1990, tenha havido menor utilização de mão de obra e, parcialmente, de terra e crescimento do capital.

Nos trabalhos sobre crescimento da agricultura pode-se observar que a melhoria da qualificação da mão de obra, o uso de práticas e sistemas recomendados pela pesquisa e o uso de capital têm sido os fatores de impulsionamento do crescimento. O produto do agronegócio multiplicou-se várias vezes como resultado dessas novas combinações. O Gráfico 3 ilustra adicionalmente esses resultados.

Contribuição da PTF e dos Insumos para o crescimento do produto (média anual %)

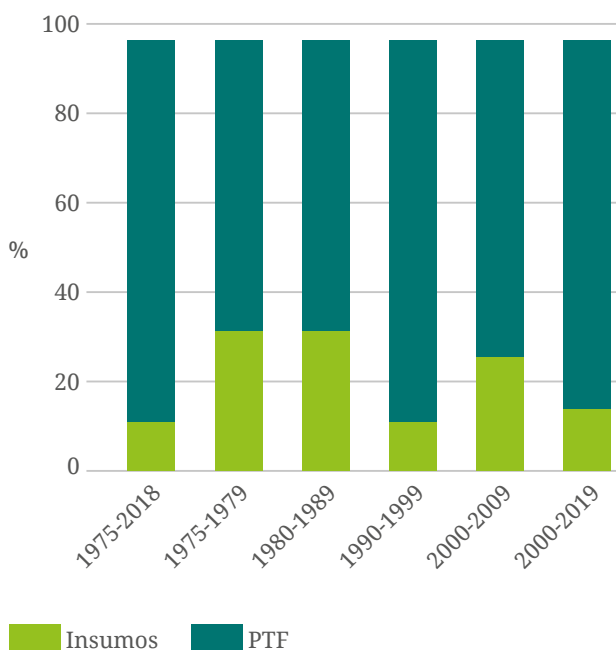


Gráfico 6 | Fonte: Gasques, J. G.; Bacchi, M. R.; Bastos, E. T.; Valdez, C. (2019)

Vários fatores têm contribuído para o crescimento da PTF na agricultura brasileira, entre eles, profundas mudanças na política agrícola, abertura comercial e mudanças macroeconômicas na década de 1990, incluindo a introdução de uma nova moeda, o Real. Outros fatores de enorme importância foram os investimentos em pesquisa e desenvolvimento, e o apoio a inovações tecnológicas. Como vimos, foram diferenciais o surgimento e a atuação da Embrapa, das universidades, dos institutos de pesquisa e do setor privado.

Agregam-se a isso as lavouras de segunda e terceira safras, como milho, entre outras. Condições ambientais favoráveis no Brasil permitem mais de uma safra por ano e os esforços de pesquisa têm melhorado geneticamente as lavouras, especialmente a do milho de segunda safra. Também têm ocorrido significativas mudanças no plantio de soja, o que resultou em sérios problemas de erosão, com a época de semeadura iniciando mais cedo para algumas variedades que possam ser colhidas em fevereiro, quando o milho de inverno pode ser semeado.

Contribuíram também para o aumento da produtividade as pesquisas sobre resistência genética a doenças, com foco na reprodução de plantas, bem como na resistência a doenças da soja.

Deve ser citado, por sua enorme importância, o Sistema de Plantio Direto. Durante os anos 1970 e 1980, o uso de sistemas de plantio intensivo em áreas de soja reduziu a matéria orgânica do solo, resultando em problemas de erosão e prejuízos para a sua qualidade. Com isso, os esforços se direcionaram para desenvolver pesquisas e transferência de tecnologia a fim de consolidar o SPD em direção a um manejo sustentável da lavoura de soja (Gasques, Eurochoices, 2017).

AGRICULTURA E COMÉRCIO EXTERIOR

Na Tabela 1 é possível observar como o Brasil mudou em relação ao comércio internacional. Na década de 1990, a economia brasileira ainda era muito fechada, em que o Agronegócio vendia ao exterior menos de 3% do que produzia. A partir de alguns anos de estabilidade econômica, passou-se a assumir uma posição mais decisiva no comércio internacional, por volta de 2010.

¹PTF na agricultura é estimado dividindo-se o produto pela média ponderada dos insumos terra, trabalho e capital. É considerada como um fator chave do crescimento.

Grau de Abertura, Comércio Exterior e PIB do Agronegócio

Grau de Abertura é a relação entre o Comércio do Agronegócio (Exportações + Importações) e o seu PIB

Anos	PIB Agronegócio (milhões R\$ 2019)	Taxa de Câmbio (R\$/U\$)	Exp. do Agro (milhões R\$)	Imp. do Agro	Comércio do Agro (milhões R\$)	Grau de Abertura do Agro (%)
1997	1.320.347	1,08	25.145,65	8.733,20	33.878,86	2,57
1998	1.264.878	1,16	24.974,46	9.266,82	34.241,28	2,71
1999	1.268.056	1,81	37.131,59	10.247,17	47.378,75	3,74
2000	1.373.022	1,83	37.643,12	10.499,21	48.142,33	3,51
2001	1.400.183	2,35	55.987,69	11.218,35	67.206,04	4,80
2002	1.468.200	2,92	72.458,56	12.921,95	85.380,51	5,82
2003	1.530.731	3,08	94.196,56	14.540,23	108.736,79	7,10
2004	1.454.499	2,93	113.853,95	14.047,07	127.901,02	8,79
2005	1.328.290	2,43	106.105,03	12.342,56	118.447,59	8,92
2006	1.326.967	2,18	107.496,94	14.462,30	121.959,23	9,19
2007	1.374.760	1,95	113.627,08	16.914,99	130.542,07	9,50
2008	1.452.185	1,83	131.567,51	21.785,87	153.353,38	10,56
2009	1.366.853	2	129.273,02	19.768,02	149.041,04	10,90
2010	1.478.051	1,76	134.411,52	23.572,73	157.984,25	10,69
2011	1.493.103	1,67	158.908,29	29.310,97	188.219,26	12,61
2012	1.404.747	1,95	187.092,12	32.062,34	219.154,46	15,60
2013	1.428.953	2,16	215.558,33	36.798,51	252.356,85	17,66
2014	1.427.853	2,35	227.433,87	39.089,85	266.523,72	18,67
2015	1.484.066	3,33	293.680,31	43.543,07	337.223,38	22,72
2016	1.592.694	3,49	296.387,31	47.553,23	343.940,53	21,59
2017	1.506.486	3,19	306.418,87	45.167,77	351.586,64	23,34
2018	1.496.042	3,65	369.628,54	51.288,25	420.916,79	28,14
2019	1.552.995	3,94	381.777,35	54.310,49	436.087,84	28,08

Tabela 1 | Fonte: CEPEA/USP; IPEADATA; MAPA/Agrostat

Nesse ano, o grau de abertura estava por volta de 10%. Um crescimento acentuado no comércio passou a existir a partir daí, e o país passou a aumentar o grau de abertura de forma contínua, atingindo valores acima de 20% nos últimos anos. Em 2019 o Brasil teve um grau de abertura que representou 28% em relação ao que produziu. Neste ano, o saldo das exportações do Agronegócio atingiu U\$ 83,0 bilhões, enquanto o saldo total do país foi somente de U\$ 46,66 bilhões (MAPA-Agrostat, 2020).

Um comércio internacional forte é uma das mais importantes fontes de crescimento. O rela-

cionamento com outros mercados é essencial, pois além de ser fonte de divisas, é também um processo de aprendizado onde novas exigências dos países induzem a mudanças. Grande parte do crescimento do Agronegócio se deve ao comércio internacional. Analisando variáveis como exportações, crédito rural, investimento em pesquisa e preços, é possível verificar que os maiores impactos sobre a produtividade são originados das exportações e da pesquisa. Isso significa que essas duas diretrizes se destacam como motivadoras do crescimento do Agronegócio, além do financiamento e dos preços agrícolas (Gasques, Bacchi, Bastos, Valdez, 2019).

Valor das Exportações, Quantidade e Principais Países - 2019

Produto	Valor Exportado (US\$)	Quantidade (Kg)	Países Compradores (%)			
Soja em grão	26.071.756.983	74.063.632.901	China 78,4	UE 13,7	Espanha 2,9	
Açúcar	5.179.139.852	17.889.037.488	Países Árabes 41,9	Argélia 12,2	Bangladesh 9,1	
Carnes	16.685.636.605	7.048.484.688	Países Árabes 21,7	China 27,2	Parceria Transp. 15,4	
Café	2.207.741.264	1.069.062.650	EU-28 50,8	US 19,9	Alemanha 17,3	
Milho	19.816.836	58.097.877	Parc. Transpacífico 22,8	Nigéria 11,9	Rep. Dominicana 3,0	Costa Rica 8,5
Produtos florestais	6.193.725.902	19.473.335.900	Países Árabes 35,1	Parceria Transp. 17,7	Argélia 10,2	

Tabela 2 | Fonte: MAPA/ AGROSTAT

Essa expansão do crescimento das exportações vem ocorrendo a partir de um conjunto diversificado de produtos, como o “complexo soja”, produtos do setor sucroalcooleiro, produtos florestais, carnes, café, açúcar, frutas e outros. O crescimento das exportações desses complexos se dá em uma diversificação grande de países compradores.

Além da liderança na produção e exportação

em produtos tradicionais como açúcar, café e suco de laranja, o Brasil é um grande supridor de carnes, especialmente bovina e de frango. Embora muito importante, a carne suína ainda não tem a competitividade como em outros países, como Canadá e União Europeia.

No Gráfico 7 é possível verificar a posição do Brasil no Mercado Internacional:

Liderança brasileira no ranking mundial 2019

PRODUÇÃO



	% total mundial	06/07	19/20
Suco Laranja	58%	1º	1º
Café	34%	1º	1º
Soja	29%	2º	1º
Açúcar	17%	1º	1º
Carne boi	17%	2º	2º
Carne frango	14%	3º	3º
Milho	9%	3º	3º
Carne suína	4%	4º	4º

EXPORTAÇÃO



	% total mundial	06/07	19/20
	72%	1º	1º
	26%	1º	1º
	51%	2º	1º
	34%	1º	1º
	22%	1º	1º
	31%	1º	1º
	23%	3º	2º
	10%	4º	4º

Gráfico 7 | Fonte: USDA. Elaboração: FGV Agro

GASTOS PÚBLICOS E POLÍTICA AGRÍCOLA

As décadas de 1970 e 1980 foram marcadas por pesados subsídios e intervenção na agricultura, por meio do crédito subsidiado, controle de preços e outras formas de intervenção. Foi um período em que se buscava a modernização da agricultura. Olhando as políticas e as mudanças ocorridas sob a visão dos gastos públicos, é possível observar transformações acentuadas nos gastos. As mais decisivas foram:

1. Corte nos subsídios agrícolas;
2. Criação de novas fontes de crédito rural e mudança na forma de atuação do governo;
3. Retomada dos investimentos e criação de novos instrumentos de comercialização.

O corte nos subsídios agrícolas ocorreu no crédito rural e em produtos como açúcar, álcool e trigo. Vários trabalhos mostram o montante de dispêndios com essa política e a economia de recursos que ela trouxe.

Além da redução das despesas em razão dos subsídios, duas outras mudanças ocorreram no crédito rural: a ampliação de fontes de financiamento e a criação de títulos lastreados em operações agropecuárias. Nessas novas fontes podem ser incluídas, da mesma forma, a indústria de insumos e as tradings.

A criação de programas de investimento com taxas de juros favorecidas adquiriu enorme importância no suprimento de recursos para a agricultura, os quais fazem parte de um programa de operações de crédito rural e de investimento agroindustrial. Nessas operações destaca-se o BNDES.

O Brasil passou a ter várias fontes de recursos para investimento em tratores, colheitadeiras, equipamentos, recuperação de pastagens, construções de armazéns, irrigação, agricultura sustentável e outros (BCB,2020). Muito importante também foi a criação, nos anos 1990, do Programa Nacional de Financiamento da Agricultura Familiar (PRONAF), específico para esses agricultores, que também têm linhas de crédito de investimento a taxas de juros subsidiadas.

O que mais marcou essa longa trajetória da política agrícola foi a saída do governo de diversas funções assumidas ao longo de muitos anos, onde havia pesada intervenção. Os gastos públicos em agricultura e política fundiária são um indicador disso, pois representavam parte expressiva dos gastos da União. Até a década de 1990, ultrapassavam os 8% dos gastos totais da União; hoje representam menos de 1%.

Isso significou um desmonte da intervenção em diversas áreas. Para se ter uma ideia, na década de 1990, o Governo Federal gastou R\$ 401,2 bilhões para sustentar a política agrícola. Na década de 2000, quando boa parte dos subsídios havia sido retirada, os gastos com a política agrícola somaram R\$ 260,8 bilhões. Houve, portanto, uma expressiva redução de gastos públicos nesse período. (Ver Gasques, J.G. e Bastos, E. 2017). A intervenção do governo provocava, além dos gastos elevados, várias distorções.

Atualmente o Brasil é um dos países que menos protege o Agronegócio. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) mostra que o suporte aos produtores no Brasil é de 1,1%. Esse percentual é a relação do gasto com a proteção sobre o valor bruto da produção

do agronegócio.

Para o cálculo de quanto o país gasta em proteção considera-se, no caso brasileiro, os subsídios ao crédito rural, ao seguro rural e o subsídio ao

PRONAF. Os preços agrícolas estão alinhados aos preços internacionais; não se faz proteção de preços agrícolas no Brasil. O gráfico ilustra os níveis de proteção em vários países.

Comparação do PSE % entre países

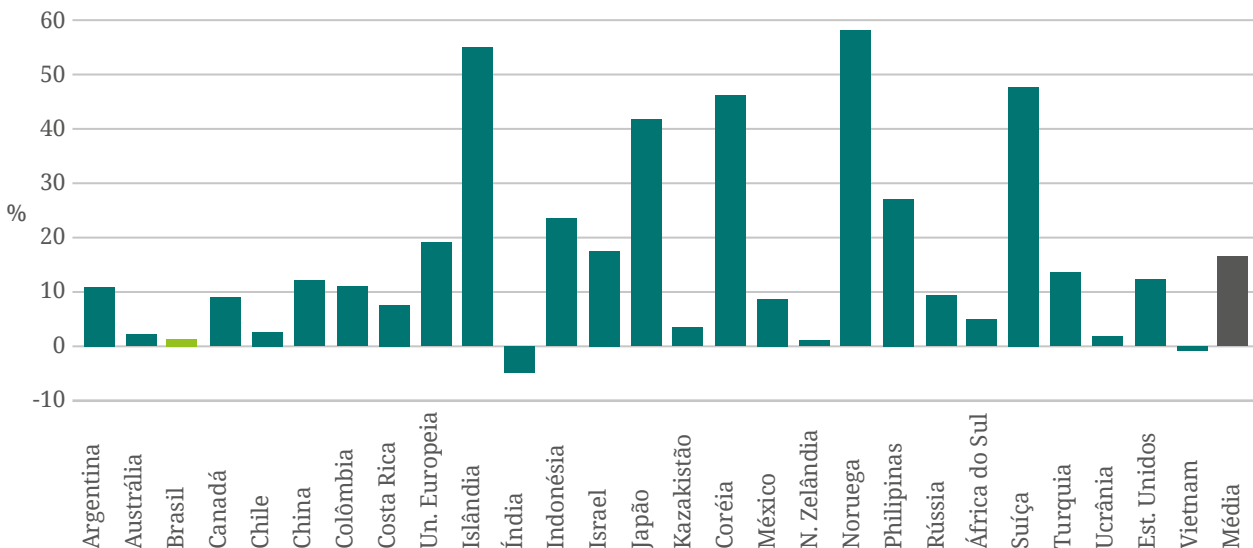


Gráfico 8 | Fonte: OCDE, Agricultural Policy Monitoring and Evaluation, 2020.

Nesse gráfico observa-se que o PSE em nosso país é de 1,1%. Próximos do Brasil estão a Nova Zelândia (0,7%), a Ucrânia (1,6%) e a Austrália (1,9%). Como se observa, o grau de proteção da agricultura brasileira é bastante baixo – um dos mais baixos do mundo.

A OCDE observa em seu relatório que o Brasil reduziu drasticamente (de mais de 60% para 11%) as despesas com aquelas transferências potencialmente mais distorcivas, dentre as quais as relacionadas à política de crédito.

Relatório da Secretaria de Política Agrícola do MAPA mostra que, atualmente, há ainda algum nível de subsídios para algumas políticas, como o crédito e o seguro rural. Mas a tendência da política de crédito rural nos próximos anos é de crescente substituição do crédito oficial pelo privado, no âmbito do sistema financeiro e das empresas do Agronegócio. Esse processo deverá contemplar a progressiva redução do apoio, primeiramente e em maior intensidade, aos grandes produtores, seguida dos médios, mantendo o foco nos pequenos produtores, para os quais a intervenção governamental tem uma importante dimensão social (Moraes, A. 2020).

As políticas de apoio ao produtor rural, por sua vez, tenderão a contemplar instrumentos que não causem distorções de mercado ou que, caso existam, sejam reduzidas. Trata-se de utilizar instrumentos dissociados das decisões do quanto

produzir, sendo esta uma tendência observada nos países desenvolvidos.

A partir dessas informações sobre a evolução do Agronegócio nos últimos 50 anos, vale citar uma observação de José Roberto Mendonça de Barros (2020), num seminário sobre cenários macroeconômicos:

Com os nossos recursos naturais e a qualidade das pessoas, tornamo-nos a agropecuária mais competitiva do mundo sem subsídio. O sucesso do Agronegócio tem dois pilares:

- Contínuo aprimoramento tecnológico e ganhos de produtividade;
- Abertura externa e disputa no mercado internacional.

(Mendonça de Barros, 2020)

OCUPAÇÃO E USO DAS TERRAS NO BRASIL

E por falar em ganhos de produtividade, atualmente, o Brasil produz muito utilizando apenas parte de sua área, e ainda preservando os seus recursos naturais, em especial a Amazônia.

Segundo a Embrapa Territorial, o mundo rural brasileiro utiliza, em média, apenas a metade da superfície de seus imóveis (50,1%). A área dedicada à preservação da vegetação nativa nos imóveis rurais representa um quarto do território

nacional (25,6%), conforme registro do Cadastro Ambiental Rural (CAR).

A área destinada à preservação em cada imóvel rural foi mapeada de forma precisa em escala local, municipal, microrregiões, estados e país. O tratamento geocodificado dos dados do CAR apontou o papel essencial da agricultura brasileira na preservação do meio ambiente.

Os produtores rurais brasileiros (agricultores, florestais, pecuaristas, extrativistas etc. cadastrados no CAR) preservam no interior de seus imóveis rurais um total de 218 milhões de hectares, o equivalente à superfície de 10 países da Europa.

As áreas dedicadas à preservação da vegetação nativa pelo mundo rural brasileiro compõem um mosaico ambiental relevante e de grande dimensão, que inclui as áreas protegidas do país: as unidades de conservação integral (parques nacionais, estações ecológicas etc.) e as terras indígenas.

Os limites das unidades de conservação integral são conhecidos de forma circunstanciada. Elas protegem 10,4% do território nacional e representam menos da metade da área dedicada à preservação pelo mundo rural. As 600 terras indígenas ocupam 13,8% do país.

Quando as áreas de vegetação nativa das terras devolutas e militares e áreas dos imóveis rurais ainda não cadastrados ou disponíveis no CAR agregam-se às áreas protegidas e preservadas, chega-se a um total de 632 milhões de hectares, o que significa que 66,3% do território nacional está destinado e/ou ocupado com as várias formas de vegetação nativa, cuja natureza e condição variam bastante entre os diversos biomas. Só para se ter uma ideia, isso equivale a mais de 43 países da Europa.

Ocupação e uso das terras no Brasil

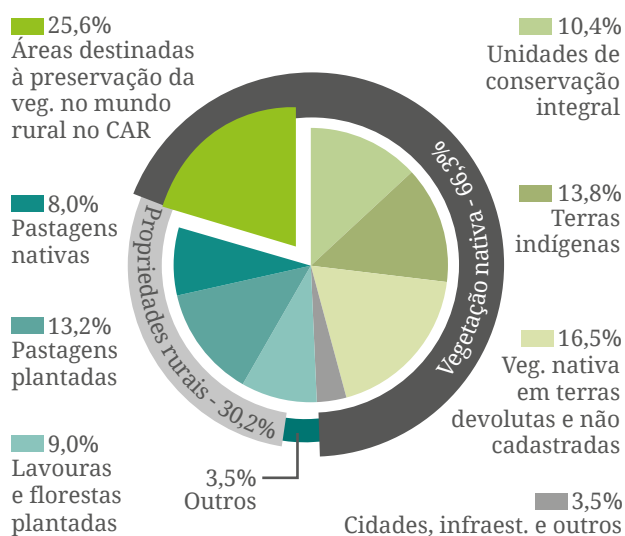


Gráfico 9 | Fontes: SFB, SICAR, Embrapa, IBGE, MMA, FUNAI, DNIT, ANA, MPOG. Elab.: FGV Agro.

OS REFLEXOS DA PANDEMIA

COVID-19 - Variação do PIB em países desenvolvidos e no Brasil (%) - em relação ao primeiro trimestre de 2020

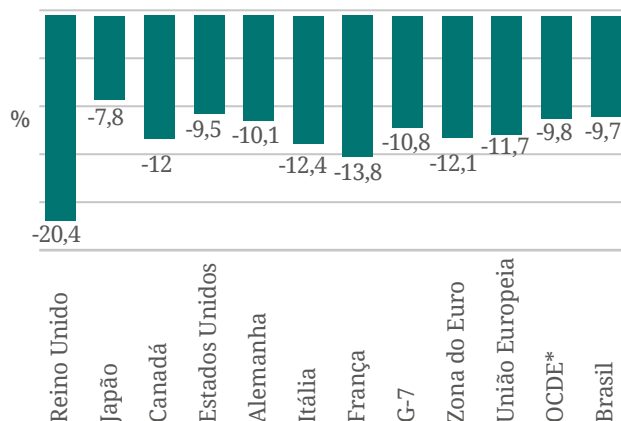


Gráfico 10 | Fonte: OCDE- Folha de São Paulo, 27 de agosto de 2020 p. A22, IBGE - Contas Nacionais Trimestrais

Todo esse relato foi realizado em pleno cenário da pandemia do novo coronavírus, que tem atingido o mundo todo e provocado forte impacto na economia e nas populações. O SARS-CoV-2, novo agente dessa família de vírus que causa a COVID-19, uma grave infecção respiratória, foi descoberto em dezembro de 2019, após casos registrados na China.

Os impactos sobre as populações foram enormes. As perdas humanas têm sido bastante elevadas. No Brasil, diversas medidas de emergência foram tomadas, mas o abalo foi inevitável: muitas pessoas perderam seus empregos e outras tiveram seus negócios paralisados devido às medidas de controle, como o isolamento social, adotadas pelas autoridades. Em 2020 ocorreram quedas assustadoras no PIB, conforme aponta o Gráfico 10.

Nesse cenário de pandemia, as indústrias ligadas ao Agronegócio foram as únicas que não tiveram suas atividades paralisadas, embora tenha faltado, por vezes, matéria-prima. Os produtores rurais também tiveram que se adaptar, porque a produção não podia parar.

Os serviços considerados essenciais pelo Governo Federal puderam ter continuidade, com a devida cautela e com a adoção de medidas de segurança à saúde. O crescimento contínuo do Agro, mesmo em tempos de crise, se deve a três fatores: aumento da área plantada, tecnologia no campo e acesso ao crédito.

Segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), elaborado pelo IBGE em junho de 2020, a área total plantada no Brasil foi de 63,2 milhões de hectares em 2019 para 64,5

milhões de hectares em 2020, um aumento de 2.2%. Esse crescimento está presente em todas as regiões do país, com destaque para o Norte, que elevou sua área plantada em 4.6%. Lideram

o ranking a soja, o milho e a cana-de-açúcar.

As Tabelas 3 e 4 a seguir trazem um comparativo das exportações do Agronegócio antes e depois da pandemia:

Exportações do agronegócio na pandemia*

Bloco/País	2019		2020		2020/2019
	Valor (US\$ Bilhões)	Participação % no total	Valor (US\$ Bilhões)	Participação % no total	
Total	56,05	100%	61,19	100%	9,17%
China	18,57	33,13%	24,00	39,26%	29,25%
União Europeia 28	9,93	17,71%	9,80	16,01%	-1,33%
Estados Unidos	4,10	7,31%	3,66	5,98%	-10,77%
Tailândia	1,58	2,81%	1,29	2,11%	-17,96%
Japão	1,26	2,24%	1,21	1,98%	-3,32%
Hong Kong	0,84	1,49%	1,20	1,97%	43,69%
Turquia	0,80	1,42%	1,19	1,95%	49,65%
Bangladesh	0,97	1,73%	1,07	1,75%	9,98%
Indonésia	0,77	1,37%	1,03	1,68%	34,38%
Coreia do Sul	0,92	1,36%	0,98	1,61%	7,57%
Total dos 10 maiores destinos	193,72	70,86%	45,44	74,26%	14,42%

Tabela 3 | Fontes: MAPA e MDIC. Elaboração: FGV Agro. *Janeiro a Julho de 2019 e de 2020

Exportações do agronegócio na pandemia*

Produto	2019		2020		2020/2019
	Valor (US\$ Bilhões)	Participação % no total	Valor (US\$ Bilhões)	Participação % no total	
Total	56,05	100%	61,19	100%	9,17%
Complexo soja	21,80	38,89%	27,86	45,53%	27,81%
Carnes	8,97	16,00%	9,80	16,02%	9,36%
Produtos florestais	8,23	14,68%	6,60	10,78%	-19,81%
Complexo sucroalcooleiro	3,17	5,66%	4,70	7,68%	48,19%
Café	2,96	5,28%	2,91	4,76%	-1,53%
Fibras e produtos têxteis	2,99	5,33%	1,88	3,08%	-36,97%
Cereais, farinhas e preparações	1,21	2,16%	1,58	2,58%	30,21%
Sucos	1,06	1,90%	0,86	1,40%	-19,24%
Fumo e seus produtos	1,17	2,09%	0,84	1,67%	-28,62%
Couros, produtos de couro e peleteria	0,96	1,71%	0,68	1,11%	-29,50%
Total dos 10 primeiros produtos	52,52	93,69%	57,71	94,31%	9,88%

Tabela 4 | Fontes: MAPA e MDIC. Elaboração: FGV Agro. *Janeiro a Julho de 2019 e de 2020

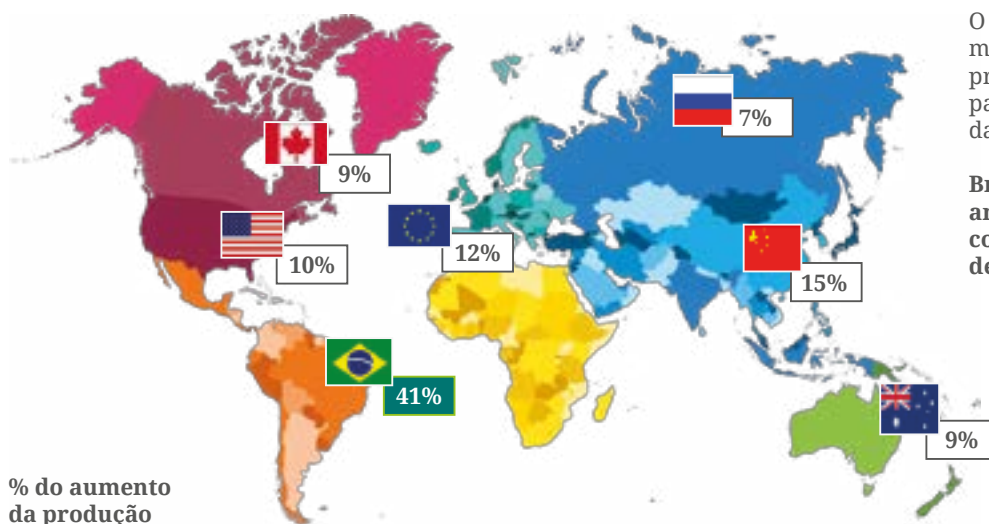
PERSPECTIVAS FUTURAS

Em um cenário de pós-pandemia, empresas e profissionais ligados ao Agronegócio terão que trilhar os próximos passos, rumo ao progresso, enfrentando desafios que nasceram antes mesmo do SARS-CoV-2 ter sido anunciado: biotecnologia e engenharia genética, edição gênica, bioenergia e química verde, agricultura de precisão

e nanotecnologia.

São desafios que já têm imposto a necessidade de mudança para atender às populações de hoje e de amanhã. Dados do USDA indicam que o mundo deverá aumentar a produção de alimentos para atender o crescimento da demanda até 2026/2027. O Brasil é o país que mais ampliará a produção, com previsão de aumento de 41% no período.

USDA - Projeção da produção de alimentos até 2026/27



O USDA projeta que o mundo deverá aumentar a produção de alimentos para atender o crescimento da demanda até 2026/27.

Brasil é o país que mais ampliará a produção, com previsão de aumento de 41% no período.

Figura 6 | Fonte: USDA, USDA Agricultural Projections to 2026. Long-term Projections Report No. OCE-2017-1. Fev. 2017. Elaboração: FGV Agro.

Atualmente, somos quase 8 bilhões de pessoas no planeta. Segundo estimativa da Embrapa, em 2050 seremos 9 bilhões, o que justifica a pesquisa agropecuária, essa ciência que transforma vida, como tem ocorrido nesses últimos 50 anos.

A evolução do Agronegócio no Brasil é um fato tão extraordinário que originou novas pesquisas, livros e diversas publicações, dando ao país um destaque mundial impressionante. Este capítulo mostra resumidamente alguns dos mais relevantes acontecimentos do período, responsáveis por

mudar paradigmas e abrir caminhos para uma verdadeira transformação no Agro, que possibilitou importantes avanços no setor e na economia nacional.

A contribuição dos engenheiros agrônomos da A 70 em todo esse desenvolvimento é efetiva e inegável, visto que os colegas da turma trilharam suas trajetórias em diferentes áreas, atuando continuamente nessas mudanças com conhecimento e trabalho, e interferindo diretamente nesse contexto de novidades, melhorias e progresso.

Esalq e Piracicaba ontem e hoje

Se queres ser universal, comece por cantar
a tua aldeia. (Leon Tolstói)



UMA GRANDE FAMÍLIA CHAMADA ESALQ

As palavras são indispensáveis. Basta apenas um símbolo para identificar alguém como parte inerente desta grande e reconhecida família, a família esalqueana, representada pelo A Encarnado. Criado como símbolo dos acadêmicos de Agronomia, o A Encarnado tornou-se universal. Tê-lo estampado em camisas ou bonés é motivo de orgulho para os estudantes e para os milhares de profissionais já formados pela ESALQ.

O empenho de dedicados docentes e pesquisadores, somado ao conhecimento produzido na Escola, ou no exterior com vínculo institucional, fez com que a ESALQ se tornasse internacionalmente reconhecida. E basta apenas um olhar di-

recionado ao tradicional A Encarnado na roupa de um colega, para que os olhos de ambos se cruzem e suas bocas cantem a sua aldeia. Independentemente da época em que tenham estudado, a empatia é imediata.

E não poderia ser diferente, especialmente para uma Escola que nasceu de uma ação tão generosa, no longínquo ano de 1892, quando **Luiz Vicente de Souza Queiroz** doou ao Governo do Estado de São Paulo sua querida Fazenda São João da Montanha, já com o objetivo de transformá-la em Escola Agrícola e Fazenda Modelo. Aliás, essa era uma condição *sine qua non* da doação, que estipulava um prazo de 10 anos para que isso ocorresse.



Banco com Luiz de Queiroz, idealizador da ESALQ | Créditos: Gerhard Waller/ESALQ-DvComun

“Ninguém doa nada que não lhe tenha sido dado para doar”. A célebre frase de Luiz de Queiroz foi divulgada em inúmeras publicações e ratificou a realização de seu sonho alcançado, um êxito que talvez nem ele mesmo imaginasse, mas que provavelmente tivesse profunda esperança de que ocorresse. A Escola Agrícola Prática de Piracicaba foi efetivamente criada em 1900, por meio do Decreto nº 863.

Quando a A70 teve início, em 1966, muita água já tinha passado por aquele local. **O majestoso Edifício Central**, que encantou tantos olhares, havia sido inaugurado 59 anos antes. O posto meteorológico já estava lá havia 49 anos, a Escola



Edifício Central sem a varanda e sem o 3º andar
Créditos: Acervo Museu “Luiz de Queiroz”



Vitrail instalado no Edifício Central
Créditos: Gerhard Waller/ ESALQ-DvComun

já tinha recebido a denominação atual havia 35 anos e também já não integrava mais a SAA/SP.

A ESALQ, junto com outras 6 instituições de ensino superior do estado, deu origem à USP em 1934. A **instalação do Vitrail**, outra marca registrada da Escola, ocorreu em 1951; 11 anos depois, foi inaugurado o prédio que acolheria muitos estudantes da A70: a **Casa do Estudante Universitário (CEU)** “Prof. José Benedicto de Camargo”.



Casa do Estudante Universitário na década de 1960
Créditos: Acervo ESALQ

Quando a A70 teve início, fazia dois anos que também tinha sido iniciada a Pós-graduação da ESALQ, a primeira da USP e a segunda no Brasil, levando os alunos ao grau de Mestre em Ciências, cobrindo as áreas de Estatística e Experimentação, Solos, Nutrição de Plantas, Fitopatologia, Genética e Melhoramento de Plantas, Mecânica, Motores e Máquinas Agrícolas.

E naquele ano, 1966, docentes da ESALQ fundaram o **CENA/USP**, com a missão de difundir o conhecimento científico e tecnológico em energia nuclear aplicada à agricultura, além de contribuir para a melhoria da produção e da oferta de alimentos saudáveis, atuando em defesa do ambiente por meio de atividades de pesquisa e ensino.

Também naquela época, ainda não havia ocorrido a Reforma Estrutural, e a Escola tinha diver-



CENA, fundado por professores da ESALQ
Créditos: Acervo CENA/USP

sas Cadeiras, mais tarde transformadas em Departamentos, tais como Genética, Zoologia, Química, Agricultura, Tecnologia de Alimentos, Tecnologia de Açúcar e Álcool, Zootecnia, Engenharia, Matemática, Botânica, Silvicultura, Solos e Nutrição de Plantas, entre outros.

Exatamente um ano depois que a A70 teve início, a Escola abriu a 1ª turma do curso de Economia Doméstica, desativado em 1991. A colação de grau desta turma ocorreu junto com a da A70.

A ESALQ vivenciada pelos colegas da época tinha a mesma beleza de agora, adornada pelo belíssimo Flamboyant, inspiração para tantas pinturas e fotografias. Marca indelével para os estudantes, que já sabiam: “quando o **Flamboyant** floresce, o agricultor padece.” Novembro é a época em que aquela belíssima árvore exibe, ativa, suas flores. Também é o mês em que os estudantes deveriam

exibir o conhecimento nas provas finais... contudo, o que ficava evidente, muitas vezes, era o medo das provas e o arrependimento por não ter estudado com mais afinco. Mas isso ficou lá para trás.



Flamboyant, uma das belezas da ESALQ
Créditos: Acervo Antonio Roque Dechen



O bonde fez sua última viagem em 1969 | Créditos: Acervo Wilson Ribeiro

Em um tempo em que não havia tantos laboratórios na Escola como hoje havia, sim, muitos campos e até um de futebol, onde muitos colegas da A70 se divertiam, em especial os que moravam na Casa do Estudante, já que era tão pertinho. Aliás, naquela época, quase ninguém tinha carro. Os estudantes iam para a ESALQ a pé, de ônibus, de carona com um dos poucos que tinham um veículo ou nos tradicionais bondes. Ah, **o bonde**... A ESALQ mantém um em seu campus ainda hoje. E muitos o mantêm na lembrança.

Na época da A70, o diretor da Escola, Dr. Eurípedes Malavolta, ainda morava na imponente **Casa do Diretor**, mais tarde transformada no Museu e Centro de Ciências, Educação e Artes “Luiz de Queiroz”. Malavolta foi o último diretor a morar na casa. Com ele sempre por perto, os colegas da A70 tinham que ter a atenção redobrada.

Era um tempo em que a tecnologia era rara e os estudos ocorriam presencialmente, nos pesa-



Museu e Centro de Ciências, Educação e Artes da ESALQ.
Créditos: Acervo Roberto Amaral

dos livros da biblioteca, que só podiam ser consultados no local. Havia bedéis, zeladores do Ginásio e docentes exclusivamente de matérias teóricas. Era um tempo diferente, mas que os permitiu sentir a tão alegre felicidade de estudar na ESALQ.

DEPOIS DA A70

Quando os estudantes da A70 se formaram, a ESALQ continuou a crescer e a se desenvolver, extrapolando fronteiras. Logo em 1972 foi criado o curso de Engenharia Florestal.

No mesmo ano, foi lançado o Programa de Pós-Graduação em Ciências do CENA/USP, com o Curso de Mestrado em Energia Nuclear na Agricultura, vinculado à ESALQ. A iniciativa visava atender a demanda nacional por docentes, pesquisadores e profissionais especializados na aplicação de técnicas nucleares em ciências agropecuárias, florestais e ambientais.

Quatro anos depois, um fato importante marcou o encerramento da reunião ordinária da Congregação quando a Escola completava 75 anos: foi entoada pela 1ª vez a Ode à ESALQ, de autoria do professor Salvador de Toledo Piza Júnior. Contudo, a Ode foi incorporada ao patrimônio cultural da Escola apenas em 1981, no aniversário de 80 anos da instituição. O poema épico é sempre apresentado ao final da cerimônia de colação de grau e no encerramento da Semana Luiz de Queiroz.

Em 1978, a Escola ganhou um hino, de autoria do professor Zilmar Ziller Marcos, que compôs letra e música. Em 1984, Zilmar doou os direitos da composição à Escola; dois anos depois, a canção foi instituída como hino oficial da ESALQ.

Em 1982, houve a criação do **CEPEA**, a fim de estabelecer canais mais eficientes para receber as demandas da sociedade e atendê-las por meio de um sistema organizado de prestação de serviços a entidades públicas e privadas.



Prédio do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada | Créditos: Acervo ESALQ

Vinculado ao Departamento de Economia, Administração e Sociologia, o CEPEA tornou-se referência na elaboração de indicadores de preços de *commodities* agropecuárias, orientando os contratos no mercado futuro desses produtos. Desde fevereiro de 1999, está sediado no prédio ao lado do **Pavilhão de Engenharia**.

A ESALQ é uma das mais de 40 unidades de ensino e pesquisa da USP. Desde a sua fundação,

em 3 de junho de 1901, era administrada apenas por diretores, responsáveis não só pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão, como também pelos cuidados com aquele ambiente cheio de verde, de gente e, aos poucos, de equipamentos.



Pavilhão de Engenharia da ESALQ | Créditos: José Vitti

Em 1985, todo aquele ambiente foi oficializado como o campus universitário de Piracicaba da USP, que engloba a ESALQ e o CENA. Então, as responsabilidades dos diretores foram divididas com os prefeitos. Apenas em 1992 é que o campus passou a ser denominado Campus “Luiz de Queiroz”. No mesmo ano, a revista *Scientia Agricola* substituiu o periódico “Anais da ESALQ”, cujo primeiro volume fora publicado em 1944.

Na linha do tempo em que destaca os principais acontecimentos desde o seu nascimento, a ESALQ também ressalta o lançamento da Série Produtor Rural, em 1997, cujo título inaugural foi Cultivo Hidropônico de Plantas. Um ano depois, teve início o curso de Economia Agroindustrial, que em 2003 ganhou um novo nome: Curso de Graduação em Ciências Econômicas.

Em 2001, ano de centenário da ESALQ, teve início o curso de Ciências dos Alimentos. Naquele ano, também foram criadas a ADAE e a Assessoria de Comunicação. No ano seguinte, ocorreu a inauguração dos cursos de Gestão Ambiental e de Ciências Biológicas.

Em 2006 uma decisão do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo, reforçou a importância dos prédios da Escola: o Edifício Central, o Parque e parte do conjunto que compõem o Campus “Luiz de Queiroz” foram tombados. E no ano seguinte, a ESALQ foi anunciada como a primeira das 7 maravilhas de Piracicaba. A notícia foi amplamente comemorada.

O ano de 2008 marcou outro momento relevante da Escola: a formação do primeiro engenheiro agrônomo duplo-diplomado pelo convênio entre ESALQ e instituições da França. Aprovado em 2005, o programa envolve a ESALQ e as ins-

tituições francesas - AgroParis Tech, École d'Ingénieurs de Purpan-Toulouse, École Supérieure d'Agriculture-Angers, Institut Polytechnique La Salle de Beauvais, Institut Supérieur d'Agriculture de Lille, Institut Supérieur d'Agriculture et d'Agroalimentaire Rhône-Alpes-Lyon.

Em 2011 foi aprovado o programa de dupla-diplomação em Ciências dos Alimentos, que envolve a ESALQ e a Ecole Nationale Vétérinaire, Agroalimentaire et de L'Alimentation Nantes-Atlantique (ONIRIS). E em 2013 teve início o curso de Administração. Atualmente, a Escola mantém convênio com mais de 70 instituições de cerca de 30 países.

Além disso, a ESALQ possui inúmeros grupos de extensão e de estudos, com destaque para o **GAPE**, criado em 1997 pelo prof. Godofredo Cesar Vitti, do Departamento de Ciências do Solo e integrante da A70; o GEA, do Departamento de Agricultura; e o CPZ, do Departamento de Zootecnia.



Grupo de Apoio à Pesquisa e Extensão
Créditos: Reprodução GAPE

A ESALQ EM NÚMEROS

O campus da ESALQ possui uma extensão de mais de 900 hectares, com área construída de 264.016,34 metros quadrados, na qual se distribuem 200 prédios, incluindo salas de aulas, laboratórios, estábulos, casas de vegetação, anfiteatros, ginásio de esportes, entre outros.

As estações experimentais Anhembi, Anhumas e Itatinga também integram o campus. Juntas, elas possuem 2.910,9 hectares, o que representa mais de 50% de toda a área territorial da USP.

Para a realização de suas atividades de ensino e pesquisa, a Escola conta também com o espaço da Fazenda Figueira, com 3.686 hectares. Localizada em Londrina (PR), a fazenda foi doada em testamento pelo esalqueano Alexandre Von Pritzelwitz para a FEALQ. Com o falecimento dele, em janeiro de 2000, a doação, que havia sido escriturada cinco anos antes, tornou-se pública. A posse foi dada à FEALQ, mas a condução das atividades na fazenda ficou sob a responsabilidade de uma comissão de professores do Departamento de Zootecnia da ESALQ.

Atualmente, a Escola conta com 12 departamentos e 140 laboratórios, além de 2 Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCT): Engenharia da Irrigação e Semioquímicos na Agricultura.

Hoje, a administração da ESALQ é exercida por 4 órgãos: Congregação, Conselho Técnico Admi-

nistrativo, Diretoria e Comissões Administrativas – Graduação, Pós-Graduação, Pesquisa e Cultura e Extensão Universitária. Vinculado à Diretoria está o Serviço de Estações Experimentais, que inclui a Fazenda Areão, cuja área é de cerca de 130 hectares, com localização contígua ao campus, sendo separada apenas pelo rio Piracicaba.

A Escola recebe, anualmente, 430 novos alunos de graduação, dos quais 14,7% são de Piracicaba, 18,8% de cidades próximas, 39,1% de outras cidades do interior paulista, 13,8% vêm de São Paulo, 6,7% da região metropolitana e 6,9% de outros estados. O ingresso ocorre via vestibular da FUVEST e SiSU/ENEM.

Em 2020, chegou a 16.232 o total de profissionais formados pela ESALQ, nos cursos de Engenharia Agrônoma (12.125), Engenharia Florestal (1.173), Ciências Econômicas (522), Ciências dos Alimentos (488), Ciências Biológicas (331 bacharéis e 270 licenciados), Gestão Ambiental (439), Administração (106) e Licenciatura em Ciências Agrárias (359), além de Licenciatura em Economia Doméstica (338), e Bacharelado em Economia Doméstica (81), ambos desativados em 1991.

Atualmente, além do conhecido A Encarnado, há outros símbolos esalqueanos. Entre eles, o mais tradicional, estampado de forma recorrente em capas de livros, é o seu **Brasão**. Deusa da agricultura e da fertilidade da terra, Ceres é o símbolo maior da ESALQ.



Deusa Ceres | Créditos: Acervo ESALQ

Sua imagem consta em todas as peças que identificam a instituição, além de ser invocada em seu hino. A obra que deu vida à Deusa Ceres na Escola foi desenhada em 1935, por José Wasth Rodrigues, artista gráfico e plástico especializado na ciência e na arte de descrever brasões e escudos. O brasão original fica na sala do Diretor da Escola e a inscrição original descreve a obra em português arcaico.

PIRACICABA QUE ADORAMOS TANTO

“Não saber o que aconteceu antes do teu nascimento seria para ti a mesma coisa que permanecer criança para sempre.” (Marco Túlio Cícero).

Foram muitos os momentos marcantes vivenciados em Piracicaba pelos engenheiros agrônomos da A70. E são inúmeras e agradáveis as lembranças que carregam consigo da terrinha onde a pedra cai no rio e faz “tigurf”.

As memórias marcantes estão registradas no capítulo Reminiscências da A70, mas é para que filhos e netos descendentes da A70 saibam o que aconteceu antes do nascimento deles, que este capítulo foi escrito. O que se pretende é registrar as principais características de uma Piracicaba da década de 1960 e da Piracicaba de hoje. E com a Piracicaba de antes justificar o especial afeto que todos da A70 têm por essa cidade que marcou a vida deles.



O Rio Piracicaba é atração na cidade
Créditos: Acervo Ariovaldo Fellet

Fundada em 1767, Piracicaba nasceu e cresceu devido à Agricultura. Historicamente, é ligada ao cultivo da cana-de-açúcar e do café. No fim do século XIX, quando a cafeicultura entrou em declínio, o município não demorou a reagir e foi um dos primeiros a se industrializar, com destaque para as indústrias do setor metal mecânico e de equipamentos ligados à produção de açúcar, que contribuíram para a economia local se desenvolver. Mas a cidade carrega essa raiz agrícola e um **belo rio, que encanta a tantos.**

Agora olhando para o período em que a A70 estudou na ESALQ, em meados da década de 1960, Piracicaba era uma cidade provinciana, ainda com muitas ruas de terra. Havia **poucos carros circulando**, o que reforçava sua característica interiorana. Os meios de transporte mais comuns eram os ônibus e os tradicionais bondes.

O prefeito da época era Luciano Guidotti, que já havia administrado a cidade de 1956 a 1959 e



O famoso salto do Rio Piracicaba
Créditos: Acervo Ariovaldo Fellet

retornara em 1964, governando até 1968. Antes ainda de ser eleito, Luciano Guidotti havia feito doações para ajudar diversas obras da cidade a serem concluídas. A Catedral, por exemplo, foi finalizada com os recursos do leilão de um carro que ele doou. Fez isso também com o Lar dos Velhinhos e com o Lar Escola Coração de Maria Nossa Mãe, tendo por isso recebido da Santa Sé o título de Comendador.



Avenida Beira Rio na década de 1960
Créditos: Acervo IHGP

Em sua segunda gestão, Guidotti abriu as avenidas Centenário, Cássio Paschoal Padovani e Carlos Botelho, que dá acesso à ESALQ. Também criou o Hotel Beira Rio, tão tradicional até hoje, o Teatro Municipal e concluiu o Estádio Municipal, onde muitos da A70 puderam ver seus times em campo.

Além disso, construiu **4 pontes sobre o rio Piracicaba**: Monte Alegre, Lar dos Velhinhos, Ponte do Morato e Ponte do Caixão. Aos poucos, a A70 foi se beneficiando de cada uma dessas obras. E Piracicaba foi considerada cidade modelo de progresso do Brasil por 3 vezes, devido aos projetos inovadores desse prefeito.

Luciano Guidotti sofreu um infarto e morreu em 1968, quando a A70 estava no 3º ano do curso.



Obra da ponte sobre o Rio Piracicaba
Créditos: Acervo IHGP

A morte dele causou grande comoção nos moradores, que pararam para o seu funeral. Segundo o jornal Gazeta de Piracicaba, antes da morte de Guidotti, apenas o falecimento do ex-presidente Prudente de Moraes (1902), havia causado tamanha comoção na cidade. A população foi às ruas acompanhar o cortejo até o cemitério da Saudade. Piracicaba deu um salto com a gestão dele.

A **Avenida Armando Salles de Oliveira**, uma das principais abertas por Guidotti em sua primeira gestão, foi palco da competição de automobilismo, atividade na qual Piracicaba foi precursora. Na década de 1960, a cidade era conhecida por ter promovido as melhores corridas de rua no interior, e era uma das mais procuradas pelos pilotos.



Avenida Armando Salles de Oliveira na década de 1960
Créditos: Acervo IHGP

Depois dele, a A70 ainda estudava quando assumiram os prefeitos Nélio Ferraz de Arruda (1968/1969), Francisco Salgot Castillon (1969) e Cassio Paschoal Padovani (1969/1972), que hoje dá nome a outra importante avenida da cidade.

E falando em nomes de ruas e avenidas, o renomado jornalista Cecílio Elias Netto diz que, para conhecer a história do Brasil, basta passar pelo Centro de Piracicaba, já que os nomes das ruas fazem referência tanto à República (XV de Novembro, Prudente de Moraes, Moraes Barros e Marechal Deodoro), quanto ao Império (Dom Pedro I e Dom Pedro II). A Igreja também é refe-

renciada na cidade, com as ruas Santo Antônio, Boa Morte e Rosário.

Se a cidade hoje tem tantas histórias registradas, também é devido a algo que ocorreu enquanto a A70 cursava Agronomia: a criação do IHGP, no dia 1º de agosto de 1967. Um grupo de historiadores e pesquisadores queria organizar, preservar e difundir materiais referentes à história de Piracicaba e, assim, fundaram o Instituto que, atualmente, é considerado o principal centro de preservação da memória local.

Fonte de pesquisas para historiadores, jornalistas, escritores e estudantes, o IHGP possui um acervo com documentos, fotos e diversas publicações da cidade e também do Brasil.

ENSINO SUPERIOR

As instituições de ensino superior de Piracicaba exerceram importante papel no desenvolvimento do setor de serviços na cidade. Isso porque incentivaram a vinda de estudantes de outras cidades e de empresas, movimentando o comércio local. Sem contar que realizam pesquisas inovadoras e ações sociais que beneficiam diretamente a população.

A gloriosa ESALQ está entre as maiores e mais antigas instituições de ensino superior no município, ao lado da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP), criada em 1957 e atualmente incorporada à UNICAMP, e da UNIMEP, originada em 1964 com a Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e de Administração de Empresas. O reconhecimento da universidade no MEC, contudo, ocorreu em 1975.

E em março de 1968 foi fundada a FUMEP, cujo primeiro diretor executivo foi o professor Hugo de Almeida Leme, ex-diretor da ESALQ (1960 a 1966). Além dele, outros diretores da FUMEP também eram oriundos da ESALQ, tais como o ex-aluno Shuniti Torigoi, professor do CLQ cursinho, Ibrahim Octávio Abrahão, professor de Solos, e Humberto de Campos, professor de Matemática e Estatística e ex-diretor (1987 a 1991).

Bem mais tarde, o IFSP chegou a Piracicaba. O campus da cidade foi instalado em 2008 e obteve autorização para funcionar em 2010, ano em que iniciou suas atividades.

FLORENÇA BRASILEIRA

Importantes artistas deixaram suas marcas em Piracicaba. Muitos colegas da A70 foram alunos do professor Archimedes Dutra, **no Sud Mennucci**. Nascido em Piracicaba, o pintor e escultor foi 5 vezes premiado no Salão Nacional de Belas

Artes, no Rio de Janeiro (RJ). Archimedes Dutra, que havia sido professor da ESALQ nas décadas de 30 e 40, defendeu Doutorado na Escola com a tese “A contribuição de Piracicaba na arte nacional”.



Prédio da Escola Complementar, atual Sud Mennucci
Créditos: Acervo Câmara de Vereadores de Piracicaba



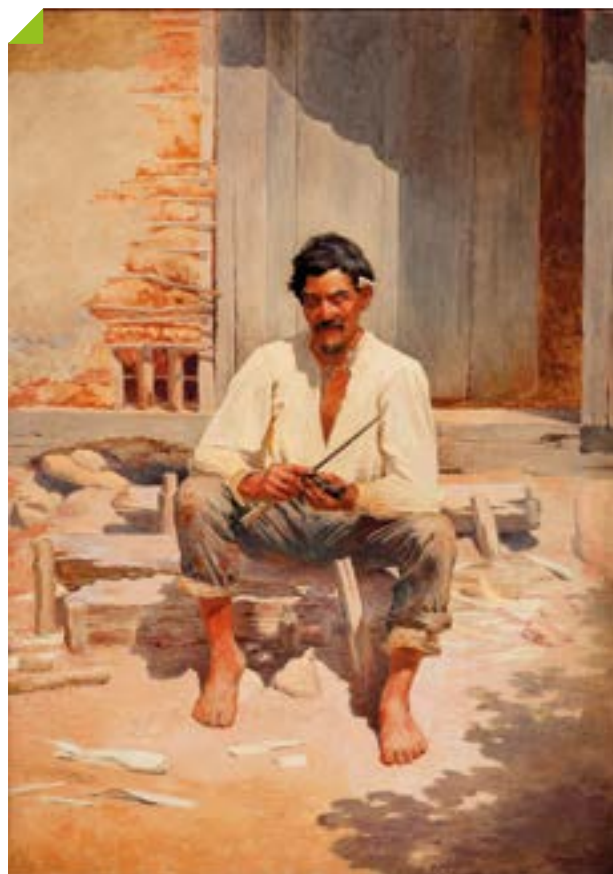
Salão Nobre/Anfiteatro do Sud Mennucci
Créditos: Prefeitura de Piracicaba/Assessoria de Imprensa

José Ferraz de Almeida Júnior, considerado o criador do Realismo Brasileiro e o precursor da abordagem de temática regionalista, teve sucesso ao retratar personagens simples e anônimos, como o **“Caipira picando fumo”**, obra que está na Pinacoteca do estado de São Paulo. Fez história em Piracicaba, onde morreu em 1899.

Como eles, outros artistas nascidos na cidade foram reconhecidos nacionalmente, contribuindo para que o município passasse a ser chamado de “Florença brasileira”.

Além desses destaques, há os prédios de muitos colégios e escolas, que chamam a atenção por sua monumentalidade. Fundado em 1881, o Colégio Piracicabano foi tombado como Patrimônio Histórico e Cultural de Piracicaba, em 2002, no mesmo ano em que foi tombado o prédio do Sud Mennucci, criado em 1897 como Escola Complementar de Piracicaba.

Dois anos depois, o Edifício Principal do **Colégio Salesiano Dom Bosco** também foi tombado. Os colegas da A70 conheceram de perto tais edifí-



Reprodução do quadro O Caipira Picando Fumo, do pintor Almeida Júnior | Reprodução – Domínio popular



Colégio Dom Bosco Cidade Alta
Créditos: Marina Braga

cios durante o período em que estudaram lá, antes ainda de entrar na ESALQ. Outras instituições, como o Colégio Piracicabano e a **Escola Estadual Monsenhor Jeronymo Gallo**, tiveram integrantes da A70 como alunos, no Ginásio ou Científico.

TRADIÇÕES PIRACICABANAS

Além de valorizar os seus artistas, Piracicaba é uma cidade que preza por manter sua tradição. E suas características peculiares sempre fizeram dela um lugar único e inesquecível para tantos universitários que por ela passaram.



Monsenhor Jeronymo Gallo | Créditos: Divulgação/
Diretoria Regional de Ensino de Piracicaba

A conhecida **Rua do Porto** era ponto de encontro para muitos amigos da A70. A cidade bucólica tinha seus agitos noturnos que não se concentravam apenas nas repúblicas, também famosas por suas festas.

E falando em festa, a tradicional Festa do Divino Espírito Santo carrega uma coincidência de datas com o período em que a A70 estudou na



A Av. Beira Rio e a Rua do Porto já eram muito frequentadas desde a década de 1960 | Créditos: Acervo IHGP

ESALQ. Criada em 1826, a festa sempre foi realizada nas proximidades do rio, contando com rituais, como o da descida dos barcos, que ocorre nas águas do Piracicaba.

Em 1964, a Festa do Divino passou a integrar o calendário da Igreja Católica, contudo, justamente no ano em que a A70 iniciou o curso de Agronomia, em 1966, o bispo Dom Aníger Maria Melillo proibiu as festividades folclóricas, por não concordar em misturá-las com a religião.

Os participantes até continuaram realizando encontros informais à beira do rio, mas a festa só foi retomada nos moldes anteriores no ano da formatura da turma, em 1971. Ou seja, embora seja um evento de quase 100 anos, os colegas da A70 não puderam desfrutar dele, ao menos durante o curso.

Em 20 de dezembro de 2016, a Festa do Divino foi registrada como Patrimônio Cultural Imaterial de Piracicaba pelo CODEPAC. Quando solicitou o

registro, o IPPLAP argumentou que o reconhecimento e a valorização da Festa do Divino Espírito Santo são pressupostos para a preservação da mais antiga e expressiva manifestação festiva e religiosa da cultura piracicabana. A festa sempre reuniu centenas de pessoas à beira do rio.

E embora a A70 não tenha participado desse evento na época, foram muitos os movimentos que embalaram a turma. Em 1966, Chico Buarque se revelava ao público brasileiro com a música, “A Banda”, interpretada por Nara Leão durante o Festival de Música Popular Brasileira, transmitido pela TV Record. E Piracicaba, que sempre teve lugar para a música, recebeu a cantora em uma festa da A70!

Naquela época, o Clube da Esquina, composto por Milton Nascimento e os irmãos Borges, também já estrelavam nas paradas. E foi quando surgiu o Movimento Tropicália, com Caetano Veloso, Gilberto Gil e Gal Costa, além de Os Mutantes, composto por Arnaldo Baptista, Rita Lee e Sérgio Dias. Começaram a despontar, ainda, Tom Zé e Torquato Neto.

Mas o grupo que mais marcou a turma A70 da ESALQ, inclusive com o seu slogan, foi Os Beatles, que em 1966 lançava o seu sétimo álbum, *Revolver*, immortalizando canções como “Love You To”, *Yellow Submarine* e “She Said She Said”. Os amigos da A70 ouviram muito as músicas dos Beatles, tanto na vitrola da Casa do Estudante, quanto durante as apresentações ao vivo do grupo de rock piracicabano **Megassons**, que se inspirava justamente na banda inglesa.

Quando os Beatles se separaram, em 1970, foi um alvoroço geral. Ninguém acreditava. Ninguém se conformava. E quando a banda ainda lançou um último disco, *Let It Be*, em maio daquele ano, um mês após o anúncio do fim dos Beatles, os barzinhos de Piracicaba ainda fervilhavam ao som dos **Megassons**. A frase “o sonho não acabou” nasceu e se consolidou naquele momento, contrariando o que Lennon cantou em *God*.



Grupo piracicabano inspirado nos Beatles embalou os shows na década de 1960 | Créditos: Acervo Celio Rolim

E da mesma forma que as canções dos Beatles ainda estão cravadas nas mentes daqueles que vivenciaram intensamente aquela época (e de muitos que foram influenciados por elas posteriormente), as características daquela Piracicaba da década de 1960, muitas delas ainda preservadas, são indelévels para os amigos da A70 e também para muitos de seus descendentes, que conheceram essas histórias, podendo até vivenciar algumas delas, ainda que muito tempo depois.

DEPOIS DA A70

Nos últimos 50 anos, Piracicaba cresceu bastante. Em 2020, a população estimada pelo IBGE era de 407,2 mil habitantes, contra 116,1 mil na década de 1960, quando o município ocupava o 8º lugar no ranking do estado de SP, em termos populacionais. Hoje, Piracicaba está na 16ª posição.

Os primeiros passos rumo ao seu desenvolvimento foram dados assim que a A70 se formou, em 1971, com a contratação do Serviço Federal de Habitação e Urbanismo para a realização do Termo de Referência, que serviria como diagnóstico ao Plano Diretor, elaborado em 1975 sob a coordenação do arquiteto Joaquim Guedes.

A industrialização era então indicada como o principal caminho para o desenvolvimento econômico. O Plano Diretor de Guedes foi rejeitado pela Câmara de Vereadores, mas as diretrizes apontadas por ele serviram de base para a implementação do processo de planejamento no município, complementada com uma legislação urbanística aprovada pela Câmara em dezembro de 1984.

Também foi a partir da década de 1970 que iniciativas como a duplicação de estradas e a construção de rodovias contribuíram para alavancar a economia da cidade, facilitando o acesso a ela. A Rodovia do Açúcar (SP-308), que liga Piracicaba à Rodovia Castelo Branco, por exemplo, tornou-se a nova rota de escoamento da produção.

Os caminhos adotados naquela época, apontados não só pelo Plano Diretor, mas também pelas decisões estaduais e federais, levaram Piracicaba a um importante crescimento industrial. Aquela cidade de ruas de terra e quase sem carros, mudou bastante: agora é bem movimentada, com direito a fluxo intenso nos horários de pico.

O que nunca mudou foi o fato de receber pessoas de diferentes lugares, seja por um período ou para residir definitivamente. Motivadas pelo estudo ou por novas possibilidades de trabalho, muita gente adotou Piracicaba como a terra do coração. Ainda na década de 1970, duas importantes empresas ligadas ao agronegócio escolheram a cidade para instalar novas unidades, o que

contribuiu para a geração de empregos e atraiu novos moradores.

Em 1976 a Caterpillar iniciava as atividades em Piracicaba. A primeira máquina produzida na fábrica da cidade foi um trator. Hoje, a empresa ocupa uma área de 3,8 milhões de metros quadrados, com 214 mil metros quadrados de área construída.

Ali são fabricados tratores de esteiras, compactadores de solo e asfalto, carregadeiras de rodas, motoniveladoras, compactadores pneumáticos, escavadeiras, máquinas florestais e grupos geradores de energia, atendendo indústrias do setor de construção, mineração, pavimentação, agricultura, florestal, locação e geração de energia elétrica.

Dois anos depois, em 1978, a CASE IH iniciou suas operações na cidade. A empresa produz tratores, colheitadeiras, enfardadeiras, equipamentos de feno e forragem, veículos utilitários, colhedoras de cana e café, semeadoras para plantio direto, equipamentos de aplicação, tratamentos culturais e soluções para agricultura de precisão.

Com a missão de ajudar os profissionais do setor a enfrentar os desafios da agricultura moderna, a CASE IH se destaca pela inovação na agricultura mundial. O sucesso de seu equipamento voltado à colheita de cana, por exemplo, é atribuído ao Centro de Excelência Global de Desenvolvimento de Colhedoras de cana-de-açúcar, localizado em Piracicaba, de onde saem as colhedoras da marca para todas as localidades da Case IH no mundo, o que representa 25 países de todos os continentes.

A movimentação no setor industrial de Piracicaba teve o fluxo reforçado novamente em 2012, após a instalação da montadora Hyundai, o que atraiu muitos imigrantes coreanos para a cidade. A chegada deles, impulsionada também pela inauguração de outras empresas da Coreia do Sul, obrigou os setores do comércio e de serviços a se adequarem à nova demanda.

Piracicaba tornou-se uma cidade atrativa para indústrias justamente por seu desenvolvimento, e hoje tem um importante desafio: fomentar mecanismos que possibilitem a inovação tecnológica.

Nesse sentido, a presença da ESALQ também é um diferencial, já que viabiliza a proximidade com o campo de trabalho e realiza constantes pesquisas. A tecnologia desenvolvida nesses anos todos muito se deve a essa produção, estimulada pela criação da Agtech Valley, incubadora de empreendimentos e novas tecnologias sediada na ESALQ.

Um estudo divulgado em meados da década de 2010 pela Agtech Valley, indicou que Piracicaba concentrava, na ocasião, 38% das startups do estado de São Paulo voltadas para o agronegócio.

ECONOMIA

Atualmente, a economia local é dinâmica e tem a tecnologia como uma importante força motriz, já que os setores de transformação industrial e agroindustrial atuam em paralelo a um importante centro de serviços relacionado à formação de tecnologia.

Os moradores de Piracicaba especializaram-se em produzir bens e serviços para o Brasil, além de commodities de grande valor agregado, isto é, bens e serviços para exportação. Com isso, as últimas décadas foram de franco crescimento.

Um estudo realizado pela Fundação SEADE aponta que a participação de Piracicaba no PIB do estado de São Paulo subiu de 0,78% em 1999, quando o PIB dos municípios começou a ser apurado, para 1,03% em 2017.

Segundo os últimos dados do IBGE, divulgados em 2018, o PIB de Piracicaba a posiciona como a 33ª maior economia do Brasil e a 13ª do estado de São Paulo. Ainda de acordo com o IBGE, os setores industriais e de serviços foram os que mais contribuíram para o crescimento econômico do município.

O Plano Diretor de 1975, que apontava na direção industrial, passou por várias modificações sem, contudo, tirar o foco da indústria, que nunca deixou de crescer, ainda que a passos mais lentos. A questão ambiental ganhou destaque ao longo dos anos.

Em 1995 entrou em vigor um novo Plano Diretor, elaborado durante 4 anos, de acordo com os instrumentos jurídicos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988. A questão ambiental passou a ser contemplada no documento. Em 2001 foi feita a revisão desse Plano Diretor, considerando

as determinações da Lei Federal nº 10.257/2001 (Estatuto da Cidade). A questão ambiental foi fortalecida e, em 2006, foi aprovado o novo plano, denominado Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável, que passou a vigorar em 2007.

Em 2016, o IPPLAP coordenou uma nova revisão do Plano Diretor que, após contar com a elaboração de leitura técnica e participativa, a realização de audiências públicas promovidas pelo Executivo e pelo Legislativo e com a participação da sociedade civil, foi aprovado em 2019, entrando em vigor em 2020.

PECULIARIDADES DA CIDADE

A cultura caipira é o ponto forte que até hoje caracteriza Piracicaba como uma cidade do interior paulista. O sotaque peculiar é a primeira característica a ser lembrada quando se fala o nome da cidade. Quem não a conheceu por ter estudado lá, talvez a conheça por suas festas populares que, assim como a relação com o rio, são elementos importantes para o piracicabano.

Detalhes que despertam um profundo sentido de comunidade nas pessoas que têm raízes fincadas na cidade, seja porque ainda moram nela ou porque viveram boa parte de suas vidas ali. Ao longo desses 50 anos, Piracicaba se desenvolveu sobremaneira e segue em franco crescimento, porém sem deixar de lado as suas tradições.

Ao deixar a Rua do Porto e subir pelas margens do rio Piracicaba, o morador, o turista ou o amante dessa terra se depara com o grandioso **Engenho Central**, sede de eventos tradicionais, como o Salão Internacional de Humor, a Paixão de Cristo e a Festa das Nações.

Mais recentemente, outros eventos ganharam



Engenho Central | Créditos: Acervo Ariovaldo Fellet



Engenho Central chama a atenção por sua beleza e grandiosidade | Créditos: Acervo Ariovaldo Fellet

o direito de ter o Engenho como palco, como a Virada Cultural Paulista e o Festival Paulista de Circo, sem contar as apresentações de música erudita no Teatro Municipal Erotídes de Campos, fundado em março de 2012. Seu edifício pertenceu ao antigo engenho de açúcar.

Há mais locais no entorno do manancial que recebem diferentes manifestações culturais e artísticas, como o Largo dos Pescadores, a Casa do Povoador, o Casarão do Turismo e o Sesc, sem contar a própria Rua do Porto, onde são realizadas as feiras de artesanato. Os bairros Santana, fundado por imigrantes italianos, e Santa Olímpia, por tiroleses trentinos, também chamam a atenção por manter a história e pela realização de festas tão tradicionais. A pandemia impôs uma pausa a tais realizações, mas certamente tudo

será retomado tão logo seja possível.

O Horto Florestal de Tupi e o Balneário de Ártemis, distritos de Piracicaba, configuram-se como importantes áreas de preservação ambiental. Também há pontos de visitação na zona urbana, como o Parque Professor Philippe Westin Cabral de Vasconcellos.

Enfim, não é possível passar por essa cidade, após conhecer uma pequena parte de sua história, sem sentir o encantamento que domina a todos que nela vivem ou viveram intensamente em algum momento de suas vidas. É essa intensidade de Piracicaba, somada à graça de tantos locais a serem visitados, à beleza de seu rio e à grandeza de suas universidades, claro, em especial, da ESALQ, que faz dessa terra um local inesquecível para os engenheiros agrônomos da A70.

Reminiscências da A70

Lembrar é fácil para quem tem memória. Esquecer é difícil para quem tem coração. (William Shakespeare)



HISTÓRIAS QUE SÓ A A70 PODE CONTAR

Há 50 anos, a Seleção Brasileira conquistava o 3º título da Copa do Mundo de Futebol, derrotando a Itália por 4 a 1 no Estádio Azteca, na Cidade de México, no México. Ainda em 1970 foi inaugurada a TV Gazeta de São Paulo, e a TV Globo completava 5 anos. Em maio daquele ano os Beatles lançaram Let It Be, após a dissolução do grupo que havia deixado os fãs abalados. Em setembro morreu o cantor e guitarrista americano Jimmy Hendrix e, um mês depois, a cantora Janis Joplin. Foi o Ano Internacional da Educação, estabelecido pela ONU.

E justamente quando ele terminou, a ESALQ formou sua 67ª turma de Engenharia Agrônômica, a consagrada A70. Há quem diga que foi a melhor turma da Escola. Esta informação nunca foi comprovada, e tampouco contestada.

Na velocidade digital, 5 décadas soam anos-luz distantes, mas não apagam a história. E esta começou muito antes, em 1966, quando o vestibular da ESALQ ainda era estruturado e conduzido

pelos próprios docentes. As provas eram eliminatórias e não ocorriam em dias seguidos para que houvesse tempo para a correção. Então, os candidatos tinham que enfrentar a ansiedade de 3 a 4 dias entre uma prova e outra, até que saísse o resultado revelando se continuariam na disputa.

A primeira prova foi de Português. Quem sabia o diminutivo de árvore se saiu bem. E naquela época não havia questões de múltipla escolha, pois desde o início os docentes queriam estimular os jovens a responder questões e resolver problemas com suas próprias capacidades de cálculos e com respostas discursivas. A aprovação em Português levava o candidato às provas de Biologia, Química, Física e Matemática, sempre com aquela sofrida espera e grande expectativa entre uma prova e outra.

Naquele vestibular, ocorrido no início de 1966, havia cerca de 1.000 candidatos para 200 vagas, os quais foram distribuídos em diversos anfiteatros e no **Ginásio de Esportes**.



Ginásio de Esportes | Créditos: Acervo Fábio Torrezan

A maioria passou por algum cursinho pré-vestibular, que poderia ter duração de um ano, um semestre ou um mês, formato conhecido como intensivão. Cada um escolhia o período que melhor lhe conviesse.

No **Prédio da Genética** funcionava o cursinho

do CALQ – curso preparatório para vestibular “José Benedicto de Camargo”. No **Pavilhão da “Química”** funcionava o CLQ, conhecido na época como “cursinho do Torigoi”. Shunhiti Torigoi era, na verdade, o professor de Física que decidiu dar continuidade ao trabalho mesmo após se formar na ESALQ.



Prédio da Genética
Créditos: Acervo Gerhard Waller



Pavilhão de Química
Créditos: Acervo Roberto Amaral

Até então, os cursinhos tinham grande rotatividade de professores, já que as aulas eram conduzidas pelos próprios estudantes da Agronomia. À medida em que se formavam, davam lugar a outros professores e cada um assumia a disciplina com a qual tivesse mais afinidade.

Dos acadêmicos da A70, 90% foram preparados pelo CLQ. Esse fato foi publicado no jornal **Folha de Piracicaba** em 16 de fevereiro de 1966, 11 dias depois de ter sido decretado o Ato Institucional N° 3, que instituiu as eleições indiretas para governadores e vice-governadores, e a nomeação de prefeitos. Dois anos depois, os estudantes acompanhariam – de perto ou de longe – o temido AI 5, o mais duro golpe do regime militar.

Também em fevereiro de 1966, no dia 21, o “rei” Pelé casou-se com Rosemeri dos Reis Cholbi. Mais tarde, parte da turma se encontraria com ele durante uma viagem ao Chile.

Para os estudantes, contudo, a notícia publicada na Folha de Piracicaba no segundo mês de 1966 gerou mais comoção; e em alguns casos, chegou a causar certa confusão, isso porque a informação que receberam foi de que não tinham passado no vestibular, afinal, seus nomes não estavam na-

90% Dos novos acadêmicos da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” foram preparados pelo CURSO “LUIZ DE QUEIROZ”

APRESENTAMOS, COM PRAZER, A RELAÇÃO DE NOSSOS ALUNOS QUE LOGRARAM ÊXITO NO RECENTE CONCURSO DE HABILITAÇÃO E. S. A. L. Q. I

1.º — Newman Ribeiro Simões	46.º — Herculina Dal Sary	86.º — Cláudio Augusto Scholch	126.º — Tadeu Yokoyama
2.º — Celso Edmundo Barchetti Fosthal	47.º — Osvaldo Nogueira Martins	87.º — Luis Jesus Fozzi de Castro	127.º — Celso Matilheus Jaque
3.º — José Rubens Rochella	48.º — Joaquim José de Andrade Pereira	88.º — Carlos Alberto de Fossala	128.º — João Nazare Oliveira Soares
4.º — Dal de Carvalho	49.º — Sílvio Marcondes Furlan	89.º — Roberto Leoni Nogueira	129.º — Luis Angiliani
5.º — Eduardo Hiroshi Mizumoto	50.º — Wilson Maciel	90.º — Henrique de Souza Barbosa	130.º — Paulo Carlos Dias
6.º — Elcyrso Nakato	51.º — Aluísi de Lacerda Filho	91.º — Osvaldo Teodoro Dechen	131.º — Leodilino Carneiro Leite
7.º — Domingos Batista	52.º — Renato Rappo	92.º — Foad Jorge Curi	132.º — Geraldo Azeiteiro Filho
8.º —	53.º — Antônio Figueiredo	93.º — Vitor Luis P. Martins Soares	133.º — Luis Fernando Ribeiro Miranda
9.º —	54.º — Antônio César Vitti	94.º — Marcos Sérgio Trapp	134.º — Antônio Carlos Bandel
10.º —	55.º — José Fernando Mad. Domingues	95.º — Antonio Campos Neto	135.º — Luis Francisco de Souza
11.º —	56.º — Marcelo Ferreira Reis	96.º — Alberto Lombardi	136.º — Alomar Gabriel de Souza
12.º —	57.º — Tomaz de Moraes	97.º — Gilmar Wesley Mac Faldes	137.º — Luis Carlos Breda
13.º —	58.º — Gilmar de Barros Neto	98.º — Walter Henrique Scott	
14.º —	59.º — Elton Maria Pacheco de Oliveira	99.º — Odair Soares	
15.º —	60.º — Dulce Alexandra Marston	100.º — Antonio Carlos Angilini	
16.º —	61.º — Evandro Berti Filho	101.º — Otilio Ferrius Barbosa	
17.º —	62.º — Wilson Roberto Soares Martins	102.º — José Américo Sabotinha	
18.º —	63.º — Eduardo Feres Custoda Filho	103.º — Florio Francisco Soares	
19.º —	64.º — Alexandre Pedro Mizuti	104.º — Paulo Mamakawa Hama	
20.º —	65.º — Jorge Inoue	105.º — Roberto dos Santos Lora	
21.º —	66.º — José Manoel de Vasconcelos	106.º — Sérgio Aparecido Caspary	
22.º —	67.º — José Claudimir Montebelo	107.º — Nilo Malhar Sampaio	
23.º —	68.º — Roberto de Souza Gomes Coelho	108.º — José Paulo Fazzato de Figueiredo	
24.º —	69.º — Aparecido Álvaro Dattoli	109.º — José Ricardo Coimbra M. Jucopereira	
25.º —	70.º — Antonio Carlos Galvão	110.º — Wilson José Neves	
26.º —	71.º — Elvino José Guimarães	111.º — José Eduardo Trindade	
27.º —	72.º — Yukiara Savelino	112.º — Edson Renato Rosa Garcia	
28.º —	73.º — Edson Roberto Junior	113.º — Ciro Sampaio	
29.º —	74.º — Antonio Apolinário Longhi	114.º — Cleide Irôca de Miranda	
30.º —	75.º — Nelson Barbosa Leite	115.º — Marcela Genajoli Mattias	
31.º —	76.º — José Francisco Matting Martins	116.º — Mateilda Nogueira A. Gorgul	
32.º —	77.º — José Francisco Ribeiro	117.º — Fernando Matilheus Kroll	
33.º —	78.º — Manoel Cândido Borges de Melo	118.º — Raul de Brito Krieger	
34.º —	79.º — Alvaro Feres de Siqueira Filho	119.º — Salvador José Norberto	
35.º —	80.º — Antonio Carlos Furlan Guimarães	120.º — José Roberto Vasari	
36.º —	81.º — Jaime Lopes de Castro	121.º — Edson Favato de Silva	
37.º —	82.º — Rinaldo Cardinale Romaneli	122.º — Regina Célia Della Madala	
38.º —	83.º — José Carlos Cardoso	123.º — Roberto Masuyuki Nakhsaki	
39.º —	84.º — Fernando Antonio Almeida Silver	124.º — Roberto Ubaldi	
40.º —	85.º — Milton Santamaría	125.º — Roberto Nogueira	
41.º —	86.º — Fernando Fereira Corrêa	126.º — Vitorino Lauer Furlan Neto	
42.º —	87.º — Manoel Feres Pereira	127.º — Antonio Rufino Sacramento	
43.º —	88.º — Ernando Alves Jucopereira	128.º — Francisco Carlos Soares Lafonso	
44.º —	89.º — Osmane Kityama	129.º — Osvaldo Oreste Lanes	
45.º —	90.º — Alvaro Grude Diniz	130.º — Frederico Cândido Oliveira Bordin	
		131.º — Sérgio Ottonari	
		132.º — Luis Armando Caspary	
		133.º — Manoel Pereira Oliveira Junior	

DOS 200 CLASSIFICADOS, 180 DO CURSO “LUIZ DE QUEIROZ”

NOTA: Os alunos aprovados deverão providenciar a matrícula até o dia 19 de março, na secretaria da E. S. A. L. Q.

INSCRIÇÕES PARA O CURSO EXTENSIVO: Dia 15 de março, das 19 às 22 horas, no “Maracanzinho” (sobre Anilheira, atrás do Pavilhão da Engenharia da ESAO).

INÍCIO DAS AULAS: Dia 16 de março, às 19 horas, no mesmo local. Aulas diariamente das 19 às 22 horas.

CORPO DOCENTE:

ENG. AGRO. SHUNHITI TORIGOI (Física e Matemática) JOSE ARTHUR DE ANDRADE: 3.ª aula (Biologia)

ENG. AGRO. LUIZ OCTAVIO J. FIGUEIREDO (Química) PROF. FREDERICO BLAAUW (Português)

16 ANOS DE TRADIÇÃO EM EFICIÊNCIA

*Quarta-feira
16/2/66*

Folha de Piracicaba | Créditos: Acervo Vilma Bissoli



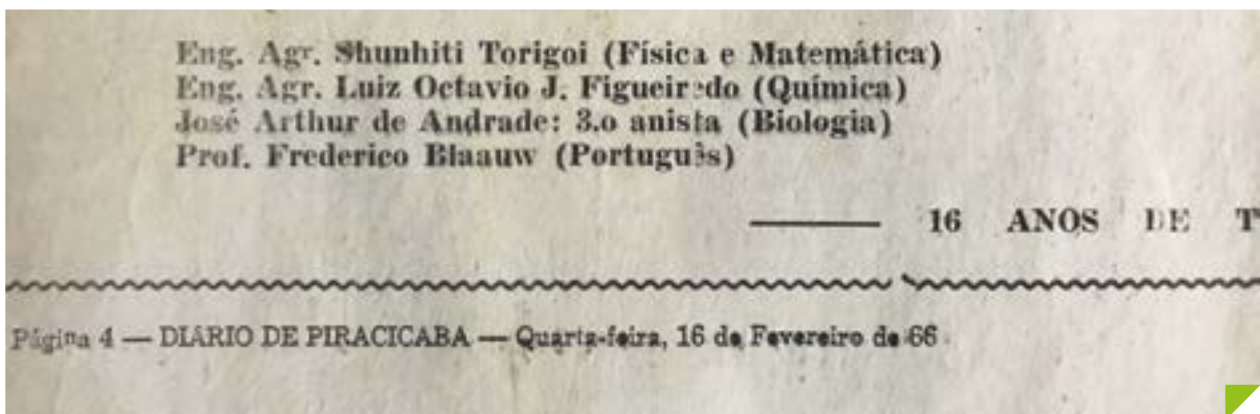
Folha de Piracicaba
Créditos: Acervo Vilma Bissoli

quela publicação. No entanto, a listagem trazia apenas os aprovados que tinham feito o cursinho do Torigoi, **mas ainda havia outros 10% de aprovados**. Enfim, quando tudo foi esclarecido, a comemoração foi geral.

O resultado do vestibular também era afixado no mural da Escola, no Pavilhão Central, e os ve-

teranos ficavam à espreita, apenas aguardando os bichos que saíam festejando para “capturá-los”. O trote era famoso naquela época. Muitos se incomodavam; outros entendiam como uma forma de integração e construíram, a partir dali, grandes amizades. Mas ao longo do curso ele voltou a ser pauta de discussões e até de Assembleias.

Nem todos os que se formaram com a A70 entraram nesse processo seletivo. Alguns chegaram mais tarde, transferidos de outras instituições; outros entraram com a turma, mas concluíram o curso anos mais tarde ou em outras universidades. Ainda assim, são considerados A70 do coração e tiveram suas histórias relatadas neste livro.

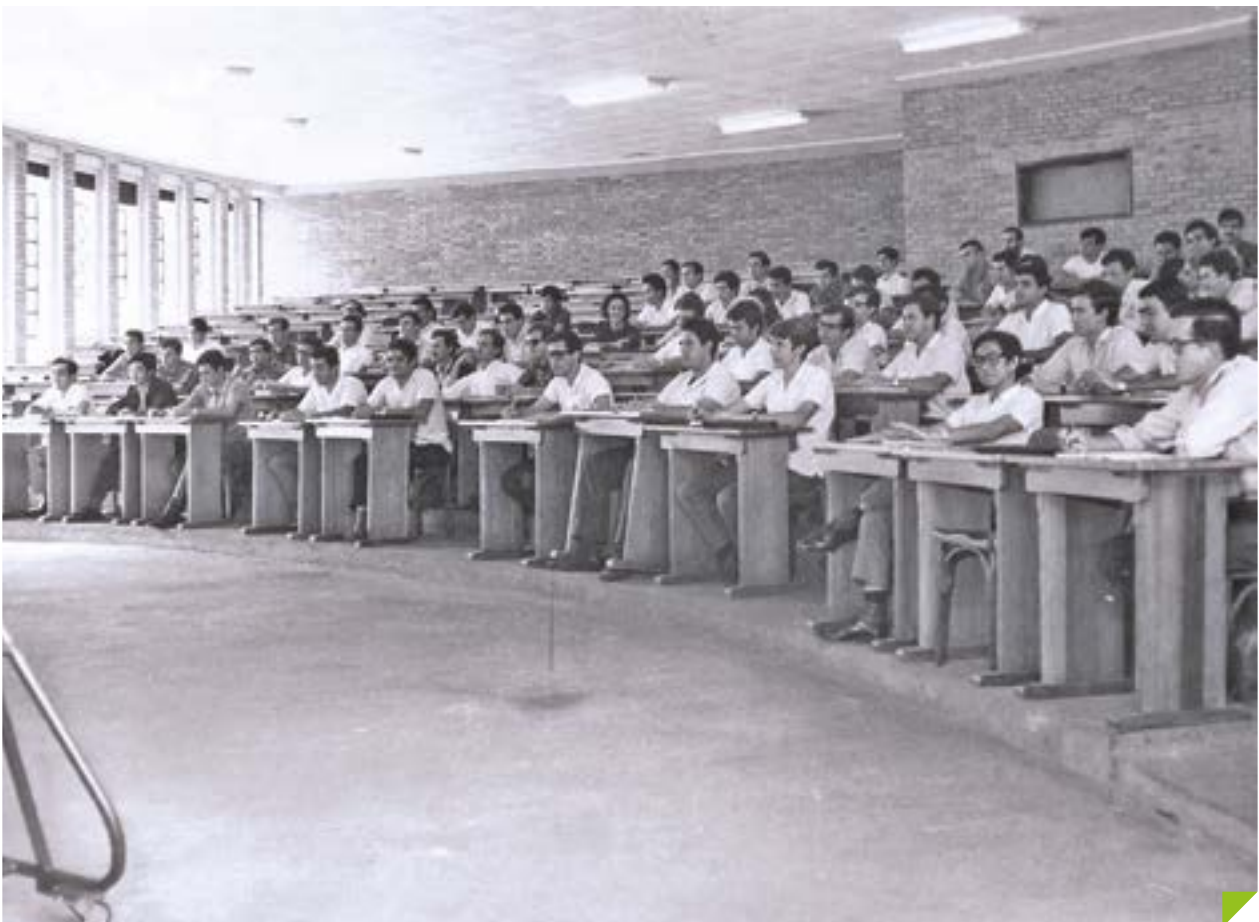


Diário de Piracicaba | Créditos: Acervo Norberto Leal

AS AULAS

As águas de março marcaram o início das aulas da turma. Era uma segunda-feira chuvosa quando a 1ª aula do curso de Agronomia foi ministrada. Nas **aulas teóricas**, a A70 era divi-

dida em turmas A e B, cada uma com 100 alunos. Para as **aulas práticas**, porém, os grupos eram menores, 8 de 25 alunos cada, de modo a comportar todos os estudantes nos laboratórios ou no campo em torno do professor. Todos precisavam enxergá-lo.



Aulas teóricas | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Aula prática no campo | Créditos: Acervo Akira Takematsu



Aula prática | Créditos: Acervo Ednael Garcia



Aula prática | Créditos: Acervo Jairo Lopes de Castro



Aula prática
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Aula prática
Créditos: Acervo Vilma Bissoli



Intervalo das aulas práticas | Créditos: Acervo Ariovaldo Quintana



Intervalo das aulas práticas | Créditos: Acervo Ariovaldo Quintana



Farra no intervalo das aulas práticas
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Aula prática de Tecnologia
Créditos: Acervo Marília Oetterer



Aula prática de Agricultura | Créditos: Acervo Marília Oetterer



Aula prática no Pavilhão de Agricultura | Créditos: Acervo Choshin Kameyama

Também em março de 1966, Neil A. Armstrong integrava a tripulação do Gemini 8, que conseguiu realizar, pela 1ª na história, a acoplagem entre 2 naves espaciais em órbita. Três anos depois, os estudantes da A70 acompanharam com olhos vidrados a jornada do 1º homem a pisar na lua. Era julho de 1969 e a maioria dos alunos se lembra exatamente onde estava naquele dia 21, quando Neil Armstrong afirmou: ‘é um pequeno passo para um homem e um gigantesco salto para a humanidade’.

Bem, antes desse dia chegar, os alunos estudaram muito. As aulas na ESALQ começavam às 8h e iam até 17h ou 18h, com 2 horas de almoço. Como na época não havia tanta facilidade para o transporte, muitos estudantes ficavam no campus e aproveitavam o período para estudar.

O **RUCALQ** e as repúblicas eram as opções mais recorrentes para fazerem as refeições. Também havia aula aos sábados, no período da manhã. O retorno às repúblicas ou às casas era



Restaurante Universitário
Créditos: Acervo Roberto Amaral

feito de bonde ou de ônibus circular, já que poucos alunos tinham carro. Aliás, carros eram bem raros na época.

As aulas práticas ficavam concentradas, em sua maioria, pela manhã, e eram ministradas pelos professores assistentes, que mantinham bastante proximidade com os estudantes.

Já as aulas teóricas, no período da tarde, eram ministradas pelos catedráticos, em geral professores mais velhos, considerados “semideuses”, já que o cargo era vitalício. Exigentes, reservados, eram muito inteligentes e bastante dedicados, porém mais distantes dos alunos. As aulas ocorriam nos anfiteatros das respectivas cadeiras das matérias, separadamente para as turmas A e B. Raramente havia aulas para os 200 alunos de uma vez.

Logo no 1º ano do curso, a Matemática, ministrada pelo temido Prof. Dr. Frederico Pimentel Gomes, assustava. Muitos tiveram que estudar dobrado para conseguir notas. Outros não conseguiram naquele ano e tiveram que refazer a matéria.

As aulas práticas assustavam menos. Os alunos da A70 tiveram aulas de régua de cálculo, e para explicar o seu funcionamento, o Prof. Izaías afixava na parede uma enorme régua de madeira, cujas partes fazia correr de um lado e de outro, expondo os resultados.

Havia também as inesquecíveis aulas práticas de solo, com o professor José Luiz Dematte. Quanta saudade! Quase tão jovem quanto os alunos, Dematte levava-os para fazer identificação da terra em diferentes estradas, até contrariando algumas práticas da Escola na época. Isso porque ele acreditava que aquele era o melhor meio de



Aula de Solos | Créditos: Acervo Ednael Garcia

ensinar. E os alunos amavam.

Não foram raras as vezes em que depois de uma difícil prova, o **professor Dematte** oferecia uma “choppada” para os estudantes. A grande

proximidade entre eles e o profundo estudo do solo deixaram um sentimento enraizado na A70, que decidiu convidar o querido professor para escrever o Prefácio do livro do Jubileu de Ouro.



Professor Dematte (à esquerda com alunos) durante churrasco da A70 no 5º ano | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Choppada oferecida pelo prof. Dematte | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

Bem, mas os agricultores tinham inúmeros desafios. Assim como a Matemática, outras disciplinas eram conhecidas pelo grau de dificuldade: Bioquímica, ministrada pelo prof. Dr. Otto Jesu Crócomo, e Topografia, pelo Dr. Nico Peta, dois professores bem rigorosos.

Naquele tempo as aulas eram baseadas em giz e lousa. Os catedráticos escreviam muito, e os alunos tinham que suar para dar conta de anotar tudo. Entretanto, a A70 tinha seus anjos da guarda, aqueles alunos dedicados que não só anotavam todos os detalhes, mas que também emprestavam seus cadernos para os mais displicentes estudantes durante as madrugadas.

Sem contar que, em muitos casos, os amigos se reuniam para estudar juntos, tamanho era o empenho para conquistar boas notas nas provas. Quem sabia mais ajudava os amigos e, no fim, todos comemoravam o resultado.

O entrosamento era grande entre os alunos das turmas práticas devido ao contato diário que tinham, em oposição ao contato entre turmas A e B, bastante raro na época. A convivência entre alunos das turmas A e B era maior nas repúblicas ou na Casa do Estudante, já que a divisão nessas moradias era aleatória e se deu por afinidade ou pelas circunstâncias. Os nativos, como eram chamados os estudantes que moravam em Piracicaba, sempre frequentavam as repúblicas, onde se

formavam grandes laços de amizades.

Embora as aulas teóricas assustassem mais, o conteúdo programático do curso sempre foi muito amplo, fato que levou tantos alunos a optar pela Agronomia. E a partir do 2º ano, as aulas práticas tornaram-se mais frequentes, o que motivou os estudantes, já que podiam sentir na pele o que os aguardava como profissionais, em contato com quem dependeria de seus conhecimentos e serviços.

No **5º ano**, as aulas eram mais espaçadas, ocorriam 2 ou 3 na semana. Os estudantes tinham que escolher uma Diversificação para se especializar; havia 6 possibilidades: Silvicultura, Zootecnia, Economia Rural, Tecnologia Rural, Fitotecnia I e Fitotecnia II.



Amigos da A 70 no 5º ano do curso
Créditos: Acervo Godofredo C. Vitti

O deslocamento de um departamento para outro a fim de assistir às aulas é outro ponto indelével na lembrança desses agrônomos. Normalmente feito a pé em ruelas, cortando os bem cuidados gramados e em meio a frondosas árvores, onde se destacava o famoso **Flamboyant** ao lado do prédio principal, que floresce na época das provas finais, dando origem ao famoso ditado entre eles: “quando o Flamboyant floresce, o agricultor padece”.

As caminhadas eram, muitas vezes, apressadas para não perder a hora, já que os pavilhões eram distantes demais para o curto intervalo de tempo de que dispunham. Outras vezes, realizadas com mais calma, permitiam que se ouvissem e contassem histórias, uns para os outros, partilhando a

vida e construindo amizades que durariam para sempre. Se durante o trajeto, a turma A cruzasse com turma B, a farra era garantida.

E quem não se lembra dos carismáticos bedéis “Seu Jorge” e “Dona Nadir”, que anotavam a presença dos alunos? Seu Jorge com sua memória privilegiada, que guardava centenas de nomes de alunos de inúmeras turmas diferentes; Dona Nadir, por vezes, dava presença até para os alunos que tinham faltado, e até hoje ninguém sabe se era por distração ou por proteção.

Nesse ambiente amistoso, de conhecimento, amizade e solidariedade consolidou-se a turma de 1970, que vivenciou momentos inesquecíveis e memoráveis.



Flamboyant ESALQ | Créditos: Acervo Antonio Roque Dechen

TROTE

Era difícil escapar. O **trote** na ESALQ sempre foi muito famoso e bastante temido. Os primeiros trotes, aplicados já no dia em que saía o resultado do vestibular, marcavam o início de um período de fuga, que duraria cerca de 60 dias.

Nem mesmo os alunos que souberam da aprovação no vestibular por telegrama, escaparam. Eles foram “repcionados” pelos veteranos ao chegar à rodoviária para os primeiros dias de aula na ESALQ.

Levados para as repúblicas, os bichos eram



Trote
Créditos: Acervo Altair Lombardi



Trote

Créditos: Acervo Altair Lombardi

obrigados a fazer faxina, limar o pé do piano, engraxar dezenas de sapatos, passar a limpo os cadernos de anotações dos veteranos, fazer as refeições embaixo da mesa, lavar a louça, beber misturas bizarras que levavam café, fubá, terra, enfim, nunca se sabia exatamente o que continham. Eram submetidos a muitas situações –

umas mais humilhantes, outras mais divertidas.

Alguns alunos morriam de medo de passar em frente à república Senzala e levar um banho de xixi. Em outras repúblicas as paredes eram estampadas com as nádegas dos bichos, era a chamada “bundografia”.

Os veteranos não podiam pegar os bichos dentro dos pavilhões da Escola e quando alguns estudantes da A70 perceberam, tentaram escapar pelos fundos. Caminhavam em ruas desertas, se metiam em matagais e andavam quilômetros para fugir dos trotes. Muitos têm dúvida até hoje se a fuga realmente valia a pena, tamanho o desgaste!

Quem praticava esporte e integrava alguma das atividades da AAALQ, tinha um salvo conduto para não tomar trote. Sorte dos atletas! Aliás, a A70 teve vários **esportistas representando a ESALQ** nas mais diversas modalidades. Um deles, José Hugo Laffranchi (Descarga), além de praticar judô pela AAALQ, também jogou basquete pelo XV de Piracicaba.



Time de vôlei da ESALQ | Créditos: Acervo Marly Pereira



Time de futebol da ESALQ

Créditos: Acervo Edson Tavares da Silva



Time de futebol da 7ª turma

Créditos: Acervo Roberto Nishitani



Titulares e reservas do quadro de cestebol da "Luiz de Queiroz", composto da 1ª OLUPI: Pincel, Alencar, Santinho, Telo, Dió, Jamento, Alceu (Presidente da AAA), José Carlos (técnico), Franko, Ivan, Sorriinha, Catigula, Jairo e China
A GAZETA ESPORTIVA ILUSTRADA — 41

Time de cestebol da ESALQ
Créditos: Acervo Jairo Lopes de Castro

Por outro lado, muitas amizades nasceram a partir do trote, já que alguns colegas atestam que, uma vez enfrentada a provação naquela república, o acesso tornava-se liberado para almoçar e desfrutar da companhia de outros estudantes. E também tinha aqueles que não se preocupavam em tomar trote e até se ofereciam. Esses ficaram conhecidos como “bicho-biscate”.

Para as meninas o trote era mais leve. A maquiagem era proibida, elas eram **obrigadas a usar boinas – rabiscadas pelos veteranos** – e tinham que andar em fila indiana. Em uma das vezes, foram da ESALQ até a praça central, onde tiveram que subir nos bancos e fazer um discurso com um tema definido pelos veteranos.



Equipe de atletismo de "Luiz de Queiroz", composto de atletas: Canário, Gil, Wilson, Ulisses, Paulinho, Nêgo e Bia, sendo-se, nos pontos, José Carlos Nelling (técnico) e Felipe (Presidente da 1ª OLUPI)

Equipe de atletismo da ESALQ
Créditos: Acervo Jairo Lopes de Castro



Boinas eram rabiscadas pelos veteranos
Créditos: Acervo Célia M Tegon de C Neves



Meninas usavam boinas assinadas pelos veteranos | Créditos: Acervo Ana Aguirre Primavesi

A farra era boa, mas nem todos os veteranos tinham medida ao aplicar trote nos bichos e a situação se tornava muito constrangedora, levando muitos estudantes a querer desistir do curso. Quando a A70 começou, já havia um movimento na Escola pelo fim do trote, porque um veterano tinha cometido fortes agressões contra um bicho.

Muitos alunos da A70 se uniram à causa e passaram a lutar pelo fim do trote. Era um processo de conscientização, de proteção às pessoas e de busca por um instrumento ou dinâmica que pudesse ajudar a refletir sobre a questão e a reduzir o trote.

Muitos deles acompanharam a Assembleia no CALQ que suspendeu o trote, em virtude da violência que se impingiu a um dos colegas. A suspensão não durou muito tempo, mas quando o trote voltou, foram determinadas algumas condições a fim de minimizar a agressividade.

PASSEATA DOS BICHOS



Passeata dos Bichos
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

Tradicionalmente, o trote era realizado apenas durante um período e a alforria dos bichos era marcada por 3 atividades: uma missa de ação de graças, a passeata dos bichos e o tradicional Baile dos Bichos. No ano em que a A70 entrou, as festividades ocorreram em 16 de abril.

A **passeata** era um momento de farra. A bicharada desfilava fantasiada pelas ruas centrais de Piracicaba e chamava a atenção por onde passava. O desfile dos bichos da A70 foi organizado e sem exageros. Com isso, a turma deixou uma ótima impressão aos seus familiares – que estavam em Piracicaba para participar desses momentos – e aos nativos, que observavam com olhares atentos e desconfiados os novos moradores da cidade.

Na intenção de deixar sua marca, as repúblicas capricharam nos alegóricos, e os bichos da A70

não fizeram por menos. A caracterização foi registrada em fotos e na memória daqueles estudantes. Por ser aberta ao público, a Passeata dos Bichos era o grande acontecimento do mês de abril em Piracicaba, cidade que sempre se orgulhou de sua Escola Agrícola.



Passeata dos Bichos
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Passeata dos Bichos | Créditos: Acervo Ana Aguirre Primavesi



Passeata dos Bichos | Créditos: Acervo Vilma Bissoli



Passeata dos Bichos | Créditos: Acervo Vilma Bissoli



Passeata dos Bichos
Créditos: Acervo Vilma Bissoli



Passeata dos Bichos
Créditos: Acervo Altair Lombardi



Passeata dos Bichos
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

BAILE DO BICHO

O Baile do Bicho era o ponto alto das festividades. E colocava um ponto final no período de trotes, conferindo aos até então bichos o status de universitários plenos.

Promovido pelo CALQ, reunia bichos, veteranos e as moçoilas de Piracicaba, que convidavam suas primas de fora e aguardavam ansiosamente o evento para conhecer os novos agricultores, que faziam sucesso entre as jovens da cidade.

O **Baile do Bicho** da A70 teve início às 22h daquele 16 de abril e foi realizado no Ginásio da Agronomia. O convite não deixa a turma esquecer a data. E o significado da festa não a deixa esquecer os momentos. Ao mesmo tempo anunciava o fim de um ciclo de trotes e o início de um período de liberdade para vivenciar uma universidade em sua plenitude. Para muitos deles, estar na gloriosa ESALQ era o ponto máximo de suas vidas.



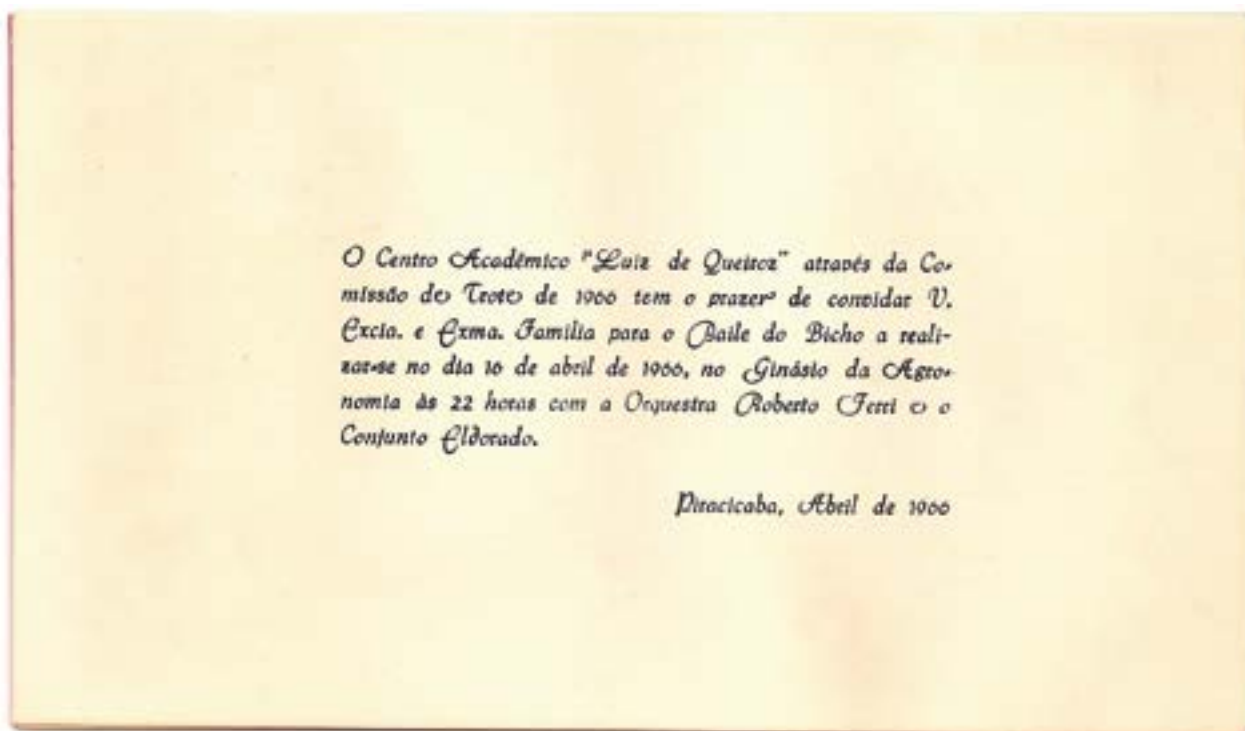
Convite Baile do Bicho
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Convite Baile do Bicho
Créditos: Acervo Vilma Bissoli



Baile do Bicho
Créditos: Acervo Oscar Tanner Filho



Convite Baile do Bicho | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Baile do Bicho
Créditos: Acervo Marília Oetterer



Baile do Bicho
Créditos: Acervo Altair Lombardi

As histórias vivenciadas naquela noite ficaram marcadas na memória dos estudantes. Um deles, em especial, tornou-se conhecido a partir de então. José Antonio Ferraz Sampaio Lima tinha decidido não participar do Baile do Bicho e ficou sozinho na república. Mais tarde, se arrependeu e resolveu ir a pé para o ginásio. Ao passar por um terreno baldio, entretanto, viu um burro amarra-

do e mudou de ideia: decidiu seguir montado no burro. Foi a deixa para que seu apelido se tornasse Zé do Burro, o saudoso amigo da turma.

Muitos deles guardam com estima o diploma conferido pelo CALQ na época, que trazia os seguintes dizeres:

O Bicho [nome do Bicho], que na pia batismal recebeu o nome de [nome do estudante], tendo completado seu ciclo biológico aos dezesseis dias do mês de abril do ano da graça de mil novecentos e sessenta e seis, recebe este Diploma, que lhe confere, AD PERPETUAM, o grau zoológico de HOMO SAPIENS e o título de Cavaleiro da Veneranda e Venerável Ordem Acadêmica de Luiz de Queiroz.

Um momento célebre para eles, que estavam apenas começando uma jornada cheia de esforço, esperança e conquistas.



Diploma de Bicho
Créditos: Acervo Jairo Lopes de Castro

TIRO DE GUERRA

Quando os estudantes da A70 entraram na ESALQ, fazia dois anos que os militares tinham tomado o poder no país. Os universitários que estivessem em um curso de tempo integral eram obrigados a fazer o alistamento militar se houvesse na cidade o chamado CPOR – Curso de Preparação dos Oficiais do Exército. Caso contrário, seriam dispensados do serviço.

Piracicaba já dispunha de uma unidade do **Tiro de Guerra**, onde as atividades ocorriam diariamente, durante algumas horas, e em período integral no sábado ou no domingo. Sendo assim, diversos alunos da A70 tiveram que se apresentar ao serviço militar em Piracicaba. Alguns, logo no 1º ano do curso. Outros, no ano seguinte, em 1967.

Foi um tempo difícil para muitos deles, que vivenciaram o conflito entre ter que aceitar a imposição do governo ou lutar pela liberdade de expressão, de que tantos jovens tinham necessidade. Outro desafio foi conciliar aulas e provas na Escola com as obrigações diárias do Tiro de

Guerra no período noturno.

Mas por fim, concluído o período de alistamento, todos haviam aprendido muito. A camaradagem ali desenvolvida era semelhante à que existia entre os colegas da Escola, e fez com que aqueles agricultores ampliassem seus horizontes por meio do contato com diferentes histórias e realidades. Foi um grande aprendizado.



Tiro de Guerra
Créditos: Acervo Celso Foelkel

LAR, DOCE LAR

As **repúblicas dos esalqueanos** sempre foram famosas e tradicionais. Algumas são quase centenárias, como a Copacabana, fundada em 1929. Para além de uma simples moradia, eram lugares de convivência, até mesmo para os nativos, que passavam horas em algumas delas justamente para aproveitar as folias e a agradável companhia dos amigos. As fortes amizades que se formavam, preenchiam o vazio deixado pela distância da família e transformavam aquele local em um novo lar, doce lar.

Montadas em casas alugadas na cidade, as repúblicas eram compartilhadas por estudantes do mesmo sexo que se cotizavam para pagar as despesas, tais como a contratação de uma pessoa para limpar, lavar roupas e cozinhar. Sem contar

as contas de água e luz. Em cada quarto dormiam de 2 a 4 estudantes, tipicamente.

Algumas delas, como a república do Pau Doce, que tinha a cana como símbolo, ou a Mau Xero, que tinha uma raposa como mascote, foram constituídas pelos próprios estudantes da A70; outras tantas tiveram a participação de alunos da turma em sua criação ou em sua narrativa.

Abandonada, Anônima, Assumpção, Babydoll, Cabana, ChopAna, H-RRAFA, Harém, Fofoca, Fronteira, Jacarepaguá, Las Vegas, Mansão dos Dráculas, Marília, Saudades da Mamãe, Sputnik, Polaka, El Paredón, entre outras, carregam a marca da A70 na história.



República Harém
Créditos: Acervo Otávio T. Mendes Neto

Ah, e quantas histórias, quantas experiências, quantas recordações. Foi nessa convivência em república que muitos estudantes compreenderam o valor da amizade e da fraternidade. Foi ali que exercitaram o respeito e aprenderam a administrar as próprias finanças. Foi ali que cresceram e passaram inesquecíveis momentos. E dali nasceram amigos para a vida.

Claro que morar em república também tinha lá suas dificuldades. Não dava para evitar a bagunça ou as farras, muito constantes, o que tornava difícil a vida de quem precisava se concentrar para

estudar. Vira e mexe era preciso uma conversa sobre o respeito às individualidades etc. Por outro lado, a solidariedade imperava; se a ajudante de uma das casas faltasse, todos iam almoçar na república vizinha e era uma festa.



República Polaca
Créditos: Acervo Ednael Garcia

Vitavena lembra-se bem de quando pegou a gripe de Hong Kong; ele sentiu-se muito mal na rua e sequer conseguiu chegar em casa. Então, foi acolhido por amigos de outra república, onde recebeu os cuidados adequados durante cerca de 10 dias, até se recuperar totalmente e conseguir voltar para a sua república. Uma experiência marcante, tanto pelo susto da gripe, quanto pelo carinho dos amigos.



República ChopAna
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Moradores da república Las Vegas
Créditos: Acervo Celso Foelkel



República ChopAna | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



República Las Vegas
Créditos: Acervo Celso Foelkel



República Jacarepaguá
Créditos: Acervo Ezequiel Rodrigues do Valle



República Sputnik
Créditos: Acervo Marcelo Patrão



República H-RAFA
Créditos: Acervo Marly Quintana



República Mata Burro
Créditos: Acervo Antonio Angelini



República H-RAFA | Créditos: Acervo Marly Quintana

A CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO (CEU)

Quando os integrantes da A70 iniciaram o curso, em 1966, não fazia nem 4 anos que a **Casa do Estudante Universitário** “Prof. José Benedicto de Camargo” tinha sido inaugurada. Tudo era ainda muito novinho e cada morador tinha um quarto só para si; apenas o banheiro era compartilhado com o colega do quarto ao lado, mas havia muita privacidade.

A seleção sempre seguiu critérios socioeconômicos e acadêmicos, mas para além da questão social, a moradia estudantil da ESALQ também proporcionava grande amadurecimento aos estudantes, devido ao padrão de vida mais discipli-

nado. Quem lá morou durante o curso de Agronomia, também fez grandes amigos.

Fundada em 14 de setembro de 1962, a Casa do Estudante foi projetada pelo engenheiro Rino Levi, um expoente da arquitetura moderna brasileira. Além dos quartos e banheiros, também há áreas comuns como cozinha e uma sala de estar com televisão, uma raridade para a época.

As refeições eram feitas no RUCALQ, aliás, um dos grandes desafios dos moradores era enfrentar as caminhadas para o jantar. Na volta, havia dias em que, na espreita, pegavam carona no bonde para percorrer os cerca de 1.500 metros até a Casa. Outro desafio era lidar com os pernilongos, que podiam ser encontrados aos montes em quase todos os quartos.



CEU ESALQ
Créditos: Acervo Gerhard Waller



Amigos na Casa do Estudante
Créditos: Acervo Celso Foelkel

Embora a disciplina fosse mais rígida, também havia festas no local, com surpresas para os amigos e muita farrá. Era mais raro, mas havia. Em geral, os agricultores que moraram na Casa do Estudante foram os que mais aproveitaram o campus, fosse jogando bola com mais frequência, já que estavam ao lado do ginásio, fosse nas festividades em volta do lago localizado na frente do Pavilhão de Engenharia que, invariavelmente, acabavam com alguma “chispada”, já que ali também ficava a Casa do Diretor da ESALQ.

Entre as histórias interessantes da A 70 na Casa do Estudante, uma delas ganha destaque pela demonstração de amizade e solidariedade, especialmente naqueles tempos difíceis, em que os recursos eram escassos para todos. Os amigos Xinelo e Valderez fizeram uma parceria para adquirir um grande e potente rádio de válvulas, denominado Bruvida.

Como moravam em apartamentos diferentes, o acordo foi de que a cada seis meses, o rádio mudaria de lugar e, assim, ambos poderiam aproveitá-lo. O Bru, como passou a ser chamado pelos amigos, demorava a ligar, apesar de moderníssimo para a época. E ainda continuava funcionando por algum tempo mesmo depois de desligado.

O rádio era o veículo de comunicação predominante na época e era muito útil aos amantes do futebol, que podiam acompanhar os jogos ouvindo os narradores empenhados na missão. Era intensa a movimentação dos mais de 100 moradores à procura de notícias sobre o andamento das partidas. Os torcedores do time campeão sempre aproveitavam a deixa para tirar sarro daqueles cujo time havia perdido. Os programas sertanejos também tinham grande audiência entre a juventude estudantil.

O ponto alto do Bru foi em um sábado, quando foram divulgados os resultados da Loteria Federal no sorteio do Volks para financiar a viagem do Grupelho. A ansiedade era grande. E quando os estudantes verificaram que os números sorteados eram de uma cartela não vendida, a festa foi geral em toda a Casa do Estudante, já que isso significava um aporte extra de recursos para a viagem. Mas esta é uma outra história, relatada neste livro logo à frente.

Outras boas lembranças que os agrônomos da A70 guardam da moradia da ESALQ são os estudos no período da noite, compartilhando as anotações e os cadernos dos colegas, os cafés da manhã comunitários, as festas de aniversário dos amigos, as caminhadas ecológicas pelo campus e a sala de ouvir música, onde predominavam as belas canções dos Beatles, o maior sucesso daquele momento e que tanto marcou o período da A70.

A CASA DOS NATIVOS

Quem era de Piracicaba, em geral, morava com a família, e as casas dos nativos também eram lugares de grande acolhimento. Dona Rosa Vitti esperava os amigos do filho com café passado na hora; às vezes, os estudos e o compartilhamento das anotações iam até de madrugada, mas ela não se importava.

Como ela, outras famílias acolhiam os amigos dos filhos em suas casas, ora incentivando o estudo, ora oferecendo saborosas refeições. Assim, havia reciprocidade, já que os nativos eram tão bem acolhidos nas repúblicas e na Casa do Estudante, reforçando a enorme fraternidade que sempre existiu entre os estudantes da ESALQ.

O BONDE

Para muitos agrônomos da A70, quando se fala em bonde, as lembranças mais intensas são da época da Escola. Foram muitas as vivências até que o bonde fosse desativado, em 3 de outubro de 1969, no 4º ano da turma. Alguns deles participaram da última viagem do bonde, na época mantido pela própria Escola.

O sistema de bondes de Piracicaba tinha uma frota de 5 carros, todos adquiridos em segunda mão do sistema de bondes de Campinas. A Escola era a parada final dos bondes da rota Agronomia. Na década de 1960, o Sistema já tinha sido transferido da empresa americana Electric Bond and Share Co. para a Prefeitura de Piracicaba que, em 1967, encerrou o sistema da Linha Vila Rezende, transferindo a operação da Linha Agronomia para a Escola.

A ESALQ ainda continuou a operar o bonde na Linha Agronomia, entre o campus e a Praça da Catedral, durante os 2 anos seguintes. Anos áureos para os alunos da A70 que viram cenas divertidas e inusitadas, como quando o bonde era conduzido por algum estudante da Escola, que tinha se tornado amigo do condutor oficial.

Fatos que eles só puderam acompanhar depois do Baile do Bicho, já que os veteranos não deixavam os calouros andar de bonde. Foram muitas as vezes em que os bichos precisaram descer e continuar o trajeto até a Escola a pé.

A corrida para pegar o bonde ao final da aula de Anatomia, que terminava às 11h30, também ficou marcada. Ninguém queria perder aquele carro, já que logo deveriam estar de volta para as aulas da tarde.

Outra história peculiar é a da esperteza de estudantes que passavam sebo no trilho para o bonde patinar na subida... tudo com o objetivo de atrasar

o início das aulas. Também não era raro encontrar um estudante circulando dentro do bonde durante todo o percurso para fugir do cobrador.

Sentar-se na escadaria do Pavilhão da “Chimica”, de frente para aquela luminária redonda, para esperar o bonde passar, construiu uma cena que ficou indelevelmente marcada nos corações de muitos agrônomos da A70.

Os bondes elétricos em Piracicaba foram utilizados durante 53 anos. O bonde exposto no Campus “Luiz de Queiroz” desde 1969 completou 100 anos em 2012.



Bonde na década de 1960
Créditos: Acervo Celso Foelkel

O CALQ E AS ATIVIDADES EXTRACLASSE

Nem só de aulas viviam os agricultores. Piracicaba sempre ofereceu oportunidades de lazer para os estudantes, embora fosse uma cidade provinciana. O CALQ, lugar de grande efervescência política, promovia diversas atividades culturais; e a própria Escola dispunha de algumas opções, como a biblioteca, os vastos campos onde se podia jogar bola, e o ginásio do campus, disponível para diversas práticas esportivas.

Nas férias, os estudantes que não voltavam para suas cidades, tinham a opção de procurar estágio, e os alunos da A70 aproveitavam. Muitos estagiaram em empresas em vários estados, tanto nas férias de julho, quanto nas de dezembro e janeiro.



Estágio realizado na Massey Ferguson em Lençóis Paulista, em 1967 | Créditos: Acervo Godofredo C. Vitti



Viagem de estudos a Santos (SP)
Créditos: Acervo Marília Oetterer



Viagem de estudo com amigos da A70
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Viagem de estudo com a A70
Créditos: Acervo Vilma Bissoli



Viagem de estudo promovida pela ESALQ
Créditos: Acervo Ednael Garcia

Dentre todas as opções, o Centro Acadêmico era o local mais frequentado e um dos principais pontos de encontro dos universitários. Fundado em 23 de maio de 1909, o CALQ completava 56 anos quando a A70 entrou na Escola.



Carteirinhas do CALQ
Créditos: Acervo Jairo Lopes de Castro

A maioria da turma participou ativamente das atividades realizadas no local, fossem políticas, educativas ou culturais. Aliás, durante sua existência, o CALQ contou com a colaboração de centenas de estudantes.

O 1º presidente foi Luiz Teixeira Mendes, que tem um herdeiro na A70, o Otávio Teixeira Mendes Neto. Outras figuras que se notabilizaram dentro e fora da atuação estudantil ocuparam a presidência do CALQ, tais como Philippe Westin Cabral de Vasconcellos (gestão 1922/23), pioneiro a destacar o potencial agrícola dos cerrados, e Admar Cervellini (gestão 1945/46), entusiasta do uso da energia nuclear na agricultura.

Quando a A70 teve início, o presidente do CALQ era Arciley Alves Pinheiro (1966/67). Na sequência vieram João Herrmann Neto (1967/68), Antonio Carlos de Mendes Thame (1968/69) e Samir C. Ei-

de (1970/71). A turma teve vários representantes na Diretoria do Centro Acadêmico e promoveu iniciativas que entraram para a história.

À frente do Departamento Cultural, por exemplo, Luiz Celso Hernandes Teles implantou um mural no campus, estabelecendo uma nova forma de comunicação com os estudantes; e ainda realizou o 1º Concurso de Fotografia da ESALQ, com apoio e incentivo do amigo Luiz Arnaldo Gatti Bergamin (Berga).

O Jornal Opinião, O Peojota e a revista O Solo também tiveram a participação de estudantes da A70, que se engajaram na produção. Criada em fevereiro de 1909, a revista ensejava a proposta de ser uma publicação agrícola, literária e noticiosa e, na década de 1960, tornou-se o órgão oficial do CALQ. Outra iniciativa de destaque do centro acadêmico foi o boletim O Arado, criado em 1938, que trazia notas da vida cotidiana estudantil.



Jornal O Arado
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



O Peojota
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

Sem contar as inúmeras palestras promovidas no local, como a de Mario Covas, Carlos Lacerda e Roberto Costa de Abreu Sodré, então governador do estado de São Paulo. Muitos estudantes interessados nas discussões políticas reuniam-se ali. Foi uma época de intensa proliferação de ideias, um “prato cheio” para quem gostava do tema.

SEDE PRÓPRIA



Sede própria do CALQ
Créditos: Acervo CALQ

Localizada na Rua Voluntários de Piracicaba, número 429, no Centro, a sede própria do CALQ era enorme e oferecia vários serviços aos estudantes. Quando a A70 entrou, fazia apenas 3 anos que a sede tinha sido inaugurada, em 23 de maio de 1963. A solenidade de inauguração, inclusive, foi gravada pela “Rádio Difusora de Piracicaba” e transmitida pelo programa “A Voz Agrícola de Piracicaba”.

Para os estudantes, ter uma sede própria para o CALQ era um marco. O prédio de 3 pavimentos tinha restaurante, salas de aula, biblioteca, gabinete dentário, barbearia e auditório com 340 lugares. O CALQ oferecia serviços exclusivos aos esalqueanos, como assistência médica e odontológica.

Com a construção da sede própria, além do já mencionado cursinho pré-vestibular, cujas aulas ocorriam na Escola, as atividades educativas foram ampliadas, e os estudantes de Agronomia passaram a trabalhar também com a alfabetização de jovens e adultos, especialmente na 2ª metade da década de 1960, justamente o período de estudo da A70.

Quem não se lembra daquele hall de entrada, projetado para reuniões sociais e exposições artísticas? De quantos cursos e palestras esses estudantes participaram no anfiteatro, que era fácil de ser localizado assim que se entrasse no prédio? Impossível contar.

Para além dos encontros acadêmicos, o anfite-

atro também era utilizado como cinema e teatro, recebendo peças de todo o país, já que o Teatro Municipal foi inaugurado apenas em agosto de 1978.

Na época da A70, teve show com Inezita Barroso, no auditório do CALQ, e foi um sucesso de público. Ela cantava música caipira, e os agricultores amavam. A A70 também tinha sua dupla de violeiros, Gilberto Marques Soares (Mutuca) e José Procópio Ribeiro (Zé Procópio), responsáveis pela animação de muitas noites no CALQ e nas repúblicas.

O CALQ não só promovia apresentações culturais, como também instituiu grupos teatrais e musicais. Era dessa época o CALQ Quinteto, um conjunto formado por esalqueanos habilidosos na música que realizava belos espetáculos na cidade, o coral e o TULQ, o **grupo de teatro** que ganhou destaque nacional, contribuindo para que a ESALQ se tornasse referência também na área cultural.



Grupo de teatro do CALQ
Créditos: Acervo Carlos Aquino

Claro que os alunos da A70 não perderam a oportunidade de inserir um pouco mais de arte em suas vidas. Enquanto uns participavam da encenação no teatro, outros se integravam à produção das peças. O resultado extrapolava os muros da cidade. Foram muitas as viagens dos estudantes com o grupo de teatro.

As peças “A Morte do Imortal” e “A Guerra do Cansa Cavallo” foram algumas das que contaram com a participação de estudantes da A70. E detalhe: naquela época, os espetáculos eram dirigidos



Grupo de coral do CALQ | Créditos: Acervo Vilma Bissoli

por Fernando Muralha (TV Cultura) e Silvio de Abreu (TV Globo), que garantiram prêmios nacionais para o TULQ.

No CALQ havia, ainda, um andar inteiro reservado para a administração. E o 3º andar, originalmente planejado para a instalação do RUCALQ, foi utilizado como área de lazer, com a famosa boate ou “boatinha do CALQ”, que teve grande destaque para a turma.

Realizada geralmente nas noites de sábado, era um dos eventos mais esperados da semana. Primeiro pela paquera que acontecia no local onde, aliás, muitos casais se formaram. Segundo porque a turma que estivesse no 5º ano, assumia a administração da boate, a fim de arrecadar verba para a formatura. E com a A70 não foi diferente.

COMISSÃO DE FORMATURA

A Comissão de Formatura foi criada logo no início do 2º ano. Era preciso tempo para realizar eventos e angariar verba para promover aquela festa de formatura que eles queriam.

Composta por Altair, Angelo (Santista), Antonio Carlos (Xinelo), Geraldo (Bodinho), Humberto, Lélío (Ali-Kat), Milton Santamaria e Oswaldo Dalben, a Comissão ganhou reforço do amigo Luiz Sebastião Ferreira (Porquinho), colaborador ímpar no sucesso das atividades.



Comissão de formatura

E um dos trabalhos que mais contribuíram para a arrecadação de verbas foi justamente a administração da boate do CALQ. Nesse caso, muitos estudantes se empenharam e trabalharam com afinco, mesmo sem integrar a Comissão de Formatura.

Tinha uma equipe que organizava o evento, outra era responsável pelo bar e também havia os garçons. Quase todos os agricultores passaram por esta função em algum momento. Eram eles os responsáveis por subir os 3 andares do prédio com as pesadas barras de gelo e caixas de cerveja. Já a administração dos recursos e a prestação de contas ficava mesmo por conta da Comissão de

Formatura.

Era puxado, mas tudo era feito com boa vontade. E eles gostavam daquele trabalho porque aproveitavam o momento para a paquera. Esse empenho todo possibilitou uma belíssima festa de formatura para a A70, com direito a 3 bandas... bem, essa é outra história, na qual chegaremos em breve. O fato é que esse trabalho da Comissão, realizado nos bastidores e, às vezes, até despercebido, teve grande importância para a A70.

O 3º andar da nova sede do CALQ tornou-se quase a 2ª casa de muitos deles e serviu de força motriz para inúmeras empreitadas de sucesso. Ali também era espaço do importante departamento editorial, que além de produzir as apostilas utilizadas nos diferentes cursos da Escola, imprimia os panfletos políticos que seriam distribuídos pela cidade.

EFERVESCÊNCIA POLÍTICA

O CALQ sempre foi um local de efervescência política, onde se analisavam as decisões do governo, faziam conjecturas sobre o futuro do país e definiam ações para a classe estudantil.

Foram muitas as manifestações do CALQ contra a ditadura. Na época da A70 houve ações intensas que ficaram registradas nos jornais e na memória de tantos estudantes.



Manifesto contra a prisão de estudantes da UNE
Créditos: Acervo Newman Simões

- A primeira manifestação que contou com a participação de boa parte da A70 foi logo no 1º ano do curso, em 1966 e rendeu notícias de jornais e lembranças marcadas para muitos;

- O protesto contra a prisão de estudantes da ESALQ no congresso clandestino da UNE, em Ibiúna (SP), em outubro de 1968. Entre eles, vários eram da A70 e até foram absolvidos mais tarde, porém carregaram as marcas da repressão;

- Também na metade do curso, a discordância de professores que não preparavam as aulas,

transformada em greves por mudanças no ensino. Os estudantes queriam sair das tradicionais aulas de explanação, para aulas mais práticas e participativas;

- O repúdio contra o Decreto-Lei nº477, de fevereiro de 1969, conhecido como o AI-5 das universidades, que definia infrações disciplinares praticadas por professores, alunos ou funcionários considerados suspeitos de subversão contra o regime;

- A luta pela Reforma Universitária, ocorrida, finalmente, em 1970, quando 23 Cadeiras se transformaram em 15 Departamentos. Os estudantes promoveram paralisações e boicotes às aulas e às provas, reivindicando o direito de participação nos órgãos administrativos da ESALQ, como a Congregação e o Conselho Técnico Administrativo.

Enfim, foi uma época de intensa movimentação no CALQ que promovia panfletagens e passeatas, entre outras ações, consideradas contrárias ao governo da época.

A “PASSEATA PROIBIDA” DE 1966

A imponência dos cavalos e o cheiro do suor daqueles animais ficaram marcados. Muitos estudantes da A70 estavam presentes na manifestação de 1966, que enfrentou a brava cavalaria do Exército de Campinas.

A passeata que pretendia sair da ESALQ com destino ao Centro da cidade em protesto contra a prisão dos estudantes da UEE, detidos na capital paulista, deparou-se com militares e soldados do Exército deslocados de Campinas especialmente para reprimir o protesto em Piracicaba.

Havia esalqueanos de todas as turmas da época e os calouros da A70 participavam de diferentes maneiras: enfrentando os cavalos e tentando negociar com os soldados, escondendo-se e jogando bolinhas de gude para que os animais escorregassem, ou ainda, apoiando a iniciativa dos estudantes, fato que gerou grande sentimento de solidariedade entre eles. O grito de guerra “o povo unido, jamais será vencido” foi bradado repetidas vezes por eles.

Na ocasião, a Igreja Católica teve papel preponderante, já que o bispo Dom Aníger Francisco de Maria Melillo acolheu os estudantes na Catedral, protegendo-os dos soldados que cercaram a Praça José Bonifácio com seus cavalos.

Nomeado bispo de Piracicaba em maio de 1960, Dom Aníger marchou à frente das forças vivas na defesa dos princípios democráticos, não só abrindo as portas da Catedral para abrigar reunião de estudantes da Escola, como também os acompanhando na passeata, evitando confronto

com os policiais.

Muitos se lembram nitidamente de Dom Aníger saindo da Catedral com seu crucifixo em punho, como um escudo, à frente do grupo de estudantes para negociar com os militares sob olhares atentos da população, que assistia apreensiva a movimentação.

Os estudantes saíram da igreja com a proteção do bispo e puderam realizar a passeata, sob forte tensão e vigilância.

UNIÃO DOS ESTUDANTES, AI-5 E O CONGRESSO DA UNE

A cada movimento ou passeata, a união entre os estudantes se intensificava, formando um elo inquebrável. Tanto que em 1969, após a instituição do AI-5, muitos centros acadêmicos fecharam, mas 3 deles resistiram: o da USP de São Carlos, o da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e o da ESALQ; fato atribuído pelos integrantes da A70 à união que os fortalecia.

Baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, o AI-5 impulsionou inúmeras ações arbitrárias de efeitos duradouros, definindo o momento mais duro da ditadura militar brasileira (1964-1985). Em vigor até dezembro de 1978, deu poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados.

As lideranças que tinham voz na ocasião não eram nem os jornalistas, que haviam sido censurados, mas sim os estudantes, que tinham coragem de sair às ruas e gritar, então os militares ficavam na espreita para detê-los e estavam de olho no 30º Congresso Clandestino da UNE, realizado em Ibiúna em 12 de outubro de 1968, no qual foram presos cerca de mil estudantes que estavam reunidos na Fazenda Mucuru, no bairro de Apiaí, na estrada que liga o centro da cidade à Cachoeira da Fumaça.

Na época, Ibiúna tinha cerca de 6 mil habitantes e toda aquela movimentação nas estradas e no comércio da cidade, esgotando pães e chocolates, os denunciou aos militares.

“O ano que não acabou” ficou caracterizado na história mundial e na do Brasil como um momento de grande contestação da política e dos costumes. Aquele, em que a A70 cursava o 3º ano de Engenharia Agrônoma, foi o ano em que o movimento estudantil se celebrou com o protesto dos jovens contra a política repressiva do governo e em defesa de novas liberdades.

O lema “é proibido proibir” expressava a indignação e a revolta desses jovens. No Brasil, o movimento associou-se à intensificação de pro-

testos mais radicais dos universitários contra a ditadura. Por outro lado, a “linha dura” providenciava instrumentos mais sofisticados e planejava ações mais rigorosas contra a oposição.

O CALQ era um centro acadêmico preparado para esse enfrentamento: contava com uma cooperativa que produzia apostilas e, portanto, tinha uma excelente gráfica utilizada para imprimir os panfletos contra a ditadura. O ponto de distribuição era a antiga fábrica da Boyes, perto do Rio Piracicaba, onde os estudantes davam um jeito de descartar, disfarçadamente, os papéis, caso houvesse qualquer sinal de aproximação da polícia.

O advogado do CALQ ficava de plantão, bem como vários estudantes que o avisavam caso algum deles fosse preso; a intenção era evitar que os estudantes fossem levados pelos militares para São Paulo, onde dificilmente seriam encontrados ou poderiam ser defendidos.

A comunicação entre eles funcionava bem também para limpar os resquícios de panfletos contra a ditadura na gráfica, evitando que o CALQ fosse fechado. Como estratégia, os alunos guardavam as impressões em caixas nos carros, por isso os policiais nunca encontraram nada no CALQ, embora ele tenha sido revistado inúmeras vezes.

No Brasil de 1968 havia um sectarismo das esquerdas e muitos integrantes da A70 participavam daquele movimento não apenas imbuídos por questões teóricas ou ideológicas, mas pela personalidade e influência dos amigos com quem conviviam. A busca era a mesma: ter liberdade para se expressar, garantindo a participação da juventude na atividade política.

Contudo, nem todos consideravam o regime militar ameaçador, ao contrário, muitos acreditavam que a intervenção era necessária para acabar com a corrupção no Brasil; e até hoje defendem que, ainda que tenha havido alguma desvirtuação, nenhum ex-presidente daquela época ficou milionário.

Vale lembrar que o Brasil possui forte tradição militar em sua história política. A República foi proclamada por um marechal: Deodoro da Fonseca. Além dele, outros 8 militares ocuparam a presidência na história republicana, e 5 em sequência, durante a ditadura, que perdurou de 1964 a 1985. Dos presidentes militares, apenas Hermes da Fonseca e Eurico Gaspar foram eleitos pelo voto direto.

Militares aparecem em nossa política em diversos momentos do século XX, como no movimento tenentista dos anos 1920, na revolução de 1930, na intentona comunista de 1935 e no golpe militar de 1964. De acordo com parte dos agrônomos da A70, a segurança era maior, os índices de criminalidade menores e o nível das escolas

estaduais muito melhor. Para eles, o país viveu uma época de crescimento econômico, desenvolvimento e baixa criminalidade.

A prisão ocorrida em Ibiúna, contudo, provocou uma refreada na atividade política dos estudantes, até para muitos daqueles que condenavam o regime militar. Boa parte dos agricultores decidiu mudar o rumo e se distanciou da efervescência política da época. Mas não do convívio e das atividades extraclasses com os amigos, que sempre foram intensos.

HAPPY FARM

Além dos estágios e da participação em movimentos políticos, os momentos de lazer eram frequentes entre os agricultores, que tinham seus locais preferidos de convivência, muitas vezes, regados à música executada pelos próprios estudantes da A70, que construíam suas trovas na hora, animando toda a turma. O “happy farm” dos esalqueanos deixou lembranças indelévels para muitos deles.

E quem não se lembra do tão frequentado Jardim da Cerveja? Restaurante em estilo alemão, bar, salões com pista de dança, conjuntos musicais tocando simultaneamente em diferentes ambientes, era uma das maiores casas de diversão do interior. Funcionava ali na Avenida Carlos Martins Sodero; tinha um tamanho exagerado para a época e acabou fechando quando outras opções similares foram surgindo em Piracicaba. No início da década de 1970, seus amplos salões foram adaptados e acomodaram as salas do Cursinho CLQ, conhecido pela A70 como cursinho do Torigoi.

Outro programa que os agricultores adoravam eram os boliches Baú e Bem Bolado, ambos na Rua 13 de Maio. Mais tarde, o Boliche Baú deu lugar ao também famoso e muito frequentado **Jequibau**. Assim como o Jardim da Cerveja, o Jequibau abria religiosamente para os embalos noturnos com shows de artistas nacionais e internacionais. Uma das principais atrações era o grupo de Piracicaba Megassons, inspirado nos Beatles, elo universal que movia a juventude da época.

Sem contar que ficava perto do CALQ e servia bons chopps. Aliás, a “choppada” era programa recorrente, fosse nos bares ou nas festas em repúblicas. E quem não era do chopp, era do ponche, da cuba libre, do gin tônica, do chuvisco ou das tradicionais caipirinhas. Já quem não bebia, ficava responsável por negociar com os policiais quando ocorria alguma denúncia dos excessos.

Mas havia outros locais muito frequentados como o Café Haiti, a Brasserie, a chocolataria Passarela, o Vitaminado Brasil, o Grill Dog, o Tanaka, o Sujeirinha e o Bidito. Foram muitos os momen-

tos ali compartilhados, as farras organizadas e as estrepolias, como os furtos de taças e guardanapos em alguns desses locais.



Cartaz Jequibau
Créditos: Acervo Godofredo C. Vitti

E quem era “pé de valsa” não perdia as matins dançantes que ocorriam no Clube Ítalo Brasileiro, Atlético Piracicabano, Cristovão Colombo, Clube Coronel Barbosa e na Sociedade Beneficente Sírio Libanesa.

Os deliciosos cinemas da cidade também faziam sucesso entre os casais: na Rua Benjamin Constant ficavam o Cine Colonial e o **Cine Palácio**,



Cine Palácio
Créditos: Acervo A Província

tido, na época, como o maior e mais belo cinema do interior do estado, que exibia grandes filmes acompanhando o roteiro programado pelas empresas nas grandes cidades. Um dos filmes lembrados pela turma é Zorba, o Grego.

Havia outros cinemas entre eles, os mais frequentados pela A70 eram os cines São José e Broadway, localizados na Rua São José; o **Cine Politeama**, que ficava na Praça José Bonifácio e o famoso Cine Plaza, destruído na queda do edifício Luiz de Queiroz, mais conhecido como **Comurba**, uma tragédia que matou 54 pessoas em 6 de novembro de 1964, e marcou a história de Piracicaba. O Cine Plaza foi bastante frequentado pelos “nativos” ou



Cine Politeama
Créditos: Acervo A Província

por aqueles que chegaram antes à cidade para concluir o Científico ou fazer cursinho.

Outro ponto de encontro dos bon-vivants da A70 era a lanchonete **Daytona**, a primeira a servir o tão famoso hamburger visto no cinema. Ficava na esquina da rua Boa Morte com a rua Moraes Barros, em frente à Praça José Bonifácio. Os ambientes da época eram chamativos e convidavam para as reflexões sobre a vida ou mesmo para o lazer descontraído e sem compromisso dos estudantes. Há quem ainda se lembre do Bar do Meio, do Bar do Décio e do Restaurante Ortiz, com suas deliciosas pizzas.



Daytona
Créditos: Acervo Restaurante Frios Paulista



Comurba | Créditos: Acervo Câmara de Vereadores de Piracicaba

O ALVINEGRO

Os mais aficionados por futebol também carregam boas lembranças do time da cidade. Isso porque frequentavam o **Estádio Barão de Serra Negra**, a casa do **Esporte Clube XV de Novembro de Piracicaba**. Inaugurado em setembro de 1965, pouco antes da A70 iniciar o curso na ESALQ, o estádio conhecido simplesmente como Barão foi palco para jogos do campeonato paulista e recebeu times como Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos, causando um dilema para os piracicabanos que, em geral, são torcedores do XV de Piracicaba e de mais algum clube paulista.



Barão de Serra Negra
Créditos: Acervo Dayanne Arthur - XV de Piracicaba



Estádio Roberto Gomes Pedrosa
Créditos: Acervo Pessoal de João de Almeida



Torcedores na arquibancada do XV
Créditos: Acervo Rocha Netto - CCMW - IEP

Na A70 também houve quem assistiu a vários jogos no extinto **Estádio Roberto Gomes Pedrosa**, construído na rua Regente Feijó com ajuda de torcedores do XV de Piracicaba para que a equipe pudesse disputar os jogos da 1ª divisão estadual.

Era chamado popularmente de “Panela de Pressão”, já que, sendo pequeno, ficava lotado facil-

mente impondo muita pressão ao time adversário. Por muito tempo recebeu jogos do XV e também vários craques, como o rei Pelé. Anos mais tarde foi demolido e hoje em dia o terreno abriga um hipermercado, mas para muitos da A70, aquele é um lugar de agradáveis recordações.



Time do XV em 1967 | Créditos: Acervo Edson Rontani Junior

O XV de Piracicaba também se destacou por seu **time de basquete** consagrado entre os melhores do interior paulista. Aliás, os primeiros movimentos da bola ao cesto em Piracicaba aconteceram no quintal de um aluno da ESALQ, nos idos de 1906. E em 1954, quando o Alvinegro apareceu pela 1ª vez nos Jogos Regionais, a equipe era formada por estudantes da cidade, em sua maioria alunos da Escola Agrícola. Entre 1954 e 1968, o basquete piracicabano viveu anos de ouro, sendo campeão de 9 edições dos Jogos Abertos do Interior e vice-campeão em outras 5.

O 1º time oficial do XV de Piracicaba era formado por Wlamir Marques, Pedro Vicente Fonseca (Pecente), Manoel Bortolotti, José de Paula

Motta, João Ferraz de Arruda, João Luiz de Moraes, José Lázaro Rensi Coelho (Zé Côco), Luis Dutra, Ubaldo Oléa, José Carlos Ometto (Zé Obinha), Norberto Pelegrino, Antonio Travaglini e Arari Marconi. Mais tarde, a equipe ganhou reforço com a chegada de outros jogadores, como Waldemar Blatkauskas.

Conhecido como “a máquina”, Waldemar tornou-se um ídolo e ajudou a difundir o nome da cidade, mas morreu no auge da carreira em um trágico acidente. O ginásio onde muitos jogos foram realizados leva seu nome e integra o Conjunto Esportivo Municipal, que conta também com miniginásio, conjunto de piscinas, pista de atletismo e com o estádio Barão de Serra Negra.



XV de Piracicaba - basquete 1966 | Créditos: Acervo Zinsly de Mattos

ESTREPOLIAS DA JUVENTUDE

Foram muitas. O pessoal da A70 se lembra bem, mas ninguém se arrisca a dar nomes aos bois. As pescarias escondidas no lago da Escola e os furtos eram as mais recorrentes; alguns estudantes pegavam desde frutas no campus até patos e carneiros para as refeições. Em uma das vezes que furtaram uma cabrita, souberam logo depois que ela tinha dado filhotes, ficaram com dó e a devolveram, escondido, claro.

Outra história que ficou marcada na turma ocorreu logo no 1º ano do curso. Era véspera da prova final de Matemática e um grupo de alunos que saía de um bar decidiu passar no aviário da Escola para roubar patos. Cada um carregava um

pato debaixo de cada braço e um dos estudantes ainda roubou a bicicleta do guarda; quando os alunos foram passar em frente à guarita, o flagrante aconteceu. Eles estavam em 6 e metade conseguiu fugir. Um deles, pisme, deu com o pato na cara do guarda e saiu correndo. A outra metade foi detida e os pais dos estudantes precisaram intervir para que eles fossem liberados.

Outra história que ficou marcada foi a de um grupo de alunos que havia furtado um pato no jardim da Escola e convidou um professor para almoçar na república, no entanto, o que era para ser um momento de descontração, tornou-se um momento de tensão, já que o pato era velho e não havia meios para cozinhá-lo. Até hoje os estudantes se lembram da vergonha que passaram diante

do professor.

Apesar das travessuras, ou justamente por causa delas, os agricultores faziam sucesso entre as mulheres; tanto entre as piracicabanas, quanto em meio às jovens moças do cabaré, carinhosamente conhecido como “Ripolândia”. Era comum ver esalqueanos por lá, bem como ver as moçoilas de lá nas repúblicas ou, sorrateiramente, na Casa do Estudante, onde a frequência delas era proibida. E a fama dos agricultores era tão grande, ou suas lâbias, que muitas vezes conseguiam levá-las consigo sem gastar um tostão. Estripulias da juventude.

CAUSOS DA A70

Muitas das histórias até aqui relatadas podem ser reconhecidas também por esalqueanos de outras turmas, afinal, referem-se a um período de 5 anos (1966 a 1970). Mas as seguintes são exclusivas da A70. São causos resgatados durante as entrevistas realizadas para este livro, que marcaram a vivência desses engenheiros agrônomos na Escola. Qualquer semelhança é mera coincidência ou reminiscência de uma lembrança.

Há causos sobre as aulas, que só quem viveu se lembra. No 2º ano, o professor Almiro Blumenschein ordenou que a sala se dividisse em grupos de 5 alunos para a realização de um trabalho. Duas colegas ficaram de fora, porque moravam em pensionato e teriam horários restritos para auxiliar o grupo, e quando o professor soube, desmanchou todos os grupos e redividiu a sala, nomeando quem ficaria em cada equipe, integrando, desta forma, as alunas “rejeitadas”.

Já o temido professor Frederico Pimentel Gomes, que atribuíam muitos zeros aos alunos, tinha uma forma simples e objetiva quando um estudante ia reclamar com ele por ter tirado um zero: aplicava outra prova que, em geral, de nada resolvia. O que eles queriam mesmo era ganhar a nota de graça do professor. Pode isso?

As provas de Topografia, realizadas no fim de tarde, também ficaram marcadas, não apenas pela dificuldade da matéria, mas pelos desafios de realizá-las sendo picados nas pernas pelos inúmeros pernilongos que havia no campus.

E das aulas de Mecânica, quem se lembra? Cada dupla tinha a tarefa de desmontar e depois montar um motor, o que proporcionava um aprendizado prático fantástico. Porém, havia duplas que não conseguiam cumprir o feito de jeito nenhum e hoje se lembram com graça do desastre que eram as tentativas. Houve também quem conseguiu empinar o trator, mas pulou para fora evitando um acidente.

E ainda teve estudante aprontando. Dois monitores que eram responsáveis por buscar e levar

os tratores, da garagem para a frente do Pavilhão de Engenharia, onde ocorriam as aulas, decidiram apostar corrida e acabaram sofrendo um acidente. Só não foram punidos porque imploraram para o professor não contar para ninguém. Isso porque eles já tinham sido pegos furtando os patos no 1º ano do curso e temiam ser expulsos.

Outro detalhe que marcou a época foi o contato com as famílias ou com as namoradas, que ficavam na terra natal; os estudantes precisavam ir ao posto telefônico solicitar a chamada e aguardar horas para conseguir completar a ligação. A sigla de Discagem Direta à Distância [DDD] foi rebatizada por aquela geração como Dois Dias de Demora.

Por outro lado, não havia demora se o assunto fosse carona. Aquela era uma época em que se pegava carona facilmente e de modo muito organizado para outras cidades. E esse era o recurso da maioria dos estudantes que queria visitar a família. As cidades mais cotadas eram São Paulo, Santos e Campinas, por serem cidades de acesso a outras menores.

AS MEMORÁVEIS VIAGENS DA A70

Se tem algo que deixou fortes lembranças para muitos agrônomos da A70 foram as viagens realizadas durante o curso: uma com destino à Europa, duas rumo ao Chile e muitas para diferentes regiões do país, promovidas pelo **Projeto Rondon**.



Projeto Rondon
Créditos: Acervo Ednael Garcia

Experiência marcante

“O Rondon é como uma tatuagem que fica na pele para sempre.” A afirmação do Ministro do Superior Tribunal Militar, José Barroso Filho, na Revista Mundo Rondon nº 2, expressa exatamente o que significou a iniciativa na vida daqueles estudantes, que puderam conhecer e atuar em realidades tão distantes.

A ideia de levar a juventude universitária a conhecer a realidade brasileira e a participar do



Projeto Rondon
Créditos: Acervo Altair Lombardi



Viagem pelo Projeto Rondon
Créditos: Acervo Ednael Garcia

processo de desenvolvimento de diversos municípios nasceu justamente em 1966, durante reunião realizada no Rio de Janeiro, com a participação de universidades do então Estado da Guanabara, do MEC e de especialistas em educação. A semente do Projeto Rondon havia sido lançada.

Em 11 de julho de 1967, ocorreu a expedição da 1ª equipe, quando 30 universitários e 2 professores de universidades do antigo Estado da Guanabara conheceram de perto a realidade amazônica no então território federal de Rondônia. A missão durou 28 dias.

Tão logo os estudantes retornaram, propuseram a criação de um movimento universitário que desse continuidade ao trabalho. A esse movimento deram o nome de Projeto Rondon, em homenagem ao bandeirante do século XX, o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.

No ano seguinte, o trabalho expandiu-se para a Amazônia e para o Mato Grosso, com 648 jovens, exigindo mais apoio do Governo. Durante o período em que permaneceu em atividade, integrando a estrutura do Governo, o Projeto Rondon envolveu mais de 350 mil universitários em todas as regiões do País, dentre eles, muitos da ESALQ.

As histórias vividas nessas viagens também ficaram guardadas em detalhes. Altair Lombardi (Nativo) lembra-se bem de quando esteve em Montalvânia (MG), com o amigo Edson Tavares da Silva (Chefão). Foi em 1968. **A foto feita em frente à pensão** onde ficaram instalados também os ajuda a lembrar dos detalhes. Agregada ao prédio havia um boteco, lugar de reunião e descontração após o trabalho. O prefeito (o 2º da esquerda para a direita, em pé) era parente do fundador da cidade e o contato com os estudantes foi bem próximo.



Projeto Rondon - Montalvânia (MG)
Créditos: Acervo Altair Lombardi

Como não havia muito serviço relacionado à Agronomia, os estudantes apoiavam a equipe médica e odontológica, inclusive com aplicações de injeção. A convivência era tão boa que no segundo dia, no fim do expediente, Altair assumiu o comando da produção de caipirinha no boteco ao lado da pensão, habilidade que aprendeu com o seu pai.

E qualidade da bebida cativou o prefeito, que após experimentá-la, tornou-se freguês. A caipirinha foi batizada de Piracicaba. Todos os dias, o prefeito passava por lá para degustá-la e, de vez

quando, colocava todo o grupo em cima de seu Rural Willys e levava os estudantes a diferentes fazendas da região. Com isso, além de levar suporte técnico aos agricultores, o grupo pôde levar muita alegria. A tristeza só apareceu na hora da despedida.

No ano seguinte, outra aventura pelo Projeto Rondon. Altair, Ariovaldo Roque Quintana (Veinho) e Edson José de Arruda Leme (Edsinho) foram para Sete Barras (SP), no Vale do Ribeira. A maior dificuldade da viagem, segundo Altair, era tirar os amigos da cama logo cedo. Mas o grupo fez um bom trabalho, cadastrando produtores de bananas, verificando as suas necessidades e levantando dados que serviram de subsídio para um projeto que foi entregue ao prefeito.

O bom desempenho dos rapazes os levou a ter condução à disposição deles, tanto para trabalho, como para lazer, o que lhes permitiu visitar várias cavernas famosas na região, como a Caverna do Diabo. E apesar da dificuldade de acordar cedo, o empenho foi tão grande que gerou grandes resultados.

Naquele ano, o município de Iguape (SP) recebeu a visita de Antônio José Rodrigues Filho, secretário de Agricultura no governo de Ademar de Barros. Altair já o conhecia, porque o ex-secretário tinha sido contemporâneo de seu pai no Colégio Piracicabano. Quando Altair se identificou, apresentando seus amigos e o prefeito de Sete Barras, e mencionando o trabalho desenvolvido na região, Rodrigues Filho sugeriu que o trabalho fosse levado à SAA, o que fizeram na companhia do prefeito, completando, desta forma, a missão do grupo.

Segundo Altair, o prefeito ficou tão satisfeito com o trabalho dos esalqueanos, que franqueou um barzinho ao lado do hotel para que eles pudessem se divertir. E foi em Sete Barras, em uma TV preto e branco, que o trio viu o homem pisar na lua pela primeira vez, na casa do prefeito, com a companhia de suas filhas, que lhes serviram chá, seguindo um ritual japonês jamais esquecido por eles.

Quem também vivenciou histórias inesquecíveis no Projeto Rondon foi Ednael Bizarro Rosa Garcia (Dina), que viajou de avião pela primeira vez em uma aeronave da FAB. O pouso foi em Luzilândia (PI), onde o grupo de estudantes ajudou a montar a **primeira horta da cidade**.

Se por um lado, tiveram a alegria de poder ajudar, por outro tiveram a tristeza de observar a exploração política no local. Ednael se lembra bem, que os poços de águas eram abertos nos terrenos onde havia maior interesse político e não onde havia real necessidade.

A viagem ao Piauí também foi marcada por um incidente. Convidado para ir a uma festa em uma



Projeto Rondon - orientação sobre agricultura no PI
Créditos: Acervo Ednael Garcia

cidade vizinha, Ednael surpreendeu-se ao saber que os estudantes voltariam em uma carroceria, puxada por um trator. Para o jovem, tudo é uma grande aventura e rapidamente ele se acomodou na tábua improvisada como assento. Contudo, o veículo se envolveu em um acidente e vários estudantes se machucaram. Ednael quebrou o braço e cortou a testa.

O susto foi grande, mas a participação no Projeto Rondon valeu a pena. Não só pelas experiências vividas, mas também porque foi naquela viagem que Ednael conheceu Ana Beatriz Fornos, com quem se casou em 1974, e teve dois filhos.

O Projeto Rondon possibilitou que os estudantes da ESALQ conhecessem diversos recantos de nosso país. Wilson Roberto Soares Mattos foi para Rio Branco (AC) e também teve a experiência de uma viagem no avião da FAB, marcada por um incidente: a aeronave quebrou em Porto Velho (RO). Mas ninguém se machucou.

Com tudo resolvido, os estudantes puderam seguir para Rio Branco, onde auxiliaram a comunidade com noções básicas de agricultura. A experiência de ajudar pessoas carentes que realmente precisavam daquelas informações, lhe trouxe muita satisfação.

E a ousadia do jovem ficou marcada na viagem de volta a São Paulo, quando os estudantes levaram consigo vários animais. Wilson pegou um papagaio e dois macacos. Naquela época, não havia proibição.

Abrão Grade Diniz participou do Projeto Rondon nas férias do quarto ano do curso. O grupo dele foi para Macapá (AP), onde permaneceu durante um mês. Para Abrão, conhecer um novo estado, novas culturas e ainda poder auxiliar ensinando o cultivo de hortas domésticas foi uma experiência incrível.

O Rondon era isso. Viabilizava viagens diferentes levando os estudantes a povoados distantes que, se não fosse pelo projeto, possivelmente eles jamais conheceriam. Ao menos não naquela época. A Ilha de Marajó e o município de Altamira, ambos no Pará, foram os locais conhecidos pelos colegas Augusto Kozuki e Antonio Aparecido Longhi, respectivamente.

Além deles, outros colegas das A70 tiveram a grata experiência de participar do Projeto Rondon. Não raro, esses estudantes deparavam-se com histórias de grande escassez de recursos ou de intensa dominação política.

Muitos puderam colocar a mão na massa e auxiliar comunidades transmitindo seus conhecimentos sobre agricultura. Outros puderam observar e auxiliar os profissionais que ali prestavam assistência à saúde. Todos puderam tirar grandes lições daquelas vivências e voltaram transformados da viagem.

Europa, aí vamos nós!

Era 28 dezembro de 1969 e faltava um ano para a conclusão do curso de Agronomia na gloriosa ESALQ; se por um lado, os agricultores começavam a ser tomados por uma expectativa do que seria a vida profissional, com novas responsabilidades, por outro queriam aproveitar ao máximo os últimos momentos.

Naquele dia, 22 alunos da A70 partiram rumo à Europa para desfrutar uma viagem até então inimaginável para muitos deles, que passaram a infância no sítio. No dia da partida foi uma festa



Viagem à Europa | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

só, poucos colegas já tinham viajado de avião. E em meio a visitas técnicas e passeios pelos países europeus, esses jovens vivenciaram momentos incríveis, que ficariam para sempre marcados em suas memórias.



Viagem à Europa
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

O roteiro da viagem de quase 60 dias incluía 12 países: Inglaterra, França, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Suécia, Alemanha, Suíça, Áustria, Itália, Espanha e Portugal. Tudo foi coordenado pelos alunos 'Evoneo' (Taturana) e Joaquim. O grupo foi acompanhado pelo professor Eduardo Castanho Ferraz, o Dadinho, que levou consigo sua querida esposa, Silvia Regina Tricanico Ferraz.

Além deles, participaram da viagem os "A70" Ana Cândida (Aninha), Ernesto Dal Ben (Tido), Antonio Lima (Tonhão), Aquino (Baiano), Chuiti Koyama, Eloah, Rivaben (Socó/Charqueada), Fernando (Alemão), Fred Bottino (Beló), Hélio Dimas, Iralu, José Alescio (Zarur), Verani (Miudinho), Marcos (Xerife), Nilo (Baiano), Oswaldo

Dalben (Tita), Onório Kitayama (Jurupoca), Otávio (Campineiro), Roberto (Pardal) e Shingiro (Xixi).

A viagem técnico-cultural no fim do curso de Agronomia era uma das tradições da ESALQ e, portanto, era endossada pela Diretoria, que emitia cartas de apresentação às instituições estrangeiras e exigia a presença de um professor que pudesse acompanhar a turma. Contudo, os recursos para realizá-la eram responsabilidade dos agricultores, que faziam de tudo para angariar fundos com esse fim.

A A70 montou uma Comissão de Viagem, agregada à Comissão de Formatura, já constituída na época. No início, muitos se empenharam, mas no decorrer do processo, devido às dificuldades encontradas pelo caminho, os rumos mudaram para alguns e apenas 22 permaneceram no projeto. Alguns tinham função definida, mas todos tinham que ajudar a levantar verba.

Aquino foi o encarregado de obter os passaportes no Itamaraty, no Rio de Janeiro, e conseguiu cumprir sua meta. Nilo conseguiu 24 pas-



Viagem à Europa
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Viagem à Europa | Créditos: Acervo Otávio T. Mendes Neto

sagens para a Europa no IBC, contemplando a todos. E embora não tenha participado da viagem, porque estava trabalhando, Clarindo foi o responsável por negociar o patrocínio com um diretor da CBT, com êxito.

O grupo trabalhou durante um bom tempo em busca de patrocínios para cobrir as despesas da viagem. E o esforço valeu a pena, as conquistas



Viagem à Europa teve passaporte especial
Créditos: Acervo Ernesto Daí Ben

foram muitas: quase todas as estadias em hotéis, as refeições e os traslados na Europa foram pagos por empresas estrangeiras.

Foram dias de intensa proximidade que trouxeram muito aprendizado para os estudantes, tanto em termos técnicos, quanto em relação à convivência, amizade e solidariedade. Para muitos, que até então eram tímidos e acanhados, a viagem foi um divisor de águas. Sem contar a riqueza de conhecimento que proporcionou a todos.

Na Europa, visitaram empresas ligadas à agricultura, centros de pesquisas, fazendas e indústrias. E, claro, também os pontos turísticos importantes de cada país. A viagem começou por Londres, onde o grupo acompanhou a Troca da Guarda, foi a uma discoteca na Regent Street, e passou o réveillon na tradicional Trafalgar Square em Londres. E nesta cidade a turma encontrou o professor João Lúcio de Azevedo, da ESALQ.

Em Paris, passaram por belos pontos turísticos, como Louvre, Torre Eiffel, Universidade Sorbonne, Catedral de Notre-Dame, entre outros; ainda na França, visitaram a Estação Experimental Agrícola da Rhône-Poulenc (Rhodia), em Émerainville, e o Centro de Pesquisas Farmacêuticas e Agrícolas Nicolas Grillet da Rhône-Poulenc (Rhodia), em Vitry-sur-Seine. O roteiro de visitas técnicas incluiu o Centro de Pesquisas Agronômicas de Bruxelas e a fábrica de inseticidas e produtos farmacêuticos da Philips, em Amsterdam

Na Suécia foram fortes as emoções, muitos deles ainda se lembram; tudo no país era caro e começou a faltar dinheiro. Passaram aperto. Sem contar o frio daquele inverno, com temperaturas bem abaixo de zero grau. E aquela era a época da Gripe de Hong Kong, a 3ª pandemia de gripe do século XX, iniciada em 1968 na China. Na Euro-



Viagem à Europa | Créditos: Acervo Ana Aguirre Primavesi

pa, a difusão foi mais lenta, apresentando-se em 2 ondas epidêmicas, tendo os primeiros surtos surgido em 1969.

Transmitida por aves, sobretudo as criadas soltas e sem higiene, a Gripe de Hong Kong provocava febre alta, cansaço e dor nas articulações. Com uma progressão rápida e avassaladora, matou muita gente em pouco tempo. O mundo caminhava em direção a um maior número de voos internacionais, o que aumentou a transmissão do vírus. Apesar da apreensão, o grupo da A70 saiu ileso. E ainda pôde se divertir com a neve.

O frio de Estocolmo também não os impediu de realizar as visitas técnicas e turísticas programadas para a capital. Já no aeroporto de Frankfurt teve sessão de autógrafos dos jogadores da

seleção alemã e, na cidade, visita à indústria Hoechst. Em Ludwigshafen conheceram uma casa de vidro que se deslocava e contava com irrigação automática, uma novidade para a época.

Já na Suíça, o grupo foi dividido em 3 para realizar visitas à Sandoz, Geigy e Ciba, onde muitos da A70 trabalharam mais tarde. Em Roma não poderiam faltar as visitas à Capela Sistina, à Fontana di Trevi e ao Vaticano, onde tiveram a benção do Papa Paulo VI.

O grupo ainda passou por Madrid e depois por Lisboa, onde os estudantes visitaram a Pfizer e o Instituto Superior de Agronomia. Então esticaram até Setúbal, onde conheceram o Castelo de São Filipe. E quando já estavam ansiosos para voltar ao Brasil, souberam que o voo havia sido cancelado. A Fundação Gulbekians os presenteou com alguns dólares para que aguentassem mais uns dias longe da Pátria.

Na hora da partida, outra surpresa: o grupo foi retido no aeroporto por supostamente não ter pago todas as despesas da viagem. Foi então que Nilo se lembrou de um adido cultural do Brasil, com quem viajara no voo para Estocolmo; ligou para ele e recebeu todo o auxílio. O mal-entendido foi resolvido. Os esalqueanos da A70 chegaram ao Brasil no dia 26 de fevereiro de 1970. Ufa! Uma viagem para ficar na história.



Viagem à Europa | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

¿Hola, que tal?

Dois grupos da A70 viajaram para o Chile acompanhados por professores da ESALQ. Nos dois casos, o destino foi escolhido como uma alternativa mais viável para quem não pudesse ir para a Europa, e ambos conseguiram realizar viagens tão inesquecíveis quanto, que fortaleceram a amizade e até hoje lhes trazem boas recordações.

Uma das aventuras teve início com a criação do “Grupelho”, batizado com esse nome pelos próprios integrantes: Antonio Carlos (Xinelo), Arlei, Nelson (Xaruto), Newton (Rabisco) e Valderez (Al Kapone). O Newman (Piava) também foi um dos idealizadores do grupo e ajudou a articular muitas ideias, embora não tenha viajado. O professor Roberto Vicente Cobbe os acompanhou, endossando o périplo como representante da Escola.



Grupelho em viagem ao Chile
Créditos: Acervo Valderez Ferreira da Silva

O desafio do Grupelho era angariar verbas para a viagem e eles decidiram rifar um Fusca, mas ninguém imaginava venderiam mais de 200 números. E a vida ainda lhes reservava outra surpresa: o número sorteado era um dos que não tinham sido vendidos! Assim, com grande euforia, juntaram o dinheiro do Fusca aos valores extras e compraram uma Aero Willys, da Ford.

As atribuições foram divididas entre os estudantes: um era responsável por controlar os



Grupelho e o Furacón rojo
Créditos: Acervo Valderez Ferreira da Silva

gastos, outro por fazer contato com empresas e também tinha o encarregado de elaborar um relatório diário. O professor Cobbe era o principal condutor do memorável “Furacón Rojo”, apelidado à Aero Willys, que os levou por mais de 13 mil quilômetros nos 40 dias de viagem.

Os 6 mosqueteiros penduraram uma faixa atrás do carro escrito “Piracicaba” e partiram passando por várias cidades no Sul do Brasil, no Uruguai, na Argentina, no Chile e no Paraguai. Visitaram entidades e estações experimentais ligadas à Agronomia, entre elas o então Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas; fizeram até um curso sobre a Reforma Agrária do Chile, ministrado por técnicos da FAO.

No Brasil, o grupo esteve em Curitiba (PR), Paranaguá (PR), Joinville (SC), Blumenau (SC), Caxias



Cristo Redentor dos Andes
Créditos: Acervo Valderez Ferreira da Silva

do Sul, Porto Alegre, Pelotas e Chuí, todos no RS; no Uruguai, visitaram Rocha, Punta del Este, Montevideu e Paysandú; na Argentina, Colon, Zarate e Buenos Aires; atravessaram o deserto da Patagônia e atingiram San Martín de los Andes e Bariloche. As belas paisagens deixaram aqueles agricultores encantados. Foi a 1ª vez que muitos deles saíram do país.

Atravessaram os Andes e passaram por Osorno, Viña Del Mar, Santiago e Valparaíso até chega-



Grupelho em viagem ao Chile
Créditos: Acervo Valderez Ferreira da Silva

rem ao topo da Cordilheira, a quase 4 mil metros de altitude. Da Argentina foram até o Paraguai, onde visitaram Assunção, e depois foram para Foz do Iguaçu (PR).

O grupo chegou em Piracicaba no dia 2 de março de 1969, completando 40 dias de grande aventura no “Furacón Rojo”. A viagem foi destaque no recém-criado Informativo da ESALQ, que em março daquele ano estava em sua 4ª edição.

¿Hablas español?

Fazia cerca de um ano que Fernando Valadares Novaes, o Cuiabano, havia se tornado professor da ESALQ quando foi convidado por um grupo da A70 para ser o responsável por acompanhá-los em uma viagem com destino ao Chile, que ocorreria de 5 a 30 de janeiro de 1970. A diferença de idade entre professor e alunos era pequena, o que fez a aproximação entre eles ser grande. Todos tinham espírito aventureiro e Fernando aceitou de imediato o convite.



Prof. Fernando Valadares durante viagem com a A70
Créditos: Acervo Fernando Valadares

A presença do professor permitiu que a viagem fosse endossada pela Diretoria da Escola, que cedeu um ônibus e o motorista Saur para que o grupo percorresse parte do trajeto, além de fornecer cartas de recomendação para que os estudantes pudessem visitar empresas do setor agrícola no caminho.

O combustível era por conta dos estudantes, que promoveram muitas ações para viabilizar a peregrinação. Uns venderam rifas, outros vacinaram animais, enfim, cada um inventou o que pôde para levantar verba. O grupo era composto por 10 agricultores da A70: Godofredo Vitti (Traça), Luiz Carlos (πrú), Plínio Raserá, Bergamin (Berga), José Manoel (Zélito), Márcio Fonseca (Xuxu), Luiz Fernando (Tupã), Humberto, José Osmar (Saltinho) e Edson Tavares (Edsão).

O 1º destino foi Curitiba (PR), onde chegaram ao anoitecer. Sem um local agendado previamente para o pouso, dirigiram-se a um Quartel



Viagem ao Chile
Créditos: Acervo Fernando Valadares

do Exército, onde conseguiram ocupar um alojamento que, coincidentemente, estava preparado para receber seus novos recrutas no dia seguinte. Ali começava a epopeia.

No dia seguinte partiram para Camboriú (SC), mais uma vez sem nada agendado; após as apresentações e com a carta de recomendação da ESALQ em mãos, conseguiram pouso nos alojamentos do Colégio Agrícola, cujos alunos encontravam-se em período de férias.

No caminho para Punta Del Este, ao passar na cidade de Maldonado, souberam que ali situava-se a fazenda do ex-presidente João Goulart, exilado naquele país após ter sido deposto da Presidência do Brasil. Sem pestanejar, decidiram parar naquela propriedade. Identificaram-se como estudantes da USP e foram gentilmente recebidos por Jango. Depois seguiram para o balneário, novamente sem um local para pouso e, então, “acamparam” dentro do ônibus.

Na manhã seguinte, rumaram para Colônia do Sacramento, ali deixando o ônibus e cruzando de ferry-boat o Rio da Prata até Buenos Aires. Na travessia, mais uma atitude pitoresca dos jovens da A70: cantando e dançando, passavam o chapéu para arrecadar dinheiro junto aos passageiros do



Viagem ao Chile
Créditos: Acervo Fernando Valadares

barco. Finalmente, na capital portenha, puderam dormir em um hotel. Na bolsa carregavam consi- go pó de café e cachaça para trocar por alimentos ou especiarias nos países visitados.

Para chegar ao Chile, outra aventura: o grupo atravessou a Cordilheira dos Andes por aquela estrada tortuosa e sem pavimentação, em uma pequena Van, que subiu cerca de 4 mil metros acima do nível do mar. No acostamento, gelo. Os alunos quase não respiravam e naquele momento o professor Fernando sentiu o tamanho da responsabilidade.

Em Santiago, além de conhecer os pontos turísticos e visitar algumas empresas do setor, o grupo ainda pôde assistir a uma partida de futebol entre Santos F.C. e Colo Colo, no Estádio Nacional do Chile, com direito à presença do rei Pelé. O Santos perdeu por 4 x 3, mas os alunos ganharam um momento inédito em suas vidas. Muitos deles viajavam pela 1ª vez para o exterior.

Outro detalhe que ficou marcado, foi a descida da serra para Mendoza, na volta, de madrugada; a sensação do grupo era de que o motorista do micro-ônibus estava com sono, então em vários momentos do percurso todos os passageiros batiam palma para evitar um cochilo. Quando a serra terminou, um longo suspiro de alívio acompanhou o grupo.

Naqueles 15 dias de aventura, os agricultores visitaram diversas vindimas, adegas e pontos turísticos do Chile. Passaram por Valparaíso e Viña Del Mar e, embora animados, ninguém se encorajou a entrar nas gélidas águas do Pacífico.

O 1º TRABALHO, A GENTE NUNCA ESQUECE

No Brasil, a ferrugem do café foi constatada pela 1ª vez na Bahia em 1970, espalhando-se velozmente para o estado de São Paulo. Sua rápida dispersão nas lavouras levou o IBC a contratar muitos alunos da A70, já quase no fim do curso, para uma averiguação dos cafezais, na tentativa de criar uma barreira sanitária na divisa de São Paulo com Minas Gerais, tendo como base central a cidade de Franca (SP).

O custo para controle da ferrugem representava até 20% das despesas de custeio total. Já a perda na produção, se não houvesse controle, atingia até 50%, por isso, o trabalho foi grande. Só nessa região foram constituídos 15 grupos com cerca de 5 participantes da A70 em cada um. Quase metade da turma integrou essas equipes de vistoria para identificar os focos da doença nas lavouras.

A intenção até que era boa, embora não tenha sido possível controlar a doença de imediato. Se não ficou para muitos estudantes a força de ter

contido uma praga, ficou a certeza de que haveria um vasto campo e um longo caminho pela frente a ser trilhado.

PREPARANDO O TERRENO

O curso estava quase todo finalizado e era preciso preparar o terreno para a formatura. A comissão responsável, formada em 1967, trabalhava muito para arrecadar verba e viabilizar uma bela festa de formatura. Embora não integrasse a comissão, um aluno em especial também deu duro nessa empreitada: Luiz Sebastião Ferreira, o Porquinho, braço direito dos amigos.

Foram vários os eventos realizados a fim de angariar fundos para a festa de formatura, entre eles, a “Noite Dourada”, em maio de 1967, com **show de Nara Leão**, que apareceu de calça jeans decepcionando aos muitos que queriam apreciar seus famosos joelhos. Mas dançou alegremente com alunos da A70, numa noite inesquecível.



Convite Nara Leão
Créditos: Acervo Vilma Bissoli

Havia ainda os famosos bailinhos no CALQ, cuja administração era por conta dos formandos. O trabalho era intenso e ia desde a produção do evento, com a negociação e a compra de bebidas, até a execução de serviços. Muitos estudantes trabalharam como garçom ou como caixa.

A comissão de formatura dedicou-se intensamente para proporcionar uma noite inesquecível aos formandos e seus familiares. Foi isso, aliás, que viabilizou aquela festa cheia de pompa e circunstância. E o caminho até o baile também foi marcado por histórias peculiares que só a A70 pode contar.

A saga dos Diplomas

A comissão de formatura decidiu providenciar o diploma em pergaminho. Altair, Bodinho e Ali-Kat encontraram um profissional em São Paulo que distribuía o material, mas cobrava um valor absurdo por unidade.

Eles levantaram a informação de que o pergaminho de ovino era fabricado no Sul do país, e com a impetuosidade característica dos jovens, Altair, Bodinho e Jota (José Paulo Fonseca de Figueiredo, *in memoriam*) decidiram enfrentar a estrada de Fusca e encarar o clima gélido do Rio Grande do Sul, em pleno mês de julho!

Chegaram em Curitiba à noite e em Lages (SC) de madrugada, com temperatura de 4°C abaixo de zero. Até hoje Bodinho e Altair se lembram do lago coberto de gelo. O destino era a UCS, e no dia seguinte foram até Caxias do Sul. Encontraram muita resistência na universidade para saber onde os pergaminhos eram adquiridos, mas de tanto insistirem, souberam que era em Curitiba (PR).

Pois bem, decidiram voltar pelo litoral, e o trajeto foi cheio de aventuras e acessos de riso. Era um domingo de manhã quando foram passear de carro em Torres (RS), sob muito frio. O Jota se aproximou da água com o Fusca, mas o inesperado aconteceu: a maré subiu rapidamente e uma onda passou por cima deles. O trio ficou preso no carro com água até a cintura.

O Jota tentou várias vezes dar partida, sem êxito. Então, a salvação apareceu: os pescadores da região, com um jipe e uma Rural Willys, conseguiram arrastá-los. Os agricultores lavaram o carro e seguiram viagem.

Quase chegando em Itajaí (SC), contudo, o carro morreu. Eram oito horas da noite e faltavam 5 km para a cidade. Novamente, a intensidade dos

jovens falou mais alto e eles decidiram sair a pé para buscar ajuda. E conseguiram! Encontraram uma oficina mecânica, já fechada, mas cujo dono aceitou socorrê-los.

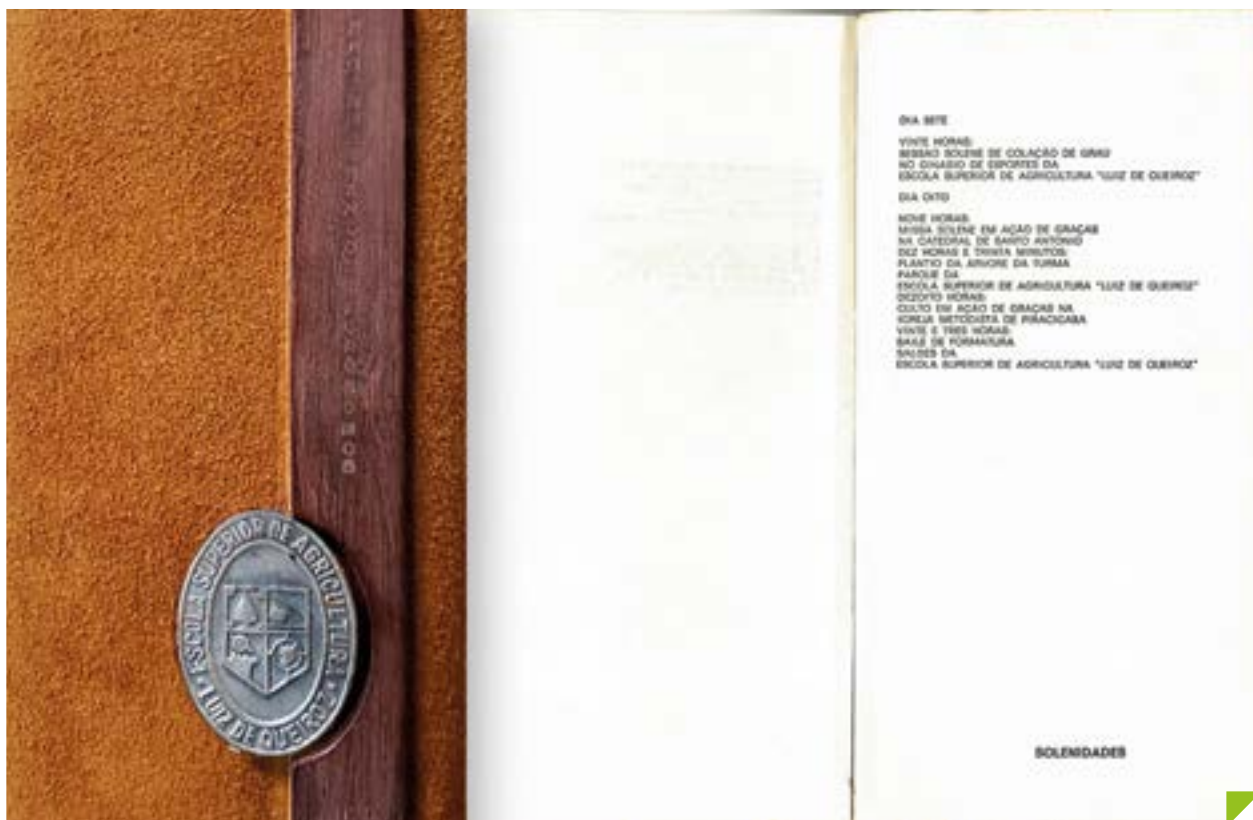
No dia seguinte, seguiram viagem, mas ao chegar em Curitiba, o responsável pelos pergaminhos não queria realizar a venda, já que tinha um distribuidor em São Paulo, aquele que cobrava os olhos da cara.

Com muita lábia, o trio conseguiu convencê-lo a vender os pergaminhos, diante de um juramento de que ninguém contaria aquela façanha. E, assim, os agricultores compraram o pergaminho por um décimo do valor praticado em São Paulo.

A economia foi tanta, que o dinheiro reservado para os diplomas deu para pagar a viagem e ainda realizar parte da formatura. Os diplomas foram todos em pergaminho com tinta nanquim escrita à mão, um verdadeiro trabalho de arte. E o Fusca foi vendido no mês seguinte, porque ficou deteriorado. Ah, se o Fusca falasse, com certeza teria ainda mais detalhes para contar.

NO FIM DA SAFRA, A COLHEITA

Fazia muito calor naquela noite de 7 de janeiro de 1971. O Ginásio de Esportes da Escola estava lotado. Todos aguardavam a Sessão Solene de Colação de Grau da 67ª turma de engenheiros agrônomos da ESALQ, que ocorreu juntamente com a 1ª turma de licenciados em Ciências Domésticas.



Convite de formatura | Créditos: Reprodução

A alegria e a emoção do momento eram visíveis no olhar daqueles jovens, desde **o cortejo, formado por duplas**, que partiu do Prédio Principal até o Ginásio. Muitos cantavam com voz imponente o single da banda brasileira de rock Os Incríveis, “Eu te amo, meu Brasil”, lançado no fim de 1970.

Era impossível conter a euforia da turma, tan-

to que alguns colegas, por distração ou nervosismo, erraram o caminho na entrada para a solenidade e tiveram que – mesmo de beca – pular uma corda para chegar ao lado do salão. Foi uma farrá!

O Secretário anunciava a entrada do cortejo universitário para o início da Sessão Solene, ao som da Marcha Triunfal da “Ópera Aída”, uma



Cortejo na formatura | Créditos: Acervo João Américo Beltrame



Formatura da A70
Créditos: Acervo Otávio T. Mendes Neto



Formatura da A70
Créditos: Acervo Oscar Tanner Filho



Formatura da A70
Créditos: Acervo João Américo Beltrame



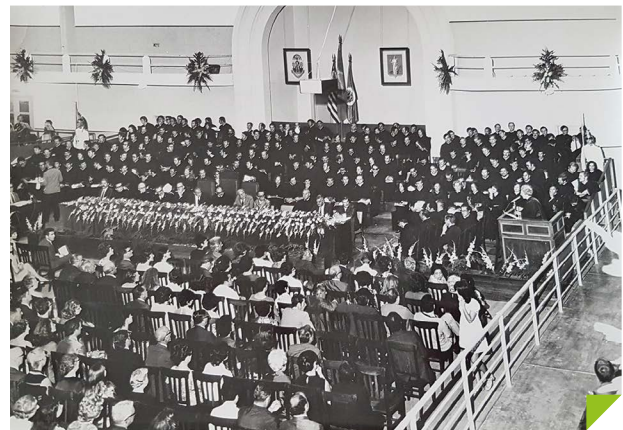
Formatura da A70
Créditos: Acervo João Américo Beltrame



Formatura da A70 | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Formatura da A70
Créditos: Acervo João Américo Beltrame



Formatura da A70
Créditos: Acervo João Américo Beltrame

grandiosa obra do compositor italiano Giuseppe Verdi, executada ao vivo pela Banda União Operária de Piracicaba, apelidada de “A Furiosa” por sua intensidade nas apresentações. O Ginásio estava lotado. Dá para imaginar a comoção!

A solenidade foi presidida pelo então reitor da USP, Prof. Dr. Miguel Reale, e dirigida pelo Prof. Dr. Ferdinando Galli, que havia assumido a Diretoria da ESALQ em dezembro de 1970, em substituição ao Prof. Dr. Eurípedes Malavolta, diretor com quem a A70 conviveu durante todo o curso. É o nome dele, inclusive, que consta no convite; e a foto dele no tradicional quadro de formatura da turma.

Após a execução do Hino Nacional e a composição da mesa, teve início o anúncio dos prêmios conferidos aos alunos que mais se destacaram durante o curso, tanto nas diversas disciplinas, quanto como atletas da AAALQ.

Celso Edmundo B. Foelkel (Celsão) recebeu o 1º Prêmio “Luiz de Queiroz” e o “Grande Ofício Mário Dedini”, destinados ao 1º aluno da turma; o 1º Prêmio “Manah”, por ser o melhor aluno em Química Analítica, Química Biológica, Química Agrícola, Solos e Agrotecnia, Agricultura e Horticultura; o Prêmio “Lion”, conferido ao melhor aluno em Mecânica, Solos e Agrotecnia e Agricultura; o Prêmio



Formatura da A70 | Créditos: Acervo Vilma Bissoli



Formatura da A70
Créditos: Acervo Oscar Tanner Filho



Formatura da A70
Créditos: Acervo Otávio T. Mendes Neto

“Sotema”, por ser o aluno com maior destaque em Mecânica; e o Prêmio “Theodoreto de Camargo”, outorgado ao melhor aluno em Química Agrícola.

Em seguida, Ana Cândida Pacheco de Aguirre Primavesi (Aninha) foi chamada para receber o 2º Prêmio “Luiz de Queiroz”, destinado ao 2º aluno da turma. Na sequência, Yukiharu Suzukawa recebeu o Prêmio “José Ysao Nakao”, recebido por ter o maior índice de frequência em Fitopatologia, e o 2º Prêmio “Pontal”, destinado ao 2º aluno em Mecânica, Engenharia e Topografia.

O 1º Prêmio “Pontal” foi entregue logo depois ao aluno Vladimir Melges Walder (Vlad). Nirceu

Pereira Lima (Marrudo) foi o próximo a ser chamado para receber o Prêmio “José Ysao Nakao”, desta vez destinado ao melhor aluno das disciplinas “Doenças de Plantas Cultivadas I e II”.

Então, o Diretor anunciou que Antenor Pizzinato receberia, juntamente com Celsão, o Prêmio “Theodoreto de Camargo”, por se destacar em Química Agrícola. Já Marcelo Franco Patrão (Vitamina) fez jus ao Prêmio “Nicolau Athanassof”, conferido ao melhor aluno em Zootecnia dos Ruminantes e Zootecnia dos não Ruminantes.

Na sequência, José Osmar Lorenzi (Saltinho) foi contemplado com o Prêmio “Codistil”, por ser o



Formatura da A70
Créditos: Acervo Ana Aguirre Primavesi

melhor aluno em Tecnologia do Açúcar e do Alcool. Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros recebeu o Prêmio "Alcides Guidetti Zagatto", conferido ao aluno que mais se destacou em Economia Rural.

O próximo anúncio foi para o 2º Prêmio "Manah", recebido por Luiz Eduardo Gutierrez (Cebolinha). E então era hora de premiar àqueles que souberam defender nos esportes a tradição de seu Centro Acadêmico. Naquela noite, 14 estudantes da A70 receberam a medalha da AAALQ:

- Antonio Carlos Guillaumon (Fubá)
- Augusto Kozuki (Gugu)
- Chosin Kameyama
- Fernando Del Porto Santos (Bichano)
- Francisco Seiti Kasai (Tio Chico)
- José Hugo Laffranchi (Descarga)
- José Procópio Ribeiro (Zé Procópio)
- José Roberto Pereira Novaes (Beto)
- Luiz Jonas Pozzi de Castro (Jamanta)
- Marly Terezinha Pereira (Saravá)
- Nelson Barboza Leite (Xaruto)
- Norberto dos Santos Leal (Preto)
- Onorio Kitayama
- Tadahiro Joko

Em seguida, os formandos em Engenharia Agrônômica entregaram um mimo ao Parainfante da A70, Dr. Oscar Augusto de Camargo, então presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Tratores, Caminhões, Automóveis e Veículos Similares; ao Patrono, Dr. Mário Pereira Lopes, presidente da CBT à época; e ao Prof. Odilon Saad, como representante dos demais professores homenageados.

"O Magistério reúne em si as artes todas, ao transmitir todas as ciências. Nossa gratidão a todos que serviram à nossa formação profissional." Esta foi a mensagem dedicada aos mestres, gravada no convite de formatura.

No total, 11 docentes e 2 funcionários da ESALQ foram homenageados pela A70:

- Admar Cervellini
- André Martin Louis Neptune
- Archimedes Dutra



Formatura da A70
Créditos: Acervo Oscar Tanner Filho

- Antonio Verissimo (funcionário)
- Enio Roque de Oliveira
- Humberto de Campos
- José Geraldo Rossi (funcionário)
- José Luiz Ioriatti Dematte
- Nilson Augusto Villa Nova
- Odilon Saad
- Otto Jesu Crocomo
- Paulo Fernando Cidade de Araújo
- Renato Amilcare Catani

Então, era hora de firmar o compromisso regulamentar da profissão. Após o toque de clarim, todos acompanharam de pé e com o braço direito estendido o **juramento** pronunciado por Celso Foelkel (Celsão), o 1º aluno da turma:

"Prometo que, no exercício da profissão de engenheiro agrônomo cooperarei sempre para o desenvolvimento e para a grandeza e a prosperidade do Brasil."



Juramento de formatura
Créditos: Acervo Celso Foelkel

Havia chegado o momento da **entrega do diploma**. Um a um, os formandos da A70 percorreram o trajeto até chegar à mesa, sob forte emoção, **para apertar a mão do Diretor** e receber o diploma, marcando o ponto alto da noite. Concluída essa etapa, o orador da turma foi convidado a dirigir-se à tribuna.



Diploma de formatura
Créditos: Acervo Celso Foelkel



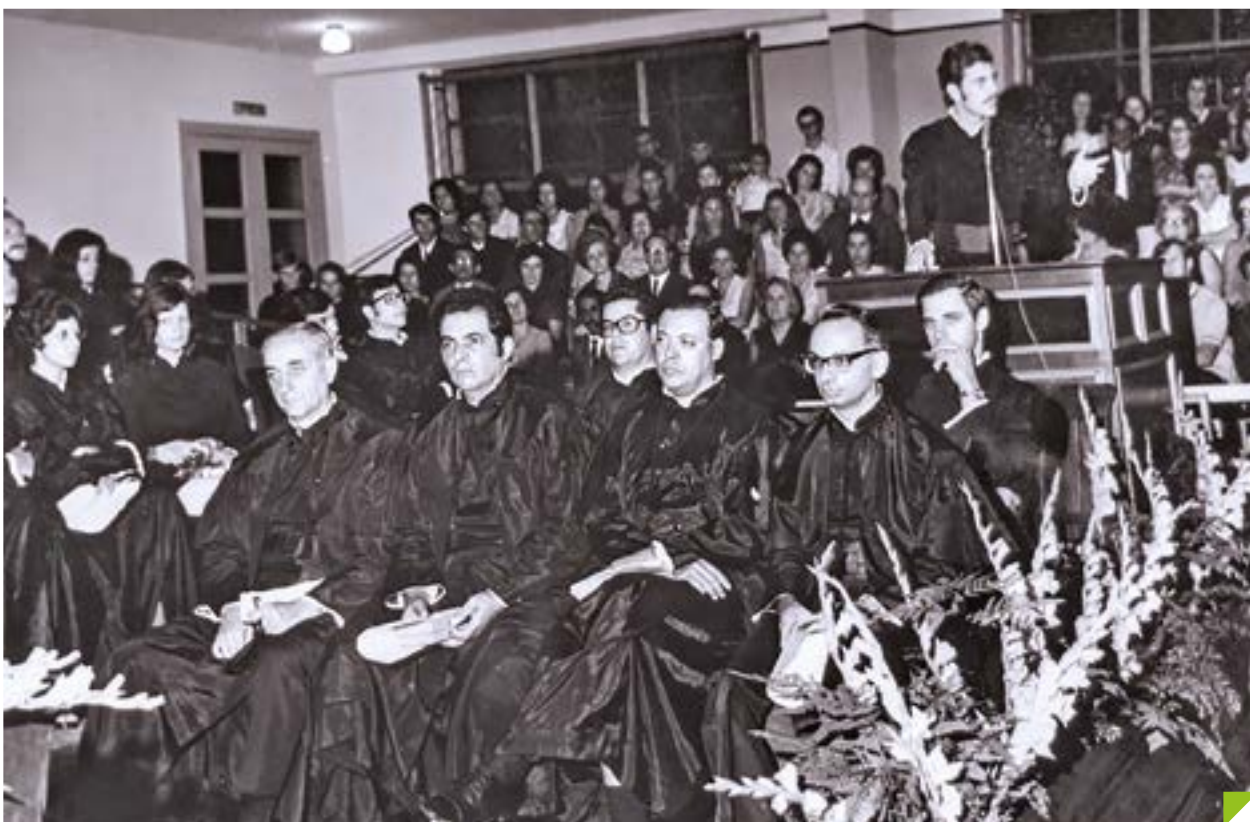
Diversificação era realizada no 5º ano
Créditos: Acervo Celso Foelkel



Formandos receberam anel e diploma das mãos do Diretor | Créditos: Acervo Marília Oeretter

Com um emocionante discurso em mãos, sobre as possibilidades de atuação do agrônomo e, sobretudo, sobre a postura do profissional, **Newman Simões (Piava)** respirou fundo, limpou a garganta, impostou a voz e iniciou:

Hoje estamos formalizando uma passagem para uma nova etapa de nossas vidas. Ela não deve indicar, de modo algum, que as fases por que passamos em nossa existência sejam estanques e independentes umas das outras. Aliás, a maneira de senti-la, separando realidades, e a maneira de encarar essas realidades podem não ser corretas. Estamos acostumados a nos sentir mais ou menos importantes conforme tenhamos



Discurso do Newman na formatura | Créditos: Acervo Newman Simões

ou não alcançado algum diploma, ou qualquer certificado que nos capacite a exercer certos cargos. Mas é muito importante compreender que entre estar apto a exercer um cargo, por ter um diploma, e mostrar capacidade por conhecimento, empenho e abnegação, há um abismo. Por isso, queremos levantar questões que consideramos importantes nesta derradeira comunicação direta em nosso último dia de convívio.

Poderíamos destacar aqui muito do que observamos e aprendemos em toda nossa vida estudantil. Mas hoje haveremos de nos deter em um ponto importante: a maneira de encarar e levar à prática, no dia a dia de nosso trabalho, tudo aquilo que aprendemos e formamos dentro de nós para o exercício profissional responsável.

Nos países, hoje considerados desenvolvidos, a consciência da pesquisa científica foi formada ao longo de uma lenta evolução. Nesses países, homens de Estado e administradores de negócios públicos e privados consideram a pesquisa científica como objeto essencial de preocupação, conscientes de suas repercussões no domínio da tecnologia e sua importância como fator de expansão econômica. Por condições particulares, os países hoje desenvolvidos asseguram o progresso das ciências, o que não ocorre com aqueles que ainda dormem no status de subdesenvolvidos. Enquanto poucos países lançaram as bases de suas próprias ciências criando civilizações e culturas complexas, muitos não puderam levar a termo o mesmo avanço.

Desta forma, estabelecidas as desigualdades científicas e culturais entre as nações, a pesquisa foi colocada a serviço dos processos econômicos e políticos. A disparidade entre o reduzido grupo das nações industrialmente avançadas e o grande grupo de nações subdesenvolvidas aumentou e todo processo de relacionamento internacional entre esses países passou a ser de dependência, inicialmente econômica e, depois, também política.

A ciência e a tecnologia tornam-se, desta maneira, fatores importantes na prosperidade de um número limitado de países. Por outro lado, a ausência de condições favoráveis à pesquisa e ao conhecimento científico, a falta de um ensino de base e o reduzido acesso à educação tecno-científica tornam-se obstáculos para superar o subdesenvolvimento.

Enfim, considerando-se o fato de que cientistas, institutos de pesquisa e universidades são encorajadas pelo progresso econômico e social de seus respectivos países, os resultados e benefícios de suas atividades revertem naturalmente a esses mesmos países. A ciência, sendo universal, é, na prática, essencialmente concentrada nas nações ricas e desenvolvidas.

É dentro desse esboço geral e sofrendo proble-

mas semelhantes que podemos situar o Brasil. E não vamos ter receio de encarar esta realidade. Pelo contrário, é sabendo enfrentá-la e colaborando para a superação desse quadro, que empregaremos acertadamente o que aprendemos com dispêndio de vultuosas somas dos cofres públicos. Compreendendo a situação geral em que estamos inseridos é que haveremos de saber colaborar com um pequeno quinhão para possibilitar a adequação da ciência e da tecnologia aos reais desejos e necessidades dos brasileiros.

Dirijo-me, desta forma, aos colegas que poderão um dia vir a se dedicar à pesquisa científica. Fiquemos atentos para este aspecto importante: de nada vale o dispêndio de tempo e dinheiro em pesquisa pela própria pesquisa. Estejamos alertas para não cairmos em diletantismo e nos tornarmos grandes teóricos com conhecimento, mesmo que profundo, de livros e livros. Saibamos, antes de mais nada, verificar se o assunto a ser pesquisado terá utilidade concreta com um nobre sentido e benefício à sociedade, ou se servirá para cumprirmos compromisso ou satisfações individuais.

É conveniente recordar que as atividades agropecuárias ainda ocupam cerca da metade da população trabalhadora do país e esse cenário deverá perdurar por algum tempo, antes de se tornar fonte secundária de emprego. Por outro lado, podemos perceber que, embora o desenvolvimento do setor agrícola não seja condição suficiente para o desenvolvimento global de uma economia como a brasileira, ela é condição necessária. Tendo em vista que a população urbana cresce cerca de quatro vezes mais rapidamente que a rural, podemos inferir que os bens agrícolas requeridos para abastecer as cidades somente estarão disponíveis se houver aumento de produtividade nesse setor.

Aumento de produtividade agrícola requer, inicialmente, tecnologia apropriada para racionalizar a produção. E a tecnologia avança somente com pesquisas feitas dentro da realidade rural brasileira. Convém salientar que, no complexo de nossa sociedade, a orientação da pesquisa científica não depende unicamente da existência de técnicos e cientistas: depende também, e até mais, de uma política agrária relacionada à política global empregada para alcançarmos o desenvolvimento; depende da estrutura agrária de nosso país, bem como do relacionamento com outros países.

Se, por um lado, a mecanização da agricultura é tão necessária, possibilitando até mesmo o desenvolvimento de indústrias, o processo vai depender também do poder aquisitivo dos agricultores, o que justifica a dependência da evolução no setor agrícola à distribuição da renda.

A exportação de certos bens primários ainda constitui a maior fonte de divisas não só para o

país, como para os proprietários de terras. Uma vez que as grandes propriedades são relacionadas à exportação, a renda e o poder político são dirigidos aos grandes proprietários. Por fartos dados oficiais, amplamente divulgados, podemos verificar a irracionalidade da estrutura agrária que se implantou em nosso país. Por um lado, uma massa enorme de mini fundistas desperdiçam grande parte de sua força de trabalho em superfícies agrícolas obviamente exíguas; por outro lado, as grandes extensões de terra que utilizam apenas pequena parcela de que dispõem, orientam os seus investimentos para reduzir o emprego de mão de obra, num óbvio desperdício – do ponto de vista social – de terras e capital.

É claro que a situação foi apresentada de maneira sintética e muito superficialmente. Mas em qualquer política de desenvolvimento dever-se-ia levar em conta outros fatores, tais como: crédito especializado, comercialização, política de preços, estruturas das estocagens, moradia rural, organização sindical dos agricultores e adaptação do ensino às condições da vida rural.

No pequeno espaço de tempo que temos é impossível abordar os entraves e obstáculos ao desenvolvimento agrícola do Brasil. Pela mesma razão, a abordagem das diversas saídas ou veículos que pudessem efetivar tal superação seria precária. Ficamos satisfeitos em mencionar tais problemas que resumimos em dois fundamentais e interligados: a irracional distribuição de terra e a má distribuição de rendas.

Vós haveis de perguntar: o que fica de concreto nessas palavras?

Há um ponto muito importante em nossa missão de Engenheiros Agrônomos que queríamos trazer aqui, certos de que é passível de aplicação por cada um de nós em qualquer atuação profissional. E tal aspecto se presta muito mais àqueles que irão se dedicar à Assistência Técnica Educacional, creio que a maioria de nós: qual deve ser a nossa filosofia de ação, o modo de nos relacionarmos com os agricultores?

Já abordamos a enorme importância do avanço tecnológico próprio voltado à nossa realidade. Já dissemos que para que isso se efetive, há necessidade de um sistema educacional bem formulado, juntamente com uma pesquisa bem orientada que leve a consequências práticas. Bem, chegamos num ponto em que tudo que foi pesquisado deve alcançar o agricultor. É evidente que o veículo será cada um de nós, engenheiros agrônomos. Portanto, a forma de encararmos esse relacionamento é de vital importância, e dela depende o sucesso ou o fracasso de se colocar em prática tudo quanto aprendemos e formamos dentro de nós. E digo que é o aspecto mais importante porque é a própria re-

lação entre os homens; é a relação entre o técnico, o profissional e os agricultores.

A relação entre os homens é complexa e seria falso formular esquemas dessas relações conforme nos defrontamos com essa ou aquela pessoa. Toda inter-relação social é um ato político, e criar mecanismos ou fórmulas de contatos, seria mecanizar o homem, torná-lo um robô. É claro que a visão, as atitudes, os valores e os sentimentos do homem para com os seus semelhantes são formados ao longo de sua existência, pela vivência nas mais diversas situações. O pensamento social é fruto da prática social. Portanto, é da estrutura social que vamos colhendo aqui e ali os elementos de nossa formação. E o processo social não é estanque, mas contínuo e acumulativo.

Cada experiência e cada prática aprendida são sustentáculos para um novo passo decisivo, tanto na forma de pensar, como na ação. E o fato de conseguirmos hoje um diploma não vai, substancialmente, modificar o que temos sido até agora. Poderá, sim, abrir novas perspectivas e nos possibilitar o contato com outros ambientes, outras situações em que estaremos frente a frente com a realidade concreta. Mas antes de dar mais um passo, façamos uma reflexão: como haveremos de encarar o nosso trabalho e as pessoas com ele envolvidas? Cremos que isso também é muito mais consequência do que fomos até agora, do que coisa nova a aprender.

Nem por isso haveremos de olvidar a necessidade de humanizar o nosso trabalho. Hoje nos encontramos numa sociedade em que cada um de nós tende a ser um a mais; tende a ser uma das peças de uma complexa máquina que pode nos rejeitar, pura e simplesmente, se não nos adequarmos ao seu funcionamento. Cada vez mais temos sentido a dificuldade de nos desprendermos das garras que nos tornam mais objetos que sujeitos. E, com isso, vamos nos sentindo impotentes de sermos sujeitos da história da evolução social e econômica do homem. Caminhamos cada vez mais para uma sociedade em que nos sentimos felizes se consumimos boa parte daquilo que a propaganda e massificação nos impõem. Isto traz o perigo de formar homens liderados sem líderes e que caminham em direção aos gritos ardentes e cada vez mais fortes da propaganda. Formam-se sociedades sem poder de auto decisão, homens que, não obstante a vontade de saber discernir e escolher, são levados a se aliarem ao rebanho que caminha ao toque de palavras de ordem que vêm não se sabe de quem e nem de onde.

Portanto, meus colegas, não façamos de nossa profissão um glossário de fórmulas que deveremos aplicar aqui ou ali. Não façamos de nossos agricultores simples consumidores de adubos ou defensivos. Vamos encarar os problemas da técnica

dentro de um esquema maior e não como assunto isolado para ser resolvido dentro do ponto de vista meramente tecnológico. A transmissão de conhecimentos e técnicas aos agricultores haveremos de fazê-lo dentro de um contexto de formação e não apenas de informação para que cada homem ligado à produção agrícola não se torne permanentemente dependente do técnico como se esse fosse exclusivista do conhecimento e do saber.

Para tanto, é necessário ter um comportamento que estimule a criatividade do homem e dos grupos envolvidos pelo nosso trabalho; orientar os agricultores no trabalho rumo a atividades e iniciativas cada vez mais racionais, objetivas e conscientes, proporcionando condições para que venham a assumir plenamente suas responsabilidades e optar com liberdade nas mais variadas situações. Valorizar a participação grupal como fator estimulante para o desenvolvimento pessoal e técnico de cada pessoa, não esquecendo da verificação minuciosa dos padrões culturais e das condições socioeconômicas em que os diversos grupos serão inseridos.

Se até agora chamei atenção sobre como vamos tentar realizar nossas utopias, não poderia, afinal, deixar de dizer bem alto, em nome de todos vocês, a nossa sincera gratidão a todos aqueles que nos permitiram o caminho até aqui e que deixaram em nós sedimentadas as condições para tornar reais os nossos sonhos e aspirações: A ESALQ, com seu corpo docente e funcionários; nossos professores e professoras do Ginásio e Científico e também do saudoso Grupo Escolar, todas Escolas Públicas. E, a acima de tudo, aos nossos pais e familiares manifestamos nossa imensa gratidão e a eles oferecemos essa noite vitoriosa.

E a vocês, queridos amigos, companheiros e, agora, colegas profissionais da área agrônômica, um abraço afetuoso em seus corações. Um até breve, até sempre e que haja luz em nosso caminhar.

Newman

A solenidade contou ainda com o discurso do prof. Renato Amilcare Catani, então chefe do Departamento de Química da Escola, que falou em nome dos professores homenageados de ambos os cursos, e com as manifestações dos paraninfos das duas turmas. Então, a Sessão Solene de Colação de Grau estava encerrada.

Foi uma apoteose. Um momento que deixou marcas indeléveis nos corações e nas mentes dos agricultores. Alguns familiares mal continham as lágrimas, outros, mais reservados, revelaram o orgulho no forte abraço em seus filhos. Todos estavam prontos para o baile, tendo ainda vivo na memória outro acontecimento, ocorrido horas antes. Um gesto importante que marcaria a A70 na Escola.

O GRANDE DIA

Havia chegado o grande dia. Aquela manhã quente de 8 de janeiro, em pleno verão que inaugurava a década de 1970, trazia uma movimentação especial para a A70. A programação começou às 9h, com uma **missa solene** em ação de graças, na Catedral de Santo Antônio.



Missa Solene da A70
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

Em seguida, a atividade era no parque da ESALQ. Perto do lago, de frente para o pavilhão de Botânica, o local estava preparado para o **plântio de uma muda de árvore**.



Preparo para o plantio de árvore
Créditos: Acervo Oscar Tanner Filho

Um jardineiro, em traje simples, mas digno, aguardava o momento certo. O fato era corriqueiro para ele, mas simbólico e significativo para aqueles jovens que deixavam a Escola. Era dia de festa para eles. Era trabalho normal para o servidor.

A turma chegava aos poucos, acompanhada pelos familiares. Também marcaram presença professores renomados como Dr. Helládio do Amaral Mello, chefe do Departamento de Silvicultura, e Dr.

Ferdinando Galli, então Diretor da ESALQ.

O plantio simbólico foi realizado por três formandos: Celso Foelkel (Celsão), Otávio Teixeira Mendes Neto e Ana Cândida Pacheco de Aguirre Primavesi (Aninha), apoiados por Afonso Negri Neto (Bixinho), que levou as mudas para a solenidade. Todos, no entanto, tiraram fotos com a enxada nas mãos, ao lado do Pau-brasil (*Caesalpinia echinata*), a espécie escolhida como árvore símbolo da A70.



Plantio da árvore da A70
Créditos: Acervo Celso Foelkel



Plantio da árvore da A70
Créditos: Acervo Ana Aguirre Primavesi



Plantio da árvore da A70
Créditos: Acervo Otávio T. Mendes Neto



Plantio da árvore da A70
Créditos: Acervo Oscar Tanner Filho

Aquele também foi um dia ímpar para o José Fernando Herling Martins (Peca), orador da turma, responsável pelo **discurso** que emocionou até o jardineiro. Para descrever o profundo significado daquele ato, Peca contou a história de um jovem que caminhava no campus e notou que um senhor estava havia muito tempo abraçado a uma grande e frondosa árvore, e decidiu lhe abordar para compreender o motivo daquele gesto.

Então, aquele homem – que tinha perdido a visão – lhe respondeu: “as belezas que a vida me fez

ver estão dentro de mim, mas já não as vejo mais e isso é muito triste. Ao abraçar esta árvore da minha turma, contudo, sinto que estou cheirando, tocando e ouvindo toda a natureza e conversando com ela, sentindo o pulsar do mundo em mim”.

Ao concluir a história, Peca desejou que todos os colegas pudessem, dali a 30 ou 40 anos, abraçar aquela árvore da turma de 1970, sentindo o mesmo respeito pela natureza; desejou, ainda, que estivessem em plena capacidade. Então, os jovens alegres aplaudiram e se dispersaram, esperando as solenidades de gala naquela noite.

Poucos perceberam que os olhos do jardineiro marejaram, como se um pouco de chuva ameaçasse deslizar por sua face. Aquele homem olhou fixo para a frágil muda, possivelmente sentindo que era uma árvore única entre tantas que plan-

tara. “Esses moços...”.

A programação seguiu-se com um culto em ação de graças na Igreja Metodista de Piracicaba, às 18h, e então aquela sexta-feira foi encerrada com o inesquecível baile.



Plantio da árvore da A70
Créditos: Acervo Ednael Garcia



Plantio da árvore da A70
Créditos: Acervo Oscar Tanner Filho



Discurso do Peca no plantio da árvore | Créditos: Acervo Oscar Tanner Filho

POMPA E CIRCUNSTÂNCIA

Os agricolões esperavam o baile com muita expectativa. Um misto de sentimentos os dominava desde cedo naquele dia, pois ao mesmo tempo em que a formatura coroava um período triunfal, também abria as portas para a responsabilidade e para o inesperado. Mesmo aqueles que já estavam empregados não sabiam exatamente o que encontrariam pela frente.

É certo que os anos na ESALQ tinham lhes ajudado a construir um alicerce robusto para desenvolver sólida carreira. E o diploma do curso de Engenharia Agrônômica era realmente um trunfo que os fortaleceria para trilhar qualquer caminho que escolhessem.

Mas havia outro ponto que deixava aquele instante suspenso em suas respirações: era um momento de ruptura. E, para muitos, de despedida. Embora as amizades construídas fossem fortes o suficiente para sobreviver, mesmo que o tempo e a distância dissessem não, a convivência não existiria mais.

Enfim, havia chegado a hora do baile. Até hoje muitos se lembram da sensação daquela noite de festa. Eles haviam dado duro nos estudos e nos estágios para merecer o diploma, e aquele era um momento de comemoração.

O Prédio Principal estava todo iluminado.

A decoração foi minuciosamente pensada para deixar o local deslumbrante. E como no filme “Sis-



Baile de formatura
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Baile de formatura
Créditos: Acervo Marly Pereira

si: A Imperatriz”, a festa foi luxuosa, mas sem os inconvenientes de um protocolo da realeza.

As mulheres de vestido longo desciam dos carros esbanjando charme. E os homens de smoking revelavam uma elegância até então escondida atrás das botas.



Prédio principal da ESALQ foi iluminado para o baile | Créditos: Acervo Paulo Soares

A noite de gala teve direito a 3 bandas musicais: “3 do Rio”, “Super Som T.A.” e “Brasilia Modern Six”, cada uma em um salão diferente do Prédio Principal da ESALQ.

Foi uma grande festa que fez jus aos 5 anos de Escola. Um momento que encerrou com glamour a intensa dedicação aos estudos e a forte convivência entre eles.

Aquela noite de celebração era o encerramento de um importante período. Cada um levaria consigo as lembranças daquelas vivências, as experiências únicas da juventude universitária e o anseio de manter as fortes amizades construídas na Escola. O tempo mostrou que aquele desejo se tornou realidade.

O SONHO NÃO ACABOU

É tradição na ESALQ. Todo ano, próximo à data em que se comemora o Dia do Agrônomo (12 de outubro), todas as turmas que completam quinquênios se reúnem na Escola para celebrar a amizade e relembrar as tantas vivências naquele local. Os reencontros dos amigos da A70 sempre foram marcados por fortes emoções.

O evento é organizado pela ADEALQ, responsável por promover as sessões solenes de homenagens às turmas que completam 25 anos (Jubileu

de Prata) e 50 anos (Jubileu de Ouro). Por longo tempo, as cerimônias foram realizadas no Salão Nobre do Prédio Principal da ESALQ, mas a fim de oferecer mais segurança aos homenageados, nos últimos anos foram transferidas para o Ginásio de Esportes.

Após as solenidades, a ADEALQ ainda oferece um churrasco para os ex-alunos, realizado com o apoio majoritário da turma que completa o Jubileu de Ouro. Até 2010, essa fase dos descontraídos encontros ocorria nas dependências da Escola, inicialmente no ginásio de esportes e depois no campo de futebol, mas com o aumento no número de participantes, foi transferida para o Engenho Central, proporcionando mais conforto e segurança.

Nos primeiros quinquênios da A70, a participação dos ex-alunos era muito pequena, talvez devido aos compromissos profissionais e familiares. Na década de 1980, compareceram cerca de 20 colegas apenas. Mas a alegria ao ver os velhos amigos era visível, independentemente de quantos estivessem reunidos.

Em **1985**, com a vida um pouco mais encamiñhada, a comoção foi grande ao rever os amigos que partilharam a base do conhecimento. O ginásio de esportes foi o palco para aquele churrasco onde as lembranças bateram forte no peito. O registro da festa revela a animação da A70.





Reencontro de 1985 | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

Em **1990** a participação dos colegas aumentou. O churrasco na chácara do saudoso Caetano Ripoli, organizado com o apoio do querido amigo Vitti, foi um sucesso. A turma celebrava 20 anos de formatura e tinha muitas histórias para contar.

As divertidas brincadeiras e os calorosos abraços mostravam que o afeto continuava forte. Tudo foi registrado pela “Rádio e TV 70”, criada e con-

duzida pelo “repórter” Caetano Ripoli, com sua enorme peruca.

A chácara ficou tomada pelos constantes sorrisos dos agrônomos e de suas famílias que, reunidas, puderam reviver momentos e partilhar novas histórias. A presença maciça de jovens e crianças mostrava que a vida fluía abrindo portas e inspirando as futuras gerações.





Reencontro de 1990 | Créditos: Reprodução de vídeo - Acervo Caetano Ripoli

O Jubileu de Prata

Cinco anos depois, 104 colegas compareceram ao evento da ADEALQ, o maior número de representantes da A70 até então. Era o Jubileu de Prata da turma. Além da tradicional organização da ADEALQ, a festa contou com o prestimoso apoio e a dedicada coordenação do amigo Vitti, com a ajuda de seus alunos do GAPE.

Tudo foi estrategicamente pensado para aquele reencontro, era um ano especial. O sonho continuava e o momento precisava ser marcado de forma diferente. Então, o Vitti providenciou camisetas com o slogan “O sonho não acabou” e bonés com a marca da A70 para todos os integrantes.



Boné distribuído no Jubileu de Prata da A70
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben





Jubileu de Prata da A70 | Créditos: Godofredo C. Vitti



Camiseta distribuída no Jubileu de Prata da A70 (frente e costas) | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

A euforia era grande, afinal, celebravam os frutos de 25 anos de trabalho construídos sobre o alicerce onde se conheceram e onde se reencontravam naquele momento. Foi uma grande festa! A data comemorativa mereceu discurso do Newman (Piava), o poeta da A70, na Sessão Solene realizada no Prédio Principal da Escola:

O cultivo da amizade é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos corações se emocionaram em comunhão com o nosso.

Sem nenhuma intenção de entristecer o nosso encontro, eu gostaria de prestar a homenagem pela lembrança de nossos colegas que, prematuramente, deixaram este convívio e a todos os mestres ausentes deste encontro de 25 anos de formatura.

A morte não se opõe à Vida. A morte opõe-se ao nascimento. Nascer e morrer são só dois lados da mesma viagem que é a Vida. Assim, a lembrança desses nomes reforça a ideia de que eles vivem, de certa forma, em pessoas que com eles dividiram convivência. Cada pessoa que passa pela nossa vida passa sozinha porque cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra. Passa sozinha, mas não vai só; leva um pouco de nós e nos deixa um pouco de si. Há os que levam muito, mas, felizmente, não há aqueles que não deixam nada. Assim foram-se Eduardo Mizumoto, Eloah, Chico Botuca, Fernandinho Matemático, Jader, Moacir Catarina, Maurício Souza Dias, Rui Nelson, Laudelino, Masuji, Hélio e Kfuso. A eles, ao querido Titico e aos mestres, a nossa lembrança carinhosa e a nossa homenagem nas palavras de W. Berardinelli, citadas por ocasião do querido mestre L. Neptune:

A terra, mãe das árvores e das flores, recebe o teu corpo, mas teu cérebro não será cinza, será luz; teu coração não será pó, será árvore que agasalha. Tu que viveste repartindo bondade, viverás, infinitamente, repartido nos ventos e nas flores, nas saudades. Não morre quem nos outros vive; não morre quem nos vivos vive”.

Caros amigos da A70, talvez nenhuma turma tenha vivido um período tão agitado, tão crítico e com tantas mudanças e, por isso mesmo, tão marcante, como aqueles anos de 1966 a 1970.

Gritávamos “fora o imperialismo”, mas não deixávamos de balbuciar “viva Brigitte Bardot” ou, para não evidenciar o machismo, Marcello Mastroianni; a mesma boca que gritava “abaixo a repressão” ou “é preciso endurecer a luta, mas sem perder a ternura”, também gritava “truco, seis, ladrão” ou “é uma brasa, mora”; corríamos às bancas para não ficar sem o Pasquim, Opinião, Movimento e, até mesmo, o Estadão com receitas de bolo, jornais censurados e recolhidos, mas sem deixarmos de valorizar O Solo, O Arado e o festivamente esperado POJ.

Era proibido proibir e, sem lenço e sem documento, redescobríamos Freud e Jung e Erich Fromm nos ajudavam a empunhar a bandeira que viria a estabelecer um novo padrão de relacionamento entre gerações, com as autoridades, com os professores. Com que alegria pudemos sentir, logo nos primeiros momentos desse nosso encontro, ontem à noite, como já brotaram as flores e colhemos os frutos desse desejo tendo, de nossos filhos, o carinho e a relação que sonhávamos ter com nossos pais.

Os festivais, o rock, o yé-yé-yé, a música de protesto, tropicalismo, a música romântica da França ou da Itália; o avanço da tecnologia e a sensação de concretizar sonhos. O Homem chegando à Lua e, de lá, parecia que toda a humanidade olhava para a própria Terra sentindo que nosso romantismo tomava lugar do romantismo de nossos pais. Um grito de gol na garganta de noventa milhões em ação. Um grito de horror contra as torturas. O grito de uma geração e de uma juventude que teve a felicidade de viver a marca de um tempo. E nós, que amávamos os Beatles e os Rollings Stones, ouvimos, do próprio John Lennon: “O Sonho Acabou”. Mas vejam vocês, como aquela época nos ensinou a plantar e a adubar os sonhos: 25 anos depois, e de maneira muito real e significativa, te-

mos em nossas camisetas estampada a frase: “O sonho não acabou”.

E isso nos faz dizer, com certeza em nome de todos os muitos colegas que aqui estão, com sinceridade e emoção: muito obrigado à ADEALQ, à Direção da ESALQ, à comissão dos Anos 70 (Virgílio, Barraca, Caetano e Marília) e, em especial, a esse nosso colega batalhador e de cujo entusiasmo brotou a possibilidade de estarmos juntos em grande número: o professor Godofredo Cesar Vitti.

Como lembrou o Sr. Diretor, prof. Evaristo Marzabal Neves, a ESALQ se reveste de uma aura, mística e envolvente que a todos emociona nesses encontros de turmas. Certamente porque teve na sua fundação e na sua interminável construção, figuras como Luiz de Queiróz, que passam pela vida deixando abertas trilhas para que a vida passe por elas; pessoas que vivem os desafios sem perder a capacidade da emoção; pessoas que tiveram a capacidade de aceitar a vida como ela é, sem, contudo, renunciar à busca pela vida que poderia ser; pessoas que têm a serena contemplação do inevitável, mas que cultivam a esperança e a certeza de que cada Homem, sobre a base de seus sofrimentos e, acima de tudo, de suas alegrias, constrói um mundo melhor. Assim, somos gratos a toda querida comunidade esalqueana por nos permitir encontros calorosos, saudosos e que nos fazem abrir o peito e dizer: “puxa! valeu a pena!”.

Em cada um dos próximos encontros, até chegarmos à comemoração do Jubileu de Ouro, que nós possamos dedicar parcelas de nossos esforços para ajudar não ao Vitti, porém para termos, cada um de nós, mais que oportunidade, o direito de contar em nosso jardim as flores e frutos, e não as folhas que tombaram; contar os dias e os anos pelas horas de ouro e que soaram, não pelas que

falharam, pois não é pela escuridão e sim pelas estrelas que se contam as noites; e a Vida, pelos triunfos, não pelos perigos.

“A Vida é a arte do encontro, embora haja tantos desencontros na Vida”, dizia o nosso poeta Vinícius de Moraes. Que cada próximo encontro nosso, mesmo com ausências por circunstâncias de momento ou por cumprimento de jornada, estejamos presentes, aqui neste cantinho do mundo que nos agasalhou nesta viagem, para podermos, num aperto de mão talvez mais fraco, num encontro de peitos denunciando corações batendo ainda mais fortes de emoção, deixando estampar nos lábios um sorriso alegre de agradecimento pelo reencontro, sem precisar contar as idades pelos anos, mas, sim, pela força e pelo vigor dessa imensa amizade.

Um grande abraço a todos e muito obrigado pela oportunidade de viver esta emoção,

Newman

O belo enunciado emocionou a todos. Alguns nem conseguiram conter as lágrimas. Os calorosos abraços daquele momento e aquelas doces palavras encheram os corações de saudades. A alegria era uníssona.

Os quinquênios da ESALQ passaram a ser muito esperados pelos agrônomos da A70. Mais do que matar a saudade, era uma renovação daquela amizade construída na 2ª metade da década de 1960 e enraizada em muitos corações.

No ano 2000, **os 30 anos de formatura** foram celebrados com um número menor de colegas, mas com a mesma animação. O churrasco foi realizado na ESALQ novamente sob a coordenação do Vitti, que sempre teve a certeza de que o sonho não acabou.



Reencontro de 30 anos de formados | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Reencontro de 30 anos | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

Ali, enquanto aproveitava a presença dos amigos, Vitti já imaginava o que faria para reunir ainda mais gente dali a 5 anos. E durante os preparativos para a semana Luiz de Queiroz de 2005 **mandou revitalizar a placa do pau-brasil**, árvore comemorativa da 67ª turma de Engenheiros Agrônomos.

Quando chegaram à Escola para o churrasco que celebraria os 35 anos de formatura, os agrônomos foram recepcionados com muita festa. Uma faixa com a marca da turma indicava o que representava aquele encontro: “um sonho a mais”.



Placa foi revitalizada pelo amigo Vitti
Créditos: Acervo Suzana Amyuni

E **naquela manhã quente de outubro de 2005**, novamente o pau-brasil viu-se rodeado pelos agrônomos da A70, com cabelos marcados pela neve do tempo, que traziam nos olhos molhados a imagem que nada mudou.



Pau-brasil - árvore da A70
Créditos: Acervo Suzana Amyuni



Reencontro de 2005 | Créditos: Acervo Tita Lombardi





Reencontro de 2005 | Créditos: Acervo Tita Lombardi



Reencontro de 2005
Créditos: Acervo Tita Lombardi



Discurso do Peca no Reencontro de 2005
Créditos: Acervo Tita Lombardi

O grupo reencontrava sua árvore para ver a nova placa providenciada pelo Vitti, que fez da Escola o seu local de trabalho e o seu segundo lar. **Peca releu o seu discurso** exatamente como tinha sido elaborado havia 35 anos:

Plantar-se, aqui e agora, uma futura árvore, ainda que o seja a de um pau-brasil, ocorre-nos um primeiro pensamento, que tal ato não significará muito.

Seria mais uma espécie dendrológica que vingaria, cresceria, daria sombra, acolheria os pás-

saros, receberia os insetos.

Mas este arbusto, uma real madeira de lei, hoje, neste instante, começa a ser um marco na linha do tempo.

Esta arvorezinha determinou o encontro de todos nós, exatamente neste local para, solenemente, carinhosamente, chegar a “Árvore da Turma de 1970” ao solo benfazejo e glorioso na ESALQ.

Aqui estão, senhores: diretor, professores, familiares, convidados, formandos como testemunhos do ato, altaneiramente significativo, de que

se lançou mais um exemplar arbóreo, que marcará, agora, a nossa despedida do contato de um lustro, com tudo aquilo que esses edifícios e seus campos encerram.

Anos decorrerão para que este pau-brasil se torne adulto. Muitos de nós aqui estarão para rever a sua Escola, os seus mestres e a Árvore da Turma.

Há dois anos ou mais, tive a imensa felicidade, ao passar por esta avenida, de deparar com um nosso colega, idosíssimo, já ultrapassava, na ocasião, 90 anos de idade e que pertencia à 1ª Turma da ESALQ e o único vivo, ainda, da mesma.

Amparado à filha, porque lhe faltava totalmente a visão, procurava a extraordinária escritora encontrar a placa que identificasse uma árvore quase septuagenária neste suntuoso Parque.

O augusto e venerável ancião – o dr. João do Amaral Mello – naturalmente não veria a árvore, que nos idos de 1903, ajudou a incorporá-la neste sacrossanto chão.

Bastar-lhe-ia tocá-la, senti-la, para que brotasse de sua memória lúcida uma série inenarrável de episódios que ajudariam a escrever a história da ESALQ.

Possamos todos, no correr dos anos, tocar, sentir e ver este arbusto – um imenso pau-brasil!!

Desta vez, Peca não conseguiu esconder a emoção, especialmente quando, com voz embargada, lembrou dos colegas que nunca mais poderiam abraçar aquela árvore (e nem outras).

E convocou os presentes a repetir o tradicional reencontro dos 5 anos até que o último tivesse força para ser a própria turma, aquela que nunca quis acreditar que o sonho acabou e por isso pedia um sonho a mais. Naquele momento, ninguém enxergava, mas devia pairar no ar o leve sorriso de um anônimo e ausente jardineiro.

Em 2010, muitos agrônomos da A70 voltaram à gloriosa ESALQ para a **feita de 40 anos** de formatura. Ver as bandeiras hasteadas, ainda que sob um céu nublado, deixava-os muito orgulhosos. Reencontrar os velhos amigos, deixava-os ainda mais emocionados.

Parece que com o passar dos anos, mesmo com a frequência dos encontros quinquenais, a saudade foi ficando maior. Talvez, tenha sido proporcional ao tempo que passou desde a formatura. Talvez tenha acompanhado o crescimento da amizade. Ou talvez tenha crescido junto com o amor e a gratidão por todos os momentos vividos após a passagem pela ESALQ. Ninguém sabe ao certo. O fato é que a saudade crescia e alguém precisava fazer alguma coisa.





Reencontro após 40 anos de formados | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Reencontro após 40 anos de formados - homenagem aos professores | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

O ESTOPIM

O ano era 2014. Começava um movimento para a realização de encontros em diversas regiões do estado. E alguns almoços entre amigos da A70 ocorreram em São Paulo, Bragança Paulista, Campinas e Piracicaba.

No 2º semestre, o saudoso amigo **Onório Kitayama**, que havia passado por uma delicada cirurgia de estômago e tinha receio de não aguentar até os 45 anos da A70, empenhou-se fortemente para reunir a turma.



Almoço com Onório Kitayama em 2014 | Créditos: Acervo Marília Oetterer

Uniu-se a amigos como o estimado Eduardo Pires Castanho Filho (Drepo) e a tantos outros queridos, como Roberto Nishitani (Bull Dog), Frederico Bottino (Fred), Otávio Teixeira Mendes Neto, Renato Rappa e Salvador Bernardis, entre outros, para promover um encontro em Piracicaba, terra onde todos viveram tantas emoções.

Assim, o grupo se reuniu em 5 de novembro

daquele ano para um almoço no Restaurante Dourados, coordenado pelas amigas Marília, Marly (Saravá) e Vilma. O encontro teve direito a crachás individuais com fotos do quadro de formatura, providenciados por Ernesto Dal Ben, o fotógrafo oficial da turma na época da Escola, que ainda presenteou os colegas com uma garrafa de cachaça de Lençóis Paulista (SP).



Discurso da Marly no Reencontro de 2014 | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Reencontro de 2014 | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

E durante aquele almoço nasceu a Comissão de Eventos, com foco em promover e organizar os encontros de 45 e 50 anos de formatura da turma. Foi o estopim para que a chama da amizade se aquecesse novamente. A comissão eleita contava com mais 10 integrantes, além das coordenadoras do almoço: Altair, Bull Dog, Dal Ben, Drepo, Fred, Jurupoca, Otávio Teixeira Mendes Neto, Piava, Taturana e Vitti.

A tristeza da despedida naquele dia foi aplacada pelo fato de já haver nova data para o próximo encontro, que ocorreria 3 meses depois.



Almoço com Onório Kitayama em 2014
Créditos: Acervo Marília Oetterer

A IMPORTÂNCIA DOS ESQUENTAS

2015 chegou. O ano em que a turma completaria 45 anos de formada já começou de forma diferente. Havia vários encontros programados com o objetivo de promover discussões sobre os preparativos para o Jubileu de Ouro, afinal, faltavam apenas 5 anos. Os eventos com esse fim foram batizados de “esquenta”.

Logo no início, em fevereiro, ocorreu o 1º Esquenta, **na Macarronada Italiana, em Vinhedo**, a convite do Otávio Teixeira Mendes Neto. E já contou com a presença de muitos colegas que não tinham comparecido em Piracicaba. Esse esquenta também marcou o início da presença maciça de esposas e maridos dos colegas da A70, que desde então passaram a ter participação efetiva nos eventos da turma.

Otávio providenciou **a confecção de um banner**, com destaque para a foto do prédio principal

da ESALQ e com o slogan “O sonho não acabou”, adotado pelo amigo Vitti e acolhido por toda a turma, em referência à frase eternizada por John Lennon que, ainda nos Beatles, embalou muitos eventos dos agricultores na década de 1960.



Banner produzido pelo Otávio para celebrar os 45 de formados | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Reencontro em Vinhedo em 2015 | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

O banner da A70, até hoje utilizado nos encontros, mesmo com toda a dificuldade para transportá-lo devido ao seu tamanho, traz também a frase “Ainda sonhamos”, que representa a ligação com a Escola e o afeto tão presente entre os amigos da A70.

A alegria estampada no rosto de cada agrônomo(a) mostrava que a fogueira havia sido reacendida. Tanto que 4 meses depois, um novo esquenta foi realizado, desta vez **em São Carlos, na casa do Peca**.

Nessas alturas, a lista de contatos dos agrônomos da A70 estava com quase 200 nomes. A relação foi uma iniciativa dos colegas Drepo, Vitti, Dal Ben, Altair entre outros, e facilitou os convites



Reencontro em Poços de Caldas em 2015
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

para os demais esquentas que, aos poucos, foram ganhando fama e novas adesões. A intenção era justamente essa, reaproximar a turma para que os agrônomos chegassem unidos ao tão esperado Jubileu de Ouro.

Em agosto de 2015, **parte da turma se reuniu em Poços de Caldas (MG)**, em um alegre encontro promovido pelo Artur (Boca Rica).



Reencontro em Lençóis Paulista em 2015
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Reencontro em Lençóis Paulista em 2015
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Reencontro em São Carlos na casa do Peca | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

A comunicação do Peca para o evento dos 45 anos, em Piracicaba, começou a esquentar já em agosto, com o envio de inúmeros e-mails, o que animou a todos e contribuiu fortemente para que participassem maciçamente do encontro.

Então, outubro de 2015 chegou! Para celebrar os **45 anos da A70**, quase 100 agrônomos, acompanhados de seus familiares, marcaram presença nos eventos realizados em Piracicaba. A euforia dos colegas foi geral!

Os amigos Marília, Marly e Peca tiveram um

No mês seguinte, os amigos da A70, entre eles alguns membros da Comissão de Eventos, **reuniram-se em Lençóis Paulista**, na casa do Dal Ben, já com vistas aos 45 anos da turma. A euforia era grande, lembrando a dos velhos tempos na Escola. Tempos que ficaram eternizados nos corações de cada agricultor e foram sendo rememorados a cada Esquentas.

grande trabalho com enorme responsabilidade para coordenar o desenvolvimento da logomarca dos 45 anos da turma e a produção dos bonés e camisas com a marca da A70. A camisa foi considerada, pela própria confecção, a mais bonita até então realizada.

Já o Dal Ben providenciou um envelope contendo algumas relíquias para cada um dos colegas. Era difícil conter a emoção ao ver os mimos cuidadosamente preparados, que lhes traziam lembranças dos fortes momentos vividos em união.

O envelope trazia:

- Crachás com fotos da formatura para todos os colegas e seus familiares;
- Uma cópia do vídeo do churrasco de 1990, produzido pelo saudoso colega-amigo Caetano Ripoli;
- Uma cópia do videoclipe de retrospectiva da A70, editado pelo Dal Ben – o fotógrafo da turma – com fotos de todos os eventos e encontros ocorridos até então;
- Um painel de fotos retiradas do quadro de formatura, mas agrupadas por turmas práticas;
- Uma cópia do jornal Folha de Piracicaba, datado de 16 de fevereiro de 1966, com os nomes dos aprovados no vestibular da ESALQ naquele ano.

A programação teve início na sexta-feira, 9 de outubro, com um jantar no Restaurante Monte Sul, na Vila Rezende, ocasião em que foi distribuído o kit mencionado acima e apresentado um vídeo retrô, editado por Dal Ben, que tirou suspiros dos agrônomos enquanto recordavam as tantas vivências com a A70. Foi um sucesso!

No sábado pela manhã o encontro ocorreu na Sessão Solene realizada no prédio principal da Escola, e à tarde, o churrasco da ADEALQ, no Engenho Central. Já no sábado à noite, o jantar foi no Restaurante Montana Grill, no centro; e no domingo, a turma almoçou no restaurante Arapuca 2, na tradicional Rua do Porto.



Camisa e boné comemorativos pelos 45 anos de formatura | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben





Reencontro de 45 anos da A70 | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Reencontro de 45 anos da A70 | Créditos: Acervo Renata Lacerda





Reencontro de 45 anos da A70 | Créditos: Acervo Renata Lacerda



Reencontro de 45 anos da A70 | Créditos: Acervo Renata Lacerda



Reencontro de 45 anos da A70
Creditos: Acervo Ednael Garcia



Reencontro de 45 anos da A70
Creditos: Acervo Ednael Garcia



Reencontro de 45 anos da A70
Créditos: Acervo Renata Lacerda



45 anos da A70 - Jantar no sábado à noite no Restaurante Montana | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

Desde então, a A70 tem realizado esquentas periodicamente em diversas cidades. **Ao longo de 2016** ocorreram 3: um em Poços de Caldas, que se iniciou na casa do Boca Rica e continuou nos res-

taurantes locais, outro na Macarronada Italiana, em Vinhedo (SP), com organização do Otávio, e o último em Piracicaba, quando a turma completou **46 anos de formada**. Foram 3 dias de evento.



Esquentas em Poços de Caldas em 2016 | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Esquenta em Poços de Caldas em 2016 | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Esquenta em Vinhedo em 2016 | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Primeiro dia do Reencontro em Piracicaba em 2016
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Reencontro em Piracicaba em 2016 - sábado à noite
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Reencontro em Piracicaba em 2016 - almoço de sábado | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

Em **2017** a saudade aumentou e a turma se reuniu 4 vezes: a 1ª em Poços de Caldas, com recepção do Boca Rica em uma pizzaria da cidade. A 2ª na casa do Dal Ben, em Lençóis Paulista, onde os agrônomos cantaram com voz embargada a música

“Amigos para sempre”, de Jayne. Foi emocionante!

A 3ª reunião foi em Vinhedo, novamente sob o comando de Otávio, e a 4ª teve programação em um restaurante de Piracicaba e na chácara do Beltrame, em Santa Bárbara d'Oeste (SP).



Esquenta em Poços de Caldas em 2017 | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Esquenta em Vinhedo em 2017 | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Esquenta em Lençóis Paulista em 2017 | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Esquenta Lençóis Paulista em 2017
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Primeiro dia do Reencontro em Piracicaba em 2017
Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Primeiro dia do Reencontro em Piracicaba em 2017 | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Reencontro na ESALQ rumo à chácara do Beltrame em 2017 | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

Em **2018**, a turma se encontrou em maio, em Poços de Caldas, a convite do anfitrião Boca Rica. Em outubro, o esquentão ocorreu no restaurante Pavanelli, em Piracicaba. Mais tarde, um churras-

co na deliciosa chácara do João Américo Beltrame reuniu os amigos em torno de um assunto tão esperado por todos: o Jubileu de Ouro da turma A70, que ocorreria dali a 2 anos.



Esquentão em Poços de Caldas em 2018 | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Reencontro em Piracicaba em 2018 - Jantar no Restaurante Pavanelli | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Reencontro em Piracicaba em 2018 - Chácara do Beltrame | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

Era hora de começar a pensar no Livro do Jubileu de Ouro. Numa breve pesquisa para verificar a adesão ao projeto, mais de 140 integrantes da A70 engajaram-se. Formou-se, então, a comissão do Jubileu de Ouro, composta alguns deles, com núcleo central nos colegas Altair, Dal Ben, Peca e Vitti, a fim de discutir e viabilizar o trabalho que tornaria aquele sonho uma realidade.

Ainda em 2018 iniciou-se a **busca por jornalistas** para escrever o Livro do Jubileu de Ouro. O processo de seleção e entrevistas para escolher quem assumiria o projeto foi realizado no início de 2019 e reuniu 9 amigos da A70: Aliomar, Altair, Dal Ben, Germano, Marly, Mutuca, Newman, Peca e Vitti. A jornalista contratada foi Suzana Amyuni. Além do livro, outras três iniciativas marcaram o ano para a A70: os já tradicionais esquentas, o Galo da Madrugada e os preparativos para a festa do Jubileu de Ouro.

O **1º esquentado de 2019**, ocorrido em março, foi organizado pelo Boca Rica em Poços de Caldas. Em outubro, a turma **se reencontrou em Piracicaba** para uma agradável confraternização, cada um com sua família. A programação incluiu um jantar na sexta-feira no Restaurante Pavanelli e um almoço no sábado no Restaurante Viva.



Reunião para escolha da jornalista que escreveria o livro da A70 | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Esquentado em Poços de Caldas em 2019 | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben



Primeiro dia do reencontro em Piracicaba em 2019 | Créditos: Acervo André Camargo



Primeiro dia do reencontro em Piracicaba em 2019 | Créditos: Acervo André Camargo



Reencontro em Piracicaba em 2019 - almoço de sábado | Créditos: Acervo André Camargo

Foram momentos de enorme alegria, boas recordações e muitas saudades. Aquela foi a última vez que a maioria dos amigos viu os queridos Péricles e Ariovaldo (Veinho), que faleceram em 2020, deixando muitas saudades.

Outra ação que marcou a A70 ao longo de 2019 foi o **Galo da Madrugada**, instituído pelo amigo Altair, que prepara cuidadosamente os comunicados para os aniversariantes da turma, encaminhados no grupo de WhatsApp. Por e-mail os aniversariantes são saudados pelo Peca, com envio de um vídeo editado pelo Akira, com a colaboração de Dal Ben, Celsão, Marly, Otávio e Peca.

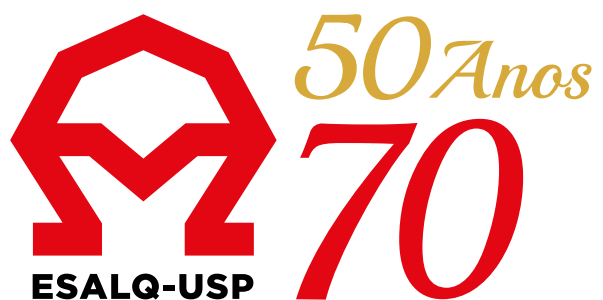
Suas mensagens de aniversário são picos de audiência da participação do grupo. E mesmo quando não é dia de celebração, para o Galo da Madrugada é sempre dia de festa.

“Bom dia, galera da A70! Hoje não temos ‘niver’, mas o Galo tem uma mensagem especial para as Gerações Futuras, que continuarão levando as nossas lembranças, perpetuadas no ‘The Book’. Formados na ESALQ, nós, da A70, temos convivência desde o esplendor da juventude nos anos de 1966 a 1970 e após 55 anos, estamos ainda mais unidos por esse único e exclusivo amor à ESALQ, que nos trouxe a possibilidade de deixar um legado às nossas gerações futuras, que poderão ler a história de cada um dos integrantes da A70. Um grande abraço da A70 para as nossas gerações futuras.”



Galo da Madrugada é sinônimo de festa
Créditos: Reprodução

Enquanto isso, ao longo de todo o ano, a Comissão da A70 trabalhou duro para organizar minuciosamente o Jubileu de Ouro, incluindo a elaboração do **novo logotipo que marcaria os 50 anos da turma**. Além do acompanhamento da produção do livro, também teve início o planejamento de cada detalhe da festa. A arrecadação da contribuição financeira dos colegas para a realização desse evento foi meticulosamente planilhada.



Os incansáveis agrônomos da **Comissão da A70** realizaram uma série de pesquisas para levantar os orçamentos dos vários fornecedores do jantar que marcaria o ponto alto do Jubileu.



Dal Ben, Altair, Vitti e Peca integram a Comissão

Tudo estava sendo cuidadosamente organizado: o Salão do Clube de Campo de Piracicaba havia sido reservado para as mais de 600 pessoas confirmadas, e após longas pesquisas, também foram contratados o buffet, a cerimonialista, os fotógrafos, a decoração, a banda, a equipe de segurança, a ambulância, o gerador, os brigadistas, enfim, um trabalho acurado que exigiu tempo e dedicação.

Teve também o levantamento de gráficas para impressão do livro e a procura persistente por patrocinadores. Os agrônomos buscavam empresas de destaque no setor e que tivessem alguma ligação com a ESALQ e com a A70. Conseguiram o apoio de 5 marcas relevantes para o agronegócio: Abracase, Case IH Agricultura, Fertilizantes Tocantis, Multitécnica e Nutrigesso.

Tudo caminhava perfeitamente bem e, então, 2020 chegou!

O ANO DO JUBILEU DE OURO

O ano do Jubileu de Ouro da A70, tão esperado pelos agrônomos, teve início com a conclusão de todo o planejamento e dos contratos da festa. O coração já batia mais forte pela chegada da data. Tudo estava plenamente encaminhado.

No entanto, 2020 trouxe consigo um fato que fez tudo mudar: a pandemia do coronavírus. O SARS-CoV-2, novo agente dessa família de vírus que causam graves infecções respiratórias, foi desco-

berto em dezembro de 2019, após casos registrados na China. O mundo parou. Tudo ficou suspenso.

Em 30 de janeiro, a OMS declarou Emergência Internacional, e em 3 de fevereiro o Brasil declarou Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional. O 1º caso no país foi confirmado no dia 26 de fevereiro, em São Paulo.

Nessas alturas, a lista de países em alerta para casos suspeitos já continha 16 nações. Em março, a Covid-19, doença provocada pelo vírus, foi caracterizada pela OMS como uma pandemia, pois já afetava grande número de pessoas espalhadas pelo mundo.

A recomendação taxativa para evitar a disseminação do vírus foi **o uso de máscara** e o isolamento social. Ninguém mais podia sair de casa. Ou seja, após tanto esforço para reunir-se novamente, a A70 estava isolada.



Máscara ADEALQ
Créditos: Acervo ADEALQ

O contato passou a ser, sobretudo, virtual. O grupo de WhatsApp criado pela amiga Régia, logo após o esquentar na casa do Dal Ben, em 2017, a lista de transmissão com 147 participantes, elaborada pelo Peca, e as diversas circulares encaminhadas por e-mail foram as principais ferramentas utilizadas para não deixar a situação esfriar. Telefonemas e alguns encontros virtuais também foram necessários para discutir as decisões e, claro, matar as saudades.

Mas não se podia abusar. A saúde estava em xeque e, conseqüentemente, a festa do Jubileu de Ouro também. Se o quadro geral demorasse a mudar, os eventos presenciais continuariam suspensos. Foi dito e feito.

A 63ª Semana Luiz de Queiroz organizada ADEALQ/ESALQ teve que ser revista. E tudo o que havia sido programado pela Comissão do Jubileu de Ouro para ser uma grande festa, com direito a um belo jantar, a uma grande reunião de amigos e ao lançamento do Livro do Jubileu de Ouro precisou ser adiado.

Pela primeira vez em 63 anos, não havia possibilidade de se realizar o tradicional encontro de

outubro, que em 2020 reuniria todos os ex-alunos das turmas de final 0 e 5, com destaque para a Turma F95, que comemoraria seu Jubileu de Prata, e para a A70, com o seu esperado Jubileu de Ouro: 50 anos de formados, uma data extraordinariamente significativa.

Diante da nova e triste realidade, contudo, a Diretoria da ADEALQ não poupou esforços para manter, de alguma forma, essa tradição esalqueana. E depois de muitas discussões, chegou-se à conclusão que haveria uma comemoração virtual, que embora não fosse o ideal e o sonhado por todos, era o possível a ser feito.

A 63ª SEMANA LUIZ DE QUEIROZ

A Diretoria da ADEALQ, presidida pelo amigo André Malzoni dos Santos Dias (RG – F90) teve a louvável criatividade para organizar a Semana Luiz de Queiroz nesse formato inédito e partindo do nada, pois não havia ninguém com experiência anterior na tarefa de realizar esse evento de forma virtual.

Os esalqueanos são mundialmente reconhecidos por sua versatilidade e competência, e a ADEALQ encontrou um amigo da F99, o Fernando Martins (Din Din), para coordenar as atividades de gravação dos eventos da Semana.

Assim, em vez de palestras, cursos e simpósios, normalmente realizados durante a Semana Luiz de Queiroz, foi montada uma programação virtual transmitida pelo YouTube e Facebook, baseada em dois grandes eixos:

- O Rucas Virtual – um alegre e comovente bate-papo, com depoimentos de esalqueanos das turmas de final 0 e 5, que ocupou as noites de segunda a sexta-feira a partir de 5 de outubro.

- O Festival *πrapal(o)²za* – um extraordinário e animado programa musical que reuniu cantores, corais e conjuntos formados por esalqueanos de todas as turmas, que também foi ao ar de segunda a sexta-feira. Destaque para o programa da quarta-feira, com a participação da A70 através do Gilberto M. Soares (Mutuca), que junto com seu filho Otávio fez uma brilhante interpretação da famosa música Modinha.

Reservou-se para o encerramento no sábado um Rucas especial dedicado à turma A70 que, mercedamente, comemorava o Jubileu de Ouro e a 1ª Sessão Solene Virtuosa da história da ESALQ.

No Rucas especial não havia a possibilidade de contar com a presença de todos os A70, embora todos sejam iguais, amigos e irmãos. Após muita negociação com a ADEALQ, então, foi possível ampliar a participação e contar com o depoimento de 16 colegas/amigos: Aliomar, Altair, Arlei, Baiano, Clarindo, Celsão, Dal Ben, Fred, Joel, Newman, Peca, Preto, Régia, Vitti, Yoneda e Xinelo.

Abrindo os depoimentos, a comovente presença do Marco Lorenzo Cunali Ripoli (Hulk - F99), filho do saudoso Caetano Ripoli, que falou em nome dos familiares dos colegas falecidos. Destaque também para a turma da Economia Doméstica, formada em 1970, representada pela Sandra e Regina, esta última esposa do Del Nery, da A70.

Na sequência, uma solene declamação da Ode a Luiz de Queiroz foi feita pela Marly e pelo Urias Bellusci (Pancho) que, de forma brilhante, recitaram esse texto, uma tradição esalqueana.

Após todos os depoimentos, uma seleção de músicas interpretadas pela **dupla Mutuca e Zé Procópio** retomou as atividades da mais famosa dupla de cantores da A70. Impecável a apresentação, que deverá ser repetida no encontro de 2021.



Mutuca e Zé Procópio na sessão virtual do Jubileu de Ouro da A70 | Créditos: Reprodução YouTube

Por fim, ao mesmo tempo em que rolava lentamente pela tela a relação completa de todos os colegas/amigos vivos e falecidos da A70 (incluindo os A70 de coração), o Peca, em nome da Comissão do Jubileu de Ouro, fez um depoimento, abaixo reproduzido:

M*eus jovens!*
É com esta saudação que, ao longo dos últimos cinco anos, tenho entrado em contato com vocês, em nome da Comissão do Jubileu de Ouro, seja pelo WhatsApp, e-mails ou presencialmente em nossos inesquecíveis esquentas e nos encontros regionais de entrevistas para o Livro.

Estas comunicações visavam sempre divulgar notícias sobre a A70 como um todo e sobre nós, nossas famílias, a nossa gloriosa ESALQ e a querida Piracicaba.

O objetivo maior das comunicações era acalantar um sonho, promover a união e reforçar a amizade para juntos chegarmos a 2020, ano de nosso Jubileu de Ouro.

Graças à colaboração de todos vocês, inclusive financeira, é que foram tomadas, com sucesso, todas as providências para comemorar, de forma espetacular, a marcante data do Jubileu de Ouro de nossa turma.

A adesão à comemoração do Jubileu foi um recorde, embora não tenha sido este o nosso objetivo. Dos 144 colegas/amigos, 137 confirmaram e estavam totalmente engajados nesta grande festa.

Para o jantar comemorativo do Jubileu, onde seria lançado o nosso Livro, tínhamos a impressionante confirmação de 605 pessoas, entre formandos e formandas, esposas e maridos, filhos e filhas, genros e noras e netos e netas. Ressalte-se a significativa adesão de familiares de colegas falecidos, trabalho muito bem coordenado pelo Dal Ben.

Criou-se o clima de um alegre encontro em que iríamos nos abraçar, nos beijar, dar risadas e, olhos nos olhos, contar causos e lembrar os grandes momentos dos cinco anos que passamos juntos em Piracicaba. Seria então uma alegre reunião de uma família feliz: a FAMÍLIA A70. E tudo isso deve-se ao trabalho de todos nós, a A70 como um todo.

Tudo foi preparado de forma profissional para os grandes eventos comemorativos de nosso Jubileu de Ouro: plantio da árvore, jantar com lançamento do Livro, Sessão Solene em que seríamos, com justiça, os protagonistas, além do famoso churrasco da ADEALQ, no Engenho Central.

E chegou 2020, o nosso esperado ano. Mas com ele lamentavelmente veio uma desagradável surpresa: esta terrível pandemia, que alterou totalmente a rotina das pessoas no mundo inteiro.

A primeira reação foi de perplexidade. A segunda foi de aguardar mais informações de como a si-

tuação iria evoluir até chegarmos – A70 e ADEALQ – contra a nossa vontade, a uma conclusão de que era impossível um encontro presencial, por conta das questões de saúde e dos marcos regulatórios estabelecidos.

Ao mesmo tempo em que procuramos manter a chama de um encontro presencial em 2021, a ADEALQ, através de seu presidente André Dias (RG – F90), teve a feliz iniciativa de não deixar passar a comemoração totalmente em branco.

Começaram então os preparativos para uma comemoração virtual, que nem de longe tem a pretensão de substituir o calor humano de um encontro presencial, mas foi feito o que era o possível pelas circunstâncias em que todos nós fomos colocados.

Nossos parabéns à ADEALQ pelo grande trabalho realizado sob a coordenação do Din Din (Fernando Martins – F99) que só granjeou entre nós amizades por sua competência, dedicação e simpatia.

Assim, hoje, em vez de estarmos juntos, estamos cada um em sua casa, à distância, felizes e irmanados em oração, agradecendo a Deus pela graça de estarmos vivos com saúde e com nossas famílias.

Em 2021, com certeza, vamos estar juntos em Piracicaba, ter o nosso jantar no Clube de Campo, lançar o Livro, que está ficando fantástico. Quem esperou 50 anos, pode esperar um pouco mais. O lema de nossa turma, uma notável criação do Vitti, é “O SONHO NÃO ACABOU”. E esta profética frase é que nos dá forças para continuar. O sonho não acabou, não acabará nunca e continuará para sempre, seja através de nós ou de nossos descendentes. Este é o nosso legado.

Em 2021 teremos também a nossa Sessão Solene e para tanto contamos com a colaboração da ADEALQ, colaboração esta que nunca nos faltou e certamente não faltará.

Teremos também, com certeza, o apoio e a compreensão da Diretoria de nossa querida Escola para criar condições para que a A70, da mesma forma que todas as outras turmas anteriores e posteriores, possa ter o privilégio de ter a SUA Sessão Solene. É mérito e porque não dizer, direito nosso, esta comemoração.

Não existem condições hoje de se precisar uma data, mas vamos juntos manter a chama da amizade que nos uniu desde que entramos na Escola.

Meus jovens, vamos em frente, o sonho não acabou e não acabará nunca.

2021 que nos aguarde, estaremos todos juntos em Piracicaba na nossa querida ESALQ, comemorando e agradecendo a DEUS pela VIDA, pela PAZ e pela AMIZADE.

VIVA A A70!

Peca

No espaço entre os depoimentos da turma A70 e a **Sessão Solene virtual**, foi realizada uma *Live* que teve número restrito de participantes, conforme informação da ADEALQ, devido a algumas questões técnicas. A A70 foi representada ali ao

vivo pelos colegas Dal Ben, Marly e Fernando (Peca). No fim da *Live* foi reproduzido o famoso vídeo gravado durante um esquentado na casa do Dal Ben, em Lençóis Paulista, intitulado “Amigos para sempre”.



Sessão solene virtual do Jubileu de Ouro da A70 | Créditos: Reprodução YouTube

SESSÃO SOLENE VIRTUOSA

Coroando as atividades, veio o ponto alto e de encerramento da Semana Luiz de Queiroz: a Sessão Solene Virtuosa. Destaques para a abertura feita pelo RG, presidente da ADEALQ, e para os pronunciamentos de Durval Dourado Neto, diretor da ESALQ, Roberto Arruda (F85), prefeito do *Campus*, e Roberto Rodrigues (F65), membro do Conselho da ADEALQ. O Hino Nacional foi cantado, de forma emocionante, por Sonia Dechen (F69).

Dois discursos marcaram o momento: o da Alejandra Beatriz K. V. Wuthenau, representando a F95, e o esperado discurso do orador oficial da A70, Newman Ribeiro Simões (Piava), que mais uma vez arrebatou os corações dos colegas com seu dom da oratória e com suas palavras emocionantes, como sempre.



Newman durante seu discurso - 10 de outubro 2020
Créditos: Reprodução Youtube

Abaixo, o texto preparado com carinho e sabedoria pelo querido orador:

Sr. André Malzoni dos Santos Dias, presidente da ADEALQ; Dr. Durval Dourado Neto, diretor da ESALQ;

Queridos amigos da A70:

Nunca, como hoje, com essa pandemia, a vida (íntima, familiar, profissional, social, espiritual) nos pede calma, paciência, força, coragem, respeito, responsabilidade, compreensão e esperança! Assim,

“Coloquem nesta celebração uma sonora e silenciosa canção. Por ela os Homens te conhecerão, por ela os tempos saberão que o mundo ficou mais bonito e solidário quando por ele passou teu coração”.

Em nome do decano dos Engenheiros Agrônomos Fernando Penteado Cardoso, que neste ano completou 106 anos, peço a bênção de todos os doutores formados antes de nós. Aos formados nestes últimos 50 anos, pedimos respeito e reverência pela turma da A70, indiscutivelmente a melhor de todas as turmas que Luiz de Queiroz pode abençoar.

Acho que não podemos deixar de trazer para nosso encontro virtual, pelo menos na lembrança, os 43 companheiros falecidos, pois “não morre quem nos outros vive. Não morre quem nos vivos vive”. Por 3 segundos, podemos mentalizar aqueles com quem mais convivemos. Acho que também é virtual.

...66 – 70 – a juventude mundial talvez tenha vivido os momentos mais agitados do século pas-

sado. Momentos em que nossa geração, como qualquer outra, julgava carregar a responsabilidade de refazer o mundo pós-guerra ou, pelo menos, de não deixá-lo ruir de vez.

Na ESALQ tivemos uma formação acadêmica sólida para atuação profissional nas diversas áreas que a formação agrônômica permite: extensão, ensino, pesquisa, e que ajudaram o Brasil a ter o desenvolvimento registrado em produção e produtividade.

Mas são os momentos marcantes de nossa convivência naquele vibrante período que nos reúnem em instantes de celebração, como este, de nosso Jubileu de Ouro.

A década de 1970 termina com a nossa formatura ao mesmo tempo em que John Lennon anuncia a separação dos Beatles dizendo ao mundo: “O SONHO ACABOU”.

Então, um novo relógio começou a organizar nosso tempo. E quando nós achávamos que tínhamos todas as respostas, veio a vida e mudou as perguntas. E a vida nos convocava para o futuro, pois “esperar não é saber e quem sabe faz a hora, não espera acontecer”. E “caminhando e cantando e seguindo a canção” chegamos a este Jubileu de 50 Anos.

Pelos caminhos trilhados, com vitórias ou sonhos não alcançados; momentos de alegria ou de tristeza, pelas risadas que demos, pelos medos vencidos, pelas janelas que abrimos, pelas sementes que plantamos, ...que tudo tenha sido feito com equilíbrio e muito amor, como a árvore que sabe quanta doçura e quanto amargor, doa a cada um de seus frutos;... lembrando da canção: “O amor é como um grão! / Morre/ nasce trigo/ Vive/ morre, pão”.

O Engenheiro Agrônomo não é apenas um técnico: encontra-se diante das leis da natureza e atua em setores fundamentais para a vida saudável e sustentável de ampla comunidade. É preciso mais que conhecimento, técnica ou arte para apurar as sementes; nutrir as plantas com justa medida de água e sol; recolher, sempre zeloso, os frutos sadios das árvores; é preciso humildade e ter as mãos cheias de entrega, com tanta oferenda.

Quanto mais vasto é o tempo que deixamos para trás, mais irresistível é a voz que nos convida ao retorno.

Que possamos manifestar a emoção com aquilo tudo que encantou os nossos sonhos. O que a memória amou se torna eterno. (Tudo que é bom dura ...o tempo suficiente para se tornar inesquecível), como aquele inesquecível Baile de Formatura no Prédio Principal, selando nossa amizade. Como soubemos dar adeus pela separação, pudemos viver muita emoção em nossos “esquentas” e encontros de quinquênios. Meio século separa estes dois momentos. Lá, nós, jovens sonhadores,

poderíamos ouvir coisa assim: “nos olhos de um jovem arde a chama; nos olhos dos velhos brilha a luz”. Agora, com mais de 70 voltas em torno do Sol, talvez cansados, mas não extenuados, temos motivos para júbilo e experiência para dizer:

“O jovem não sabe da força que tem; o velho não tem a força para o que sabe.”

Não por questão de fria justiça, mas por reconhecimento sincero e muita gratidão, gostaria de registrar, com aval de todos, tenho certeza, nomes de colegas que possibilitaram essas comemorações. No começo dessa caminhada:

COMISSÃO DE FORMATURA

Altair Lombardi, Ângelo Moura, Antonio Carlos Gimenes, Geraldo Araújo, Humberto Del Nery, Lélío Martins, Milton Santamaria e Oswaldo Dalben.

Agora e, certamente, pelo jantar que vai ocorrer (não virtual, claro) de lançamento do Livro da A70:

COMISSÃO DO JUBILEU DE OURO

Prof. Vitti, Ernesto Dal Ben, Altair Lombardi e o comandante, José Fernando Martins (o Peca).

São pessoas assim que nos permitem concordar com os dizeres de um autor desconhecido:

“Cada pessoa que passa por nossa vida, passa sozinha/ pois cada pessoa é única/ e nenhuma substitui a outra./ Cada pessoa que por nossa vida passa sozinha, não vai só./ Leva um pouco de nós, e deixa um pouco de si. Há quem leve muito, mas NÃO existe aquele que não deixa nada. Essa é uma grande responsabilidade que temos, pois as pessoas podem entrar em nossa vida por acaso/ mas nunca é por acaso que nela permanecem”.

Quando eu morrer e fizerem a autópsia, certamente encontrarão Piracicaba, a ESALQ e todos os queridos amigos da A70 em meu coração. Enquanto um de nós estiver vivo, estaremos todos vivos, existindo como A70; e o coração desse alguém terá as vozes de todos nós para dizer ao mundo: O SONHO NÃO ACABOU”! O SONHO ...NÃO PODE ACABAR!!!!!!

Obrigado e um grande abraço a todos!

Newman

Outro momento marcante da Sessão Solene foi a inserção de depoimentos dos colegas Jorge Vicente Chiarini e Oscar Thomazini Etori, que comemoraram em 2020 o Jubileu de Diamante, impressionantes 75 anos de formatura na ESALQ. Esses colegas, pelo brilhantismo de suas palavras serão o nosso Norte, o nosso desafio. Vamos tentar chegar lá também!

E na continuidade, a Ode a Luiz de Queiroz, de autoria do saudoso Prof. Salvador de Toledo Pizza (F21), foi interpretada pelo querido professor Zilmar Ziller Marcos (F55) e ao final por um sexteto de músicos da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais.

Em seu pronunciamento de encerramento, o RG agradeceu à Diretoria da ADEALQ, aos mais de 250 voluntários esalqueanos que colaboraram no projeto, ao PECEGE, responsável pela edição dos vídeos, e fez um justo e merecido agradecimento ao Din Din (F99), que com sua dedicação e seu incansável trabalho foi fundamental para o êxito da 63ª Semana Luiz de Queiroz, a primeira Virtual da Escola.

Ainda no discurso de encerramento, o RG citou a superação e o trabalho em equipe, sem os quais

esse desafio não seria vencido. E com tais citações deu por encerrada a Semana Luiz de Queiroz.

Foram momentos únicos. A primeira Sessão Solene Virtuosa da ESALQ ficará na memória de todos que dela participaram. Em que pese não tenha sido a ideal, considerando a expectativa do caloroso encontro, foi muito peculiar. E essa é uma história única e exclusiva que só a A70 poderá para sempre contar.

A busca incessante por alternativas para realizar a Semana Luiz de Queiroz, coroada pela Sessão Solene Virtual do Jubileu de Ouro, reforçou a todos os A70 que O SONHO NÃO ACABOU. A turma, que terá duas sessões solenes, uma virtual e outra, no ano seguinte, presencial, não será esquecida jamais. Todos sabem que 2021 lhes reserva UM SONHO A MAIS.



Banner símbolo da A70-ESALQ | Créditos: Acervo Ernesto Dal Ben

Biografias

Maturidade tem mais a ver com os tipos de experiência que se teve e o que você aprendeu com elas do que com quantos aniversários você celebrou. (William Shakespeare)



O valor das coisas não está no tempo que elas duram,
mas na intensidade com que acontecem.
Por isso existem momentos inesquecíveis,
coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.
(Maria Júlia Paes de Silva)





ESCOLA SUPERIOR
DE AGRICULTURA



AGRÔNOMOS



“LULI
Z”

DE
QUE-
R-
R-
“NON”

CRÉDITO RURAL: UMA ATUAÇÃO PROFISSIONAL QUE LHE PERMITIU MANTER AS MÃOS LIMPAS

Férias com os primos no sítio: uma vivência comum para tantos agrônomos da turma A70. Com Abel de Lima Filho não foi diferente. Nascido em 14 de junho de 1945, em Taquarituba (SP), já havia se mudado para Itapeva (SP) quando fez o ginásio. Mas na trégua das aulas sempre voltava para o sítio dos avós.

Embora gostasse da terra, lembra-se bem da frase tantas vezes repetida pelo pai, Abel Pereira Lima: “meus filhos têm que ter mãos limpas”. Isso porque ele era mecânico e queria que a prole fosse diferente.

Abel decidiu cursar Agronomia e em 1965 mudou-se para Piracicaba, onde fez o cursinho pré-vestibular. No início de 1966, estava com a família em Itapeva quando recebeu um telefonema e soube que havia entrado na ESALQ. Foi aquela festa!

Morou na recém-construída Casa do Estudante. Sendo ele o primogênito de cinco irmãos, o pai não podia ajudá-lo financeiramente, o que o levou a trabalhar no restaurante universitário e no cursinho. Fez estágio no Departamento de Horticultura da ESALQ e na Massey Ferguson em São Paulo.

Participou da criação do coral e do grupo de teatro do CALQ. Lembra-se bem da manifestação que culminou com a Catedral de Piracicaba cercada pela cavalaria da PM. Tinha a sensação de que seria atropelado pelos cavalos a qualquer momento. Tudo terminou bem.

Nas aulas, encantou-se pelos números e em 1969 fez estágio no projeto Formação de Capital. Durante o programa, numa coleta de dados em Batatais (SP), conheceu sua esposa, a bióloga Mariangela de Figueiredo Lima, que passava férias na cidade.

Na formatura, a ordem alfabética lhe favoreceu e foi o primeiro a receber o diploma. O nervosismo, contudo, deixou-o atarantado, e acabou errando o trajeto na entrada do ginásio, levando outros amigos ao erro, fato do qual acha graça até hoje.

Sem pestanejar, Abel foi rápido a São Paulo quando soube que o First Nacional City Bank con-

trataria um engenheiro agrônomo para trabalhar com crédito rural. E ali, na famosa esquina da Ipiranga com a Avenida São João, teve sua primeira atuação profissional, em 1971.

Após dois anos foi trabalhar na carteira agropecuária do Banco Comercial do Estado de São Paulo. Depois, passou pelo IEA, onde atuou em pesquisas na área de economia da produção, coordenando o projeto Oferta de Crédito Rural para a Pecuária no estado.

Casou-se com Mariangela em 1974 após um corajoso telefonema, união que deu origem aos filhos, Danilo e Janaína, e aos netos, Oliver, Maya e Filipo.

Quando encerrou o trabalho no IEA foi para a área de crédito rural do Unibanco, onde atuou por 14 anos. De lá, seguiu para o Banco Noroeste, onde passou mais três anos, até que a instituição foi vendida e ele foi demitido.

O susto foi grande. Contudo, o bom relacionamento com amigos lhe rendeu uma indicação para desenvolver um trabalho de estatística para a Fundação Florestal – FCP-FESP, da qual tornou-se funcionário posteriormente.

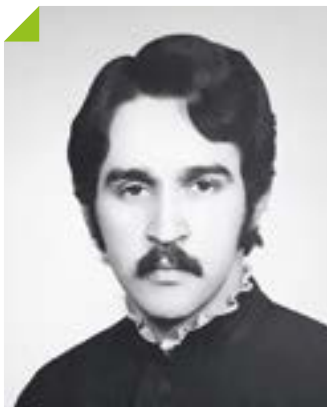
Abel também foi assessor do secretário estadual de Agricultura Xico Graziano, com quem trabalhou por três anos, até assumir, em 1998, a gerência de crédito do BANCOOB, onde ficou até 2004.

Entusiasmou-se tanto, que quando saiu, passou a dedicar-se ao cooperativismo de crédito, conduzindo palestras e treinamentos

sobre crédito rural e financiamentos para o agro-negócio, área em que atua até o momento, viajando por todo o país.

Dedicou-se ainda ao associativismo, participando da Diretoria da AEASP em duas gestões. Também integrou o Conselho Deliberativo do Clube Paineiras do Morumbi, localizado em um dos bairros mais nobres de São Paulo.

A carreira de agrônomo, enfim, trouxe grandes alegrias a Abel de Lima Filho: vivenciar a profissão de forma integral numa área em que se encontrou e cumprir a recomendação que o pai tanto repetia.



A PROFÍCUA CARREIRA COMO DOCENTE E PESQUISADOR CIENTÍFICO NO IEA

Palmeirense verde-roxo, pescador de mão cheia, pesquisador dedicado. Assim é o popular Bixinho, conhecido por todos da A70. Nasceu em 4 de janeiro de 1947, em Santo Amaro, Afonso Negri Neto trabalhou no circo de seu pai até os 4 anos, onde ganhou seu 1º heterônimo: Pitoco; mais tarde, no Sud Mennucci, Bixinho; e hoje Afonshow.

Mudou diversas vezes de escola em decorrência da nova atividade do pai, que viajava em busca de mão de obra acessível. Apenas em 1960, a família estabilizou-se em Piracicaba e Afonso conseguiu completar um ano inteiro na mesma escola. Integrou-se completamente à cidade: nadou no Rio Piracicaba, ajudou a fundar a Rua do Porto e foi campeão de Futsal do interior paulista.

No 3º Científico já sabia seu destino. Finalista no Concurso Cientistas de Amanhã, tinha se encantado pela Química e se sentia preparado para enfrentá-la na ESALQ. Passou em 23º lugar no vestibular, e no 2º ano foi o representante da turma na Bioquímica, mas depois inclinou-se para a Economia.

Primogênito de 10 irmãos, decidiu sair de casa por discordar da postura agressiva do pai e foi “adotado” pelos amigos da República Mau Xero. Dava aulas de Matemática para se sustentar. Em 1968, decidiu sair da república e passou a ajudar Dona Hirce, sua mãe, a cuidar dos irmãos. Grandes parceiros, os amigos da A70 estavam sempre presentes.

Em 1967, Afonso fez estágio na área de Economia Agrícola, nas Centrais Elétricas de Urubupungá, em Três Lagoas; no Projeto Rondon, ajudou a projetar a rede de esgoto de Guaíra (PR). E no 5º ano estagiou no Projeto Formação de Capitais na Agricultura e fez Diversificação em Economia Rural. Adorava o CALQ, onde jogava sinuca e trabalhava como garçom na boate, o que lhe permitiu pagar a formatura.

Assim que saiu da ESALQ, intensificou as aulas particulares de Matemática e Microeconomia.

Em seguida atuou no Centro de Estudos de Solos Luiz de Queiroz e ainda desenvolveu trabalho de campo no Vale do São Francisco com classificação de solos para irrigação. Um período singular em sua vida; conheceu lugares e pessoas incríveis.

Logo foi convidado para lecionar Matemática e Economia na FFALM, em Bandeirantes (PR), onde também foi chefe de departamento e presidente de comissões. Em 1974 iniciou o Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas na ESALQ, sob orientação do professor José Ferreira de Noronha, e quando concluiu, foi convidado para coordenar projetos de fertilizantes do IEA. Assim, em julho de 1976 mudou-se para São Paulo.

No mesmo ano, assumiu as disciplinas de Microeconomia e Econometria na UNIMEP; dava aulas nos finais de semana. E ainda foi professor convidado na ESALQ. Foram 26 cursos. Em 1986, contudo, deixou o ensino e permaneceu apenas no IEA; nessa época já era efetivado na carreira.

Em 1981, foi para os EUA onde estudou por 4 anos. Em 1985, entretanto, com o falecimento da mãe, decidiu voltar ao Brasil. E um ano depois, casou-se com Aguri Sawatani Negri, responsável pela biblioteca do IEA, lugar muito frequentado por ele. Tiveram um filho: Miguel Afonso Negri.

No IEA, liderou a elaboração de projetos, conquistando diversos financiamentos junto aos órgãos de incentivo à pesquisa. Ao longo da carreira, contribuiu com trabalhos científicos em fertilizantes, milho, soja e café, pesquisando a cadeia produtor-consumidor, a relação custo-benefício e os efeitos de planos econômicos no setor agrícola. Publicou 58 artigos científicos e técnicos de referência estadual e nacional. Também foi citado em artigo nos EUA.

Aposentou-se em 2008 como pesquisador VI. De lá para cá, fortaleceu seu hobby favorito, iniciado em 1987: a pescaria. E ao lado de Aguri, realiza deliciosas viagens, seja para pescar ou apreciar as belas paisagens de nosso país.



A ASCENSÃO NA CARREIRA DE PESQUISADOR NO INSTITUTO BIOLÓGICO

Akira Paulo Takematsu lembra-se bem da Fazenda Pau d'Alho onde nasceu, em 15 de novembro de 1944, em Anhembi (SP). A terra em que o pai plantava arroz, tomate e verduras era arrendada, mas ele tinha um sítio em Piracicaba onde cultivava laranja e hortaliças. Akira morou ali até os 15 anos e enfrentou muito barro no percurso até a escola nos dias de chuva.

Caçula de 10 irmãos, não chegou a trabalhar na roça, mas aprendeu muito com os pais – Hayato e Sadae Takematsu – que embora reservados, ensinaram a importância do trabalho correto, da dedicação e da honestidade.

A proximidade com o ambiente rural e a facilidade de contar com a ESALQ na cidade impulsionaram sua decisão de cursar Agronomia. Iniciou o curso após aprender muito com o professor Torigoi.

Nessas alturas, seu pai tinha comprado um bar na praça José Bonifácio, e Akira alternava seu dia entre as aulas, o trabalho na venda e os estudos na casa do amigo Vitti, com direito a café que dona Rosa Vitti preparava. Outros colegas da A70, como Rochelle, Fernando Kroll, Virgílio e Ary também ficaram marcados pela boa convivência.

Naquela época, Akira gostava de jogar baseball e pingue-pongue; de vez em quando também ia ao Clube Nipo Piracicaba. Nas férias fez vários estágios e participou do Projeto Rondon, quando foi para Bragança (PA), onde teve contato com a cultura de pimenta do reino. Experiência interessante!

Assim que se formou, foi trabalhar na Ultrafértil, em Votuporanga (SP), e depois em uma fábrica em Jaboticabal (SP). Contudo, viu que vender não era sua praia e decidiu prestar concurso no Instituto Biológico, em São Paulo. E em janeiro de 1973 passou a trabalhar naquele que seria o seu ambiente profissional durante 41 anos: a Seção de Praguicidas.

Entrou como agrônomo por um projeto da FAO e quando a carreira foi criada, em 1974, tornou-se

pesquisador científico. No Instituto Biológico foi chefe de seção durante 13 anos, diretor substituto da Divisão de Defensivos Agrícolas e membro do Conselho Técnico. Quando se aposentou, em 2014, era pesquisador científico 6, nível máximo da carreira.

Trabalhou na área de olericultura, com Nelson Suplicy. Gostava bastante. Era parte de sua função testar o uso de inseticidas e acaricidas para que as empresas pudessem registrar novos produtos ou renovar o certificado junto ao MAPA. Visitou várias cidades do estado de São Paulo e teve contato com agricultores de diferentes regiões do país.

Atuou no desenvolvimento de 2 importantes inseticidas registrados no MAPA, ao lado do professor Octavio Nakano, da ESALQ, e de outros pesquisadores. Preciso lidar com a falta de recursos e chegou até a pensar em sair do Instituto, também porque recebeu convite para atuar em empresas privadas, mas resistiu bravamente. E não se arrepende, porque conseguiu concluir sua carreira com tranquilidade, claro, na medida do possível.

Acompanhou muitas mudanças nesses 50 anos, dentre elas, a influência da tecnologia na composição dos produtos agrícolas, antigamente muito tóxicos. Fez Mestrado na ESALQ, na área de resistência de insetos a inseticidas, enfrentando grande desafio, porque não conseguiu afastamento do Instituto Biológico, então viajava 2 vezes por semana durante a noite para participar das aulas no dia seguinte, e depois voltar para trabalhar. Mas quando tudo acabou, até sentiu falta da correria; na verdade, estava feliz pela experiência adquirida.

Em 1977 casou-se com Olga Sayoko Takematsu, com quem teve 2 filhos: Daniel e Eduardo. Akira viu os filhos crescerem, a tecnologia chegar e os 2 netos nascerem. Sente-se privilegiado por tudo que vivenciou. Atualmente, gosta de viajar com a esposa, caminhar pelas ruas de São Paulo e desfrutar da alegre companhia dos netos.



A CONSOLIDAÇÃO NA ÁREA DE DIREITO APÓS A AGRONOMIA

A decisão de estudar Agronomia foi quase uma sequência lógica para Alexandre Pedro Micotti, já que o cunhado e o irmão haviam feito o mesmo curso, demonstrando muita satisfação. Além disso, ele morava em Rio Claro (SP), cidade onde nasceu e vive até hoje, então a curta distância era o ensejo que completava a história.

Nascido em 17 de julho de 1946, Alexandre não tinha vínculo com a terra, mas morava em um bairro que propiciava esse contato, já que as casas eram amplas com grandes quintais. Ele, o irmão e as duas irmãs tiveram o privilégio de viver em um lar cheio de amor, suprido especialmente pela dedicação da mãe, Jair Micotti, enquanto o pai, Alexandre Micotti, aplicava-se intensamente ao trabalho para o sustento da família.

E quando viu o campus pela primeira vez, Alexandre ficou extasiado com a beleza do local onde estudaria. Fez o célebre cursinho do Torigoi, lembrando-se sempre dos valores aprendidos em casa: honestidade, seriedade e muita dedicação. Um ano depois, foi aprovado no vestibular.

O convívio com os colegas foi muito bom. Durante a semana, nos raros momentos que sobravam após o estudo, participava de eventos culturais no CALQ. No quinto ano, fez diversificação em Fitotecnia.

Em 12 de janeiro de 1972 casou-se com Giselda de Azambuja Micotti e tiveram dois filhos: Leandro de Azambuja Micotti, bacharel em Direito, e Lisandra Micotti Zanardo, formada em Engenharia Civil.

Antes mesmo de concluir a graduação, Alexandre foi trabalhar com o irmão numa empresa da família, no ramo de curtume, onde seguiu os passos do pai e atuou como administrador até 1976. Para ele, a formação bem dirigida é muito importante na vida, e embora fosse em outra área, o curso de Agronomia trouxe um conteúdo que sempre o ajudou.

Em seguida foi trabalhar na empresa Copas

Fertilizantes, onde ficou por quase quatro anos e exerceu o cargo de gerência. De lá foi para a Multinacional Diamond Shamrock. Viajou por várias cidades do estado de São Paulo e outros estados para prestar assistência técnica na área de fungicidas e herbicidas.

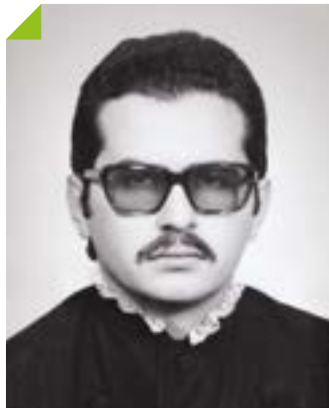
Contudo, desde que concluiu a Agronomia, Alexandre tinha o intuito de fazer outra graduação. Antes de entrar na Diamond, foi cursar Direito na FADISC, em São Carlos, acompanhado da esposa, que era formada em Geografia, mas também tinha decidido fazer um novo curso. Giselda o apoiou ao longo de todo o curso, possibilitando que ambos concluíssem o desafio com excelência, em 1983.

Então, montaram um escritório ao qual deram o nome de Micotti Advogados. Alexandre sempre diz que a vida, de tão fácil que é, torna-se extremamente difícil. E diariamente precisa munir-se de força e inspiração para enfrentar os desafios do Direito, um ramo em que as pessoas tendem a ouvir aquilo que querem e não necessariamente a realidade. Mas ele insiste em mostrar os fatos tais como são, porque acredita que a verdade é o melhor caminho.

Além disso, para ele, com saúde, não há dificuldades que não possam ser vencidas. Por isso, Alexandre e Giselda sempre se cuidaram e até hoje praticam atividade física. É o que os fortalece para enfrentar o trabalho diário no escritório. A motivação para vencer

cada desafio é a necessidade de seguir em frente, mantendo-se sempre atualizado.

O curso de Agronomia foi para ele um período muito agradável. Atravessado sem percalços e com muita satisfação. Conquistou amigos que reencontrou com alegria no Jubileu de Ouro da A70. Contudo, adaptou-se melhor na advocacia, consolidando um renomado escritório em Rio Claro, tendo exercido os cargos de Tesoureiro por três mandatos e de Presidente da 4ª Subseção da Ordem dos Advogados de São Paulo, em Rio Claro. E sente orgulho de ter feito a ESALQ.



A VOCAÇÃO PARA AGRONOMIA E A CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA AGROPECUÁRIA NO PAÍS

A curiosidade e o desejo de aprender são traços marcantes em Aliomar Gabriel da Silva. Ainda menino, espiava as aulas da escola rural pela fresta da porta, até que a professora o convidou para entrar e, assim, junto a crianças de várias idades, iniciou os estudos. O processo não era muito didático, mas era divertido!

Nascido em 18 de abril de 1944, na área rural de São Paulo, precisava percorrer 9 km até chegar ao asfalto. Ainda pequeno morou em fazendas do interior onde seu pai, Cezenil Gabriel da Silva, trabalhava. E como Aliomar gostava daquele ambiente! Sem contar que sempre admirou seu pai. Com isso, uniu o desejo de seu coração à sua vocação: ser agrônomo.

Aos 11 anos deixou a roça e voltou à capital para estudar. Já nutria a intenção de cursar Agronomia, mas precisaria de um trabalho para se manter em Piracicaba, então, formou-se técnico em Contabilidade, e em 1964 conseguiu emprego no Banco Federal de Crédito da cidade. O pai não podia lhe ajudar financeiramente, mas lhe abençoou olhando em seus olhos, e foi o suficiente. Ali teve início nova jornada que Aliomar trilhou em honra aos ensinamentos e aos exemplos de seu pai.

Trabalhava de dia, fazia cursinho à noite e estudava nas madrugadas em um ritmo alucinante, mas feliz. Naquele ano não pôde concluir o vestibular, já que uma das provas caiu no sábado, dia reservado a Deus. Contudo, foi recompensado pela coragem de revelar sua filosofia, e a partir do ano seguinte não houve mais provas aos sábados, o que abriu caminho para tantos adventistas entrarem na Escola.

Durante o curso, morou na Casa do Estudante e sempre trabalhou para pagar os estudos. Fazia insetário, herbário, dava aulas particulares, vendia livros, enfim, era muito ativo. Por 4 anos editou a revista “O Solo”, do CALQ.

Assim que se formou, recebeu 3 propostas de emprego e escolheu as Rações Anhanguera. Co-

meçou a trabalhar na segunda-feira seguinte à formatura. Viajava em média 300 km por dia visitando clientes. Aprendeu muito, porém queria mais: seu foco agora era o Mestrado.

Então aceitou convite para ser professor na Faculdade de Agronomia e Zootecnia de Espírito Santo do Pinhal, tornando-se chefe do Departamento de Zootecnia e, mais tarde, diretor da Faculdade. Enorme desafio. Mas não foi o único.

Um ano após concluir o Mestrado em Nutrição Animal e Pastagens na ESALQ (1974), foi contratado pela Embrapa com a incumbência de montar, na área da Fazenda Canchim, antiga Fazenda de Criação de São Carlos do MAPA, a UEPAE de São Carlos, atual Embrapa Pecuária Sudeste.

Em menos de 3 anos, construiu laboratórios e uma equipe com 17 pesquisadores. Então foi transferido para Brasília com a missão de auxiliar a montagem das unidades de pesquisa no país. Foram 2 anos intensos até que em 1980 realizou mais um sonho: cursar o PhD na Universidade Estadual de Michigan (EUA), com ênfase em nutrição de bovinos leiteiros e estatística experimental.

De volta, em 1984, tornou-se coordenador da programação da pesquisa, mas 5 anos depois pediu para retornar a São Carlos, pois queria atuar como pesquisador. Em 1996 tornou-se diretor da Embrapa Pecuária Sudeste, cargo que ocupou até 2004, quando se tornou assessor da Presidência da empresa em Brasília; paralelamente foi diretor da Embrapa Trigo por 8 meses.

No total, foram 31 anos de profícua e gratificante carreira na Embrapa; só saiu ao se aposentar, em 2007, e se tornou consultor em Pecuária de Corte e Leite. Desde então, mantém-se bastante ativo nesse trabalho. Além disso, aproveita a disponibilidade para viajar com Dulce Guilhém, sua companheira de vida, com quem se casou em 1976 e teve 2 filhos: Flávio e Mariana. Atualmente, vive em São Carlos onde partilha agradáveis momentos com a família e com amigos.



PARTICIPAÇÃO ATIVA E INTENSA NA EVOLUÇÃO AGRÍCOLA DO BRASIL

Pelo vínculo com a terra, a família Lombardi tem vários membros formados na ESALQ; Altair Lombardi é um deles. Nascido em 16 de agosto de 1946, em Anhembi (SP), aprendeu a ler e a escrever com a sua mãe, Dona Ida Francês Lombardi que, mais do que letras, lhe ensinou a importância do amor, da alegria e da amizade.

Após uma década, a família se mudou para Piracicaba e as férias eram sempre na fazenda. Altair concluiu o Científico no Colégio Dom Bosco, e o cursinho do Torigoi foi uma alavancada para o vestibular, que era muito disputado.

Já na ESALQ, embora tendo família na cidade, foi adotado pela República H-RRFA, onde viveu bons e inesquecíveis momentos, criando um vínculo que dura até hoje. Adorava jogar futebol na ESALQ e foi um dos que trabalharam na boate do CALQ, arrecadando verba para o sucesso da formatura.

Conheceu Araci Dias de Carvalho no 2º ano do curso e dançaram muitas vezes ao som de Sabor a Mí. Casaram-se em 1971, ano da formatura, e tiveram 3 filhos: Altair Junior, que também cursou Agronomia, Maria Christina e Maria Carolina; os dois primeiros lhes deram 2 netos e uma neta.

Na Escola, Altair fez estágio em Mecanização e viajou 2 vezes pelo Projeto Rondon: uma para Montalvânia (MG) e outra para Sete Barras (SP). No 5º ano do curso, durante visita à CBT a fim de convidar o presidente para ser paraninfo da turma, o professor Odilon Saad lhe abriu as portas da empresa e Altair foi contratado antes mesmo de se formar.

Inicialmente, trabalhou na manutenção de tratores e logo assumiu toda a área técnica, dando suporte ao desenvolvimento dos produtos, numa época em que surgia uma nova fronteira agrícola no Brasil. Essa geração de agrônomos teve muita influência na evolução agrária do país.

Altair ficou 8 anos na CBT e depois foi para a Case, assumindo novos e variados desafios. Já com muita experiência de administração e de

campo, passou por várias áreas da multinacional, na linha rodoviária, atuando na segmentação do mercado por produto e aplicações; também se dedicou à área de Marketing, com os recursos técnicos disponíveis na época, tais como FAX e Telex. Computadores e celulares chegaram muito tempo depois.

A Case foi a 1ª empresa a produzir no Brasil um trator agrícola de grande porte e alta tecnologia, com ar condicionado, transmissão automática etc. A formação de Altair lhe permitiu cooperar com a introdução no mercado dos diversos produtos agrícolas, produzidos no Brasil. Na época, já com profundo conhecimento dos produtos e do mercado, foi responsável pela implantação da rede de distribuição e comercialização de toda a linha de tratores, colhedoras de grãos e algodão, de cana-de-açúcar e de café, além de pulverizadores autopropelidos. Nesse período era responsável por toda a área comercial da Case.

Foram 22 anos de empresa, o que lhe deu uma oportunidade única de acompanhar a evolução agrícola no país, participando diretamente dela. Por sua formação na Escola, pelas experiências profissionais, por tudo o que aprendeu e também pelo que pôde ensinar ao longo da carreira, Altair é extremamente grato.

Há 20 anos, saiu do mercado de trabalho, porque era hora de parar; mas se sente feliz pela completa trajetória que, além das oportunidades profissionais, inclui uma família maravilhosa, novas amizades e a participação ativa no desenvolvimento de 2 grandes indústrias de produtos agrícolas do país.

Atualmente, mora em uma propriedade rural e continua com uma vida ativa. Demorou para se adaptar, mas hoje percebe que fez a escolha certa. Altair sempre gostou do que fez e trabalhou com muita luta e dedicação ao longo da vida, talvez por isso colheu apenas resultados positivos. Sente-se feliz por tudo e quer aproveitar ao máximo a vida daqui para frente.



CONHECIMENTO, APRIMORAMENTO E DEDICAÇÃO À PRODUÇÃO E AO MELHORAMENTO DE AVES

Álvaro Ferraz de Siqueira Filho lembra-se bem das plantações de café na propriedade agrícola de seu avô, Ubaldo Ferraz de Siqueira, em Guaranésia (MG). Nascido em 25 de abril de 1946, em Mococa (SP), já tinha ideia de cursar Agronomia na ESALQ quando se mudou para Piracicaba a fim de iniciar o Científico.

Seus pais – Olga Dias Ferraz de Siqueira e Álvaro Ferraz de Siqueira – adoraram a ideia, já que consideravam a Medicina, profissão do pai, muito sacrificada. Primogênito de 8 irmãos, Álvaro puxou a fila, já que os pais faziam questão que todos estudassem, sempre reforçando a importância do bom convívio e da amizade.

Em Piracicaba, Álvaro morou na República Vai Ken Ké e depois na Três Porquinhos, onde participou alegres momentos com os amigos Artur Cordón Dias, Germano Mariutti e Francisco Lefèvre, da A70. Deu boas risadas e aprendeu muito no convívio com eles. Ganhou o apelido de Canarinho.

Ainda durante a Escola conheceu Angela Martinelli Ferraz de Siqueira, em Mococa, com quem se casou em 1971; tiveram 3 filhas: Luciana, que é médica, Adriana, farmacêutica, e Cristiana, engenheira agrônoma formada pela ESALQ (2003). Hoje, Álvaro tem 4 netos.

Quando se formou, tinha 3 oportunidades à frente: trabalhar no BANESPA, no ensino agrícola ou com produção de pintinhos de corte e integração de frangos; escolheu esta última, já que tinha mais afinidade com a área, e a empresa Avisco ficava em sua terra natal. Aplicado, estudou maneiras de melhorar a incubação, aprimorou o manejo de aves e logo após foi promovido a gerente de produção.

Foram 10 anos de trabalho, até que a empresa foi desativada e Álvaro foi para a Agroceres, em Rio Claro; entrou para trabalhar no setor de premix para aves e pouco tempo depois tornou-se gerente de produção, atuando também no melhoramento genético de aves, área da qual sempre

gostou. Atualizava-se constantemente. Fez vários cursos no Brasil e no exterior: foi para Inglaterra, EUA e Escócia, onde ficava a sede de melhoramento genético da linhagem de aves.

Ficou na Agroceres até 2007, quando a área de aves foi vendida para a Aviagen e Álvaro foi então absorvido pela nova companhia. Atuou, ainda, em pesquisas de campo, melhorando as condições ambientais, nutricionais e de manejo para as aves reprodutoras.

Após um ano de trabalho na Aviagen, Álvaro aposentou-se, mas não parou de trabalhar. Isso porque a empresa o convidou para prestar consultoria, o que faz até hoje. Porém, ampliou sua atuação: além de genética e melhoramento, é consultor nas áreas de Agronomia, Florestas e Construções Avícolas.

Também viajou bastante para atender importantes clientes produtores de aves (grandes integrações avícolas). Ainda pela mesma empresa, deu assistência técnica na Índia. Sua rotina de trabalho sempre foi muito intensa, dada a natureza e exigência da atividade em questão.

O trabalho com aves é bastante técnico, exige preparo específico, e o grande desafio de Álvaro ao longo da carreira era fazer levantamentos perfeitos de produção, de nascimento, com dados genéticos, dados de resultado, enfim, tudo o mais acurado possível para gerar melhoria na qualidade e na produtividade das aves. Detalhe:

no início tudo era feito em planilhas rudimentares; apenas com a evolução da tecnologia é que o trabalho ganhou novo formato. Exigia muito conhecimento e por isso Álvaro nunca parou de se atualizar.

Continua na ativa, mas hoje tem uma jornada menos puxada. Consumidor voraz de notícias, não passa um dia sem ler. E sempre que pode, gosta de viajar com a esposa. Álvaro sente muito orgulho de ter estudado na ESALQ, afinal, foi o que lhe permitiu trilhar todo esse caminho de conhecimento, aprimoramento e amor à profissão.



A PAZ DE ESPÍRITO ALCANÇADA ATRAVÉS DA DEDICAÇÃO À PESQUISA EM SOLOS E NUTRIÇÃO DE PLANTAS

Ela nasceu em Piracicaba no dia 29 de março de 1948, mas foi criada em Rio Claro (SP). Ana Cândida Pacheco de Aguirre Primavesi conhecia a ESALQ porque o pai, o tio e um tio-avô tinham estudado lá; admirava a imponência dos prédios.

Além da influência familiar, Aninha vivia na fazenda do pai, em Ipeúna (SP), e sempre gostou do campo. Estava certa do que queria. O pai não escondeu a alegria ao saber que a filha trilharia o caminho percorrido por ele, mesmo sabendo que essa não era uma escolha comum. Havia poucas mulheres na ESALQ.

Durante o curso, morou na casa dos avós e passava quase todo o dia na Escola. Fez estágio no Departamento de Fitopatologia e diversificação em Silvicultura. Gostava de estudar e cumpria os afazeres com responsabilidade. Tanto que em 1970 conquistou o II Prêmio Luiz de Queiroz, outorgado pela ESALQ.

Seu primeiro emprego foi como professora no Colégio Técnico Agrícola de São Manuel, onde permaneceu até 1975, quando recebeu um convite do professor Eurípedes Malavolta para fazer Mestrado em Solos e Nutrição de Plantas, sob orientação dele. Era a oportunidade que ela queria: sair do ensino e atuar na pesquisa. Aninha nem pestanejou.

Haveria até a possibilidade de bolsa da FAPESP, mas ela decidiu prestar concurso na EMBRAPA e foi contratada ainda durante o Mestrado. Durante um curso de Matéria Orgânica no CENA, onde ficava sediado seu orientador, foi procurada inesperadamente pelo chefe técnico do CNPT/Embrapa de Passo Fundo (RS) e recebeu um convite para trabalhar lá.

Concluiu o Mestrado em um ano e meio e em 1978, já no CNPT, passou a desenvolver experimentos no campo e em estufa com trigo e soja, e responder pelo Laboratório de Solos. Montou o Laboratório de Nutrição de Plantas, pelo qual também se tornou responsável.

Na época, era a única mulher em campo. Mas

isso não a intimidava. Saía cedo, enfrentava as gélidas manhãs do sul e seguia firme nos experimentos de adubação e de calagem na sucessão de trigo e soja em diversos municípios do Rio Grande do Sul. Apesar da distância da família e do frio extenuante, gostou muito da região.

A convite do professor Malavolta, foi pesquisadora comissionada na ESALQ de 1980 até 1989. Em 1981, Ana iniciou o Doutorado em Solos e Nutrição de Plantas, também sob orientação de Malavolta, desenvolvendo trabalhos de nutrição mineral com sorgo sacarino. Nesse período também atuou no Laboratório de Fertilizantes e Corretivos de Solo juntamente com o professor Alcarde.

No final de 1989, Ana foi chamada de volta pela EMBRAPA. Escolheu a EMBRAPA Pecuária Sudeste, sediada em São Carlos (SP), onde manteve sua atuação na área de Solos e Nutrição de Plantas; desenvolveu trabalhos em campo e em casa de vegetação com adubação de Forrageiras, tornou-se responsável pelo Laboratório de Solos e passou a fazer recomendação de adubação para produtores rurais.

Em sua produção bibliográfica encontram-se 45 artigos completos publicados em periódicos, 4 capítulos de livros, 5 textos em jornais, 50 trabalhos completos em anais de congresso, 107 resumos em anais de congresso, 39 produções bibliográficas da EMBRAPA e uma organização de evento.

Sempre gostou da profissão que escolheu. Era criteriosa no desenvolvimento das pesquisas. Ana tinha um bom convívio com os colegas e pessoal de apoio. Isso porque entende que toda profissão é digna, toda atuação tem sua importância e sempre respeitou os demais. O reconhecimento veio. Além do respeito conquistado, recebeu a Premiação Nacional de Equipes pela EMBRAPA em 2000.

Em dezembro de 2005, aposentou-se. Procurando trilhar seu caminho profissional com amor e responsabilidade, Ana Cândida alcançou a paz de espírito, com a certeza do dever cumprido.



O EMPREENDEDORISMO QUE VEM DE FAMÍLIA EM PROL DA FRUTICULTURA E DA AVIAÇÃO AGRÍCOLA

A fazenda da família, em Itanhaém, já exportava banana para Argentina e Uruguai quando Angelo Franco Cervetto de Moura chegou ao mundo, em 12 de maio de 1948. Ele nasceu em Santos, mas era ali, no meio da plantação, que passava as férias. Sempre acompanhava o trabalho do engenheiro agrônomo da propriedade que, formado na ESALQ, foi quem o inspirou.

E não deu outra. Três meses antes do vestibular de 1966, Angelo já havia se mudado para Piracicaba para fazer cursinho. Desde a 1ª vez em que viu o campus, se encantou. A grandeza dos prédios e a imensidão do local deram a ele a noção da qualidade do ensino e a certeza de que queria estudar ali. Então, se dedicou.

Ganhou o apelido de Santista. Mas conseguiu ficar livre do trote porque foi convidado pelo então catedrático da Horticultura para morar em sua casa. Salim Simão havia se tornado amigo da família devido às consultorias que dava na Cooperativa de Santos. Um professor formidável, lembra Angelo, que morou com ele até o dia 13 de maio daquele ano, quando decidiu aceitar o convite de um colega para ir para a República Jacarepaguá, experiência fantástica.

Estudioso, Angelo sempre cumpria suas obrigações antes de se aventurar pelos deliciosos recantos de Piracicaba, como a Rua do Porto e a Cervejaria Jequibau. Após formado, fez 2 anos de pós-graduação na FGV, em São Paulo, e voltou para Santos para trabalhar com a família na Fazenda Mambu e na Aéro Agrícola Caiçara, umas das primeiras empresas de aviação agrícola da América do Sul.

Em 1974 casou-se e teve 2 filhos: Angelo e Mariana. Mas a vida lhe reservava surpresas, e após se separar da esposa, aproximou-se da prima Lucia Maria Casali Moura, que era viúva na época, mãe de 3 filhos – Leopoldo, Clarissa e Fernando.

Foi um simples convite para comer pizza e... em 1987, a família aumentou. Lucia disse sim para Angelo. E juntos enfrentaram os desafios de edu-

car os 5 filhos e se tornaram uma grande família. Os mais de 30 anos de união deram a eles 7 netos e muitas alegrias.

Em meados da década de 1980, Angelo saiu dos negócios familiares, mas seguiu a veia empreendedora da família. Comprou dois postos de combustíveis e se tornou empresário. Lucia foi parceira nessa empreitada, já que tinha uma loja dentro do posto. Ficaram cerca de 10 anos na atividade.

Em 1995 compraram o Colégio Borba Gato, experiência que lhes trouxe outros conhecimentos. Mas o amor pela terra continuava latente e, em 2002, após o falecimento do pai, Angelo deixou o colégio a cargo da esposa e voltou a atuar na agricultura com produção de banana e de palmito, e na empresa de aviação.

O melhoramento do pós-colheita foi um dos importantes trabalhos que realizou quando voltou. Mais uma vez, se dedicou: estudou o amadurecimento com o uso de etileno, as formas de armazenamento e transporte refrigerado da fruta, enfim, se atualizou.

Viajou bastante para conhecer as diversas realidades e reconhecer aquelas que poderiam se adaptar às condições da família. E precisou recorrer às próprias habilidades para encontrar uma solução para as pragas que atingiram a plantação de banana. Foi um desafio e tanto. Vencido com sua persistência. E a técnica utilizada tornou-se referência após ser publicada em

um relatório da Bayer.

Hoje a produção segue firme. E Angelo procura seguir os ensinamentos transmitidos pelos pais: ser correto, trabalhar duro e viver honestamente. Com esses princípios, busca melhorar cada vez mais a qualidade de suas frutas. Além disso, encontra tempo para colocar a mão na massa – como os avós – para fazer pizza ou macarrão em prol de uma entidade de Santos. E tudo sem deixar de lado a família e os prazeres que a vida lhe tem proporcionado, como viajar, caçar, passear de moto e andar de barco.



O CAMINHO CERTEIRO EM PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DE CEREAIS

Natural de Piracicaba, Antenor Pizzinato gostava da ESALQ desde criança, quando ainda a visitava como ponto turístico da cidade. Filho de agricultores, até chegou a pensar em fazer Medicina, mas a afinidade com o campo e a proximidade da Escola Agrícola foram determinantes para que optasse pela Agronomia. E para completar, o curso oferecia várias frentes de trabalho, o que o deixava bem animado.

Nascido em 19 de fevereiro de 1946, morou em uma chácara repleta de árvores frutíferas; o pai produzia mudas e Antenor o ajudava na lida desde criança; assumiu responsabilidades cedo e quando não estava em aula, estava trabalhando.

Aos 20 anos, após estudar no Monsenhor Jeronymo Gallo, tradicional escola estadual da Vila Rezende, Antenor matriculou-se no cursinho intensivo do Torigoi e encarou o vestibular, passando já da primeira vez.

No segundo ano da Agronomia começou a trabalhar no Departamento de Química como bolsista da FAPESP, assim, quando não estava em sala de aula, estava no laboratório, inclusive nas férias. Não foram raras as vezes em que deixou o local tarde da noite. Aplicado, abdicou até de participar do Projeto Rondon para concluir seu projeto de iniciação científica. Foi nesse ano que ganhou o apelido de Baquetéria.

Seu primeiro trabalho como engenheiro agrônomo foi na Ciba-Geigy, na área de vendas de defensivos agrícolas, onde atuou por dois anos. Chegou a ser promovido a chefe do setor de vendas em Rio Verde (GO), mas não aceitou e decidiu sair da empresa.

Foi um início de carreira difícil, pois não encontrou receptividade na área que gostaria. Viu-se obrigado a atuar no que não queria. Hoje considera deveras importante ter tido essa experiência; aprendeu a impor seus princípios, a negociar e a ter jogo de cintura.

E a hora da virada chegou. Devido à sua ex-

periência nos projetos em Química, em 1973 foi convidado para trabalhar no ITAL, em Campinas (SP), com pesquisa e desenvolvimento na área de cereais com ênfase em farinha de trigo. Ao longo da carreira, também participou de projetos com outras farinhas, como a de mandioca, tendo atuado, inclusive, ao lado de colegas da A70.

Após um tempo foi enviado pelo ITAL para fazer Pós-graduação na Universidade do Estado de Kansas (Kansas State University), principal centro de tecnologia de grãos dos EUA com ênfase em trigo. Nessas alturas, já havia sido efetivado pelo Instituto por meio de concurso. Fez ainda outras viagens de estudo, entre elas, ao Japão, experiências que sempre agregavam conhecimento.

Ficou 30 anos no ITAL; foi lá que conheceu Silvana Mariana Srebernich, que chegou ao Instituto para fazer estágio. Casaram-se em 1987 e tiveram uma filha, Paula Srebernich Pizzinato. Sempre prezou pela ética, valor aprendido com os pais – Antonia Facco Pizzinato e Antonio Pizzinato – e ensinado para a filha.

Seus principais desafios ao longo dos anos foi lidar com o ser humano, já que cada um interpreta situações a partir de seu ponto de vista. Mas Antenor nunca esmoreceu. Entendia que o trabalho, além de ser seu ganha-pão, tinha que fazer sentido e gerar algum benefício para a comunidade. Com isso, tornou-se referência na área de farinhas e sempre procurou se posicionar com firmeza e educação nos trabalhos científicos, recorrendo à conversa quando necessário – e não aos pareceres técnicos, para ele, sempre muito frios.

Atualmente, vive em Campinas ao lado da esposa e da filha, apoiando os projetos delas e participando da melhor forma desta “gincana” cheia de tarefas que é a vida. E tem uma convicção: a de que fez tudo o que podia ter feito de acordo com cada circunstância. Hoje está exatamente onde deveria estar porque sempre teve liberdade de escolher o seu caminho.



VIAGENS E PESQUISAS PARA INTRODUÇÃO DOS REGULADORES DE CRESCIMENTO DE PLANTAS NO PAÍS

Antonio Camponez Neto nasceu em 16 de Março de 1945, em Cabrália Paulista (SP). Ainda menino, durante as viagens de trem realizadas diariamente para estudar em Bauru, ouviu falar pela primeira vez sobre a ESALQ. Um colega de Duartina, que passava suas férias em Piracicaba, comentava que aquele lugar era lindo, encantador.

Na hora de decidir qual curso superior realizaria, contudo, Camponez fez a escolha por exclusão: não se imaginava cursando Medicina, Direito ou Engenharia. Então, decidiu prestar vestibular para Agronomia. E quando chegou em Piracicaba, compreendeu exatamente o que o colega de Duartina dizia; Camponez ficou impressionado com os vastos campos e os imponentes prédios da Escola.

Matriculou-se no célebre cursinho do Torigoi, com quem aprendeu a matéria de Física suficientemente bem para passar no vestibular e recebeu com alegria o resultado. Andou muito pelo campus para fugir do trote. Morou nas repúblicas Polaka e H-RRAFA, onde fez grandes amigos.

Gostava muito dos professores, mas era tímido demais para se aproximar. Chegou a iniciar um estágio em melhoramento de hortaliças, no Departamento de Genética, com o professor Marcílio de Souza Dias, mas ficou pouco tempo, porque sentia-se muito acanhado.

Assim que se formou, pediu uma lista de empresas de defensivos agrícolas ao professor Paulo Nogueira de Camargo e bateu de porta em porta, procurando emprego. Conseguiu vaga na Ciba; passou um ano trabalhando com vendas e assistência técnica, já que herbicida era assunto novo na época e precisava de orientação para ser utilizado.

No entanto, Camponez queria voltar para a sua região e decidiu pedir demissão. Foi procurar emprego novamente e logo encontrou. Atuou em várias empresas, entre elas Herbitécnica e DuPont, onde conheceu Regina Celi, com quem se casou em 1979 e teve uma filha: Helena.

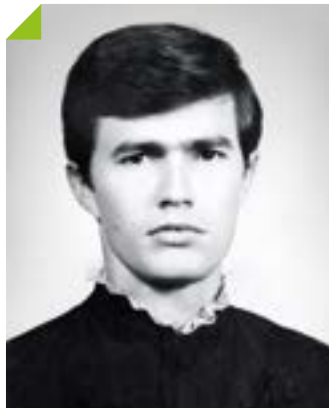
Em seguida, Camponez trabalhou na Amchem, onde se adaptou melhor, já que passou a atuar com reguladores de crescimento de planta, os chamados PGR (*Plant Growth Regulators*), substâncias sintéticas que interferem no balanço hormonal das plantas.

Viajou muito ao lado dos americanos que vieram para introduzir o produto no Brasil. Empenhou-se na procura de instituições que tivessem interesse em realizar experimentos com o PGR para desenvolver novas soluções a fim de acelerar, equilibrar e melhorar a produtividade no país. Teve sorte de atuar ao lado holandês Frans Schuitemaker, especializado em agronomia tropical, com quem Antonio Camponez Neto aprendeu muito sobre PGR.

Naquele período, Camponez manteve contato com a ESALQ e com o PLANALSUCAR, acompanhando pesquisas com reguladores da Amchem. Inicialmente, o maturador foi aplicado nas plantações de cana-de-açúcar para inibir o florescimento e aumentar seu teor de açúcar; já no abacaxi, foi usado, mais tarde, para induzir o florescimento uniforme. Chegou a publicar artigos em coautoria com os pesquisadores em anais de congressos no país e em revistas especializadas nos EUA.

Camponez ficou três anos na empresa até que ela foi vendida. Em seguida, trabalhou na Union Carbide, na Rhodia e encerrou a carreira na Hokko do Brasil, em 2000, quando se aposentou.

Sempre atuou com a substância PGR. Gostava muito dos desafios. A grande dificuldade foi encontrar abertura para apresentar o produto, mas ele nunca desanimou. Sabia que as oportunidades de trabalho numa área que lhe trouxesse satisfação não eram fáceis. Então, era preciso encher-se de coragem para seguir em frente e convencer usineiros de que o produto era bom. Quando, então, as primeiras usinas começaram a usar o defensivo e verificar o resultado, as portas foram se abrindo e Camponez encontrou espaço para ampliar sua atuação.



ZELO E ÉTICA NA CERTIFICAÇÃO DE SEMENTES

A Agronomia entrou na vida de Antonio Carlos Angelini por acaso. Amante da Biologia, nem sabia que já havia graduação em Medicina em Campinas – que teria sido a sua primeira opção – quando foi convidado por um amigo para o vestibular da ESALQ. Aceitou, passou, e fez a matrícula na universidade apenas meia hora antes do prazo final, tamanha a tranquilidade de menino.

Nascido em Capivari, no dia 18 de outubro de 1946, o caçula de dois irmãos adorava passear com o avô no sítio dos tios. A família tinha raiz na agricultura, o que fez com que a Agronomia não fosse tão estranha para ele. Levou consigo os exemplos de ética e honestidade dos pais.

Tímido, fundou com amigos a república Mata-burro. Jogava baralho, pescava e praticava corrida. No segundo ano participou de coral ligado à Orquestra Sinfônica de Piracicaba.

Averso às folias, dedicava seu tempo àquilo que lhe trazia conhecimento. Fez um breve estágio no Departamento de Química, mas manteve sua paixão pela Biologia. Tanto que no último ano do curso assumiu a disciplina como professor na Escola Estadual Padre Fabiano José Moreira Camargo, em Capivari, onde havia estudado.

Seu primeiro emprego após formado foi como professor do Colégio Agrícola, em Vera Cruz Paulista e Jacareí, experiência que tirou de letra, devido à prática adquirida.

Na época já pensava em casar-se com Joceli Giacomini, a vizinha de Capivari, com quem começou a namorar em 1971, casou-se em 1974 e teve três filhos: Rodrigo, Camila e Rodolfo, que lhe deram quatro netos.

Como gostava de pesquisa e buscava condições melhores para efetivar a união com Joceli, prestou concurso em várias instituições: IAC, CATI, Instituto Biológico, IBC. Passou em todos. Chegou a atuar no IAC por 15 dias, mas não queria trabalhar com algodão, então decidiu assumir a vaga do Centro de Assistência Supletiva da CATI.

Trabalhou com produção e tecnologia de sementes e certificação, atividade moderna na época, supervisionada por laboratório suíço de referência. Foi então que toda sua carreira se desenvolveu. A multiplicação de novas cultivares e os algoritmos dominavam sua atuação.

O trabalho se fortalecia com a garantia de isenção fiscal às sementes que eram certificadas. A procura de empresas foi imensa. Como diretor técnico, Angelini estabelecia normas e padrões e supervisionava o trabalho dos fiscais no controle de qualidade, no campo ou no laboratório, para emitir o selo de qualidade. Na época eram cerca de 240 mil toneladas de sementes sob controle para certificação por ano.

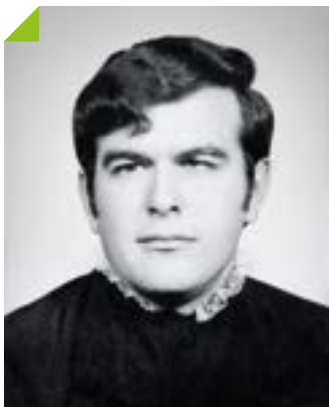
Também foi diretor do Laboratório Central de Sementes e presidente da Comissão Estadual de Sementes e Mudanças do MAPA.

Foram 35 anos de atuação na CATI. Nem sempre no mesmo setor, já que em 2000 pediu sua transferência para a Defesa Agropecuária, passando a coordenar a certificação de sementes e de mudas, com destaque para o controle da produção de mudas de citros sob proteção em viveiros telados, executada em parceria com a FUNDECITRUS.

Aposentou-se em 2006. Logo depois, entretanto, foi convidado a voltar ao projeto. Sua mesa o esperava. E o trabalho todo também. Permaneceu até 2010, quando encerrou sua jornada profissional.

Os princípios aprendidos com os pais nortearam a conduta de Angelini durante toda a sua atuação profissional. Trabalhar com certificação era um desafio constante que deveria ser pautado pela ética em todas as instâncias da vida.

Com a missão profissional cumprida, Angelini dedica-se a cuidar do seu quintal, viajar com a esposa e praticar atividade física, tendo alcançado a marca dos 10 km diários de corrida. E mesmo quando o corpo lhe impõe restrições para correr tanto, ele substitui por outras formas de atividade, sempre aproveitando ao máximo a vida como ela é.



A INQUIETUDE A SERVIÇO DO SEGURO AGRÍCOLA – NA PRÁTICA E NA EDUCAÇÃO

Ele nasceu em 9 de outubro de 1946 na pequena Urupês (SP), onde predominava a atividade agropecuária. Antonio Carlos Furlan Gimenes gostava de ir ao sítio e ouvir as histórias dos tios e avós, agricultores na região.

No 3º Científico decidiu ir para São José do Rio Preto (SP) onde teria melhor preparo para a graduação. A mãe, Maria Furlan, seu anjo da guarda, o apoiou de imediato, encontrando logo um lugar para o filho morar. Um dia, convidado pelo amigo Fuad Cury, visitou a ESALQ e se apaixonou por seus belos edifícios, lagos e gramados. Então, fez cursinho com o Torigoi e entrou para a A70.

Em Piracicaba morou na Casa do Estudante, onde foi representante de ala, assumindo responsabilidades logo cedo. Sentia-se privilegiado por residir no campus. Trabalhava no RUCALQ, mas encontrava tempo para o futebol e para ir ao CALQ. Na Escola ganhou o apelido de Xinelo.

Membro da Comissão de Formação, Antonio Carlos participou da criação do Grupelho, um grupo de cinco estudantes da Agronomia e um professor que organizou uma viagem para o Sul, incluindo vários países. Experiência inesquecível! A Diversificação foi em Economia Rural.

Iniciou a carreira em 1971 no Colégio Técnico Agrícola de Iguape (SP), junto com 2 colegas da A70. Contudo, a infraestrutura era bem precária e pouco tempo depois foi para São Paulo procurar emprego.

Logo foi admitido pela Manah, onde trabalhou como assistente técnico na área de fertilizantes. Inquieto, decidiu prestar concurso na COSESP; e em outubro passou a trabalhar com seguro agrícola.

Foi o primeiro engenheiro agrônomo da COSESP, uma sociedade de economia mista, com participação majoritária do governo, cujo objetivo era fazer seguro dos bens do estado e seguro rural, este último uma novidade para a época.

Dois anos depois decidiu prestar concurso no IEA; passou em 1º lugar. Tirou licença da COSESP para atuar no projeto “Aspectos Econômicos liga-

dos ao Zoneamento Agrícola”, peça fundamental para definição de áreas aptas com o objetivo de mitigar os elevados riscos meteorológicos da atividade agrícola. Na prática, avaliava as condições tecnológicas de cada cultura; o resultado dava origem a políticas públicas estaduais.

Desenvolveu o trabalho até 1976, quando voltou para a COSESP. Nessa época já namorava Maria Tanajura Cruz, e entendeu que esse trabalho lhe daria melhores condições para formar família. Dito e feito. Casou-se com a primeira paixão de sua vida em 1977, com quem teve 3 filhos: Gustavo, Gerson e Graziela.

Na COSESP enfrentou grandes desafios para abrir “o campo” do seguro agrícola. Mas também foram muitas glórias: os estrangeiros ansiavam por aquele conhecimento e procuravam formas de adaptá-lo às condições climáticas de seus países. Antonio Carlos era quem os ensinava. Foram 36 anos de empresa.

Nesse meio de tempo trabalhou no gabinete do secretário estadual de Agricultura Xico Graziano e foi secretário executivo do FEAP, que financiava pequenos agricultores e pescadores artesanais do estado. Também foi diretor financeiro da AEASP por duas gestões.

Aposentou-se em 2006, mas não resistiu ao convite da FUNENSEG para ensinar. Tinha ficado viúvo havia um ano, e dar aula sobre seguro rural o distraía; ficou cinco anos na Fundação. Em 2016 foi ho-

menageado em Punta del Este, na comemoração dos 30 anos da Associação Latinoamericana para o Desenvolvimento do Seguro Agropecuário, em reconhecimento por ter sido sócio fundador. Uma honra para ele.

De espírito inquieto e desafiador, Antonio Carlos sente que cumpriu um papel importante na Agronomia. Hoje, gosta de acompanhar a trajetória do Corinthians e aproveita a renovação da vida trazida com a atual companheira, Rosângela Ranzani e com a chegada dos dois netos, Lorenzo e Enzo.



O AMOR À PRIMEIRA VISTA QUE O LEVOU À DIREÇÃO CORPORATIVA DE 3 GRANDES CIAS AGRÍCOLAS

Dono de olhos azuis, que anunciam sua descendência italiana, Antonio Ernesto Dal Ben nasceu em 17 de abril de 1947, no sítio Paiol Velho, em Lençóis Paulista (SP), onde seus avós eram meeiros de café. Aos 5 anos, mudou-se para a Fazenda Faturinha, da Usina Barra Grande (UBG), onde seu pai, Abílio Dal Ben, foi trabalhar como fiscal de turma e, mais tarde, administrador.

Ernesto mal conhecia a profissão quando, no 2º Científico, visitou a ESALQ. Foi amor à primeira vista! Tanto que no ano seguinte mudou-se para Piracicaba, onde cursou o 3º Científico e o cursinho do CALQ. Ao matricular-se no intensivo do Torigoi, contudo, percebeu que teria que estudar muito mais, tomado por um desejo de honrar seus pais. Bingo! Entrou na ESALQ. Satisfação para um jovem que viveu até os 18 anos no sítio, onde nem energia elétrica tinha.

Em Piracicaba montou a república ChopAna com outros colegas. Manteve sua dedicação aos estudos, seu caderno era um dos mais concorridos; realizou diversos estágios no setor sucroalcooleiro e viajou à Europa com amigos da A70. Apaixonado por fotografia, encontrou no hobby uma forma de completar sua renda.

A formatura coroou toda essa dedicação. Além da família, participou deste momento sua namorada Vera Regina Alcarde, mais tarde, Dal Ben. Casaram-se em 1974 e tiveram 3 filhas: Taís, Camila e Beatriz. Hoje têm 4 netos: Lucas, Gabriel, Gustavo e Julia, alegria dos avós.

No início de 1971, Ernesto trabalhou com melhoramento de cana no IAC sem remuneração, como voluntário, apoiado pelo pai. Sua dedicação foi logo reconhecida com bolsa da FAPESP, realizando importantes pesquisas em cana. Pouco tempo depois, foi nomeado pesquisador científico do IAC pelo governador Laudo Natel; e cursou Mestrado em Genética de Plantas na ESALQ.

No final de 1972, recebeu convites de várias usinas e seu coração bateu mais forte quando a

proposta partiu da Usina Barra Grande, onde foi criado. Com o aval do Diretor Geral do IAC, pediu exoneração do cargo e decidiu encarar o desafio. E que baita desafio! Tornou-se chefe de seus amigos de adolescência e de seu próprio pai. Para implantar os novos conhecimentos enfrentou muita resistência, até por ser “santo de casa”.

Em 1980, passou 2 meses no exterior em busca de tecnologias para o setor, visitando África do Sul, Austrália, EUA, Europa, Japão, Filipinas etc. Quando voltou, foi nomeado diretor agrícola da UBG, promovendo importantes mudanças nos anos seguintes: criou a área de treinamento e carreira para os colaboradores, foi um dos líderes na implantação da colheita mecanizada em São Paulo e, mais tarde, liderou a implantação do plano de produção de cana por integrados, na Zilor.

Como seu pai, trabalhou muito! Sua esposa Vera foi grande companheira e lhe apoiou em todos os momentos, sempre zelando pela família. A UBG tornou-se a maior unidade do Grupo.

Em 1988, a Zilor o convidou a assumir também a direção da Cia Agrícola Quatá. Em 1995 foi convidado a assumir a Diretoria Corporativa das 3 Cias Agrícolas da Zilor, sendo o responsável pela produção de 10 milhões de toneladas de cana, por 1,5 mil contratos de arrendamentos/fornecedores, operação e manutenção da frota de 2 mil motores e por ocupar uma cadeira no Conselho de Ad-

ministração.

Nesta época, realizou diversos cursos na área de Gestão e Estratégias na Escola de Negócios da Universidade de Michigan e publicou muitos trabalhos de pesquisa em cana.

Em 2004, deixou o Grupo com o dever cumprido, foi cursar MBA em Agronegócio, na FGV/RJ, e abriu empresa de Consultoria e Assessoria apoiando importantes empresas do setor.

Hoje, quando olha para a sua trajetória, Ernesto é tomado de profunda gratidão a Deus, à família e a todos que o apoiaram nessa jornada.



MAIS DE 40 MIL HECTARES DE TERRA PLANTADOS... DE BOTA!

Pode parecer engraçado, mas foi a vontade de usar botas que incentivou Antonio Yoneda a cursar Agronomia. Nascido no dia 21 de novembro de 1944, em Ituverava (SP), região estritamente agrícola, conhecia vários agricultores que recebiam visitas de agrônomos que, quase sempre, usavam botas. Aquilo chamou sua atenção.

Seus pais, Masaji Yoneda e Itsu Yoneda, foram muito rigorosos na educação; exigiam que os filhos respeitassem as pessoas e fossem honestos. Mesmo sendo de classe humilde, conseguiram formar 6 filhos no ensino superior. Yoneda era o 3º, escolheu cursar Agronomia na ESALQ, considerada a melhor escola na época. Sua mãe viveu até os 100 anos e acompanhou tudo.

Após ter estudado em escola pública, de ensino rigoroso, Yoneda decidiu fazer um mês de cursinho intensivo com o conhecido Torigo, quando teve que estudar dia e noite para o vestibular. Aprovado entre mil candidatos, passou a se preocupar com o trote pesado que havia no campus, mas que uniu todos os colegas.

Morou, inicialmente, em uma pensão e depois se mudou para a República Chatô; foi aquela liberdade. Conseguiu excelentes estágios durante o curso: um na Ultrafertil, em São Paulo e Minas Gerais, e outro na Dow Produtos Químicos, em Porto Alegre e Goiânia, onde foi 2 vezes. Os estágios ocorriam nas férias e eram remunerados.

Assim que se formou, foi convidado para trabalhar na Dow, como era na área comercial, não aceitou. Conseguiu seu 1º emprego na empresa Agromenka S.A., fábrica de inseticidas em pó em Ituverava. Logo depois, foi convidado a desenvolver um trabalho no BANESPA. Na mesma época, o maior agricultor da região, Sr. Takayuki Maeda, pediu para que Yoneda desse assistência técnica à sua lavoura de, aproximadamente, 5.000 hectares. Ele aceitou e, então, ficou com 3 empregos.

Cerca de 2 anos depois, passou no concurso da CATI e foi designado para a Casa da Agricultura de

Colômbia (SP), próximo a Barretos. Ainda assim, conseguiu conciliar o trabalho com a assistência ao Grupo Maeda, que fazia aos finais de semana.

No ano seguinte, o Grupo adquiriu terras em Goiás e o convidou para abrir as fazendas e torná-las produtivas. Após pedir exoneração da CATI, em outubro de 1973, foi trabalhar na Agropecuária Maeda S.A., em Goiás, e ficou sediado em Itumbiara, onde mora até hoje.

Em 1975 casou-se com Sonia Gloria Yuki Okano Yoneda, parceira de 45 anos de vida em comum, grande incentivadora de seu trabalho e responsável pela educação dos filhos Fabíola e Fabrício Yoneda, que lhes deram 3 netas: Maria Luiza, Maria Tereza e Maria Júlia.

A jornada em Goiás incluiu abertura do cerrado, preparação e recuperação do solo, plantio e colheita; foi um longo processo. A área das fazendas aumentava a cada ano, chegando a 40 mil hectares em terras de Goiás, Bahia e Mato Grosso.

O trabalho era cheio de desafios, precisaram recorrer a vários professores da ESALQ em busca de conhecimento e soluções. Aplicaram as orientações em adubação feitas pelo professor Eurípedes Malavolta, resolveram problemas de solo com ajuda do professor José Luiz Dematte e receberam várias visitas do professor Otavio Nakano.

Nesse período, Yoneda esteve ligado à ESALQ por vários anos, quando contratou diversos estagiários para realizar, principalmente, levantamento e controle de pragas nas culturas; alguns deles foram, posteriormente, contratados pela Empresa Maeda e por outras empresas, com sua recomendação.

Yoneda aposentou-se em 2002 após 30 anos de serviço, mas não se desligou da Maeda, já que atuou mais 5 anos como consultor. E depois de tanto tempo de trabalho, conseguiu comprar uma propriedade em Itumbiara (GO), onde cultiva soja, milho, cana-de-açúcar e cria gado. Foi, sem dúvida, o seu 2º grande sonho: ser proprietário rural.



O CONHECIMENTO COMO BASE PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL E EVOLUÇÃO

Foi a beleza do campus que o cativou. Arlei Arnaldo Madeira decidiu cursar Agronomia na ESALQ após visitá-la. Bem, a área lhe era familiar já que seu pai, Arnaldo Madeira, era chefe de seção no antigo Posto de Sementes da SAA, em Pirassununga; com isso, Arlei tinha vivência no meio rural e contato com os agrônomos amigos da família.

Nascido em 10 de abril de 1946, em Campinas, Arlei foi criado em Pirassununga, onde os pais trabalhavam; sua mãe, Leonor Berling, era professora de piano. Foi com eles que aprendeu valores como honestidade, respeito e gentileza. Ambos adoraram a ideia de ter um filho agrônomo.

Em Piracicaba, Arlei morou um ano em república; por gostar de jogar xadrez, foi protegido por um veterano que o requisitava para a disputa, o que o livrou de alguns trotes. Do segundo ano em diante foi morar na Casa do Estudante, onde passou bons momentos, sendo vizinho de quarto do amigo Celso Foelkel, um estudioso. Incentivo não faltava para Arlei, que lia muito e sempre procurava novos cursos.

No final do 4º ano aliou-se a um grupo com mais 4 estudantes e um professor da Agronomia, que organizou uma viagem cultural para vários países do Sul, participando de um curso sobre Reforma Agrária em Santiago/Chile. Com um sedan Willys fizeram uma viagem inesquecível. E atestada pela ESALQ.

No ano seguinte participou do Projeto Rondon integrando a viagem para Tarauacá (AC), onde predominava o extrativismo vegetal. Lá conheceu Nancy Aparecida Madeira, na época estudante de Enfermagem em Sorocaba; trocaram telefone e, em janeiro de 1972, alianças. Tiveram três filhos: Daniel Fernando, Ricardo Augusto e Camila Maria; hoje todos são graduados. Arlei tem ainda a alegria de ser avô de Rafaela e Leonardo.

Quando se formou, Arlei teve várias propostas de emprego, mas escolheu o Colégio Técnico

Agrícola de Santa Rita do Passo Quatro, onde foi professor e chegou a substituir o diretor.

Dois anos depois passou em 1º lugar em concurso da CATI e foi designado para atuar no laboratório de Sementes e Mudas, do DSM, em Campinas. Nesse Departamento, ocupou diversos cargos e se especializou em Tecnologia de Sementes. Alguns anos mais tarde, ganhou bolsa para cursar Pós-graduação em Administração Pública na FGV/RJ, o que lhe fez mudar sua atuação como profissional e desempenhar funções de administração pública.

Seu empenho e dedicação conduziram ao reconhecimento de seu trabalho que o levou a uma progressão muito rápida na carreira e a atingir o último nível, onde permaneceu até aposentar-se, em 2006, após 36 anos de atuação. Nesse período, foi assessor de secretário e coordenador substituto da CATI, além de ocupar vários outros cargos.

Também participou de várias iniciativas de reforma administrativa da Secretaria de Agricultura e coordenou muitos projetos na área, em especial, o Sistema Agroindustrial Integrado, em parceria com o SEBRAE, voltado para agricultura familiar, que lhe trouxe grande satisfação.

Durante 8 anos foi diretor do Centro de Treinamento de Campinas, assumindo a missão de coordenar e promover cursos, área de interesse notável. Fez especialização em extensão rural no Japão e também outros cursos no Brasil e no exterior.

Atualmente integra o Lifelong Learning, projeto que propõe constante evolução cultural e de conteúdo. Para ele, não há limite para o aprendizado, a alma deve conhecer de tudo. Arlei sente grande satisfação pelos caminhos trilhados e por sempre incorporar conhecimento.

Ativo, é diretor da AEASP, da qual foi presidente e vice por 12 anos após aposentar-se. Também foi conselheiro do CREA-SP por 3 gestões. Arlei entende a importância que o associativismo tem na defesa da profissão escolhida, da qual muito se orgulha.



A AGRONOMIA EM CONDIÇÕES ADVERSAS E A ATUAÇÃO EM PAISAGISMO

Artur Cordón Dias nasceu em 15 de dezembro de 1946, em Mococa (SP), tendo morado até os 7 anos na Fazenda Santa Theolinda, onde seus avós cultivavam, principalmente, café.

Desde que cursou o Científico em São Paulo, estava decidido a estudar Agronomia na ESALQ, onde seus primos estudavam. Ganhou o apelido de Boca Rica. O contato com o campus no deslocamento com os colegas de um pavilhão a outro lhe permitiu intenso encontro com a natureza e um reencontro com sua infância e juventude.

Morou na república Três Porquinhos onde fez amizades sinceras e viu de perto a solidariedade e o altruísmo. A vida corria solta, era muito feliz e seguia seus estudos.

Mantinha contato constante com seus pais, João Marques Dias e Maria Araceli Cordón Dias, de quem guarda muita saudade. Fez estágio no levantamento da ferrugem dos cafezais de Mococa, pelo IBC, e na Ultrafertil. Seu período de Escola foi tão intenso, que várias lembranças da época estão em seu oratório, composto por livros que lhe marcaram, grande variedade de sementes, crucifixo, frutos do Jequitibá-rosa, foto da colação de grau e os diplomas da Diversificação em Economia Rural e da Agronomia.

Ainda na Escola começou a namorar Eneida Figueiredo Dias com quem se casou em 1972. Tiveram 3 filhos: Adriana, Maria Silvia e Francisco.

Assim que se formou, Artur foi trabalhar no CTA de Paraguaçu Paulista. Logo foi designado para coordenar nos colégios o PIPMOA, precursor do SENAR. Viajava muito, e sem ver perspectiva de carreira, decidiu sair. Foi contratado pela H. Guedes Engenharia para trabalhar em conservação de áreas ajardinadas e execução de praças em São Paulo. Com foco em novas possibilidades de trabalho e com a força da juventude, abriu a empresa ParkServ Paisagismo, pela qual executou muitas obras e serviços.

Artur teve experiências profissionais marcantes. Reformou os gramados do estádio do Morum-

bi; na Serra do Mar, em São Sebastião, atuou para a Petrobras em obra de proteção contra erosão em oleodutos, com revestimento vegetal e drenagem superficial de águas pluviais, em condições severas. Foi um ano e meio de obra e de muito sofrimento; aprendeu a trabalhar com solo-cimento e em circunstâncias adversas.

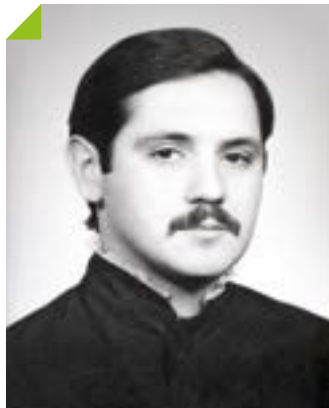
Participou de licitação para o paisagismo da Rodovia dos Bandeirantes e foi selecionado para o plantio de 25 mil árvores no trecho 4 da pista, inaugurada em 1978. Em 1979, com a difícil situação da empresa, decidiu procurar emprego. Foi contratado pela Alcominas, 1ª fábrica da Alcoa no Brasil, sediada em Poços de Caldas, cidade onde mora até hoje. Assumiu o cargo de superintendente de reabilitação de minas de bauxita e paisagismo da empresa, época de muitas realizações em que desenvolveu trabalho pioneiro no Brasil. Participou de congressos e seminários e publicou diversos artigos.

Em 1988 afastou-se da Alcoa e foi trabalhar em Mococa, onde havia iniciado um viveiro de mudas na fazenda de seu pai. Nessa época realizou diversos trabalhos de paisagismo, entre eles o projeto inédito do DER de arborização de rodovias, tendo plantado 105 mil árvores na Rodovia Washington Luís, entre Matão e Mirassol.

Em 1991 fundou a Parkservice Prestação de Serviços, sua atual empresa, pela qual executou muitos trabalhos na cidade. Desde

1999 presta serviços para a Concessionária Renovias, na área de conservação de rotina. Trabalhar em condições adversas foi uma escola também para a vida; Artur aprendeu a ter garra e a fazer o que tem que ser feito, sempre com muita determinação.

Aos 73 anos e ainda na ativa, sente-se realizando profissionalmente, mas está sempre em busca de novos desafios. E embora acredite ser muito árdua a vida do pequeno e médio empresário no Brasil, Artur mantém um acentuado espírito empreendedor.



OS DESAFIOS DO AGRÔNOMO EM EMPRESAS PRIVADAS E A BASE PARA SUPERÁ-LOS

Quando criança ele respirava ESALQ. Nasceu em 1º de novembro de 1945, em Piracicaba, Ary de Toledo Mello Filho morou numa casa pertencente à Escola até os 11 anos. Isso porque seu pai, Ary de Toledo Mello, foi chefe do setor administrativo por 34 anos.

Homem centrado, sério e competente, Seu Ary deixou um legado de transparência, seriedade e honestidade ao filho, além do amor pelo campus. E dona Maria José Alessi Mello, responsável pela mesa farta e pelos ensinamentos religiosos, endossou a vontade do filho de estudar na ESALQ. Ary já amava a Escola. E a opção pela Agronomia foi consequência do contato próximo com a natureza em sua infância vivida entre árvores frutíferas e animais no campus.

Aplicado, Ary conduzia os estudos como prioridade e passou em 10º lugar no vestibular. Estagiou durante 3 anos no Departamento de Zoologia da ESALQ, na área de Nematologia, o que lhe possibilitou publicar artigos e participar de congressos desde a graduação. Concluiu o curso em 20º lugar.

Após se formar, trabalhou como professor no Colégio Técnico Agrícola Estadual de Rancheira, depois Jaboticabal e Rio das Pedras, quando voltou a morar em Piracicaba. Nessa época, já havia se casado com Marilene Prezotto de Toledo Mello, a quem namorava desde 1964. Da feliz união, oficializada em 1971, nasceram Rodrigo, Gustavo e Carolina.

Em 1974 Ary iniciou o Mestrado em Entomologia na ESALQ, com foco em fisiologia de insetos, sob orientação do professor Gilberto Casadei de Baptista. Dois anos mais tarde, após concluir a dissertação, foi contratado pela Elanco Química S/A como assessor de pesquisas agrônomicas, em Ribeirão Preto; realizava estudo no campo, testava produtos e elaborava análises. Em meados de 1981 passou a atuar na Estação Experimental da empresa, em Cosmópolis.

No ano seguinte, foi convidado a atuar em um projeto de marketing da Monsanto do Brasil, em

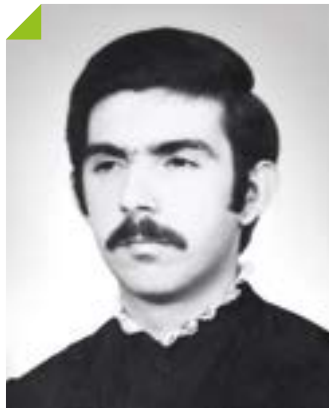
São Paulo, com duração de 2 anos. Em 1986 foi para a Cargil Agrícola S/A, onde desempenhou a função de pesquisador na área de milho, na Estação Experimental de Campinas. Foram 12 anos de trabalho, até que a Monsanto comprou a Cargil. Então, Ary foi transferido para a sede da companhia em São Paulo e passou a integrar a equipe de Regulamentação – Biotecnologia e Sementes, lá permanecendo por mais 6 anos. Trabalhava na oficialização dos produtos, montagem de processos e solicitação de autorização para importação.

Durante esse período, participou de congressos e reuniões técnicas em vários estados brasileiros. Também teve oportunidade de realizar viagem de estudo aos EUA nas áreas de cana, milho, soja, entre outras. O maior desafio enfrentado por ele em empresas privadas foi a pressão por produção constante, o que lhe exigiu muitas viagens e custou algum distanciamento da família. Mas a base solidificada pelos ensinamentos do pai lhe deu suporte para cumprir com maestria todos os compromissos.

Em 2005, Ary retornou a Piracicaba onde vive atualmente com a esposa. Juntos, desenvolvem um trabalho voluntário denominado “Oficina de Emoções”, cujo escopo conheceram em São Paulo há mais de 15 anos. São grupos de apoio emocional que unem autoconhecimento e espiritualidade cristã, com o objetivo de resgatar

a paz no ser humano, contribuindo, assim, para um mundo melhor.

Atualmente, o casal aprecia a melhor idade e celebra os 49 anos dessa união conjugal frutífera, dividindo o tempo entre visitas à filha, que mora com a família no Canadá, e aos filhos. Também administra conjuntamente com eles uma propriedade rural própria em Piracicaba, onde há cana-de-açúcar e gado de corte. Ary é grato a Deus por tudo e, em especial, pela doce presença dos netos – Pedro Henrique, Maria Eduarda, Luiza e Lucas – que são a alegria da família.



UMA VIDA DEDICADA AO ENSINO AGRÍCOLA

Aurea Ishizuca Teles nasceu em 1º de Março de 1944, em São Simão (SP). Seus pais, Otti Ishizuca e Yoshi Ishizuca, eram imigrantes japoneses e vieram para o Brasil a fim de trabalhar no campo. Aurea tinha inspiração e decidiu cursar Agronomia seguindo os passos de seu irmão mais velho, Maquio Ishizuca, que já estudava na ESALQ e se formou em 1964. A decisão foi comemorada por sua mãe, que deu um empurrãozinho para que a filha seguisse os passos do primogênito, em vez de enveredar para a Medicina.

Em Piracicaba, Aurea morou em algumas pensões, onde aprimorou a arte do bom convívio. Lembra-se bem do bonde, que fazia o transporte de muitos alunos até o campus. Naquela época, quase nenhum estudante tinha carro. Aliás, havia pouquíssimos veículos na cidade, o trânsito era bem mais tranquilo.

Aurea sempre foi muito dedicada às atividades a que se propunha realizar. Na Escola, cumpria todo o protocolo, aplicando-se ao estudo das matérias ensinadas em sala de aula, o que lhe rendia boas notas. O convívio na classe era muito amistoso. O respeito ao professor, tão valorizado na educação japonesa, era algo que imperava na ESALQ. E Aurea sentia-se bem no curso.

Durante os 5 anos da Agronomia, deu aula em cursinhos e trabalhou no Centro Acadêmico, além de exercer outras atividades para complementar sua renda e permitir que ela se mantivesse na cidade, já que as condições financeiras da família eram bem apertadas. Nas horas livres, aproveitava para praticar esporte: Aurea participou do time de vôlei da ESALQ e praticou tiro pela Associação Atlética Acadêmica “Luiz de Queiroz”.

No dia seguinte ao da formatura, voltou para a sua terra natal, pois tinha conseguido emprego como professora no Colégio Técnico Agrícola de São Simão, ligado à Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Aquele

foi um período muito profícuo para o ensino agrícola, que estava sendo ampliado em todo o estado, trazendo muitas possibilidades para os engenheiros agrônomos da A70.

Em 1972, mudou-se para Santa Rita do Passa Quatro (SP) e passou a lecionar no Colégio Técnico Agrícola da cidade, onde se estabeleceu. Aurea encantou-se pela área e sempre atuou em Educação, mais especificamente no ensino técnico de Agronomia. Formou aproximadamente 2.500 profissionais durante a carreira, que consolidou na cidade vencendo barreiras e preconceitos. Com dignidade, valorizou a Educação, seguindo os princípios de vida aprendidos com a família.

Dez anos após mudar-se para Santa Rita, uma nova alegria lhe preencheu os dias: nasceu seu único filho, Victor Ishizuca, que em 2007 formou-se em Engenharia de Telecomunicações pela PUC Campinas. Aurea foi uma grande incentivadora para que seu filho se tornasse oficial engenheiro da Marinha.

Nesses 50 anos de atuação, Aurea acompanhou de perto a evolução das mulheres na Agronomia e nas demais áreas profissionais, antes consideradas predominantemente masculinas. Talvez, por ter enfrentando tantas dificuldades desde o início, quando lutava por uma vaga para ser professora em cursinho e no curso técnico, Aurea preza muito o espaço conquistado pela mulher na carreira.

A luta por estabelecer-se em cada ambiente foi algo marcante em sua carreira e até a faz pensar, sorrindo, que talvez devesse ter cursado Medicina. Contudo, participar diretamente da formação de tantos profissionais e, mais tarde, ter notícias de que eles progrediram, possivelmente, seja uma notícia tão agradável quanto saber que um paciente não está mais com dor. O preparo do ser humano para enfrentar a vida profissional é algo fundamental que faz diferença em sua capacidade de produção, em sua autoestima e até em sua saúde.



O CONHECIMENTO DA AGRONOMIA APLICADO EM VENDAS E NAS PRÓPRIAS PROPRIEDADES

Ele nasceu em 29 de outubro de 1944, em Tabapuã (SP). Na intenção de cursar Odontologia, decidiu fazer o Científico em Araraquara, mas quando chegou a hora de escolher a profissão, Benedito José Polidoro desistiu daquela ideia inicial e ficou entre Agronomia e Geologia. Contudo, sua dúvida acabou no dia em que conheceu a ESALQ; foi amor à primeira vista.

Então, decidiu fazer o cursinho do célebre Torigoi. Sabia que precisava se dedicar para passar no vestibular e estudou muito. Seu empenho era tanto, que alguns colegas até fizeram aposta em seu nome. E Dito Polidoro passou em 35º lugar, apesar das dificuldades na prova de português.

Em Piracicaba morou na República H-RRFA. Manteve-se dedicado aos estudos, e nas horas vagas, frequentava o CALQ, especialmente nos dias dos bailinhos promovidos pela A70 para arrecadar verba para a formatura. E, de vez em quando, ainda jogava futebol com os colegas das repúblicas vizinhas.

Assim que se formou, se mudou para São Paulo, já em 1971, para trabalhar na Benzenex, a 1ª empresa que granulou adubos no Brasil. Seu foco era assistência técnica aos fazendeiros; na época, ainda era preciso comprovar a eficácia dos produtos para conseguir vendê-los, mas ele tinha em quem se inspirar: seu pai, Natal Polidoro, era comerciante; de origem italiana, da região de Genova, possuía um armazém de secos e molhados. Ao lado de dona Lucia Ulian, deu duro para sustentar os 7 filhos, dos quais 3 tiveram possibilidade de estudar.

Dito Polidoro foi um deles e por isso se empenhou. Ser bom agrônomo era também uma forma de agradecer e recompensar todo o esforço de seus pais. E ele sempre gostou do conhecimento técnico, tanto que, paralelamente à carreira nas empresas de fertilizante, foi citricultor e agora é heveicultor nas próprias propriedades rurais, uma herdada do pai e outra adquirida ao longo da carreira.

No fundo, ele sabia que aquele conteúdo aprendido na Escola era fundamental para a aplicação correta do produto e tratamento das lavouras, o que culminaria com a venda, seu objetivo maior, afinal, tinha que cumprir metas. Um grande desafio, que venceu a partir de outro ensinamento de seu pai: era preciso esforçar-se e dar conta do recado. Aí então que Dito Polidoro batalhou mais ainda, trabalhando direto e, muitas vezes, sem folga nos finais de semana.

Logo no começo de sua atuação profissional, em 1972, casou-se com Carmen Lucia Chimello Polidoro, com quem teve 3 filhos: Ricardo, Isabela e Daniela; hoje tem 5 netos.

Quando um dos sócios da Benzenex assumiu a direção da Fertiza, Dito Polidoro foi trabalhar com ele em São José do Rio Preto, onde mora até hoje. Com os contatos e conhecimentos que tinha, montou sua equipe de vendas para explorar toda a região. No início da carreira, entregou muita recomendação técnica baseada em análise de solos e foliar. Ser engenheiro agrônomo fazia diferença para atender e conquistar os clientes. Precisava entender de nutrição e fitotecnia.

Com isso, viu a empresa multiplicar a venda de adubos, despertando o interesse de grupos maiores. E no início da década de 2000, a Cargill comprou a Fertiza; Dito Polidoro “foi no passivo” para a nova empresa, brinca, e ali deu continuidade ao trabalho até se

aposentar, em 2008.

Sua trajetória profissional inclui ainda passagens por outras cidades, como Cornélio Procópio (PR), onde morou durante um ano, e São Joaquim da Barra (SP), por 4 anos, logo que se casou. Lá atuou na Agroindustrial Benzenex, empresa pertencente à Benzenex.

Dito Polidoro sempre foi muito econômico e conseguiu conquistar e ampliar suas terras em Tabapuã, para onde vai toda semana. Além disso, faz questão de praticar atividade física para manter a saúde e de se dedicar à família, que tanto ama.



O AMOR PELA ESALQ 'HERDADO' DO PAI E A PROFÍCUA ATUAÇÃO NA AGROINDÚSTRIA DE ALIMENTOS

Carlos Roberto Nunes de Aquino ouvia falar da ESALQ desde menino. Seu pai, Clovis Nunes de Aquino, esalqueano (A37), levava dias para chegar da Bahia a Piracicaba, mas não se importava, amava a ESALQ. E foi nesse ambiente familiar voltado à Escola que Carlos nasceu em 16 de maio de 1947, em Itabuna (BA).

No 2º Científico, um teste vocacional indicou sua inclinação para Agronomia, e quando foi a Piracicaba com seu pai para conhecer a Escola, ficou impressionado. De malas prontas para o curso intensivo do Torigoi, teve um imprevisto, então, prestou vestibular na UFBA, com sucesso. Meses depois, decidiu participar da rigorosa seleção para transferência de alunos; o êxito proporcionou grande realização pessoal e familiar.

Em Piracicaba, ganhou o apelido de Baiano. Morou na república Cabana, de onde tem recordações de colaboração e amizade, em especial, do Alemão (Fernando Camargo), com quem ia estudar, com frequência, na casa do amigo Vitti. Posteriormente, foi morar na república Favela, já que o amigo de infância José Adeodato (A72) tinha chegado à cidade.

E com o tempo, novas amizades foram se formando: Dal Ben, Bottino, Peca, Marília, Verani, Pardo, Drepo, entre outros. Desde o 3º ano, Carlos fez estágio na Tecnologia Rural em conexão com o CEPEC/CEPLAC, pesquisando produtos do cacau trazido da Bahia. No 5º ano estagiou no ITAL.

Nas horas livres jogava futebol, inspirado pelo pai, que integrou o time oficial da Escola. Também frequentava o CALQ, tendo inclusive atuado no TULQ. Participou da excursão à Europa com colegas da A70, com contribuição fundamental de sua mãe, Lety Guimarães de Aquino, que vendeu rifas para arrecadar verba para a viagem.

Após formado, integrou o programa multidisciplinar de frutas tropicais no CEPED, em Salvador (BA), em parceria com a FAO, tornando-se diretor da agroindústria de alimentos. O programa

foi fundamental para a instalação da Embrapa - Mandioca e Fruticultura em Cruz das Almas (BA) e a introdução de variedades de manga no Vale do rio São Francisco.

Carlos ficou no CEPED por 10 anos. Nesse período, estudou na França, na Inglaterra e no Havaí; também fez o PNTE/PROTAP, curso envolvendo a USP, a Universidade de Harvard e o MIT; e participou de atividades na Universidade Cornell. Em 1977 casou-se com a amada Maria Helena Fonseca Filadelfo de Aquino, arquiteta, com quem teve 2 adoráveis filhos: Carlos e Felipe.

Quando deixou o CEPED, aceitou convite do CNPq para elaborar ações programadas na agroindústria, consultando instituições de pesquisa de todo o país para levantar demandas regionais. Em seguida, participou de projeto de P&D na área de fontes alternativas de energia, pela Copene Energética, o que possibilitou contato com sistemas agroflorestais e coleta de sementes de espécies de eucalipto na Austrália, que apresentaram excelente desempenho na Bahia.

Depois, voltou para Itabuna e criou a Secretaria Municipal de Agricultura. Atuou em projeto de ecossistema, alimentos e energia por 2 anos. E em 1986 fundou a Aquino Consultores Associados. Na época era vice-presidente da sbCTA. Em 1989, passou a viajar para a África em projetos de cooperação entre países; no ano seguinte foi para a Guiné-Bissau a

fim de constituir um núcleo de promoção de investimentos; face ao desafio, renovou o contrato anual 3 vezes, como CTP da UNIDO.

Em seguida, retomou os trabalhos em sua empresa que, nesses mais de 30 anos, especializou-se em identificar e elaborar propostas de projetos sustentáveis para mobilizar agentes financiadores. Conseguiu contratos financiados pelo Banco Mundial, BID e clientes no Brasil e em países da África e América Latina. Tem enorme gratidão por ter estudado na ESALQ, pela qual nutre imenso amor.



O COMPARTILHADOR DE CONHECIMENTOS

São João da Boa Vista, 5 de abril de 1948. Nasceu Celso Edmundo Bochetti Foelkel. Ainda criança, não fazia ideia de sua futura missão para difundir à sociedade conhecimentos sobre flores plantadas e seus produtos e benefícios. Contudo, já amava o contato com a terra e definira: ‘vou ser agrônomo’.

Os pais, Edmundo Foelkel e Eugênia Bochetti Foelkel, perceberam sua vocação e apoiaram. Celso nem sequer pensou em prestar outro vestibular que não fosse na ESALQ. A vocação florestal foi reforçada após visitar o Horto Florestal de Rio Claro, no qual se encantou com os eucaliptos e com os usos dessas árvores.

No primeiro ano de ESALQ morou na república Las Vegas. Do segundo em diante, na Casa do Estudante. Em ambos os locais criou amizades que lhe proporcionaram uma época inesquecível em Piracicaba.

Celsão, como é conhecido pela turma, sempre foi um provedor de conteúdo. Dono de uma caligrafia rápida e de cadernos bem organizados, era muito procurado para compartilhar conhecimentos com os colegas.

Em 1967, enquanto ainda realizava a maratona do Tiro de Guerra, candidatou-se a estágio no Laboratório de Celulose e Papel do Departamento de Silvicultura. Lá estagiou por quatro anos. Esse embasamento lhe permitiu construir uma carreira profissional no setor de florestas, celulose e papel.

Recebeu do professor Salvador de Toledo Piza Junior um ensinamento que iluminou sua caminhada, o que foi favorecido pela internet a partir do ano 2000: o importante não é saber tudo, mas saber onde buscar e encontrar respostas.

No terceiro ano da Escola, começou a namorar Lorena David, atual esposa e parceira de vida. Dessa união nasceram Alessandra e Ester. A primogênita, aliás, nasceu nos EUA, quando Celso cursou o Mestrado em Celulose e Papel na State University of New York.

Quando voltou ao Brasil, realizou o sonho de

ser professor da ESALQ. Ficou no cargo durante três anos, mas problemas de saúde acabaram mudando seu destino. Foi uma dura luta contra um câncer. No entanto, Celso sempre acreditou que venceria e realizaria seus sonhos.

Deixando a USP em 1976, foi trabalhar na empresa de celulose Cenibra, em Minas Gerais. Nessa época, participou da criação do Curso de Pós-Graduação em Celulose e Papel na UFV.

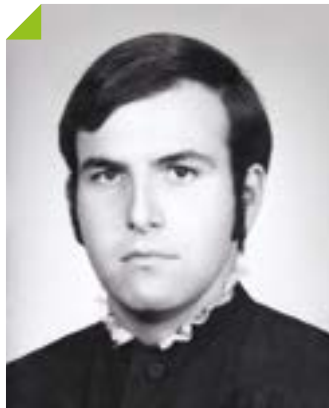
O mundo dá voltas: em 1981, a ESALQ o convidou para montar um mestrado na área de

celulose/papel, numa parceria com a Escola Politécnica. Nessa época Celso já estava na Riocell, empresa gaúcha onde trabalhou por 19 anos e sempre o apoiou nos desenvolvimentos educacionais e tecnológicos. Contratado a fim de construir um centro tecnológico na empresa com foco no eucalipto, conseguiu também estruturar uma equipe notável de técnicos. Após ocupar posições executivas de gerência e diretoria, em 1998 decidiu seguir carreira solo com sua empresa Grau Celsius.

Foi professor visitante na UFSM, que lhe concedeu o título de “Doutor Honoris Causa”. Fazendo valer sua experiência e vocação de partilhar conhecimentos, criou em 2002 o site celso-foelkel.com.br, que reúne um rico conteúdo sobre experiências de vida e sobre celulose e papel. Em 2005, criou o site eucalyptus.com.br e os informativos digitais: Eucalyptus Online Book, Eucalyptus Newsletter e PinusLetter.

Sempre foi muito ativo em associações no Brasil e exterior. Já participou de mais de 40, entre elas, o IPEF, do qual foi vice-presidente. Para ele, são janelas de oportunidades de aprendizado, networking e novas visões.

Atualmente, vive com a esposa em Eldorado do Sul (RS), na chácara Pauliceia, cujo nome lembra as origens do casal, mas a localização revela a paixão pelo estado que escolheu para viver e partilhar o cabedal de conhecimento que vem adquirindo e acumulando ao longo de sua vida.



AGRONOMIA DEDICADA A AGRICULTORES, NO ENSINO E NA EXTENSÃO RURAL, NA REGIÃO DE LINS

Choshin Kameyama sempre foi interessado em compreender os problemas que ocorriam na lavoura do pai, Choei Kameyama. E desde o Colegial procurava revistas ligadas à ciência da Agronomia. Ficava admirado com as descobertas de herbicidas, irrigação, produção de feno, enfim, a agricultura o encantava. E ele adorava conversar com o vizinho, cujos filhos estudavam na ESALQ.

Nascido em 23 de junho de 1946, em Lins (SP), Choshin contou com o apoio do avô, homem culto que tinha contato com as notícias sobre melhoramento de plantas e outras tecnologias ligadas à agricultura, e incentivou o neto a cursar Agronomia. Em Piracicaba morou em república e no 2º ano do curso foi para a Casa do Estudante, onde ficou até se formar.

Fez um ano de cursinho ficando mês a mês entre os 5 primeiros colocados, o que lhe rendia descontos na mensalidade. Já na época da Escola, as matérias eram mais difíceis e ele teve dificuldade para vencê-las. Mas a partir do 4º ano, quando perdeu sua mãe, Chiyoko Kameyama, debruçou-se sobre os cadernos. Contou com o apoio do amigo Geraldo Barros, com quem estudou muitas vezes. Choshin fez estágio nos departamentos de Química Agrícola e na Entomologia e depois na Geigy.

Assim que se formou, foi para o Colégio Agrícola de Cafelândia, onde ficou 2 anos. Lá conheceu Fernanda Marques Gomes, que atuava na mesma repartição, com foco em educação familiar da mulher rural. Casaram-se em 1972 e tiveram 2 filhos: Fabrício e Fernando. Choshin dava aula de cultura técnica para alunos de 14 a 20 anos; morava no colégio e exercia a função de inspetor de alunos, além de ser o substituto do diretor. Bela experiência para um início de carreira.

Dois anos depois, foi transferido para o Colégio Agrícola de Presidente Bernardes, para auxiliar na recuperação da agricultura após o desastre que tinha dizimado as plantações; desen-

volveu importantes trabalhos como conservação de solo e medidas culturais de controle de erosão. Foi uma das melhores fases da vida. Após um ano e meio, contudo, pediu para voltar para Lins porque precisava dar suporte ao pai, cuja casa havia sido incendiada.

Choshin continuou ligado ao ensino agrícola onde fazia treinamento de mão de obra rural. Quando o colégio agrícola começou a receber alunos do ensino regular, Choshin percebeu que era hora de mudar de rumo, queria manter o foco na agricultura. Então, em 1976 abriu um escritório de planejamento agropecuário e passou a prestar serviço em crédito rural no Banco do Brasil, fazendo levantamentos topográficos para o banco e depois para fazendeiros.

Sem deixar de atendê-los, prestou concurso na CATI em 1978 e foi trabalhar na Casa da Agricultura de Promissão, com extensão rural. Apesar de toda dificuldade para lidar com os agricultores, pouco acostumados a receber direcionamento, Choshin gostava do trabalho e persistiu para encontrar um caminho. Acreditava que tinha solução. Foi gratificante.

Com sonho de trabalhar no Banco do Brasil, chegou a prestar concurso e assumir cargo em Rondonópolis (MT), para onde se mudou com a família, após fechar a própria empresa. Dois meses depois, entretanto, diversos fatores – que incluíam corte de verba para os serviços, falta de adaptação da família e geada em sua terra natal – o fizeram voltar. Então, em 1981, Choshin foi readmitido pela CATI, recebido de braços abertos pelos diretores e designado para a Casa de Agricultura de Lins.

Mais tarde, assumiu a delegacia agrícola de Pirajuí com a missão de desbravar toda a região; foram 13 anos de atuação até que em 1997, com a nova reestruturação da CATI, recebeu a responsabilidade de implantá-la, tornando-se vice-diretor do EDR de Lins, e logo depois, diretor, cargo que ocupou até 2009.



O DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA DO SUL DO PARANÁ COM USO DE TECNOLOGIA DE PONTA

Chuti Koyama teve contato com a terra desde menino. Filho de imigrantes japoneses, passou a infância no sítio dos pais, onde cultivavam verduras e mantinham granjas. Nascido em 13 de novembro de 1944, em Suzano (SP), tinha 8 anos quando foi morar com o tio para estudar.

No entanto, lembra-se com gratidão da grande dedicação de seu pai, Ossamu Koyama, que deu duro na lavoura para sustentar os 3 filhos. Da mãe, Setue Aihara Koyama recorda-se com carinho e admiração por ser tão decidida. Ela sempre o inspirou.

Chuti estudou a maior parte do tempo em São Paulo, onde trabalhou desde cedo na loja do tio. Já no Científico tinha optado pela Agronomia na ESALQ, por ser referência no Brasil. Entrou em 25º lugar.

Em Piracicaba morou na República Fronteira, com mais 12 pessoas, experiência que lhe permitiu crescer e fazer novas amizades. Já no início do curso, fez estágio na Cadeira de Fitopatologia, com o professor Hiroshi Kimati, e em uma cooperativa.

No 2º ano, após estudar Topografia, passou a medir terrenos e fazer avaliações de crédito rural para o Banco do Brasil. Também participou do Projeto Rondon, quando atuou em Pernambuco e Alagoas.

Integrou a comissão que organizou a viagem à Europa com amigos da A70. Lembra-se bem de quando estava na Suécia e ali visualizou seu projeto profissional. E sem jogar moeda em lagos, mas dedicando-se integralmente ao trabalho, tornou-se referência na agricultura no Centro Sul do Paraná.

Após formar-se, Chuti conseguiu uma bolsa de estudos para Ehime-Ken, no Japão, onde especializou-se na produção de batata-semente. De volta ao Brasil, em 1972, iniciou seu trabalho na Cooperativa Agrícola de Cotia, com distribuição de semente de batata.

Aliás, começou a familiarizar-se com o Centro Sul do Paraná quando acompanhava o pai pelas estradas de terra nas viagens a Irati (PR), justa-

mente para comprar batata-semente para plantar em Suzano.

Em 1974 iniciou sua atuação em São Mateus do Sul (PR), cidade que escolheu para estabelecer-se após viajar durante anos por Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Chuti percebeu que suas empresas poderiam gerar benefícios para os agricultores locais, que perdiam até 40% do faturamento porque precisavam vender a produção fora da região.

Construiu uma unidade de secagem e armazenamento de soja, milho e feijão em São Mateus do Sul, em 1999, com capacidade para 500 mil sacas de grãos. A iniciativa agregou até 15% a mais no valor dos produtos vendidos, o que significou, na prática, uma diferença, por safra, de R\$ 5 milhões para as sacas de milho e R\$ 10 milhões para as de soja; dinheiro que retorna para os colonos do município desde então.

Em 1981 inaugurou uma fábrica de caixas para batata-semente: a Madecaixa, que produz de 20 a 30 mil caixas ao mês. A mão de obra especializada da fábrica e da armazenagem de grãos chegou a compor uma equipe de 60 colaboradores.

Ainda jovem, em viagem aos EUA quando via as enormes colheitadeiras existentes apenas fora do Brasil, Chuti não imaginava que um dia seria dono de duas. Atualmente conta com máquinas de plataforma de 30-35 polegadas, as mais modernas.

Com correção de solos e tecnologia de ponta, garantiu o desenvolvimento agrícola de São Mateus do Sul, ganhando destaque, principalmente, nas lavouras de soja e milho. Chegou a plantar 1.110 hectares no município, além de 700 hectares no Mato Grosso.

Em 1981 casou-se com a arquiteta paulista Eva Yoko Sasaki, pioneira a atuar em São Mateus do Sul. O casal teve uma filha – Débora – e tem duas netas. E embora não fique divulgando, Chuti não esconde o orgulho de ser agrônomo formado pela ESALQ, onde passou bons momentos e adquiriu conhecimento para formar o alicerce de todo o seu crescimento profissional.



O GOSTO PELA EXTENSÃO RURAL REVELADO NA REALIZAÇÃO DE TANTAS AÇÕES EM PORTO FELIZ

Ciro Brugnaro nasceu em 27 de dezembro de 1945, em Caconde (SP), bem na época em que seu pai, José Brugnaro, administrava, temporariamente, uma fazenda na cidade. Mas foi criado em Porto Feliz, de onde realmente era sua família; o contato com a terra foi mantido, já que fez grupo escolar na escola da usina onde seu José atuava. Aliás, foi no trabalho do pai que CIRÓ ouviu falar pela 1ª vez sobre a ESALQ.

E, com apostilas que ganhou do gerente da fazenda, agrônomo formado pela Escola, CIRÓ estudou sozinho para o vestibular e entrou para a A70. Dos sete filhos, foi o único que fez Agronomia. Seu José e dona Margarida Manfrinati Brugnaro incentivavam o estudo e ficaram felizes da vida! Sempre reforçando a importância do bom caráter, da honestidade e da verdade.

Em Piracicaba, CIRÓ morou na Casa do Estudante e ganhou o apelido de Mossoró; gostava muito daquele convívio com os amigos da moradia e da 2ª turma prática. Durante o curso manteve o hábito de estudar e nas horas livres, aproveitava para bater uma bolinha ou frequentar o CALQ.

No 5º ano, fez estágio no Norte do Paraná, onde participou do levantamento de lavouras com ferrugem do café. Trabalhou no projeto durante um mês; conheceu vários municípios, como Rondon, Guaporé e Cianorte, muitos deles, na época, ainda com construções bem rústicas.

Embora tenha cursado Agronomia, CIRÓ nunca gostou de bota. Tanto que, quando se formou, o pai o convidou para trabalhar na fazenda da usina, mas ele não quis. Começou a trajetória em 1971 como professor do Colégio Agrícola de Holambra II, distrito de Paranapanema, atualmente denominado Campos de Holambra, onde havia plantação de frutas, soja e trigo.

Como tinha perfil enérgico, em 1972 foi convidado para ser diretor do Colégio Agrícola de Cândido Mota. Naquele ano casou-se com Dirce Domingues Brugnaro, com quem teve 3 filhos:

CIRÓ Junior, Cintia e Bruno. Todos os filhos já tiveram netos; no total são 4.

No ano seguinte, com o colégio Cândido Mota já em ordem, CIRÓ foi transferido para o colégio de Itu; era exigente e saía de casa de madrugada para motivar os alunos a estarem cedo no campo. Como morava em Porto Feliz, na época, voltava tarde para casa. O primogênito já tinha nascido e CIRÓ queria mudar a rotina profissional, então, em 1973 prestou concurso da CATI e foi trabalhar com extensão rural em Cruzália.

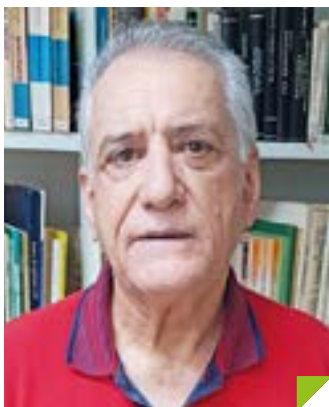
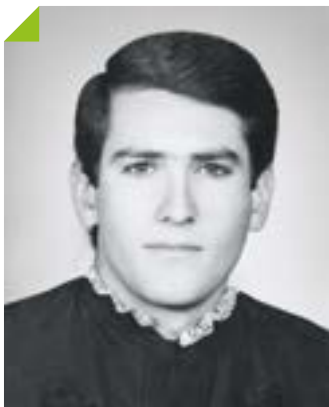
Logo depois, contudo, foi convidado para ser supervisor da DIRA de Marília, locado em Tupã, onde nasceram Cintia e Bruno. Gostava do trabalho de assistência técnica e, com o tempo, conquistou a confiança dos agricultores. Foi pioneiro no estímulo ao cultivo de feno na região, tudo porque mantinha contato com a ESALQ para buscar atualização. O renomado professor Vidal Pedroso de Faria sempre o apoiou.

Ficou em Tupã de 1974 a 1980, quando foi transferido para Itu, onde assumiu a Casa da Agricultura, por dois anos. Sua intenção, na verdade, era trabalhar em Porto Feliz, o que conseguiu ainda na década de 1980, quando assumiu a Casa da Agricultura do município.

Com uma rotina intensa, mas menos desgastante, CIRÓ pôde dedicar-se ao serviço com mais disposição. Apoiou produtores de uva Niágara na cidade, chegando a liderar a realização da festa da

uva, organizou várias vezes a atividade “Dia de Campo” e promoveu diversos cursos. Gostava do que fazia.

Cuidadoso, também recebeu elogios pela manutenção da Casa da Agricultura de Porto Feliz, construída em 1962. CIRÓ trabalhou até completar 60 anos, quando pediu sua aposentadoria. E levou o hábito da organização para casa, onde mantém uma bela coleção de ferramentas que, aposta, ninguém tem igual. E hoje, com sensação de dever cumprido, passa boas horas em sua “oficina” ou então na companhia da família.



A OUSADA TRAJETÓRIA QUE LHE PERMITIU GANHAR UM JOGO QUE ESTAVA PERDIDO

Ele nasceu em 2 de novembro de 1944, em Uberaba (MG), onde viveu até os 7 anos. Mudou-se para Belo Horizonte com a família e 6 anos depois foi estudar no Colégio Nova Friburgo/FGV, no estado do Rio de Janeiro. Lá, um teste vocacional indicou a direção para Clarindo Irineu de Miranda; escolhido o curso, era hora de decidir onde estudar: no Rio de Janeiro, em Piracicaba ou em Goiânia, onde chegou a fazer matrícula para vários amigos, mas não a sua; isso porque tinha conhecido a ESALQ e estava encantado.

A família o apoiou totalmente. Tanto que, mesmo após muitos anos, seu pai ainda guardava os telegramas do filho informando sobre a aprovação em cada prova eliminatória do vestibular. Ao final, foi aquela alegria. Em Piracicaba fundou, com mais 11 amigos, a República Mau Xero, e ainda acolheu Afonso Negri Neto, da A70, que muito os ajudou nos estudos. Clarindo teve 3 apelidos: Beraba, Mineiro e Turco.

Dedicado, fez muitos estágios durante o curso: passou pelos departamentos de Mecânica e Zootecnia e, a partir do 2º ano, estagiou na Seara Aviação Agrícola, em São Joaquim da Barra, onde aprendeu muito. Também atuou com inoculante para soja na Bio Soja, sendo responsável por importantes tomadas de decisão. À noite, ainda encontrava tempo para frequentar o CALQ, em especial os bailinhos onde trabalhava como garçom para arrecadar dinheiro para a festa de formatura.

Assim que se formou, Clarindo passou em processo seletivo da Geigy e foi contratado para a venda técnica sobre aplicação de defensivos agrícolas no Sul de Minas. Ganhava muito bem. Quando a empresa se fundiu com a Ciba, Clarindo foi designado para a Região da Mogiana; em 1 ano, tornou-se o 2º maior vendedor da empresa. Contudo, sentiu-se incomodado com algumas decisões e pediu demissão.

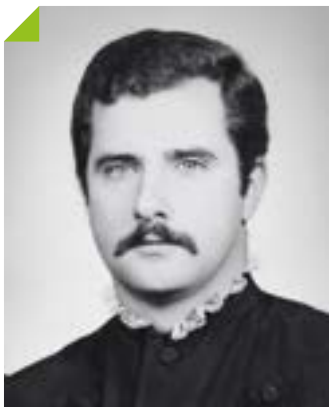
Em 1971 casou-se com Maria Aparecida Freitas Miranda, a quem já namorava no tempo de

Escola; tiveram 3 filhas: Mariana, Fabiana e Maria Luiza, que adoram o pai.

Logo, Clarindo foi trabalhar em uma usina familiar de Pitangueiras, onde desenvolveu área agrícola, venda de pedras e de ração, e até ajudou a desvendar um roubo na fazenda. Meses depois, decidiu aceitar convite de um pecuarista para organizar o mercado de gado da fazenda; com visão empreendedora, montou um negócio de insumos para o fazendeiro e justamente durante uma venda, recebeu convite para atuar no Pará.

Ali ampliou sua visão e atuação país a fora. Reorganizou toda a fazenda: dividiu pasto, reformou curral, construiu casas e fez novas aberturas. Na mesma época, comprou terras no Maranhão, onde mais tarde abriu sua fazenda.

Foi, então, convidado para organizar uma empresa de inseminação artificial, a CIANB; em 1 ano conseguiu levá-la ao 1º lugar no Brasil em venda de sêmens; chegou a pedir demissão, mas as vendas caíram e o dono foi chamá-lo novamente; Clarindo voltou, mas logo deixou o trabalho para dedicar-se à propriedade agrícola. Vendeu a fazenda do Maranhão e comprou terras em Uberaba, onde passou a atuar com lavoura e gado. Foi uma alegria elaborar o projeto agropecuário para sua própria fazenda; inicialmente plantou café e depois foi ampliando sua atividade com plena dedicação; foram muitas as vezes em que acordou de madrugada para



trabalhar.

Chegou a ter 54 mil frangos na fazenda e para melhorar o comércio, fundou a Associação dos Avicultores do Triângulo Mineiro, da qual foi o 1º presidente. Na década de 1990, comprou fazenda na Bahia e, mais tarde, expandiu sua atuação para a construção civil; chegou a construir 1,7 mil casas. Passou apuros, mas sempre agiu com a razão; trabalhou muito e procurou investir em projetos que lhe dessem retorno. No fundo, as dificuldades lhe ensinaram a ser empresário. E foi assim que ganhou um jogo que estava perdido.

ATUAÇÃO NA PRODUÇÃO DE CAFÉ E NO SETOR DE BEBIDAS DO MAPA

Ele nasceu em Ituverava (SP) em 25 de maio de 1944 e viveu no sítio até os 13 anos. Na hora de escolher a profissão, Decio Barbosa Lima estava em dúvida entre ir para São Carlos ou Ribeirão Preto, contudo, um amigo que estudava na ESALQ o convenceu a cursar Agronomia. Decio fez apenas um cursinho intensivo e até achava que não passaria no vestibular; mas qual não foi sua alegria quando soube do resultado por telegrama!

Dona Agripina Ferreira Lima, sua mãe, ficou bem feliz ao saber da notícia, ela sempre incentivou o estudo. Seu Geraldino Barbosa Lima já era mais reservado, ainda assim, ensinou lições ao filho com seu exemplo: era honesto e generoso, fazia de tudo para ajudar as pessoas.

Em Piracicaba, Decio tinha o apelido de Dedé; morou na República Sputnik, o que lhe trouxe grande amadurecimento. Experiência excelente! Aliás, não só na república, como também na Escola, onde o convívio era ótimo e o aprendizado de qualidade inquestionável. Nas horas livres, frequentava o CALQ e, no fim de semana, ia pescar no Rio Piracicaba. Aproveitou a cidade.

Nas férias, fez estágios na SAA e na Massey Ferguson. Decio lembra-se bem da formatura, porque foi a 1ª vez que seus pais puderam ver a Escola e toda aquela maravilha que o filho lhes contava quando ia visitá-los. Foi emocionante.

Assim que se formou, foi admitido pela Secretaria Estadual de Educação para dar aula no Colégio Técnico Agrícola de Miguelópolis. Em 1973 passou em concurso do IBC e foi trabalhar com assistência técnica ao plantio de café em Porecatu (PR). Mas não mudou de estado sozinho; naquele ano casou-se com Itelvina Augusta Falleiros Lima, a quem conheceu em Ituverava. Tiveram 4 filhos: Decio e Daniel, que são gêmeos, Douglas e Danilo; e 7 netos.

Durante 15 anos, Decio trabalhou exclusivamente com café, identificando focos da Ferrugem nas lavouras, prestando assistência técnica

e atuando no plantio e na renovação cafeeira. Acompanhou a chegada de novas variedades e a introdução do plantio em nível, inovações para a época. Todos os anos participava do Congresso promovido pelo IBC, que divulgava um resumo dos experimentos. Sem contar que havia constante comunicação interna, afinal, era preciso ficar por dentro dos assuntos que pudessem contribuir com a produtividade das lavouras de café.

Mais tarde, ampliou sua atuação e, por meio de convênio com a Cooperativa Agrícola dos Cafeicultores de Porecatu, passou a prestar assistência também aos produtores de milho, soja e algodão. Lidar com cada um não era tarefa fácil. Mas Decio procurou fazer tudo corretamente e permaneceu mais 8 anos nessa atuação.

Em 1990, logo depois que o IBC foi extinto, Decio passou a atuar no Ministério da Agricultura. Ficou mais 5 anos em Porecatu e depois foi atuar no Serviço de Inspeção Vegetal, em Curitiba (PR); trabalhando no Setor de Bebidas. Acompanhava a importação e exportação de cerveja, vinho, suco e refrigerante, fazia controle, registro de estabelecimentos, produtos e a fiscalização dos mesmos. Um serviço delicado, que exigia cautela.

Decio, entretanto, manteve-se firme. Persistir naquela função um tanto desafiadora fez com que aprendesse bastante, tanto que no fim do período já exercia o trabalho com muito mais facilidade. Foram 19 anos, dos quais 5 como chefe do Serviço de Inspeção Vegetal do Paraná, ligado ao MAPA, até que em 2014 aposentou-se, após 45 anos de trabalho.

Atualmente mora em Curitiba onde desfruta da companhia da família e procura cuidar da saúde. E de tempos em tempos volta seu olhar para os sítios que adquiriu ao longo da carreira em Alvorada do Sul e Miraselva, ambos no Paraná, onde cultivava cana-de-açúcar e forma pequenos pomares, revivendo momentos de menino, quando morava na área rural.



O AMOR PELA AGRICULTURA E PECUÁRIA ALIADO AO INTERESSE PELA CONSTRUÇÃO CIVIL

Deolindo Zanotto Filho nasceu em 27 de abril de 1946, em Botucatu (SP). O amor pelas fazendas nasceu quase junto com ele, já que desde criança adorava as propriedades agrícolas de seu pai, Deolindo Zanotto, que além da lavoura e da criação de gado, trabalhava na área de construção civil.

Apesar da paixão pela terra, na hora de escolher a profissão, teve dúvidas e fez vários testes. Chegou a se inscrever na Escola Politécnica da USP, porém antes mesmo de abrir vaga, decidiu ir para o Mackenzie tentar Engenharia Civil; poucos meses depois, deixou o curso e se matriculou em Engenharia Automotiva na PUC, mas também não se identificou.

Então, passou um ano trabalhando com seu pai nas fazendas, onde havia gado de leite, gado de corte e lavoura de café, o que despertou seu interesse pela profissão de engenheiro agrônomo. Fez cursinho intensivo em Piracicaba e passou em 13º lugar no vestibular.

Logo no 1º ano começou a dar aulas de Matemática e de Desenho Geométrico no período da noite em um cursinho pré-vestibular de Limeira (SP), cidade vizinha a Piracicaba, mas isso não o impedia de estudar; sempre tirou boas notas. Conquistou o temido professor Frederico Pimentel Gomes quando foi chamado para resolver um exercício na lousa e acertou. Dedicado, concluiu o curso em 8º lugar.

Deolindo morou na república Cabana, com amigos da A 70 e com João Herrmann Neto, estudante de outra turma que, mais tarde, se tornou seu cunhado. Deolindo casou-se com a irmã dele, Maria Elizabeth Herrmann [hoje Zanotto], em 1970, quando estava no 4º ano da Agronomia; tiveram 2 filhos: Andréa e Ricardo; a primogênita lhes deu 4 netos: Betina e os trigêmeos João, Gabriel e Pedro.

Antes mesmo de se formar, Deolindo começou a trabalhar com plantio de eucalipto, em sociedade com o seu cunhado; era época de incentivos fiscais do Governo para reflorestamento e os dois

trabalharam juntos por cerca de 7 anos. Plantaram mais de 5 mil hectares de eucalipto na região de Botucatu; a maior parte do plantio foi próximo a Bofete e a Lençóis Paulistas, ambas no estado de São Paulo.

Encerrado o período de plantio, Deolindo abriu a empresa Darel, em Botucatu, com foco na preparação de solo para o cultivo de eucalipto e de cana-de-açúcar. Mais tarde, decidiu ampliar sua atuação profissional para a área de construção civil e no dia 16 de abril de 1980 fundou a empresa D.Zanotto Empreendimentos Imobiliários Comércio e Administração, em Botucatu.

Ergueu o edifício Sofia Toledo Zanotto, que tem esse nome em homenagem à sua mãe. Com 12 andares, foi o 1º prédio alto da cidade. Em 40 anos de empresa, construiu mais de 160 obras e expandiu a atuação para Campinas, onde fundou outra empresa de construção civil junto com seu cunhado e com seu genro. Deolindo gostou da área, mas reconhece que manter um negócio por tantos anos no Brasil requer muito esforço, empenho e dedicação.

Paralelamente continuou o trabalho nas 2 fazendas da família, uma dedicada à pecuária e outra arrendada para cana-de-açúcar. Embora tenha se interessado pela área de construção civil, até hoje continua gostando de fazenda e sempre que é possível não perde a oportunidade de circular por esse ambiente.

Quando faz uma retrospectiva de sua vida, Deolindo percebe a grande realização que conseguiu construir e partilhar com sua família. Ao lado de Elizabeth, transmitiu aos seus filhos o valor de cada palmo de terra, das mãos de quem nela trabalha, das mãos de quem coloca cada tijolo em um prédio. O respeito à vida e o respeito ao próximo sempre foram princípios prezados pela família. Hoje, ao ver seus filhos trilhando esse mesmo caminho e ensinando os mesmos preceitos a seus netos, sente que sua família foi o seu maior legado.



COMO SE CAMINHASSE PARA PASÁRGADA...

Nascido em 13 de abril de 1944, em Igarapava (SP), filho de colonos de uma usina açucareira, Dijalma Bernardes Ferreira teve seu interesse despertado para a Agronomia vendo a atuação dos agrônomos na Usina. Ao concluir o Científico, trabalhou um ano na lavoura de cana com um objetivo traçado: juntar dinheiro para estudar na ESALQ.

Mas apenas em setembro de 1965, o jovem sonhador foi a Piracicaba e viu a Escola pela 1ª vez. Ficou emocionado diante da imponência daqueles prédios e sentiu que seu esforço valera a pena. Ter garra para enfrentar as dificuldades foi algo que aprendeu com seu pai, João Bernardes Ferreira, homem trabalhador. Já com sua mãe, Maria de Carvalho Ferreira, aprendeu a importância dos estudos; habilidosa e dedicada à família, fez questão que os 4 filhos tivessem curso superior.

Na busca de alcançar seu maior objetivo, Dijalma foi para Piracicaba, fez cursinho e passou no vestibular, ganhando então vários apelidos: Bicho Feliz, Bicho Mineiro, Animar.

Durante os 5 anos de ESALQ, sempre buscava pequenos trabalhos para conseguir se sustentar e fez estágio desde o 2º ano; iniciou com sericicultura em Campinas, depois passou pela antiga Melhoramentos, pela Ultrafértil, pela Geigy e pelo IBC. Nos 2 últimos anos do curso, estagiou nos departamentos de Zootecnia e de Agricultura. Morou na República Casa de Família e, durante todo o tempo, dava aulas particulares de Química e Física à noite.

Formado de acordo com seus sonhos, Dijalma sentiu que deveria trabalhar perto dos pais, para apoiá-los. Optou por lecionar no CTA de Igarapava. Foram 6 anos de intensa dedicação. Ele se orgulha de ainda hoje receber feedbacks positivos como quando participava de um evento em Campinas, e o palestrante comentou que só havia se formado em Agronomia e estava ali, graças às suas excelentes aulas no colégio agrícola.

Em 1972, casou-se com Marlene Barbosa Ferreira, com quem já namorava antes de concluir o curso. Tiveram 3 filhos: Soraia, Leandro e Érica. E hoje têm 3 netos: Mariana, Noah e Gael.

Em 1976, Dijalma passou em concurso da CATI e iniciou a carreira de extensão rural e assistência técnica. Assumiu a Casa da Agricultura de Buri-tizal, onde ficou cerca de 8 anos, depois passou por Aramina e, então, tornou-se o chefe da Casa da Agricultura de Igarapava.

O trabalho de extensão lhe permitia continuar a fazer o que gostava: ensinar e orientar, só que desta vez com foco nos agricultores. Dijalma lembra-se de quando a CATI instalou o Controle Integrado de Pragas, um programa que lhe trouxe grande desafio, já que, até então, o conceito dos agricultores era baseado na ideia de que quanto mais pulverização, melhor; e o programa da CATI visava convencer o agricultor da necessidade de controle. Tal tarefa exigiu muita persistência, mas bons resultados foram obtidos.

Como sempre acreditou na política como instrumento de luta pelo bem público, Dijalma ainda conciliou o trabalho na CATI com a militância política e foi vereador em Igarapava, por 10 anos.

Com a aproximação da aposentadoria, começou a pensar em uma forma de ampliar seus conhecimentos e decidiu cursar Direito, formando-se em 2011 pela Universidade de Uberaba.

Sua intenção inicial não era exercer a profissão, queria mesmo exercitar a mente, ter novos conhecimentos e experiências. Mas um amigo o convenceu a prestar o exame da OAB e o inscreveu para prestar assistência judiciária a pessoas de baixa renda, por meio do convênio entre OAB e Defensoria Pública do Estado de São Paulo, atividade que exerce ainda hoje.

Dijalma sempre acreditou que deveria ter garra para enfrentar os desafios da vida. E é por isso que, independentemente das dificuldades ao longo do percurso, afirma com satisfação que tudo valeu a pena!



A DEVOÇÃO À FAMÍLIA E À UNIVERSIDADE

Filho de uma família de pequenos agricultores, Dilermundo Perecin nasceu em 13 de dezembro de 1944 e morou no sítio até os 13 anos. Fazia uma caminhada ao redor de três quilômetros por dia até a cidade, para frequentar as escolas onde estudou. Nessa época, a família montou um armazém e foi morar mais perto da cidade.

Filho de Paulo Perecin e Lourdes Esgarbiero, o primogênito de 8 irmãos ajudava a família inicialmente nas tarefas do campo e depois no armazém. Concluiu o ensino médio em 1965, na Escola Sud Mennucci de Piracicaba. Gostava de exatas, tanto que sua intenção era cursar Engenharia na EESC/USP. Como o vestibular para início em 1966 coincidiu com o da ESALQ, abriu mão de fazer a prova em Piracicaba, mas acabou não entrando em São Carlos.

Dois meses depois, abriu o vestibular de Agronomia na atual FCA-UNESP; passou em 1º lugar e foi estudar em Botucatu, onde logo ministrou aulas de matemática em cursinho pré-vestibular. Contudo, no ano seguinte, transferiu-se para a ESALQ. Concluiu o curso com a segunda maior nota média entre os formandos.

Em 1969, ministrou a disciplina Estatística no então existente curso de Administradores Escolares da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, voltando ao Sud Mennucci, desta vez, para ensinar.

Durante a maior parte da graduação, teve bolsa de iniciação científica da FAPESP, o que o habilitou a pleitear e conseguir bolsa para realizar o Mestrado e o Doutorado na ESALQ. Nos dois anos do Mestrado, além das atividades do curso, ministrou aulas na ESALQ como docente voluntário.

Em 1973, foi contratado pela atual FCAV-UNESP, Jaboticabal, onde permaneceu até a aposentadoria compulsória em 2014; plenamente engajado em atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária.

Conquistou todos os títulos e cargos da carreira universitária, destacando o Doutorado em 1974, a Livre-Docência em 1978 e o de Professor

Titular em 1982.

Já mais experiente em estatística, foi convidado para ministrar disciplinas de pós-graduação nos cursos de Bioestatística da FM-USP, em Ribeirão Preto, e de Estatística e Experimentação Agrônômica da ESALQ.

No campo da pesquisa, publicou mais de uma centena de artigos científicos em revistas especializadas e atuou em estreita colaboração com o grupo de melhoramento de cana-de-açúcar do Centro de Cana do IAC, em Ribeirão Preto, com o qual tem trabalhos conjuntos de longa data. Assessorou diversos órgãos de fomento à pesquisa, destacando-se FAPESP, CNPq e CAPES, entre outros.

Atuou na formação de recursos humanos. Além das aulas por mais de 40 anos, orientou iniciações científicas, dissertações de Mestrado e teses de Doutorado, sendo que vários de seus ex-alunos ocupam posição de destaque no cenário nacional.

Como experiências em gestão, destacam-se: chefe do Departamento de Ciências Exatas da FCAV-UNESP, coordenador do Curso de Pós-Graduação em Genética e Melhoramento de Plantas da FCAV-UNESP e diretor executivo da FUNEP. Participou também de diversas comissões e grupos de trabalho. Foram grandes desafios.

Nas atividades de extensão e serviços à comunidade, entre outras, há mais de 20 anos assumiu a coordenação regional da VUNESP,

organizando a aplicação regional de concursos, de vestibulares e de provas do SARESP. Colaborou em planejamentos e análises de experimentos com ênfase agrícola; processos de amostragem e em análises para previsão de safras; peritagens judiciais agrícolas, envolvendo qualidades de sementes e de mudas; avaliação de danos causados pela aplicação de pesticidas, entre outros.

Em 1974, casou-se com Regina Maria Maziero, com quem teve 2 filhos, Tatiana e Felipe, formando uma bonita família. Em 2017, nasceu o neto Henrique, que o fez renovar o gosto por viver.



MAPEAMENTO DOS RECURSOS NATURAIS E A COMPLEXA TAREFA DE PRESERVAR MANANCIAIS DE ÁGUA

Dignidade, respeito e estudo. Esses são os principais valores que Dirceu Rioji Yamazaki aprendeu com os pais, os imigrantes japoneses Ryosaku Yamazaki e Chiyo Yamazaki. Nascido em 22 de setembro de 1946, o caçula de dez irmãos lembra-se bem da propriedade rural onde a família cultivava chá, em Registro (SP), sua terra natal.

Inspirado no ofício dos pais, Dirceu decidiu estudar Agronomia depois de ouvir falar tão bem da ESALQ na Cooperativa de Cotia. Decidiu já cursar os 2 últimos anos do Científico em Piracicaba. O imenso gramado na frente do Pavilhão Central da Escola ficou marcado.

Dirceu morou na República El Paredon, da qual só guarda boas lembranças. Apesar das farras de juventude, dedicou-se muito aos estudos; e nas férias voltava para casa para ajudar na fábrica de chá da família.

Quando ia para o último ano do curso conheceu a bibliotecária e professora de francês e português Heloisa Helena Homem Yamazaki, com quem se casou em 1974. Tiveram três filhos: Viviani, Cintia e Luiz Gustavo.

Logo depois que se formou, Dirceu ganhou bolsa de estudo do Governo Japonês e, no final de 1971, foi para o Japão, onde fez Especialização em Sensoriamento Remoto pelo Instituto de Tecnologia da Universidade de Tóquio. Embora tenha recebido convite para ficar, decidiu voltar.

Então, foi convidado para atuar no Projeto RADAM, iniciativa do Ministério de Minas e Energia para mapear recursos naturais com uso de radar, um avanço tecnológico para a época. Inicialmente, o projeto priorizou a região da Amazônia, mas depois foi expandido para todo o país e passou a se chamar RADAMBRASIL.

Logo depois de se casar, mudou-se para Manaus (AM), onde nasceu a primeira filha. Morou também em Belém (PA) e Salvador (BA), sede do projeto. Então, foi para Florianópolis (SC), onde ficou por 8 anos e assumiu a diretoria do escritório regional. Por reunir dados coletados no campo, os

mapas e relatórios produzidos tornaram-se referência nacional.

Dirceu decidiu sair quando recebeu um convite para dirigir o setor de recursos naturais do CNEC, onde atuou em diversos estudos de impacto ambiental, entre eles o de Belo Monte. Nessa época, já havia se mudado para São Paulo. E de lá, entrou na CESP, onde também participou de estudos ambientais para a instalação de usinas, como a de Porto Primavera e a do rio Paranapanema.

Em 1995, foi convidado para coordenar o Programa de Saneamento Ambiental da Bacia Hidrográfica do Guarapiranga, importante manancial da Região Metropolitana de São Paulo, que enfrentava graves consequências da poluição doméstica.

Com o objetivo de proteger e recuperar a qualidade da água do reservatório, o programa responsável pelo abastecimento de água de 3,5 milhões de pessoas teve investimento de US\$ 336 milhões, dos quais US\$ 119 milhões do Banco Mundial. Foram 10 anos na coordenação.

Considerado modelo, o projeto ganhou um aditivo do Banco Mundial para a realização de outros mananciais, como o da represa Billings, e Dirceu atuou no programa até se aposentar, em 2018.

Seu maior desafio profissional foi enfrentar a complexidade do Projeto Guarapiranga, que engloba desenvolvimento urbano, habitacional, meio ambiente, saneamento, enfim, vários fatores com foco

na qualidade da água. E, ainda, com o envolvimento de governos municipais e estadual, além de várias estatais como a SABESP e a CDHU. Uma articulação que demandava muito esforço. Contudo, Dirceu sempre teve considerou a água como o bem maior da vida, então, encontrava motivação.

Atualmente, o agrônomo aproveita a vida ao lado da família e desfruta da boa sensação de ter tido uma carreira que lhe trouxe tantas oportunidades, como conhecer a Amazônia e ver a noite estrelada mais linda de sua vida numa estrada de Roraima.



DO CONTATO COM A TERRA À CARREIRA AUTÔNOMA NA AGRONOMIA E AO POMAR DE ITAJU

Ednael Bizarro Rosa Garcia nasceu em Itaju (SP) no dia 20 de março de 1943. Desde cedo teve contato com a terra, já que os pais tinham um sítio. Aos 6 anos mudou-se com a mãe, Esmée Bizarro Garcia, para Bauru, para facilitar os estudos. Mas nas férias, sempre voltava à terra natal para ajudar na roça. A agricultura sempre lhe foi muito familiar.

Quando estava no Científico ouviu falar que a ESALQ era a melhor escola de Agronomia da América do Sul. E com o incentivo de uma professora, decidiu estudar lá. O pai, Osório Pereira Garcia, trabalhava duro para que os filhos pudessem instruir-se. Ednael compreendeu a importância da educação e se dedicou.

Fez um ano de cursinho e entrou na ESALQ. Morou na República Polaca, que ficava no conhecido Largo da Santa Cruz, na esquina da Rua Moraes Barros. Fugiu do trote, mas não do apelido, na verdade, uma fração de seu nome: Dina. Lembra-se do agradável convívio com os colegas, com quem fazia muita farra. Mas na hora das aulas, a atenção era total; Ednael era muito aplicado. Só não era muito fã da matemática, o que foi superado com o tempo.

Já no português era bom. Para complementar sua renda, chegou até a dar aulas nos chamados Cursos de Madureza, realizados à noite no Colégio Dom Bosco. E ainda encontrava tempo para jogar futebol, assistir às partidas do Timão e cantar no coral da Igreja Presbiteriana, que passou a frequentar desde que chegou à cidade.

No último ano, foi ao Piauí pelo Projeto Rondon, viajando pela primeira vez de avião (numa aeronave da FAB). Ednael ajudou a montar a primeira horta da cidade de Luzilândia. Também foi nessa viagem que conheceu Ana Beatriz Fornos Garcia, com quem se casou em 1974, e teve 2 filhos: André e Thaís.

Após formado, foi dar aulas no Colégio Agrícola de Jaú; depois de seis meses foi para Iguape, onde trabalhou em situação precária, já que os

alunos eram internos, mas a escola não tinha, sequer, energia elétrica. Em seguida, realizou um trabalho de extensão rural nas propriedades, dando aula para agricultores, completando 5 anos no ensino agrícola.

Naquele período, Ednael soube que o BANES-PA precisava de um agrônomo para elaborar e fiscalizar projetos. Então, passou a prestar serviços para o banco, como autônomo, paralelamente às aulas. Na mesma época, também começou a atender a CESP como assistente técnico para avaliação em desapropriações. Quando a remuneração aumentou, ele deixou o ensino e montou um escritório. Foi autônomo durante 15 anos.

No início da década de 1980, entretanto, com a crise nos financiamentos agrícolas, decidiu fechar o escritório. Uma fase difícil. Depois de algumas tentativas e aventuras na área de vendas, quando ele pensava em deixar a agronomia, passou em um concurso do IAA e foi trabalhar como extensionista no Nordeste, divulgando pesquisas sobre cana-de-açúcar. Ficou dois anos em Carpina (PE), cidade localizada a 40 quilômetros de Recife, e depois conseguiu transferência para Ponte Nova (MG).

Na década de 1990, o então presidente Fernando Collor extinguiu o IAA e quem não tinha estabilidade foi demitido. Diante de mais um difícil momento, Ednael decidiu voltar a Bauru. Assim que chegou, soube que a CESP precisava de um agrônomo para trabalhar na assistência técnica. Prestou serviço como autônomo até 1994, quando foi admitido na companhia por concurso; nesse meio de tempo morou em Presidente Prudente (SP) e em Três Lagoas (MS). Ficou na CESP até 2009, ano em que se aposentou.

Missão cumprida, Ednael decidiu voltar às origens e construiu uma casa na propriedade em que nasceu. Para não ficar longe da Agronomia, formou um belo pomar. Atualmente, aproveita o tempo perto da terra, da esposa e, sempre que possível, desfruta da companhia dos cinco netos.



FOI UM RIO QUE PASSOU EM SUA VIDA E O SEU CORAÇÃO SE DEIXOU LEVAR

Natural de Leme (SP), município situado na Bacia do Rio Mogi Guaçu, Edson José de Arruda Leme nasceu em 19 de outubro de 1944. Sempre amou os rios. Quando criança, ia à escola de manhã e às lagoas à tarde. Adorava pescar e nadar na redondeza.

O único homem entre os três filhos de José Augusto de Arruda Leme e Aparecida Menezes de Arruda Leme, Edson ousava. Percorria grandes distâncias de bicicleta, em busca de novos horizontes que tivessem água! Às vezes, a pescaria avançava pelas noites e ele dormia na margem do rio.

Após fazer o Curso Técnico em Zootecnia em Pirassununga, decidiu-se pelo curso de Agronomia da ESALQ, onde ganhou o apelido de Edsinho. Em Piracicaba, quando tinha um tempo entre as puxadas jornadas de aula e estudo, corria para a beira do rio admirar as corredeiras do então despoluído Salto do Rio Piracicaba.

E foi essa relação intensa com os rios que transformou aquele menino em um profissional da área de recursos hídricos. Logo depois de formado, foi trabalhar em grandes projetos de irrigação na Bahia, nas margens do Rio São Francisco, na região de Maniçoba e Curaçá. Ficou por lá três anos.

Foi nessa época que se encantou com Raquel Pommer Pavan, também de Leme, a quem pediu em casamento logo depois que se aproximaram. Contudo, ainda namoraram um tempo por cartas, já que ele assumiu aulas no curso de graduação em Agronomia, em Bandeirantes (PR). Casaram-se em 1974, quando ele voltou. Dessa união nasceram Danilo e Mirella, que hoje é mãe de Davi e Eric.

Em janeiro de 1975, Edson começou a trabalhar no PLANALSUCAR, em Araras, no setor de irrigação e recursos hídricos. Logo nos primeiros anos, com o Proálcool e a geração de um grande volume de vinhaça, desenvolveu um estudo recomendando a aplicação da vinhaça nas áreas de cana recém-cortada, evitando a poluição dos rios por todo o Brasil.

Fez Mestrado em Solos e Nutrição de Plantas na ESALQ. Depois ganhou uma bolsa do CNPq para estudar na Colorado State University, para onde foi com toda a família. Ficaram cerca de um ano nos EUA; foi uma época de muita união entre eles.

Na volta fez Doutorado em irrigação e drenagem pela USP São Carlos e direcionou sua atuação – e também os projetos e publicações – para a preservação ambiental, com foco no uso adequado das bacias hidrográficas da região.

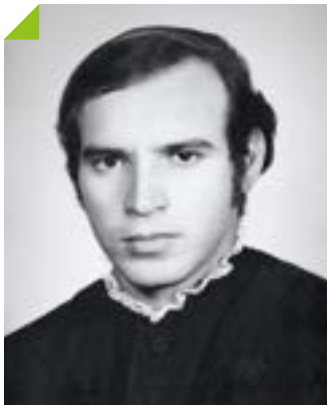
Com a extinção do IAA, lutou bravamente para que a unidade do PLANALSUCAR de Araras fosse incorporada pela UFSCar. Assim nasceu o CCA, em 1991, do qual foi o primeiro diretor, participando ativamente da criação do curso de Engenharia Agrônômica.

Também foi um dos idealizadores da APPA, em 1994, da qual também foi o primeiro diretor. Com grande dedicação, atuou na elaboração de um projeto de Proteção Ambiental da Bacia Hidrográfica do Ribeirão das Araras. Em 1996 participou da criação do Comitê da Bacia do Rio Mogi Guaçu.

Em 2006 foi morar em São João da Boa Vista, próximo à Bacia do Rio Jaguari Mirim. Durante dois anos, montou um acervo com dados de vazão, uso de água e outros parâmetros hidrológicos. Também foi nesse período que elaborou o livro “Manual prático de tratamento de águas residuárias”, publicado pela Editora da UFSCar. E ainda montou

um acervo técnico sobre o Rio Jaguari Mirim.

Em 2009 voltou a morar em Araras e no ano seguinte foi diagnosticado com um câncer no sistema linfático. Com a notícia, intensificou-se nele a urgência de materializar os dados do acervo técnico sobre o Rio Jaguari Mirim. E essa foi a principal força propulsora que o levou a concretizar o livro “Bacia Hidrográfica do Rio Jaguari Mirim: características, hidrologia, uso e gerenciamento de água”. Após oito meses, um exame indicou remissão de 100% do linfoma. Atualmente, Edson é aposentado e vive em Araras, próximo aos filhos.



O AMOR PELA NATUREZA E O ENORME CRESCIMENTO NA ÁREA DE FERTILIZANTES

O amor pela natureza foi um dos principais motivos que levaram Edson Tavares da Silva a escolher o curso que o tornaria um engenheiro agrônomo. Em meados da década de 1960, o jovem de Jundiaí, procurava algo que mesclasse Ciências Biológicas, Exatas e Humanas. E enxergou na Agronomia um vasto campo para seu desenvolvimento profissional.

Nascido no dia 12 de março de 1945, Edson sempre teve um comportamento discreto e comprometido com os estudos. Durante uma excursão à ESALQ, no 3º Científico, teve certeza de sua escolha. Sentiu no campus uma identificação perfeita com a natureza. E o fato de ser uma Escola da USP era uma referência!

Pois bem, o jovem, foi atrás da realização de seu sonho e teve total aprovação dos pais. Afinal, seu Joaquim Tavares da Silva e dona Alice Silveira Tavares da Silva tinham feito sua parte: ensinaram aos filhos a importância de ter caráter, honestidade e clareza de propósito. Joaquim era um guia para Edson.

E devido à dedicação do jovem aos estudos durante o Científico, passou direto no vestibular. Edson emociona-se ao lembrar do momento em que soube de sua aprovação.

Durante o curso morou na República Fronteira, que ajudou a montar e administrar. Como tinha muita iniciativa, ganhou o apelido de Chefão, que se alternava com o de Edsão. Com um espírito solidário, sempre se deu bem com os colegas. Era um convívio de irmãos.

Aproveitava o período das férias para fazer estágio. Passou pelo Departamento de Mecânica da ESALQ, pelo IBC e pela Casa da Agricultura, além de conhecer municípios paupérrimos do Alto do São Francisco quando participou do Projeto Rondon. Experiência incrível para um jovem cheio de encanto pelo mundo.

Aplicado, era frequentador assíduo da biblioteca. Mas não dispensava uma partida de futebol e também tinha seus momentos de lazer no CALQ,

na Rua do Porto. Enfim, desfrutou do que a Escola e a cidade ofereciam.

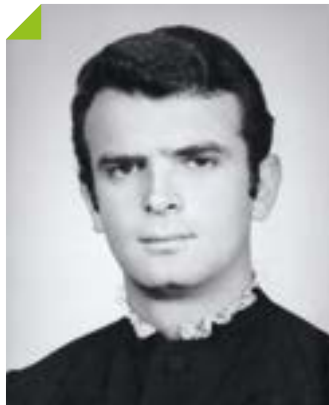
E quando chegou a hora de escolher um rumo profissional, procurou algo que lhe proporcionasse um melhor desenvolvimento: optou pela área de fertilizantes. Acreditava que o insumo tinha grande potencial de crescimento em função da necessidade de recuperar solos de fertilidade esgotada ou de baixa fertilidade pela origem. Também levou em conta o fato de ser um produto de consumo obrigatório e de contribuir fortemente para a produtividade, quando tomado isoladamente. E não estava enganado. Viu o consumo crescer de 1 milhão de toneladas para 30 milhões.

Saindo da ESALQ foi direto para a Manah, empresa líder de mercado na época, fundada por dois agrônomos da ESALQ. A empatia foi imediata. E em 1971 Edson passou a montar campos nas fazendas para demonstrar a eficiência dos fertilizantes e introduziu a venda técnica.

Permaneceu na Manah por 32 anos trabalhando e investindo na empresa. Ao longo dessa carreira dirigiu os negócios da empresa na região Leste, morando em São Paulo, na região Sul, depois em Curitiba, terminando no Centro Oeste com residência em Uberaba, onde foi contemplado pela Câmara Municipal, em 2001, com o Título de cidadão Uberabense, do qual muito se orgulha.

Em 2002 o controle acionário passou para as mãos da Bunge e lá deu continuidade aos trabalhos por mais cinco anos. Edson sempre foi fiel. Ao trabalho, ao time (é torcedor do Corinthians) e à esposa Darly Maria Batista Tavares da Silva, companheira de vida, com quem tem muita afinidade e está junto há 43 anos. Com ela teve os filhos Raquel, Marcos e Daniel, que lhes dão grandes alegrias.

Aposentado, Edson mora em São Paulo e passa boa parte do tempo em sua propriedade rural em Santa Cruz do Rio Pardo, cultivando milho e soja. Administra uma carteira de investimentos, gosta de viajar, ler, assistir séries e ainda encontra tempo para a academia.



A ATUAÇÃO NA FAZENDA, O INTENSO CONVÍVIO COM O PAI E OS APRENDIZADOS DA VIDA

Filho de agricultor, Emílio Forli Neto sempre gostou da terra e de lidar com agricultura e pecuária. Nascido em 16 de dezembro de 1946, em Regente Feijó (SP), passou a infância no sítio. Quando estava em idade de ir para o 1º ano da escola, mudou-se para Presidente Prudente (SP), onde fez até o Científico. Ali conheceu amigos que estudaram na ESALQ, o que reforçou sua vocação para a Agronomia.

Seus pais, Luiz Forli e Francisca Mafra Forli, ficaram bem felizes com a decisão. Faziam questão que os filhos estudassem, e também que fossem honestos, assumissem seus erros e sempre procurassem ajudar as pessoas. Eles mesmos eram assim. O ensinamento através da ação foi o legado que deixaram.

Quando prestou vestibular na ESALQ pela 1ª vez, Emílio não passou na última prova, a de Física. No ano seguinte, fez cursinho e contou com o estimável apoio do amigo Eduardo Hiroshi Mizumoto, da A70, que o ensinou a matéria pacientemente. Assim, Emílio passou em 15º lugar.

Durante o curso, morou na República El Paredon onde teve ótima vivência. O apelido veio de Presidente Prudente: Galo, porque era bravo no jogo de futebol na juventude. Na Escola o convívio foi excelente, havia solidariedade em tudo, desde o auxílio no estudo, até um convite para o almoço quando a cozinheira faltava em uma das repúblicas. E quando ficava em Piracicaba aproveitava para jogar futebol.

Assim que se formou, Emílio prestou concurso na CATI e assumiu a Casa de Agricultura de Taciba, foi o 1º agrônomo do local, onde deu assistência sobre pecuária, algodão e milho. Naquele ano casou-se com Lígia Maria de Arruda Campos Forli, com quem teve 3 filhos: Luís Forli Neto, veterinário, Fábio Forli, engenheiro agrônomo, e Fernanda Forli, engenheira agrônoma. Atualmente, tem 3 três netos.

Foram 3 anos de atuação na CATI, até que seu pai o convidou para trabalhar com ele na fazen-

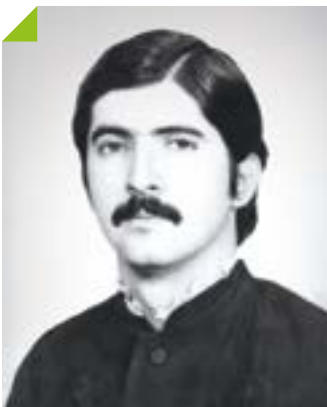
da em Narandiba (SP). Emílio era o caçula de 3 irmãos e o único homem, não podia recusar. Foi um grande desafio! Primeiro por deixar um emprego público, que lhe daria, talvez, segurança e estabilidade; segundo porque enfrentaria dificuldades um tanto quanto novas para ele na época.

Mas Emílio sempre foi de enfrentar as adversidades que a vida lhe trouxe, então decidiu encarar. Passou a lidar com cultivo de café, algodão, milho, além de gado; coordenava os serviços da fazenda, orientando o plantio, a adubação, o combate às pragas, enfim, trabalhou muito, num intenso convívio com o pai. E se deu muito bem.

Passou apuros, é claro. Lembra-se com detalhes da geada negra que dizimou as lavouras de café em julho de 1975. Foi quando a família passou a dedicar-se apenas às demais culturas. Mais tarde, com o falecimento do sogro, sua esposa herdou parte da terra, então começou a administrar a fazenda de pecuária. Chegou a trabalhar com gado de leite, mas depois decidiu focar apenas na pecuária de corte.

Acompanhou de perto a mudança de ciclo que reduziu a pecuária e deu espaço à cana-de-açúcar e, nas “terras roxas”, ao cultivo de soja e milho. Uma mudança inexorável. Emílio sempre procurou acompanhar os congressos realizados na ESALQ para manter-se atualizado; com a chegada da cana e das parcerias, contudo, passou apenas a arrendar a terra.

Embora esteja aposentado, nem pensa em parar de trabalhar, gosta muito das atividades da fazenda. Hoje tem mais tempo para a família: é companheiro da esposa, que tanto ama e admira, e procura ser mais amigo dos filhos. Quando olha para a sua trajetória, percebe que fez todo o possível de acordo com a circunstância do momento. Emílio entendeu que ter flexibilidade é o caminho para se obter os melhores resultados, na vida ou na fazenda. E até hoje nutre enorme sentimento de gratidão pela ESALQ e por Piracicaba.



A AMPLIAÇÃO DE SUAS FAZENDAS E ABERTURA DO CERRADO GOIANO A PARTIR DA AGRONOMIA

De família de fazendeiros, Ernesto José Carvalho Martins Vieira decidiu cedo estudar Agronomia, tanto que já fez o 3º Científico no Colégio Piracicabano. Escolheu a ESALQ porque o irmão do professor Humberto de Campos era muito amigo de seu pai, Rubens Martins Vieira. E sua mãe, Altair Carvalho Martins Vieira, a estrela de sua infância, sempre o incentivou.

Nascido em 1º de abril 1948, em Jataí (GO), Ernesto tinha apenas 16 anos quando mudou-se para Piracicaba. Ao concluir o Científico, fez o cursinho intensivo do Torigoi e passou no vestibular. Logo foi apelidado de Goiano, que se tornou o seu 2º nome; quase ninguém sabia quem era Ernesto. Já Goiano... gostava muito de esporte e sempre que podia, jogava futebol de salão; além disso, frequentava o CALQ onde lia, assistia TV e jogava xadrez. Na Escola o convívio era tranquilo e logo despontou uma grande afinidade com o professor Humberto de Campos, seu conterrâneo.

Ernesto só ia para a casa de seus pais nas férias de fim de ano, já que a logística para percorrer a distância entre Jataí e Piracicaba não era nada fácil na época, mas isso lhe permitiu viver outras experiências. Conheceu a cultura japonesa quando viajou com um amigo da turma, e participou do Projeto Rondon, indo para Tutoia (MA) onde predominava a pesca.

Na formatura, seus pais fizeram questão de marcar presença, apesar de tamanha dificuldade no percurso, afinal, Ernesto era o único filho entre 3 mulheres. E aquela era a oportunidade de conhecer a tão renomada Escola Agrícola. Ernesto ficou muito feliz. Com os pais aprendeu a valorizar a simplicidade da vida e o convívio com a natureza, tão estimada por eles.

Após formado, trabalhou durante algum tempo na Secretaria de Agricultura de Goiás, prestando assistência para plantadores de algodão em Santa Helena e Quirinópolis, mas logo foi cuidar da fazenda de seu pai, que a deixou em suas

mãos. Seu trabalho começou com gado de corte e lavoura de arroz, ainda numa tecnologia bem precária.

No início da década de 1980, contudo, Ernesto decidiu explorar o cerrado goiano. Começou de forma simples, com pouca tecnologia; foi um período difícil porque não havia pesquisa ao alcance e tinham que quebrar a cabeça para encontrar a solução dos problemas que apareciam. Sem contar que ainda enfrentavam falta de infraestrutura, já que não havia armazém e nem asfalto nas estradas da região; levavam dois dias para chegar a Uberlândia (MG), onde os produtos eram entregues.

Mas, aos poucos, foi superando cada obstáculo e em meados da década de 1990 já tinha conseguido ampliar a produção de soja e milho. Com o crescimento da região, a situação foi melhorando também, mas na agricultura o aprendizado é constante e Ernesto nunca parou de investir nas fazendas.

Tudo isso porque sempre sentiu muito orgulho de ser filho de Jataí. E o resultado tem sido muito bom: no início de 2019 chegou a colher 190 sacas por hectare de milho. E ele se lembra bem que quando começou o plantio de milho, no fim da década de 1970, foi considerado louco. Mas Ernesto é um fazendeiro esalqueano e tinha base para fazer o que fez. Claro que aprendeu muito na prática, mas a Agronomia lhe deu o impulso para tudo o que realizou.

Em 1977 casou-se com Marcia Zaiden Martins Vieira, com quem teve 3 filhos: Maria Eugênia, Rubens Neto e Maria Augusta, todos agricultores, bem como os genros, que são seus sócios nas fazendas de Jataí, Aporé (GO) e São José do Xingu (MT); juntos, plantam 4,8 mil hectares de lavoura de soja. Embora atualmente as plantações sejam administradas pelos filhos, Ernesto ama a fazenda, que visita todos os dias. E além das terras tem outras 2 paixões: os netos e a pescaria, tanto que é tricampeão de pesca de água doce, com muito orgulho!



AGRICULTURA NO SANGUE, PECUÁRIA NO SUOR E PESCARIA NO CORAÇÃO

Ettore Rivaben Júnior nasceu em 23 de janeiro de 1947, em Campinas (SP), mas foi criado na fazenda da família, em Charqueada, na época distrito de Piracicaba. Agricultor e industrial, o pai dele – Ettore Rivaben – era criador de bicho-da-seda. O filho, então, viveu naquele ambiente de plantação de amoreiras e maquinário, acompanhando todas as etapas do desenvolvimento da lagarta.

Conhecida como sericicultura, a criação do bicho-da-seda é uma prática antiga para a obtenção da seda e foi uma das primeiras a ganhar impulso no Brasil após a chegada da família real portuguesa, no início do século XIX. Ettore Rivaben, que veio da Itália com 15 anos, conseguiu fazer dessa criação um negócio rentável para a propriedade rural.

Após casar-se com Geni Barros Galvão Rivaben, teve 4 filhos e sempre os ensinou a importância do trabalho. Foi ele, aliás, que incentivou Rivaben Júnior a tornar-se engenheiro agrônomo. O filho gostou da ideia. Assim, fez o 3º Científico na Escola Monsenhor Jeronymo Gallo, em Piracicaba, no período da manhã, e o cursinho do Torigoi na mesma época, no período da noite.

Com um Fusca que ganhou do pai, Rivaben Júnior percorria 23 quilômetros diariamente para estudar. Quando entrou na ESALQ manteve a dedicação: assistia às aulas de manhã, almoçava no RUCALQ e ficava na biblioteca até o horário de entrada no período da tarde. Ganhou o apelido de Socó.

Participou da passeata que culminou com a Catedral de Piracicaba cercada pelo Exército, escondendo-se no sótão da igreja junto aos colegas, até o momento da intercessão do bispo. Depois disso, não se envolveu mais com política. Nas horas livres gostava de jogar futebol.

Rivaben Júnior foi um dos responsáveis pela viagem à Europa, realizada com amigos da A70 e certificada pela ESALQ, que enviou um professor para acompanhá-los. Lembra-se bem das várias

vezes que pegaram estrada em seu Fusca para pedir apoio a institutos do Governo, como o IBC e o IAA, entre outros. Foram ao Itamaraty, onde conseguiram até passaporte especial para aquela viagem de estudo.

Nas férias voltava para a fazenda do pai, não só para trabalhar, mas também para ensinar amigos e produtores rurais a criar bicho-da-seda. Quando se formou, entretanto, a produção na propriedade rural já estava em queda e o pai havia decidido vender a fábrica. Com isso, Rivaben

Júnior foi para Rio Verde de Mato Grosso (MS) transformar a propriedade rural de um vizinho em uma fazenda produtiva.

Quando chegou ao local encontrou apenas cerrado e precisou se encher de coragem e estratégia para abrir a fazenda. Era época do crédito rural, então, conseguiu um financiamento para comprar máquinas, tratores, gado e tudo o que fosse necessário para tornar a área produtiva.

Nessa época casou-se e teve 4 filhos: Rodrigo, Ricardo, Juliana e Glauce, que lhe deu 3 netas: Isabela, Carolina e Maria Eduarda. A família morava em Campo Grande (MS), cidade melhor para o estudo. Rivaben Júnior passava a semana trabalhando em Rio Verde. Foram 12 anos nessa vida de viagem a Campo Grande; ele gostava da cidade, mas depois de se divorciar, decidiu mudar-se definitivamente para a fazenda.

Lá conheceu Maria José de Sousa Silva e a família amentou, já que ela tinha 4 filhos: Valma, Valmir, Vilmar e Vilma. Rivaben e Maria estão juntos há mais de 30 anos e são parceiros na administração da fazenda, que por um tempo chegou a gerar renda até por meio do turismo; como fica à beira do Rio Coxim, eles alugavam quartos, botes e tudo o que fosse necessário para a pescaria, que ele também adora.

Atualmente, Rivaben arrendou o pasto e Maria cria apenas frango e carneiro na fazenda. Tanto pela formação, quanto pelas vivências que teve, além de agrônomo, ele se tornou um grande pescador.



A FORTE CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA ENTOMOLOGIA FLORESTAL NO BRASIL

A persistência é o caminho do êxito. Evoneo Berti Filho adorava ler revistas da ESALQ para aprender a mexer na terra; plantou sua própria horta em casa e gostava, em especial, das notícias de Entomologia. Como tinha parentes fazendeiros, a Escola era-lhe familiar e ele queria fazer Agronomia de qualquer jeito.

Nascido em 27 de outubro de 1940, em Olímpia (SP), estudou muito até conseguir entrar na ESALQ. Seus pais sugeriram que estudasse na FGV, onde ele chegou a prestar vestibular, mas um acidente de carro obrigou-o a ficar de repouso por 6 meses. Então, Evoneo decidiu tentar mais uma vez o vestibular da ESALQ e passou.

Mal pôde conter a alegria de integrar a história da Escola que tanto admirava. Logo no início conseguiu estágio no Departamento de Entomologia; sempre gostou de insetos e de caçá-los pelo campus. Morou na república Putzgrila e ganhou o apelido de Taturana.

Fez curso de inglês, francês, alemão, italiano e até de taquigrafia. Aproveitava o período de Escola! E ainda encontrava tempo para organizar os eventos da A70 e ir ao Jequibau, o local noturno de sua época.

Assim que se formou, conseguiu bolsa da FAPESP e fez Mestrado em Entomologia na ESALQ (1972), com dissertação sobre a broca do cedro, *Hypsipyla grandella* (Lepidoptera), sob orientação do professor Domingos Gallo. Um desafio, já que a broca do cedro era quase desconhecida. Contudo, valeu a pena!

Foi seu orientador quem o indicou para ser entomologista florestal no curso de Engenharia Florestal, criado naquele ano. Com a anuência do professor Helládio do Amaral Mello, Evoneo foi contratado ainda em 1972 como docente do Departamento de Entomologia da ESALQ, onde desenvolveu toda a sua carreira.

No Doutorado, outro desafio. A tese sobre *Thyrineina arnobia* (Lepidoptera), a pior praga de eucalipto no Brasil, obrigou-o a estudar a biologia da espécie, já que é nativa e não havia

informações sobre ela. Em 1974 concluiu o Doutorado pela ESALQ e, já no ano seguinte, iniciou o Pós-Doutorado na Universidade da Califórnia, em Berkeley (EUA), com bolsa do CNPq.

No início da carreira, assumiu aulas práticas e teóricas, inclusive ensinando, agrônomos formados havia tempos que retornaram para conhecer a área de Entomologia Florestal. Evoneo precisou desenvolver métodos e completar coleções de insetos florestais, já que a área era bem nova.

O bom relacionamento com as reflorestadoras da época o ajudou bastante. Com isso, tornou-se o 1º entomologista florestal do Brasil e um dos grandes nomes da Entomologia Florestal no país.

No ano de 1981 fez Livre-docência e na década seguinte tornou-se Professor Titular. Ao longo da carreira, foi chefe de Departamento 2 vezes, presidente da Comissão de Convênios da ESALQ e representante dos professores titulares junto à Congregação da Escola. Sempre foi formador de opiniões.

Publicou centenas de artigos em periódicos e anais de congressos e foi consultor de revistas especializadas no Brasil e no exterior. Sem contar que participou de feiras, exposições e congressos levando o nome da ESALQ a diversas instituições nacionais e internacionais. Também orientou estudantes de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado.

Em 1985 casou-se com Aida Louis Makhoul, a quem conheceu numa quermesse na Paróquia Nossa Senhora da Conceição, ainda na época da Escola. O casal tem um filho, Louis Antonio Makhoul Berti, e uma neta, Lia Makhoul Tomazett Berti.

Desde 2004, Evoneo é editor-chefe da Revista de Agricultura, uma das publicações mais importantes da área. Editada há mais de 90 anos sem interrupção, foi assumida pela FEALQ em 2007; já seu envolvimento nesse projeto teve início ainda na década de 1980. E embora esteja aposentado há mais de 10 anos, continua atento ao seu conteúdo e apaixonado pela Entomologia.



O ENCANTAMENTO PELA SILVICULTURA E OS BASTIDORES DA GESTÃO NA ENGENHARIA FLORESTAL

Campinas, Curitiba, Ribeirão Preto, Campinas. Essas foram as cidades pelas quais passou Fernando Ferreira de Camargo até ao Científico, devido ao trabalho de seu pai, que foi beneficiador de café e, mais tarde, representante da John Deere e da Caterpillar. O setor agrícola, portanto, não lhe era estranho; na hora de escolher a profissão, Fernando também procurou informações sobre Medicina e Engenharia, mas se encantou com a diversidade da Agronomia.

Nascido em 2 de março de 1945, tinha 20 anos quando entrou na A70. Em Piracicaba morou na República A Cabana e ganhou o apelido de Alemão. Integrava a 3ª turma prática e estudava bastante. As dúvidas eram tiradas na casa do amigo Godofredo César Vitti, com direito a café feito por dona Rosa Vitti.

Seu interesse pela área florestal nasceu no 2º ano do curso, logo nas primeiras aulas de Silvicultura, ministradas com conotação empresarial, com foco nas indústrias de chapa, papel e celulose, afinal, os professores eram ligados a elas por meio do IPEF. Ali percebeu que havia seriedade e responsabilidade, valores tão prezados por seus pais. E percebeu também que esse seria seu caminho. Fez estágio na fábrica norueguesa Borregaard, mais tarde adquirida pela RIOCELL.

Assim que se formou, Fernando tornou-se professor no CTA de Jaú, mas não era exatamente o que queria, então, no fim de 1971, quando surgiu vaga na Cia Suzano Papel e Celulose, nem pestanejou; começou como pesquisador e 2 anos depois já tinha assumido um cargo de gerência.

Implementou estrutura profissional inédita na empresa, onde ficou durante 12 anos. Era o responsável pelo abastecimento da fábrica em madeira, compreendendo implantação, manutenção e exploração das florestas de eucaliptos. A partir de 1977, o abastecimento fixou-se em 5 mil esterres/dia, suficientes para a produção de mil toneladas diárias de celulose. Viajava muito

para acompanhar o trabalho nas regiões onde a empresa tinha áreas de eucalipto.

Em 1983 entrou na CESP, que estava reestruturando o Departamento de Meio Ambiente e precisava de um profissional para o reflorestamento, principalmente de espécies nativas. Fernando já começou em função gerencial, assumindo a Divisão de Ecossistemas Terrestres. O trabalho lhe propiciou conhecer e acompanhar o desenvolvimento promovido pela CESP em várias regiões do estado.

Ficou na empresa até se aposentar, no final da década de 1990. A rotina era pesada; ainda mais porque Fernando morava em Campinas e viajava diariamente para São Paulo. Ao longo da carreira enfrentou vários desafios e 2 deles ficaram marcados: a CESP foi escolhida para presidir o Conselho Deliberativo do IPEF, e Fernando foi convidado para assumir o cargo, tornando-se, então, o presidente do Conselho do IPEF, numa época de impasses e mudanças. Foi tenso. Mas conseguiu desenvolver um bom trabalho. Propôs, em conjunto com o corpo docente do Curso de Engenharia Florestal da ESALQ, nova estrutura para o IPEF atuar junto às empresas filiadas; o projeto foi aprovado em assembleia e está em vigor deste então.

Mais tarde foi indicado pelos pares para ser o 1º diretor de Meio Ambiente da CESP; estava diante do 2º grande desafio, que lhe exigiu muito empenho, mas que também trouxe grande satisfação.

Pouco antes de se aposentar, passou a dedicar-se ao seu sítio de produção de gado leiteiro em Piraju (SP) e, mais recentemente, a trabalhar, como amador, com automóveis antigos. Hoje, desfruta bons momentos ao lado de sua querida esposa, Maria Cristina Teixeira Pinto Ferreira de Camargo, com quem está junto há 35 anos, e nunca dispensa a oportunidade de estar com os netos Sebastian, Maximilian e Katharina, filhos de sua única filha, Lucia Ferreira de Camargo Koch, de quem muito se orgulha.



A AGRONOMIA E AS MEDIÇÕES DE TERRA QUE O APROXIMAVAM DA ENGENHARIA CIVIL

Fernando Mendes Kroll sempre foi do campo. Nasceu em 2 de dezembro de 1941, em Piracicaba, e aos 3 anos foi com seu pai para Pirassununga; Daniel Kroll assumiria o cargo de professor técnico em Agricultura na Escola Prática de Agricultura de Pirassununga, onde Fernando viveu até os 19 anos. Desde cedo acompanhava o pai nas aulas práticas, e o contato com a terra era grande. Em 1958, voltou a morar em Piracicaba com o pai, que foi transferido para a ESALQ. Logo, ingressou na A70.

No 2º ano da Agronomia, por gostar de Topografia, ganhou o apelido de Topo-Gigio. Dedicado, ia muitas vezes à casa do amigo Vitti para estudar e ficavam até tarde. Fernando estagiou no Departamento de Química na pesquisa Extração e Determinação do boro no solo e nas plantas, e teve artigos publicados nos Anais da ESALQ.

Também foi durante aquele ano que conheceu Maria Aparecida Sant'Anna, ainda muito nova. Ficou tão apaixonado, que decidiu esperar até que ela pudesse lhe namorar. Casaram-se em 1973 e tiveram 3 filhos: Arlete, Igor e Fernanda. Hoje têm 3 netos: Lucas, filho de Arlete; Beatriz e Rafael, filhos de Igor.

Após formado, Fernando foi trabalhar no CTA de Miguelópolis. Ao chegar, percebeu que a horta não produzia o suficiente para a alimentação dos alunos que moravam na Escola, então, drenou a várzea de solo turfosos para mecanizar e efetuar a subirrigação. A produção cresceu tanto que além de alimentar os estudantes, a escola ainda vendia verduras na cidade.

No final de 1971, sem que tivesse pedido, foi transferido para o CTA de Jacareí, onde se deparou com total falta de estrutura. Até tentou resolver os problemas, mas não encontrou apoio e pediu demissão em 15 de dezembro daquele ano.

No dia seguinte foi contratado pela Cetenco Engenharia para trabalhar como topógrafo na construção da Usina Hidrelétrica de Promissão. De um lado, a realização de um sonho, e de outro,

um grande desafio. Trabalhou dias e muitas noites escalando colunas de concreto sem nenhuma proteção individual, até que presenciou um grave acidente, que culminou com a morte de um amigo trabalhador, e pediu demissão.

Fernando voltou a atuar nos colégios agrícolas de Rancharia e Monte Aprazível, mas logo decidiu prestar concurso público, ingressando no Instituto Florestal; foi trabalhar no Horto Florestal na capital selecionando árvores matrizes junto às estações florestais no interior do estado.

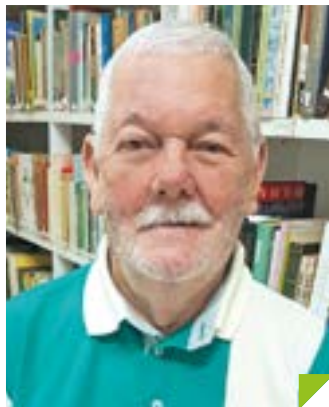
Viajou durante semanas, selecionando e demarcando topográfica e estatisticamente árvores matrizes. Porém não tinha apoio da Diretoria e decidiu buscar novas alternativas, já que sua esposa estava grávida e ele queria proporcionar melhores condições para a família.

Aprovado em concurso na CATI, em 1974, pediu demissão do Instituto Florestal e no dia seguinte foi admitido para trabalhar na Casa da Agricultura de Sabino (SP); lá prestou assistência aos produtores rurais do município.

No ano seguinte, pediu transferência para o Posto de Sementes de Pirassununga, onde trabalhou na fiscalização e assistência técnica para produção de sementes certificadas, genéticas e básicas para o Governo do Estado de São Paulo, até 1979.

Mais tarde, pediu nova transferência, desta vez para o Departamento de Extensão Rural da CATI, em Campinas, e voltou a fazer o que gostava: projetos de irrigação, drenagem, açudes, pesque-pague, todos aprovados pelo DEPRN e DAEE, para pequenos produtores rurais em diversas cidades do interior do estado.

Nesse período publicou pela CATI o Boletim Técnico para Aproveitamento de Várzeas no Programa Estadual de Microbacias Hidrográficas - Drenagem de Várzeas. Aposentou-se em 2003. Atualmente, presta serviços topográficos com seu filho Igor, formado pela UNICAMP e credenciado pelo INCRA, em Georreferenciamento.



OS DESAFIOS DE UMA TRAJETÓRIA DE AMOR, SACRIFÍCIO E FÉ

Francisco Cardoso Branco Lefèvre sempre ouviu falar da ESALQ. Seu tio Jorge formou-se em Agronomia na década de 1930 e seu pai, José Eugenio Branco Lefèvre, buscava orientações no IAC para lidar com a Fazenda São Miguel, em Itatiba (SP), adquirida em 1952, lugar, aliás, onde Chicão passou boa parte da vida. Embora tenha estudado em São Paulo, sua terra natal, passava férias e finais de semana na fazenda; ali era o seu paraíso.

Nascido em 4 de maio de 1947, Chicão viu a Escola pela 1ª vez aos 17 anos. Amou o campus. A decisão pela Agronomia nasceu dessa paixão pela terra e do convívio intenso com o pai, que sonhava em ter um filho agrônomo. Mais do que lhe mostrar um caminho profissional, Seu José Eugenio lhe revelou valores que guiaram toda a sua trajetória.

Em Piracicaba, Chicão morou na República Mansão dos Dráculas e depois na Três Porquinhos. Amigo de todos, integrava a 3ª turma prática. Também mantinha bom relacionamento com os professores, já que sempre os consultava sobre a fazenda.

Logo no 1º ano começou a namorar Ligia Quintana Marcondes Cesar, com quem se casou em 1971 e teve 2 filhos: Fernanda e Ricardo, que lhes deram os netos Bruno, Lais, Ana Beatriz e Maria Eduarda.

A trajetória profissional desse agrônomo foi interessante, apesar dos altos e baixos. E quem não os tem? Assim que se formou, Chicão criava frangos na fazenda e suínos no sítio de sua propriedade, onde também tinha uma lavoura de café. Paralelamente, passou a trabalhar com crédito rural no BANESPA, em Itatiba; e ao mesmo tempo ainda se tornou responsável pelo campo de produção de sementes da Agência Marítima Johnson.

Em 1976, entretanto, a criação de frangos e suínos começou a dar prejuízo e Chicão decidiu largar tudo. Foi trabalhar na Proex Agrícola Ltda, empresa criada para implantar projeto

de plantio de café em Utinga, região da Chapada Diamantina, numa área de 4 mil hectares. Com isso, Chicão se mudou para São Paulo com a família e começou sua peregrinação para transformar aquela área da Bahia numa fazenda produtiva; até então só havia mato no local.

Um grande sacrifício, que lhe exigiu muita fé, mas que lhe trouxe a alegre experiência de formar uma fazenda. Ficou na empresa por 3 anos e após esse período, voltou a criar suínos em sociedade com o tio, até que em um belo dia, quando

saía da missa, ficou sabendo que a CFP procurava um agrônomo; não pensou duas vezes e em 1981 começou a trabalhar na companhia; 6 anos depois tornou-se supervisor técnico, sendo responsável também pelo leilão dos estoques do governo na Bolsa de Cereais de São Paulo, e em 1990 assumiu o cargo de superintendente regional.

Em 1991, foi criada a CONAB a partir da fusão de 3 empresas públicas: CFP, COBAL e CIBRAZEM. Chicão assumiu o cargo de gerente de operações, supervisionando a importação de trigo pelo porto de Santos e também sendo responsável pela compra de merenda escolar para escolas do estado.

Inspirado nos ensinamentos do pai, fazia questão de zelar pelo que era correto. Em 1994 assumiu a Superintendência da CONAB. Ficou no cargo até 1995, quando aderiu ao PDV e decidiu voltar ao cultivo na fazenda. Estava animado, mas em 2000 uma geada dizimou

boa parte das lavouras. Ainda assim, Chicão ficou na fazenda até 2005, quando o pai faleceu.

Naquele ano, já divorciado, uniu-se a Mariângela Panzarin, o grande amor de sua vida, que lhe trouxe muitas alegrias. Casaram-se em 29 de julho e ele ganhou mais um filho, Alexandre, seu enteado. Viveu bons momentos com ela até que em 2014 ela faleceu. Foi uma enorme tristeza, mas ele sabe que um dia se reencontrarão. Atualmente, Chicão vive em Itatiba e encontra força e alegria na companhia das duas netas, Elisa e Sofia.



O AGRÔNOMO QUE ASSUMIU RISCOS, ENCAROU DESAFIOS E SE ENCONTROU NA ÁREA DE FINANÇAS

Neto de cafeicultor e filho de agricultor, Frederico Cândido de Oliveira Bottino nasceu no dia 12 de setembro de 1944, em Jaboticabal, e viveu até os 4 anos numa fazenda. O cheiro de relva nos idos da infância foi um indutor, mas a família é que o ajudou a se decidir pela ESALQ, quando tinha dúvidas se estudaria em Piracicaba ou São Carlos.

Contudo, desde a primeira vez em que viu a Escola, com seu imponente Pavilhão Central, ladeado por um extenso gramado, Fred, como é carinhosamente chamado, ficou estupefato. Havia encontrado um cenário brasileiro, de estilo americano. Era ali que ficaria.

Com a certeza do rumo a ser tomado, matriculou-se no cursinho do Torigoi e logo depois pôde sentir a felicidade de saber que tinha sido aprovado no vestibular. Com apoio integral dos pais – Cândido Bottino e Olga de Oliveira Bottino – Fred seguiu carregando consigo os princípios preciosos que eles lhe haviam ensinado: verdade, esforço e perseverança.

Foi diretor de assuntos profissionais do CALQ, momento em que aprendeu a ser mais participativo. Com o auxílio do professor Admar Cervellini, com quem criou uma amizade pela intensa convivência, fez contato com Itamaraty, IBC e IAA em prol da inesquecível viagem que a turma A70 fez à Europa.

Também foi o responsável, ao lado do amigo Salvador Bernardis, por levar o curso de Didática Especial e Aplicada a Piracicaba, que habilitou tantos colegas para lecionar nas então emergentes Escolas Agrícolas.

E antes mesmo da formatura, já tinha trabalho garantido na Rohm and Haas, onde desenvolveu produtos e realizou pesquisas para o controle de pragas, abrindo campos de experimentação em diversos estados, ao lado do cientista americano James Medicalf.

Após dois anos, decidiu abraçar uma nova oportunidade e foi trabalhar com crédito rural no Banco Nacional onde fez carreira.

Casou-se em 1977 com Fátima Silva Bottino, a quem conheceu em tenra idade. Tiveram dois filhos: Gabriel e Carolina, alegrias da família.

Adepto dos desafios, em 1980 aceitou um convite para trabalhar no BID em Washington, onde ficou por um curto período. Contudo, o Banco Nacional o chamou de volta para assumir a diretoria da Nacional Planejamento e Estudos Ltda, uma unidade de negócios localizada no Rio de Janeiro, que atuava nos setores agrícola, econômico e de engenharia. Fred teria sob sua tutela quase 120 agrônomos, além de engenheiros e economistas.

Um prato cheio para quem enxerga o risco como uma condição de desenvolvimento. Obviamente, desde que seja medido e mensurado, avaliado e controlado.

Então Fred decidiu atender ao chamado do banco e permaneceu naquela unidade até 1987.

Em 1988 a unidade foi extinta e Fred passou a atuar com gestão de risco. Sua dedicação ao crédito rural, contudo, lhe trouxe grandes contatos, especialmente porque foi diretor da FEBRABAN na gestão Roberto Setubal.

Fez Mestrado em finanças, na PUC Rio, e seu foco profissional passou a ser totalmente em gestão, estatística, rentabilidade e *compliances*.

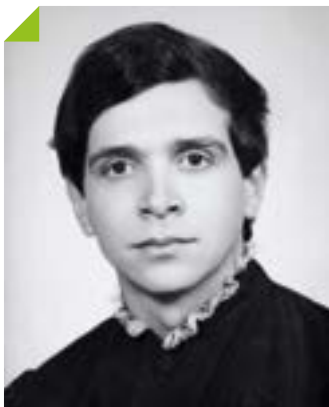
Quando o Unibanco comprou o Nacional, em 1995, mudou-se para São Paulo e montou uma unidade de auditoria e qualidade de risco, chamada Gestão de Risco Corporativo.

Logo depois, passou a atuar com *global risk management*, área nova

na época e que o levou para caminhos nunca percorridos: metodologia em estatística, rede neural, metodologia de avaliação e sistemas integrados. Aposentou-se em 2005.

Contudo, aposentar-se, para Fred, não significou parar. Ele se uniu a ex-diretores do banco e montou a Euromaxx Expertise em Finanças Ltda., empresa de consultoria financeira, sediada em São Paulo, que atua no mercado corporativo e que tem em sua carteira de clientes grandes nomes como Siemens, Caterpillar e Man.

Continua na ativa.



AS PERIPÉCIAS DE ESTUDANTE E AS ANDANÇAS DE AGRÔNOMO PELO PAÍS

Pescar, caçar e jogar bola. Essas eram as atividades preferidas de Geraldo Araujo Filho no sítio de seu pai, em São João da Boa Vista (SP), onde nasceu em 17 de agosto de 1944. Seu Geraldo Araújo produzia cachaça, então, o ambiente rural era muito familiar aos filhos, tanto que o primogênito já tinha cursado Agronomia na ESALQ, na década de 1950. Além disso, os avós paternos também tinham fazenda. Ainda assim, Geraldo Filho chegou a pender para Medicina, mas na última hora, optou pela Agronomia; a liberdade do campo o conquistou.

Seu Geraldo e Dona Joana Molinari Araújo foram exemplos de honestidade e trabalho. E o filho levou consigo esses valores quando se mudou para Piracicaba, no 2º semestre de 1965, para fazer o cursinho preparatório do célebre Torigoi. Ficou deslumbrado ao conhecer a Escola e muito feliz ao saber que tinha sido aprovado no vestibular. Passou a morar na República H-RRFA e ganhou o apelido de Bodinho.

Como sempre praticou muito esporte, Geraldo integrou-se facilmente ao grupo, e sempre era convidado para as partidas de futebol de salão e de campo, tanto que integrou o time da Escola, pelo qual fez várias viagens. Até hoje guarda com afeto a forte ligação com os amigos de seu convívio; foi um período espetacular.

Inteirado, Geraldo também participou da comissão de formatura, organizando vários eventos para arrecadar verba para o baile. Foi um dos responsáveis pela criação da famosa boatinha do CALQ, onde trabalhava como garçom, caixa, enfim, fazia o que fosse preciso.

Foram muitas as vivências na época da Escola, mas um fato inusitado marcou o período de estudante: sua participação no Projeto Rondon. Geraldo iria para Cruzeiro do Sul no Acre (AC), mas perdeu o avião e lhe encaixaram em um grupo que ia para Oiapoque; então voou até Belém (PA) e de lá para Oiapoque, num avião bimotor.

Os estudantes foram levados no dia 2 de janeiro de com a equipe do Exército para realizar um trabalho na Floresta Amazônica; a perspectiva era voltar no dia 31. Contudo, o grupo de alunos foi esquecido na floresta com os soldados e só foi resgatado no dia 10 de março. A sorte é que o Exército avisou as tropas de Piracicaba, e a Escola aguardou o retorno dos alunos, caso contrário, eles teriam perdido a matrícula.

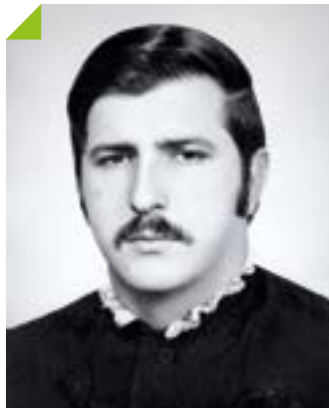
Geraldo também estagiou no IBC identificando focos da ferrugem do café nas propriedades rurais da região de São João da Boa Vista; no 5º ano, fez Diversificação em Fitotecnia II e começou a trabalhar com produção de sementes na Cargill, em Avaré (SP) e depois em Andirá (PR).

Em 1973 casou-se com Nilza Solange Blanco, com quem teve 3 filhos: Juliana, Guilherme e Bruno. Hoje tem 6 netos. Naquele ano, Geraldo saiu da Cargill, mudou-se de cidade e também de atuação: foi trabalhar na Quimbrasil, na área de fertilizantes, em Londrina (PR).

Foram 14 anos na área comercial. De lá, foi para a Adubos Lagenense S/A, empresa do Nordeste que tinha várias filiais pelo país; Geraldo tornou-se gerente da filial de Londrina, onde permaneceu na área comercial. Três anos depois, a empresa fechou e ele se tornou autônomo, mas logo foi convidado para assumir a gerência da Vigor Laticínios, em Uberlândia (MG), onde atuou com pecuária.

Entretanto, 3 anos depois, a empresa também fechou a unidade de Minas Gerais e Geraldo trabalhou em diversas propriedades rurais, viajando bastante; mais tarde assumiu a supervisão financeira da Martins Atacadista em Brasília (DF) e Jacaré (SP).

Depois de um tempo, decidiu tornar-se seu próprio patrão e abriu uma empresa na área de transporte escolar, em Uberlândia, na qual atua há mais de 15 anos. Trabalha de 12 a 14 horas por dia, um desafio e tanto. E embora esteja em outra área, tem muito orgulho de ter feito ESALQ.



DA ECONOMIA APRENDIDA NO SÍTIO DO PAI À LIDERANÇA E COORDENAÇÃO DO CEPEA

Como seria hoje produzir o que se come? Na casa de Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros era assim. Seu Floriano de Camargo Barros cultivava arroz, feijão, café e ainda criava gado em seu sítio. Deu duro na lavoura para criar os 10 filhos que teve com dona Maria Isabel Ferraz de Camargo; requisitava-os para o trabalho no campo, mas fez questão que todos estudassem. Desde cedo, ensinou-os a utilizar tudo com parcimônia. Na época, talvez não imaginasse que o 8º filho despontaria justamente na área de Economia Rural.

Líder e coordenador científico do CEPEA, Geraldo Barros nasceu em 24 de maio de 1948, em Tatuí (SP). Gostava de ajudar o pai na lavoura, mais até do que de estudar. Por sua ligação com o sítio, teve contato cedo com agrônomos e seguiu os passos do irmão: foi estudar Agronomia na ESALQ.

Ganhou o apelido de Felino e morou na Casa do Estudante onde construiu fortes amizades. As principais distrações eram as conversas na sala de TV e o futebol de salão. O CALQ também era opção para as horas livres.

Sempre foi bom aluno. Ter aula de matemática com o professor Humberto de Campos e de Análise Econômica com Paulo Cidade foram experiências marcantes. Estagiou no Departamento de Economia, Administração e Sociologia, onde fazia levantamento nas fazendas. Geraldo sempre acreditou que o olhar econômico da agricultura era tão importante quanto o produtivo, talvez pela influência do pai.

Na formatura recebeu o Prêmio Alcides Guidetti Zagatto, conferido ao aluno que mais se destacou na Diversificação em Economia Rural. Já em 1971 foi convidado para iniciar o Mestrado em Economia Agrária, concluído em 1973 com o título de melhor dissertação do Brasil.

Um ano antes, participou de concurso para dar aula no Departamento de Economia da ESALQ, iniciando, então, sua carreira de professor e pesquisador. Em 1972 casou-se com Eliana de Sá Ca-

margo Barros, sua vizinha de Tatuí, com quem teve 2 filhos: Eduardo e Fernando. Também tem 3 netos: Luísa, Rafael e Matheus.

Em 1973 Geraldo começou o Doutorado em Economia na Universidade Estadual da Carolina do Norte (EUA) e ao concluir, em 1976, recebeu o prêmio de melhor tese da Sociedade Americana de Economia Agrícola.

De volta ao Brasil, passou a ensinar, para além da economia, estratégias de gestão do tempo, ética e comportamento profissional. Ressalta que durante

uma recomendação técnica ou econômica, é fundamental direcionar o olhar para o ambiente e para a população mais carente da sociedade, sempre prezando pela verdade.

Na década de 1980 tornou-se livre-docente e fez Pós-Doutorado na University of Minnesota (EUA). Participou da criação do Doutorado no departamento e dos cursos de graduação em Economia e em Administração na Escola. Professor titular da ESALQ, Geraldo foi chefe do departamento 3 vezes e, durante muitos anos, coordenador da Pós-Graduação. Ao longo de sua trajetória, foi, ainda, presidente e vice-presidente da SOBER, da qual é membro legendário, orientou centenas de estudantes de Mestrado e Doutorado, publicou inúmeros artigos científicos e ganhou vários prêmios.

Geraldo está à frente do CEPEA há mais de 20 anos, sendo reeleito para o cargo de coordenador científico a cada dois anos. Lembra-se

bem de quando a então BM&F contratou-os para elaborar indicadores de preços e análises da variação; atualmente, cerca de 25 produtos agrícolas são comercializados de acordo com o “Preço CEPEA”, entidade que fortaleceu seu nome e sua atuação com base na isenção de informações e na transparência: tudo é documentado.

Foi assim que o CEPEA conquistou a confiança do mercado, das associações, da imprensa e da população. Saber o quanto esse trabalho faz diferença é o que mais motiva Geraldo a permanecer à frente do grupo.



AS MUITAS EXPERIÊNCIAS QUE A AGRONOMIA PROPORCIONA

Germano Rafael Bilotta Mariutti nasceu em 2 de janeiro de 1945, em São Paulo. Tinha uma vida totalmente urbana e disciplinada pelos horários, até que em meados da década de 1950, seu pai, Domingos Mariutti, foi transferido para a fazenda Amália, localizada em Santa Rosa de Viterbo (SP), e a família toda se mudou para lá. Foi quando Germano se encantou pela liberdade de andar pelos campos e lavouras, pelo contato com a natureza e pela possibilidade de frequentar a cocheira daquele aprazível local.

Já no Colegial escolheu o curso de Agronomia; chegou a prestar vestibular na ENA, no Rio de Janeiro, mas optou pela ESALQ, porque além de ser seu sonho de pré-adolescente, havia se encantado ao ver o campus, tendo a certeza de que queria estudar ali. Então, fez o cursinho intensivo do Toriçoi e passou no vestibular.

Inicialmente, morou na República Mansão dos Dráculas e depois montou outra com os colegas da A70, a república 3 Porkin. Ganhou o apelido de Nojento, devido ao seu sotaque paulistano. A grande extensão do campus, que passou a admirar desde a primeira vez que o viu, tornou-se sua rota de fuga para escapar dos trotes dos veteranos, mas ainda assim, foi pego algumas vezes, e até hoje tem dúvida se o trote era mesmo pior do que as longas caminhadas para fugir dele.

Nas horas livres, frequentava o CALQ, ia ao cinema e adorava passear naquela esquina da Rua Governador Pedro de Toledo com a Moraes Barros, justamente onde, no 2º ano da Agronomia, conheceu sua namorada (Ana Heloísa), que se tornaria sua esposa mais tarde. Nas férias, no entanto, voltava para a fazenda da família para trabalhar.

Sua primeira atuação profissional foi no Colégio Técnico Agrícola de Itapetininga (SP), como professor e agrônomo na Escola-Fazenda. Nove meses depois foi trabalhar com crédito rural no BANESPA de Casa Branca (SP). Cabia ao agrônomo calcular o custo da lavoura a financiar,

avaliar as garantias, fiscalizar a aplicação dos recursos, avaliar as colheitas. A agência de Casa Branca também atendia produtores de Tambaú, Santa Cruz das Palmeiras e Itobi.

Em 1973, casou-se com Ana Heloísa; tiveram 3 filhos: Eduardo, Flávia e Ricardo. Mais tarde, Germano foi transferido para Ribeirão Preto e depois para Bebedouro. No total, foram 24 anos de banco; entrou como autônomo, foi contratado pelo BANESER, fez concurso interno e, finalmente, foi admitido pelo banco.

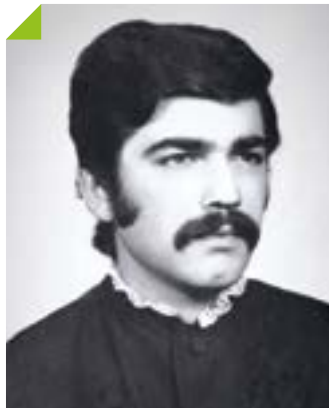
No período em que trabalhou em Bebedouro, dedicou-se à apicultura, estudando e conhecendo o mundo maravilhoso das abelhas, insetos sociais que não apenas produzem riqueza ao polinizar as plantas e transformar o néctar em mel, mas, sobretudo, nos dão preciosas lições de vida.

Em 30 de dezembro de 1994, o BANESPA sofreu intervenção federal do Banco Central e no ano seguinte os agrônomos foram demitidos. Desempregado e com filhos para criar, Germano chegou a montar com mais 2 colegas um negócio de representação, mas não se identificou.

Em 1997, quando Luiz Roberto Jábali foi eleito prefeito de Ribeirão Preto, Germano, que é fundador do PSDB na cidade, passou a atuar na CETERP, sendo o responsável pela poda de árvores. Dois anos depois foi para o INCRA (pela Prefeitura), fazendo cadastramento das propriedades rurais.

Considerando a importância das associações de classe, ainda ocupou cargo na Delegacia da AEASP em Ribeirão Preto e foi diretor de Agronomia da AEAARP.

Como havia feito curso de Engenharia de Segurança do Trabalho, ao final da gestão de Jábali, foi chamado pela Justiça do Trabalho para fazer perícias trabalhistas, função que exerce até hoje. Para manter o contato com a terra, comprou uma mountain bike e pedala 3 vezes por semana, ora na terra, ora no asfalto, alternando com a academia em que vai para garantir saúde.



O ENCANTAMENTO PELA ESALQ: A CONDUÇÃO DA VIDA EM MEIO SÉCULO

Quando foi a Piracicaba, em 1964, Gilberto Marques Soares se assustou: o Edifício Comurba havia desabado e só restavam os escombros. A má impressão, no entanto, ficou para trás quando entrou na ESALQ pela 1ª vez. O encantamento foi imediato. Sentiu um ar familiar e acolhedor que o arrebatou, desaparecendo, assim, qualquer dúvida que ainda restasse sobre a profissão a seguir.

Diante daqueles belos jardins e dos imponentes prédios, lembrou de seus primeiros anos na roça, da lida de gado do pai e da lavoura de café. Nascido em 16 de outubro de 1945, em São Sebastião do Paraíso (MG), esse mineiro sempre amou a chuva, o anoitecer e a música. Andar a cavalo era seu programa favorito na infância.

Gilberto tinha 19 anos quando se mudou para Piracicaba a fim de fazer o cursinho do Torigoi. No início de 1966, a alegria invadiu a casa da família: a irmã entrava na faculdade de Direito e ele na ESALQ. Havia passado em 37º lugar no vestibular. Ganhou o apelido de Mutuca, mas também é chamado de Mineiro.

Morou na República RP, um sobrado que ficava em cima de um bar, imagine só a facilidade dos Rpeanos para comprar bebidas. O convívio era intenso e Gilberto adorava estar na companhia de bons amigos, fosse nas “brincadeiras dançantes” do CALQ, ou nas madrugadas da Rua do Porto.

Ele e o amigo Zé Procópio eram requisitados para as festas nas repúblicas, pois formavam uma simpática dupla sertaneja. No final do curso, ele e o parceiro de viola, já bebiam de graça. Gilberto fazia sucesso entre as nativas, tanto que se casou com uma. Conheceu Sônia Maria Brioschi na Rua do Porto, em 1969. Casaram-se em 1980, na Vila Rezende, com celebração conduzida pelo padre Jorge. Foi ótimo. Tiveram 3 filhos: Otávio, Lia e Fernanda.

Gilberto foi um estudante de muitos amigos e poucos apontamentos. Pegou duas DPs durante o curso. Bioquímica era difícil, vai, muitos reclama-

vam. E na Genética, o amigo Fuad compartilhou do “aperfeiçoamento”. A partir do 3º ano começou a se dedicar mais à faculdade. Fez estágios em usinas de açúcar em Dois Córregos e Ribeirão Preto.

Na formatura, respirou fundo para se despedir da gloriosa ESALQ e encarar a vida profissional. No início, havia alguma insegurança, mas os colegas mais velhos estavam na retaguarda; saber disso o fez firmar o pé, acertar a postura e avançar.

O 1º emprego foi na Manah; visitava clientes para vender e prestar assistência em fertilizantes. Num Fusca 69 percorria o Vale do Paraíba, o Sul de Minas e alguns locais do estado do Rio de Janeiro. Em seguida foi trabalhar com defensivos na multinacional Basf junto com o colega Ali-kat. Passou quase 3 anos assistindo clientes de São Paulo e do Paraná, o que lhe rendeu uma rica experiência profissional.

Em 1974, quando saiu da empresa, recusou convite para trabalhar na Monsanto e voltou para Ribeirão Preto, juntando-se novamente à família, que já estava na cidade desde 1967. Trabalhou um tempo com crédito rural até que passou em concurso da CATI naquele mesmo ano.

Atuou no Núcleo de Produção de Sementes de Ribeirão Preto durante 41 anos, onde participou de grandes transformações na agricultura paulista. Atuou, ainda, como perito judicial e na fiscalização de crédito rural.

Nesse meio de tempo, sua vida mudou. A esposa faleceu em 2002. Mais tarde, casou-se com Maraísa Gonçalves de Lima, com quem vive há mais de 15 anos, e que já era mãe de 2 filhas: Aline e Lívia.

Aposentou-se em 2015 e hoje desfruta a vida ao lado de Maraísa. É muito grato a Deus pela prestimosa educação que seus pais, Jayme Soares e Maria Aparecida Soares, lhe concederam. Agradece ainda ao criador, ter encontrado amigos queridos, ter tido ótimos filhos e ter recebido dotes espirituais de sensibilidade musical.



A CONSOLIDAÇÃO DAS PESQUISAS NA ÁREA DE SOLOS E O AMOR AO ENSINO E À EXTENSÃO

A responsabilidade pela produção de alimentos de qualidade e a conseqüente redução de doença, pobreza e violência é que despertaram em Godofredo Cesar Vitti o amor pela Agronomia e fizeram com que se dedicasse de corpo e alma à profissão, tornando-se renomado professor e pesquisador na área de Solos.

Nascido em 5 de agosto de 1946, em Piracicaba, Vitti nem sonhava estudar na ESALQ, embora tivesse um irmão agrônomo. Durante o Científico, animou-se com a ideia quando viu que outros amigos estudariam lá. Seu professor de Química era agrônomo e amava a Escola; também o incentivou.

Aluno da 3ª turma prática na A70, Vitti ganhou o apelido de Traça. Foi uma época puxada; após as aulas engraxava sapato, entregava jornal e depois das 22h estudava com amigos. Sua mãe, Rosa Vitti, sempre os recebia com café, sentia orgulho de ver o filho na ESALQ; foi ela quem o ensinou a ter fé e servir ao próximo.

Já no 2º ano Vitti conseguiu bolsa na Química e chegou a publicar, com docentes reconhecidos, 4 trabalhos sobre a determinação de enxofre em solos e plantas, quando os benefícios desse nutriente eram ainda latentes. No 5º ano estava encantado pela área de Solos e pelo milagre de transformar a terra em alimentos.

Fanático pelos Beatles, adorava ouvir música, ir ao cinema e ao teatro do CALQ. E ainda conseguiu encontrar tempo para vacinar cães e arrecadar verba para uma viagem ao Chile, com amigos da A70.

Vitti começou a carreira no CTA de Monte Aprazível e Rio das Pedras. Em 1971, casou-se com Maria Aparecida Clemente, com quem ficou por 22 anos e teve 2 filhos: Julio Cesar e Daniela.

Em 1975 tornou-se docente da UNESP e se mudou para Jaboticabal, onde fez Mestrado em Produção Vegetal (1979) e atuou por 15 anos em Química de Solos. O Doutorado em Solos e Nutrição de Plantas fez na ESALQ (1983); a aproximação com os docentes, rendeu-lhe convite, em 1989, para

voltar à Escola, agora como professor da Graduação e da Pós-graduação.

De lá para cá, muitas atuações profissionais completaram seu legado. Vitti publicou 15 livros em nutrição vegetal e fertilidade do solo, e tem participação em mais de 200 eventos de capacitação. Até hoje ministra palestras no Brasil e no exterior; já passou por vários países da Europa e da América do Sul, além de EUA, China, Turquia, Marrocos e Angola, onde foi chamado de feiticeiro.

Há mais de 30 anos, coordena o Programa de Análises de Tecido Vegetal, em nível nacional e internacional, é Cidadão Honorário do estado do Alabama (EUA) e fundador do GAPE, que nasceu com a missão de formar cidadãos para o mercado de trabalho, e acabou se tornando sua 2ª família. Vitti foi homenageado 20 vezes na ESALQ e foi o agrônomo do ano na categoria Ensino pela AEASP.

Atuou em inúmeras pesquisas na área de Solos, contribuindo para um drástico aumento da produtividade e da qualidade dos alimentos. Sente-se realizado, sobretudo, no ensino, buscando mostrar a importância de ser feliz, mais do que de vencer na vida, para que o aluno aprenda o valor e não o preço das coisas.

Vitti é um idealista e sempre defendeu o cultivo e a fertilização do Solo para possibilitar a vida. Por isso, durante a carreira, também voltou seu olhar para a extensão, buscando transformar so-

los inférteis em produtivos, sendo laureado pela Yara Brasil, como uma das lendas da Nutrição de Plantas, juntamente com mais 5 colegas que trabalham na área.

Sócio-proprietário da Vittagro Engenharia, ainda presta consultoria em muitos países. Além da alegria de poder falar sobre o que conhece e fazer o que gosta, Vitti ainda tem a vida coroada pela presença de seu filho caçula, Pedro Luís, fruto do relacionamento com Fernanda Forli, e dos netos Yuri e Naomi, filhos da Daniela, e Vivian, filha do Julio Cesar.



O INTERESSE PELA TECNOLOGIA DE ALIMENTOS E A PROFÍCUA ATUAÇÃO EM NUTRIÇÃO ANIMAL

Humberto Del Nery nasceu em 3 de junho de 1944, no posto de algodão de Tietê (SP), onde seu pai, José Benedito, trabalhava. Com 1 ano de idade, mudou-se para Tupi, distrito de Piracicaba, já que o pai foi transferido para o Horto Florestal; e aos 7 anos, mudou-se para Piracicaba, em função da transferência de seu pai para a Estação Experimental de Cana. Embora brincalhão, Seu José era rigoroso e, ao lado de Dona Angelina, educou os 6 filhos com muita seriedade, exigindo obediência, honestidade e respeito.

A possibilidade de aproximar-se da área de tecnologia de alimentos fez Humberto optar pela Agronomia; toda a sua história na Escola foi no Departamento de Tecnologia Rural. Logo no 1º ano conseguiu estágio com o professor Homero Fonseca, o 1º pesquisador no Brasil a estudar aflatoxinas. A partir do 2º ano, foi auxiliar em pesquisas com bolsa da USAID e FAPESP, realizando as análises para a tese de Doutorado de Homero; entendia muito do assunto.

Seu tempo livre era dedicado à namorada, Regina Célia Melato, a quem conheceu no Sud Mennucci. Regina entrou para a 1ª turma do curso de Economia Doméstica, criado na ESALQ, e na formatura, Humberto foi seu padrinho e ela sua madrinha. Casaram-se em 1972 e tiveram 2 filhas: Natália e Karina; e hoje têm 3 netos.

Depois de formado, Humberto ainda atuou um ano nas pesquisas do departamento e foi professor voluntário na Tecnologia Rural. Sua intenção era continuar na Escola, mas recebeu convite irrecusável da Hoffmann-La Roche para atuar na área de nutrição, junto às indústrias de alimentos.

Mudou-se para o Rio de Janeiro e passou a gerenciar 3 áreas: food (alimentação humana), feed (nutrição animal) e farma (fármacos); após um ano foi transferido para São Paulo onde se especializou em feed, devido à grande demanda. Foram 4 anos de atuação na empresa com direito a curso de aperfeiçoamento na Suíça.

Em seguida prestou serviço em indústria de Valinhos e até chegou a criar coelhos, mas logo foi convidado a trabalhar na fábrica de ração da Mogiana Alimentos, em Sales Oliveira, e se mudou com a família para Orlandia, cidade vizinha, onde morou por 2 anos.

Em 1979, foi para a Diamond Shamrock, a fim de desenvolver no Brasil uma área de vendas de vitaminas e produtos para a fabricação de rações. Um ano depois, aceitou convite para construir uma fábrica de ração no RS, contudo, a avicultura no Brasil entrou em crise. Foi um dos períodos mais difíceis da carreira. Mas também o momento em que viu brotarem os valores ensinados por seu pai.

Recebeu convite de José Eduardo Butolo, doutor em nutrição animal, para coordenar a elaboração e montagem do novo laboratório de controle de qualidade da Supremais, em Valinhos; em 1985 passou a prestar serviço para a BLM, empresa do grupo, voltada para atendimento ao cliente.

Em 1986, foi convidado por ex-sócios da BLM para trabalhar na Multimix. Desenvolveu um dos melhores laboratórios do Brasil em indústria de ração e trabalhou com formulação do produto. Passou a fazer microscopia de alimentos quando ainda nem se falava sobre o assunto no país e comandou o demorado processo de certificação da Multimix em boas práticas de fabricação.

Em 2010, um ano antes de desvincular-se do trabalho, a Multimix foi vendida para a Agrocere; e quando Humberto decidiu sair, conforme planejado ao completar 25 anos de atuação, recebeu linda homenagem da empresa: um livro com toda sua trajetória e contribuições à área, e um relógio de ouro. Grande reconhecimento à sua dedicação.

Desde então, Humberto passou a viajar para o exterior com a esposa, estudar francês e violão e praticar atividade física. E ainda mantém contato com a terra, já que mora numa chácara em Valinhos onde tem horta elevada e pomar.



A FORMAÇÃO QUE LHE PROPORCIONOU INTENSA E DIVERSIFICADA ATUAÇÃO

O gosto pela terra surgiu com a vivência que ele teve nas propriedades rurais da família. Nascido em 16 de janeiro de 1946, em Vera Cruz (SP), Iralu Guerini Guerreiro passou a infância em estreito contato com as fazendas de seus avós e de seus pais.

Seu interesse pela Agronomia teve início no Científico e Iralu não teve dúvida, estava determinado: queria estudar em Piracicaba, na ESALQ. Durante o curso foi bolsista no Departamento de Tecnologia e Conservação de Alimentos, por meio do Convênio OSU/ESALQ/USAID, sob orientação do Professor Dr. Rodolpho de Camargo, com quem muito aprendeu.

Assim que se formou, Iralu casou-se com Maria Ofélia Coltri Guerreiro, união celebrada em 14 de fevereiro de 1971. Tiveram 3 filhos: Simone Guerreiro Otoboni, hoje fisioterapeuta, Glauber Coltri Guerreiro, cirurgião dentista bucomaxilofacial, e Willian Coltri Guerreiro, cirurgião dentista.

Também em 1971, recém-formado, Iralu foi trabalhar na Bradesplan Planejamento Agropecuário S/A, empresa do grupo Bradesco. Em seguida foi para o Colégio Técnico Agrícola de Itapeva, onde assumiu a Diretoria, e depois foi para o Colégio Técnico Agrícola de Vera Cruz, também como diretor.

Logo no início da carreira, decidiu cursar Licenciatura em Ciências Agrônomicas pela UNESP de Botucatu; concluiu o curso em 1975, ainda como diretor do Colégio Técnico Agrícola de Vera Cruz, cidade onde mora até hoje.

Sua trajetória profissional engloba atividades diversificadas e atuação em muitas áreas, como indústria, comércio e serviços, além da Educação. Trabalhou com planejamento e assistência técnica na própria empresa – Lotus Planejamento Agropecuário Ltda – e administração e assistência técnica nas propriedades rurais da família.

Iralu foi sócio proprietário da Sílica Indústria e Comércio de Fibra de Vidro Ltda, atuando na área

de produtos para agropecuária, tais como, cocho para sal mineral, perneira para corte de cana, entre outros. Também trabalhava com equipamentos para aviação, dentre eles, tip-tanque para avião de pequeno porte, carenagens e tetraédrica para semeadura de capim, além de aplicação de adubo por avião agrícola.

Ampliando sua atuação e seu conhecimento, montou, como sócio proprietário, a Riolago Indústria e Comércio Náutico Ltda, com produção de canoa canadense, caiaque, barcos de 4 metros, 5 metros, 6 metros e Home Boat de 45 pés de 15 toneladas de peso bruto, para navegação fluvial.

Junto com sua esposa montou a Ville D'oro Confecção, produzindo jeans e lingerie. Montou, ainda, a Guerreiro EPI, produzindo equipamento de proteção individual, como perneiras, capas de chuva, vestimenta para apicultor e para aplicação de defensivos agrícolas. E também se dedicou à produção de cogumelo Shitake e Orquídea por via meristemática.

Em 2010, Iralu publicou o livro “Grito da Terra... ainda dá tempo!!!”, da Editora Publit (publit.com.br), em que aborda as correlações e interatividades no meio ambiente, em geral ensinadas na escola e que, por acomodação ou displicência, andam um tanto esquecidas.

Mesmo com tantas atividades, Iralu acredita que poderia ter feito mais ao longo de sua carreira de engenheiro agrônomo, visto se tratar de 5 décadas de atuação. Contudo, sente-se plenamente realizado e eternamente grato à gloriosa ESALQ, onde passou importantes momentos de sua vida, que lhe ajudaram a construir o alicerce de sua carreira.

Aposentado, reduziu suas atividades ao máximo, ficando apenas com seus hobbies preferidos. Sempre que pode, aproveita a companhia dos netos, Beatriz Guerreiro Otoboni, estudante de Medicina, e Gustavo Guerreiro Otoboni, estudante do 6º ano do Ensino Fundamental. Ambos um orgulho para o avô.



AS MUITAS EXPERIÊNCIAS DISSONANTES E TÃO GRATIFICANTES NA AGRONOMIA

Quando Seu Ovídio Martineli trabalhava duro na lavoura de café para sustentar os seis filhos que tivera com Antonia Bachi, nem imaginava a trajetória repleta de experiências tão dissonantes e tão ligadas à agricultura que o filho Jair Martineli teria após cursar Agronomia na ESALQ.

Nascido em 4 de junho de 1945, em Bilac (SP), Jair morou no sítio até os 15 anos. Decidido a estudar na ESALQ, quis fazer o Científico já em Piracicaba e ficou deslumbrado ao conhecer a Escola. Passou em 18º lugar no vestibular.

Morou na República Mau Cheiro, com mais 13 colegas. Fez estágio no IAC, na área de fotogrametria, e ainda na Escola teve seu primeiro contato com crédito rural, área onde atuou assim que se formou.

O BADESP era novo em 1971, mas já tinha visão de agrobusiness quando Jair começou a acompanhar projetos agrícolas e agroindustriais. Participou da estruturação do Departamento de Créditos do banco e se tornou o gerente da área.

Criou o primeiro programa de desenvolvimento agrícola a contemplar financiamentos para agricultores (pessoas físicas), com recursos do BNDES. Também atuou em projetos de desenvolvimento regional no setor de produção de grãos e irrigação e atendeu cooperativas de leite.

Um ano depois de conquistar seu primeiro emprego, casou-se com a mulher que o conquistou ainda na época da ESALQ: Iraídes Barbosa Pereira. Mudaram-se para São Paulo e tiveram dois filhos: Carlos Eduardo e Paulo Henrique; mais tarde, ganharam um neto, Luiz Fernando.

Em 1989 o BADESP foi incorporado ao BANESPA, no Governo Orestes Quércia. Um período traumático para muitos. No entanto, Jair o superou e se tornou chefe de departamento, estruturando uma nova área no BANESPA: a de Investimentos.

Em 1995 saiu do banco e passou a prestar consultoria; implantou o sistema de custos de uma fabricante de vidros para automóveis. Dois anos

depois, recebeu um convite inesperado: assumir a diretoria da Unidas Rent a Car que, em má situação financeira, tinha sido adquirida pelo BBV. Pois bem, ele decidiu enfrentar o desafio! Recebeu a empresa com 700 carros antigos e em 2001, quando foi adquirida pelo Grupo Português SAG, entregou-a com 7 mil carros, além dos 3 mil que ficavam com os franqueados.

Mas a vida não parou de lhe trazer surpresas. Jair foi, ainda, CEO da empresa Shrok, pertencente ao Grupo Boucinhas & Campos, durante

dois anos. E no Governo José Serra teve outra importante experiência que lhe trouxe grande satisfação: assumiu a Diretoria de Abastecimento da Secretaria de Agricultura, trabalhando à frente de dois importantes projetos, atualmente ligados à Secretaria de Desenvolvimento Social: o Vivaleite, maior programa de distribuição gratuita de leite pasteurizado do Brasil, que beneficia anualmente 700 mil famílias em estado de vulnerabilidade; e o Bom Prato, que oferece à população de baixa renda, refeições tecnicamente elaboradas e balanceadas a R\$ 1,00. São 36 restaurantes fornecendo cerca de 900 mil refeições/mês.

O trabalho foi grande. Tanto para enfrentar as críticas negativas que dominavam a imprensa na época, quanto para garantir produtos de qualidade para a população. E então, a área social, que nunca tinha atraído o olhar de Jair, conquistou toda a sua atenção. Foi

a atuação mais cativante para esse agrônomo, que sorriu durante toda a entrevista, revelando sua alegria. Atuou na Secretaria durante o governo Serra e saiu pouco depois que Geraldo Alckmin assumiu.

O trabalho ia de vento em popa, mas a vida lhe pregou outra peça: em 2009 Jair perdeu a esposa. Buscou forças nos filhos para seguir em frente. E em 2011 começou a namorar Dulcineia Angelina Frezza com quem divide a vida atualmente e aproveita para viajar e conhecer tantos lugares, após se aposentar em 2012.



O LANÇAMENTO DE IMPORTANTES VARIEDADES DE CEREAIS NO IAC

Jairo Lopes de Castro conhecia a ESALQ desde menino; vários amigos da família eram agrônomos. Participou de excursão para visitar o campus e se impressionou com a imponência dos prédios. Gostava muito de agricultura, então, tudo convergia para a Agronomia.

Nascido em 9 de setembro de 1945, em Campinas (SP), tinha 20 anos quando prestou o vestibular da ESALQ pela 1ª vez. Contudo, precisava estudar um pouco mais, então fez um ano de cursinho e pôde comemorar a alegria de ter sido aprovado. Os pais – Silvano Lopes de Castro e Ruth de Moraes Castro – o apoiaram integralmente.

De família Metodista, logo conseguiu vaga no Pensionato do Colégio Piracicabano, onde morou. Nos dois primeiros anos, jogou basquete pela AAALQ, o que o livrou do trote. Também participou de vários cursos no CALQ, sem nunca deixar de lado os cultos da igreja.

Apelidado de Bigorriho, fez estágio no Departamento de Genética com os professores Paulo Sodero Martins e Marcílio Dias. Também estagiou na Massey Ferguson, CATI, Sericicultura e na Seção de Raízes e Tubérculos do IAC. Ainda durante o curso começou a namorar Sueli Ovídia Requena Castro, com quem se casou em 1971. Tiveram 3 filhos: Débora, Andréa e Jairo Lopes de Castro Júnior.

Por indicação dos professores da Genética, conseguiu bolsa para atuar numa pesquisa de melhoramento genético em batatas no IAC. E, assim, em março de 1971 iniciou as atividades profissionais na seção onde tinha estagiado. Poucos anos depois, viajou para treinamento na Holanda e no Chile.

Quando voltou, assumiu a Diretoria da Estação Experimental de Capão Bonito (SP), onde ficou até 2002, quando a estação se tornou um Polo Regional de Pesquisa, agrupando 6 unidades dos Institutos de Zootecnia e Biológico. Então, passou a responder pela Diretoria Técnica de Divisão do IAC – Polo Regional do Sudoeste Paulista.

No total, foram 35 anos de IAC, onde ficou até se aposentar, em 2007. A atuação em gestão caminhou paralelamente à carreira de pesquisa. Jairo fez Mestrado em Solos e Nutrição de Plantas na ESALQ e nunca parou de pesquisar.

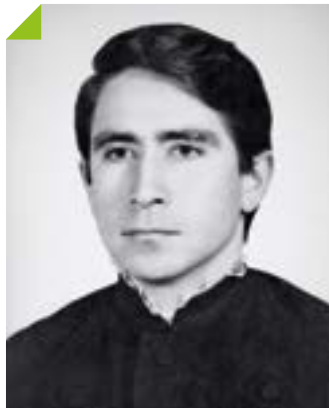
Trabalhou ainda com feijão, cevada e aveia; aliás, foi o responsável pelo lançamento da variedade de aveia branca IAC 7, uma das principais em cultivo no país. Também foi o responsável pela descoberta na Mata Atlântica de uma nova espécie de *Myrcia* D.C. (Myrtaceae) *Myrcia Anisum Condorcet & Jairo*, produtora de importante óleo essencial anisado (metil chavicol).

Na época em que atuava nos trabalhos de melhoramento de trigo e feijão, chegou a fazer 21 Dias de Campo seguidos, os últimos com quase 1.000 agricultores. Trabalhou muito na divulgação da cultura do feijoeiro e procurava levar ao campo a tecnologia gerada por empresas e pesquisas. Era uma forma de mostrar a unidade para a comunidade e valorizar o trabalho de pesquisa.

O reconhecimento pelo trabalho veio durante toda a carreira. Recebeu o Prêmio IAC Pesquisador Científico do Ano, em 1997, e a Medalha Fernando Costa, concedida pela AEASP na área de Pesquisa em 2006. Também foi agraciado com diversas homenagens de empresas, agricultores, entidades assistenciais e até do setor público. Estímulo para fazer mais e sinal de que estava no caminho certo.

Publicou 78 artigos científicos, 99 trabalhos em anais de eventos, 35 artigos de divulgação e cinco capítulos de livros.

Quando se aposentou, voltou a morar em Campinas e passou a ajudar o filho em uma atividade empresarial, o que lhe permitia curtir um pouco mais os cinco netos. Sente-se privilegiado por ter atuado em tantos projetos importantes e ter contribuído para a valorização da unidade de Capão Bonito do IAC, em razão das variedades lançadas. É grato, acima de tudo, a Deus que lhe proporcionou tantas possibilidades na vida.



A PAIXÃO PELAS PLANTAS APLICADA EM INTENSA ATUAÇÃO NAS USINAS DE CANA

Natural de Piracicaba, João Américo Beltrame nasceu no distrito de Tupi, em 31 de julho de 1946 e, aos 5 anos, se mudou para uma fazenda de cana, já que seu pai, Américo Luciano, havia se tornado o administrador. Lá ficou até os 22 anos. Desde menino se encantou pelas plantas, adorava cuidar da horta.

Todos os dias, percorria 5km de estrada de terra a cavalo até Tupi e pegava ônibus para estudar. Teve muito contato com a lavoura e com os trabalhadores rurais e, além disso, 2 professores do Científico eram agrônomos; um deles até lhe dava carona, então, sempre conversavam sobre a profissão. Beltrame estava certo do que queria e prestou vestibular apenas na ESALQ.

No fundo, seguia os exemplos de seu pai que trabalhou duro, exercendo, tantas vezes, ofício desgastante e cansativo; começou como cortador de cana e se tornou não só o administrador da fazenda, como também da cooperativa das indústrias Romi.

Durante todo o curso, Beltrame foi aluno aplicado. Era uma forma de retribuir aos pais tudo o que lhe possibilitavam. Desde o começo interessou-se por estudar doenças e pragas de plantas. Nas férias, trabalhava com tratores e implementos na fazenda, onde também cortava cana. Até seus momentos de lazer eram na zona rural, jogando futebol, bocha, indo a bailes nas fazendas vizinhas.

No 4º ano da ESALQ, mudou-se para SBO, começou a lecionar Matemática e ainda acompanhava o agrônomo da Casa da Agricultura em assistência aos lavradores; nas férias estagiava nas usinas da região. A formatura foi ladeada por emoção, um marco importante, principalmente para seus pais que, com muita luta, conseguiram formar o filho.

O início de sua trajetória profissional foi bem difícil. Beltrame foi trabalhar em 2 pequenas usinas sucroalcooleiras de SBO: Furlan e Azanha, que até então tinham administração familiar. Quando tentou implementar mudanças e incor-

porar tecnologia, encontrou muita resistência. Tinha que exercer papel de agrônomo e de missionário, o que lhe exigiu muita dedicação e paciência.

Em 1973 casou-se com Helenice Boldrin, amiga de longa data que conheceu em Tupi. Tiveram 3 filhos: Aline, professora de História, André, agrônomo também formado pela ESALQ, e Camila, antropóloga. Em 1974, foi trabalhar na usina Santa Bárbara, do Grupo Pedro Ometto, cuja administração era profissional; Beltrame tinha mais liberdade e outros compromissos. Seu contato com o campo aumentou, junto com a responsabilidade.

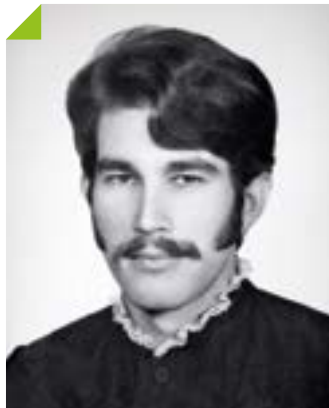
Trabalhou no grupo Cosan (Rai-zen) até se aposentar. Acompanhou cada mudança, desde quando nasceu a Cosan, a partir da união de 2 usinas do grupo (Costa Pinto e Santa Bárbara), até a aquisição de muitas outras unidades no estado de SP. Em 1994, foi para a sede em Piracicaba e se tornou o gerente corporativo das 5 unidades adquiridas até então.

Atuava na área de planejamento e desenvolvimento agrônomo, que incluía desde produção de mudas, plantio e tratos culturais, até colheita. Quando se aposentou, em 2010, o grupo já tinha 22 usinas com inúmeras obrigações de planejamento e desenvolvimento agrônomo. Junto com sua equipe desenvolveu cartilhas técnicas para estabelecer diretrizes gerais e específicas para as usinas do grupo. Trabalho complexo, atualizado

todos os anos.

Tanto que, quando se aposentou, continuou a assessorar a unidade de Goiás. E ainda se tornou consultor da Biosev, do Grupo Louis Dreyfus, que contava com 11 usinas nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. Viajava intensamente, até que em 2015 decidiu parar definitivamente.

Hoje, supre sua paixão pelas plantas cuidando do jardim, da horta, do pomar e do orquidário, que mantém na chácara onde mora, em SBO. Com isso, consegue passar mais tempo com a família, que conta com a alegria de Maria Luiza, sua neta.



AGRONOMIA, CRÉDITO RURAL E ADVOCACIA: UNIÃO QUE DEU CERTO

O contato com a terra era frequente na vida de Joaquim José de Andrade Pereira. Isso porque seus pais, Joaquim Pereira da Silva e Maria Benedita Andrade Pereira, tinham sítio de pecuária de leite em Pindamonhangaba (SP), onde Joaquim José nasceu em 5 de junho de 1944. Chegou a ajudar no campo, mas a exigência dos pais, professores primários, era que os 6 filhos estudassem.

Pela propriedade rural tinham contato com agrônomos, o que fez com que a ESALQ se tornasse familiar para Joaquim, que decidiu cursar Agronomia. Em 1965 mudou-se para Piracicaba, onde fez o célebre cursinho do Torigoi, dedicou-se aos estudos e passou no vestibular.

Afeito aos esportes, Joaquim se livrou do trote; participava da equipe 4X100 de atletismo. Por ser muito magro, foi apelidado de Lombriga, embora os amigos mais próximos o chamassem de Quinzinho. Morou em república com mais 7 colegas, e fez amizades que nutre até hoje; ali era onde passava a maior parte de seu tempo livre e aprendeu muito, tanto sobre convivência, quanto sobre gestão.

Também frequentava bastante o CALQ e chegou a participar da manifestação que culminou com a Catedral de Piracicaba cercada pela cavalaria, mas depois distanciou-se das ações mais radicais. Integrante da 4ª turma prática, sempre gostou de estudar.

Joaquim participou ativamente da organização da viagem à Europa com amigos da A70, que durou cerca de 60 dias com visitas a empresas de diversos países. Experiência marcante. No 4º ano do curso conheceu Vanessa Estela Fantin, com quem se casou em 1972. Tiveram 2 filhos: Joaquim e Bruna.

Já no 5º ano começou a prestar serviço para o Banco do Brasil, na área de crédito rural; visitava propriedades rurais e fazia laudos com liberação de crédito para criação de animais, produção de arroz e florestal. Começou nas agências de Pindamonhangaba e depois estendeu as ati-

vidades para Taubaté e Guaratinguetá, o que lhe serviu de base para muitas atuações ao longo da carreira. Também trabalhou com empreendimentos imobiliários.

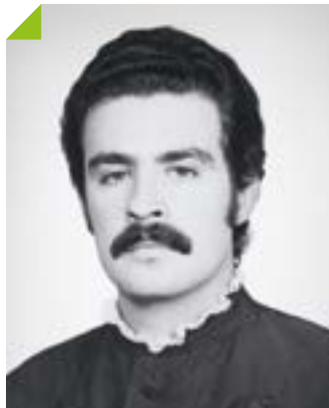
Exerceu essas funções até o início de 1977 quando surgiu a oportunidade para ser efetivado como agrônomo regional no Banco Itaú de Assis (SP), onde mora até hoje. Foram mais 11 anos trabalhando com crédito rural, fazendo visitas a fazendas, projetos técnicos, liberação de financiamentos etc. Mas desta vez chegou a ser responsável por 22 agências.

Nos últimos 3 anos de banco, decidiu iniciar sua própria lavoura: arrendou propriedade rural em Cândido Mota e passou a administrar a plantação de cana, soja e trigo. Com a dificuldade de arrendar terra para cana, diante da resistência de fazendeiros à cultura na região, focou em soja, trigo e milho.

Quando saiu do banco, passou a dedicar-se integralmente à agricultura até 1996, quando a atividade se tornou economicamente inviável para arrendatários, devido a uma sequência de fatos que incluem desde uma geada que dizimou 300 hectares da lavoura de milho, até mudanças econômicas no país.

Em 1999, após realizar pequenos trabalhos, Joaquim tomou importante decisão: voltar para os bancos da universidade. Escolheu um curso que lhe daria oportunidade de ter o próprio negócio. Então, durante 5 anos, trabalhava durante o dia e estudava à noite. Um período intenso para o qual teve total apoio da família.

Assim, formou-se em Direito na FEMA, aos 60 anos! E logo em seguida passou no exame da OAB e abriu o próprio escritório. A decisão inicial foi difícil, mas lhe trouxe outra qualidade de vida. E, de maneira estratégica como advogado, Joaquim uniu esses conhecimentos e experiências e trabalha, primordialmente, para agricultores nas áreas de crédito rural e ambiental, que o faz sentir orgulho de ser formado em Agronomia na ESALQ e atuar na Advocacia.



PESQUISAS COM FISILOGIA DO CAFÉ A SERVIÇO DA AGRICULTURA

Joel Irineu Fahl nasceu em 25 de maio de 1944, em Rio Claro (SP), 22 dias depois que o avô havia adquirido a Fazenda Cafezal, na qual a família deu continuidade ao envolvimento com café, iniciado em 1852, quando veio da Alemanha, permanecendo até os dias de hoje. Ali Joel passou toda a infância; ainda menino, acordava às 4h30 para ajudar na ordenha de vacas, depois se arrumava e aproveitava carona até a escola, com o caminhão que levava leite para Rio Claro, a 9 quilômetros da fazenda.

Sua mãe, dona Olinda Freitas Fahl, sempre o incentivou a estudar. Ao lado de seu esposo, Jorge Fahl Junior, cultivava o respeito, a seriedade e a honestidade. Joel optou pela Agronomia por seguir a aptidão da família. Passou em 24º lugar no vestibular.

Na Casa do Estudante, onde morou, ampliou seus horizontes com o convívio fraterno e colaborativo. Aprendeu muito, principalmente matemática e estatística com o amigo Geraldo Barros, um “quase-gênio” nessas disciplinas. Sentia-se bem naquele ambiente acolhedor, onde as pessoas caminhavam lado a lado.

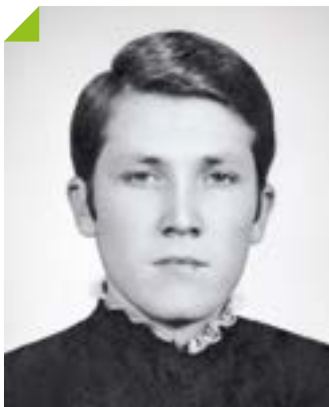
Ganhou o apelido de Picolé, em homenagem ao centroavante do XV de Piracicaba. Com isso, quase ninguém da A70 sabia seu nome, mas se perguntassem pelo Picolé... Bem, ele se levantava cedo, lia o jornal e ia para a Escola. Era muito aplicado. Fez estágio no Departamento de Solos, na Ciba-Geigy e no IBC.

Seu 1º trabalho foi como professor no CTA de Santa Rita do Passa Quatro. Seis dias depois, contudo, foi convocado para assumir a Diretoria. Que susto! Mas com jeito conquistou o respeito dos alunos. Construiu um colégio para 560 estudantes e criou o curso de Economia Doméstica. Foram só 3 anos de atuação e até hoje Joel recebe homenagens do colégio.

Nesse período casou-se com Irene Aparecida Fávares Fahl, a quem conheceu na época do Científico em Rio Claro. Tiveram 2 filhos: Kristine e Cristiano, e têm 3 netos, com os quais Joel adora

bater uma bolinha.

Em 1974, após passar em 2º lugar no concurso da CATI e assumir vaga na sede, foi trabalhar com defensivos agrícolas e fiscalização. Passou apuro quando iniciou o Mestrado no CENA, em 1975, porque ao mesmo tempo construía sua casa e recebia convites irrecusáveis para mudar de atuação. Outra vez, contou com o apoio de um amigo da A70, Virgílio do Nascimento Filho, que o ajudou muito a entender Física Atômica e Física Nuclear.



Joel concluiu o Mestrado em 1980. A essa altura já tinha aceitado convite para trabalhar com fisiologia do café no IAC. Fez Doutorado pela UNICAMP (1989), desenvolvendo pesquisa com café, luz e nitrogênio.

Seu conhecimento foi compartilhado em palestras para técnicos e agricultores e aulas na Pós-Graduação do IAC e da ESALQ com a mesma alegria e confiança. Também trabalhou com enxertia de café e várias outras pesquisas aplicadas. Foi diretor financeiro da FUNDAG e coordenador do Núcleo de Agroclimatologia e Fisiologia do PNP&D/Café, da EMBRAPA. Publicou artigos científicos, capítulos de livros, enfim, trabalhou muito até aposentar-se em 2014, como pesquisador científico VI.

Teve grande ascensão na carreira, sendo um dos importantes nomes na área do café. Quando deixou o IAC, passou a dedicar-se à fazenda da família onde, além do café, mantém a pecuária. Joel celebra a alta produtividade, fruto do conhecimento adquirido ao longo da carreira. E permanece ligado ao GTEC Sul de Minas, grupo de excelência em café que ajudou a fundar.

Dois pontos sempre foram importantes na carreira: ser acessível e servir o agricultor. Até hoje, presta consultoria sobre o cultivo de café e fica feliz com os feedbacks que recebe. Faria tudo de novo. A profissão lhe deu mais do que esperava, e ter trabalhado com café no IAC foi o alicerce que lhe proporcionou alcançar qualidade de vida.

O COMÉRCIO DE AGROQUÍMICOS E A CONTRIBUIÇÃO PARA O BEM DA COMUNIDADE AGRÍCOLA

Jorge Inoue era bom aluno no Científico e pretendia fazer Medicina. No entanto, o irmão de um amigo que estudava na ESALQ influenciou sua decisão. Jorge até que gostou da ideia de cursar Agronomia, afinal, seu avô era cafeicultor havia muitos anos na região de Marília (SP), cidade onde Jorge nasceu em 6 de dezembro de 1946.

Decisão tomada, era hora de tomar as providências. Jorge se inscreveu no Intensivo do Torígoi e passou no vestibular. Ficou impressionado com a ESALQ, afinal, em Marília nunca tinha visto estruturas arquitetônicas assim. Ali entendeu que a graduação abriria um novo mundo para si.

Filho de Inoue Massaiuke e Hissako Inoue, Jorge é o segundo de 5 irmãos, e o primeiro a fazer um curso superior. Por isso dedicou-se muito ao estudo durante a Escola. Sempre procurou seguir os exemplos dos pais: ser humilde, ter responsabilidade e ser caridoso. E nos primeiros anos após formado ajudava a família para que os irmãos também pudessem fazer curso superior.

Em Piracicaba morou na Casa do Estudante. Fez estágio na Genética e viajou para Uruoca (CE) pelo Projeto Rondon. No pouco tempo destinado ao lazer, frequentava os eventos culturais do CALQ, onde também prestava pequenos serviços.

Após formado deu aulas no Colégio Técnico Agrícola de Cabrália Paulista e de Paranapanema, onde enfrentou grandes desafios: montou estrutura suficiente para produzir e atender a comunidade da região e resolveu problemas de invasões de terra e questões políticas; um ano depois assumiu o cargo de diretor. Em 1973 foi transferido para o Colégio Agrícola de Cerqueira Cesar, onde também foi diretor.

Em 1976 casou-se com Vilma Claro Inoue, com quem teve 3 filhos: Cesar, Cleber e Michelle que, para sua satisfação, também se graduaram em cursos superiores. No mesmo ano, Jorge saiu do ensino agrícola para prestar concurso. Estudioso, passou em 3 concursos: no Instituto de Pesca, na

CATI e no MAPA. Contudo, decidiu ir para a iniciativa privada e, então, se mudou para São Paulo.

Admitido na multinacional alemã Hoechst do Brasil Química e Farmacêutica S/A, Jorge trabalhou como agrônomo na Divisão Agro da empresa; em seguida assumiu o cargo de coordenador de Pesquisa de Mercado e Treinamento e depois foi gerente da filial de Londrina (PR). Posteriormente retornou à matriz no cargo de Gerente de Pesquisa de Mercado e Treinamento. No total foram mais de 22 anos de trabalho na Hoechst, que posteriormente passou a se chamar AgrEvo.

Em 1998 abriu a empresa Hexagro Pesquisa e Assessoria de Marketing, em sociedade com um amigo; atuava na área de agroquímicos, aplicando todo o conhecimento adquirido na multinacional. Três anos depois, tornou-se sócio da empresa Cropcenter Agropecuária e Comercial, especializada no ramo de comércio de insumos agropecuários. Sediada em São Paulo, a empresa se expandiu no decorrer dos anos e chegou a ter 10 filiais na região da grande São Paulo.

A parceria durou mais de dez anos. Jorge adquiriu grande conhecimento sobre Administração e Marketing. Sua trajetória é marcada por forte atuação na área de agroquímicos e comércio de insumos agrícolas, veterinários, máquinas e implementos agrícolas, sementes de hortaliças, domissanitários e irrigação.

Além disso, também foi vice-presidente da ADIAESP e presidente da ARALT, associação responsável pela administração da central de recebimentos de embalagens vazias de agroquímicos, localizada na cidade de Biritiba Mirim (SP). A atuação nessas associações trouxe importantes contribuições para o bem da comunidade agrícola.

Jorge aposentou-se em 2014 e hoje procura preservar a saúde. Seu melhor remédio é a atividade física. A pescaria também o distrai. E, claro, nunca dispensa a companhia da esposa, dos filhos e dos amigos.



OS BASTIDORES DA PRODUÇÃO DE SEMENTES NO POSTO DE SEMENTES DE ARAÇATUBA

Imagine percorrer 250 km em um carroção puxado por animais para levar café de Saltinho a Santos. Era assim que a família de José Claudinor Montebelo transportava a produção da Fazenda Montebelo, na década de 1930. E essas eram as histórias que ele ouvia na fazenda onde nasceu, em 2 de agosto de 1945.

Sua infância foi em meio a pomares, hortas e rios. Só se mudou da fazenda para a cidade aos 4 anos, para ir à escola. Mas como seu pai, Ozório Montebello, era agricultor, Claudinor sempre teve contato com a terra e nunca pensou em fazer outro curso, que não Agronomia na ESALQ.

Estudou muito para o vestibular. Dona Eugênia Robin Montebello era boa, mas era brava. Era mãe. Exigia que o filho fosse estudioso e levasse com seriedade os meios de vida. Claudinor viu com alívio seu nome na lista dos aprovados. A alegria foi geral!

Na Escola ganhou o apelido de Saltinho, devido à sua terra natal. Continuou dedicando-se aos estudos e no 4º ano se destacou em Engenharia Rural. Desde cedo interessou-se pelo setor industrial; fez estágio no Departamento de Tecnologia do Açúcar e do Álcool e na usina Société des Sucreries Brésiliennes, em Piracicaba, entre outros.

Ao concluir o curso, foi professor no CTA de Penápolis. Experiência difícil, a escola era recém-formada e quase não tinha máquinas para as aulas práticas. Ainda assim, conseguiu montar com os alunos uma fábrica de gaiolas para galinha poedeira. Foram quase 2 anos de atuação e nesse período conheceu Gislene Aparecida Polo Amador, que em 1974 tornou-se Montebelo. Tiveram 2 filhos: Bruno Ettore e Renan, ambos formados em Ciência da Computação, em São Carlos.

Em seguida, Claudinor prestou concurso da CATI e assumiu a Casa da Agricultura de Lutécia; 6 meses depois, foi para Alto Alegre, onde ficou por mais 1 ano, em extensão rural. Então, uma vaga foi aberta na Casa da Agricultura de Penápolis e

ele pediu transferência; foi designado para fiscalização dos campos de produção de sementes da região.

Em 1972 participou de projeto de elaboração de apostilas sobre mecanização agrícola, realizado no Centro de Mecanização Agrícola da Massey Ferguson, em Buga, na Colômbia, por meio do CENAFOR, em parceria com o SENAI.

Quatro anos depois, foi transferido para Araçatuba, sede do Posto de Sementes, área que muito lhe agradou, tanto que ficou na CATI até aposentar-se. Entrou como agrônomo assistente e se tornou chefe do posto de semente e diretor da área.

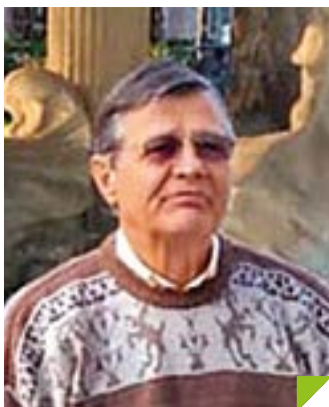
Além de trabalhar na produção regional, também fiscalizava a produção de sementes do setor privado, conferindo-lhes atestado de qualidade. Uma das principais atividades do Posto de Sementes de Araçatuba era produção de semente de forrageiras; Claudinor viajou bastante para atualizar-se.

Interessado por novos conhecimentos, ajudou a construir a sede da AEAN, integrando a Diretoria mais tarde; também foi inspetor regional do CREA e participou da Comissão de Produção de Forrageiros.

Além disso, foi professor no curso técnico estadual de Agrimensura, em Araçatuba, no período da noite e aos sábados à tarde. Trabalhou muito para sustentar a família na época em que a inflação era altíssima.

Enfrentou dificuldades no estado, como falta de verba, de material ou de veículo para distribuir as sementes. Por outro lado, acompanhou importantes mudanças na agricultura: viu a introdução da colheitadeira de cana, o aumento de potência nos tratores e a produção de semente de forrageiras com tecnologia inovadora.

Em meados da década de 2000, fez curso de Gerenciamento e começou a trabalhar com levantamento de propriedades agrícolas aos finais de semana; e a partir de 2006, quando se aposentou após 35 anos de funcionalismo público, passou a atuar integralmente na atividade por mais 8 anos.



UMA CARREIRA PAUTADA EM OUSADIA, CRIATIVIDADE E TRABALHO

Ele nasceu em 7 de outubro de 1945, em Piracicaba. Desde criança, José Fernando Herling Martins, o Peca (apelido familiar), passeava na ESALQ, sem sequer imaginar que estudaria lá. Como bom piracicabano, já nasceu quinzista.

Seu pai, Fernando Lopes Martins, que iniciou a vida como garçom na famosa Brasserie e fez longa carreira como funcionário público da Prefeitura, era um homem educado, solícito e atencioso. Ao lado de Wilma Herling Martins, ensinou aos filhos que apenas com trabalho a vida poderia ser melhor.

Primogênito de 4 irmãos, Peca começou a trabalhar cedo, ainda no Ginásio. Ao terminar o Científico no Sud Mennucci, estudar na ESALQ foi uma decisão natural. Continuou a dar aulas particulares de História, Matemática, Física e Química, como fazia no Científico, e passou a lecionar no Curso de Madureza, criado pelo Marclio Gurgel e seu irmão Reinaldo, em Rio Claro. Foi onde conheceu Marta Maria Vargues Martins, professora de Geografia, com quem se casou em 1972 e vive feliz até hoje. Tem 3 filhas – Fernanda, Vanessa e Karina – e 5 netos.

Durante o curso de Agronomia, fez diversos estágios nas férias e participou do Projeto Rondon. Foi escolhido por seus colegas para ser o orador da A70 no Plantio da Árvore de Formatura. Assim, tornou-se o agrônomo Fernando Martins.

Fez Licenciatura em Ciências Agrônomicas na UNESP e foi dar aulas no CTA de Garça (SP). Após 8 meses tornou-se diretor do Colégio, um desafio e tanto para um jovem recém-formado. Em 1973 foi selecionado para diretor do CTA de Jundiaí (SP), o que lhe proporcionou a oportunidade de fazer Mestrado em Educação Agrícola pela UFSM.

Em 1976, com a reformulação do Ensino Agrícola, foi para a Companhia Brasileira de Tratores – CBT, onde trabalhou por mais de 17 anos, iniciando sua história em São Carlos (SP), onde reside até hoje. Contratado como coordenador de treinamento, já no ano seguinte tornou-se gerente

de Assistência Técnica e Marketing. Não demorou muito a acumular a Gerência de Vendas, e então, encontrou sua vocação: liderar pessoas, unindo comunicação, relacionamento, conhecimento técnico e argumentação.

Na ascensão de sua trajetória, tornou-se diretor comercial e acompanhou de perto a abertura de novas fronteiras agrícolas no país, em especial a do Cerrado.

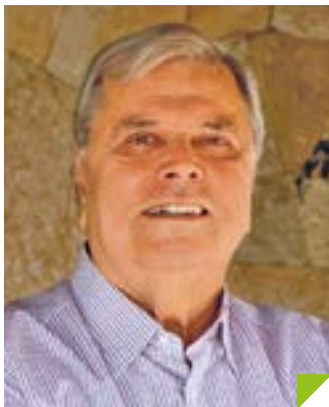
Em 1993, após enfrentar e vencer muitos desafios, encerrou seu ciclo na empresa. Recomeçou a carreira do zero, gerenciando a filial de Araraquara da Marka, trabalhando com as linhas Ford/New Holland. Em 1998, coordenou para a Trator Diesel, de Goiânia (GO), a implantação de 2 projetos ligados à mecanização agrícola.

Um ano depois foi indicado para uma missão que transformaria a sua carreira: assumiu a Gerência Nacional de Vendas da Bio Soja (Nutrição Vegetal). Em uma área totalmente nova, Peca teve uma atuação arrojada e coesa durante 15 anos, durante os quais a empresa cresceu de forma exponencial.

Nesse período, fez Pós-graduação em Fertilidade do Solo e Nutrição de Plantas, curso que criou em conjunto com a UFLA e que se transformou num dos mais procurados da universidade. Capacitação de jovens profissionais passou a ser o seu foco.

Tornou-se Diretor Comercial, tendo sob sua responsabilidade as áreas de Marketing, Pós-vendas e Desenvolvimento de Produtos, e o sucesso de seu time contribuiu para que a Bio Soja se posicionasse entre as três maiores do segmento.

Em 2015, Peca decidiu redirecionar o seu conhecimento em gestão, mercado, planejamento estratégico e o seu relacionamento cultivado ao longo do tempo, e se tornou consultor em gestão empresarial, em especial para empresas do segmento de Nutrição de Plantas. Até hoje mantém sua atuação fundamentada em 3 pilares nos quais sustentou toda a sua carreira: ousadia, criatividade e trabalho.



IMPORTANTES CONTRIBUIÇÕES DAS PESQUISAS EM ECONOMIA NO IPEA E NO MAPA

Desde menino, José Garcia Gasques admirava o A encarnado da ESALQ na camisa dos amigos de seu irmão, que estudavam em Piracicaba. Encantou-se antes mesmo de conhecer toda a fraternidade que envolve a Escola. E embora dona Catarina Gasques sonhasse em ter um filho médico, José não teve dúvida, optou pela Agronomia.

Mas ele tinha em quem se inspirar. Seu pai, Manoel Garcia Dias, era agricultor e um desbravador. Veio da Espanha com a família e foi para o interior de São Paulo, cultivar café. Mais tarde foi para o Paraná. Moravam em Presidente Bernardes (SP) quando José nasceu, em 2 de março de 1944.

Conquanto não tivesse contato efetivo com a terra, foi criado em ambiente rural. E desde cedo os pais lhe ensinaram a não discriminar ninguém, mas escolher boas companhias para caminhar ao lado. Aprendeu que teria que trabalhar duro e ser persistente para realizar. Foi por isso que decidiu fazer cursinho quando não passou pela 1ª vez no vestibular da ESALQ. Mas comemorou com alegria ao saber que foi aprovado. Até dona Catarina ficou muito feliz!

Em Piracicaba ganhou o apelido de Rufião e morou na República Sputnik, onde metade dos moradores era nissei, tinha mais idade e regras civilizadas; José aprendeu muito com eles, foi uma vivência e tanto. Lembra-se de quando quebrou o dedo na porta do ônibus e passou a ir de bicicleta para a Escola, sempre persistindo.

Isso porque estava realizado na ESALQ. Estudioso, gostava de ficar em casa para cuidar de suas coisas, quando não tinha prova. Também frequentava o CALQ que promovia diversas atividades para os estudantes; envolveu-se numa notável campanha de alfabetização de adultos no bairro Santa Terezinha que, além de aprendido, lhe trouxe novos amigos e o seu grande amor: Sonja Enie Garcia, com quem se casou em 1973 e teve 2 filhas: Denise e Maria Beatriz. E hoje

tem dois netos.

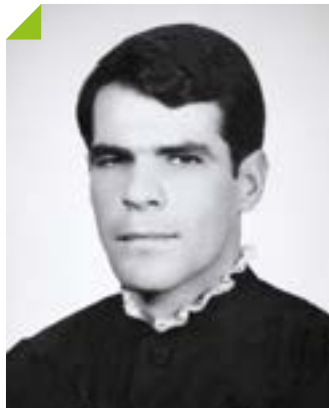
Seu 1º emprego foi no Colégio Técnico Agrícola de Quatá, onde ficou quase 3 anos. Experiência interessante, que lhe permitiu contato tão próximo com alunos. Hoje, inclusive, tem amigos que ocupam cargos como agrônomos no MAPA, e que foram seus alunos em Quatá.

Em 1973 prestou concurso para a UNESP de Jaboticabal e passou a trabalhar no Departamento de Economia. No mesmo ano iniciou o Mestrado na ESALQ (1975); assim que concluiu, fez o Doutorado em Economia na USP de São Paulo. Na volta, ficou mais 2 anos na UNESP, mas ao defender sua tese, em 1980, foi contratado pelo IPEA como técnico de pesquisa e planejamento, mudando-se para Brasília, onde mora atualmente.

Em Jaboticabal começou efetivamente sua carreira como pesquisador, o que lhe permitiu desenvolver muitos projetos e publicar artigos em áreas nas quais atua até hoje. No IPEA teve grande experiência de campo e participou de importantes trabalhos, como avaliação de políticas públicas, programas de desenvolvimento nas regiões do Nordeste, Norte e Centro-Oeste, avaliação de incentivos fiscais na Amazônia e no Nordeste. Enfim, foram 25 anos de atuação nessa instituição que tanto estima.

Em 2006 foi convidado para trabalhar na Secretaria de Política Agrícola do MAPA, no Departamento de crédito. Atua com projeções de longo prazo, em parceria com a EMBRAPA, estimativa de renda com elaboração de indicadores mensais e produtividade na agricultura, tema sobre o qual tem publicado vários artigos no Brasil e no exterior.

Embora esteja aposentado, sente-se estimulado a permanecer no MAPA devido à valorização de seu trabalho e às inúmeras possibilidades que ele lhe proporciona. E apesar de toda dedicação, José Garcia ainda encontra tempo para a atividade física, que pratica diariamente, e para se deleitar com sua literatura sobre gastronomia e as consequentes atuações no fogão.



DO TRABALHO COM DEFENSIVOS AGRÍCOLAS À ABERTURA DE FAZENDAS NO PAÍS E NO EXTERIOR

José Hugo Laffranchi nasceu em 6 de outubro de 1942, na chácara do avô em Jaboticabal (SP), onde viveu até os 10 anos, sempre em contato com a natureza. Mudou-se com os pais para Serra Negra (SP) e se aproximou do agrônomo da Casa da Agricultura, que o aconselhava a cursar Agronomia.

Então, após concluir o curso de Contabilidade, José Hugo decidiu fazer um ano de cursinho em Piracicaba para estudar na ESALQ. Aliás, foi nessa época que ganhou o apelido de Descarga. Contudo, no final de 1965 resolveu prestar vestibular com o amigo Caetano Ripoli, também na UNESP, que abriria curso de Agronomia em Jaboticabal no ano seguinte. Assim, ambos iniciaram o curso lá.

No fim de 1966, entretanto, um professor aconselhou-os a voltar para Piracicaba, onde o curso já era mais reconhecido. Então, a partir de 1967 os dois passaram a integrar a A70. Ser fiel ao amigo era um dos valores que José Hugo tinha aprendido com os pais, José Laffranchi e Wanda Funck Laffranchi; rigorosos na educação, sempre incentivaram o caçula a seguir seus sonhos, mas faziam questão que estudasse e preservasse a honestidade e a fidelidade.

Em Piracicaba, José Hugo morou nas repúblicas Saudades da Mamãe e Assumpção. Afeito aos esportes, jogava basquete pelo XV de Piracicaba e lutava judô pela AAALQ, tanto que, na formatura, recebeu medalha da associação por defendê-la nos esportes.

Frequentava bastante o CALQ, lugar de ótimo convívio. Participava de palestras, reuniões e das brincadeiras dançantes. Aplicado ao estudo, aproveitava todas as oportunidades que lhe surgiam. Na Escola fez estágio em 3 departamentos e nas férias trabalhava para a VASP, com aerofotogrametria, nas áreas que seriam inundadas para formar represas. E depois de tanta dedicação, José Hugo celebrou a conclusão do curso com alegria, ao lado dos pais.

Quando se formou, recebeu da ESALQ uma lis-

ta com as possibilidades de trabalho para agrônomos e seu 1º emprego foi na Fazenda Cachoeira, do grupo G. Lunardelli, em São Sebastião da Amoreira (PR), cujo gerente geral era agrônomo formado pela ESALQ e também seu amigo. Foram 2 anos de atuação e de grande aprendizado.

Em 1972 aceitou convite da Herbitécnica Indústria de Defensivos Agrícolas para trabalhar com venda e assistência técnica às fazendas, em Londrina (PR), onde, aliás, conheceu Regina Helena Moraes Laffranchi, com quem se casou no ano seguinte. Tiveram 2 filhos: Giovanna, mãe do Enzo e da Valentina, e Raphael, pai de Raphael Filho.

José Hugo permaneceu na Herbitécnica por muitos anos e passou por todas as mudanças: inicialmente foi adquirida pela Makhtshim que vendeu parte da empresa para a Diamond Shamrock do Brasil, mais tarde revendida à Cyanamid. José Hugo era quem fazia a ponte entre as empresas parceiras. Foram cerca de 20 anos de atuação e muitas viagens. Uma rica experiência.

Em 1992 seu irmão convidou-o para abrir fazenda em Tamarana (PR); começaram com 170 alqueires e, aos poucos, foram expandindo para terrenos vizinhos, que José Hugo foi tornando produtivos. No final, a fazenda chegou a 3.500 hectares. E no total, o irmão comprou 8 fazendas em diversas cidades; o trabalho foi grande.

Atualmente, a família manteve apenas as fazendas de Montemor-o-Novo, no Distrito de Évora, em Portugal, onde se cultiva oliva; e de Corrientes, na Argentina, onde José Hugo morou por 14 anos com a esposa, criando gado. No início, um grande desafio, porque além da nova língua, precisou conhecer as leis do país e compreender as situações climáticas, completamente diferentes das brasileiras. Mas a motivação era grande porque, afinal, estava trabalhando naquilo que mais gostava; sentia-se fortalecido diante de cada obstáculo superado e feliz com cada conquista e experiência vivenciada.



O 'RENASCIMENTO' NO ENSINO AGRÍCOLA E A ASCENSÃO NA CATI EM ITAPETININGA

De família tradicional na pecuária leiteira, José Manoel de Vasconcelos, o Zelito, não teve dúvida na hora de escolher a graduação. Nascido em Campinas, em 14 de dezembro de 1944, ajudava os pais nas tarefas da fazenda, e como fez o ensino básico em Sumaré (SP), cidade próxima a Piracicaba, decidiu estudar na ESALQ.

Precisou se dedicar bastante para passar no vestibular, já que quando era menino, gostava de pescar, caçar e viver na área rural. O ponto de virada foi o cursinho pré-vestibular do Torigoi, que lhe deu condições de entrar na ESALQ em 69º lugar, o que lhe custou o batismo de “Bixo 69”.

Em Piracicaba, morou na República Mansão dos Dráculas e se dedicou pra valer aos estudos. Como lazer, gostava de frequentar a Rua do Porto. Sempre procurou preservar os valores ensinados pelos pais – Eduardo de Vasconcellos e Rute Miranda de Vasconcellos, de quem guarda exemplos de trabalho, honestidade e solidariedade.

Fez diversificação em Fitotecnia II, área de conservação de solo. Aliás, gostava das aulas do professor de solos, José Luiz Dematte. Ainda durante a Escola foi para Ponta Grossa (PR) pelo Projeto Rondon. Também com amigos da A70 viajou para o Chile e viveu experiências marcantes.

Iniciou a trajetória profissional como educador e agrônomo no CTA de Quatá, e logo foi convidado a ir para Presidente Prudente, colégio maior e mais bem estruturado. Em seguida, foi transferido para Itapetininga (SP) na Escola Agrícola local, bem mais perto da família, em Sumaré.

Aos 29 anos casou-se com a professora Lídia Maria Monteiro de Vasconcelos, com quem teve 2 filhos: José Eduardo e Carolina Maria, que lhe deram 4 netos. Zelito ficou viúvo de Lídia em 2013.

Atuou como professor de culturas técnicas e na área de cooperativismo e associativismo da Escola Agrícola de Itapetininga. Foi instrutor do curso de formação rural nos bairros agrícolas da região, pelo PIPMOA.

Trabalhou concomitantemente nos bancos Itaú, Auxiliar e Banco do Brasil na elaboração de projetos técnicos, vistorias e fiscalizações, além de prestar assistência técnica como autônomo a produtores rurais, nos fins de semana. Posteriormente, deu aulas de Química, à noite, na Escola Estadual Modesto Tavares de Lima, em Itapetininga.

Sempre focado em seu aprimoramento, diplomou-se em Administração de Empresas pela faculdade OSE, em Itapetininga, e em Pedagogia pela UNESP de Botucatu.

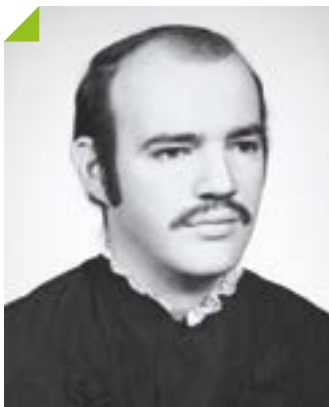
Zelito, prestou concurso público no IBC, na hidroelétrica de Furnas e na CATI; mas escolheu o último porque atuaria na região, o que lhe daria condições de continuar com as outras atividades e próximo da família.

Iniciou na CATI como chefe da Casa da Agricultura de São Miguel Arcanjo e depois foi para Itapetininga, prestando assistência técnica e elaborando projetos para agricultores. Também atuou na Defesa Agropecuária como chefe e em fiscalizações de viveiros de mudas.

Com o tempo de atuação e experiência na CATI, assumiu a função de delegado agrícola da região e passou a exercer funções de planejamento e acompanhamento das atividades das Casas de Agricultura. A carreira continuou em ascensão e logo tornou-se diretor regional do EDR de Itapetininga. Nessa função, organizou e comandou 10 edições da Exposição Agropecuária no Recinto de Exposição de Itapetininga.

Ao longo de sua trajetória, tornou-se sócio do pai e dos irmãos na imobiliária Nacional Eduardo e na imobiliária RMV, para planejamento e vendas de lotes da área rural da família, em Sumaré.

Aposentou-se em 2013 e passou a cuidar dos netos e deleitar-se com a vida. Aos 75 anos de idade, gosta de dançar, assistir shows, frequentar barzinhos, jogar xadrez e paciência no computador, tomar vinho, viajar e se reunir com os amigos em casa.



PESQUISAS DE NOVAS VARIEDADES QUE REVOLUCIONARAM A PRODUÇÃO E O CONSUMO DE MANDIOCA NO PAÍS

José Osmar Lorenzi ainda nem sonhava que a pesquisa em mandioca seria seu caminho de vida, quando ajudava o pai, José Valetim Lorenzi, na lavoura em Saltinho (SP), onde nasceu em 20 de julho de 1946. Sempre viveu no campo e acompanhou a luta do pai na produção de café e fumo, depois algodão, cereais e cana.

Estava no 2º ano da Agronomia quando viu que o arroz plantado no sítio do pai não crescia. Foi um professor da ESALQ que o orientou sobre a necessidade de se fazer uma adubação em cobertura, o que fez aquela safra desenvolver-se como nunca. Foi então que Seu Valentim passou a acreditar na profissão que o filho tinha escolhido.

Osmar estudou no Sud Menucci, enfrentando dificuldades diárias de locomoção em estrada de terra, do sítio até Saltinho e de Saltinho para Piracicaba, trajeto que só foi asfaltado no início da década de 1960. Até por isso, dizia aos pais que preferia carpir cana a ir para a escola. Amava o campo. Mas graças ao incentivo de Seu Valentim e de dona Zilda Hyppólito Lorenzi, dedicou-se aos estudos e passou em 16º no vestibular; ganhou o apelido de Saltinho.

No bairro Paulista conheceu Plínio Francisco Razera, também da A70, que se tornou um de seus melhores amigos; dividiram a lambreta, o cigarro e as aventuras da vida. No 2º ano, aceitaram convite de Osmair Scarpari e fundaram a Escola de Madureza Novo Mundo, onde deram aulas à noite por 4 anos. Foi lá que conheceu a professora Maria Helena Muller Lorenzi, com quem se casou em 1972. Tiveram 2 filhos, Alexandre e Rogério; e hoje têm um neto.

Na ESALQ interessou-se pelas plantas agroindustriais e recebeu o Prêmio Codistil, destinado ao melhor aluno em Tecnologia do Açúcar e do Alcool. Em 1971 foi professor do CTA de Santa Cruz do Rio Pardo (SP) e, em 1973, ingressou na CATI, contudo, um curso com o Dr. Ferdinando Pupo de Moraes, sobre pesquisas em café, mostrou-lhe um

novo caminho: queria ser pesquisador.

Inscreeveu-se em concurso do IAC pensando em trabalhar com cana, no entanto, passou em 1º lugar no setor de mandioca. Começou contratado, mas ao ver a importância da mandioca para o país e para o mundo, debruçou-se nos estudos e pesquisas e lá se foram mais de 30 anos de dedicação que passaram num piscar de olhos. Em 1979 fez Mestrado na ESALQ.

Atuou no melhoramento genético da mandioca, produzindo mais de 1 milhão de seedlings e manipulando milhares de clones que resultaram em variedades resistentes às principais doenças e com alto potencial produtivo, como a IAC 12, IAC 13, IAC 14, IAC 15 e IAC 576, hoje amplamente cultivadas.

Criou um Campo Experimental em Santa Maria da Serra, junto a uma equipe multidisciplinar, para dar suporte a essas pesquisas. Foram os primórdios da participação de produtores, que podiam acompanhar *in situ* a seleção de clones e os resultados de outras pesquisas filotécnicas.

Osmar escreveu 50 trabalhos científicos e 30 técnico-científicos. Participou de inúmeros congressos e proferiu centenas de palestras, aulas e conferências. Foi homenageado por instituições como ESALQ/ADEALQ, AEASP com a Medalha Fernando Costa, Clube dos Agrônomos de Campinas, IAC e SBM. Pela importância da variedade IAC 12 para as áreas de Cerrados do Brasil, recebeu prêmio da

Embrapa; e pela IAC 576, a 1ª variedade melhorada biofortificada do mundo, recebeu do Governo de São Paulo o prêmio Josué de Castro. Foi chefe do Departamento de Raízes e Tubérculos e Diretor de Ação Regional do IAC.

Aposentou-se em 2003 e, por muitos anos ainda, prestou consultoria em projetos de produção de mandioca em larga escala no Brasil, América Central, África e Ásia. Atualmente, dedica-se à produção de cana no sítio herdado do pai onde, claro, mantém um pequeno espaço reservado à plantação de mandioca.



A LIBERDADE DA CARREIRA BANCÁRIA COMO AGRÔNOMO E O TURISMO RURAL

José Procópio Ribeiro nasceu em Icém (SP) no dia 19 de março de 1946. Já morava em Ribeirão Preto com um tio médico quando ouviu falar da ESALQ. Pelo convívio com o tio, sua pretensão era cursar Medicina. Até que no 2º Científico, um amigo o convidou para acompanhá-lo a Piracicaba, a fim de fazer inscrição no vestibular. E quando Procópio viu o campus, se apaixonou. “É aqui que vou estudar”, pensou.

Ainda menino morou com os pais – Procópio Ribeiro Filho e Mariana Silveira – na fazenda dos avós paternos, em Paulo de Faria (SP). Aliás, o avô, conhecido como Chico Procópio, era um líder e inspirava toda a família.

Na época do grupo escolar mudou-se para a casa dos avós maternos – Totonho Américo e Mariinha – com quem aprendeu os bons passos da vida. Mas nas férias, o destino era a fazenda, onde brincava, ajudava e aprendia.

Quando ele foi prestar vestibular já namorava Sandra Maria Jabur Ribeiro. Na época, a futura sogra tinha dito que consentiria o namoro se ele fosse aprovado. Belo estímulo! Procópio fez um ano de cursinho e entrou na ESALQ, onde passou a ser chamado de Preto ou Nego.

Em Piracicaba morou em duas repúblicas: RP e Arpege. Como jogava futebol e arranhava um violão, o convívio com os amigos era muito agradável. Lembra-se bem do Jota (José Paulo Figueiredo), pois sempre se sentavam lado a lado nas aulas. Que pena, foi embora novo. O Mineiro era seu parceiro de repentes; foram muitas farras. O Beto, grande goleiro de futebol de salão, também era parceiro na venda de queijo, atividade que complementava a renda de Procópio, ao lado do futebol, que também lhe rendeu alguns trocados. No último ano, lecionou a disciplina de matemática no colégio Sud Mennucci.

Fanático por futebol, jogou até os 73 anos; e segundo os amigos, jogava bem! Aprendeu com o irmão, Marco Antonio Boiadeiro, que jogou até pela Seleção Brasileira na década de 1980.

Após formado, Procópio foi trabalhar no Colégio Agrícola de Votuporanga (SP), para ficar próximo às terras da família, já que herdara parte delas com o falecimento precoce da mãe.

Um ano depois, um amigo o convidou para trabalhar no BANESPA. Entre suas atribuições estava a assistência técnica ao produtor rural, tarefa que exercia com gosto. No entanto, também precisava fiscalizar lavouras, mas dessa não gostava.

Mais tarde, uma divisão regional no BANESPA lhe trouxe a oportunidade de assumir a região de São José do Rio Preto (SP), supervisionando o trabalho de agrônomos de quase 60 cidades. Como havia apreço entre os colegas, essa missão foi executada com mais satisfação. Ficou no BANESPA de 1971 até 1995.

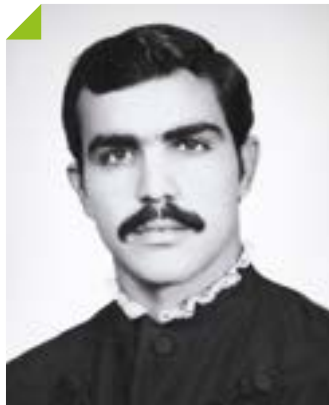
No início da carreira, em 1972, casou-se com Sandra, com quem teve três filhos: José Procópio Jabur Ribeiro, pai de Felipe e Luiza, Maria Beatriz Jabur Ribeiro, mãe do João, e Ana Carolina Jabur Ribeiro, mãe da Pietra. É grato ao trabalho no banco, justamente por ter podido aproveitar a vida em família. Tanto que quando lhe perguntavam quanto ele ganhava, respondia: “ganho o dobro, porque tenho liberdade dentro do trabalho”. Achava aquilo espetacular.

Assim que saiu do Banespa foi trabalhar na propriedade rural herdada da família, um lugar bonito, com direito a cachoeira e beleza natural. Em 1997, diante de uma conversa de desapropriação

das terras, surgiu a ideia de promover o turismo rural. Assim nasceu a Pousada Talhadão, em Paulo de Faria. Foi um novo aprendizado para Procópio, agora empresário.

A partir de 2014 passou a trabalhar só com agendamento, o que lhe deu liberdade para viajar e visitar os filhos. Em 2018, passou a administração da pousada para sua filha Carol, ficando na retaguarda.

Atualmente, sua maior paixão é desfrutar da fazenda ao lado da esposa e, sempre que possível, dos filhos, netos e amigos.



AGRONOMIA, ENGENHARIA DE PRODUÇÃO E ECONOMIA VOLTADAS PARA “EDUCAÇÃO ATRAVÉS DE IMAGENS”

Nascido em São Carlos (SP), em 8 de março de 1945, José Roberto Pereira Novaes teve muitos motivos para cursar Agronomia. A atuação de sua família era voltada para a cafeicultura, o que o levou a passar boa parte da infância numa torrefação de café em São Carlos. O “Café Novaes” era uma empresa de gestão familiar onde cada irmão exercia uma função determinada.

Beto acompanhava o pai na distribuição de café nos armazéns da cidade e na região. Nesse ambiente, ainda criança, escutava histórias sobre a produção do café e a cafeicultura; essas conversas o ajudaram a se aproximar do mundo rural e, certamente, contribuíram para a escolha do curso. Além disso, 2 primos sempre falavam da ESALQ: o Luiz Roberto Lopes, apelidado de Bexiga, já cursava Agronomia na ESALQ e o Nelson Novaes estudava para o vestibular de 1966.

Animado com a ideia, Beto se preparou para o vestibular no cursinho da Escola de Engenharia de São Carlos. Começou o curso de Agronomia na UNESP de Botucatu, e depois de um ano, após ser aprovado no rigoroso exame de seleção, conseguiu transferência para a ESALQ e entrou na A70.

Sua integração na turma se deu, sobretudo, pelo esporte, tanto no campeonato interno de futebol de salão da ESALQ, como na seleção principal da Escola. Beto foi premiado como melhor jogador do campeonato universitário paulista de 1968 e convocado para a Seleção Paulista de Futebol de Salão para participar dos jogos universitários brasileiros. Na formatura recebeu medalha da AAALQ entregue àqueles que souberam defender nos esportes a tradição de seu Centro Acadêmico.

Além da dedicação ao esporte, Beto era frequentador do CALQ, onde participava de atividades culturais. Como estudante, integrou o Projeto Rondon, percorrendo a região do submédio São Francisco com o colega Marcelo Monteiro, da A70; eles implantaram uma biblioteca para os profissionais que trabalhavam no Projeto de

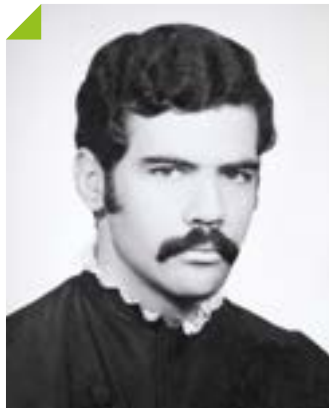
Irrigação de Petrolândia (PE). A viagem foi uma experiência definidora de novos rumos profissionais, pois logo após formado, prestou concurso para trabalhar na SUVALE. Este foi o seu primeiro emprego como agrônomo.

Trabalhou 2 anos naquela região, como economista rural; a atividade lhe permitiu uma troca de experiência com os agricultores locais que viviam nas margens do rio e faziam agricultura irrigada. Naquela época, grandes grupos econômicos nacionais e internacionais ocuparam as terras nas margens do rio integrando a região aos mercados nacional e internacional por meio da fruticultura. Esse processo ampliou a concentração da terra, da renda e propiciou um aumento exponencial da miséria na região, ao restringir o acesso à água aos pequenos produtores, que viviam da agricultura irrigada.

Em 1972, Beto frequentou o curso de Pós-Graduação no CICOM – Programa da OEA, realizado em parceria com a Fundação Getúlio Vargas – Rio de Janeiro. Em 1974, não mais como funcionário da SUVALE, iniciou o Mestrado em Engenharia de Produção na COPPE/UFRJ. Em 1976 concluiu o Mestrado e foi trabalhar como professor universitário no programa de Pós-Graduação em Economia na UFPB, campus de Campina Grande (PB).

A partir de 1989, trabalhou como professor no Instituto de Economia da UFRJ, onde ficou até se aposentar, em 2014. Concluiu o Doutorado em Economia no Instituto de Economia da UNICAMP em 1993.

Atualmente, como professor aposentado pela UFRJ, Beto permanece na coordenação do projeto “Educação através de Imagens”, por ele criado em 1978, na UFPB. O projeto consiste em utilizar os resultados das pesquisas acadêmicas como argumento na produção de documentários para uso na Educação. Os documentários estão disponibilizados no YouTube, no canal “Filmografia Beto Novaes”.



A CARREIRA PROFISSIONAL TRILHADA APÓS O FASCÍNIO PELA ÁREA DE TECNOLOGIA DO PESCADO

Nascido em 28 de julho de 1947, em São Roque (SP), José Roberto Verani cresceu numa cidade de intensa produção de uva e vinho; passava muitos momentos na chácara do tio vitivinicultor, o que o influenciou para a área agrícola. Em 1965 conheceu a ESALQ numa excursão do Científico e teve certeza de querer cursar Agronomia.

Seus pais, o professor Roque Verani e Felícia Verani, o apoiaram na decisão, mas ele precisaria colaborar, já que seu único irmão, Eduardo, cursava Medicina na USP, o que tornava as finanças mais apertadas. Em Piracicaba morou em república, num convívio muito fraterno com os amigos, e ganhou o apelido de Miudinho.

Fez Diversificação em Tecnologia de Alimentos e estágio intensivo na área de Tecnologia de Pesca no Instituto Oceanográfico da USP, em Santos; participou de um treinamento em alto mar atuando na coleta e processamento de peixes marinhos no Navio Oceanográfico Professor Wladimir Besnard, sempre sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio de Araújo Antunes. Experiência fundamental para complementar sua formação científica e despertar seu interesse nessa linha de pesquisa.

Já formado, estagiou mais 6 meses no laboratório de tecnologia de alimentos da ESALQ, na área de tecnologia do pescado, sob orientação do Prof. Dr. Urgel de Almeida Lima, o que contribuiu sobremaneira para a sua formação como pesquisador científico.

Em junho de 1971 foi aprovado em concurso do Instituto de Pesca Marinha, em Santos, onde trabalhou com tecnologia de pescado. Em dezembro, durante um curso de preparação para biólogo marinho, a disciplina Dinâmica de Populações Aquáticas, ministrada pelo Prof. Dr. Edison P. dos Santos, do Instituto de Biociências da USP, despertou seu interesse nessa área.

Em 1974 passou 3 meses na Universidade de Washington, em Seattle, e 3 meses no Southwest

Fisheries Center, um renomado Instituto de pesquisa marinha em San Diego, sempre com atuação em Dinâmica de Populações Aquáticas, mais especificamente em avaliação de estoques pesqueiros. Também estagiou no Northwest Fisheries Center, onde recebeu um Special Award pela contribuição nas análises de dados de pesca marinha da Instituição.

Dois anos depois, recebeu convite do Prof. Dr. Edison P. dos Santos, então vice-reitor da UFSCar, para integrar um grupo de pesquisa em dinâmica de populações de pescado, e se tornou professor assistente na UFSCar. Foi assim que, inspirado em seu pai, José Roberto Verani iniciou sua carreira de professor universitário e reforçou suas atividades como pesquisador.

Em 1977, começou a namorar a bióloga Nelsy Fenerich Verani, pesquisadora científica no Instituto de Pesca de São Paulo. Casaram-se em 1980 e tiveram 2 filhos: João Vitor, pai do Jeremias, e Pedro Paulo, pai da Maitê.

Verani concluiu o Mestrado em Ecologia e Recursos Naturais na UFSCar (1980), e ainda durante o curso começou a dar aulas na Pós-graduação. Como a disciplina Dinâmica de Populações Aplicada é básica para Cursos de Pós-graduação em Ecologia, foi convidado para ministrá-la em cursos de Pós-graduação em diversas Universidades do país, dentre elas, UFPR, UFRJ e UFBA.

Em 1987 concluiu o Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais na UFSCar, onde atualmente é professor titular do Departamento de Hidrobiologia. Publicou 85 artigos científicos em periódicos nacionais e internacionais, 20 capítulos de livros, 34 trabalhos em anais e mais de 150 resumos em congressos.

Professor Verani, como é conhecido, orientou bolsistas de Iniciação Científica, Mestrados e Doutorados nas áreas de Ictiologia, Piscicultura, Ecologia e Zoologia, além de ser tutor de Pós-Doutorado na UFSCar. Também é consultor *ad-hoc* de diversos periódicos especializados e se sente muito feliz com a trajetória percorrida.



ATUAÇÃO DIVERSA PELA AGRONOMIA

Lélio Ary Martins tomou contato muito cedo com a agricultura, pois quando seus avós vieram da Itália e da Espanha, passaram a trabalhar na lavoura de café na região de Ribeirão Preto. Fixaram-se em Cedral, onde Lélio nasceu em 11 de setembro de 1943. Mudou-se para São Paulo ainda menino com a família, e lá ficou até concluir o Colegial. O gosto pela terra sempre esteve presente.

Durante estudos na biblioteca de São Paulo, conheceu Roberto Nishitani, que se tornou seu grande amigo, com quem ainda mantém contato. Ambos entraram juntos para a A70 e foram morar na república Viúva da Colina, onde formaram novos amigos. Depois, Lélio se mudou para a república Pau Doce; ganhou o apelido de Ali-Kat.

Mais tarde, Lélio foi morar na Rua Boa Morte, numa república aberta 24 horas para o carteado, que tinha como grande frequentador o amigo Paulinho Modess. Seu companheiro de quarto era o João Bosco, grande amigo. Em nova mudança, foi parar na república RP e desta vez dividia o quarto com Gilberto Mutuca, um dos violeiros da casa, que completava a dupla com Zé Procópio.

Do 2º ao 5º ano fez estágio com o professor Octávio Nakano, na Entomologia, e publicou 4 trabalhos em Anais de Congressos da SBPC. Também estagiou no IAC, na Massey Ferguson, na Ultrafertil e ainda arranjou tempo para dar aulas de Biologia no Sud Mennucci e participar da Comissão de Formatura da A70, ocasião em que foi criada a boatinha do CALQ, que virou ponto de encontro dos estudantes.

Assim que se formou, Lélio iniciou busca de empregos e foi contratado pela Geigy, para abrir o mercado de herbicidas na região cafeeira de Marília. Cerca de um ano depois, recebeu proposta da Basf para trabalhar em um novo conceito de Marketing. Durante 3 anos de empresa morou e trabalhou em São Paulo (SP), Campos (RJ), Recife (PE) e Porto Alegre (RS).

Então aceitou proposta da Herbitécnica, umas das maiores distribuidoras de herbicida do Brasil na ocasião, para gerenciar comercialmente o estado do Paraná; ficava sediado em Londrina (PR). Em seguida, mudou-se para Ribeirão Preto e gerenciava São Paulo e Minas Gerais.

Depois, Lélio foi trabalhar como gerente regional na Monsanto, logo se tornando gerente nacional, na época da introdução do Roundup. Em 1978, o Marketing da empresa levou-o à área internacional e ao cargo de gerente da América Latina para Roundup e Polaris, sendo este um amadurecedor para cana; o conceito de biotecnologia crescia fortemente. Nessa época, Lélio fez curso de Marketing na FGV e estudou inglês e espanhol.

Foram anos de Monsanto. Lélio conheceu Lydia, casou-se e teve 2 filhos: Chistiano e Ricardo. Quando saiu da Monsanto, criou a empresa Sigma, cujo foco era a prestação de serviços com geração de demanda primária; atendia a própria Monsanto, além da Uniroyal, PPG, Ciba-Geigy, dentre outras. Simultaneamente, prestava serviços para a Dekalb/Braskalb, na venda de sementes, e comerciais para a Spraying Systems do Brasil, especializada em pontas de pulverização agrícola e industrial.

Em 2000, vislumbrou a área Pet, especificamente de cães e gatos, e comprou a distribuição para a região de Sorocaba, redesenhando a Sigma e montando uma segunda empresa, a Alphapet, para o segmento de medicamentos e acessórios.

Em 2013, um grave problema de saúde o levou a mudar o foco de suas atividades e decidiu fechar as empresas cerca de 2 anos depois, mas não parou totalmente; ainda presta consultoria comercial.

Lélio ganhou 3 presentes de seu filho Chistiano: a Marina, sua nora, e duas netas: a Rafaella e a Sofia; já do Ricardo ganhou de presente a nora Liliane. Juntos formam uma bela família. Atualmente, Lélio mora em Sorocaba e passa alegres momentos com suas duas escudeiras, a cachorra Milla e a gatinha Molly.



O ENCANTAMENTO PELA CANA E OS DESAFIOS DA TECNOLOGIA E DA MECANIZAÇÃO NA COLHEITA

Dono de um grande bigode que deixou crescer no 4º ano da Agronomia, Luiz Antônio Melges Walder jogava bola na “Escola Agrícola” desde menino. Nascido em Botucatu (SP), em 17 de novembro de 1944, mudou-se aos 8 anos para Piracicaba, terra natal de seu pai, Oswaldo Walder.

Moravam em uma casa com vasto quintal, repleto de árvores frutíferas, e o hobby da família era cuidar daquele ambiente. Seu Oswaldo era diretor de escola e gostava de praticar esportes, mas assim que terminava a partida de tênis, ia para casa cuidar da chácara. Luiz ajudava-o nas atividades, especialmente nas colheitas; gostava muito daquela tarefa.

A conduta do pai inspirou os 3 filhos mais novos, e todos cursaram Agronomia, um deles, Vladimir, na mesma turma de Luiz Antônio. E Dona Irene Mendes Melges Walder, a mãe, sempre estava na retaguarda para garantir a educação dos filhos. Ao lado do esposo, ensinou-lhes valores como honestidade, lealdade e humildade.

Luiz Antônio fez um ano de cursinho e entrou para a A70. Também puxou do pai o gosto pelo esporte; torcedor do XV de Piracicaba, vibrava com os jogos na cidade. E gostava de jogar futebol, basquete e de nadar, tanto que ganhou o apelido de Peixinho, pelo qual ficou conhecido na Escola. Vivia no ginásio; o esporte foi para ele um meio de integração.

Após participar do Projeto Ron- don, fez rápidos estágios na Ultrafertil e na Massey Ferguson, mas foi a partir do 4º ano que encontrou sua doce paixão: a cana-de-açúcar. Aproveitando um período de férias, foi estagiar na Usina Santa Adelaide, em Dois Córregos (SP) e se encantou tanto, que a cana ganhou toda a sua atenção, mais tarde dividida com Linei Romanelli Walder, sua querida esposa, com quem se casou em 1972. Tiveram 2 filhas: Fernanda e Patricia; e hoje têm 2 netos: Raphael e Marcelo.

Assim que se formou, Luiz Antônio foi contratado pela Usina Santa Adelaide e, junto com

outro colega, ali permaneceu por 8 anos. Em sua caminhada pela rota da cana-de-açúcar, passou por várias usinas no interior do estado de São Paulo: Usina Nossa Senhora Aparecida, a primeira unidade da Companhia Virgolino de Oliveira, em Itapira, onde ficou cerca de 2 anos; Usina Campestre, unidade de produção independente pertencente, na época, à Companhia Açucareira de Penápolis, na qual trabalhou durante 3 anos; Usina São José, do Grupo Zilor, em Macatuba, onde ficou por 10 anos; e Usina São José, adquirida pelo Grupo Cosan, localizada em Rio das Pedras, onde atuou por 7 anos.

Durante esse tempo, Luiz Antônio acompanhou de perto a evolução da mecanização da lavoura de cana e a introdução de satélite e de inteligência das máquinas; jamais havia imaginado que viveria esse dia a dia da agricultura de precisão.

Luiz Antônio era quem estava à frente da linha de produção, lidava diretamente com os trabalhadores rurais e enfrentou o difícil momento da troca de mão de obra por máquinas. O processo levou tempo para se consolidar, dada a necessidade de adaptação das máquinas, e exigia conhecimento especializado, o que o levou a se aprofundar no assunto para compreender melhor a adaptação das variedades de cana àquela nova tecnologia.

Em 2003, convidado por um grande amigo, foi para Lençóis Paulista, integrando a “Agrícola J.O.”, umas das grandes parcerias da Usina Barra Grande, do Grupo Zilor, na produção de cana-de-açúcar. O progresso sempre trouxe desafios, e a agricultura de precisão exige constante atualização e revisão dos procedimentos, motivo pelo qual Luiz Antônio nunca parou no tempo.

Por muitos anos teve uma rotina puxada e hoje, divide seu tempo entre a família, os novos conhecimentos e o trabalho na empresa, possibilitado graças à sua formação na ESALQ, de que tanto se orgulha.



AGRÔNOMO POR INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA, BANCÁRIO POR EMPENHO E DEDICAÇÃO

Luiz Arnaldo Gatti Bergamin tornou-se agrônomo muito mais por influência, do que por vocação rural. Seu pai, Armando Bergamin, era professor na área de Avicultura da ESALQ; como se não bastasse, um tio e dois primos também. Além disso, a beleza daquele lugar era um grande atrativo, acrescido da constatação da camaradagem e união entre os colegas.

Era evidente a preocupação de manter os valores daquela consagrada Escola, cuja tradição fora forjada por professores e estudantes, de geração em geração. Bergamin, que chegou a morar no campus, lembra-se vividamente dos passeios que ali fazia, de bicicleta ou de charrete, muitas vezes ganhando permissão para, ainda menino, conduzir os cavalos. Que alegria!

Nascido em 13 de dezembro de 1944, tinha 21 anos quando deixou o Sud Mennucci e passou a fazer parte da A70, onde ganhou o apelido de Pintado. A convivência entre estudantes era intensa, já que as aulas eram em período integral. Sua interação com os professores, entretanto, não era tão grande, talvez por não sentir a vocação aflorar nem mesmo durante os estudos.

Mas isso não o impediu de aproveitar o convívio com os colegas. Ao contrário, a amizade extrapolava os muros da Escola, dando-se muitas das atividades extraclasses nos bares da cidade. O CALQ também era um ponto de encontro importante, ali se desenvolvendo a vida social estudantil, bem como as discussões oriundas da efervescência política da época.

Em 1972 casou-se com Vilma Clementi, com quem teve dois filhos: Mauricio, casado com Christine, e Mariana, casada com Rodrigo, estes pais da Melissa, a única neta. Naquele ano, Bergamin passou em concurso da CATI e foi trabalhar na Casa da Agricultura de Cananéia, uma das cidades mais antigas do país.

Atuava na extensão rural, visitando fazendas e prestando assistência técnica aos agricultores da região. Morava numa casa de frente para o

mar, o que também ocorreu mais tarde, quando assumiu a Casa da Agricultura de Pedro de Toledo e residia em Peruíbe. Lembra-se com deleite daqueles momentos.

Ficou cerca de dois anos na CATI até saber que o Banco Itaú estava contratando agrônomos para trabalhar com crédito rural, atividade que começava a ser implantada no país. Assim, Bergamin mudou-se para São Paulo e deu início a uma carreira bancária que durou mais de 25 anos.

Atuou a maior parte do tempo no crédito rural, tornando-se gerente-geral da área no Banco Itaú; entre outras, tinha a incumbência de distribuir e controlar limites de recursos de crédito e elaborar manuais de funcionamentos para as agências, facilitando a interação entre clientes e área comercial. Participava de reuniões representando o Itaú no MAPA, no Banco Central e na FEBRABAN, para garantir o alinhamento e a implementação das normas do crédito rural, área muito prestigiada pelos bancos na época.

Mais tarde, ocupou, nesse mesmo banco, o cargo de superintendente comercial, sendo responsável pelo relacionamento com grandes empresas. Foram muitos os desafios enfrentados para sustentar essa longa carreira bancária, especialmente no início da atuação. Contudo, Bergamin procurou fortalecer sua base cultural e a habilidade de se expressar e elaborar relatórios para superar cada ambiente ou momento tenso.

Quando saiu do Itaú, foi trabalhar numa companhia que comercializava equipamentos para usinas de açúcar e álcool, tendo atuado na gestão financeira, inclusive na importação de equipamentos usados, da Europa e dos EUA, para venda no mercado brasileiro.

Em 2010, aposentado, mudou-se para a Califórnia (EUA), onde os filhos já moravam com suas famílias. Todos os dias, no entanto, lê notícias de sua terra natal pela internet. Ou seja, Bergamin saiu de Piracicaba, mas Piracicaba não deixou de habitá-lo.



A CONTRIBUIÇÃO DA EXTENSÃO RURAL E DA ENERGIA SOLAR PARA O DESENVOLVIMENTO DO PAÍS

Luiz Carlos Duzzi Maranhão de Carvalho nasceu em 29 de setembro de 1944, em Serra Negra (SP), onde cursou até o 3º Científico e se formou em Técnico em Contabilidade, ocasião em tomou conhecimento da ESALQ, durante a palestra de um agrônomo formado na Escola. Escolheu Agronomia pelo idealismo de preservar uma necessidade básica da população: alimentá-los. Entendia que a produção dos alimentos era algo essencial e nunca se tornaria obsoleto, já que o ser humano sempre precisará comer. Com certeza, seria um vasto e importante mercado de trabalho.

Além disso, Luiz Carlos é bisneto de imigrantes italianos que vieram para atuar na lavoura, adorava a fazenda dos avós. Então, decidiu estudar na ESALQ, naquele campus monumental, que alegria. Como ficava rubro fácil, ganhou o apelido de π-ru. Morou na República Puleiro dos Anjos, onde viveu a solidariedade, a amizade e muitas alegrias. Gostava de ler, ir ao cinema e ao CALQ. Fez especialização em Fitotecnia II.

Assim que se formou, tornou-se diretor do CTA de Iguape, projeto que tinha ótima filosofia: ensinar na prática os filhos de agricultores. Mas, chegando à cidade, viu que não havia sequer um colégio! Após conversar com o prefeito, conseguiu um barracão para a escola.

No ano seguinte, casou-se com Vilnes Maria Angeli, uma linda piracicabana, com quem teve um filho, Maurício Angeli Maranhão de Carvalho. Sente-se feliz por essa bela união que já completou 48 anos. Hoje, tem 3 netos.

Cumprido o ciclo de professor, tornou-se autônomo e foi trabalhar com crédito rural, prestando serviços para bancos. O trabalho seguiu até que passou em concurso do IEA, órgão de assessoria à SAA. Entre outros serviços, fazia previsão de safras e análises econômicas do setor. Dois anos depois, prestou concurso na CATI, onde atuou por 35 anos.

Começou como engenheiro agrônomo responsável pela Casa da Agricultura de Joanópolis,

onde ficou cerca de um ano. Depois atuou em Atibaia por mais 8 anos, onde concluiu, em 1980, o curso de Administração de Empresas ministrado pela Faculdade de Ciências Administrativas e Contábeis de Atibaia, obtendo o título de bacharel em Administração.

Sua principal missão era analisar as pesquisas desenvolvidas na universidade e torná-las compreensíveis para os agricultores. O desafio era convencê-los de que algumas práticas precisavam mudar. Mas Luiz Carlos aprendeu a “falar a linguagem deles”.

Durante a carreira, atuou no EDA com fiscalização de insumos agrícolas e enfermidades dos rebanhos. Foi assessor do delegado agrícola em Bragança Paulista e mais tarde do diretor da DIRA, em Campinas. Três anos depois, pediu transferência para Piracicaba, onde mora até hoje. Inicialmente, atuou no campo, e depois assumiu a função de delegado agrícola, quando passou a coordenar atividades de assistência técnica e extensão rural em 12 municípios da região.

Ao lado de sua equipe, empenhou-se muito para a ampliação de recursos para implementar projetos junto aos agricultores. Por meio da assistência técnica integral, viu agricultores aumentando suas produções, o que lhe trazia muita satisfação porque sabia que, de certa forma, estava contribuindo com o desenvolvimento da agricultura no país. Cada um

fazendo sua parte.

Atualmente, Luiz Carlos é sócio-diretor da Pro-Energy Engenharia, empresa do ramo de energia solar fotovoltaica, que montou em parceria com seu filho, engenheiro eletricista.

Mais uma vez, Luiz Carlos passou a atuar em área ligada ao meio ambiente. A empresa nasceu do desejo de fazer algo voltado ao futuro do planeta. Ao trazer soluções de geração de energia limpa, segura e renovável, vem contribuindo não só com a racionalização de energia das empresas e das pessoas, mas também com o crescimento do país.



A APLICAÇÃO DA TROFOBIOSE NA AGRICULTURA E A FILANTROPIA NA ÁREA DE FITOTERAPIA

A família de Luiz Celso Hernandes Teles é toda da agricultura. Seus avós puxaram enxada por muitos anos, até adquirirem terras e se tornarem comerciantes de café. Celso passou muitas férias nas fazendas; nascido em 17 de dezembro de 1944, em Londrina (PR), adorava aquela vida rurícola e sentia um chamamento para a área.

Esse sentimento ficou evidente depois que Seu Arlindo faleceu; Celso tinha 15 anos quando perdeu o pai, e viu na Agronomia uma alternativa para ajudar sua querida mãe, Izabel, nos negócios, já que a família havia herdado parte das terras dos avós, até então administradas pelos tios. Somado a isso, Celso tinha um primo formado em Agronomia, um entusiasta da ESALQ.

Quando concluiu o Científico, estava determinado a seguir sua vocação. Em Piracicaba morou na república Pau Doce, que formou com amigos da A70. Arteiro, usava a criatividade para estrepolias na casa; levou muitas broncas, mas também fez grandes amizades.

Naquele período, sua paixão pela gloriosa ESALQ só aumentou e Celso se sentia feliz em integrar um curso brilhante; encantava-se com a vida disponível para o “agricolão”, de convivência numa estrutura democrática, independente e bastante jocosa.

Por seu jeito criativo e divertido, recebeu convite de João Herrmann Neto para integrar a Diretoria do CALQ, mesmo sendo da oposição. À frente do Departamento Cultural, implantou um painel de comunicação no campus e realizou, com incentivo do amigo Bergamin, o 1º Concurso de Fotografia da ESALQ.

Logo que se formou, casou-se com Ponciana Zancaner Teles e foi para Urupês (SP) administrar a Fazenda Taquaral, herdada por sua mãe. Nos primeiros anos, deparou-se com a ferrugem do café e foi impulsionado a resolvê-la. Então, atirou-se a novos conhecimentos e montou uma das 10 maiores companhias de aviação agrícola da época; enfrentou grande desafio, pois precisou

administrar tudo com poucos recursos e quase sem tecnologia. Um período de muitas dificuldades, mas também de grande aprendizado.

Procurando estar à frente de seu tempo, Celso começou a estudar Trofobiose. Desenvolvida pelo francês Francis Chaboussou, na década de 1970, a teoria afirma que a saúde dos vegetais é resultado do equilíbrio de seus nutrientes, que se dá pela relação entre a síntese de proteínas e o desdobramento das proteínas nos tecidos das plantas.

Segundo esse conceito, os agentes parasitários não possuem enzimas suficientes para se alimentar de substâncias complexas e precisam de fontes de nutrientes mais simples, como os aminoácidos.

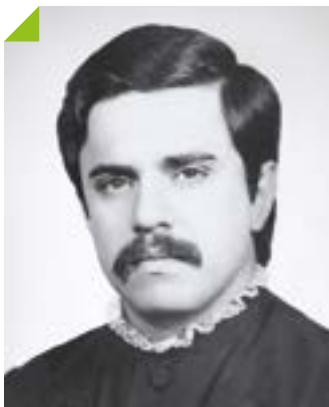
Celso encantou-se pela Trofobiose e passou anos tratando de seus pomares organicamente, seguindo esse conceito. Usava compostos, em sua maioria adubos, que poderiam alterar a fisiologia das plantas para que não produzissem aminoácido, afastando, assim, as pragas.

Tempos depois, já morando em Catanduva, assumiu outras fazendas da família, em Goiás e Minas Gerais, expandido a atividade para pecuária e, recentemente, reflorestamento. Atualmente, as terras estão sob cuidados de seus 2 filhos: Rodrigo, agrônomo pela ESALQ, e Fernando, administrador.

Contudo, Celso não deixou de lado seu conhecimento e interesse pelo novo. Uniu a habilidade com as plantas à filantropia, tão bem

exercida por seu pai, um benemérito na área médica; especializou-se na área e, em 1998, criou o site curapelasplantas.com.br. Já são mais de 20 anos de ação filantrópica sobre fitoterapia, que trouxe benefícios para muitas pessoas, inclusive para ele, que se deleita com a tarefa.

E embora já tenha se questionado se deveria ter cursado Medicina, hoje compreende que a ESALQ foi o melhor que podia ter lhe acontecido em termos de aprendizagem, conhecimento e coleguismo, trazendo experiências que marcaram indelevelmente sua alma.



A BIOQUÍMICA DA VIDA NO ENSINO, NA PESQUISA, NA CORRIDA E NA ALIMENTAÇÃO

Ele nasceu em Piracicaba no dia 26 de janeiro de 1948. Aos 7 anos teve sua primeira experiência como agrônomo, cultivando feijão no quintal da chácara onde morava; preparou a terra com faca e a avó o orientou sobre o momento certo para colher. Mais tarde, já com enxada, encheu o quintal de trigo. Ainda na adolescência fazia experimentos químicos em casa, o que também despertou seu interesse pela área. Mas o incentivo maior veio do professor Demóstenes Santos Corrêa, do Sud Mennucci, que mostrou as inúmeras possibilidades da Agronomia. Assim, em 1966 Luiz Eduardo Gutierrez iniciou o curso na ESALQ.

Como tinha cabelo espetado, ganhou o apelido de Cebolinha. E manteve o interesse pelas plantações. A cada aula prática, procurava sementes para fazer seu canteiro particular. Fez estágio na Cadeira de Química e depois na Cadeira de Tecnologia de Alimentos, com o professor Homero Fonseca; trabalhava com análise de ácidos graxos e acompanhou a chegada do primeiro cromatógrafo a gás na ESALQ [CG17]. Foi uma revolução para a época.

Frequentador assíduo da biblioteca, Gutierrez era dedicado; formou-se em 9º lugar. E ainda encontrava tempo para o lazer, tanto que foi na 'boatinha' do CALQ que conheceu Vera Lúcia, com quem se casou em dezembro de 1973. Tiveram 3 filhas: Elaine, Sandra e Marcia. E hoje têm 3 netos: Enrico, Vinicius e Serena. Assim que se formou, conseguiu bolsa de aperfeiçoamento da FAPESP e continuou na Tecnologia de Alimentos por 2 anos, até iniciar o Mestrado em Nutrição Animal e Pastagens, sob orientação do professor Vidal Pedroso de Faria. Trabalhava com açúcares do chamado capim-napiê, fazendo análises de ácidos orgânicos.

Em 1973, foi convidado pelo professor Otto Jesu Crocomo para dar aula de Química na Faculdade de Agronomia Luiz Meneghel, em Bandeirantes (PR), mais tarde encampada pela UENP;

Gutierrez estava terminando as pesquisas do Mestrado quando começou a carreira de professor. Foi um desafio e tanto, já que a instituição era nova e quase não havia infraestrutura. Mas ele seguiu firme.

Nove meses depois, no entanto, aceitou convite do professor Otto para ensinar Bioquímica na ESALQ. E assim, no fim de 1973, foi contratado pela Escola onde desenvolveu toda sua carreira como agrônomo e docente. Fez Doutorado na USP em São Paulo (1977), sob orientação do professor Otto, superando outro grande desafio: enfrentar a estrada de Fusa 2 vezes por semana. A pesquisa revelou a importância da enzima no ciclo metabólico do nitrogênio no feijão; que grande satisfação. Foram 12 anos de atuação em laboratório e salas de aula.

Em 1989 conquistou a Livre Docência, um divisor de águas em sua carreira. Suas aulas mudaram completamente. Naquela época, como já trabalhava com fermentação alcoólica, propôs a criação da disciplina Bioquímica de Leveduras. Gutierrez sempre se dedicou ao trabalho. Gostava de ensinar, especialmente Bioquímica Animal. Preparava as aulas com todo o cuidado, buscava exemplos e via com satisfação o interesse dos estudantes.

Com a aposentadoria do professor Otto, em 1991, tornou-se professor titular do Departamento de Química. Também orientou pesquisas de Mestrado e Doutorado.

Hoje, é muito grato a esse professor que o guiou por toda a carreira, sendo seu grande guru.

Aposentou-se em 2001 e pôde se dedicar aos pais, que precisavam de cuidados especiais, até cumprirem sua missão na terra. Depois, Gutierrez começou a correr, aplicando os conhecimentos de Bioquímica para preparar o corpo, estudar os melhores treinamentos, enfim, compreender os cuidados necessários. Chegou a participar de maratonas. E mais recentemente descobriu o prazer de cozinhar, claro, com temperos cultivados em casa, tornando-se o *chef* das refeições da família.



A DESCOBERTA, O INTERESSE E A ATUAÇÃO NA ÁREA DE FINANÇAS APÓS O CURSO DE AGRONOMIA

Desde criança, Luiz Fernando Bortolazzo de Souza adorava andar de bonde e por isso conheceu a ESALQ ainda menino. Nascido em 5 de julho de 1948, na casa de seu avô, em Piracicaba, mudou-se para Tupã com 40 dias, e ali passou infância e adolescência.

Em sua família havia 16 agrônomos formados pela ESALQ, entre eles, seus primos, com quem tinha muita proximidade; 3 eram professores na Agronomia e defendiam que a ESALQ era a melhor Escola do país. Com isso, Fernando entusiasmou-se e decidiu seguir esse caminho.

Foi para Piracicaba junto com 3 amigos de Tupã, com quem montou a república Fronteira. Fez o intensivão do Torigoi e entrou para a A70, segundo ele, a melhor turma que existe; os amigos concordam. Nesse período fez grandes amizades e ganhou o apelido de Tupã.

Frequentador do CALQ, lugar de efervescência política, Fernando estava presente na manifestação que culminou com a cathedral cercada pela cavalaria do Exército. Foi uma grande emoção! Mas logo se afastou da política e passou a ir ao CALQ apenas pela diversão que oferecia, como palestras, música e televisão, ainda rara na época.

Nas férias de janeiro de 1970, fez estágio na Casa da Agricultura de Tupã, mas foi nas férias de julho, no estágio que fez na Bradesplan, em São Paulo, com direito à carta de recomendação do fundador, que se aproximou mais da área que tinha interesse: Finanças. Tanto que fez Diversificação em Economia Rural. Fernando encontrou ali um caminho diferente e interessante que a Agronomia lhe permitia traçar.

Dedicou-se tanto àquela oportunidade, que em dezembro foi contratado pelo Bradesco, onde trabalhou no setor de financiamento para agroindústria e agricultura; fazia projetos, fluxo de caixa, calculava receita e custos para avaliar o ROI enfim, atuou numa área em que se encontrou.

Como era recém-formado, contudo, entendeu que poderia estudar mais antes de realmente

enfrentar a carreira, então, cerca de um ano depois, pediu demissão e foi fazer Pós-graduação em Administração de Empresas na FGV. Estudou Marketing, Relacionamento e, novamente, Finanças, para onde direcionou toda a sua carreira.

Nesse período, Fernando prestava serviço para a empresa Transita Sociedade Civil na área de plantio de grama, pela qual teve a oportunidade de ir para os EUA conhecer e estudar a técnica de hidrossemeadura de plantio de grama, aplicada no cemitério Forest Lawn, em Los Angeles. Foi ali a visita técnica desse estudo.

O passo seguinte na carreira foi dado quando Fernando entrou na Laticínios Vigor para atuar em projetos de financiamento pelo BNDES; acompanhou o projeto de instalação da fábrica de leite em pó na Bahia e o desenvolvimento de vários produtos, como iogurte e gelatina, novidades na época. Participou ativamente da expansão da empresa durante 3 anos.

Em 1975 casou-se com Eliana Ban Andrade, amiga de infância de Tupã; tiveram 2 filhos: Ana Beatriz e Ricardo.

Fernando saiu da Vigor porque foi convidado para montar um projeto de expansão para a metalúrgica Brazaço Mapri, na época ligada ao grupo americano US Steel Corporation. A empresa queria montar uma unidade em Minas Gerais. Fernando animou-se e decidiu aceitar o convite.

Em todos os projetos, seu trabalho precisava ser detalhado. Inicialmente, tinha que caracterizar a indústria, o mercado onde estava inserida e sua área de atuação; em geral, a expansão focava o ROI e Fernando elaborava o projeto completo, do início ao fim.

Depois da metalúrgica, trabalhou 20 anos no Departamento de Projetos do Unibanco, em São Paulo. Durante esse período, abriu a empresa Guardian com outros 3 amigos do banco e desde 2005 passou a trabalhar exclusivamente em seu próprio negócio. Em 2015 mudou-se para Ribeirão Preto, onde mora atualmente.



AS AGRADÁVEIS E TORTUOSAS ANDANÇAS PELAS LAVOURAS DE CAFÉ, ALGODÃO, CANA E AMENDOIM

Ele nasceu em 16 de abril de 1944, em Pirassununga (SP). Embora passasse as férias nas fazendas da família, Luiz Jonas Pozzi de Castro não sabia exatamente que carreira seguir, mas tinha uma certeza: deveria ser honesto em tudo o que fizesse e ter caráter firme. Foram lições que Benedito de Castro e Marina Pozzi de Castro, seus pais, lhe transmitiram.

Luiz até chegou a cursar o 2º e o 3º Científico em Itajubá (MG), onde tinha parentes engenheiros, mas não se identificou com a profissão e voltou para sua terra natal. Como seu pai tinha comércio e contato com fazendeiros da região, Luiz passou a se interessar pela agricultura e decidiu entrar na ESALQ.

Em Piracicaba, morou com amigos da A70 na República Baú. Por sua grande estatura, ganhou o apelido de Jamanta. Apaixonado por esporte, jogava futebol de salão, vôlei e basquete; seu time foi campeão de futebol de salão, vice-campeão de futebol de campo, 2º colocado em vôlei e 3º em basquete. Luiz também foi presidente da AAALQ; experiência profícua, que lhe trouxe muita satisfação.

Nas horas livres, frequentava o CALQ, o Jequibau e as repúblicas dos amigos. Até hoje se recorda daquele companheirismo, onde era um por todos e todos por um. Luiz não apenas passou pela ESALQ, mas viveu a ESALQ e tudo o que ela oferecia aos estudantes.

Nos últimos anos fez estágio na Seção de Café do IAC; seu interesse por cafeeiros veio do contato com as fazendas da família em Cornélio Procópio e Londrina (PR). Assim que se formou, Luiz continuou o estágio no IAC e ainda em 1971 foi admitido por concurso.

No ano seguinte casou-se com Noélia Marziak Pozzi de Castro, sua querida e eterna companheira, com quem namorava havia dez anos; tiveram 4 filhos: Fernanda, Erik, Fábio e Roberta, e hoje têm 4 netos: Laís, Marcela, Lucas e Clara.

Em 1974, defendeu o Mestrado na área de cana na ESALQ. No mesmo ano foi contratado

para trabalhar como agrônomo chefe da Estação Experimental da Copersucar, em Sertãozinho, onde ficou até 1979, morando em Ribeirão Preto; período intenso, de grande aprendizado, muito relacionamento e boas amizades.

Depois, ainda na Copersucar, ocupou o cargo de coordenador de área no CTC em Piracicaba, por 2 anos. Em 1981 voltou para Ribeirão e foi para a Usina Carolo, onde trabalhou mais 2 anos. Em seguida foi superintendente da COPLAN, em Guariba; uma gestão complicada, que o fez querer alçar voos mais altos 2 anos depois.

Como nos fins de semana, administrava as fazendas da família, a partir de 1985 decidiu dedicar-se integralmente à atividade. Ousado, em 1998 resolveu fazer um plantio direto de algodão na fazenda de Itumbiara (GO), uma novidade para a época. Contudo, uma praga atingiu os mais de 200 alqueires de lavoura e Luiz perdeu sua mina de ouro. Foi um baque, exigiu muito sacrifício para transpor esse momento. Mas enfrentou com garra e superou.

Continuou arrendando terra para plantar cana até que um dia um amigo lhe propôs plantar amendoim Runner IAC Caiapó, variedade nova na época, quando só se plantava amendoim Tatu. Assim, em 1999, uniu-se a 2 amigos para plantar o amendoim; a safra foi um sucesso! A dificuldade inicial foi vendê-la, já que ninguém conhecia a variedade e não queria

arriscar; então convenceram a Santa Helena a experimentar e aí o produto deslançou.

Em 2000 fizeram a 1ª exportação brasileira do amendoim Runner. Passaram a plantar em várias terras e, mais uma vez, Luiz associou-se aos 2 amigos, agora pela CAP Agroindustrial, de Dumont, e trabalhou com amendoim até 2015. Desde então, tem arrendado terra e plantado amendoim e cana no noroeste paulista. E embora seja um agrônomo realizado, sente que ainda tem muito por fazer e nem pensa em parar, pois o sonho não acabou e nunca acabará.



O RETORNO ÀS ORIGENS, APÓS TANTA DEDICAÇÃO NO AUGE DO CRÉDITO RURAL

Agronomia não era sua 1ª opção. Luiz Sebastião Ferreira queria cursar Odontologia, mas na época do cursinho viu um prospecto da ESALQ e se interessou. Como vem de família de agricultores, entendeu que esse seria o melhor caminho, a Agronomia.

Nascido em 20 de janeiro de 1946, em Pedregulho (SP), Luiz ajudava os pais na roça – ao lado dos 7 irmãos – desde criança. Cuidava da horta, tratava das galinhas, dos porcos e até tirar leite das vacas já sabia antes mesmo de entrar na escola. Estudou a vida toda no ensino público e só se mudou para Ribeirão Preto (SP) quando foi fazer cursinho.

Mesmo depois de entrar na ESALQ, passava as férias na fazenda dos pais, trabalhando. Ah, a ESALQ! Luiz ficou deslumbrado quando viu o campus pela 1ª vez. O mesmo aconteceu com seu filho, que aos 7 anos, conheceu a Escola e disse que queria estudar ali. Mais tarde cumpriu sua promessa: hoje também é agrônomo; uma alegria para o pai.

Em Piracicaba, Luiz morou na República H-RRFA no 1º e no 5º ano do curso. Ganhou o apelido de Porquinho. Era aluno aplicado, nunca ficou de exame. Entrou na Agronomia em 152º lugar e se formou em 19º. Nas poucas horas livres, jogava futebol de salão e frequentava o CALQ, onde participou da criação da boatinha, que arrecadava verba para a formatura. Ao lado do amigo Altair Lombardi, trabalhou duro na organização das festas.

Luiz também foi um dos que participaram do boicote às aulas, exigindo mudanças no sistema de ensino, para ele, muito rígido. Relacionamento entre docentes e discentes quase não existia. Um dia os alunos se reuniram e decidiram não entrar em sala de aula. Aos poucos, o movimento foi surtindo resultado.

Durante o curso, estagiou na Oimasa, em Lençóis Paulista (SP). No último ano fez Diversificação em Fitotecnia I e estágio em São Simão (SP), na Usina Santa Clara, que o contratou assim que

ele se formou. Luiz trabalhava com mecanização e transporte.

Um ano depois, recebeu um convite do Banco Comind, em São Paulo, e assim iniciou seu trabalho com crédito rural e planejamento, área nova para a época. Dos 14 anos de atuação no banco, 10 foram em Ribeirão Preto, onde Luiz tornou-se gerente do escritório de planejamento, tendo sob seu comando cerca de 10 engenheiros agrônomos.

Foi o auge do crédito rural. O Governo Federal lançou uma série de programas que ajudaram a abrir as fazendas no Centro-Oeste do país. O trabalho era de ponta a ponta; o engenheiro agrônomo visita as propriedades rurais, fazia o levantamento dos recursos naturais e elaborava projetos de exploração, que eram entregues ao Banco com a sinalização da liberação da verba e dos vencimentos.

Luiz viajou muito. Conheceu vários estados, como Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Bahia, Minas Gerais, Goiás, enfim. O planejamento encampava agricultura – envolvendo plantio de café, soja, milho – e pecuária, especialmente no Mato Grosso.

Enquanto estava no Comind conheceu a Regina, com quem se casou em 1975. Foi aí que se mudou para Ribeirão Preto, onde nasceram os 3 filhos: Thaísa Helena, Fernanda Helena – mãe de Túlio e de Stéfano – e Luís Renato, pai da Maria Luísa.

Em 1985, a burocracia da função que exercia o fez pedir demissão e trabalhar por conta própria. Foi cuidar das plantações de café no sítio da família, em Pedregulho, enquanto prestava assessoria para fazendas da região.

Aposentou-se no início da década de 2000, mas trabalhou ainda por muitos anos. Luiz sente que cumpriu sua missão na profissão; na vida pessoal, comemora o fato de ter possibilitado que os filhos estudassem e se alegra com a presença dos netos, os “filhos com açúcar”. A alegria se completa com a A70, uma grande família formada a partir da intensa convivência nos 5 anos de ESALQ.



AS MARCAS DA EMOÇÃO PARA ENTRAR NA ESALQ E UMA CARREIRA DE SUCESSO

Marcelo Franco Patrão aportou em Piracicaba em 1965 para estudar no Colégio Piracicabano. Assim que chegou, morou em uma pensão na Rua Governador Pedro de Toledo, próximo à Estação da Paulista. Lá conheceu José Garcia Gasques, que fazia cursinho pré-vestibular para entrar na ESALQ. Então, Marcelo animou-se e decidiu matricular-se no cursinho no período da noite, conciliando os estudos com o colegial, que realizava à tarde.

Uma vida dura, sem mordomias, de muito estudo e pouca diversão. O resultado não poderia ser outro: foi aprovado no vestibular. Como era véspera de Carnaval, deixou uma procuração com um aluno da ESALQ para fazer sua matrícula. Entretanto, tão logo chegou à casa dos pais em sua cidade natal, Ituiutaba (MG), recebeu um telegrama solicitando sua presença urgente em Piracicaba; caso contrário, perderia a matrícula.

Com receio de que o filho perdesse a oportunidade conquistada depois de tanta dedicação, o pai de Marcelo, Renato Lansac Patrão, fretou um avião para garantir a chegada do filho a tempo em Piracicaba. O piloto era muito hábil, contudo, ao chegarem em Piracicaba levaram um susto: o aeroporto estava interditado para ser asfaltado.

Desceram com muita dificuldade e o engenheiro responsável pela obra queria prender o avião. Enquanto o piloto resolvia a questão, Marcelo correu para a ESALQ. Qual não foi sua surpresa, quando soube que sua matrícula havia sido feita com êxito! Ficou estupefato!

Ao certificar-se que estava tudo certo, foi tomado por um misto de alegria – por estar matriculado – e indignação com a pessoa que tinha feito ele se deslocar até Piracicaba.

No início das aulas, o colega José Garcia o convidou para morar na República Sputnik, que ficava na Rua Prudente de Moraes. Posteriormente, uniram-se a eles os amigos Décio Barbosa e Abrão Grade.

Durante o trote foi apelidado de Vitamina porque era muito magro e o pai, médico, o enchia de vitaminas. Hoje acha graça ao se lembrar da história.

Embora o pai tivesse posses, era linha dura e exigia que o filho aprendesse a se virar apenas com o suficiente. Marcelo ia para a Escola de ônibus, de bonde ou de carona com o amigo Jamanta, que tinha uma Rural Willis toda vistosa e chique para a época.

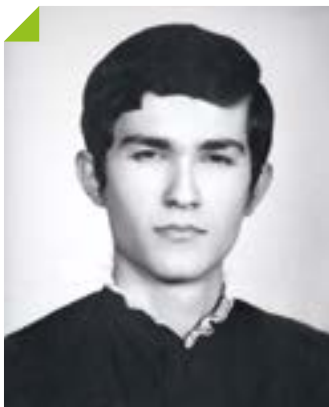
Foi um período intenso e sem regalias, que ele enfrentou com coragem e alegria, afinal a convivência na ESALQ era muito boa. E Marcelo alimentava os belos sonhos da juventude.

Finalmente, o ano da formatura havia chegado. Marcelo fez diversificação em Zootecnia. Embora tenha realizado o curso de didática na ESALQ para preparar os estudantes para dar aulas nas Escolas Técnicas Agrícolas do estado, optou por voltar para sua cidade natal e ajudar o pai nas fazendas.

Além disso, dava aulas em diversas escolas. E com a criação das primeiras escolas de ensino superior em Ituiutaba, no início da década de 1970, passou a dar aulas também no Curso de Ciências Biológicas.

No final de 1971 iniciou o trabalho de avaliador do Banco do Brasil. Em 1975 fundou, junto com outros sócios, a Planecon – Planejamentos Ltda, que atuava na área de projetos e assistência rural. Com o crescimento dos negócios, que teve seu auge em 1981 com 15 filiais nos estados de MG, GO, DF, MT e MA, a Planecon empregou mais de 60 funcionários. Então, Marcelo deixou as demais atividades para se dedicar à empresa.

Casou-se em 1975 e teve dois filhos: Tais e Bruno. Continuou na Planecon até 1998. Marcelo também era sócio da Agropecuária REMA, que tinha esse nome em homenagem aos pais – Renato e Maria Franco Patrão. Em 2008, ele e o irmão adquiriram a parte dos pais na Agropecuária REMA e, mais tarde, decidiram encerrar a empresa. Hoje, Marcelo cria, recria e engorda bovinos de corte da raça Nelore na fazenda que herdou dos pais.



AS PASSAGENS PELA SILVICULTURA E PELO SEGURO AGRÍCOLA

Marcelo Gnaspini Monteiro morava em Rio Claro (SP) quando decidiu cursar Agronomia na ESALQ. A proximidade com a cidade onde residia e a conhecida qualidade do ensino na USP foram cruciais para a decisão, da qual sente orgulho até hoje.

Nascido em Tupã (SP) no dia 11 de agosto de 1946, Marcelo optou por uma carreira bem diferente da que seu pai, Ciro Monteiro, seguiu. Ele era farmacêutico; mas apoiou a decisão do filho. A mãe, Irma Gnaspini Monteiro, era quem carinhosamente cuidava da prole enquanto o pai trabalhava.

Estudar em escola pública era um bom caminho a ser trilhado na época; e conhecido por Marcelo, que fez o Científico no Instituto Educacional “Joaquim Ribeiro”. Após se decidir pelo curso de Agronomia da ESALQ, passou pelo célebre cursinho pré-vestibular do professor Torigoi e entrou para a A70.

Em Piracicaba morou na República Fofoca, localizada, inicialmente, na Rua Prudente de Moraes, e depois na Rua Benjamin Constant, lembra-se bem. O Centro da cidade tinha várias atividades de interesse dos estudantes na década de 1960, muitas promovidas pelo CALQ.

Estudioso e assíduo nas aulas, Marcelo demonstrou afinidade com a área de Silvicultura desde o início do curso. Fez estágio na Cadeira de Silvicultura, atual Departamento de Ciências Florestais, área pela qual se encantou. O convívio com os professores Helládio do Amaral Mello, Walter Suiter Filho e João Walter Simões foi marcante. Também fez estágio em Guaíba (RS), na empresa norueguesa Borregaard, especializada em celulose e papel.

Ainda durante o curso, participou do Projeto Rondon com alunos de diversas áreas; viajou com estudantes de Medicina, Odontologia, Assistência Social, Economia e Agronomia. Foram para Serra Talhada (PE). Teve acesso a uma nova realidade e aprendeu muito com a experiência. A Diversificação, claro, foi em Silvicultura.

Depois de tantas vivências na área, em janeiro de 1971 foi trabalhar na Itapeva Florestal, empresa de reflorestamento localizada no município homônimo, no sul do estado de São Paulo.

Dois anos depois, mudou de empresa, mas se manteve na cidade e na mesma área de atuação; foi para a Agropeva Florestal, onde ficou por um ano. A maior dificuldade nessa fase inicial da carreira era estabelecer uma comunicação mais efetiva e rentável com os produtores e empregados. Marcelo era o responsável pelos viveiros de mudas das empresas e pelas áreas de transporte e maquinários.

Ficou na empresa até 1974, quando foi trabalhar no Instituto Florestal, órgão da Secretaria Estadual do Meio Ambiente. Atuou no Horto Florestal, na zona norte da capital paulista durante um ano.

Em 1975 mudou de área e foi para a COESP, onde também trabalhou o amigo da A70 Antonio Carlos Furlan Gimenes, o Xinelo. Empresa de economia mista, a COESP atuava fundamentalmente na área de seguro agrícola. Marcelo foi designado para o setor de sinistro rural, onde permaneceu até 1994.

Depois ainda passou pela CATI e, em seguida, foi para a Seguradora Aliança do Brasil, onde ficou até se aposentar, em 2007.

Casou-se com Regina Lúcia Vargas, cirurgiã dentista formada em Piracicaba, onde se conheceram e tiveram duas filhas: Mariana e Ana Luiza. A primogênita já lhe deu a alegria de ser avô; para ele

é sempre muito bom estar com os netos Rafael e Gabriela.

Marcelo guarda boas lembranças do período de ESALQ. No início da carreira, tinha a alegria de encontrar os amigos da A70 Marly Teresinha Pereira e Luiz Arnaldo Gatti Bergamin, que lecionavam no Colégio Técnico Agrícola de Itapeva. Também se lembra com carinho da vivência com tantos colegas, entre eles Marcelo Franco Patrão, Marcílio Nogueira do Amaral Gurgel e Altair Lombardi.

Atualmente, Marcelo Gnaspini Monteiro vive em São Paulo próximo das filhas.



PENSAR “FORA DA CAIXA” LEVA AGRÔNOMO AO DESENVOLVIMENTO DE USINAS E PATENTES

Marcilio Nogueira do Amaral Gurgel nasceu em 29 de outubro de 1946, em Piracicaba, ou melhor, na ESALQ. Isso porque seu pai, José Theóphilo do Amaral Gurgel, era professor de Genética, e os professores moravam na Escola. O campus era extensão da sua casa. Adorava nadar nos rios, pescar e caçar; e tinha até uma cabana na mata, enfim, respirava ESALQ.

Apesar de todo o envolvimento, queria prestar Engenharia Civil, mas os pais foram contra, então, fez ESALQ. O exemplo que tinha em casa era de dedicação: o pai renomado cientista, por ser cristão, se dedicava muito ao próximo; a mãe, Yolanda Nogueira do Amaral Gurgel, era devotada à família; disciplinadora, garantiu a educação dos 7 filhos. Foi com eles que Marcilio aprendeu valores como fé, caridade e humildade.

Naturalmente, aquele ambiente de P&D no qual foi criado o influenciou e, mais tarde, o conquistou. Marcilio era aluno aplicado; fora treinado a “pensar fora da caixa”. No 2º ano da Agronomia, fundou um cursinho de Madureza em Rio Claro, no período noturno, e depois o expandiu para Piracicaba. Foi um trabalho hercúleo, mas que o ensinou a não ter medo de nada. Só preservava os momentos de estudo e esportes. Integrou a equipe de Hipismo, Natação e Atletismo da ESALQ.

Quando se formou, deixou o cursinho e foi atuar como agrônomo no Colégio Técnico Agrícola. Passou por 3 cidades em um ano e meio, depois pediu exoneração. Em 1972 ingressou na Copersucar, onde teve carreira crescente; iniciou na área de estatística e análise experimental na sede em São Paulo, e depois assumiu o cargo de coordenador das Estações Experimentais de Piracicaba, Assis, Jaú e Sertãozinho.

Foi o 1º gestor do CTC em Piracicaba, atuando desde a construção até a ampliação do prédio. Determinado, enfrentou duros desafios para concluir o projeto, trabalhando até nas madrugadas. Mais tarde, assumiu a chefia da Divisão

Agronômica.

Em 1973 casou-se com Maria Rachel Xavier de Moraes, e tiveram 3 filhos: Cristiano, Isabella e Felipe; hoje têm 5 netos: Mateus, Gabriela, João Pedro, Lucas e Davi.

Após fazer Mestrado em Solos e Nutrição de Plantas (1976) na ESALQ e especialização em Administração Rural na FGV, Marcilio assumiu a Diretoria Agrícola da Usina Barbacena, em Pontal (SP). Dois anos depois foi convidado para a Diretoria Agrícola da Usina Nossa Senhora Aparecida (Grupo Virgolino Oliveira), em Itapira (SP), onde ficou até 1988.

Nesse período, atuou no importante Projeto contra Fome na Fazenda Ermida, em Jundiá (SP). Baseado na integração de culturas, criação de gado e biomassa, a iniciativa produzia alimentos mais baratos e chegou a fornecer 4,5 mil merendas escolares por dia. O projeto foi um sucesso!

Em 1989, foi trabalhar em Juara (MT), numa época em que não havia sequer telefonia; montou uma concessionária de tratores da CBT e também se dedicou à extração autossustentável de madeiras. Enfrentar desafios era sua especialidade e logo adquiriu uma serraria na cidade; depois ampliou os negócios para Campinas (SP). Na mesma época iniciou atividades de cria, recria e engorda de bovinos e búfalos no MT, mudando-se para lá. Mais tarde, decidiu retornar às atividades de P&D.

Em 2008 passou a dar consultoria na Dedini S/A, paralelamente ao Doutorado na UNICAMP, com foco em resíduos agroindustriais. Depois, foi convidado para integrar a Diretoria da Bio – Equipamentos e Plantas, onde atua até o momento como engenheiro de projetos industriais na área de P&D.

E nessa de “pensar fora da caixa”, Marcilio participou do planejamento, implantação e supervisão de 75 usinas e destilarias de açúcar e etanol de cana e milho no Brasil e no exterior, e é autor de várias patentes de equipamentos e processos para o setor sucroalcooleiro energético.



INTERESSE PELA ECONOMIA RURAL EM VÁRIAS FASES DA VIDA E A PRAZEROSA ATUAÇÃO NO LITORAL

Marcio Alberto de Moraes nasceu em 2 de maio de 1946 em Ibirá (SP), cursou o Ginásio e parte do Científico em São Caetano do Sul, fez o 3º Científico na UFRRJ e a graduação em Piracicaba; também já morou em Jacareí, São Paulo e Iguape (SP), terra que escolheu para viver, trabalhar e cultivar.

Ainda menino, adorava passar as férias no sítio da avó, em Potirendaba. Lá tinha de tudo: produção de leite, café, cana para cachaça artesanal e pescaria no rio Cubatão. Dos 10 irmãos, foi o único a escolher Agronomia.

Decidiu cursar o 3º Científico na UFRRJ, no Km 47 da antiga Rio-São Paulo, onde também faria um cursinho preparatório para a universidade, contudo, optou pela ESALQ por ser renomada e para ficar mais perto da família. Levou consigo os ensinamentos de seus pais, Mario Cravo de Moraes, farmacêutico, exemplo de honestidade; e Maria Del Fávero, professora, dedicada à família e exigente com o estudo dos filhos.

Marcio entrou na Escola em 1965 após passar em 2º lugar no vestibular; ganhou o apelido de Banana e morou na Casa do Estudante. Fez estágio em Fitopatologia e, pela CESP, participou de um levantamento cadastral de imóveis rurais em Três Lagoas (MS), em função da barragem que seria feita em Ilha Solteira. Aquele foi seu 1º contato com Economia Rural.

A partir do 3º ano, passou a integrar um projeto de Educação de Adultos, pelo Sistema Paulo Freire e, então, se envolveu com o movimento clandestino Ação Popular. Foi designado, juntamente com Luís H. Perez, da A70, para um trabalho no Rio de Janeiro, e durante uma manifestação, acabou sendo preso, aguardando durante 5 meses o julgamento, quando foi absolvido. Foi um período de muita insegurança pela violência da repressão da ditadura militar, superado com apoio da família e de amigos de última hora.

Decidiu retornar à ESALQ, integrando, então, a A70; reviu amigos com os quais já tinha con-

tato e fez novas amizades. Sentia-se feliz por estar de volta. Assim que se formou, se engajou na implantação da ETEC de Iguape, que escolheu por ter área rural e mar. Encantou-se tanto com o local que decidiu comprar um sítio ali, parte com irmãos e parte com o amigo da A70, Ednael Garcia. Mais tarde adquiriu a parte deles.

Em Iguape conheceu Dayse Maria Cardoso, professora de Jacareí, que lá tinha ido trabalhar. Casaram-se e tiveram 3 filhos: Ana Cristina, Marcio Junior e Fabio, e hoje têm uma neta.

Marcio trabalhou em reflorestamentos incentivados com palmeira Jussara nas empresas Agroeste, InvestPlanema e Cica; ficou 3 anos na área e então abriu empresa para oferecer serviços de topografia. Uma fase de muitos desafios, já que os recursos financeiros eram bem instáveis. Ficou em Iguape até 1985.

No ano seguinte foi trabalhar na ETEC de Jacareí, cidade onde a família residia. Embora a escola de Jacareí fosse muito bem estruturada, Marcio não perdeu sua sintonia com Iguape e em 1992, quando soube de uma vaga de professor na ETEC, decidiu retornar.

No início, foi auxiliar da Diretoria e depois professor. Em 1999, saiu da escola e passou a realizar trabalhos de topografia e atividades no próprio sítio. No fim do ano 2000, a Fundação ITESP, que presta assistência para assentamentos rurais e regularização fundiária junto à PGE, abriu con-

curso e Marcio decidiu prestar. Trabalhou com regularização fundiária de 2001 a 2012, em São Paulo. Em 2012, conseguiu transferência para a regional de Pariquera-Açu, cidade vizinha de Iguape.

Atualmente, além do trabalho na Fundação, Marcio passa boa parte do tempo em seu sítio, onde cultiva palmeira pupunha e cria búfalos. No período da noite, em dias da semana, dedica-se aos estudos da Doutrina Espírita, que o lembra diariamente de suas responsabilidades para com o próximo.



A DIFERENÇA DO CALCÁRIO NO CAFÉ ATESTADA NA PRÁTICA; O AMOR À FAMÍLIA E À ESALQ

Márcio Fonseca Reis nasceu em 27 de novembro de 1943, em Cajuru (SP). Optou por estudar na ESALQ inspirado pelo agrônomo da Casa da Agricultura do município, Dr. Nemésio José Sírio. O pai de um amigo também era agrônomo e impulsionou a aspiração.

A ideia solidificou-se quando Márcio foi à Escola pela 1ª vez com seu pai, Joaquim Antonio dos Reis Filho. Ficou encantado. Ao ver a empolgação do filho, o pai até desistiu de incentivá-lo à carreira militar e o apoiou. Foi com ele e com a mãe, Lólia da Fonseca Palma Reis, que Márcio aprendeu a maior lição da vida: o amor à família.

Mudou-se para Piracicaba com mais 3 amigos para fazer cursinho. Só ele passou. Mas o apelido de menino ficou: Xuxu. Morou na República H-RRAFA com amigos da ESALQ, onde aprendeu a arte da boa convivência. Construiu amizades que perduram até hoje. Jogava futebol de salão, mas seu forte era natação. Sempre gostou.

Antes mesmo da formatura, já estava empregado na COPAS, onde dava assistência técnica a agricultores de 20 municípios do Sul de Minas. Ficou um ano na empresa, mas viajava muito e queria se casar. Então, prestou concurso na CATI e se tornou o chefe da Casa de Agricultura de Guaira.

Em 1972 casou-se com Daura Eliane Martins Fonseca Reis, a quem conheceu no 4º ano da ESALQ. Tiveram quatro filhos: Vinícius, médico formado pela USP e duas vezes vice-campeão paulista de natação, Maurício, bacharel pela Faculdade de Direito da USP, Camila, nutricionista pela UNIFENAS, e Fernando, engenheiro agrônomo formado pela ESALQ, para a alegria do pai.

Márcio ficou 2 anos em Guaira e pediu transferência para Mococa. Tempos depois, abriu uma vaga em Altinópolis, terra de sua mãe, e ele nem pestanejou: pediu nova transferência e lá assumiu a chefia da Casa da Agricultura.

Foram 34 anos de serviço público, indo a campo, orientando e desempenhando trabalhos de

assistência técnica e extensão rural. No início enfrentou dificuldades porque os agricultores gostavam muito do agrônomo anterior e o desafiavam. Mas Márcio é persistente e com jeito foi conquistando seu espaço.

O reforço à sua permanência veio com a atuação junto ao Plano de Renovação Cafeeira, que oferecia ótimo financiamento, o que levou Altinópolis a ser o segundo município em número de cafeeiros do estado, chegando ao primeiro lugar mais tarde.

Naquela época, quem não tinha terra boa plantou no cerrado, baseado no conceito de que café não precisava de calcário; era o que se via nas estações experimentais da CATI. Contudo, todas as estações eram instaladas em terra fértil. Foi quando houve a introdução do Café Catuaí na região e muitos começaram a desconfiar da variedade.

Márcio foi a Campinas conversar com o seu criador, Dr. Alcides Carvalho, agrônomo formado pela ESALQ, renomado pesquisador de café, que garantiu a qualidade do Catuaí.

Então, na volta, Márcio se propôs um grande desafio: comprovar que, diferentemente do que se pensava, o cultivo do café exigia calcário. Começou aplicando o mineral em alguns pés em diversas propriedades; logo o resultado apareceu. Com a produtividade aumentando, os agricultores aderiram à prática. A importância do uso do calcário foi comprovada mais tarde pela esta-

ção experimental do IBC, em Varginha (MG).

Márcio encontrou-se na profissão e na cidade. É fundador da Loja Maçônica de Altinópolis, foi presidente do Rotary Club e ainda participou ativamente da fundação da APAE no município.

Atualmente, aproveita a vida ao lado da família e a alegria de ser avô de sete netos: Heitor, Helena, Guilherme, Mariana, Antônio, Marina e Felipe. Da ESALQ carrega só boas lembranças que motivaram a criação de uma filosofia: “Tudo passa nesta vida, ilusões, felicidade, mas essa ESALQ querida deixa um mundo de saudade”.



DA VALORIZAÇÃO DAS FLORESTAS À ATUAÇÃO COMO CONSULTOR EM MEIO AMBIENTE

De descendência italiana, Marcos Zanaga Trapé nasceu em São Paulo, em 19 de outubro de 1947. Apesar da urbanidade da capital paulista, sempre teve contato com a terra, porque seu avô materno tinha fazendas em Americana, com gado de leite e plantação de eucalipto.

Também era da família a fábrica de adubos Zanaga, administrada por seu tio, agrônomo formado pela ESALQ. E embora seus 3 irmãos tenham seguido a profissão do pai e se enveredado pela Medicina, Marcos optou por Agronomia.

Foi um dos fundadores da república Pau Doce, com amigos da A70 que tinham forte preocupação com a questão social. Trazia isso do pai, médico psiquiatra, que fazia atendimento voluntário aos empregados das fazendas de parentes. Marcos também frequentava o CALQ, lugar de eferescência política, onde os colegas pensavam e atuavam de forma similar. Viveu intensamente o período de estudante.

No movimento estudantil estadual e nacional participou de reuniões, congressos e embates contra o regime militar, dos quais merece ser destacado o Congresso da UNE em Ibiúna, em outubro de 1968, quando foi preso juntamente com outros 2 colegas da ESALQ, Mauricio e Vitavena. Essas prisões acenderam a chama dos protestos dos estudantes em Piracicaba, conforme registrou seu amigo Drepo, em “As prisões de Ibiúna”.

Marcos começou sua trajetória profissional em uma empresa privada, a Rações Anhanguera, onde era responsável pela logística de suprimentos das fábricas. Os principais ingredientes das rações eram milho e farelo de soja; para se balizar, estudava o mercado internacional, tendo ido para os EUA conhecer a Bolsa de Mercadorias de Chicago, onde fez estágio frequentando o pregão da bolsa com orientação de um corretor habilitado. Na volta, criou uma logística para que a empresa pudesse comprar direto dos produtores, valorizando-os e barateando os custos do negócio.

Em 1976, comprou terras em Três Lagoas (MS) com os irmãos e deixou a empresa para formar a fazenda da família. Dedicou-se, principalmente, à pecuária de corte. Quatro anos depois, casou-se com Dosinda Carballal Rodrigues e se mudou para o novo estado. Tiveram 3 filhos: Roberto, Guilherme e Luiza; o primogênito também é agrônomo formado pela ESALQ (2006); Guilherme é advogado e a caçula, arquiteta. Marcos tem 4 netos.

Ficou na fazenda até 1988, quando voltou com a família para Campinas, onde mora atualmente.

Foi trabalhar na CETESB, em São Paulo; foi um grande desafio lidar com questões públicas, já que podem se alterar muito dependendo do governo que as assume. Mas sempre manteve o foco em iniciativas transparentes, que trouxessem benefícios à sociedade e integrassem o produtor rural.

Inicialmente foi cedido para a Fundação Florestal, onde era responsável por promover projetos que garantissem sustentabilidade aos hortos florestais do estado. Organizou planos de manejo individuais para os hortos, o que gerou melhoria das florestas anteriormente existentes, estimulou novos projetos de pesquisas aplicadas e promoveu um projeto para construir casas de madeira para a Polícia Florestal (atual Polícia Ambiental) e DEPRN. Também é dessa época seu projeto apresentado ao DER para arborização de estradas quando as pistas da rodovia Washington Luiz foram



duplicadas.

Em 1995 desenvolveu proposta na SMA, concretizada na Lei nº 10.780, que possibilitou que os recursos gerados pela reposição florestal pudessem ser gerenciados pelo estado. Em 2003 foi para a CETESB e passou a exercer atividades-fim da companhia, atuando em fiscalização e licenciamento ambiental em Piracicaba e Americana, cidade onde trabalhou até 2014. No ano seguinte, aposentou-se e hoje atua como consultor na área de meio ambiente, licenciamento, perícia ambiental, laudos etc.

OS ENFRENTAMENTOS NECESSÁRIOS PARA CRIAR AS OPORTUNIDADES NA CARREIRA DE PESQUISADORA

Maria Luiza Carvalho Carelli gostava muito de Biologia, mas não queria ser professora, procurava um meio de poder aplicar o conhecimento; então, sua irmã, que estudava Odontologia em Piracicaba, incentivou-a a cursar Agronomia. Maria Luiza aceitou, mas só fez o vestibular porque seu cunhado foi buscá-la na praia, 2 dias antes da 1ª prova. Situação um tanto inusitada, já que ela sempre foi muito atenta a seus compromissos. E mesmo sem se preparar tanto, passou. Talvez, porque estivesse escrito nas estrelas.

Nascida em 11 de março de 1947, em Rio Claro (SP), tinha só 18 anos quando começou o curso. Em Piracicaba morou com sua irmã e, posteriormente, com sua colega de turma Vera Lúcia; ganhou o apelido de Lulu. Foi um início difícil, longe da família, mas aos poucos foi se ambientando e aprendendo a lidar com cada situação. Fez Diversificação em Silvicultura e estágio no Departamento de Genética da ESALQ e na Seção de Fisiologia do IAC, área com a qual se encantou.

O período de estudos na Escola foi uma época significativa que proporcionou acentuada mudança em sua vida, com relevante aprimoramento pessoal e intelectual. Dedicou-se muito aos estudos e nos últimos anos passou a frequentar o TULQ, o que lhe trouxe maior interação com os colegas.

Assim que se formou, foi contratada para o ensino agrícola, mas pediu demissão antes de assumir, afinal, não queria ser professora. Seguiu em busca de seu sonho; prestou concurso no IAC e foi designada para a seção de Fisiologia, onde ficou durante 35 anos, até se aposentar como pesquisadora científica VI.

Fez Mestrado em Solos e Nutrição de Plantas na ESALQ (1979) sob a orientação do professor Dr. Antônio Celso Novaes de Magalhães. Pesquisou a partição da atividade da redutase de nitrato durante o desenvolvimento de plântulas de soja, usando inibidores de síntese de proteína e

de RNA; foi o seu 1º artigo científico publicado no exterior.

Já o Doutorado foi em Biologia Vegetal na UNICAMP (1987), com o mesmo orientador; estudou a assimilação de nitrato durante o desenvolvimento inicial e no estágio reprodutivo de café, planta que a fascinou desde o 1º instante. Foi um grande desafio porque a literatura sobre a fisiologia do cafeeiro era bem escassa, com poucos dados disponíveis. Seus trabalhos forneceram informações inéditas que ampliaram o conhecimento da fisiologia dessa planta.

No IAC atuou ainda em pesquisas com outras espécies de plantas, o que lhe trouxe muita satisfação. Participou de inúmeros Congressos no Brasil e no exterior, publicou mais de 40 trabalhos em periódicos científicos, escreveu textos em jornais e revistas técnicas e resumos em Anais de Congresso, além de ser coautora da publicação do IAC “Café arábica: cultura e técnicas de produção”.

Ao longo da carreira, enfrentou vários desafios, entre eles a resistência ao fato de ser mulher naquela atuação e a redução gradual de verbas nas pesquisas; ambas lhe exigiram esforço redobrado. Mas ela sabia que era capaz e que estava no lugar certo. Além disso, gostava da liberdade que tinha para escolher a área da pesquisa e de não ter rotina no trabalho, porque cada nova etapa trazia consigo uma demanda diferente.

E era preciso gostar, porque o esforço foi grande desde o início. Na época do concurso, tentou retirar livros para estudar, mas não conseguiu, então, pegava o trem às 6h em Rio Claro, descia na estação em Campinas (SP), ia a pé para o IAC, estudava o dia todo e chegava em casa às 20 h. No dia seguinte o mesmo ritual. O esforço era grande.

Desta forma, criou todas as oportunidades em sua vida. E valeu a pena. A ESALQ foi sua estrela-guia; preparou-a psicologicamente para enfrentar os desafios da vida e, tecnicamente, para vencer em sua profissão.



O AMOR PELA ESALQ E UMA VIDA DEDICADA AO ENSINO E À PESQUISA

Filha única do esalqueano Francisco de Sales Oetterer (A42), Marília Oetterer cresceu ouvindo falar da ESALQ e a amava antes mesmo de conhecê-la. Nascida em São José do Rio Preto (SP), acompanhava o pai nas visitas às fazendas, observando de perto o trabalho dele, agrônomo extensionista e diretor da DIRA.

Sua decisão pela Agronomia teve também grande participação e estímulo de sua mãe, a professora Guiomar Ramos Oetterer, exigente com os estudos. Marília viveu num lar feliz, com uma família que pensava à frente, o que tornou sua decisão de cursar Agronomia muito natural, embora a área fosse considerada reduto masculino.

Chegou à ESALQ pelas mãos de seu pai que, orgulhoso, mostrou-lhe sua bela escola agrícola. Ambos ficaram sentados na escadaria da “Chimica”, entre as luminárias redondas, esperando o bonde chegar, cena que ficaria marcada para sempre em sua memória.

Em Piracicaba, após morar em pensionatos, montou república feminina com outras esalqueanas, fato raro na época. Ansiava por autonomia, buscando a mesma liberdade que tinha em Rio Preto, cidade cosmopolita, diferente da provinciana Piracicaba, onde o jardim fechava às 21h com o apito do guarda noturno. Manteve sua dedicação aos estudos e fez muitos estágios, como no IAC, em departamentos da ESALQ e optou pelo de Tecnologia Rural, hoje Departamento de Agroindústrias, onde conviveu com o professor Urgel de Almeida Lima (A51), seu querido mestre, tutor, “eterno orientador” e amigo até hoje.

No 5º ano casou-se com José Arthur de Andrade (A68), filho do esalqueano José de Andrade Sobrinho (A35); namoraram desde a época do cursinho quando José Arthur foi seu professor, o Mestrão. Tiveram 2 filhas: a primogênita, Taís, é esalqueana (A96), e Lila é empresária e mãe de Laís, única netinha.

Ainda no 5º ano, Marília iniciou sua carreira de

cientista, como bolsista da FAPESP. Fez Mestrado e Doutorado em Ciências dos Alimentos, pela Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP, em São Paulo. Em 1978 iniciou a sua profissão de docente na ESALQ colaborando com várias aulas e projetos do professor Urgel, seu grande incentivador.

Nas décadas seguintes, instituiu e assumiu novas disciplinas para o curso de Agronomia, orientou mais de uma centena de estagiários, mestres e doutores e promoveu inúmeras visitas ao setor produtivo industrial de alimentos, com alunos que

optaram por aquela área. Até hoje encontra ex-alunos que comentam sobre aquela época; ficou marcada como muito produtiva e inusitada, devido às inúmeras viagens ao Guarujá (SP) e ao CEAGESP – setor de pescado com saídas à meia noite e retornos pela manhã.

Fez Pós-Doutorado no Canadá, no Instituto Freshwater, e nos EUA, na Universidade da Geórgia. Palestrou em congressos nacionais em todos os estados e internacionais como membro do IFT, na Escócia, Singapura e EUA divulgando projetos do CNPq, da FAPESP e da FINEP. Foi diretora de publicações da sbCTA em 3 gestões.

A partir do ano de 2000, coordenou o novo curso de Ciência dos Alimentos da ESALQ por 3 mandatos; coordenou a PG em Ciência e Tecnologia de Alimentos e foi chefe do LAN, ambos por 2 gestões. Em 2003 tornou-se Professora Titular da ESALQ-USP, onde permaneceu até 2017.

Há mais um esalqueano querido na família, Carlos Eduardo Garcia, seu ex-aluno de Pós-graduação e hoje seu marido.

Foram 52 anos percorrendo “aquelas ruas, com suas calçadas nuas, correndo paralelamente, como a sorte diferente de toda a gente, para a frente, para o infinito...”, como no poema de Guilherme de Almeida, “contemplando as acácias amarelas, singelas, todas elas belas, debruçadas como namoradas para as calçadas...” um lugar que, para Marília, rima com mocidade, liberdade, tranquilidade e felicidade!



O ENSINO E A EXTENSÃO RURAL: UMA VIDA DEDICADA À DEFESA DA AGRICULTURA FAMILIAR

Marly Teresinha Pereira se considera filha da ESALQ pois, quando nasceu, em 30 de outubro de 1944, seu pai, Adherval Pereira, cursava o 2º ano de Agronomia. Sempre admirou a atuação dele como extensionista nas Casas da Lavoura em vários municípios paulistas. Ainda jovem, optou pelo Científico rompendo o costume de que as mulheres deveriam cursar o Clássico ou o Normal.

Chegou a estudar Psicologia Clínica durante um ano, em Ribeirão Preto, porém em 1965 decidiu prestar vestibular para Agronomia, na ESALQ. Assim, tornou-se uma das maiores especialistas do país em extensão rural e defensora ferrenha da agricultura familiar.

Seu apelido – Saravá – foi escolhido por veteranos da República Saravá, que gostaram dela porque não reclamava do trote. Marly participou intensamente da vida estudantil no CALQ, onde foi diretora do Departamento Feminino e do Departamento de Campanhas; lutou pela conclusão da piscina da ESALQ e foi a 1ª a ser jogada na água em sua inauguração. Também participava do TULQ.

Em 1971, aprovada como professora do CTA de Itapeva (SP), acabou assumindo a direção pela desistência do diretor, enfrentando muitas dificuldades, já que a infraestrutura local era incipiente. Então, adiou o início das aulas e buscou soluções: tomou emprestado colchões no Tiro de Guerra para acomodar os alunos no alojamento, ainda em obras, fez campanha para doação de alimentos pelo comércio e de leite pelos produtores rurais para a merenda. E além de professora e diretora, passou a ser cozinheira, auxiliada pelos alunos.

No final de 1972 casou-se e desligou-se do Ensino Agrícola. Teve 2 filhas, suas grandes companheiras: Renata, professora de Educação Física, e Cláudia, psicóloga, mãe de Lana, biomédica.

Mais tarde, Marly voltou à ativa como chefe da Estação Experimental de Batatais. No entanto, seu desejo era atuar na área de extensão rural,

então, decidiu ir atrás de seu sonho e foi aprovada em 1º lugar no concurso da CATI para atuar no DEXTRU. Convidada pelo MAPA, assumiu a gerência estadual da Extensão Pesqueira no estado de São Paulo, implementou programas de apoio aos pescadores artesanais e foi eleita Madrinha dos Pescadores Artesanais e Armadores de Pesca do estado.

Em 1982, retornou à CATI e pediu transferência para a Casa da Agricultura de Piracicaba, sendo nomeada chefe. Nesse período, coordenou o PAM, em ação conjunta entre ESALQ, Prefeitura Municipal, COPLACANA e comunidade rural. Destaca-se a criação da primeira escola rural de 1ª a 7ª série no Brasil, no bairro do Serrote.

Em 1985 tornou-se professora do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ, onde cursou o Mestrado em Economia Agrária (1990). É Doutora em Estudo das Sociedades Latino-Americanas pela Universidad AR-CIS - Artes y Ciencias Sociales, do Chile, orientada por Jacques Chonchol, professor da Sorbonne Nouvelle Paris III.

Na administração pública, foi Secretária de Meio Ambiente e por 2 vezes Secretária de Agricultura em Piracicaba. De 2007 a 2010, assumiu a Secretaria Executiva Estadual do PRONAF, coordenando a reformulação do CEDAF.

Enfim, em toda sua vida profissional portou a bandeira do apoio aos agricultores familiares. Com

seu jeito impetuoso, deixou marcas por onde passou; uma delas, da qual se orgulha, foi a criação da Casa do Produtor Rural na ESALQ, projeto com parceria do SEBRAE, FETAESP, Prefeitura de Piracicaba, FEALQ e UNIATA Central.

Aposentada em 2015, continua como Professora Sênior na ESALQ. É secretária executiva técnica da OSCIP Pira 21, coordenando a dimensão rural no Planejamento Estratégico de Piracicaba, e representando a mesma no Conselho da Cidade e no Conselho de Regulação Social do SEMAE. Enfim, onde se fala em agricultura familiar, lá está Marly.



O ENCONTRO COM A AGRONOMIA E COM O ENSINO AGRÍCOLA QUE NORTEOU SUA VIDA

Ainda menino, em Tapiratiba (SP), sua terra natal, Michel Bitar nem sonhava que seria engenheiro agrônomo um dia. Caçula de 4 irmãos, foi o único que seguiu esse caminho. Seu pai, Calixto Abrão Bittar, tinha um conhecido comércio no município, mas decidiu renunciar ao negócio e começar do zero em São João da Boa Vista para que os filhos tivessem melhores oportunidades de estudo. E foi na nova cidade que Michel ouviu falar pela 1ª vez da ESALQ.

Nascido em 5 de dezembro de 1945, Michel ainda buscava uma profissão quando decidiu visitar a Escola com o amigo Ariovaldo Roque Quintana; foi amor à primeira vista! Sua dúvida sobre qual curso escolher foi logo resolvida. Do Científico, ambos entraram para a A70.

Michel levou consigo os princípios aprendidos com os pais: trabalho e responsabilidade com a família. O desprendimento do pai em deixar seu próprio negócio em benefício dos filhos, e o carinho e a atenção dedicados à prole pela mãe, Dona Adélia, ficaram marcados indelévelmente em sua alma.

Em Piracicaba, Michel morou na república H-RRAFA e ganhou o apelido de Turco. A convivência com amigos foi para ele uma experiência fora de série. Durante o curso fez 2 estágios: um na Usina Junqueira, perto de Uberaba (MG), onde ficou mês; e outro em Altinópolis (SP), onde participou de uma pesquisa sobre a ferrugem do café, pelo IBC, fazendo vistorias para localizar focos da doença.

Nas horas livres, gostava de jogar bola com os amigos e frequentava o CALQ, onde tinha palestras, eventos culturais e muitos livros e jornais à disposição dos estudantes. No 5º ano, fez diversificação em Fitotecnia II.

Assim que se formou, Michel passou a vender adubo e inseticida por um período, até que um tio o indicou para trabalhar na ACAR, atual EMATER-MG. Então, fez uma prova em Belo Horizonte (MG) e, após aprovado, foi alocado na EMATER de Ituiutaba (MG).

Em 1972, durante um carnaval em que estava com o pé quebrado, conheceu Vera Lucia Lima, com quem se casou 3 anos depois; tiveram 3 filhos: Fábio, Roberta e Cintia.

Michel ficou 7 anos na EMATER, onde atuava no planejamento rural elaborando projetos para aquisição de crédito rural e fiscalizando lavouras para conferir a aplicação dos valores financiados. De lá foi para a empresa Bradesplan, ligada ao Bradesco, onde também trabalhava com planejamento, nas cidades de Jaú e Botucatu, ambas no estado de São Paulo.

Mas logo depois, decidiu voltar para Ituiutaba e montar o seu próprio negócio, e então, enfrentou um dos maiores desafios de sua vida, já que precisou fechar a empresa e passou momentos bem difíceis. Porém, com o apoio da família e muita dedicação superou essa fase e foi trabalhar na escola agrícola municipal de Ituiutaba.

Dava aula de práticas agrícolas para filhos de produtores rurais. Que alegria! Até hoje reencontra ex-alunos que lembram com gratidão de seus ensinamentos. Em 1989 passou a dar aulas também na FEIT, nos cursos de Ciências e de Agronomia; foram 15 anos como professor no ensino superior e no ensino agrícola até que, em 2004, decidiu deixar as aulas da faculdade.

Nessas alturas, Michel já estava no CAIC, para onde foi transferido em 1999. Dava aulas de reforço de matemática e instituiu um projeto

de xadrez nas escolas municipais, que teve forte adesão nos anos em que foi mantido. Após se aposentar, em 2015, deu aulas de xadrez para portadores de deficiência, e teve interessantes experiências.

Atualmente, Michel aproveita a vida ao lado de Vera, sua querida companheira de mais de 45 anos. Do tempo da Escola, na qual sempre pensa com muita gratidão, guarda lembranças do forte sentimento de amizade e coleguismo, por tudo o que vivenciou naquela época e por todas as portas abertas a partir da Agronomia.



A DIVERSIDADE DE ATUAÇÃO NA AGRICULTURA, NA PECUÁRIA E NO COMÉRCIO

Ele nasceu e foi criado em ambiente rural. Ainda criança, Milton Santamaria tirava leite de vaca, tratava dos porcos e tinha um cavalo só seu, o Pingo. Ah, como ele gostava daquele animal castanho de frente aberta. Tudo isso porque seu pai, Américo Santamaria, era proprietário rural e ganhou a vida “tocando fazenda”. Milton aprendeu cedo a cultivar mamonas e café. E, mais tarde, laranja. Também aprendeu a importância do trabalho e da honestidade. Seu Américo e dona Maria Donega Santamaria fizeram questão de ensinar esses princípios aos 7 filhos.

Nascido em 27 de abril de 1941, em Pirangi (SP), Milton mudou-se na juventude para Jaboticabal (SP) a fim de estudar. Mas no 2º Científico já tinha decidido: queria cursar Agronomia na ESALQ. Então, foi para Piracicaba já com a intenção de fazer o 3º Científico. Nunca faltava das aulas e tinha um segredo para ir bem nas provas: anotar tudo o que o professor falava. Depois, era só dar uma lida nos “rabiscos” e pronto.

Chegou a frequentar o CALQ e a integrar alguns movimentos estudantis, até que um dia participou de uma tensa manifestação que culminou com a Catedral de Piracicaba cercada pela polícia. Foi um susto! Ele desistiu da política e, no pouco tempo que lhe sobrava, aproveitava para jogar futebol.

Milton procurou fazer estágio em todas as férias. Participou do Projeto Rondon 2 vezes: na primeira, acompanhou o Exército à região Alta Mogiana, prestando assistência a agricultores locais. Na segunda, foi a Petrolina e Juazeiro, ambas na Bahia. Uma experiência e tanto! Também passou pelo antigo IBC bem na época da ferrugem, e ajudou a localizar focos da doença.

Assim que se formou, voltou para a fazenda da família em Pirangi, na época administrada por seu cunhado. Mas logo foi indicado para trabalhar com crédito rural no Banco Julião Arroyo, por meio de convênio com o BIRD para financia-

mento de lavouras da região. Milton atuava em projetos e vistorias.

Dois anos depois, entretanto, um concurso para o Instituto de Zootecnia fez brilharem os seus olhos e ele decidiu prestar. Aprovado, pediu demissão do banco e foi trabalhar no Instituto de Zootecnia de Nova Odessa (SP). Era tudo o que gostava: produção de carne, leite e pastagens.

Foi nessa época que se casou com a piracicabana Waldelisa Maria de Andrade Pedrini Santamaria, a quem conheceu na Baile do Bixo. O casal teve 3 filhos, que Milton faz questão de apresentar: Milton Junior e Mauro, dentistas e professores universitários, e Matheus, o caçula, médico veterinário. O primogênito é pai de Lucas e Felipe, dando a Milton o gostinho de ser chamado de “vô”.

Depois de 5 anos de atuação no Instituto, aceitou convite para dar aula na UNESP de Jaboticabal, onde também assumiu a chefia do Departamento de Leite. Mais tarde, convidado a trabalhar no Banespa, mudou-se para Ribeirão Preto (SP) e passou a coordenar a área de crédito rural do banco. Fazia um serviço de fiscalização efetiva junto a 13 agrônomos que compunham sua equipe. E lá se foram mais 18 anos de trabalho, enfrentando a pressão dos bancos e resistindo bravamente.

Com a venda do Banespa, Milton saiu da área e foi dar aula na Faculdade Barão de Mauá. Atuou, ainda, no Ministério do Desenvol-

vimento Agrário, em Roraima, durante um ano, no Governo FHC, e novamente voltou para o estado de São Paulo.

Desta vez, Milton saiu da agricultura e entrou na área comercial. Assumiu, ampliou e melhorou o Restaurante Sabor em Peso, localizado no alto da Avenida Nove de Julho, em Ribeirão Preto. São quase 20 anos de trabalho e dedicação aos fiéis clientes que frequentam diariamente o local.

Com quase 80 anos, sente-se com muita saúde, feliz com a sua trajetória e orgulhoso de sua passagem pela ESALQ.



ATUAÇÃO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E FORTALECIMENTO DA SILVICULTURA BRASILEIRA

Nelson Barboza Leite nasceu em 20 de maio de 1946, em São Paulo; ainda menino, não fazia ideia do que era Agronomia, embora tenha sido criado perto da natureza e de pequenos negócios rurais. No 3º Científico, contudo, um amigo só falava na ESALQ e então, Nelson decidiu conhecê-la. Ficou encantado e estar ali se tornou um sonho.

Seu pai, Leopoldino, era comerciante e, assim como sua mãe, Benvinda, não poderia imaginar que teria um filho na famosa ESALQ, muito menos desbravando caminhos na Silvicultura. Celebraram com gosto sua aprovação no vestibular, e estavam seguros de que Nelson levaria consigo os valores familiares, como ética, justiça, respeito e comprometimento.

Em Piracicaba, Nelson morou na república Babydoll e depois foi para a Casa do Estudante onde, mais do que estudar, aprendeu a viver. Ganhou o apelido de Xaruto e se tornou conhecido por sua habilidade no futebol, o que lhe rendeu uma medalha da AAALQ na formatura.

Na Escola foi aluno dedicado, especialmente a partir do 2º ano, com as aulas do Dr. Helládio do Amaral Mello, que se tornou seu mestre, tutor e amigo. Amava aquele misto de criatividade, arrojo, empreendedorismo, conhecimento e compromisso com a exatidão da Silvicultura. Fez estágio no departamento e em empresas do setor. No 4º ano, viajou para o Chile com amigos da A70, passando por vários países. Experiência incrível, que lhe rendeu duradouras amizades.

Quando se formou, foi trabalhar na Cia Suzano, mas 6 meses depois aceitou convite de Helládio para voltar ao recém-criado IPEF. Animado com o entusiasmo de professores e empresas, Nelson participou intensamente do processo de desenvolvimento e fortalecimento do Instituto.

Em 1976, aceitou convite para atuar na direção do PRODEPEF, em Brasília, onde publicou mais de 300 artigos engavetados, contribuição inestimável

para o setor. Logo depois, tornou-se diretor do Departamento de Reflorestamento, responsável pela política de incentivos fiscais, e promoveu grandes mudanças: introduziu tecnologia e implementou rigorosa seleção de empresas florestais usuárias de incentivo. Tais medidas garantiram o sucesso de muitos reflorestamentos incentivados.

No fim da gestão, decidiu sair e se tornou diretor do IPEF; foram mais 2 anos de profícuo trabalho. E depois de uma breve passagem pela Agropeva, em 1981 passou a dirigir o setor florestal da Ripasa, formando uma das mais renomadas equipes de Silvicultura do Brasil. Em 1991, tornou-se diretor industrial da Ripasa, aumentando a produção da fábrica, através de intensa integração entre a floresta e a indústria.

Em 1994, constituiu a Teca - Consultoria e Empreendimentos Florestais, em Americana (SP), que se transformou numa grande empresa de serviços florestais. Com mais de 25 anos, atua em vários estados e conta com a participação de seus filhos – Alexandre, que também é esalqueano, Gustavo, Daniel e Mariana, frutos do casamento com Cleide Angelica Avino Barboza Leite, sua companheira de mais de 45 anos de jornada. Com ela ainda partilha a alegria de ser avô de João Paulo e de Maria.

Nelson teve expressiva atuação em entidades representativas do setor; foi presidente da SBS e conselheiro do CONAMA. Atualmente, mantém a página “Comunidade de

Silvicultura” no Facebook, com milhares de seguidores, onde publica artigos de interesse dos produtores florestais, com a preocupação de garantir a valorização da madeira, da tecnologia e dos profissionais dessa atividade.

Além disso, coordena o Silviculturando-se, grupo no WhatsApp criado com o objetivo de discutir temas silviculturais e elaborar propostas governamentais. Para ele, essas incansáveis atividades de comunicação têm grande importância para a Silvicultura brasileira e revelam a marca do DNA esalqueano.



A CARREIRA BANCÁRIA, O DESENVOLVIMENTO DO MS E O ÁPICE COMO EMPRESÁRIO

Férias era sinônimo de fazenda. Nelson de Almeida Bessa nasceu em São Paulo, em 31 de dezembro de 1945, e logo se mudou para Bauru (SP), onde foi criado. Mas sempre visitava o avô, administrador de uma fazenda em Cajuru (SP), onde seu pai, Luiz Almeida Bessa, nasceu. Nelson adorava aquele ambiente e não perdia uma oportunidade de andar a cavalo.

Quando sua irmã se casou com um fazendeiro, Nelson teve ainda mais contato com o campo e se encantou. Então decidiu cursar Agronomia na ESALQ. Seus pais não esconderam a alegria quando souberam que o filho passou no vestibular. Austero, Seu Luiz sempre foi exemplo de honestidade, dedicação ao trabalho e perseverança. Nelson conseguia enxergar na braveza de seu pai um grande homem, e como o amava! Ainda tinha em tudo a cumplicidade de sua mãe, Dona Jacyra.

Durante o curso, Nelson morou na república Mosteiro, uma casa antiga, cujas portas ficavam abertas – para os amigos e para os cachorros. Mas também visitava outras repúblicas, onde fez grandes amigos, como o saudoso Catarina, o Drepo, o Barraca e o Marcos Zanaga. Além disso, frequentava o CALQ, a Rua do Porto e ia ao cinema quando podia.

No 5º ano, fez Diversificação em Agrotecnia e estágio na Ultrafertil, que o contratou assim que ele se formou. Trabalhou em Casa Branca, Marília e Araçatuba até que foi transferido para São Paulo. Seis meses depois, contudo, decidiu sair da empresa.

Fez curso de licenciatura e se tornou professor no CTA de Cabrália Paulista onde permaneceu por 8 anos. Paralelamente, chegou a montar uma empresa de planejamento de crédito rural, mas com a sobrecarga do trabalho, acabou ficando apenas com as aulas.

Em 1973 casou-se com Rosa Aída Machado Bessa, com quem teve 3 filhos: Nelson Junior, Geise e Gerusa. Mais tarde, passou a fazer vistorias para avaliação de concessão de crédito rural pelo

BB e, quando saiu concurso, decidiu prestar.

Em 1982 foi nomeado para a carreira técnica na Superintendência do Banco do Brasil em Campo Grande (MS). Que desafio! A adaptação à nova função exigiu-lhe muito estudo, dedicação e paciência; mas Nelson decidiu perseverar e foi a atitude mais acertada que poderia tomar.

Logo começou a ter contato com a Secretaria de Agricultura, com o IAGRO, com pesquisadores da EMATER e Embrapa e participou ativamente no levantamento das estatísticas agropecuária do IBGE no Estado.

Participou ativamente de fiscalizações no PROAGRO, movido pela consciência de fazer sua parte para evitar a corrupção e melhorar os objetivos do seguro no estado. Sempre foi muito verdadeiro. Enfrentou resistências, mas persistiu até se aposentar, em 1998.

Em 2011, quatro anos após ficar viúvo, casou-se com a sul-mato-grossense Sônia Leovegilda Freire de Oliveira Bessa e se estabeleceu definitivamente em Campo Grande, onde mora até hoje. Nelson acompanhou de perto a abertura do cerrado e a grande evolução da agricultura no estado.

Quando se mudou para o MS, o estado produzia em torno de 500 mil hectares de soja; em 2020, segundo a SEMAGRO, o estado teve safra recorde histórica de soja, com plantio de mais de 3 milhões de hectares e produção estimada em 10,5 milhões de toneladas, com produtividade média de 55,7 sacas

por hectare.

Nelson chegou a plantar soja; na época colhia 35 sacas por hectare, o que era considerado um bom índice de produtividade. Sente orgulho de ter acompanhado esse desenvolvimento, ocorrido graças ao avanço tecnológico das pesquisas.

Atualmente, está à frente da empresa Bessa Arquitetura e Agronomia, aberta em 2000, junto com seus filhos - uma arquiteta e um agrônomo. A empresa presta assistência a produtores rurais, fornece o sustento da família e faz valer a pena toda a dedicação desse agrônomo desde a década de 1970.



PARTICIPAÇÃO ATIVA NA CONSOLIDAÇÃO DA EMBRAPA PECUÁRIA SUDESTE

Nelson José Novaes nasceu em 17 de março de 1944, em São Carlos (SP). Aos 13 anos começou a trabalhar na torrefação de café de seu pai, Florindo Novaes, que já vislumbrava o ensino superior como o melhor caminho para o filho. Ao lado da mãe, Olga Zambon Novaes, o pai sempre o apoiou.

Nelson chegou a prestar vestibular na Escola de Engenharia da USP mas, convencido por um primo que estudava Agronomia na ESALQ, ingressou nesse curso, no ano de 1966.

Naquela época, já namorava Marlene Barnabé, com quem se casou em 1971 e teve os filhos Rogério e Patrícia. Em Piracicaba, morou na República Baby Doll e, nas horas livres, adorava jogar futebol.

Dedicado aos estudos, aproveitava as férias para fazer estágios em empresas, destacando-se, entre outras, as seguintes: Olinkraft (Santa Catarina), Citrosuco (Matão) e Faber-Castell (São Carlos), onde estagiou a maior parte do tempo. A Diversificação realizada no último ano da Agronomia foi em Tecnologia de Alimentos.

Após a formatura, atuou no Ensino Técnico Agrícola em Jaboicabal (SP) sendo que, após cinco meses, recebeu convite para trabalhar na Fazenda Canchim, na época pertencente ao DNPEA, ligado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, que coordenava todos os órgãos de pesquisa existentes até a criação da Embrapa. Nelson Novaes passou a trabalhar com coleta de dados sobre gado Canchim, porcos da Raça Piau e cavalos Árabes.

No ano de 1973 foi criada a Embrapa, que absorveu a Fazenda Canchim e outras unidades do DNPEA. Naquela ocasião, houve uma alteração radical nas atribuições e nos sistemas de trabalho dessas unidades. Foi uma época de muitas discussões e mudanças. Os dirigentes da Embrapa chegaram a rejeitar a unidade de São Carlos, alegando que o estado de São Paulo já tinha um sistema estadual de pesquisa. Queriam extingui-

-la. Mas houve uma grande mobilização do seu corpo técnico e administrativo para mantê-la e aprimorá-la. As outras duas unidades de pesquisa do DNPEA no estado – em Botucatu e em São Simão – foram “devolvidas” ao Ministério da Agricultura.

A unidade passou a ser denominada de UE-PAE de São Carlos. Nelson, como pesquisador científico, passou a ter grande atuação junto à ESALQ, participando ativamente da introdução de Alfafa na unidade, dos estudos sobre manejo

de forrageiras e da produção de leite a pasto, um sistema desenvolvido para tornar a atividade leiteira mais competitiva e que, atualmente, é implantado em várias partes do país. Esse sistema exigiu um extenso trabalho de campo, não somente no estado de São Paulo, mas também em outros estados do País, exigindo uma atuação direta com o produtor rural, trazendo notáveis benefícios econômicos e sociais para a pecuária de leite.

Em 1977, Nelson concluiu o Mestrado em Nutrição e Produção Animal, e em 1983 defendeu a tese do Doutorado em Solos e Nutrição de Plantas, ambos pela ESALQ.

Trabalhou mais de 30 anos na atual Embrapa Pecuária Sudeste, dos quais, cerca de 15 na chefia da unidade (durante três mandatos). Seu principal desafio foi manter a unidade ativa, para o qual teve apoio de grande parte de seu corpo técnico e administrativo e

dos governos estadual e local, unindo forças para promover uma contribuição fundamental para a modernização da agropecuária e para o desenvolvimento do agronegócio sustentável no Brasil. Sempre acreditou e lutou pela consolidação da Embrapa em São Carlos.

Em 2008, aderiu a um plano de demissão voluntária da empresa, aposentando-se para poder desfrutar integralmente da companhia da família, em especial, dos dois netos – Thales, de 12 anos, e Guilherme, de 8 anos, que o ajudam a preencher com alegria o vazio deixado pela Embrapa.



AS SEMENTES DO CONHECIMENTO QUE FERTILIZARAM AÇÕES EDUCATIVAS E CULTURAIS

Ele nunca foi ligado ao meio agrícola, mas sempre amou o conhecimento e a cultura. Newman Ribeiro Simões encantou-se com a pluralidade da ESALQ, a célebre Escola que conheceu por meio de seu amigo de infância, Sergio Scatena, antes mesmo de visitá-la.

Newman adorava ler os prospectos que recebia e já sabia quais professores ocupavam cada Cadeira. Embevecido com as histórias relatadas tão intensamente pelo amigo, tomou sua decisão: em janeiro de 1965 deixou Pindorama (SP), sua terra natal, para fazer o 3º Científico e o cursinho em Piracicaba.

Nascido em 16 de agosto de 1947, tinha 17 anos quando se mudou. Sequer imaginava que sua voz, ecoada em tantas serenatas sob o luar das silenciosas madrugadas de Pindorama, despontaria em defesa dos estudantes na Ditadura.

Durante os 5 anos da Agronomia morou na Casa do Estudante e manteve o apelido de infância: Pia-va. Apesar da diversidade de matérias, logo percebeu que alface e porcos não eram negócios para ele e se enveredou pela educação. Desde o 1º ano deu aulas particulares para seu sustento longe de casa.

Sempre gostou das palavras. Fez estágio na gráfica da ESALQ e por sua eloquência teve forte atuação junto ao CALQ; ajudou a produzir o jornal Opinião e o POJ. Mais tarde, tornou-se o 2º secretário do CALQ e depois o vice-presidente. Nutrindo seu amor pela cultura, numa cidade de grande efervescência, ajudou a criar o CALQuinteto e o TULQ, sem deixar de lado a militância política.

Estava presente quando a cavalaria do Exército foi chamada para conter uma manifestação. Até tentou negociar com o soldado em cima do cavalo, mas cada vez que falava, ambos avançavam em sua direção. Ainda se lembra do forte odor do imponente animal.

Também é dessa época a foto enviada anonimamente a seus pais denunciando a presença do filho em ações políticas. Newman só soube anos depois, quando sua mãe, Newtina, entregou-lhe

a foto; talvez porque soubesse da formação humanística e respeitosa do primogênito. A ética sempre foi valorizada naquela casa. Seu pai, Manoel, era exemplo de retidão e altruísmo. Respeitando professores e valorizando a educação, deixou-lhe grande legado. Tanto que foi esse o caminho que Newman trilhou.

Em 1969 passou a dar aula de matemática no famoso cursinho do Torigoi que, em 1971, convidou-o para ser seu sócio no CLQ. Assim, teve início a parceria que duraria toda a vida e iria coroar 55 anos de aulas. Em 1972, Newman casou-se com Elisabeth Adamoli Simões, a quem conheceu na militância política. Tiveram um filho, Ricardo.

Em 1977 as atividades do cursinho foram ampliadas, dando origem ao Colégio CLQ; naquele ano os alunos de Newman foram vencedores da 1ª Olimpíada de Matemática do Brasil, marco importante na carreira dele. Depois disso, Newman ainda se tornou coordenador pedagógico e diretor do CLQ, mas nunca deixou de preparar estudantes para as olimpíadas de matemática e de dar aula no cursinho. Até hoje recebe feedbacks que o comovem.

Autor do discurso de formatura da A70, fez Mestrado em Estatística na ESALQ (1982) e publicou 3 livros: “A morte Canta no Canto de um Conto”, em homenagem ao seu amigo Sergio Scatena, “Ilogicamente”, com poemas premiados em concursos literários, e “Silêncios”. Poesia e exatas entrelaçam sua vida.

Apaixonado por cultura, promoveu por 30 anos o show filantrópico Falando da Vida, que reuniu muitos talentos musicais; também foi secretário de Administração em Piracicaba, no final da década de 1970, e de Cultura na década 1990.

Mesmo sem a mínima afinidade com agricultura, orgulha-se de ter vivido na gloriosa ESALQ. “Agricolanamente”, conseguiu transformar os desafios da vida em sementes que fertilizaram ações educativas e culturais com foco em positividade e esperança.



PESQUISAR, ENSINAR E TRANSFORMAR CIÊNCIA EM PRODUTIVIDADE

Newton Macedo nasceu em 2 de outubro de 1943, em Marília (SP). Ainda era criança quando seu pai, Francisco Gonçalves Macedo, até então ferroviário, comprou terras em Flórida Paulista e passou a trabalhar na área agrícola. Pela 1ª vez ouviu falar da ESALQ, porque o agrônomo que os orientava era formado em Piracicaba.

No Científico, Newton mudou-se para São Paulo e começou a trabalhar em banco. Ali percebeu sua inclinação para o ensino, já que gostava muito de conduzir treinamentos. Ainda não tinha intenção de cursar Agronomia, até que foi visitar a Escola e ficou encantado.

Seu pai sempre o incentivou a perseguir seus ideais; e por mais que Dona Regina quisesse manter o filho perto, Seu Francisco reforçava: a casa é o porto seguro, mas o navio foi feito para navegar. Assim, com determinação, Newton entrou para a A70.

No 1º dia de trote ganhou o apelido de Rabisco, dado pelos veteranos quando lhe pediram sua assinatura. Mal sabiam eles que Newton seria um dos alunos mais aplicados da sala. Taquigrafava todas as aulas, passava tudo a limpo e ainda emprestava os cadernos.

Morou na Casa do Estudante, onde teve grandes exemplos de companheirismo. Lembra-se com carinho da convivência tão amistosa e solidária com amigos. Foi um período maravilhoso, crescendo pela diversão e narrativas do CALQ.

Desde o 1º ano do curso, Newton fez estágio. Começou no Departamento de Mecânica e depois foi para a Entomologia, onde ajudava o professor Francisco Mariconi a preparar aulas. No 4º ano, também fez estágio com o professor Cobbe, que participou com ele e mais 4 estudantes de uma viagem para vários países do Sul.

No último ano Newton ainda fez estágio na Novartis, que queria contratá-lo após a formatura, mas ele optou por trabalhar no Colégio Técnico Agrícola de Garça. Nessa época já estava noivo de Maria Inês Boscarol Macedo, com quem se casou

em 1972 e teve 2 filhos: Daniella, agrônoma pela ESALQ, e Rodrigo, engenheiro aeronáutico, que lhe deu 2 netos lindos: Maria Luíza e João.

Após 8 meses em Garça, Newton decidiu cursar o Mestrado em Fitotecnia na ESALQ (1975), sob orientação de Mariconi. A pesquisa sobre pragas em cultura de eucalipto no Brasil era inédita na época. Tinha conseguido bolsa da FAPESP, mas como queria se casar, também foi dar aula na Escola de Agronomia de Pinhal.

Em seguida, engrenou no Doutorado (1978), desta vez na Entomologia; sob orientação do professor Octávio Nakano, pesquisou a resistência da cana-de-açúcar ao ataque da broca e passou a ajudá-lo a preparar aulas. Antes mesmo de concluir, foi contratado como pesquisador pelo PLANALSUCAR, em 1975; em 1981 tornou-se Diretor do Centro de Pesquisa de Araras, cargo que ocupou até 1984.

Depois tornou-se Supervisor Nacional de Entomologia e foi trabalhar em Piracicaba, viajando muito, tanto pelo Brasil, quanto para o exterior. Chegou a ficar 45 dias fora, conhecendo grandes regiões canavieiras do mundo; passou pelos EUA (Flórida), Havaí, Indonésia, Austrália e África do Sul.

Em 1990, os pesquisadores do PLANALSUCAR foram alocados na UFSCar e Newton tornou-se professor de Entomologia no curso de Agronomia; deu aulas até se aposentar, em 2003. E também foi vice-diretor do CCA/UFSCar.

Transformar ciência em produtividade é um desafio gratificante e faz Newton continuar na ativa. Atualmente, é sócio na Araújo & Macedo Consultoria, empresa que abriu com um amigo com quem já prestava consultoria desde 1995.

Tem terras no MS e em MG, onde explora eucalipto, pérolas que adquiriu graças à sua passagem pela ESALQ. E apesar da grande demanda, hoje reserva tempo para apreciar seu paraíso, uma chácara na serra de São Pedro, onde passa deliciosos momentos com amigos e com a esposa, sua companheira de toda vida.



ATUAÇÃO DIVERSA EM USINAS, EXTENSÃO RURAL, ENSINO E NO SERVIÇO PÚBLICO

Niliem Geraldo Bochetti nasceu em 5 de agosto de 1944, na Usina Monte Alegre, em Piracicaba. Ainda criança mudou-se para Bebedouro (SP), onde morou até concluir o Científico, já que seu pai foi trabalhar na região. Mas suas férias eram vivenciadas na usina e para chegar até lá, passava em meio aos portões laterais da ESALQ, sempre espiando aquela imensidão cheia de verde.

Contudo, Niliem entrou no campus pela primeira vez apenas quando foi fazer cursinho. Ficou impactado. A escolha pela Agronomia foi natural, ele também tinha muito contato com primos que moravam num sítio em Barretos (SP) e ajudavam na lavoura de milho, na horta, cada um com sua função, o que talvez tenha sido uma semente germinada para que ele optasse por estudar na Escola.

Em Piracicaba morou na república Catete e depois foi para a Mau Cheiro, dividida com mais 12 colegas da Escola, muitos da A70. Manteve o apelido que ganhou ainda no Ginásio: Geada, pelo qual ficou bastante conhecido, tanto que se perguntassem por Niliem, ninguém sabia quem era. Já Geada... estudava o suficiente e se dedicava mais às suas disciplinas preferidas: Biologia e Mecânica. Fez estágio em usinas de açúcar e álcool, como a São Simão, e Diversificação em Fitotecnia II.

Nas horas livres frequentava o CALQ com a namorada Sonia Regina Saciloto, com quem se casou dois anos após se formar. O casal tem 4 filhos: Rodrigo, Daniele, Matheus e Thomás.

Assim que se formou, Niliem foi trabalhar em uma usina de açúcar e álcool em Jaú (SP), mas logo prestou concurso na CATI e assumiu a Casa da Agricultura de Promissão, exercendo atividade de extensão rural e assistência técnica em adubação, plantio, colheita, enfim, atendendo toda a demanda da região. Mais tarde mudou-se para a Casa da Agricultura de Lins (SP), onde passou a trabalhar com produção de sementes e mudas.

No total, foram cerca de 6 anos de extensão rural até que Niliem aceitou convite para trabalhar na Usina Tamoio, em Araraquara (SP), onde ficou 2 anos. Depois, começou sua andança: passou pela Usina Santa Fé, pela Agroservice, onde trabalhou com fertilizantes e defensivos agrícolas, e pela Brasalco, onde a atuação era focada no fomento de usinas.

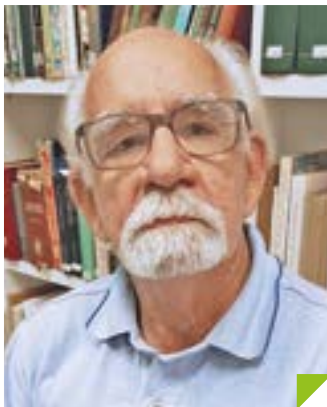
Nesta empresa, o seu diretor era o professor Nadir Almeida da Glória, da ESALQ, e foi ele quem o incentivou a aceitar um convite para trabalhar em Barra do Bugres (MT), numa usina do grupo de Olacyr de Moraes, o “Rei da Soja”. Isso porque a Brasalco estava prestes a fechar.

Assim, Niliem decidiu se mudar. Um ano depois, contudo, em 1983 foi trabalhar na Copersucar, em Sertãozinho (SP), de onde foi transferido para Piracicaba, Jaú e Piracicaba novamente. No total foram 8 anos na empresa. Sempre trabalhou no campo, acompanhando todo o processo, desde o plantio da cana, até a colheita e o transporte, dando suporte aos chefes de setores.

Quando Fernando Collor de Mello assumiu a presidência do Brasil, a empresa começou a fazer cortes, e Niliem foi desligado do quadro de funcionários. Período difícil, já que tinha família para sustentar. Então, em 1992 aceitou convite de um amigo para dar aula de Matemática e Ciências no Ensino Médio, feliz pelo novo trabalho como professor. Sete anos

depois, decidiu prestar novo concurso no serviço público, desta vez no municipal. E, assim, passou a trabalhar no SEMAE de Piracicaba onde ficou até se aposentar, em 2014.

Niliem não teve grandes dificuldades no exercício da profissão. Seu maior desafio foi enfrentar a “entressafra” até conseguir um novo emprego. Mas com uma esposa dedicada e amorosa, encontrou incentivo para seguir em frente. Sonia sempre foi o seu porto seguro. E ao lado dela, construiu a sua vida, prezando pelo valor do trabalho, da honestidade e da união da família.



O EXEMPLO DO PAI REFLETIDO NUMA INTENSA ATUAÇÃO NA PECUÁRIA E NO JULGAMENTO DE GADO

O avô de Nilo Müller Sampaio era catin-gueiro do sertão de Ruy Barbosa (BA) e embora não tivesse curso superior, fez questão que os 5 filhos estudassem em boas universidades; Seu Noel de Souza Sampaio, pai de Nilo, foi o único que fez ESALQ (A42). E foi em Piracicaba que conheceu e se casou com Vilma Wolgmuth Müller. Além de agrônomo, Seu Noel era zootecnista e juiz de gado, uma inspiração para o filho.

Nilo nasceu em 6 de julho de 1946, em Salvador (BA), mas foi criado na fazenda Oriente em Ruy Barbosa; ama aquele lugar. E só quando tinha 7 anos voltou para Salvador, a fim de estudar. Foi difícil calçar os sapatos depois de tanta liberdade na fazenda, e sempre que o colégio permitia, voltava para seu rincão.

Estava decidido a seguir os passos do pai e cursou o Científico já em Piracicaba. Conquistou o professor de português do Sud Mennucci ao fazer uma redação sobre Lampião, quando todos escreviam sobre algum presidente. Estava seguro no vestibular após aquela cerveja na véspera com o pai; e foi aprovado.

Morou na República Mau Xero, criada com mais 11 amigos e completada com o Bixinho, da A70, que muito os ajudou nos estudos e se tornou seu grande amigo. A mascote da casa era uma raposa, daí o nome da república. Além de estudar, Nilo, como bom baiano, gostava de farrear com os amigos, frequentando os principais pontos de encontro dos agricultores. Foi nessa época que conheceu Cleide Maria Schiavinato, que em dezembro de 1971 tornou-se Sampaio. Tiveram 2 filhos: Érica e Nilo Júnior.

Em umas das férias, durante visita à família que já morava em Uberaba (MG), foi convidado pela ABCZ para atuar como juiz de gado na região de Piracicaba; além de ter feito o curso, acompanhava de perto o pai em julgamentos, então estava preparado. No 5º ano fez Diversificação em Zootecnia e contribuiu para que a ESALQ ganhasse muitos prêmios nas exposições

em São Paulo. Tinha conhecimento e prática.

Assim que se formou, foi contratado pela ABCZ como técnico de registro genealógico. Mudou-se para Uberaba, mas viajava muito, vivia nas fazendas. Foi diretor de melhoramento zootécnico e terminou a jornada na ABCZ como assessor da presidência, e então tornou-se autônomo. Mas não se desligou completamente da associação; até hoje integra seu Conselho Técnico, vinculado ao MAPA.

Em 1988 adquiriu a fazenda Cascalho Rico em João Pinheiro (MG), passando a criar e selecionar a raça Tabapuã, uma de suas paixões, com a qual obteve inúmeras premiações em campeonatos e nas exposições pecuárias em MG, SP, DF, BA, TO, GO e PR. Sagrou-se, inclusive, Bi-Grande Campeão da Raça Tabapuã, cuja associação presidiu por 9 anos.

Na década de 2000, Nilo passou a prestar assessoria a grandes fazendas, além de cuidar das propriedades da família. Logo no início, assumiu a administração da Fazenda Mata Velha, do grupo Brasif, de Jonas Barcellos, onde ficou 8 anos, levando-a da 17ª posição no Ranking Nacional da Raça Nelore da ACNB, para a 3ª posição no ranking como criador e 1ª como expositor. Após vencer o 1º desafio, veio outro: desenvolver para o grupo do baiano Daniel Dantas, do Banco Opportunity, um projeto técnico de 1 milhão de cabeças de gado na Agropecuária

Santa Bárbara, no Pará. Além dessa, havia outras fazendas do grupo em SP e MG que Nilo administrava com foco em criação, melhoramento e ampliação do rebanho.

Sempre manteve ótimo relacionamento com os peões, pois sabe o que é trabalhar nessa função, foi assim que começou sua vida. Hoje, presta consultorias e aproveita a vida cuidando do Tabapuã e das lavouras de cana na Cascalho Rico. Nilo sente-se plenamente realizado, tanto pela rica trajetória profissional, quanto pela família que tem, pela qual nutre imenso amor.



A APLICAÇÃO DA AGRONOMIA FORA DO CAMPO COM A TOPOGRAFIA DE LOTEAMENTOS

Ele nunca teve dúvida. Desde que iniciou o Científico em Ribeirão Preto (SP), já sabia que queria cursar Agronomia na ESALQ, tanto que fez o 3º Científico em Piracicaba e se matriculou no cursinho do CALQ. Nascido em 22 de julho de 1946, na Fazenda Criciúma, em Jardinópolis (SP), Nirceu Pereira Lima tomou a decisão quando os primos Edmar e Erivaldo lhe mostraram fotos da Escola; aquele cenário o cativou. Era exatamente o ambiente de que gostava e queria frequentar para se formar e construir uma vida profissional. Até hoje ama a ESALQ.

Em Piracicaba morou na República Esplanada, no Centro, e ganhou o apelido de Marrudo por ser contra o trote e não se intimidar frente a um veterano da Odontologia que morava na república e andava armado. Mais tarde, foi morar na Casa do Estudante, onde teve excelente convívio.

Aos poucos, fez amizades e foi se sentindo bem naquele ambiente acolhedor, onde os estudantes caminhavam lado a lado. Lembra-se do convite do amigo Tadahiro Joko para passar o fim de semana no sítio de seus pais, em Elias Fausto (SP), onde tiveram dias muito felizes.

Ainda durante o curso, fez 2 estágios: um no Departamento de Entomologia, com o professor Octavio Nakano, ocasião em que teve até artigo publicado em revista científica. Nakano o fez sentir-se útil e mostrou que tinha confiança em Nirceu. O outro estágio foi no Departamento de Fitopatologia com o professor Hiroshi Kimati, do qual recebeu certificado e observação de agradecimento pela ajuda nas pesquisas usadas em sua tese de Doutorado.

Nirceu era aplicado e frequentava com regularidade a biblioteca, mas também jogava futebol com amigos e era fã do POJ, jornal impresso pelo CALQ, lugar onde era assíduo. Entretanto, por orientação de seu pai, Manoel Pereira Lima, distanciou-se da política. Ele e dona Emira Princivali Lima eram dedicados à família e exemplo para os filhos.

Na formatura, Nirceu recebeu o Prêmio José Ysao Nakao, pela dedicação em Fitopatologia. A bonificação o ajudou a preparar uma boa recepção aos familiares, que tinham ido para a solenidade.

Seu 1º emprego foi como professor no CTA de Franca, o que lhe exigiu muito esforço para vencer a timidez. Em julho de 1971 casou-se com Cristina Aparecida Mimo Pereira Lima, com quem teve 3 filhos: Cassio, Hélio e Rosana.

Foram 3 anos de ensino agrícola até que Nirceu conseguiu trabalho na Fazenda Petrópolis e decidiu se tornar autônomo, prestando assistência técnica às lavouras de café. Com isso, começou a sedimentar o conhecimento obtido na ESALQ.

Um ano depois, o contrato foi encerrado e Nirceu passou a trabalhar na área de crédito rural, realizando avaliações, laudos, projetos e fiscalização junto a entidades públicas e privadas, como o Banco do Brasil e o Itaú. E graças aos ensinamentos do professor “Mira Perdida”, ainda prestava serviço de Topografia, dedicando-se, mais tarde, exclusivamente à atuação em fazendas.

Aperfeiçoou-se em Topografia para divisões de imóveis, desmembramentos e loteamentos. O conhecimento adquirido na ESALQ foi a base que o fortaleceu, e as atualizações ao longo da vida permitiram-lhe acompanhar a evolução da tecnologia, agregando eficiência ao seu trabalho. Sempre conseguiu clientes por in-

dicação; a qualidade nos resultados que entrega é o seu melhor cartão de visita.

Cada mudança foi um desafio: renunciar à estabilidade do colégio e se tornar autônomo, deixar de prestar serviço a entidades financeiras de crédito rural e seguir sozinho, enfim, foram etapas difíceis, mas necessárias para o seu fortalecimento. Venceu-as com aquele espírito de confiança e dedicação adquirido na Escola. Para Nirceu, tudo aconteceu da melhor forma em sua trajetória profissional e, em seu caso, “a mira perdida” foi certa!



ESALQ PRESENTEIA O MATO GROSSO DO SUL COM SUA 1ª ENGENHEIRA AGRÔNOMA

A sede por conhecimento vem da infância em Aquidauana (MS), o que motivou Olinda Barbosa Marques de Souza a buscar estudo em São Paulo. Em Piracicaba, foi morar no pensionato da Rua do Rosário, fez cursinho com o célebre Torigoi e, encantada com a ESALQ, ingressou no curso de Agronomia em 1966, com vistas à terra herdada de seu pai.

No Departamento de Química, encontrou o grande professor Otto Jesu Crocomo, que lhe despertou a mais valia que nem ela mesma reconhecia, dizendo-lhe com aquele vozeirão: “você não é para nota sete”. No Centro de Energia Nuclear na Agricultura (CENA), ele já havia escrito dois livros sobre radioisótopos, os quais lhe dedicou de punho: “escrevi estes livros para alunos como você”. O futuro de Olinda na pesquisa científica era promissor!

Em setembro de 1970, em busca de trabalho, foi à fazenda Bodoquena, no Mato Grosso do Sul, na época com mais de 100 mil hectares, e lá, Alexandre, colega esalqueano, a fez compreender a incompatibilidade daquele trabalho com uma jovem mulher; pouco tempo depois, ele foi assassinado em um conflito de terra. Então, em Campo Grande, Olinda procurou a Empresa de Projetos Especiais do Centro Oeste, a 1ª da região, onde seria contratada, basicamente, pela formação acadêmica na USP, nome de família e pela coragem e ousadia de colocar a “cara a tapa”.

Assim, sua trajetória rumo ao planejamento se iniciou com elaboração de projetos em nível de propriedade e, no Conselho Nacional de Desenvolvimento da Pecuária (CONDEPE), analisou e avaliou projetos para programas especiais que visavam a captação de recursos junto ao Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), participando também da elaboração do 1º trabalho de caracterização do MS.

Estabeleceu forte vínculo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e, ao longo de 20 anos, na Secretaria de Agricultura, numa

intensa e ampla parceria multi-institucional, foi responsável pela estruturação e pelo acompanhamento das estatísticas agropecuárias; foi assim que se conscientizou da importância e complexidade da aplicação da Estatística a outras áreas do conhecimento.

Logo viria a fase dos projetos de desenvolvimento regional e gerenciamento deles, pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Olinda integrou a equipe de elaboração do grande projeto Manejo e Conservação dos Recursos Naturais do Estado de Mato Grosso do Sul, coordenado pela FAO, para captação de recursos junto ao BIRD. Esse projeto foi o mais gratificante de sua vida profissional.

Muitos desafios foram vencidos, o maior e mais significativo deles acredita ser conciliar profissão com maternidade. Em 1976 teve seu 1º filho, Adriano, o qual não conseguiu amamentar; em 1980 nasceu sua filha Carolina, e Olinda, precisando ir a Porto Velho a serviço, para não desmamá-la precocemente, viajou levando babá, carrinho, bacia de inflar, mala com água mineral etc.

Em 2014, teve a linda surpresa de descobrir sua sucessora técnica: Ana Gabriela Araújo, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), para quem, numa intensa parceria em pesquisas, repassou o grande e diversificado banco de dados e, também, todo o seu conhecimento sobre a pecuária do MS.

Após 44 anos de dedicação ao seu estado, Olinda tem a certeza de que deu o melhor de si e agradece a Deus pelos presentes que Ele lhe deu: Adriano, Carolina, Adriana, Ninor, Rosemeire, Camila, André Luiz, Sofia e Luiza, seus grandes heróis.

Hoje, além de gerenciar os negócios familiares, colabora com a ONG Fraternidade Sem Fronteiras, que assiste crianças na África e no Brasil; desenvolve ações pontuais junto aos refugiados, principalmente da Venezuela, e participa da Associação Médico Espírita (AME).



A AFINIDADE COM A NATUREZA NA EXPERIÊNCIA DO TRABALHO EM USINA

A andar a cavalo à noite era uma das atividades preferidas de Oscar Tanner Filho. A oportunidade foi dada pelo Dr. Peter Wirth, dono da Fazenda Paredão em Oriente (SP), onde seu pai, Oskar Tanner, trabalhava como guarda-livros. De origem suíça, exemplo de honestidade, seu pai foi seu guia de vida. Sua mãe, Agathe G. Welte Tanner, era professora e o conduziu pelos caminhos da educação.

Nascido em 16 de dezembro de 1944, em Oriente, Oscar Tanner Filho estudou em Marília (SP), após concluir o Grupo Escolar, porém ainda morando na Fazenda Paredão. Desse convívio nasceu o gosto pela Agronomia, e Oscar decidiu morar em Piracicaba já no 3º Científico a fim de estudar na ESALQ.

Preparou-se para o vestibular no cursinho do Torigoi e, quando a lista de aprovados foi exposta no CALQ, conseguiu disfarçar sua alegria a ponto de enganar um veterano para fugir do trote. Ri alto dessa lembrança. Mais tarde, no entanto, tomou vários trotes, o que, por fim, ajudou-o a superar a timidez.

Durante o curso morou na Casa do Estudante. Gostava das aulas do professor Walter Accorsi, com quem aprendeu muito sobre as propriedades medicinais das plantas, o que lhe permitiu ajudar muita gente. Fez estágio na Champion Papel e Celulose, em Mogi Guaçu (SP), e estava sempre em contato com a maquinaria.

Era fã do bonde e do salto do Rio Piracicaba, mas seu passatempo predileto era estudar, tanto que a biblioteca da Escola se tornou sua segunda casa.

Quando se formou, Oscar tinha proposta de ir para a Klabin, no Sul, mas o gerente das Usinas Brasileiras de Açúcar S/A, localizada em Rafard (SP), foi mais rápido e o abordou ainda na Escola, já que tinha recebido recomendações sobre ele. E, assim, Oscar deu início a um trabalho que duraria 25 anos.

Inicialmente, atuou em máquinas e implemen-

tos agrícolas, área incipiente na época. Mais tarde, assumiu funções administrativas e passou a ter sua própria equipe no campo. Contudo, escritório não era sua praia, então, distribuía o serviço no fim da tarde, e às 6h do dia seguinte já estava na usina para acompanhar as atividades externas.

Veza ou outra, precisava varar a noite ajudando a apagar incêndios nos canaviais. Transmitiu conhecimento e, sobretudo, aprendeu muito com os trabalhadores rurais; a afinidade com a natureza o impressionava. Oscar soube respeitar a maneira de ser e de agir de cada um.

O trabalho começou em Rafard, mas se estendeu até Porto Feliz (SP), onde a usina tinha outras unidades. Logo no início de 1975, Oscar conheceu sua atual esposa, Belmira Fernandes Tanner, a Mila, que era professora na fazenda da usina em Porto Feliz. Casaram-se naquele ano e tiveram 2 filhos: Heloísa de Fátima Fernandes Tanner, graduada em Fisioterapia, e Oscar José Fernandes Tanner, formado em Ciências da Computação.

No fim da década de 1990, Oscar deixou a Usina Rafard e foi trabalhar com qualidade de serviço em uma Usina de Nova Olímpia (MT), onde permaneceu por um ano e meio; em seguida, retornou com a família para Capivari (SP). Foi Diretor da Secretaria Municipal de Obras de Porto Feliz e chegou a prestar consultoria a empresas, mas logo se aposentou.

Então trabalhou na Fazenda Santo Antônio, de Capivari, como orientador do Centro de Educação Ambiental. Desenvolveu diversos trabalhos com crianças e jovens, tais como formação dos solos, estudo das plantas e do ciclo de vida das borboletas e das formigas, entre outros; tudo para despertar neles o amor e o respeito pelo meio ambiente.

Atualmente, Oscar investe seu tempo em sua coleção de selos e cria bicho-pau. Também se tornou um pesquisador da história e montou linhas do tempo de História do Brasil, História Geral e Paleontologia. Estabeleceu-se em Capivari, onde vive com a esposa e com a filha.



A DIFUSÃO DE CONHECIMENTOS NA CARREIRA DE AGRÔNOMO

Nascido a 30 de novembro de 1946, neto de judeus asquenazes, Ossir Gorenstein apreendeu com os avós os valores da honestidade e do trabalho, em Santo André (SP), onde foi criado. Escolheu a Agronomia pela amplitude de possibilidades, e ficou mais animado após conhecer a ESALQ e visitar uma república.

Com uma boa formação escolar, fez o curso intensivo e passou no vestibular. Na véspera do início das aulas, desembarcou na rodoviária como bicho, sem nome, onde veteranos raladores vorazes impingiram-lhe um trote constrangedor, e um apelido obscuro e humilhante. Terminado o trote participou da fundação da República do Pau Doce, quando lhe substituíram o apelido por “Barraca”. Este tornou-se seu real apelido e segundo nome.

No convívio da república ocorriam animadas discussões políticas, que o motivaram a participar das assembleias do CALQ e do movimento estudantil. Presenciou as duas maiores manifestações na época contra o regime, que culminaram com os estudantes cercados pela Tropa de Choque.

Dedicado à leitura orientou-se para as questões sociais. No último ano do curso fez Diversificação em Economia e Sociologia Rural e se interessou pela Reforma Agrária. Assim que se formou, foi indicado para trabalhar na CONTAG, como assessor de Política Agrícola, na defesa dos interesses dos pequenos produtores rurais. Foram 13 anos de atividades, o primeiro deles no Rio de Janeiro, e os demais em Brasília, visando à formação de lideranças sindicais, por meio da preparação de cursos e apostilas contendo temas sobre crédito rural, preços mínimos e cooperativismo, objetivando propiciar informações para permitir o acesso dos pequenos agricultores aos mecanismos de política agrícola.

Foi assessor da CONTAG até 1984, quando retornou a São Paulo para assumir a direção do Instituto de Cooperativismo e Associativismo, ligado à Secretaria Estadual de Agricultura e Abasteci-

mento, por indicação do amigo Eduardo Castanho (Drepo). Três anos depois foi criada a Secretaria Estadual de Abastecimento, carecendo de estruturação no interior. Assim, assumiu a função de agente de Abastecimento na região de Piracicaba.

Na área de Abastecimento dedicou-se a assuntos ligados à defesa do consumidor, tendo sido diretor do Procon de Piracicaba, cargo que ocupou por três anos, cuja experiência ganhou forma na publicação de “Os Dez Mandamentos do Consumidor Consciente: Um Guia de Conduta”.

Também protagonizou discussão sobre os perigos da distribuição de leite cru em Piracicaba. Além disso, no auge dos planos econômicos e de controle de preços, conduziu ativamente ações de contenção de preços dos produtos da cesta básica pelos supermercados. Ambos temas tiveram repercussão pela imprensa local.

Em 1997 retornou ao Abastecimento, sendo designado para a CEAGESP, no Entrepósito de São Paulo, onde conduziu o Monitoramento de Resíduos de Agrotóxicos em Frutas e Hortaliças, o que lhe ensejou a publicação de vários artigos e convites para palestras. Respondeu, também, pelo controle de Pragas Urbanas e orientação sobre Rotulagem. Ficou na CEAGESP até 2013 quando se aposentou.

Na diversidade de sua trajetória, ora a serviço dos pequenos agricultores, ora dos consumidores, empenhou-se em ser um difusor de conhecimentos, informando e esclarecendo as pessoas.

No movimento estudantil conheceu Carmen Romero, na época estudante de Serviço Social. Começaram o namoro ao final de 1970, casaram-se em dezembro de 1971 e convivem até hoje. Tiveram três filhos: Maurício, Maria Clara e Mariana.

Fez amigos na Escola e no decurso do exercício profissional. Sentiu profundamente a perda prematura do amigo Maurício Candido de Souza Dias, a quem muito admirava, e, mais recentemente, do querido Drepo. A ambos prestou homenagens em Blog#Esalqueanos-ADEALQ.



ENSINO, EXTENSÃO RURAL, GESTÃO E UMA SINGELA HOMENAGEM

Ele nasceu na zona rural de Lençóis Paulista no dia 7 de janeiro de 1945. Morou no campo até os 23 anos. O avô veio da Itália e era meeiro de café... Ou seja, a vida de Oswaldo Teodoro Dalben era toda inclinada para a agricultura.

E foi no segundo ano do Científico que se encantou pela beleza da ESALQ durante uma excursão que a escola de Lençóis Paulista promoveu. Decidiu fazer o terceiro ano do científico em Piracicaba, paralelamente ao cursinho pré-vestibular. E não deu outra: foi aprovado.

Fugia do trote sempre que podia. Mas não escapou do apelido: Simão, afinal gostava muito de banana, sua fruta preferida até hoje. Ajudou a fundar a República Choppiana que ganhou esse nome por estar localizada ao lado do depósito da Brahma. Gostava da interação entre os amigos, tanto que não dispensava uma partida de futebol. E trabalhou como garçom nas festas do CALQ arrecadando recursos para a formatura, que foi momento de grande alegria para todos, em especial, aos pais – José Benedito Dalben e Adélia Morelli.

A trajetória profissional de Oswaldo começou no ensino. Foi professor no Colégio Técnico Agrícola Estadual de Monte Aprazível, onde ficou até 1973. Uma experiência gratificante essa de transmitir conhecimento aos jovens. Recentemente, inclusive, recebeu a ligação de um ex-aluno que relatou o quanto suas aulas ficaram marcadas. Um gesto que sensibilizou Oswaldo Dalben.

Após sair do colégio, trabalhou por aproximadamente um ano na Usina da Barra, em Barra Bonita, quando adquiriu experiência profissional de suma importância. Depois ingressou na CATI, junto à Casa de Agricultura de Agudos. Foram quatro anos de extensão rural no programa de cafeicultura. Gostava do trabalho porque ia ao encontro de quem precisava. E também porque a interação entre agrônomo e agricultores era uma via de mão dupla: ao mesmo tempo que ensinava, aprendia.

Foi nessa época que Oswaldo se casou com Maria Madalena da Silva Dalben, com quem teve dois filhos: Gisele e Vinicius. Em 2020 completam 45 anos de união. A alegria do casal foi sendo multiplicada com a chegada de cada um dos cinco netos.

Ainda na CATI, Oswaldo mudou de cargo; e por mais quatro anos foi supervisor sub-regional da Delegacia Agrícola de Bauru, cidade onde mora até hoje. Sob sua supervisão havia ainda outros 15 municípios que pertenciam à regional. Em seguida foi delegado agrícola. Era chegada a hora de atuar na gestão de recursos e coordenação técnica dos colegas agrônomos.

Paralelamente foi gerente regional do Sistema Estadual Integrado de Agricultura e Abastecimento, um processo conhecido como Municipalização, que visava o desenvolvimento agrícola dos municípios. Também foi membro do Conselho Regional de Desenvolvimento Rural.

A dedicação ao serviço lhe rendeu, ainda, mais uma promoção: Oswaldo foi diretor do EDR de Bauru, cargo exercido durante seis anos. O Programa Estadual de Microbacias Hidrográficas, um dos que tiveram maior alcance e sucesso, tinha acabado de ser implantado. Oswaldo participou diretamente até 2007, quando se aposentou.

A trajetória profissional desse agrônomo conta ainda com a participação em atividades de classe, com direito a uma homenagem.

Foi delegado regional da AEASP e representante regional da AGROESP, em Bauru, durante quatro gestões, cada uma com duração de um ano; isso na década de 2010.

E qual não foi sua surpresa quando recebeu a notícia de que seria o engenheiro agrônomo homenageado no Jubileu de Ouro da ASSENAG, em 2016, mesmo nove anos após sua aposentadoria. A escolha de seu nome ocorreu por sua atuação na agricultura e por seu envolvimento com as atividades de classe. Para ele, um reconhecimento gratificante que honrou sua trajetória profissional.



O CULTIVO DA VIDA E A PRESERVAÇÃO DA ESPÉCIE HUMANA INSPIRADA NO EVANGELHO DE JESUS

Otávio Nogueira Martins é de Casa Branca; o mais velho de 7 irmãos, viveu boa parte da infância na roça, isso porque a família de sua mãe, Mariana Nogueira Martins, sempre teve sítio. E seu pai, Otávio Barbosa Martins, logo passou a atuar na lavoura e, mais tarde, apenas na pecuária. O primogênito chegou a ajudá-lo com o gado e aprendeu a lidar com a propriedade, mas não via nessa tarefa uma profissão.

Tanto que ao concluir o Ginásio, começou a cursar o Normal para ser professor, como o pai, que já estava na direção de um grupo escolar. O estalo veio durante um culto da Igreja Presbiteriana do Brasil em que o preletor falou sobre Agronomia. Então, Otávio compreendeu que poderia unir o útil ao agradável, saiu do Normal e fez o Científico.

Nascido em 6 de fevereiro de 1945, mudou-se para Piracicaba aos 21 anos. Morou na república Barraca e, nos 3 últimos anos da Agronomia, na Casa do Estudante; ganhou o apelido de Ácaro Branco. Durante o curso, manteve a crença cultivada por seus pais e se envolveu com a Igreja Presbiteriana de Piracicaba, onde teve seu maior convívio; participava das práticas esportivas e das confraternizações com os amigos de fé.

Quando se formou, foi trabalhar com assistência técnica e extensão rural na Casa da Agricultura de Casa Branca, onde ficou cerca de um ano e meio. Depois prestou concurso no IAC e se tornou pesquisador do Centro de Café, em Campinas. Passou a atuar em um projeto de pesquisa sobre a ferrugem do café, com foco em defensivos e métodos de condução da lavoura para o controle da doença. Gostava do trabalho e era bem-sucedido, mas o chamado para sua vocação falou mais alto.

Então, em 1974, pediu afastamento do IAC para cursar Teologia. Até tentou conciliar algumas oportunidades na Agronomia, mas percebeu que não seria possível e passou a se dedicar exclusivamente à Teologia.

Assim que concluiu a graduação, em 1977, recebeu convite para exercer o pastorado em Mendes Pimentel (MG), na região de Governador Valadares; em seguida passou por Mantena e depois foi designado para Guaxupé, onde morou 6 anos. Depois foi para Governador Valadares, onde atuou por mais 2 anos, e voltou para o estado de São Paulo, sendo alocado em Pirassununga por 3 anos, em Santa Bárbara d'Oeste por 1 ano e, enfim, em Limeira, onde mora desde 1993.

Logo no início de seu pastorado, conheceu Luci Heringer Martins, viúva havia algum tempo. Aproximaram-se, namoraram e no dia 26 de julho de 1980 se casaram; Otávio, então, ganhou duas filhas: Andréa e Flávia, suas enteadas; e mais tarde nasceram Luciana e Eduardo. Hoje tem 3 netos.

Ao longo da vida, Otávio foi vencendo cada desafio, degrau a degrau. No IAC, o de desenvolver pesquisas numa área nova com recursos quase sempre escassos. E depois, como pastor de igreja, o de levar uma mensagem de esperança, de preservação dos valores humanos e bíblicos, na crença de uma “perpetuação eterna”; ainda mais nos tempos de hoje.

Sem contar o fato de lidar com pessoas, que têm emoções, crises, são exigentes, enfim, é mesmo um desafio. Vencer cada obstáculo só foi possível graças ao seu interesse e à preocupação em ajudar o ser humano a enfrentar suas dificuldades, fossem elas a superação da perda de um ente querido ou a busca por respostas diante das questões da vida. Exigiu-lhe paciência, compreensão, fé e amor. Tinha mesmo que ter vocação.

Para Otávio, viver o Evangelho de Jesus pode ser comparado à agricultura: é uma plantação que exige cuidados constantes. É preciso adubar, regar, vigiar. A vida do ser humano também tem pragas e doenças que precisam ser combatidas diariamente, e operar nesse combate foi sempre o que o motivou. Sua maior alegria é que como pastor, atuou por 31 anos em uma área de ressonância eterna.



DA FAMÍLIA DE 56 ENGENHEIROS AGRÔNOMOS, NASCE UM AGRÔNOMO ESCULTOR

Ele é da maior família de engenheiros agrônomos do estado de São Paulo: 56, dos quais 42 parentes e 14 agregados. O 1º, Luiz Teixeira Mendes, concluiu o curso em 1904. Quarenta e dois anos depois, em 2 de agosto, nascia em Campinas Otávio Teixeira Mendes Neto, o 31º a graduar-se na ESALQ. Caçula de 3 irmãos, foi o único a seguir por esse caminho.

Seus antecessores ocuparam cargos importantes na Escola, como o de diretor e catedrático, e até por isso moravam no campus, onde Otávio adorava ir para ver os patos; brincar naquela imensidão era um sonho para as crianças. Mas não imaginava que estudaria lá um dia. A decisão foi tomada no 2º Científico; Otávio estava em dúvida entre ESALQ, Politécnica e ITA, mas optou pela 1ª por conhecê-la melhor.

Seu pai, Antonio José Teixeira Mendes (A34), era chefe da seção de Citologia no IAC, e não escondeu o orgulho ao saber da escolha do filho, que passou em 33º lugar no vestibular. Sua mãe, Gessy Dias Teixeira Mendes, amava Piracicaba e apoiou totalmente o filho que foi cursar o 3º Científico no Colégio Dom Bosco, coincidentemente localizado na Rua Dr. Otávio Teixeira Mendes, nome de seu avô.

Otávio Neto tinha 18 anos quando se mudou para a República Harém com outros 2 amigos menores de idade; sentia-se responsável por eles, tanto que chegou a comprar uma lousa para dar aula para eles. Foram 6 anos de república, um período genial.

Nas férias, fez vários estágios no ITAL e chegou a dar aula sobre laranja para a sua turma prática, com quem tinha bastante convivência. Aliás, a 7ª turma contava com bons jogadores de futebol e nas horas livres, Otávio não desperdiçava uma partida. Fez Diversificação em Tecnologia Rural.

Assim que se formou, foi convidado para entrar no ITAL, mas como o salário era baixo e ele queria se casar, decidiu trabalhar no posto de

combustível Saci, de seu irmão. Conseguiu fazer a venda subir de 80 mil litros para 460 mil litros por mês. E em 1971 casou-se com Tânia de Jesus Pereira, com quem teve 3 filhos: Otávio, Marcela e Gustavo. Hoje tem 3 netos.

Ainda com o irmão, Otávio montou a empresa Saci Sistemas de Segurança e Saci Produtos de Limpeza, mais tarde dividida entre eles; foram cerca de 10 anos de atuação após a crise do petróleo, até que, em 1985, Otávio decidiu fechar a empresa. Fase difícil, entretanto, não foi a única e ele sempre enfrentou os problemas de cabeça erguida.

Começou a atuar como corretor de imóveis e logo o irmão o convidou para montar uma filial de sua empresa de fundição em Campinas; Otávio até tentou, mas, sem apoio, viu a empresa tornar-se deficitária e decidiu encerrar a sociedade. Ficou sozinho na fundição e ali iniciou nova e promissora fase em sua vida.

Diante de enteveros com um artista que assumiu o compromisso de entregar um busto, mas não cumpriu, Otávio decidiu enveredar por esse caminho e fazê-lo com suas próprias mãos. Comprou 40 quilos de argila e fez, na raça.

Assim, descobriu sua habilidade artística, aperfeiçoou-se e entrou para um ramo do qual nunca mais saiu. Fez a estátua de Ozires Silva e de Ademir da Guia, o busto de Mario Covas, instalado no Congresso Nacional, de Dom Pedro II, da mãe do Silvío Santos, enfim,

nesses mais de 25 anos de atuação, foram cerca de 300 obras; atualmente, há esculturas suas espalhadas em diversos estados do país.

Para divulgar seu trabalho, criou o site bustos.com.br; mais tarde, ganhou a companhia da filha, que se especializou em escultura na Alemanha. Um orgulho para o pai. Otávio se deu tão bem, que nunca precisou fazer propaganda de seu trabalho, as pessoas o procuram por indicação. Sua maior alegria é ver o cliente satisfeito. E embora hoje seja escultor, sente muita honra de ter estudado na ESALQ, onde fez grandes amigos.



DESENVOLVIMENTO DO MATO GROSSO DO SUL E CONQUISTA DO CERRADO BRASILEIRO

Ele nasceu em São Paulo (SP), em 30 de maio de 1941, mas antes que completasse 1 ano, seus pais foram para Jandaia do Sul (PR) plantar café. Então, Paulo Shiguenori Kanazawa foi criado em um ambiente rural, onde os estudos eram alternados com tarefas nos trabalhos do dia a dia.

Primogênito de 8 irmãos, fez o Ginásio e o Científico em São Paulo, e em 1962 já começou a trabalhar na Cooperativa Agrícola de Cotia, foi seu 1º emprego; em 1964 trabalhou no Frigorífico Armour do Brasil S/A. Os contatos com o meio rural nesse período o fizeram lembrar sua origem e reforçaram sua intenção de cursar Agronomia. Na verdade, ele seguia um forte legado deixado por seus pais, Naomi e Masae Kanazawa, que repetiram muitas vezes o mesmo conselho: estude, estude, estude, porque o futuro não é só trabalho.

Paulo passou em 25º lugar no vestibular da ESALQ. Na nova cidade morou em repúblicas, andou de bonde e, claro, estudou muito. Fez estágio de férias como os da Hidroservice Engenharia Ltda, onde aprendeu a importância da visão integrada de projetos. No 5º ano, fez diversificação em Economia Rural.

Sua trajetória profissional após formado começou em fevereiro de 1971 com a Condecrer, Consultoria de Crédito Rural; viajou cerca de 12 mil quilômetros nos estados de SP, MG, PR, GO e sul do MT para vistoriar propriedades de clientes de bancos que tinham adquirido planos de crédito.

Na volta, atuou no PIPMOA, vinculado ao Colégio Técnico Agrícola de Iguape, na região do Vale do Ribeira, que atendia grande demanda de banana da Argentina. Em 1972 casou-se com a economista Etuco Adachi Kanazawa, com quem teve um filho: Paulo Jun Adachi Kanazawa, que lhe deu uma linda neta: Lorena Kaori.

Quatro anos depois, passou a prestar consultoria em projetos de financiamento na Planesul - Planejamento e Consultoria Ltda. Em 1979 tor-

nou-se consultor do EDIBAP, um convênio que permitiu o levantamento dos dados de clima, fisiografia, geologia e mineração, hidrologia, solos, fitogeografia, ecologia e meio ambiente. Observou-se que a região possuía longos períodos de alterações climáticas conhecidas pelos “pantaneiros” como “pantanal úmido e pantanal seco”. Essa alternância climática tem suscitado opiniões controversas sobre o Pantanal.

No início da década de 1980, Paulo tornou-se funcionário da SUDECO. Seus primeiros contatos com o cerrado brasileiro iniciaram-se nesse período. De 1984 a 2000 foi funcionário público de MS, mas sempre atuou com visão de iniciativa privada, assumindo diferentes cargos.

Paulo acompanhou não só a divisão regional do estado, como também participou ativamente do desenvolvimento do MS e do Cerrado Brasileiro. Mais tarde, passou a orientar outras instituições públicas e privadas. Foi consultor do Banco Mundial, do Banco Interamericano, da OEA e do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, por meio do qual atuou no Programa de Consolidação dos Assentamentos Rurais da Reforma Agrária.

No ano do Jubileu de Ouro da A70 sentiu-se orgulhoso de ter participado do processo de expansão territorial e verticalização econômica da agricultura brasileira. O processo, que teve origem na região Sul-Sudeste, expandiu-se pelo cerrado do MS e norte do MT, atingindo a região do chamado MATOPIBA. Com isso, o Brasil conquistou a liderança mundial na produção de grãos, carne e produtos florestais.

De todos os desafios, a instabilidade política foi das mais tensas para Paulo, já que exerce influência direta na economia e, conseqüentemente, no aumento da produção. Contudo, teve a oportunidade de ajudar os agricultores a enfrentar cada dificuldade procurando olhar o lado positivo da situação. E apesar das crises por que passa o país, mantém-se otimista quanto ao futuro.



A DIVERSIFICADA CARREIRA DE AGRÔNOMO QUE LHE EXIGIU CONHECER CONTABILIDADE E GESTÃO

Plínio Barbosa é o famoso “nativão”. Torcedor do XV, era um dos músicos da Banda Marcial e tocou na inauguração do estádio Barão de Serra Negra; aliás, viajou muito com a banda, apresentando-se inclusive na abertura de um dos Jogos da Primavera no Maracanã. Conheceu vários professores da ESALQ entregando serviços da serralheria de seu pai, Laurival Barbosa, o Nhô Lau. Com isso, aproximou-se da Agronomia e daquele campus que o cativou.

Nascido em 26 de novembro de 1945, Plínio trabalhou desde cedo; foi o legado do pai, um homem de vanguarda, muito dedicado e que lhe ensinou a ser honesto, dar valor à família e ter comprometimento. Dona Luiza Magri, sua mãe, tecelã na Fábrica de Tecido Boyes, reforçava esses princípios. Ambos nutriam o sonho de ver o filho na Agronomia.

Plínio fazia o Científico de manhã, trabalhava na oficina do pai à tarde e à noite dava aulas de Matemática na Escola Megatec. Com o reforço do intensivão do Torigoi, passou no vestibular. Foi uma alegria só. Continuou morando com os pais, mas frequentava algumas repúblicas, onde tinha muitas amizades; foi apelidado de Fossa, pela ausência de um dente frontal.

Trabalhou com topografia do 3º ao 5º ano. Quando chegou o 1º computador da ESALQ, não desperdiçou a oportunidade de aprender a lidar com ele, o que facilitou muito a execução de um trabalho para a Prefeitura, juntamente com o amigo Coelho (A70), no levantamento planialtimétrico do córrego Piracicamirim. Foi fundador do Clube de Paraquedismo de Piracicaba, em fevereiro de 1968, e seu 1º presidente.

Começou a trabalhar na Corsário de Aviação Agrícola no dia 4 de janeiro de 1971, ainda sem receber o diploma, e precisou pedir licença da firma para ir à própria formatura. No ano seguinte foi indicado pelo amigo Fisher (A70), para trabalhar no Banco Lar Brasileiro, subsidiário do Chase Manhattan, sendo designado para Campi-

nas e depois São Paulo; período de grandes desafios, que lhe exigiram aprender contabilidade, administração e gerenciamentos. Então, fez Administração na PUC-Campinas.

Em 1979, foi convidado por um ex-diretor do Chase para trabalhar no Banco Auxiliar; no início, permaneceu em São Paulo, depois foi transferido para a Regional do Interior, em Campinas, e então para Campo Grande (MT), onde assumiu as operações do banco na Regional Comercial do Centro-Oeste.

Em 1985, tornou-se gerente do Banco Noroeste, na região Centro-Oeste. Sete anos depois, retornou a Piracicaba realizando consultorias para usinas e destilarias e, mais tarde, foi Secretário Municipal de Agricultura e Abastecimento, até 1997.

Naquele ano passou a dividir a vida com Ivany Fernandes, seu grande amor. Tiveram um filho, Plínio Monteiro Fernandes Barbosa, que cursa Engenharia Agrícola Ambiental. Do 1º casamento, tem outros 2 filhos e netos.

Em 1998 voltou a trabalhar com crédito na Case Agrícola, onde teve a alegria de encontrar o amigo Altair (A70); mudou-se para Cuiabá (MT), novamente sendo o responsável pelo Centro-Oeste. Três anos depois, com a fusão Case – New Holland, deixou o Grupo e foi para a John Deere.

Em 2002 fora chamado para administrar uma empresa, a SSA, que colocaria no mercado o 1º GPS brasileiro, sendo responsável

comercial e tecnicamente. E em 2011 foi para o Grupo Bom Futuro, para organizar os estoques das mais de 30 fazendas do grupo, onde ficou até se aposentar, em 2013.

Então, passou a prestar consultoria em diversos setores do Agronegócio. Também é presidente da AEAGRO, a qual integra desde 2011. Plínio sempre teve muita garra para vencer os desafios do trabalho e nem pensa em se acomodar. Disposto, nas horas livres adora dançar, hobby que partilha com sua querida esposa e com o filho, um grande orgulho dos pais.



O AMOR PELA AGRONOMIA DESCOBERTO NO QUINTAL DE CASA E LEVADO À SALA DE AULA

Régia Aparecida Carpanezi de Almeida sentiu que alguma coisa acontecia em seu coração quando estava no quintal daquela casa na esquina da Rua Ipiranga com a São João – em Piracicaba, sua terra natal. Nascida em 12 de setembro de 1945, desde menina, percebeu que se sentia feliz em meio à plantação. O contato com a natureza era fortalecido a cada vez que seu pai, Antonio Promesso Carpanezi, levava os filhos à ESALQ para passear. Régia jogou muita peteca e bola ali antes de entrar no campus para estudar.

Sua mãe, Maria de Lucas Carpanezi, sempre estimulou a independência das filhas. Costureira, professora de corte-costura, sábia conselheira e mãe amorosa, viveu até os 105 anos. Régia ouviu seu conselho e decidiu estudar. A opção pela Agronomia foi natural; no fundo, alimentava o sonho de trabalhar no Amazonas.

Concluiu o Científico no Sud Mennucci e passou no vestibular. Seu trote foi subir em um banco da praça, após longa caminhada da Escola até o Centro, e discursar sobre “a influência do galho seco na vida do papagaio”. Assim, em plena década de 1960, Régia cursava Agronomia numa reconhecida instituição e ia para as aulas de calça comprida, camiseta branca e bota vermelha, herdada da irmã.

Na Escola, aprendeu a deixar de lado a timidez e se tornou uma das jovens mais falantes da sala; divertida, brincava com os colegas e construiu grandes amizades na A70. Gostava de estudar e auxiliava quem tinha dificuldade na Matemática com aulas particulares, para complementar sua renda.

Dedicada, fez estágio na seção de Bioquímica para superar as dificuldades da matéria. E ainda encontrava tempo para o lazer: ia ao Mirante, local movimentado que fornecia um suave contato com a natureza, unindo água e árvores; deliciava-se com as batidas do bar Sujeirinha e não perdia uma partida de basquete do XV, que possuía uma das melhores equipes do país.

Foram muitas as peripécias do tempo de estudante; Régia lembra aos risos quando o trator que operava empinou durante a aula; esperta, ela logo pulou e saiu ilesa. Sua empolgação com a Escola levou-a a participar do TULQ e do coral do CALQ.

Assim que se formou, foi trabalhar no CTA de Espírito Santo do Pinhal, onde deu aulas de Adução, Economia e Zootecnia; o clima não era nada amistoso, então decidiu sair. Ainda em 1971 casou-se com Benedito Vinícius Almeida Junior e tem 2 filhos, que são a alegria de sua vida: Leonardo e Angélica; e é avó das gêmeas Ana Julia e Ana Laura.

Logo após se casar, Régia foi trabalhar como agrônoma na Prefeitura de Ouro Preto (MG), onde seu marido morava havia 4 anos. Em 1973, soube do concurso da CATI e decidiu prestar. Queria voltar para perto da família e sabia que o marido conseguiria transferência. Assim, assumiu a Casa da Agricultura de Gália, onde dava assistência às propriedades agrícolas, em especial, com o bicho da seda. Iniciava seu trabalho por uma boa conversa com as esposas dos agricultores e desta forma, conseguiu se posicionar.

Mais tarde, foi transferida para Garça e depois se tornou chefe do EDA, onde fazia fiscalização, mas - diante da animosidade dessa função - começou a dar cursos de agroindústria. A experiência foi tão positiva, que se tornou supervisora do EDR de Marília, onde o trabalho era focado em assistência técnica, mas Régia se especializou bastante e ficou trabalhando com os cursos de agroindústria em toda a região.

Foi professora de agroindústria da FAEF e quando surgiu o SENAR, em 1992, recebeu convite para ser instrutora; ministrava os cursos aos sábados e domingos. Adorava o que fazia! Tanto que se aposentou pela CATI, mas até hoje continua no SENAR. Régia não foi para o Amazonas, como pretendia, mas aproveitou cada oportunidade que Deus lhe deu na vida.



A TRILOGIA PEIXE, VINHO E PÃO QUE NORTEOU SUA CARREIRA

O sonho de menina era estudar arquitetura, curso oferecido, na época, apenas nas grandes capitais. No entanto, não demorou muito para que Regina Célia Della Modesta se encantasse pela área de alimentos, com que teve contato pela 1ª vez no curso de Agronomia, escolhido porque a mãe não quis deixá-la estudar fora. Ainda bem! Regina teve grande destaque em sua atuação profissional.

Nascida em 20 de setembro de 1946, em Piracicaba, é a 1ª filha de Sylvio Della Modesta, exemplo de honestidade para ela. A mãe, Syria Helu Della Modesta, tinha a personalidade forte dos sírios, traço herdado por Regina, que logo após a ESALQ começou a decidir sozinha seu caminho.

Do período de Escola guarda carinhosas lembranças dos amigos da 7ª turma prática. No CALQ, atuou junto aos Departamentos de Patrimônio e Feminino e ocupou o cargo de Diretora de Arquivos, assumindo responsabilidades ainda jovem. Notívaga, sempre foi apaixonada pela Rua do Porto. Aliás, quem não é?

Fez estágio no Departamento de Tecnologia de Alimentos, onde iniciou seu trabalho com alimentos. Lembra-se com emoção da sessão solene e da notícia de que o pai, que havia acabado de ser diagnosticado com câncer, chorou ao ver a primogênita formando-se na ESALQ.

Regina seguiu com bolsa da FAPESP até 1972, ano em que iniciou o Mestrado em Ciências dos Alimentos, área de atuação onde se encontrou. Sob orientação do professor Urgel de Almeida Lima, seu estudo foi focado em peixes. Ia com amigos da ESALQ todos os dias para São Paulo, numa época em que a estrada não se parecia nem de longe com os tapetes planos e bem sinalizados de hoje.

Foi contratada pela EMBRAPA em 1975, durante sua dissertação, concluída no ano seguinte. Designada para a EMBRAPA Uva e Vinho, mudou-se para o Rio Grande do Sul, onde atuou durante 3 anos.

Em 1979, transferida para a EMBRAPA Agroin-

dústria de Alimentos, no Rio de Janeiro, completou a “trilogia” peixe, vinho e pão, alimento que norteou suas pesquisas na cidade da maior escultura do Cristo Redentor do país.

Convidada pela EMBRAPA para fazer treinamento em Campinas com ênfase em Análise Sensorial/Instrumental, inclinou-se ainda mais para o tema. O interesse e a dedicação levaram-na a ser uma das principais pesquisadoras do país na área, conquistando o respeito dos pares.

De volta ao Rio de Janeiro, conheceu sua irmã de coração, Adelaide Del Pino Beleia, que também atuava na EMBRAPA e com quem morou por 3 anos.

Em meados de 1980, coordenou pesquisa com 40 mil consumidores em todo o país, para entender a demanda de alimentos e direcionar a produção. Fez Doutorado em Ciências dos Alimentos na USP de São Paulo (1994) quando estudou a preferência do consumidor brasileiro por produtos à base de farinhas.

Ainda no Rio, coordenou dois grandes trabalhos com aceitabilidade do consumidor: um com trigo e farinhas mistas, e outro com café. No total, foram 32 anos de EMBRAPA, até se aposentar, em 2007. Um período que lhe exigiu grande esforço no relacionamento profissional.

Publicou quase 70 artigos em periódicos, uma centena de resumos em anais de congressos, orientou mestrados e doutorados e atuou como professora em nível médio profissionalizante, superior e de pós-graduação em várias regiões do Brasil. Auxiliou na montagem de laboratórios de Análise Sensorial em indústrias e organizações governamentais e foi colaboradora na UFRRJ, até 2009, na Disciplina de Análise Sensorial de Alimentos e Bebidas.

A beleza da cidade maravilhosa, contudo, não foi maior do que os encantos de Piracicaba, afinal, só o piracicabano conhece a dor que sente quando ausente está a suspirar por ela. Voltou definitivamente para sua terra natal em 2016, onde tem se dedicado aos cuidados com a própria saúde.



MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA: O CONHECIMENTO DE ANOS COMPARTILHADO COM JOVENS NO SENAR

Filho de agricultor, Reinaldo Alves Junqueira sempre teve contato com a terra. Nasceu em 24 de março de 1946, concluiu o ginásio em Guaíra (SP), sua terra natal, e depois se mudou para Ribeirão Preto (SP), onde iniciou o Científico. Nas férias, voltava para casa a fim de ajudar o pai na lavoura.

O impulso para estudar veio de sua mãe, Helena Cândida Junqueira que, um dia, após um silencioso jantar, chamou-o para conversar; e ali, naquela troca de olhares e de palavras entre mãe e filho, Reinaldo compreendeu a importância da educação. Até hoje é grato por aquela conversa. E com exemplos práticos de confiança no filho, seu pai, Jerônimo Alves Junqueira, foi quem o ensinou a ter responsabilidade. Assim, Reinaldo estava pronto para seguir o seu caminho.

Mudou-se para Piracicaba no 3º Científico. Inicialmente, morou em república e ganhou o apelido de Mula. Depois foi para a Casa do Estudante. Com a seca que atingiu a lavoura do pai, Reinaldo precisou trabalhar para auxiliar nas despesas e conseguiu bolsa no Departamento de Silvicultura, onde ficou durante 4 anos. Além disso, fez estágio na Companhia Melhoramentos e na CATI. Também esteve na Bahia para estudar o cultivo de cacau.

Ainda assim, encontrava tempo para ir aos bailinhos do CALQ, jogar basquete na Escola, passear no Mirante e pescar no Rio Piracicaba. Aliás, lembra-se bem das vezes em que o rio encheu, era impressionante. Também não se esquece da queda do edifício Comurba, onde já tinha estado para assistir filmes no único empreendimento que funcionava no prédio: o cinema.

Reinaldo estava no 4º ano da Agronomia quando começou a namorar Vanda Maria Palu Junqueira, com quem se casou em 1974. Tiveram 2 filhos: Marcelo Ricardo e Vitor Roberto, ambos agrônomos. Hoje tem 3 netos - João Marcelo, Arthur e Hugo - que são a alegria da vida do avô.

Ainda na época da Escola, Reinaldo, andou

muitas vezes de bonde e outras tantas voltou a pé para casa, de madrugada, tamanha a tranquilidade da cidade. Mantinha ótimo relacionamento com os amigos, em especial com os da 7ª turma prática e os da Casa do Estudante.

Também era muito próximo do professor Odilon Saad, da Mecanização Agrícola, que o indicou para um trabalho antes mesmo da formatura. Com isso, no 5º ano Reinaldo foi contratado pela Refinadora Paulista, a antiga Usina Tamoio, em Araraquara, onde atuou com preparo de solo, transporte, plantio, tratos culturais, colheita etc. Iniciava, assim, uma longa carreira em mecanização agrícola.

Quatro anos depois decidiu buscar novos horizontes e foi trabalhar na Usina São Luiz S/A, em Ourinhos (SP); trabalhou ainda na Usina da Pedra, em Serrana (SP), e depois na Usina Bonfim, onde permaneceu por 20 anos, sempre na mecanização agrícola; acompanhou a chegada da 1ª colheita de cana importada da Cameco.

Só deixou a empresa porque mudou a direção. Então, foi para a Sermag, trabalhar com implementos agrícolas, mas não era seu forte; assim, nem pestanejou quando recebeu convite para dar curso no SENAR, onde está há 18 anos.

Reinaldo foi quem ministrou o 1º curso de colhedora do SENAR no estado de SP. Até hoje visita fábricas e participa de capacitações, a última delas na John Deere. Além disso, administra juntamente com

o cunhado a fazenda de pecuária que sua esposa herdou da família.

A trajetória profissional de Reinaldo foi intensa. Na usina, a cada dia havia um obstáculo para superar; no SENAR, o desafio é buscar inovação e acertar a forma de transmitir o conteúdo para cada público, mas ele enfrenta tudo com entusiasmo porque acredita que esse caminho permite condições mais dignas para as gerações futuras. Hoje consegue equilibrar melhor trabalho e lazer; e já está até pensando nas próximas viagens que fará com a família.



UMA VIDA DEDICADA AO TRABALHO, ÀS FLORESTAS E À FAMÍLIA

Piracicaba foi a terra que o recebeu neste mundo, no dia 18 de junho de 1945, mas Bauru foi onde ele cresceu. E desde criança Reinaldo Cardinali Romanelli ouvia falar da ESALQ, afinal, o pai e quatro tios eram agrônomos formados pela Escola. Sua escolha pelo curso, portanto, foi natural.

Voltou para a terra natal aos 13 anos e tinha completado 21 quando optou oficialmente pela Agronomia. Era grande a expectativa para estudar na ESALQ depois de um ano inteiro no cursinho do Torigoi.

Embora fosse assíduo na Escola, não era lá muito chegado aos estudos. E nem mesmo às festas universitárias, já que começou a namorar cedo e dedicava seus momentos à família e à namorada, Amelia Elias, que viria a ser sua esposa. O Clube Coronel Barbosa era um dos destinos preferidos do casal. Torcedor do XV de Piracicaba, Reinaldo assistiu muitos jogos pelas imagens chapiscadas da televisão e também no antigo estádio.

Após formado, começou a colocar em prática as lições transmitidas pelo pai Mario Romanelli: ter mais participação nas atividades, dedicar-se de corpo e alma, trabalhar com afinco e procurar crescer sempre. Assim, no dia da formatura foi convidado a assumir o cargo de vendedor em uma firma de adubos e inseticidas.

Após um ano, passou em um concurso da CATI, em Campinas, casou-se em 1972 e depois foi para a iniciativa privada, onde atuou na área de vendas de móveis. Inquieto, prestou concurso técnico novamente e, então, se encontrou profissionalmente.

Trabalhou no Instituto Florestal, órgão da Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente do Estado de São Paulo, de 1976 a 2008. Designado para Itapetininga, atuou boa parte da vida profissional numa fazenda da cidade. Logo no início, fez um curso patrocinado pelo IBDF na FGV do Rio de Janeiro e, quando voltou, assumiu a chefia da área sul, que contemplava seis fazendas de grande porte voltadas para a área de reflorestamento.

Em 1987 deu início ao Mestrado no Departamento de Ciências Florestais da ESALQ, com o saudoso professor Paulo Kageyama, com quem passou tensos e alegres momentos até concluir a dissertação. Ele era exigente. Mas gostava de um violão, o que deixava o clima mais ameno. Ali começou sua pesquisa com extração de resinas de eucalipto, uma área nova para a época e que seria explorada nos 6 mil hectares de terra onde morava com a esposa e com os três filhos: Daniela, Marcela e Rafael.

Começou o trabalho conhecendo a variabilidade de eucalipto para, então, partir para o melhoramento focado em uma maior produção. Foi responsável por grandes extensões de reflorestamento e, por muito tempo, atuou diretamente no campo: uma atividade profissional árdua, que teve a resina de eucalipto como base importante.

Plantou 2 mil hectares de Pinus numa única área em Itapetininga. E quando foi diretor da divisão, foram plantados mais de 1 mil hectares em um ano no Instituto Florestal. Um trabalho pioneiro que teve o apoio da Harima do Brasil. O aprendizado foi na prática, já que a resina permite um grande desenvolvimento genético. E o resultado veio: de dois quilos de resinas por árvore/ano, a produção chegou a oito quilos por árvore/ano.

Reinaldo passou por Divisões do Instituto em São Paulo, voltou para Itapetininga e em 1991 pediu transferência para Piracicaba, momento em que começou a atuar no Horto Florestal de Tupi, onde também foi chefe de seção. No decorrer da carreira, escreveu muitos artigos científicos e tecnocientíficos. Em 2003 entrou na Divisão de Florestas e Estações Experimentais, onde ficou durante três anos e se aposentou.

Viver na fazenda de Itapetininga durante 15 anos foi a grande experiência de Reinaldo Romanelli que, com isso, pôde ensinar aos filhos a realidade da vida e a importância da consideração ao próximo, com respeito, trabalho, dignidade e integridade.



OS CHAMADOS PARA UMA TRAJETÓRIA DE ENTUSIASMO PELA PROFISSÃO E PELA VIDA

Ele gostava de física nuclear, mas também da vida ao ar livre. Talvez por ter passado a infância e a juventude em Jundiaí (SP), terra de belas paisagens, onde nasceu seu pai, Archangelo Rappa. Quando chegou o momento de escolher a profissão, Renato Rappa foi conhecer a ESALQ após visitar algumas fazendas na região. E o impacto que teve ao se deparar com o campus foi crucial para sua decisão de estudar Agronomia em Piracicaba.

Nascido em 23 de julho de 1947, em Viareggio (Itália), Renato veio ainda menino para o Brasil; mais tarde naturalizou-se brasileiro. Tinha 18 anos quando entrou na ESALQ junto com Fernandinho de Jundiaí, Gil P. e Celsão, três amigos do Instituto de Educação Jundiaí, onde concluiu o Científico e fez amizades que ainda cultiva. Aliás, foi nessa escola que conheceu Claude Santiberi, a francesinha com quem, depois de muitas idas e vindas, constituiu sua família.

Em Piracicaba fundou a República Mau Xero, com os amigos Paulinho Modess, Bull Dog, Pardal, Salvador, Baiano, Tio Taio, Robusto, La Cava, Jajá, Bixinho e Fernandinho de Santos. Foram anos inesquecíveis. Aprendeu a viver longe do aconchego de dona Terezita Razzini Rappa, porém sempre próximo aos princípios ensinados por ela e pelo pai.

Durante o curso manteve sua inclinação para o atletismo, iniciada ainda em Jundiaí, quando competiu no time de Nelson Prudêncio; integrou a AA-ALQ, onde praticava as modalidades de salto em distância, 100 metros rasos e revezamento 4X100.

Nas férias, fez estágio remunerado na seção de Fotointerpretação do IAC e trabalhou na propriedade agrícola do pai, em Itatiba (SP); o conhecimento adquirido na Escola foi o alicerce para que ele pudesse desenvolver tudo o que era necessário para tornar a Fazenda Atibainha produtiva e rentável, o que fez com tamanha dedicação, que lhe rendeu um prêmio mais tarde.

Após se formar, Renato dedicou-se à fazenda.

Em 1972, uniu-se aos amigos José Carlos de Moura – o Tio Taio – e Aldroaldo Tirso de Andrade, para montar a Planapec – Planejamento Agropecuário. E aproveitando os anos áureos do país, elaboraram projetos em diferentes estados, como BA, MG, GO, MT, PR e até no exterior.

Nesse período promoveu-se a interiorização do país, mediante abertura de estradas e incentivos à ocupação da terra e à produção, sementes da pujança da produção agropecuária de hoje.

Também em 1972, atendendo ao chamado do coração, Renato casou-se com sua francesinha. Optaram por viver no campo e fazê-lo produzir o sustento da família. Tiveram 3 filhos: André, Renata e Flávia, e 5 netos, que trabalham com ele na empresa e dos quais tem imenso orgulho.

Em 1976, atendendo ao chamado de seus familiares, deixou a Planapec e passou a se dedicar exclusivamente à administração da propriedade da família, vindo a industrializar a produção de leite e iniciar o cultivo da marca Atilatte, de derivados de leite tipo A (iogurtes Premium).

Em 1981 recebeu das mãos de João Batista de Figueiredo, então presidente da República, o prêmio de Campeão de Produtividade Rural no nível de Brasil, pelo INCRA. Cinco anos mais tarde, atendendo ao chamado da vocação, dedicou-se a desbravar o cerrado do Centro-Oeste, ao que se dedica até hoje, sempre implantando a agropecuária com tecnologia de ponta.

Renato não só desbravou terras, como também lutou para evitar desapropriações e encarou atividades que não conhecia. No RN desenvolveu fazenda de frutas, em meados da primeira década de 2000, e ainda exportou manga e melão para a Europa. E todo o trabalho foi desenvolvido paralelamente a uma atividade imobiliária que empreendia na ocasião e à abertura de fazendas no Tocantins e em Goiás. Tais conquistas só foram possíveis porque ele sempre enfrenta com entusiasmo os novos desafios.



O GOSTO PELO TRABALHO NAS DIFERENTES ATUAÇÕES

Ricardo Villela de Souza tem boas recordações da infância. Nascido em São Paulo, em 24 de dezembro de 1947, mudou-se ainda criança para Ribeirão Preto (SP) onde ficou até o 2º Científico. Seu pai, Carlos de Souza, montou um comércio de máquinas agrícolas, e Ricardo o acompanhava nas entregas às fazendas; daí o interesse pela Agronomia.

Com a intenção de estudar na ESALQ, fez o 3º Científico em Piracicaba de manhã e o cursinho à noite. Morou na República Anônima e depois na Harém, onde passou bons momentos. Bola, como é conhecido pela A70, foi da 7ª turma prática e aproveitou o período de Escola da melhor forma; chegou até a empreender por um tempo, quando montou com amigos uma floricultura.

Já no 5º ano passou a trabalhar na empresa do pai. Em dezembro, casou-se com Maria Regina, a quem conheceu antes de entrar na ESALQ; viajou para a lua de mel e voltou para sua formatura, em janeiro de 1971. Momentos de grande alegria! Tiveram filhos: Larissa, Danilo e Karina que, mais tarde, lhes deram a alegria de ter 8 netos.

O início da carreira foi bastante movimentado; em 13 anos, Ricardo morou em 6 cidades diferentes, o que lhe trouxe importantes experiências. Teve poucos empregos e ótimos chefes, que muito contribuíram com sua formação profissional.

Após um ano na empresa do pai, Ricardo foi para a Fomente, braço agrícola da Guatapará Florestal. Em seguida, foi para a Caxuana, em Sacramento (MG), e depois foi transferido para Uberlândia (MG). Trabalhou na elaboração e implantação de projetos de reflorestamento e agropecuários; além de ser o responsável técnico, assumiu também a área comercial da empresa.

Sete anos mais tarde, foi para uma empresa estatal em Campo Grande, quando Mato Grosso do Sul foi criado. Com formação no setor privado, entretanto, sua 1ª experiência no setor público não foi muito boa, e logo aceitou convite da em-

presa Campo, em Belo Horizonte (MG), para atuar na implantação do PRODECER.

Na Campo ficou durante 13 anos, dos quais 11 na direção desse projeto de desenvolvimento agrícola nos cerrados, uma parceria entre o Brasil e o Japão, que permitiu a implantação de grandes projetos de colonização e irrigação, com aplicação de US\$ 500 milhões; Ricardo acompanhou a criação e evolução de novos municípios-polo em MG, GO, MS, MT, BA, TO e MA.

Coordenou a instalação da fazenda modelo de Coromandel (MG), com grãos, sementes, café, pecuária, produção de cachaça e irrigação, atuação importante que lhe deu muito trabalho, mas também grande satisfação. Em 1983, a sede da Campo foi transferida para Brasília, onde Ricardo mora até hoje.

Após sair da empresa, em 1994, prestou consultoria à Embrapa, passou pela Secretaria Nacional da Irrigação e então aceitou convite para trabalhar no MAPA, numa experiência já mais agradável com o setor público. Inicialmente era responsável pelo programa de microbacias hidrográficas e acumulou, em seguida, a Coordenação do PRODECER pelo MAPA, como assessor do secretário executivo.

Sete anos depois, participou de seleção no SEBRAE, onde atuou por 18 anos. Um dos principais projetos que coordenou foi o Empreender, em parceria com a CACB. Começou no agronegócio, passou pela área de comércio e serviços e, nos últimos 2 anos, foi assessor do Gabinete do Conselho Deliberativo, tendo se desligado em setembro de 2019, mesmo ano em que sua querida esposa faleceu; e Ricardo decidiu tirar um período sabático.

Durante sua trajetória, fez cursos em vários países e conheceu todos os estados brasileiros; foram muitas as oportunidades profissionais. Também enfrentou desafios, em especial nos momentos de transição. Sempre se dedicou pois, além de gostar de trabalhar, sente-se bem feliz quando vê que o resultado beneficia a tantas pessoas.



AGRÔNOMO DE FAZENDA, DE PRODUÇÃO E DE SERVIÇO AO PRÓXIMO

Na família de Roberto de Souza Gomes Coelho tinha muitos agrônomos quando ele decidiu estudar na ESALQ. Como nasceu em Piracicaba, a Escola também era o local dos passeios de domingo. Além disso, passava férias e alguns finais de semana na fazenda do cunhado, então, teve contato com a terra desde que nasceu, em 7 de agosto de 1944.

Começou a trabalhar cedo; aos 8 anos prestava serviço para uma farmácia e depois passou a vender frutas. Sempre encontrou apoio. O maior de todos veio de sua mãe, “Vó Iaiá” o esteio da casa. Foi ela que o ensinou valores como fé, respeito e amor ao próximo.

A escolha pela Agronomia foi tão natural que, desde o 1º Científico, quando soube que a Escola procurava um estudante para trabalhar no laboratório de Química, se prontificou. Assim, antes mesmo de ser aluno da ESALQ, já era bolsista do departamento, onde permaneceu até 1970.

Morava com a família, mas tinha ótimo convívio com os amigos nas repúblicas. Não era muito afeito aos estudos, mas tinha boa memória e não faltava às aulas, então, formou-se em 20º lugar.

A formatura foi celebrada ao lado da namorada Maria Eli Antoniali Coelho, com quem se casou em 1971. Tiveram 4 filhos: Fernanda, Roberto, André e Eduardo; os 3 primeiros seguiram o rumo do pai e cursaram Agronomia. Tem 8 netos.

Quando se formou, Roberto foi efetivado como engenheiro agrônomo da VASP, dando continuidade ao trabalho que havia iniciado ainda no 5º ano do curso, a convite do amigo José Hugo Laffranchi. Trabalhou com aerofotogrametria em projeto de cadastro rural.

Depois passou a atuar no levantamento das áreas que seriam inundadas para formar represas em Piracaia, Nazaré Paulista e Mogi Guaçu, no estado de São Paulo. Concluída essa etapa, ampliou sua atuação para Minas Gerais, onde ajudou a realizar o trabalho de aerofotogrametria em Volta Grande.

Roberto ainda chegou a ir para o escritório da VASP, em São Paulo, mas só até surgir oportunidade para trabalhar na fazenda do grupo G. Lunardelli, em Valparaíso (SP), quando aceitou convite do Zé Hugo. E ao longo dos mais de 20 anos de atuação, tornou-se grande amigo do proprietário, Antonio Lunardelli.

Assumiu a administração da fazenda, sendo responsável não só pelas atividades produtivas, como também pela orientação das pessoas que moravam ali. Com isso, passou a ser o esteio, seguindo os exemplos de sua avó e de seu pai, que sempre ajudaram a todos.

Com o falecimento de Lunardelli, Roberto fez a divisão das terras entre os herdeiros e passou a trabalhar para eles. Porém, com o tempo, foi indicando agrônomos para atuar em seu lugar. Deu início, então, a uma nova fase de sua história: decidiu investir em seus próprios filhos; em meados da década de 1980 comprou uma gleba de terra em Três Lagoas (MS), próximo a Água Clara (MS), adquirida da família Lunardelli, que dedicou à pecuária.

Paralelamente, aceitou convite de um casal italiano para assumir uma fazenda em Selvíria (MS) com o objetivo de torná-la produtiva. O local estava abandonado. Roberto elaborou projeto de desenvolvimento da fazenda e fez todo o registro no CREA, evitando, com isso, que a terra fosse desapropriada. Mais tarde, arrendou a fazenda para uma empresa de celulose, o que trouxe lucro para os donos, que enviaram seu filho para administrá-la.

Roberto fez a sua parte. Sabe que tem que dar de si antes de pensar em si. Em 1998/99, foi governador do Rotary Club de Valparaíso, entidade que frequenta desde 1980; coordenou um distrito que engloba 70 clubes.

Atualmente, dedica-se às suas terras, onde planta eucalipto, e dá suporte à empresa dos filhos, que produz ração. E assim, com bons relacionamentos e muito trabalho, construiu uma trajetória de produção, serviço e contato com a terra.



O TRAJETO DE LUTAS E GLÓRIAS PARA REALIZAR O SONHO DE SER PECUARISTA

Roberto Lucas Nogueira sempre foi muito determinado: queria cursar Agronomia. Neto de fazendeiro, passava férias na propriedade da família, em Paraíba do Sul (RJ), onde seu tio atuava como agrônomo. Além dos deliciosos passeios a cavalo com os primos, Roberto também trabalhava, chegando até a substituir o tratorista que estava de férias. Seu sonho era ser pecuarista de gado de corte.

Nascido em 20 de dezembro de 1947, em São Paulo, fez cursinho ainda no 3º Científico onde conheceu Salvador Bernardis, que se tornou seu amigo da A70 e da República Mau Xero, em Piracicaba; a casa era dividida com outros 12 colegas e vivia com a porta aberta. Um convívio intenso que lhe ensinou o valor da amizade, da solidariedade e da gestão financeira, já que tinha que administrar as próprias contas.

Na Escola ganhou o apelido de Pardal. Fez estágio no Departamento de Genética e aprendeu muito com o professor Randolpho William Silvestre Custodio. Aos finais de semana não ficava em Piracicaba porque já namorava Sonia Maria Terzella Nogueira, com quem se casou em 1972; tiveram 4 filhos: Gabriela, Paula, Maurício e Luciano.

Roberto fez várias viagens pelo Brasil com Salvador, Rappa e Nishitani, sendo a maior para Belém e Manaus, pela recém-inaugurada rodovia Belém-Brasília. No 4º ano do curso participou da viagem à Europa com amigos da A70; visitaram empresas ligadas ao setor em diversos países. Experiência inesquecível.

Assim que se formou, foi para o Rio de Janeiro trabalhar em um frigorífico que precisava de gerente de produção para ampliar o serviço, inicialmente concentrado em bovinos. Roberto ficou na empresa até 1975 e acompanhou o crescimento do negócio, que chegou a abater 350 equídeos por dia e se tornou o maior frigorífico desse tipo no país, na época, exportando para Inglaterra, Japão, Holanda e Suíça.

Gostava daquele trabalho, mas admirava o

Pará, enxergava o potencial do estado, e de imediato abraçou a oportunidade quando foi convidado para ser gerente da Empresa Agrícola Fluminense, em Paragominas, da qual tornou-se sócio minoritário. E assim, em 1976, iniciou o sonho de ser pecuarista.

Morou por 11 anos em Paragominas e quando a Fluminense foi vendida, Roberto já tinha uma propriedade rural em Parauapebas (PA), à qual passou a se dedicar integralmente, com o apoio do vaqueiro Joaquim, que muito lhe ajudou em todo o processo.

Sua esposa ambientou-se tanto, que chegou a ser secretária da Educação de Paragominas. Entretanto, pouco tempo depois de voltarem para Belém, em 1988, com os filhos ainda pequenos, um acidente de trânsito tirou a vida de Sonia. Foi um abalo enorme para Roberto, que recebeu muito apoio para superar tudo.

Deixou de ir à fazenda durante um ano para cuidar dos filhos e só conseguiu mantê-la com apoio do vaqueiro Joaquim. No final de 1989 conheceu Maria Helena Loureiro, com quem está junto há mais de 30 anos; ela já tinha 4 filhos e então a família aumentou. Hoje quando se juntam os 15 netos é uma festa!

Roberto comprou fazenda em Tomé-Açu (PA), mais próxima de Belém e de fácil acesso. Tudo caminhava bem novamente, quando recebeu outra pancada da vida: foi obrigado a vender sua fazenda de 1.100 alqueires, em Parauapebas,

que tinha formado com todo o carinho, porque o INCRA havia decidido fazer um assentamento naquela região. Foi um baque. Superou com apoio e incentivo da família, em especial, de seu filho Maurício, também formado em Agronomia na ESALQ.

Nas propriedades de Tomé-Açu passaram a contribuir com o desenvolvimento da pecuária inserindo tecnologia na produção, com consultoria da Exagro. Embora more em Belém, passa boa parte do tempo nas fazendas, enfrentando cada desafio, como sempre fez, desde que realizou o sonho de se tornar pecuarista.



A CORAGEM PARA MUDAR DE ÁREA NO AUGUE DA ATUAÇÃO E RECOMEÇAR DO ZERO

Seu objetivo era Medicina. Com essa intenção, Roberto Masayuki Nishitani debruçava-se sobre os livros na biblioteca municipal, em São Paulo, sua terra natal. Ali conheceu Alikat, que estava decidido: ia cursar Agronomia na ESALQ; e na tentativa de convencer Roberto a fazer o mesmo, convidou-o para conhecer a Escola.

Até hoje, Roberto recorda-se do momento em que o ônibus parou em frente ao campus. Ficou atônito e pensou: é aqui mesmo que vou estudar. Nascido em 12 de março de 1944, Roberto procurava um curso superior impulsionado pela mãe, Kikue, sua estrela-guia, que fazia questão de ver o caçula dos homens em uma universidade.

Nascida em Hiroshima, Kikue era costureira e veio do Japão aos 15 anos com seus tios. No Brasil casou-se com Masao, em 1928, com quem teve 5 filhos: Noboru, Akira, José, Roberto e Terezinha. A família deu duro na lavoura de algodão em Presidente Venceslau (SP); em 1937, mudaram-se para São Paulo onde Seu Masao abriu um comércio junto com seu irmão Itiro. Roberto teve importantes vivências ao lado de seu irmão Noboru, que influenciou sua formação e seu caráter.

Na época do vestibular, preocupado com a situação familiar, Roberto fez o Curso de Classificação de Café no IBC, pensando em trabalhar no Japão, caso não fosse aprovado. Mas comemorou quando viu seu nome na lista.

Em Piracicaba morou nas repúblicas Viúva da Colina, Abandonada e Mau Xero. Foi apelidado de Bulldog naquela que foi a melhor fase de sua vida. Jogava bola no ginásio, e fez até paraquedismo, mas também era dedicado: estagiou no Departamento de Genética, na Ultrafértil, na CAC e no IAC. Um fato que marcou a época foi a viagem para Belém com 3 amigos da A70: Pardal, Rappa e Salvador, em que percorreram 12,5 mil quilômetros de Kombi. Foi uma odisseia!

Assim que se formou, foi para a área de defensivos agrícolas; contratado pela Ciba, depois

Ciba-Geigy, iniciou o trabalho por Paranavaí (PR), e enfrentou muitos desafios para apresentar os produtos, até então pouco conhecidos. Após 2 anos, foi promovido e designado para implantar um projeto inédito em Araraquara (SP). Com uma equipe de 50 agrônomos e 3 técnicos em aplicação aérea, deu cobertura em 56 usinas de açúcar para aplicação aérea de herbicidas. Durante 8 anos, detiveram o *market share* de 65% no mercado.

Em 1972 casou-se com Cecília, com quem teve 2 filhas: Andrea e Roberta. Então, foi transferido para a sede da empresa, em São Paulo, o que lhe possibilitou conhecer todo o país e ainda viajar para o exterior; foi para Suíça, EUA, Itália e Japão, sempre em busca de novos compostos.

Foram 17 anos de atuação em diferentes firmas nos cargos de coordenadoria, gerência e diretoria; passou pela Ciba-Geigy, Union Carbide e Ihara, entre outras. Em 1987, deixou o ramo e aceitou convite para prestar serviço na Pilot Pen. Decidiu encarar o desafio e começar do zero. Um reinício difícil, que culminou com o divórcio poucos anos depois.

Resiliente, Roberto estava decidido a recomeçar, então fundou a empresa Clace e passou a realizar montagem das canetas e lapiseiras para a Pilot; mais tarde começou a produzir quadros brancos personalizados, o que permitiu maior alcance de seus produtos.

No início, contudo, ele mesmo fazia tudo: visitava o cliente, vendia, comprava matéria-prima e entregava o material. Só deu certo, porque gostava do trabalho, sempre foi afeito à área comercial, ao marketing e ao contato com o público.

Há mais de 32 anos no mercado, Roberto ainda tem a Pilot como cliente, além de grandes empresas e hospitais que utilizam muito seus produtos. Hoje mora em Bragança Paulista (SP) e está casado com Maria Cristina, que deixa sua vida mais completa e mais feliz, juntamente com os 3 netos, filhos de Andrea e Roberta.



PROFISSÃO: ENGENHEIRO AGRÔNOMO; MISSÃO: SUPERAR OS ENORMES DESAFIOS DA VIDA E SERVIR DE EXEMPLO

Nascido em 9 de dezembro de 1947, em Campinas (SP), Rob, como é conhecido desde menino, teve pouco contato com a terra, já que seus pais eram professores. Mas o avô tinha um sítio em São Paulo, onde ele adorava passar as férias.

Quando o amigo Otávio o incentivou a estudar na ESALQ, Rob gostou da ideia porque encontrou na Agronomia uma ligação afetiva com as terras do avô. Então, em 1965, mudou-se para Piracicaba a fim de concluir o Científico, fez o célebre cursinho do Torigoi e passou no vestibular. Nem acreditava!

Morou na república Harém, que montou com amigos da Escola; foi um período de muita farra e de grande companheirismo; precisou estudar bastante para enfrentar a temida Matemática. Durante o curso, integrou o TULQ por 2 anos e, no 5º ano, começou a trabalhar como professor em Campinas. Aos poucos, Rob foi deixando as folias de estudante e focando na profissão.

Assim que se formou, prestou concurso da CATI e foi trabalhar na Casa da Agricultura de Ibirá (SP), onde prestava assistência técnica a pequenos e médios agricultores, bem na época da ferrugem do café.

Em 1972 casou-se com Marilena Tonelli, com quem teve 3 filhos: Andrea, Lucila e Marcelo. Em 1974, convidado a trabalhar com crédito rural no BANESER, Rob deixou a CATI e se tornou autônomo. Passou por Tanabi (SP) e Jacareí (SP), onde ficou até 1977, quando seu pai faleceu, então decidiu voltar para Campinas.

Chegou a montar sociedade com um amigo, mas logo voltou a trabalhar com crédito rural na Caixa Econômica Estadual de Marília (SP). Seis meses depois, entretanto, houve demissão em massa e Rob precisou procurar emprego.

Convidado pela Ciba-Geigy, foi trabalhar com defensivos agrícolas na região. Após dois anos de muita estrada, recebeu convite para ser representante técnico da Monsanto, empresa pela qual trabalhou em Lins (SP) e em Itumbiara (GO), voltando para Marília em julho de 1984.

Devido a uma reformulação na Monsanto, em 1985, foi demitido e saiu em busca de emprego. Encontrou vaga na Rhodia para trabalhar em pesquisa de campo, onde ficou por um ano. Demitiu-se por não se sentir satisfeito com a área e em 1987, foi convidado a dar aulas na Escola Agrícola de Vera Cruz (SP).

No fim de 1989, um acontecimento mudou completamente o rumo de sua vida: durante uma excursão a Camboriú (SC), Rob sofreu um grave acidente no mar; bateu a cabeça e perdeu todos os movimentos do corpo. Viu-se, então, obrigado a aposentar-se devido à deficiência física.

Tendo se divorciado logo após o acidente, voltou a morar com a mãe, Cacilda, em Campinas, onde recebeu cuidados intensivos dela e dos irmãos. Isso contribuiu muito para que ele reagisse e conquistasse certa independência. Aos 42 anos, refez todos os planos de sua vida.

De 1990 a 1995 foi dono de lanchonete e corretor de imóveis em Campinas; em 1995 voltou para Piracicaba onde trabalhou na área de construção civil, e em 2000 casou-se novamente.

Em 2009, após o 2º divórcio, foi morar sozinho em João Pessoa (PB), onde aproveitou a vida nos bons anos de sua aposentadoria. No final de 2015, foi surpreendido por um diagnóstico de câncer e precisou voltar a Campinas para o tratamento, onde morou com os irmãos por um ano, e depois com sua família até 2018. No ano seguinte, voltou para Marília, onde mora atualmente com a filha Andrea e 2 netos, João Pedro e Eloísa.

Rob teve uma vida movimentada, enfrentou desemprego, mudança de cidade e de planos, sempre de cabeça erguida. Fez o que era possível em cada momento, sem desanimar, pois acredita que a vida tem que seguir em frente, e os obstáculos têm que ser superados com bom humor, perseverança, alegria e fé. É exemplo para que os filhos sejam fortes e lição de vida para os netos, que adoram os ensinamentos do avô.



A DEDICAÇÃO E O AMOR AO PAISAGISMO COM FUNDAMENTO NA AGRONOMIA

Filho de produtor rural, Roque Antonio Salvetti sempre viveu no campo e nutria o sonho de ser agrônomo, mesmo sem ter muita ideia de como era a profissão. No Científico, participou de excursão para a ESALQ, e ficou tão encantado que decidiu estudar com mais afinco para tornar aquele sonho realidade.

Nascido em São Roque (SP), em 13 de junho de 1945, estudou sozinho para o vestibular e ficou inconformado quando não viu seu nome na lista final; havia se dedicado muito. Apenas 3 dias depois, quando seus amigos foram fazer a matrícula, Roque soube que aquela lista só continha os nomes de quem havia feito o cursinho. Roque estava aprovado!

Em Piracicaba morou na República Rancho Fundo, onde aprendeu muito e fez grandes amizades; era o local em que mais gostava de ficar quando não estava na Escola. Afeito à pescaria, chegou a explorar as águas do Rio Piracicaba para pegar uns peixes. E como gostava!

Aquele período também lhe exigiu responsabilidade, já que precisava dedicar-se para fazer valer a pena o dinheiro “suado” que o pai lhe mandava. Seu Arthur Alberto Salvetti deu um duro danado na produção de uva para manter o filho em Piracicaba, enquanto dona Dulce Chad Salvetti garantiu prestígio e educação.

Roque estava certo de que tinha escolhido a melhor profissão. Sempre foi grato a Deus pelas oportunidades. No início do 5º ano foi indicado para ser avaliador do Banco do Brasil em Ibiúna (SP), após estágio na Casa da Agricultura de São Roque.

Assim, em 1970, ainda na ESALQ, trabalhava aos finais de semana com olericultura e fruticultura de clima temperado, lidando com produtores de uva Itália, turma bastante capacitada para a época; mas ele teve tão boa base na Escola que conseguiu atender a todos com tranquilidade.

Já formado, Roque voltou para a sua terra natal, onde continuou o trabalho com crédito rural no banco e, a partir de maio de 1971, passou a atuar

também no Instituto Biológico, em São Paulo, após aprovação em concurso. Viajava todos os dias.

Em setembro casou-se com Ivani Cesar Salvetti, com quem namorava desde os 17 anos. Tiveram 4 filhas: Silmara, Samantha, Samira e Sabrina. Em janeiro de 1972, passou em 2º lugar em concurso de CATI e se tornou chefe da Casa da Agricultura de Ibiúna.

No mesmo ano, montou a empresa Etapa, em sociedade com o agrônomo Luiz Angiolucci, continuando a prestação de serviço para o Banco do

Brasil, paralelamente à extensão rural na CATI; era puxado, mas Roque sempre gostou do que fez. Junto com Angiolucci construiu, no centro de São Roque, um prédio que, em reconhecimento à Escola e ao seu patrono, denomina-se “Edifício Luiz de Queiroz”.

Em 1976, Roque foi convidado pelo prefeito de Mairinque (SP) para assumir a Casa da Agricultura da cidade; foram mais de 10 anos de assistência técnica, o que lhe oportunizou o contato com muitos agricultores e lhe trouxe ainda mais conhecimento. Chegou um momento, entretanto, em que Roque estava desconsolado com o serviço público; para ele, a essência da agricultura não existia mais. Então, em 1986 tomou uma difícil e importante decisão: pediu demissão da CATI.

Com isso, encerrou também a sociedade com o amigo e abriu a própria empresa em Ibiúna, a Tarefa Assessoria e Planejamento

Agrícola, à qual passou a se dedicar integralmente. Roque foi muito bem-sucedido, mas também trabalhou muito. Chegou a varar noites para entregar os projetos.

Em 2002, mudou sua atividade para o ramo de paisagismo, transferiu-se para São Roque e convidou Samira para ser sua sócia. Atualmente, dedica-se exclusivamente à Tarefa Paisagismo. Mas hoje reserva momentos para aproveitar a vida, seja com a presença dos 6 netos ou a pescaria, que sempre o leva à Amazônia, à Argentina e a tantos outros rios pelo país.



DEDICAÇÃO À ESALQ, À CAFEALTA E À FESTA DOS AGRÔNOMOS DE RIO PRETO

Ele nasceu em Pindorama (SP) no dia 8 de novembro de 1947, estudou a maior parte do tempo em Catanduva (SP) e fez o 3º Científico em Piracicaba, já com a intenção de prestar o vestibular da ESALQ, tanto que fez cursinho no período da noite. Rui de Carvalho realizava, na verdade, o sonho de seu avô Narciso Conte, já falecido na ocasião.

Dono de fazendas na região, o avô já tinha externado seu desejo de que o neto cursasse Agronomia. Talvez por ver que Rui gostava da fazenda. Ao se mudar para Piracicaba, Rui teve a companhia do amigo Newman Simões, ambos impulsionados por 2 colegas de Pindorama que já estudavam na Escola. Seus pais, Wilson Carvalho e Sury Conte, apoiaram a decisão.

Rui passou no vestibular em 5º lugar. Amava a Escola e tinha ótimo convívio com os amigos, em especial com aqueles da Casa do Estudante, onde morou. Gostava muito do CALQ e chegou a ser diretor administrativo do TULQ. Também frequentava a Rua do Porto, o cinema e os bailinhos. Mas só quando não estava estudando, porque era aluno aplicado.

Durante o curso fez estágios em Casas da Agricultura no interior do estado e no 4º ano conseguiu bolsa para um estágio no exterior. Passou um mês nos EUA, por meio de convênio com a Universidade de Ohio. Além da vivência na instituição, visitou centros de pesquisa e agricultores pelo estado; experiência completa.

Formou-se entre os 10 primeiros colocados e foi dar aula no CTA de Cafelândia. Um ano depois passou a integrar o PIPMOA, tendo contato direto com agricultores, o que lhe proporcionou importante vivência. Ensinou-os sobre controle de pragas em culturas, mas também aprendeu muito sobre o cultivo de café

Em 1972 prestou concurso no IBC e ficou muito bem colocado, mas não assumiu o cargo. Isso porque aceitou convite para trabalhar na CAFEALTA, em São José do Rio Preto (SP); e em março

de 1973 mudou-se para a cidade, onde desenvolveu toda a sua carreira e reside até hoje.

Inicialmente, foi contratado pela cooperativa; na década de 1990 tornou-se funcionário do IBC até que, quando o Instituto foi extinto, no Governo Collor, Rui passou a ser funcionário do Ministério da Agricultura; sempre atuando na CAFEALTA.

Em 1975, casou-se com Mirlei Faria Lopes de Carvalho, com quem teve 3 filhos: Rui de Carvalho Filho, Ponciana Lopes de Carvalho, mãe da Sury, e Paedra Lopes de Carvalho, mãe da Gisele e do Lorenzo. Após graduar-se em Direito, o primogênito decidiu seguir os passos do pai e cursar Agronomia.

Durante sua extensa carreira na CAFEALTA, Rui prestou assistência técnica a cooperados e atuou como fiscal agropecuário na EADI de Rio Preto; a estação aduaneira tinha acabado de ser instalada na cidade, justamente por ser uma região de expressiva concentração de carga de importação e destinada à exportação. Rui fiscalizava todos os produtos que tivessem relação com a agricultura.

Na época da assistência técnica, fazia inspeção nas lavouras para verificar se o plantio estava correto; também fornecia orientações conquistando, assim, a confiança dos produtores rurais. Rui aposentou-se em 2007 e até hoje depara-se com a manifestação de carinho e gratidão dos agricultores da época. Quando deixou a CAFEALTA,

passou a trabalhar com seu filho, que abriu uma empresa de Produtos Agropecuários: a Rio Alta.

Ainda durante a carreira, integrou a 1ª Diretoria da Associação dos Engenheiros, Arquitetos e Agrônimos de Rio Preto, em meados da década de 1970, sendo delegado regional por 2 mandatos. É um dos responsáveis pela Festa dos Agrônimos da cidade, que em 2019 chegou à sua 44ª edição. Um orgulho para ele, que se sente satisfeito com o caminho profissional trilhado até aqui. E se tivesse que voltar atrás, sem dúvida, faria Agronomia de novo, claro, na ESALQ.



A DUPLA ASCENSÃO NA CARREIRA E O CRESCIMENTO DO CRÉDITO RURAL

Exemplo de trabalho, dedicação e responsabilidade. Essa é a lembrança que Salvador José Antonio Bernardis guarda do pai, Luiz Bernardis; oficial do Exército na Áustria, Luiz veio para o Brasil na década de 1930, onde se casou. Teve uma conduta marcante na educação dos 2 filhos.

Salvador é o caçula. Nascido em 23 de maio de 1945, em São Paulo, passava férias na fazenda do padrinho, no norte do Paraná. Gostava tanto, que ainda menino começou a pensar em cursar Agronomia, intenção reforçada ao visitar a ESALQ. O pai, que acreditava no potencial do Brasil para a agricultura, o incentivou.

Durante o cursinho da USP, conheceu Roberto Nogueira (Pardal), com quem montou uma república. Vivenciou ali importantes momentos, primeiro por celebrar a aprovação em um vestibular da USP; segundo pelo convívio harmônico com 12 amigos que, apesar de tantas diferenças, se respeitavam.

Logo no 2º ano, Salvador viajou para a Amazônia com 4 amigos da república. Juntos, conheceram Goiás, Belém (PA) e Manaus (AM). Foram de Kombi, mas levaram uma carta do diretor da ESALQ, que lhes abriu portas para uma “carona” no avião da FAB entre um estado e outro, e para a volta de navio pelo Rio Amazonas. Uma aventura que despertou em Salvador grande vontade de trabalhar na Amazônia.

Nas férias do curso fazia estágio no escritório de Planejamento Vergueiro, em São Paulo, que elaborava projetos para a SUDAM, atuando na abertura da Amazônia, o que lhe deu boas vivências em planejamento e implantação de projetos agropecuários. No 5º ano fez Diversificação em Economia Rural.

A formatura foi um momento duplamente especial para Salvador, já que ficou noivo de Maria Clite Cadioli, com quem namorava desde o 2º ano da ESALQ. Casaram-se em dezembro de 1971 e tiveram 3 filhos: Karina, Milena e Glauco, que lhes deram a alegria de ter 6 netos.

Após se formar, trabalhou mais um tempo no escritório Vergueiro e logo foi para o Banco COMIND, onde montou a carteira agrícola e desenvolveu brilhante carreira: começou como assistente de crédito rural, depois foi gerente e se tornou o diretor do Departamento de Crédito Rural. Participou ativamente da criação da empresa Comind S/A Planejamento e Assistência Técnica, da qual também foi diretor.

Fez estágio de especialização na França, no Banco Crédit Agricole, um dos maiores do mundo em termos de crédito rural, e depois foi para a Califórnia (EUA), onde fez estágio no Bank of America. Elaborou e implantou diversos projetos agropecuários na Amazônia com incentivos fiscais. Foi, ainda, diretor da Usina Santa Philomena, em Mogi Mirim (SP), e da Agropecuária Água Fria, em Araguaína (TO), ambas de propriedade do COMIND.

Era uma rotina intensa, mas que lhe trazia grande satisfação pela oportunidade de trabalhar em contato com a natureza, montar equipes de confiança, acompanhar resultados e ser útil em importantes processos de criação e geração de empregos.

Quando o COMIND entrou em liquidação, Salvador passou um período difícil na trajetória profissional. Contudo, não esmoreceu. Ficou no banco até 1987 e decidiu voltar à estaca zero. Em 1988 começou a trabalhar como assistente de crédito rural na carteira agrícola do Banco Sudameris Brasil; não

demorou muito para ascender novamente na carreira e se tornar gerente geral rural, cargo que ocupou até se aposentar, em 2003.

Desde então, passou a se dedicar à Fazenda Santa Rita, em Iturama (MG), adquirida em 1978 em sociedade com um amigo, na época em que ali era vegetação nativa. Hoje a propriedade é modelo na região, com predomínio na cultura de cana.

Atualmente, Salvador presta consultoria em agronegócio e desfruta o tempo livre com a família, sempre que possível viajando com esposa, filhos, netos e com amigos da A70.



GRATIDÃO ÀS OPORTUNIDADES, À AGRICULTURA QUE O SUSTENTOU E AO IRMÃO QUE O IMPULSIONOU

Shingiro Otutumi nasceu em 18 de maio de 1941, em Oriente (SP), mas no 1º dia de vida já voltou para Pompeia (SP), onde a família tinha sítio; o dia a dia era intenso, já que havia cultivo de amendoim, batatinha, milho, algodão e, às vezes, melancia. Shingiro acompanhava sua mãe, Hatsue Otutumi, nos carretos para entrega da colheita e, se fosse preciso, pegava na enxada para ajudar seu pai, Shinzaburo Otutumi. Foi com eles que aprendeu princípios como trabalho, honestidade e respeito.

Mais tarde, mudou-se para Marília (SP) onde fez Ginásio e curso técnico em Contabilidade, mas não gostou da atividade. Como já tinha acompanhado a visita de agrônomos no sítio do pai, conhecia a profissão e, com a intenção de entrar em um curso superior, muniu-se de coragem e foi para Piracicaba. O encantamento diante da ESALQ lhe deu certeza de que estudaria ali.

Aquele foi um período de grande aprendizado e de muitas amizades. Nas horas livres, adorava visitar as repúblicas e não havia quem não conhecesse o Xixi, apelido que ganhou no 1º ano. Assim, tornou-se tão popular que, na formatura, foi um dos mais aplaudidos da turma, mas se surpreendeu com o fato.

Ainda durante a Escola desenvolveu trabalho voluntário na cooperativa do CALQ. Gostava de desafios e se empenhou muito para participar da viagem à Europa com amigos da A70; seu pai também se animou com a ideia e vendeu quase todas as rifas do filho, arrecadando verba para a viagem. Experiência indescritível para Shingiro.

Seu 1º emprego foi no CTA de Presidente Prudente. Um grande desafio, porque precisou dar aulas de avicultura, área que não conhecia, o que lhe exigiu muito empenho para se informar e ensinar. No entanto, ele queria mesmo trabalhar com extensão, então se inscreveu em um projeto do Instituto Florestal e foi para Buri (SP); fazia fiscalização em áreas de reflorestamento.

Em 1973, prestou concurso da CATI e foi atuar na Casa da Agricultura: ficou 6 meses em Cabrália Paulista, depois foi para Pirajuí, onde atuou em um projeto de renovação da cafeicultura, que incluía plantio de café, replantio, em casos de geadas, decote e recepa. Shingiro lembra-se bem da “geada negra” de 1975, quando centenas de cafezais foram dizimados.

Além da assistência técnica, desenvolvia atividades de levantamento subjetivo do município para previsão de safra, projetos de conservação do solo e ainda participava de várias reuniões. Época de muito trabalho.

De Pirajuí, foi para a Casa da Agricultura de Bauru, atuando em projetos de microbacias hidrográficas, na erradicação do cancro cítrico e em outras atividades. E foi em Bauru que conheceu sua esposa, Leila Aparecida Vital Otutumi, com quem se casou em 29 de outubro de 1977 e teve 3 filhos: Cristiane, Marcio e Fernando.

Em 1990, Shingiro passou a trabalhar no setor de insumos agrícolas e agrotóxicos da CATI, com fiscalização. Coletava amostras nas fazendas e checava desde a data de validade das sementes, até a aplicação adequada de agrotóxicos, atuando os agricultores se houvesse descumprimento de normas.

Quando o setor de fiscalização foi desmembrado da CATI, em 1999, e se tornou Coordenadoria de Defesa Agropecuária, Shingiro foi para a Defesa, mas o trabalho

era o mesmo: fiscalizava até as estradas para evitar o comércio ambulante de mudas de citros. No início da década de 2000 passou a fiscalizar também o uso e conservação do solo, chegando a atuar diversas propriedades.

Trabalhou na Secretaria da Agricultura até 2007, quando se aposentou. Sente-se muito feliz pelo caminho trilhado, pela família construída e por todo o apoio que recebeu durante sua trajetória: de seus pais, amigos, professores, anônimos e, especialmente, de seu irmão Shintaro Otutumi, que sempre o incentivou.



OS ANJOS PELO CAMINHO QUE O AUXILIARAM NA DIVERSA TRAJETÓRIA COMO AGRÔNOMO

Aos 6 anos, Tadahiro Joko já ajudava seu pai, Tadao, na lavoura, plantando batata-doce e cuidando das irmãs. Nascido em 20 de março de 1946, em Cotia (SP), desde menino sonhava em seguir os passos do pai agricultor.

Mais tarde, morando em Elias Fausto (SP) e estudando em Monte Mor (SP), decidiu durante as aulas de Ciências que seria um “agricultor estudado”. No Científico, em Capivari (SP), conheceu o agrônomo da Casa da Agricultura, o que definiu o seu futuro. Conseguiu ingressar na ESALQ com o apoio de professores e colegas, que o ajudaram a melhorar o Português, cuja prova eliminatória era a 1ª do vestibular.

Em Piracicaba morou na Casa do Estudante e conseguiu fugir dos trotes porque corria maratonas; atleta da AAALQ, foi tricampeão por equipe na São Silvestre universitária. Fez estágio no Departamento de Entomologia da Escola e no Instituto Biológico, em São Paulo.

Ao se formar, incentivado pelos colegas, inscreveu-se e conseguiu vaga de extensionista na CAC. Atuou em um núcleo de associados japoneses que não cooperavam com o sistema, mas superou o desafio com a elaboração de um projeto de crédito rural para eles, com incentivo aos jovens para conciliar estudo e trabalho na lavoura, e com o melhoramento da seleção, higienização e acondicionamento dos produtos colhidos. Em pouco tempo, os cooperados aceitaram a mudança por ser altamente rentável, e passaram a apoiar a Cooperativa.

Em 1972 prestou concurso na CATI e foi para a Casa da Agricultura de Itaí, na expectativa de ser transferido para Elias Fausto; como a remoção não ocorreu, pediu exoneração e aceitou convite para ocupar o cargo de assessor do Departamento de Fomento da CAC. Atuou em crédito rural e na viabilização de projetos de maçãs de mesa em SC, tomate industrial no Oeste de São Paulo e hortaliças de entressafras no litoral

de Ubatuba (SP) e no RJ; também estimulou o engajamento da CAC no projeto de desenvolvimento do cerrado, em São Gotardo (MG).

Em 1974, casou-se com Alice Tamie, com quem teve 4 filhos: Ilka, Caio, Ciro e Karen. Dois anos depois, plantou 2 hectares de melão em Elias Fausto e, com o lucro, conseguiu comprar uma fazenda em Bela Vista de Goiás (GO).

Em 1977 aceitou convite para trabalhar na Swift Armour, que havia feito joint venture com a Campbell; outro desafio, porque precisou desenvolver testes de enlatamento de matérias-primas vegetais e submetê-los aos EUA. Viajou por todo o país mapeando os centros de produção de hortaliças.

Então, em 1979 mudou-se para Brasília (DF) e foi trabalhar na assessoria da Embrapa prestando serviços ao INCRA, pelo MAPA. No ano seguinte, aceitou convite da Ciagro Agrícola para viabilizar o congelamento de hortaliças em Cristalina (GO), projeto encerrado dois anos depois, por ser considerado inviável economicamente.

Em Cristalina, Joko produziu 5 hectares de tomate industrial para a Cica, com ótimo rendimento, sendo 82% da produção premiada. Na época, trocou a fazenda de Goiás por outra fazenda em Paracatu (MG), onde plantou gengibre, cujas safras foram inteiramente exportadas para a Holanda durante 2 anos. Porém, não conseguiu produzir mais por incertezas causadas pelas políticas econômicas do país e por estar com a saúde debilitada.

Em 1997 foi trabalhar no Japão onde permaneceu por 9 anos; em Kuki-Saitama aprendeu os segredos do bonsai e ficou encantado. De volta a Brasília em 2006, passou a produzir pré-bonsai e a dar consultoria, além de desenvolver uma agrofloresta consorciada com mudas de plantas ornamentais. Joko sente-se muito grato, pois em sua trajetória sempre encontrou anjos que o ajudaram a determinar o seu norte para o exercício da profissão que escolheu e que tanto ama.



A TRADICIONAL VALORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO EXPANDIDA EM 50 ANOS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

As lembranças de Takahiko Hashimoto relacionadas à vivência rural são bem remotas, já que seus parentes do campo se mudaram para a cidade quando ele ainda era criança. Já as lembranças da valorização da educação são indeléveis e nortearam toda a sua vida. Nascido em 12 de setembro de 1945, em Paraguaçu Paulista (SP), Takahiko é filho de imigrantes japoneses, que veem a educação como ponto fundamental para o desenvolvimento humano.

Além disso, a formação profissional dos 7 filhos era uma das principais preocupações de seus pais, Suehiko e Shimono Hashimoto, que também sempre ensinaram a importância do trabalho. Tanto que nas horas vagas, os filhos ajudavam o pai no armazém de secos e molhados, que montou na cidade após anos de trabalho em fazendas de café.

Muitos clientes eram da zona rural, o que levava a agricultura para o centro das conversas, tornando-a assunto familiar para Takahiko. Ainda assim, após concluir o Científico em Assis (ESTADO), tinha intenção de estudar Engenharia Química.

Em 1964, contudo, um teste vocacional apontou aptidão para Arquitetura e Agronomia. Então sua origem pesou; sua terra natal sempre teve, como principal atividade econômica, a agricultura, chegando a ser a maior produtora nacional de algodão no início da década de 1950.

Takahiko escolheu a ESALQ por ser referência no ensino agrícola. No 1º ano morou na Casa do Estudante e depois na república Murundum. Aproveitava o tempo livre para ler, frequentando o CALQ muito em razão da biblioteca. Em 1969 fez estágio na Ultrafértil e em 1970 na CATI.

Assim que se formou, aceitou convite para ajudar a implantar o Colégio Técnico Agrícola em sua terra natal. Com isso, iniciou a vida profissional como professor de disciplinas técnicas e, paralelamente, vice-diretor. Em 1974 foi promovido a diretor.

Naquele ano, casou-se com Geraldina Maria

Rosa Hashimoto, com quem teve 3 filhos: Renato, Geraldine e Takahiko Júnior, pai de seu neto Tomaz. Ainda em 1974, acompanhou a instalação da ESAPP, fundada a partir de extraordinária mobilização da comunidade, o que alavancou o processo de desenvolvimento do município, tirando-o da estagnação econômica.

No final de 1975, Takahiko deixou o Colégio e em 1976 assumiu a cadeira de professor titular na ESAPP e o cargo de vice-diretor. Três anos depois, assumiu cargo no IBC, onde desenvolveu atividade

paralelamente às aulas, que concentrou aos sábados. No início de 1983, no entanto, pediu exoneração do IBC e aceitou indicação à diretoria da faculdade, ficando no cargo até 1989.

Em janeiro de 1992, mudou-se para Ouro Fino (MG) e se tornou diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, cargo que ocupou até 1998. Nesse período, foi diretor executivo do jornal A Gazeta de Ouro Fino e, já separado da esposa, compartilhava a vida, inclusive profissional, com Edna Fernandes Novaes, falecida em 2008.

Quando deixou a direção da faculdade, ajudou a fundar, em Ouro Fino, a ETIKA – Assessoria e Planejamento em Educação, que atuou na elaboração de projetos e no processo de autorização de várias instituições de ensino superior em SP e MG, e de centenas de cursos de licenciatura, bacharelado, tecnologia e técnico.

Paralelamente, foi diretor da Faculdade Iguapense (SP) e coordenador de curso na Faculdade de Agronomia de Machado (MG). E desde janeiro de 2013, tornou-se Secretário Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Ouro Fino. Ocupa, ainda, a presidência do Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Cultural e Natural.

Ainda na ativa, até hoje encontra ex-alunos que agradecem a proveitosa vivência professor/aluno, para ele, o maior reconhecimento e uma das razões que mais lhe faz sentir-se plenamente realizado.



DEDICAÇÃO E ESTUDO EM BUSCA DE ALTERNATIVAS PARA PRODUTORES DE CAFÉ NA REGIÃO DE ADAMANTINA

Filho de cafeicultores, Takashi Yokoyama carregava consigo desde menino a inclinação para a Agronomia. Nascido em 11 de janeiro de 1947, em Lins, o segundo de oito filhos, trabalhou até os 19 anos no sítio dos pais, em Mirandópolis, cidade para onde se mudou ainda criança. Quando estava no terceiro ano do Científico, ouviu falar sobre a ESALQ. E então, decidiu “carpir café com tecnologia” e foi fazer curso superior.

O pai, Yoshihiko Yokoyama, veio do Japão aos 7 anos e conheceu a mãe de Takashi, Natumi Yokoyama, no Brasil. Visionários, eles sempre incentivaram os filhos a estudar, mesmo precisando deles na lavoura. Takashi fazia o Científico à noite e trabalhava de dia.

Só mudou a rotina quando, no dia 1º de janeiro de 1966, em meio à festa de Réveillon da família, foi com um amigo a Piracicaba para fazer cursinho pré-vestibular. A euforia foi grande quando soube que tinha sido aprovado na ESALQ.

Takashi morou na Casa do Estudante, experiência marcante para quem nunca tinha saído de casa e até então ainda vivia sem energia elétrica. Disciplinado, seu trajeto era da Escola direto para casa. Ainda durante a ESALQ foi para Petrolina (PE) e Miracatu (SP) pelo projeto Rondon.

Sempre sentiu muita gratidão por poder estudar numa escola como a ESALQ. Lembra-se bem do pai em sua formatura que, mesmo introvertido, revelava no olhar a alegria por ver o primeiro filho sendo formado no ensino superior.

Takashi começou sua trajetória no Colégio Técnico Agrícola de Adamantina. A escola ainda estava em fase de construção. A falta de infraestrutura, contudo, motivou as pessoas daquele local a um envolvimento muito grande para concluir o projeto.

O espírito comunitário era grande, o que fez aquela ser uma das fases mais gratificantes de sua vida. Foram cinco anos no ensino agrícola. E até hoje é convidado para o encontro de formatura

do colégio, fato que lhe traz muita alegria.

Em 1973 chegou a passar em um concurso da CATI, mas um mês antes tinha sido promovido a diretor do colégio, e acabou permanecendo no ensino agrícola. Em 1976 prestou outro concurso e, então, foi trabalhar na Casa da Agricultura, primeiro em Mariópolis, depois em Lucélia e, finalmente, em Adamantina.

Iniciou o trabalho de extensão logo após a “geada negra”, que havia dizimado inúmeras lavouras de café em 1975. Takashi ainda vivenciou outras duas geadas: 1978 e 1981. O trabalho da CATI era focado na recuperação e renovação da lavoura de café, o principal produto agrícola do estado na época.

Também no início da década, em 1982, Takashi casou-se com Mirian Luiza Spósito. Eles trabalhavam juntos. E enfrentaram juntos aquele período tão desgastante para a região, que passou a ser chamada de corredor da fome. Uma temporada difícil para os agricultores.

Com isso, outro grande trabalho na época era buscar alternativas para os produtores que resistiram. Foram dezenas de reuniões tentando encontrar um caminho. A fruticultura foi uma das alternativas, sendo que Adamantina estabeleceu-se com plantação de maracujá.

Nesse íterim foi criada uma regional da CATI na cidade, e Takashi tornou-se delegado agrícola, função que não lhe agradava tanto, por ter que fiscalizar e cobrar os

próprios colegas. Ficou cerca de cinco anos no cargo e depois pôde celebrar seu retorno para a Casa da Agricultura de Adamantina, onde ficou até se aposentar, em 2009.

No início da aposentadoria Takashi passou a trabalhar em sua própria chácara, onde plantava e vendia maracujá, acerola, goiaba, com um sistema de irrigação que ele mesmo montou. Com o falecimento da esposa, em 2017, vendeu parte da terra, ficando com uma pequena área para lazer. Atualmente sua maior alegria é estar na companhia dos filhos Wiliam e Fernando.



VIDA DEDICADA À EXTENSÃO RURAL ATRAVÉS DA CATI NO MÉDIO VALE DO PARANAPANEMA

Tito Bergamasco teve contato com a terra desde cedo. Nasceu em 18 de fevereiro de 1946 no sítio do pai, Zepelin Bergamasco, em Maracá (SP). Divertia-se muito com os primos entre as propriedades agrícolas dos tios e do avô, italiano que plantava de tudo e fazia até vinho. Aos 7 anos, Tito mudou-se para Assis (SP), mas sempre passava as férias no campo.

Quando Seu Zepelin faleceu, Tito tinha apenas 13 anos. Mesmo com toda dificuldade para criar os 9 filhos, sua mãe, Sebastiana Queiroz, fez questão de que todos tivessem curso superior. Com seus pais, Tito aprendeu valores importantes como honestidade, humildade e sinceridade.

Quando seu tio o levou para conhecer a ESALQ, Tito já ajudava a mãe na administração da propriedade deixada pelo pai, e não teve dúvida: decidiu ouvi-la e cursar Agronomia. Em Piracicaba montou a República Polaka com amigos da A70 e depois foi para a Casa do Estudante; praticava natação e jogava futebol.

Participou do Projeto Rondon 3 vezes. Na 1ª foi para Sete Lagoas (MG) onde se instalou nas estações experimentais do antigo IPEACO; na 2ª estagiou em usina de cana na Bahia, através do IAA; e na 3ª atuou na Casa da Agricultura de Itariri, no Vale do Ribeira.

Além disso, estagiou na Geigy em venda técnica e instalação de experimentos com herbicidas. E no 5º ano do curso, estagiou na Casa da Agricultura de Presidente Prudente, pela CATI.

Assim que se formou, deu aula nos colégios técnicos agrícolas de Cândido Mota e Cerqueira Cesar. Em 1972 casou-se com Ivete Maria Bernardo, com quem teve 2 filhos: Edson Henrique, engenheiro agrônomo, e Luciana, graduada em Educação Física.

Em 1973 foi o 1º professor de Topografia e Engenharia Rural da Faculdade de Agronomia de Bandeirantes (PR). No fim do ano, passou no concurso da CATI e assumiu a Casa de Agricultura de Maracá. Chegou na época da introdução de

trigo e soja na região. Ia a campo, orientava e desempenhava trabalhos de assistência técnica e extensão rural. Atualizava-se sempre pois também era produtor rural.

Mais tarde, tornou-se supervisor sub-regional de Assis, atuando em crédito e seguro rural, e foi delegado agrícola substituto por 4 anos. Em 1985 assumiu a chefia da Defesa Agropecuária de Assis, fiscalizando o comércio de insumos agrícolas, tais como adubos, defensivos, sementes e mudas. Participou ativamente da Campanha de Combate à Febre Aftosa e ao Cancro Cítrico.

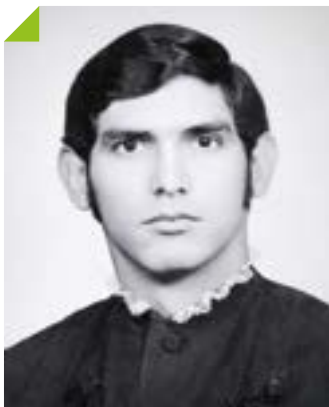
Tudo caminhava bem até que em 1990 sua esposa ficou doente e faleceu. Um momento difícil. Tito contou com o apoio de amigos e familiares para superar essa fase. Concentrou-se no trabalho e na criação e educação dos filhos.

De 1992 a 1996 foi diretor técnico da Divisão Regional Agrícola do Vale do Paranapanema e após reforma administrativa da CATI, assumiu diversas funções no EDR de Assis: assessor de sócio-economia rural, sendo responsável pelos levantamentos de avaliação de safras IEA/CATI, e coordenador regional do Projeto LUPA/IEA/CATI, encarregado pela elaboração de projetos do PRONAF, FEAP, entre outros.

A partir de 1998 foi também monitor do PEMH na região por mais de 12 anos, coordenando projetos de desenvolvimento rural sustentável e atividades metodológicas de capacitação e treinamento para

técnicos e agricultores. Atuou intensamente no fortalecimento da agricultura familiar, através de formação de associações e pequenas cooperativas. Fez Pós-Graduação em Administração Rural na UFLA.

Aposentou-se em 2016 após 45 anos de trabalho, dos quais 43 dedicados à extensão rural junto à CATI na região do Médio Paranapanema. Durante toda sua carreira, nunca deixou de estar ligado à terra como produtor rural; no início produzia trigo, soja e milho, e atualmente produz cana-de-açúcar em parceria com usina da região.



O EMPREENDEDOR E A VISÃO QUE O LEVOU A CONSTRUIR FORTE UNIDADE DE BENEFICIAMENTO DE SEMENTES

Ele viveu no sítio até os 17 anos e realizou os primeiros estudos na escola rural. Nascido em 11 de junho de 1946, em Marialva (PR), Tomoaki Miyamoto amava aquele ambiente, afinal, irmãos e primos estavam sempre reunidos, já que a cafeicultura era a atividade comum da família.

E desde cedo, a meninada ajudava na lavoura após as aulas; aliás, para chegar à escola, precisava percorrer 5 km de estrada de terra. Por tudo isso, quando seu primo lhe sugeriu cursar Agronomia, Tomoaki adorou a ideia. Mudou-se para Piracicaba levando consigo os ensinamentos de seus pais, Titoshi e Hanako Miyamoto: andar de cabeça erguida e procurar se destacar; “seja cabeça de formiga e não cauda de elefante”, dizia Titoshi ao filho.

Quando Tomoaki prestou vestibular pela 1ª vez, levou um susto, era tudo muito difícil. Então fez o célebre cursinho do Torigoí e entrou para a A70. Em Piracicaba morou na República Curral. Inteirado, organizou um torneio de judô e aproveitava as horas livres com os amigos de casa ou do CALQ. A facilidade de memorização ajudou-lhe muito, tanto que dificilmente fazia anotações durante as aulas. Achava divertido o levantamento topográfico e a elaboração de insetários.

Curso concluído, Tomoaki foi contratado pela Cooperativa Agrícola de Cotia, no dia 3 de janeiro de 1971, para trabalhar em Cruzeiro do Oeste (PR) cobrindo toda a região, viajando muito. Mais tarde, passou a atuar na produção de sementes de soja e trigo.

Percebeu, com isso, que o clima na região de Mauá da Serra (PR) favorecia a produção de sementes de melhor qualidade, e sugeriu à cooperativa que fizesse uma Unidade de Beneficiamento de Sementes (UBS) naquela cidade. Diante da negativa da diretoria, Tomoaki associou-se a um primo e a outro colega, que também trabalhavam na cooperativa, e decidiram enfrentar aquele desafio. Já com visão empreendedora, todos pediram demissão.

E naquela noite estrelada da primavera, viajaram até Mauá da Serra e escolheram o terreno onde instalariam a UBS de soja. Tomaram emprestado grande quantia no banco e fizeram toda a obra em menos de 6 meses. Foi uma luta. E no dia 15 de março de 1975 o armazém recebia a 1ª leva de soja.

Naquele ano, Tomoaki casou-se com Sonia Yoshiko Miyamoto, com quem teve 3 filhos: Leonardo, Daniele e Leandro, eles agrônomos e ela, arquiteta. Hoje tem 4 netos: Mariana, Frederico, Heitor e Olívia.

Aquele projeto que nasceu de uma percepção aguçada das possibilidades tornou-se uma UBS-modelo, isso porque foi construída sob orientação da Embrapa. Tomoaki tornava-se a cabeça de um grande projeto, que lhe exigiu trabalhar como as formigas, de modo persistente, dia e noite. Mas valeu a pena.

O 1º saco de semente de soja certificada do Paraná foi embalado na Sementes Mauá, com a presença do então secretário da agricultura do estado, Paulo Carneiro. O projeto foi tão bem sucedido que já tem mais de 40 anos. A instalação da UBS foi ampliada de 2.250 metros quadrados para 36 mil metros quadrados, que comportam 6 unidades de beneficiamento de soja. Atualmente, a empresa tem parceria com Bayer, Syngenta, Monsanto, BASF, TMG, Embrapa, Biotrigo e OR Sementes.

O trabalho lhes permitiu ampliar a atuação e eles decidiram comprar fazendas na região de Pedregulho (SP) e Cristais Paulista (SP), onde plantavam café e tinham pecuária de leite. Também compraram fazendas em Goiás, Paraná e Mato Grosso.

Ao longo da carreira, esse agrônomo tornou-se um empreendedor também na área imobiliária em SP, PR e SC. Diante de cada novo projeto, Tomoaki não pensava no lucro, queria apenas realizar um trabalho bem feito, com honestidade, para que pudesse sempre entrar e sair de cabeça erguida. Foi assim que suas ideias alçaram voo sempre norteadas pela raiz de seus pais.



O LEGADO DA FAMÍLIA QUE DEU ORIGEM À CORAGEM PARA ESTUDAR E EXPLORAR NOVAS REGIÕES

A vida de Urias começou em 2 de abril de 1946, numa fazenda em Marília (SP). Mas a história dele começou muito antes, em 1895, quando seus avós vieram da Itália carpir café. Sim, porque ele pertence à família Bellusci, que abriu muitos caminhos, inclusive trilhados por ele mais tarde. Urias Bellusci é o caçula de 4 irmãos; o primogênito, Herval Bellusci, exemplo de bondade e retidão, formou-se na ESALQ em 1959, mas faleceu aos 24 anos. Então, Urias prometeu honrar a trajetória de seu ídolo, por quem tinha tanto afeto.

Na época já morava em Adamantina (SP), em terras desbravadas por seu avô. Seu pai, Darwin Bellusci, havia assumido parte delas em 1949. Embora austero, era homem calmo e trabalhador; incentivou o filho a estudar e o ensinou a ter responsabilidade. Sua mãe, Ermide Borrasca Bellusci, relutou porque tinha receio de perder outro filho, mas não escondeu a emoção ao ver o caçula se formando em Agronomia.

Urias se dedicou muito para o vestibular. Aceitou proposta do Torigoi para estender as aulas do cursinho madrugada afora, afinal, estudar na ESALQ era questão de honra. Em Piracicaba morou nas repúblicas Marília e Assumpção, e ganhou o apelido de Pancho. Era da 8ª turma prática e fez Diversificação em Fitotecnia II.

Nas horas de folga frequentava o CALQ, ia ao cinema ou jogava futebol, isso se não tivesse jogo do Palmeiras, prioridade para ele. A viagem mais importante de sua juventude, aliás, foi quando tomou dinheiro emprestado para levar 4 amigos até o Uruguai, em um DKW-Vemag, para assistir ao Palmeiras na final da Libertadores da América. Foi uma façanha!

Nas férias voltava para ajudar na propriedade da família, e tinha que trabalhar firme, tanto que se especializou em cafeicultura. A formatura foi aquela festa. Emoção para ele, que cumpria a promessa feita intimamente ao irmão, e presente para a família.

Urias já saiu da ESALQ empregado; foi trabalhar na Adubos Vianna, na época a única representante no Brasil do salitre do Chile; foram cerca de 2 anos visitando clientes. De lá foi para a Ciba-Geigy, e na visita a um cliente do MT, percebeu que poderia ampliar seu caminho se o trilhasse de forma independente, e decidiu pedir demissão.

Chegou a enveredar pela política, ocupando o cargo de vice-prefeito de Adamantina (SP) por 6 anos, assumindo por diversas vezes o cargo de prefeito, pelo MDB, partido que fundou na cidade.

Contudo, se decepcionou e decidiu explorar o estado do MT.

Aliou-se a um grupo de Araçatuba (SP) e começou a negociar terras no Vale do Guaporé (MT). Logo depois, comprou fazenda em Tangará da Serra (MT), onde plantou 204 mil pés de café em curva de nível, técnica aprendida na ESALQ. As primeiras safras foram de vento em popa.

Com a queda na produção, Urias foi para a pecuária, ampliou a atuação cultivando arroz e, mais tarde, soja. Foram muitos os desafios enfrentados para abrir terras no MT e estabelecer culturas até chegar à soja; entrou em financiamentos sem saber como sairia, viajou em aviões pequenos sem saber se retornaria, enfim, correu riscos. Mais do que garantir a propriedade rural, precisava defender a própria vida. Estabeleceu-se na região Centro-Oeste.

E todo o trajeto foi percorrido sem se mudar de Adamantina,

onde se casou em 1974 com Maria José Zampieri Bellusci, com quem teve 3 filhos: Darwin Bellusci Neto, Alfredo Bellusci e Urias Bellusci Filho. Hoje tem 6 netos: Pedro, Guilherme, Helena, Dante, Maria Fernanda e Francisco.

Urias ainda atua com o mesmo dinamismo no setor agrícola. Firmou parcerias para trabalhar em suas terras, onde produz grãos com todo o aparato técnico a fim de garantir agricultura de 1ª qualidade. Inquieto, embora tenha residência fixa em Adamantina, criou negócios que extrapolam fronteiras.



A REALIZAÇÃO DE SONHOS POR MEIO DA ATUAÇÃO COMO ENGENHEIRO AGRÔNOMO

Ele passou a infância em contato com a terra e só saiu do sítio para estudar. Nascido em 16 de abril de 1947, em Riolândia (SP), Valderez Ferreira da Silva ajudava o pai, Ricardo da Silva, alimentando porcos e tirando leite de vacas. Com toda sua simplicidade, Seu Ricardo fez questão de que os 2 filhos estudassem.

Assim, aos 10 anos, Valderez foi cursar o Ginásio em Paulo de Faria (SP); iniciou o Científico em São José do Rio Preto (SP) e decidiu concluí-lo em Lins (SP) porque queria prestar Engenharia. Mas, ao se deparar com a matéria de desenho geométrico, desistiu e optou por Agronomia.

Em Piracicaba ganhou o apelido de Al Kapone, pelo qual ainda é conhecido pelos amigos da A70. Durante o curso morou na Casa do Estudante, onde fortaleceu o convívio com amigos de todas as turmas; nas horas vagas era com eles que jogava futebol e frequentava as palestras e festas promovidas pelo CALQ, as famosas boatinhas.

Aproveitou todas as oportunidades que surgiram na época da Escola. Fez estágio no IBC e participou do Projeto Rondon 2 vezes, conhecendo o Vale do Ribeira e Parnaíba (PI), onde fez um levantamento da vida econômica e da agricultura local.

No 4º ano participou da criação do Grupelho, um grupo de 5 estudantes e um professor da Agronomia que organizou viagem para o Sul, incluindo vários países. Experiência inesquecível!

Na formatura, dominou-lhe um misto de alegria pela conclusão do curso e expectativa porque precisava de emprego. Mas era época da remodelação dos colégios agrícolas e, sem demora, conseguiu vaga para ser professor em Igarapava. Ficou poucos meses, no entanto, porque logo a CATI abriu concurso e ele decidiu prestar.

Foi assim que se tornou o chefe da Casa da Agricultura de Mirassol, realizando, desta forma, 2 sonhos de uma só vez: trabalhar na CATI e ficar próximo a Rio Preto. Durante 10 anos prestou assistência técnica para os agricultores da região,

onde predominavam os cultivos de café, laranja e grãos. Também era responsável pela fiscalização de áreas florestais, viveiros de mudas e produção de sementes, atendendo a diversos municípios da região.

Em 1977, quando ainda residia em Mirassol, casou-se com Sônia Botura, com quem teve 2 filhos: Bruno e Talita, que lhes deram 4 netos. Paralelamente ao trabalho na Casa da Agricultura, passou a desenvolver atividade agrícola em terras de seu sogro.

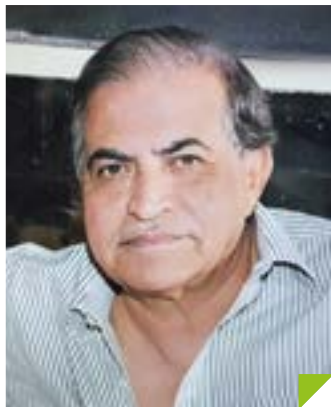
Três anos depois, prestou concurso para engenheiro agrônomo no Banco do Brasil e foi aprovado. Designado para trabalhar em Curitiba (SC), levou algum tempo para resolver se sairia da CATI, afinal, teria que levar a família para longe e deixar suas atividades rurais. Por fim, decidiu assumir o novo serviço, com esperança de que em breve pudesse ser transferido para o estado de São Paulo.

E após mais de 3 anos do gélido clima de Curitiba, conseguiu realizar outro sonho: voltar para o estado e vivenciar o intenso calor de Guairá (SP). O início do trabalho no banco foi desafiador, afinal, a função era nova; incluía assessoramento técnico agrícola, análise de projetos para liberação de crédito rural e vistoria. Atendia várias agências da região.

Valderez ficou no Banco do Brasil até aposentar-se, em 2003. Foram 22 anos de dedicação, mas

para ele não era ainda a hora de parar. Então, aceitou convite para ser sócio de uma empresa de planejamento técnico agropecuário, onde atuou por mais 14 anos.

Quando completou 70 anos, deixou a empresa e passou a participar junto com os filhos de atividade pecuária em propriedade rural herdada do sogro, em Macauba (SP). Atualmente, aproveita o tempo para desfrutar da companhia da família e tomar um trago com os amigos. E não esconde o orgulho de ser agrônomo formado em uma escola com tamanha tradição como a ESALQ.



AS MÚLTIPLAS ETAPAS DO TRABALHO AO LONGO DA VIDA

Vera Lucia Martins Soares Walder sempre teve o “pé na roça” que veio da família paterna, com origem às margens do Baixo São Francisco, em Sergipe. O avô, sergipano de Neópolis, após graduar-se em Direito na Bahia, tornou-se magistrado em Anchieta, cidade litorânea situada no Espírito Santo e, lá radicado, adquiriu a Fazenda Araquara, onde tudo se iniciou e de onde partiu o direcionamento da carreira profissional de Vera Lucia.

O pai dela, José Leandro Martins Soares, após aposentar-se, foi cuidar da propriedade paterna, ampliando-a com seu trabalho. Inicialmente, José Leandro não queria que a filha fosse estudar em Piracicaba, mas, por fim, foi ele quem a inscreveu no vestibular da ESALQ. Assim, Vera Lucia partiu rumo às terras paulistas para cursar Agronomia e se tornar engenheira agrônoma, profissão que promoveu seu encontro com raízes ancestrais.

Nascida em 9 de outubro de 1946, na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, Vera Lucia tinha 18 anos quando se mudou para Piracicaba, onde morou por seis anos, dos quais um foi para preparo para o vestibular e outros cinco para estudar na ESALQ, onde conheceu seu marido, Vladimir Melges Walder, colega da 8ª turma prática.

Logo que chegou à Escola, ganhou o apelido de Capixaba. Após graduar-se, retornou ao Espírito Santo e em 1971 casou-se com Vladimir, com quem teve dois filhos - Renata e Rodrigo - ambos hoje formados em Direito. Tem ainda dois netos, que para ela são a melhor parte dessa história.

Concluído o curso de Agronomia, prestou concurso para o serviço público em seu estado de origem, tendo sido aprovada e nomeada para trabalhar na Empresa Capixaba de Pesquisa Agropecuária - EMCAPA, instituição ligada à Secretaria de Estado da Agricultura. Atualmente, a empresa, em conjunto com a EMATER/ES, constitui o INCAPER, importante Instituto voltado para

o desenvolvimento da agropecuária estadual.

Em 1975/1976, cursou o Mestrado na área de melhoramento de plantas na UFV/MG. Na EMCAPA, trabalhou inicialmente com sementes, chegando a atuar em algumas pesquisas, mas sentia que não se identificava com a área. Então teve a oportunidade de fazer especialização em planejamento agrícola, patrocinada pela Secretaria de Estado da Agricultura do Espírito Santo, pelo Sistema Nacional de Planejamento Agrícola do MAPA e pelo Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas. Esse curso foi ministrado pela UNICAMP, em parceria com a FGV.

Foram oito meses de estudos que lhe abriram o campo de visão e as portas para toda a sua atuação dali para a frente como servidora pública. Vera Lucia, realmente, encontrou-se na área de planejamento. Atuou no setor até aposentar-se em 1998 e seu trabalho foi sempre voltado para a análise macroeconômica da conjuntura agrícola, utilizando-a como suporte econômico às relações de trabalho da agropecuária estadual.

Em 1972, o falecimento prematuro do pai exigiu esforço redobrado na condução das fazendas, as quais passaram por um processo de desenvolvimento realizado ao longo dos anos por Vladimir. Esse processo foi incrementado com a aposentadoria do casal, e em 2007 as fazendas especializaram-se na criação de gado de corte.

A utilização de bons procedimentos agropecuários tornou a atividade produtiva e rentável, originando uma boa base genética para o rebanho. Hoje, além dos índices produtivos, as fazendas têm suas reservas ambientais demarcadas e uma utilização econômica com preceitos de sustentabilidade. Diante de todo esse quadro, as exigências do trabalho são imensas e os filhos chegam a dizer que as fazendas são como o terceiro filho de Vera Lucia, afirmação essa que demonstra uma “ponta de ciúmes”, diz ela, achando graça.



A INTERAÇÃO ENTRE SOLO, MÁQUINAS E PLANTAS E O FIM DA QUEIMA DE CANA

A ligação com a família é forte. Victório Laerte Furlani Neto carrega o nome do avô e trabalhou na oficina mecânica com o pai desde menino. Nascido em Piracicaba no dia 27 de junho de 1946, Furlani Neto chegou a passar no vestibular em Geologia, mas queria algo voltado para mecanização. Então, decidiu se inscrever no famoso cursinho do Torigoi e estudar na ESALQ.

Porém, o menino Netinho gostava das boas horas em companhia da natureza... passava as férias no sítio da mãe, Antonieta Marins Peixoto Furlani, em Rafard, para onde ia de trem. Andava a cavalo e se divertia com os primos. Adorava aquela vida. E durante o ano ou-sava: descia o Rio Piracicaba de boia e depois se deliciava em suas águas. Lembranças únicas.

E como o estudo ficou de lado, não passou no vestibular. Quando soube do resultado, colocou seu macacão e voltou para a oficina. A vê-lo, seu pai, João Furlani (conhecido na cidade como Tino), deu-lhe uma lição: “tire esse macacão e vá fazer nova inscrição no cursinho, mas desta vez, você vai estudar!”, ordenou. Foi realmente um grande ensinamento de amor. Ali Furlani Neto mudou.

Pegou firme nos estudos e já no cursinho foi convidado a dar aula de Física. Quando entrou na ESALQ, se destacou. Foi bolsista nos departamentos de Mecânica e de Solos, onde trabalhou com nutrição mineral de plantas. O professor Eurípedes Malavolta começava a pesquisa com zinco, uma novidade para a época. Furlani Neto se encantou pelos micronutrientes.

E foi esse conhecimento que, mais tarde, lhe abriu as portas para trabalhar na Quimbrasil, sua 1ª atuação profissional. Malavolta continuou sendo sua referência nas pesquisas realizadas junto aos produtores de milho, cana e soja. Furlani Neto ficou na Quimbrasil durante 5 anos.

Por meio desse trabalho, estreitou os laços com a equipe do PLANALSUCAR e foi selecionado para atuar na seção de mecanização, em Araras

(SP). Pesquisou a interação entre solo, plantas e máquinas, composição que conduziu toda sua formação.

Entrou no programa em 1975 para atuar na Estação Experimental de Pesquisa Canavieira de Araras. Após 5 anos, tornou-se chefe da Seção de Mecanização Agrícola Canavieira da Coordenadoria Regional Sul, que abrangia 7 estados. E em seguida foi promovido a supervisor nacional de Mecanização Agrícola, cargo que ocupou até 1991.

Nesse período, realizou Mestrado e Doutorado em Solos e Nutrição de Plantas pela ESALQ. No Mestrado, concluído em 1985, abordou a colheita manual e mecânica da cana-de-açúcar. Já no Doutorado, finalizado em 1995, pesquisou a viabilidade do uso de colheita mecânica de cana crua (sem queima), e o aproveitamento do resíduo vegetal como energia.

Para especializar-se ainda mais, foi aos EUA estudar o trabalho realizado nas fábricas que já pesquisavam a colheita de cana crua, o que lhe deu um grande cabedal sobre o assunto. Na volta, montou a Qualimec e passou a prestar consultoria sobre mecanização, atendendo empresas nacionais e estrangeiras. Foi um dos que se posicionaram fortemente contra a queima da cana-de-açúcar no país.

Em 1993, o seu conhecimento passou a ser compartilhado também na UFSCar. Furlani Neto foi professor do Departamento de Recursos Naturais e Proteção Ambiental em Araras até 2004.

O reconhecimento por sua atuação profissional veio de diversas formas. Recebeu o título de cidadão ararense da Câmara de Araras, participou de conselhos editoriais de revistas e jornais especializados e recebeu diversos prêmios na área.

Atualmente, Furlani Neto aproveita os bons momentos da vida ao lado de sua companheira de anos, Vera Salles Furlani, com quem se casou em 1974 na belíssima Igreja dos Frades, em Piracicaba. Ambos dedicam seu amor aos sobrinhos e à Nina, a cachorra de estimação.



UMA ATUAÇÃO FEMININA FIRME E DELICADA NA PRODUÇÃO DE SEMENTES DA CATI

Nascida em Piracicaba, em 22 de setembro de 1943, Vilma Bissoli passeava na ESALQ com os tios e primos desde menina, mas nem sonhava que um dia estudaria ali, tanto que, quando terminou o ginásio, fez o Normal no Sud Mennucci, cuja grade curricular não continha várias das matérias que caíam no vestibular. Contudo, sua irmã havia feito Agronomia, e nas conversas de família, Dirce Bissoli Ortolani sempre comentava sobre as atividades da Escola. Vilma encantou-se com as histórias e com o leque de oportunidades que o curso oferecia, então, decidiu enveredar pelo mesmo caminho.

Fez um ano de cursinho, estudou muito e passou no vestibular. Foi uma vitória! Levou consigo os valores que, mesmo com toda simplicidade, seus pais, Domingos Bissoli e Carlota Gonçalves Bissoli, lhe ensinaram: respeito, integridade e honestidade.

Na Escola, Vilma sempre teve bom convívio, tanto com os amigos da 8ª turma prática, quanto com os que estudavam com ela na biblioteca. Aliás, seu caderno era bem requisitado, isso porque gostava de estudar e caprichava nas anotações. Nas horas livres, frequentava o CALQ, auxiliava na biblioteca. Também frequentava os bailinhos e os famosos pontos de encontro, como o Haiti e o Jardim da Cerveja.

Um ano depois de se formar, casou-se e teve um filho, Guilherme Bissoli Spangenberg. No início, dedicou-se integralmente à maternidade. Mais tarde, contudo, decidiu voltar à ativa e foi dar aulas no Colégio Técnico Agrícola de Rio das Pedras (SP). Experiência difícil. O ônibus não chegava até a escola e Vilma precisava caminhar 5 quilômetros pela estrada de terra, sob chuva ou sob sol.

Assumiu a disciplina de Zootecnia e, como era muito dedicada, melhorou a completa infraestrutura do setor animal, movimentando todo aquele ambiente. Na escola conheceu uma professora que passou a lhe dar carona e se tornou uma grande amiga.

Em 1976, a CATI/SAA abriu concurso e Vilma

decidiu prestar. Com uma boa classificação, escolheu atuar no Departamento de Sementes em Campinas; trabalhava no Grupo de Produção de Sementes em parceria com o IAC, que desenvolvia as variedades, enquanto a CATI era responsável pela extensão rural em seus diversos campos de cooperação. Vilma fazia inspeção de campo, fiscalização e orientação, sempre com bastante respeito aos produtores, o que contribuiu para que fosse muito bem recebida.

Tornou-se diretora do Grupo de Produção de Sementes e depois do Centro de Produção de Sementes, que gerenciava 21 unidades conduzidas por homens que sempre a respeitaram, afinal, era concursada tanto quanto eles, o que a colocava numa condição de igualdade de capacidade.

Trabalhar na CATI foi um privilégio que lhe propiciou muito aprendizado, crescimento e ascensão. Vilma sempre sentiu satisfação de poder contribuir com o Departamento de Sementes, Mudanças e Matrizes/CATI, e atuar ao lado de pessoas que lhe proporcionaram oportunidades de exercer sua capacidade. Ali construiu grandes e inesquecíveis amizades.

Vilma também participou ativamente da implantação da Certificação de Sementes, realizada pelo Departamento, para garantir sementes de qualidade para todo o estado, e se envolveu na criação da metodologia de funcionamento do trabalho.

Aposentou-se em 2012, mas até hoje é bastante ativa. Já praticou Yoga, faz Pilates, participa de pastorais da igreja, canta em coral, atua em um grupo de gastronomia e, sobretudo, sempre cultiva as amizades.

Quando pensa na ESALQ, seu maior sentimento é a gratidão. O que Vilma se tornou atualmente, deve-se àquele período, onde recebeu conhecimento técnico em Agronomia e aprendeu a construir um pensamento estratégico sobre as circunstâncias. Sente-se feliz por ter estudado lá e pela trajetória percorrida na CATI.



TÍTULO ÁTOMOS DA PAZ: GALGANDO DEGRAUS PELA ENERGIA NUCLEAR NA AGRICULTURA

Desde criança, Virgílio Franco do Nascimento Filho frequentava a ESALQ. Nascido em Piracicaba, em 5 de outubro de 1946, passava horas na Escola jogando bola ou pedalando, nunca imaginando que estudaria lá, embora gostasse demais daquele lugar. Quando soube da existência do Departamento de Física e Meteorologia (DFM), ficou muito interessado.

Então, após concluir o Científico no Sud Menuccci, fez cursinho e passou em 9º lugar no vestibular. Ainda se lembra da alegria que sentiu e dividiu com seu irmão Claudinei, que desde 1960, com o falecimento do pai muito jovem (42 anos), havia assumido a casa com apenas 16 anos. Foi com ele que Virgílio aprendeu valores como honestidade, respeito à família e apreço pelo trabalho.

Já no fim do 1º ano da Agronomia, conseguiu estágio no DFM com o Professor Epaminondas S. B. Ferraz, nas áreas de Eletricidade, Magnetismo, Radioatividade e Instrumentação Nuclear. Empenhou-se muito e no fim de 2º ano conquistou bolsa de Iniciação Científica da FAPESP, sob orientação do Professor Admar Cervellini, para a determinação da dose de radiação gama em fonte radioativa de Co-60 de alta atividade, instalada no CENA havia pouco. Por esses dois professores, Virgílio tem eterna gratidão.

Concluindo o 3º ano da Agronomia, trocou a bolsa da FAPESP pela da CNEN, continuando com ela após se formar. Ainda como bolsista era responsável por todo o material radioativo, pela proteção radiológica e também pela instrumentação nuclear do CENA. Após a graduação iniciou, em 1972, o Mestrado em Energia Nuclear na Agricultura, criado naquele ano, obtendo o título de Mestre em Ciências em 1975.

Logo foi convidado pelo Professor Cervellini para dar aulas no DFM e continuar seus trabalhos no CENA. Assim, em maio de 1972 foi contratado pela USP para trabalhar como docente e pesquisador na ESALQ e no CENA, assumindo gradativa-

mente as disciplinas Física Geral, Física Atômica e Nuclear, Instrumentação Nuclear, Metodologia de Radioisótopos e Proteção Radiológica.

Fez Doutorado em Solos e Nutrição de Plantas pela ESALQ (1978). Em 1985 fez Livre-Docência e galgou degraus até tornar-se Professor Titular pelo DFM em 1999. Se, quando criança, não imaginava estudar ali, que dirá construir essa sólida carreira. No ano seguinte passou a ser locado exclusivamente no CENA. Fez especialização em diversos institutos de pesquisa e universidades, na Holanda, Bélgica, Inglaterra e Áustria. Entre 1980 e 2015 foi bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq.

Teve importantes atuações na pesquisa. O uso do efeito Cerenkov para a medida do radioisótopo P-32 foi utilizado pela 1ª vez na América Latina em seu Mestrado; mais tarde, aplicou a técnica de Fluorescência de Raios X por Reflexão Total em amostras ambientais, levando o Brasil a ser o 2º país da América Latina a usar esse método. Publicou 3 capítulos de livros e centenas de artigos em periódicos especializados e trabalhos em anais de eventos. Orientou estudantes de Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutores, e participou de mais de 100 projetos de pesquisa, coordenando 40 deles.

Seu envolvimento e amor pela profissão foram grandes. Trabalhava 16 horas por dia, inclusive nos fins de semana, e adorava essa vida. Foi Vice-Diretor do CENA por 4 anos e Diretor por mais 4 anos.

Casou-se em 1973 com Gislene Garcia, com quem teve 2 filhos: Maurício, pai do Vinicius e da Caroline, e Alexandre. Em 2006 se divorciou e em 2009 casou-se com Heliana de Azevedo, quando então ganhou mais um filho, Luís Gustavo, seu enteado.

Aposentou-se em abril de 2013 depois de 41 anos de atuação. Hoje, mora em São João da Boa Vista (SP) e passa a maior parte do tempo em seu sítio na Serra da Mantiqueira, com 50% de mata virgem, onde cultiva frutas.



A ENERGIA DE PIRACICABA NO DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA AGRÍCOLA CAPIXABA

Foi ainda menino, aos 5 anos, que Vladimir Melges Walder conheceu Piracicaba, terra que o acolheria até os anos áureos da graduação na ESALQ. Nascido em Botucatu, em 11 de abril de 1943, Vlad, como é carinhosamente chamado, cresceu ao lado da Escola.

O pai, Oswaldo Walder, piracicabano nato, professor e diretor de escola, sempre lhe transmitiu valores como hombridade, respeito e educação, princípios reforçados pela mãe - Irene Mendes Melges Walder - que cuidou com afincos e dedicação dos quatro filhos, sendo Vlad o segundo mais velho, porém o primeiro a iniciar a graduação em Agronomia, no que foi seguido pelos dois irmãos caçulas.

Na ESALQ, por ocasião do trote, recebeu o apelido de “Cebolão”. E como sempre buscou sua autonomia em todos os aspectos, nos horários de folga trabalhava na Rádio Difusora de Piracicaba, integrando a equipe de transmissões esportivas.

Também na época da graduação conheceu Vera Lucia, colega da 8ª turma prática, com quem se casou em 1971 e teve dois filhos, Renata e Rodrigo, ambos graduados em Direito.

Lembra-se bem da alegria de ter concluído o curso na A70, com direito ao “Prêmio Pontal”, destinado ao aluno com melhor desempenho em quatro disciplinas: Mecânica, Máquinas e Motores, Topografia e Engenharia Rural.

Dias antes de colar grau, recebeu um telegrama convocando-o para o dever: ele havia passado em 1º lugar no concurso da Acares, no Espírito Santo, estado natal de sua esposa.

Iniciou sua trajetória profissional como extensionista local no município de Domingos Martins, região serrana do estado. Experiência árdua para um jovem recém-formado, mas de fundamental importância para sua formação e para vencer os próximos desafios.

Em 1972, foi promovido do cargo de supervisor local para assessor técnico, ocasião em que passou a atuar no Escritório Central, em Vitória. Uma ale-

gria! Logo após ocupou o cargo de coordenador de Planejamento, função que desempenhou até 1974.

Um ano depois, sentiu necessidade de mais conhecimento, já que tinha saído da área operacional da agricultura e deu início ao Mestrado em Economia Rural, na UFV, concluído em 1977.

Retornando a Vitória, foi cedido à Secretaria de Estado da Agricultura, onde permaneceu até 1980. Nesse período integrou a equipe encarregada dos estudos que levaram à criação da Comissão Estadual de Planejamento Agrícola – CEPA/ES, órgão atuante e que muito contribuiu para que a economia agrícola desse um salto fundamental no estado.

Ao longo desse processo, Vlad participou ativamente das mudanças ocorridas na economia agrícola do Espírito Santo e vivenciou um cenário bem diferente daquele que viu no início da carreira em Domingos Martins, quando a avicultura e o café lideravam o cenário agrícola municipal.

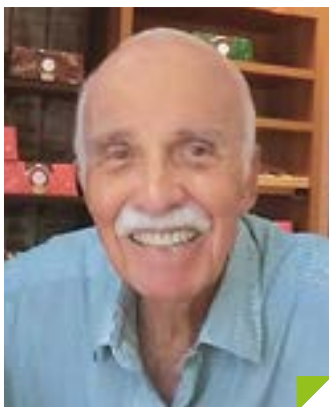
Nesse contexto, exerceu o cargo de diretor técnico até 1985, experimentando a satisfação perene de ter colaborado com o avanço do processo de desenvolvimento agrícola capixaba.

A vivência lhe ensinou o caminho das pedras e quando foi cedido à Secretaria de Estado da Administração e Recursos Humanos, participou da criação da Junta Estadual de Política Salarial – JEPS, ocupando o cargo de secretário executivo até meados de 1991, quando passou a exercer a função de assessor técnico

na Casa Civil do Governo do Estado do Espírito Santo. Em 1993 foi nomeado assessor especial do governador, cargo que ocupou até 1996, quando se aposentou no serviço público.

Desde então, Vlad dispensa seu tempo integralmente à propriedade rural da família, localizada em Anchieta (ES), distante de Vitória cerca de 85 km, cuja principal atividade é a exploração da pecuária de corte.

Atualmente se divide entre o trabalho árduo ao lado da esposa Vera Lucia na propriedade rural da família e a leveza de ser avô de Luís Felipe e Beatriz.



O NATIVO QUE CONQUISTOU O MUNDO DO CRÉDITO BANCÁRIO E DA ÁREA FINANCEIRA

Wilson Luiz Xavier Fischer nasceu em 28 de novembro de 1947, em Piracicaba, era o famoso “nativão”, como os amigos da ESALQ referiam-se a quem morava na cidade; e justamente por ser da terra, decidiu cursar Agronomia na ESALQ, até porque a situação convergia para isso.

Após concluir o Científico, passou direto no vestibular. Como sempre foi um estudante feroz, dedicou-se muito a essa empreitada, vencida etapa a etapa; foi uma emoção. Para quem morava em Piracicaba, estudar na ESALQ era símbolo de status; para Wilson, motivo de orgulho, era muito bom estar em uma escola com esse padrão. E como nativo aproveitou tudo o que a cidade oferecia: andou de bonde, comeu peixes que pescou no Rio Piracicaba e viu o Pelé jogar no antigo estádio do XV.

Na Agronomia também era aluno aplicado. Do 2º ao 5º ano deu aula de Matemática, Química e Física na escola onde fez o Científico e, ainda, graduou-se em Economia pela UNIMEP. Fez Diversificação em Economia Rural e estágio no levantamento de ferrugem dos cafezais de Ribeirão Preto, pelo IBC; experiência pitoresca, o dinheiro para pagar os estagiários era levado numa caixa de papelão.

Quando sobrava tempo frequentava o CALQ, em especial os bailinhos promovidos pela A70 para arrecadar verbas para a formatura. Foi lá, aliás, que se aproximou da bibliotecária Martha Lilian Bitran Fischer, por quem despistou a prima, que seria sua madrinha de valsa no baile; escolheu dançar com Martha. E valeu a pena. Estão juntos há mais de 45 anos; casaram-se em 1973 e tiveram 2 filhos, Luiz Henrique Bitran Fischer e Sylvia Lilian Fischer Figueiredo; e hoje têm 4 netos.

Logo que se formou, Wilson foi convidado para seguir carreira acadêmica, mas estava inclinado ao crédito rural, tinha se entusiasmado com uma palestra ministrada por profissional do Banco Chase Manhattan. Tanto que chegou a trabalhar

na Rohm and Haas, na área de fertilizantes, por 3 meses, mas decidiu participar de teste no Banco Lar Brasileiro, subsidiário do Chase Manhattan, e foi contratado.

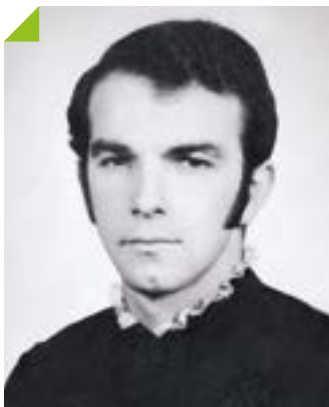
Começou no programa de trainee e 9 meses depois foi nomeado subgerente do crédito rural na agência de Campinas, onde ficou por 2 anos. Quando se casou, Wilson pediu transferência para São Paulo, e no ano seguinte saiu do Chase e foi para o Lloyds, antigo Bank of London & South America (Bolsa), conhecido como Banco de Londres. Aos 28 anos de idade tornou-se diretor do banco, no qual atuou durante 20 anos. Nesse período, chegou a contratar 12 agrônomos, todos formados pela ESALQ, lógico.

Em 1984 foi para a Inglaterra onde morou um ano e meio e, além de uma imersão total em inglês, fez Pós-graduação em crédito bancário. Foi um desafio. Compreender e sobreviver nesse meio, ainda com poucos recursos na época, exigiu-lhe esforço, determinação e foco. Mas Wilson tinha formação robusta, o que lhe motivou a enfrentar e superar cada obstáculo.

Quando concluiu o curso, chegou a ocupar o cargo de Brazilian Desk, levando ao comitê de crédito da matriz os pedidos do Brasil. Ao voltar da Inglaterra, sua atuação já havia sido expandida para o crédito comercial. Três anos depois, saiu do banco, mas até hoje, quando vai à Inglaterra, visita a matriz onde mantém amigos e ótima relação.

Do Lloyds foi para o Banco de Boston, onde trabalhou com Henrique Meirelles, e depois para o Deutsche Bank; em 2000 saiu da carreira bancária. Foi convidado por uma empresa de Alphaville para ser o diretor financeiro e, paralelamente, abriu sua empresa de consultoria financeira, em Barueri, onde atua, desde então.

Além disso, encontra tempo para trabalhos comunitários que realiza voluntariamente em Alphaville, onde reside há 36 anos. Ao repassar sua trajetória, a sensação é de imensa alegria pelo caminho percorrido.



O AMOR DE MENINO PELA ZOOTECNIA DIRECIONADO AO ENSINO, À PESQUISA E À EXTENSÃO

Ele frequentava a Escola Agrícola desde criança, já que seu padrinho, Sinval Silveira Filho, era professor no Departamento de Zootecnia e morava no campus. Assim, Wilson Roberto Soares Mattos passou muitas férias com os primos ali. Quando não, os primos é que passavam férias com ele no sítio de seu pai, em São Manuel. Nascido em 16 de março de 1945, Wilson lembra-se bem das tantas vezes em que andou a cavalo e tirou leite de vaca, suas atividades preferidas.

A decisão pela Agronomia foi natural. Seu pai, Manoel da Silva Mattos, apoiou-o integralmente. Funcionário do Banco do Brasil, prezava pela honestidade, que fez questão de ensinar ao filho. Gentileza foi outro valor herdado da família, sempre disposta a servir. Quem não se lembra dos doces da dona Jacy Soares Mattos? E aquele macarrão, então? Lembranças indelévels de quem teve uma família acolhedora.

Após concluir o Científico no Sud Mennucci, Wilson fez cursinho e entrou para a A70. Na Escola ganhou o apelido de Papagaio. O 3º ano foi o ponto de virada para ele. Logo no início participou do Projeto Rondon, em Rio Branco (AC), o que lhe trouxe grande satisfação. Em novembro começou a namorar sua colega de turma, Zilda Teixeira Paes de Barros, com quem se casou em junho de 1971. Tiveram dois filhos: Isa, mãe da Luiza, e Renato.

E ainda no final de 1968, Wilson começou o estágio na Zootecnia com Aristeu Mendes Peixoto, professor exemplar que, mais tarde, tornou-se seu mentor profissional. Foi um ano marcante. Para encerrar o curso – e como não podia deixar de ser – fez Diversificação em Zootecnia. Wilson amava a área, desde muito antes da Escola.

Bom aluno, gostava de animais e ajudava os professores. Recebeu com euforia o convite de Aristeu para fazer Mestrado na Ohio State University. Um grande desafio na época. Wilson mudou-se para os EUA com Zilda ainda em 1971, poucos

dias após o casamento.

Quando concluiu o Mestrado em Dairy Science Nutrition (1973), foi convidado por seu orientador, Donald Palmquist, para fazer Doutorado na mesma área. Como não tinha vínculo com a ESALQ, decidiu ficar. No total, foram quase 6 anos nos EUA, onde nasceu a 1ª filha do casal.

Voltou para o Brasil com a família em fevereiro de 1977 e, no dia de seu aniversário, assinou contrato com a Escola. Apesar das dificuldades com a falta de estrutura, empenhou-se em sua nova

missão: assumiu aulas de nutrição e produção animal, especificamente de gado leiteiro, tanto na graduação, quanto na pós-graduação.

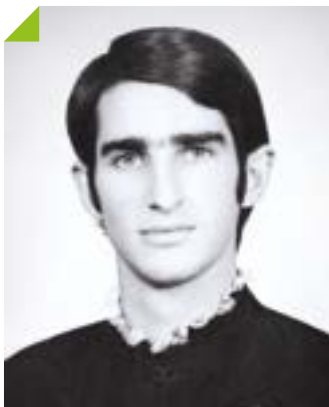
Paralelamente, passou a desenvolver pesquisas sobre avaliação de alimento, forragem conservada e microbiologia do Rúmen, assunto ainda novo na época. A partir de 1982 passou a participar periodicamente de simpósios e congressos no Brasil e no exterior, atuando nas áreas de alimentação e produção de gado leiteiro com ênfase em avaliação de alimentos e subprodutos. Fez livre-docência em 2003.

Ao longo da carreira, orientou estudantes de Mestrado e Doutorado, foi subchefe do Departamento, presidente da FEALQ, deu consultoria em fazendas, assistência técnica a produtores e promoveu diversos cursos.

Aposentou-se em 13 de maio de 2014. Para ele, o principal desafio da carreira era manter os alunos motivados. Por isso, procurava recorrer a filmes e casos reais de sua experiência

para ilustrar os assuntos da melhor forma possível, afinal, a função do professor não é apenas ensinar o conteúdo, mas formar o futuro profissional.

Considera-se privilegiado por ser professor. Até por isso, sempre se sentiu na obrigação de contribuir com a formação de cada estudante, abordando princípios para além da técnica. E por onde anda, ainda hoje, é parado por seus ex-alunos, que fazem festa quando o encontram. Não há reconhecimento melhor.



OS FRUTOS DA ATUAÇÃO EM COOPERATIVA E NO ENSINO AGRÍCOLA, GRAÇAS AO INCENTIVO DO PAI

Nascido em 16 de agosto de 1942, em Viradouro (SP), Yukiharu Suzukawa vivia no meio rural. Isso porque seu pai, Hirosuke Suzukawa, tinha sítio; e com a coragem de quem veio cedo do Japão, ensinou aos filhos a importância do trabalho, da economia no lar e do estudo. Dona Mituco Suzukawa reforçava esses princípios. E pedia que Yukiharu lhe escrevesse cartas em japonês durante o Ginásio em Espírito Santo do Pinhal, para que treinasse o idioma, e lhe amenizasse a saudade.

Pouco afeito aos estudos, Yukiharu só iniciou Agronomia na ESALQ por insistência do pai. Morou na Casa do Estudante e gostava muito de futebol. Pela timidez, ganhou o apelido de Namorada Arrependida. No 2º ano do curso, contudo, teve um insight e decidiu mudar a forma de conduzir seus estudos. Passou a se dedicar.

Foi trabalhar na cooperativa do CALQ e conseguiu estágio em Araras onde atuou na cultura de algodão. Afeiçoou-se muito ao professor Marcílio Dias, da Genética, tanto que deu o nome dele ao seu 2º filho. No fim do curso, colheu os frutos de seu empenho. Conquistou o Prêmio José Ysao Nakao, destinado ao formando com maior frequência em Fito patologia, e o 2º lugar do Prêmio Pontal, aos alunos que se destacaram nas matérias de Mecânica, Engenharia e Topografia.

Assim que concluiu o curso, foi fazer estágio em uma faculdade do Japão. Um período pouco proveitoso, porque apesar das cartas para a mãe, Yukiharu não tinha afinidade com a língua. Em 1972, voltou ao Brasil e foi trabalhar na Cooperativa Agrícola de Cotia. Sua função era orientar produtores de frutas em várias cidades do interior. Foram 7 anos de estrada.

Em 1978 surgiu nova oportunidade de estudar no Japão, pela Cooperativa. Lembrando-se da 1ª experiência, Yukiharu resistiu, mas por insistência de amigos decidiu ir. E foi a melhor decisão que poderia ter tomado. As atividades extrapo-

lavam os muros da universidade, o que o deixou muito feliz. Conheceu centros de pesquisa, casa do produtor e a agricultura local, tudo por um bom salário.

Além disso, quando foi buscar informações sobre uma pesquisa, recebeu a orientação de escrever cartas à ex-estagiária do setor, que já tinha voltado ao Brasil, para obter os dados do projeto. A troca de correspondência resultou no casamento com Áurea Massako Ichioka Suzukawa, em 1980, com quem teve 3 filhos: Alvaro, Marcílio e Andréia.



Na volta do Japão, Yukiharu tornou-se coordenador técnico da Cooperativa, onde ficou até 1987. Conseguiu instituir carreira para os agrônomos e contratou muitos para sua equipe. Naquele ano, a cooperativa abriu uma escola agrícola em Jacareí, onde Yukiharu assumiu o cargo de diretor técnico. Conseguiu ajudar os alunos, apesar da pouca estrutura, mas depois que a Cooperativa entrou em crise e fechou, em 1994, a Escola teve muita dificuldade para se manter, encerrando suas atividades em 2004.

Yukiharu foi trabalhar na Fundação Nishimura, em Pompeia. Atuou na coordenação de ensino até se aposentar. Em 2008 mudou-se para Marialva (PR), terra natal de sua esposa. Desde então, visita hospitais para fazer oração pelos doentes, cumprindo o compromisso moral ensinado em sua religião.

Em 2018 foi convidado para atuar no Pró Arte, projeto social de Marialva. Abordando valores morais, como respeito, amor e solidariedade, Yukiharu partilha seu conhecimento com crianças e adolescentes. Mesmo depois de anos no ensino agrícola, o desafio é grande porque a realidade é diferente. Mas ele faz com gosto. E fica feliz ao ver o interesse dos alunos.

Yukiharu gosta muito da agricultura e não esconde a alegria de ter dois filhos graduados em Agronomia. Atualmente, além da dedicação aos projetos sociais, passa boa parte do tempo em sua chácara onde cultiva frutas e hortaliças.

ECONOMIA RURAL TRADUZIDA EM PROJETOS PARA AGRICULTORES

Zilda Teixeira Paes de Barros nasceu em 17 de agosto de 1946, em Piracicaba. Ainda menina mudou-se para São Simão e depois para São José do Rio Preto devido ao trabalho do pai. Formado em Agronomia na ESALQ (1938), Dirceu Paes de Barros especializou-se em Silvicultura e trabalhava no Horto Florestal da cidade, daí as mudanças recorrentes. Sempre que possível, Zilda o acompanhava nas estações experimentais. Talvez por isso, o pai tinha por ela uma certa predileção e a influenciou a cursar Agronomia.

A partir do 3º ano da Escola começou a estagiar no Departamento de Economia Rural; aprendeu muito com os professores Joaquim Engler e Paulo Cidade. Acompanhou a chegada do 1º computador da ESALQ – um IBM 1130 – instalado no Departamento de Matemática. Zilda ficou embevecida; passava horas perfurando cartões naquela máquina, a única da cidade, que ocupava uma sala inteira.

Também em 1968 começou a namorar Wilson Roberto Soares Mattos, seu colega de turma, com quem se casou em junho de 1971, na casa do bispo. Tiveram dois filhos: Isa, mãe da Luiza, e Renato. Ambos moram nos EUA atualmente.

No último ano da Agronomia, Zilda fez Diversificação em Economia Rural e concluiu o curso já com convite de seu orientador Kelson Wessel e com bolsa do Departamento de Economia Rural para o Mestrado na área de Microeconomia na Ohio State University. Quando chegou aos EUA conseguiu bolsa suplementar de estudos da Fundação Rockefeller.

Em outubro de 1972 nasceu sua 1ª filha, o que a levou a enfrentar, além das obrigações de estudante, também as de ser mãe. Uma fase desafiadora, superada com êxito, entretanto. Zilda concluiu o Mestrado em setembro de 1973. Em seguida iniciou o Doutorado na área de Microeconomia, sob orientação do professor Richard Meyer.

Voltou ao Brasil com Wilson e Isa em fevereiro de 1977; seis meses depois, contudo, retornou

aos EUA para concluir a tese, defendida em 1978. Imediatamente, foi convidada pelo Prof. Joaquim Engler para dar aulas no Departamento de Economia Rural. Tolerante, adaptou-se bem às mudanças impostas por tamanha diferença de realidade.

Encabeçou projeto da Fundação W.K. Kellogg, em parceria com a ESALQ e com a CATI, para implantação do uso de microcomputadores na agricultura, a fim de desenvolver programas específicos de auxílio a agricultores nas áreas de orçamentos, controle de custos de ração e adubo, manejo de rebanhos e até mesmo nas análises contábeis e financeiras. O valor do projeto foi perto de um milhão de dólares.

A doação dos equipamentos também ajudou a reorganizar e dinamizar o trabalho administrativo da Casa da Agricultura a partir da informatização dos dados. Neste caso, o computador foi usado em atividades como cadastramento de produtores, relatórios, orçamentos e digitação de documentos. A modernização promoveu um aumento da produtividade do trabalho administrativo, liberando os extensionistas para tarefas mais ligadas à assistência aos agricultores. A notícia foi destaque em vários jornais, entre eles a Folha de S. Paulo.

Zilda também dava aulas na graduação e na pós-graduação, enfrentando os desafios iniciais da falta de estrutura, quando tudo ainda era muito incipiente. Contudo, gostava muito do ensino e, em especial, da extensão. E procurava sempre inovar. Convidou um professor do Texas para ministrar o primeiro curso sobre planilha eletrônica (Lotus 1,2,3) na ESALQ, em 1981.

Aposentou-se em 2004. De lá para cá, enveredou-se para o conhecimento sobre comida crua, chegando a estudar o assunto nos EUA; também esteve na França para imersão na língua, já que passou a estudar francês após aposentar-se. Além disso, passa bons momentos ao lado do marido e dos livros de que gosta tanto, em especial, daqueles sobre saúde.



In Memoriam

O passado não reconhece o seu lugar.
Está sempre presente. (Mário Quintana)



Abrão Grade Diniz

1945 - 2021

O AUXÍLIO A PRODUTORES RURAIS EM DEFESA DA AGROPECUÁRIA



A década de 1940 foi aquela em que os agrônomos das Casas da Lavoura tinham um grande prestígio. E foi justamente o agrônomo de Ibitinga (SP) que fez os olhos de Abrão Grade Diniz brilharem. Nascido no dia 28 de agosto de 1945, na fazenda dos avós, Abrão tinha um pé na terra e decidiu seguir a carreira do seu ídolo, formado pela ESALQ.

O pai, Orivaldo Diniz, que já tinha atuado no meio rural antes de fabricar e comercializar artigos em couro, ficou surpreso com a decisão, porque apesar da raiz, o filho não parecia ter inclinação para o campo. Mas se tantos colegas de Ibitinga tinham entrado naquela que era conhecida como a melhor Escola de Agronomia do país, por que ele não poderia?

Abrão encantou-se de imediato quando viu a ESALQ pela primeira vez, mas não passou no vestibular. O pai lhe deu uma nova chance: ele faria cursinho preparatório naquele ano, mas se não fosse aprovado no vestibular, teria que trabalhar. Sem choro, nem vela. Após longas aulas no célebre cursinho do Torigoi, Abrão foi admitido na ESALQ em 1966 e ganhou o apelido de Turco.

Mudou-se para Piracicaba levando consigo os valores aprendidos com o pai e com a mãe, Isaura Granzoti Diniz: ser honesto, solidário e ter hombridade. Inspirado nesses princípios, teve um ótimo convívio com os amigos da república. Futebol de salão era o seu programa preferido. Abrão era bom de bola. Foi um período inesquecível de sua vida. Até hoje é grato à família pela oportunidade de ter estudado na ESALQ.

No quarto ano foi para Macapá pelo Projeto Rondon, o que lhe proporcionou uma experiência interessante pelo contato com novas culturas e por poder ensinar o cultivo de hortas aos moradores. No quinto ano a diversificação foi em economia agrícola e estagiou brevemente em um banco de Piracicaba.

Seu primeiro emprego foi como professor do Colégio Agrícola de Votuporanga. Qual não foi sua

surpresa quando, ao chegar à cidade, encontrou apenas materiais em um terreno e o engenheiro agrônomo Abílio Calile, designado para ser o diretor do Colégio.

Bem, não levou tanto tempo para construírem o prédio e as matrículas se iniciaram numa situação ainda precária. Contudo, o bom relacionamento com os alunos e as oportunidades de estudo e crescimento, fizeram daquele período uma experiência marcante na vida de Abrão.

Também foi nessa época que conheceu Nadir Alves Sant'Ana Diniz num improvável momento: um desvio na rodovia, durante uma viagem. Casaram-se em 1974 e tiveram dois filhos: Yeda e Caio. A primogênita deu-lhe, ainda, duas netas lindas: Julia e Laura.

Depois de quatro anos no colégio, Abrão passou em um concurso da CATI para atuar em Santa Albertina. O difícil acesso por uma estrada de terra, que deixou seu Fusca atolado, fez com que ele desistisse da vaga. No entanto, logo depois passou em outro concurso da mesma Secretaria e foi designado para a Casa da Agricultura de Cosmorama, onde ficou por oito anos.

Exercia atividade de campo, principalmente com cultura de café. Atualizava-se em Campinas e orientava os produtores da região. Aprendeu a “falar a mesma língua” deles e foi bem-sucedido na tarefa de auxiliá-los em suas produções.

Mais tarde, uma vaga foi aberta na Defesa Agropecuária de Votuporanga e Abrão pediu para ser transferido. A responsabilidade aumentou significativamente, já que ele passou a gerenciar oito municípios. Realizou um trabalho relativo à defesa agropecuária animal e vegetal, que englobava inspeção, fiscalização e aplicação de multas, o que lhe cortava o coração; mas era preciso cumprir a lei.

Foram 12 anos como diretor técnico e 10 como funcionário, até aposentar-se em 2010, quando passou a viajar com a esposa e aproveitar a vida. Faleceu em janeiro de 2021, de infarto, em Botucatu.

André Victor E. Litwin

- 2019

DA AGRONOMIA AO MERCADO FINANCEIRO E AO SETOR DE TRANSPORTES



André Victor Eugenio Litwin veio da Polônia ainda menino com seus pais, Pawel Wiktor Litwin e Eugenia Helena Litwin. Quando chegaram ao Brasil, no final da década de 1940, instalaram-se em São Paulo.

Pawel era engenheiro e se mudou para Piracicaba com a família na década de 1960 para trabalhar na fábrica de tecidos “Boyes”, que teve origem a partir do empreendedorismo de Luiz de Queiroz, também idealizador da ESALQ. Moravam na Rua do Rosário.

Antes que André Eugenio concluísse o curso de Agronomia, seus pais retornaram a São Paulo devido à mudança de emprego de Pawel para a fábrica da Ford.

Assim que se formou, André casou-se com Ana Vera Stolf Litwin, sua vizinha de residência, com quem teve 2 filhos: André, pai da Rebeca, e Fernando, pai do Guilherme e do Gustavo.

Apesar de gostar muito da área agrícola, André Eugenio acabou não exercendo a profissão. Logo após se casar, também se mudou para São Paulo onde passou a trabalhar, inicialmente, no mercado financeiro e, mais tarde, no setor de transportes.

André já estava aposentado e morava com a família em São Paulo quando faleceu, em 1º de novembro de 2019, deixando muitas saudades.

Antônio Aparecido Longhi

1946 - 1996

A PAIXÃO PELA NATUREZA INFLUENCIOU SUAS AÇÕES E DECISÕES NA VIDA E NA CARREIRA



Antônio Aparecido Longhi passou a infância rodeado de animais e muito verde. Filho do comerciante Antonio Longhi e da dona de casa Helena Grilo Longhi, Nico, como era conhecido na família, nasceu em 8 de setembro de 1946, em Ibitinga (SP), onde seus pais tinham chácara. Adorava aquele ambiente e escolheu cursar Agronomia por amar a natureza.

Em Piracicaba morou na república Copacabana e ganhou o apelido de Bodão. Durante a Escola participou do projeto Rondon 2 vezes, ambas em Altamira, no estado do Pará. Comunicativo, gostava muito de Genética; curioso, pensava em ser pesquisador. Era ótimo companheiro e parceiro de todas as horas; sempre alegre, os amigos o adoravam.

Logo depois de se formar, Aparecido foi trabalhar na Manah. Um ano depois passou em concur-

so público da CATI, onde desenvolveu sua carreira na área de Fertilizantes, mais tarde, assumindo a Diretoria do setor. Nesse período, teve oportunidade de ir à Holanda duas vezes, onde permaneceu durante seis meses em cada viagem, para estudo e pesquisa.

Sempre foi apaixonado pelas flores, em especial pelo gênero *Hemerocallis*, ao qual também se dedicou intensamente na profissão, tanto que uma das variedades foi batizada de Longhi. Planta de fácil cultivo e beleza única, a *Hemerocallis* Longhi apresenta lindíssimas flores na cor vermelho vibrante.

Em 1974, Aparecido casou-se com Elizabeth Helbig, com quem teve 2 filhos: Fábio e Marina, mãe de Ana Maria e de Ana Valentina.

Aparecido faleceu em 16 de setembro de 1996, aos 50 anos, em Ibitinga. Deixou muitas saudades.

Antonio Batista Sancevero

1946 - 2017

A IMPORTANTE CONTRIBUIÇÃO NAS PESQUISAS EM NUTRIÇÃO ANIMAL



Seu contato com a terra começou cedo. Antonio Batista Sancevero sempre ia ao sítio do pai, onde ajudava na criação de aves, porcos e gado de leite. Nascido em 24 de junho de 1946, em Londrina (PR), já sabia que queria ser agrônomo. E como teria que estudar fora, escolheu a escola mais renomada na área, que conhecia porque um primo tinha estudado lá.

Quando entrou na ESALQ foi uma alegria! Ganhou o apelido de Pintinha e foi morar em uma das repúblicas mais famosas da cidade, a Copacabana. E relembando os momentos da infância, fez estágio na área de suínos.

Sério, responsável e estudioso, Toninho, como era carinhosamente chamado pela família, planejava fazer pós-graduação desde a época de estudante. E em 1973, cumpriu seu planejamento, fazendo Mestrado em Zootecnia pela UFMG. Foi fisgado pela área e em 1998 foi a vez do Doutorado, também em Zootecnia, com ênfase em Genética e Melhoramento dos Animais Domésticos, pela UFV.

Sua atuação profissional, contudo, começou no ano seguinte à formatura, em 1971, quando ingressou na EPAMIG, dedicando-se à pesquisa e assumindo, mais tarde, a chefia do Departamento de Produção Animal. Sua dedicação à área era tanta, que recebeu o prêmio de melhor trabalho na XXV Reunião Anual da SBZ, em 1988, ano que concluiu sua atuação na EPAMIG.

Naquele ano, foi aprovado em 1º lugar no concurso público para professor adjunto da UEL, contudo, não chegou a assumir o cargo porque recebeu um convite – que aceitou – para atuar como diretor de Agropecuária da Rezende S/A, em Uberlândia, onde ficou até 2000.

Paralelamente às pesquisas nas empresas, Antonio Sancevero passou a atuar na EMBRAPA. Sua jornada teve início em 1975, no Centro Nacional de Pesquisa em Suínos e Aves, em Concórdia (SC), onde foi chefe adjunto técnico até 1978. Posteriormente, foi chefe geral no Centro Nacional de Pes-

quisa de Gado de Corte (CNPGC/EMBRAPA), em Campo Grande (MS).

Voltou a atuar no CNPGC de 2000 a 2003, passando pelas funções de administração, direção e chefia geral, período em que participou de Conselhos, Comissões e Consultoria, além do Departamento de Pesquisa e Difusão de Tecnologia.

Tendo como base a linha de pesquisa em produção animal, atuou, principalmente, em nutrição e alimentação animal. Em seu currículo destaca-se a publicação de 19 artigos científicos em periódicos, 30 trabalhos em anais de congressos e participação em diversos eventos científicos.

Sua carreira inclui, ainda, uma atuação como docente no SENAR/MS, de 2004 a 2006, e na UNITRI, de 2012 a 2016, nos cursos de Agronomia e Medicina Veterinária.

Outros tantos grupos, empresas e entidades puderam contar com o trabalho dedicado de Sancevero, tanto na consultoria, quanto na administração e direção. Integrou o Conselho Técnico da Associação dos Suinocultores de Minas Gerais e foi consultor na Arroba Business e na Suplementar Nutrição Animal.

Também integrou o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o Centro de Tecnologia do Couro de Mato Grosso do Sul, o Conselho Consultivo da Lagoa da Serra, a Revista Agropecuária Brasileira da Embrapa, a Revista Informe Agropecuário da EPAMIG, e o Conselho Técnico da Associação Brasileira de Criadores de Suínos de Estrela (RS).

Casou-se em 1971 com Marisilda Sacani Sancevero, com quem teve um filho, Sergio Sacani Sancevero, que lhe deu dois netos: William e Ricardo. Do segundo casamento (2001), com Lucilene Ferreira, nasceu Ana Luiza Sancevero.

Antonio Batista Sancevero dedicou-se à família e à carreira que escolheu e na qual tanto se destacou até o último instante. Faleceu no dia 4 de setembro de 2017, em Uberlândia, de morte súbita.

Antônio Carlos Guillaumon

1945 - 1996

O AMOR PELA TERRA TRADUZIDO EM TRABALHO E TRANSMITIDO AOS FILHOS



Antônio Carlos Guillaumon sempre teve contato com a terra e se tornou responsável por propriedades rurais muito antes do que talvez imaginasse, o que despertou nele uma grande paixão pela Agronomia e um enorme senso de responsabilidade.

Nascido em 24 de agosto de 1945, em Botucatu, era filho de João Andre Guillaumon e Iracema Faturi Guillaumon, ambos professores, com quem aprendeu importantes princípios de vida. Seu pai tinha fazenda na região de Marília (SP), mais precisamente em Echaporã, onde cultivava café e criava gado. A Fazenda Santa Ida era um dos lugares preferidos de Antônio, que passou a infância nesse ambiente rural.

Quando tinha 17 anos, contudo, seu pai faleceu após um acidente com o trator na própria fazenda; com isso, Antônio passou a conduzir as atividades na propriedade rural, assumindo a responsabilidade de sustentar a família, composta por mais 9 irmãos.

Sua ligação com a terra sempre foi intensa e, sem dúvida, teve grande influência na escolha do curso de Agronomia. Em Piracicaba morou na república Império da Felicidade e na ESALQ ganhou o apelido de Fubá. Nas horas livres, além de frequentar os tradicionais pontos onde os agricultores costumavam ir, Antônio praticava karatê.

Esforçado, dedicava-se durante a semana à Escola, e às sextas-feiras voltava para a fazenda, pois precisava garantir o bom andamento das atividades por lá; às segundas, saía de casa ainda de

madrugada para chegar a tempo da 1ª aula do dia.

Quando se formou, Antônio foi trabalhar na área de fertilizantes, iniciando sua carreira na Manah; depois foi diretor da Copas Fertilizantes no Nordeste e morou em Recife de 1975 a 1978. Em seguida, tornou-se diretor executivo da Fertibras S/A, fixando residência em Uberaba (MG). Com isso, transferiu as atividades como produtor rural do estado de São Paulo para propriedades rurais naquela região de Minas Gerais.

Antes ainda de mudar para Recife, em 1973, casou-se com Carmen Silvia Siena Guillaumon, com quem teve 3 filhos: André, Stella e Henrique. A proximidade e o amor pela terra contribuíram para que seus filhos também crescessem muito ligados a esse ambiente rural, tanto que em 1992, o primogênito se formou em Agronomia pela ESALQ, onde ganhou o apelido de Kirela.

Em agosto de 1995 Antônio sofreu um acidente de carro com seu filho caçula, que faleceu com 18 anos; a tragédia teve grande impacto emocional no pai, que faleceu em Uberaba, em 6 de outubro de 1996, aos 50 anos, vítima de um infarto fulminante.

Antônio não chegou a conhecer os netos Joao André e Maria Fernanda Dabdab Guillaumon, filhos do primogênito André com Ana Elisa; e Antonio e Arthur Guillaumon Zambon, filhos de Stella com Rodrigo. Mas os netos já ouviram muitas histórias do avô contadas pelos pais e pela avó Carmen, que faz questão de manter a família reunida no amor.

Antônio Pereira Lima

1945 - 2009

O DESAFIO DE IMPLANTAR O PROJETO DE CULTIVO DA PALMEIRA DE DENDÊ NO PARÁ



Antônio Pereira Lima nasceu em 18 de setembro de 1945, em Araçatuba (SP). Passou toda a infância e adolescência na propriedade rural da família, em Guararapes (SP), pertinho de sua terra natal. Decidiu cursar Agronomia por influência de seus pais, Isaías de Souza Lima e Angelina Pereira Lima, que eram agropecuaristas.

Fez cursinho pré-vestibular durante um semestre em Piracicaba e entrou para a A70. Morou na república Corda Bamba, sendo conhecido então como APL e Tonhão. Durante o curso aproximou-se do professor Aristeu Mendes Peixoto, de quem sempre falava demonstrando grande admiração.

Engajado, Antônio participava ativamente dos eventos da cidade e não perdia uma oportunidade. Integrou o grupo de amigos da A70 que realizou uma viagem cultural de 60 dias para a Europa. Foi uma experiência incrível para aqueles jovens.

Depois que se formou, trabalhou no Banco Real nos estados de São Paulo e do Paraná, na área de crédito rural; era o responsável pela carteira agrícola. Mais tarde, mudou-se para o

Pará, onde atuou na CRAI, empresa do Grupo Real, onde foi diretor na implantação da cultura do dendê.

A implantação do projeto de plantio e cultivo da Palmeira de Dendê lhe exigiu percorrer diversos países em busca de técnicas e aprimoramento para o desenvolvimento daquela cultura no estado do Pará. Foi um desafio, que Antônio enfrentou com garra. Era apaixonado pela Agronomia, pelo Palmeiras e pela família que construiu.

Casou-se em 1975 com Maria Luíza Covolo Lima, com quem teve 2 filhos: Renata Covolo Lima Spegiorin e Henrique Covolo Pereira Lima; a primogênita lhes deu 2 netos: Antônio Lima Spegiorin e Angelina Lima Spegiorin.

Antônio ficou no Pará com a família no período de 1983 a 1987, quando retornou para Araçatuba, cidade em que residiram durante um ano, mudando-se posteriormente para Guararapes, local em que Antônio morou até seus últimos dias de vida. Faleceu em Araçatuba, em 22 de agosto de 2009, aos 63 anos, devido a uma parada cardiorrespiratória, em decorrência do diabetes. Deixou muitas saudades.

Aparecido Altino Davoli

1943 - 2008

PAIXÃO PELO CAFÉ, DEVOÇÃO À ESALQ E AMOR PELA FAMÍLIA



Aparecido Altino Davoli nasceu em Vera Cruz (SP), em 6 de setembro de 1943, mas logo se mudou para Osvaldo Cruz (SP), onde passou toda a infância na fazenda do avô, que era cafeicultor. Seu pai, Adolfo Davoli, seguiu a tendência da família, assumindo parte da fazenda; e sua mãe, dona Conceição Teixeira Davoli, era a responsável pelo bom andamento de tudo dentro de casa; excelente cozinheira, fazia pães, queijos, doces e massas que nunca sairão da memória dos netos.

O contato com a terra e o convívio com a agricultura despertaram em Altino o interesse pela Agronomia. Admirava o trabalho do pai e tinha verdadeira paixão pelo cultivo do café. Escolheu a ESALQ por ser referência nacional. Assim que chegou à Escola, ganhou o apelido de Baixinho, mas logo passaram a chamá-lo de Veião, e foi assim que ficou conhecido em Piracicaba, em especial na república H-RRAFA, onde morou.

Quando se formou, Altino foi chamado por várias empresas e escolheu trabalhar na Benzenex, como representante de vendas de adubos na região de Presidente Prudente (SP). Em 1972 foi transferido para o Paraná; mudou-se para Cascavel e passou a cobrir toda a região até Foz do Iguaçu.

Em 29 de abril daquele ano casou-se com Odete Fiorussi Davoli, professora, com quem namorava havia 10 anos. Conheceram-se na época do Ginásio em Osvaldo Cruz; Odete foi sua grande companheira de vida. Tiveram 3 filhos: Rodrigo, Juliano e Melissa. O primogênito seguiu os passos do pai e também é agrônomo formado na ESALQ (F96).

Um ano depois de mudar para o Paraná, Altino voltou para Osvaldo Cruz; isso porque seu pai havia sofrido um derrame e solicitou que o filho retornasse para cuidar dos negócios da família. Então, Altino prestou concurso do IBC e trabalhou junto à Cooperativa de Lucélia, ao mesmo tempo em que ajudava o pai na administração das terras.

Contudo, os negócios da família se expandiram para Minas Gerais e Paraná e, então, ele passou a trabalhar apenas na administração das fazendas. Sua dedicação para produzir o melhor café era grande: acompanhava todo o processo, desde a colocação do grão no balainho, até a exportação.

Outra paixão de Altino era a ESALQ. Sempre que tinha oportunidade, passava em Piracicaba e visitava a Escola com a família, mostrando a beleza do campus e contando histórias de seu tempo. Também fazia questão de marcar presença nos encontros da A70, turma em que fez grandes amigos e pela qual tinha enorme carinho.

Altino faleceu aos 65 anos, em um acidente de carro em Sacramento (MG), no dia 15 de março de 2008, quando voltava da fazenda de Patrocínio (MG). A notícia foi um choque para toda a família.

Hoje, mais de 10 anos depois, além da enorme saudade, fica também seu legado de dedicação ao trabalho, luta pelo sonho e valorização da família. Serão esses os valores transmitidos aos netos Mariana, Juliana, João Paulo e Maria Clara, que não puderem conviver com o avô, mas terão oportunidade de conhecer sua história de amor à vida.

Ariovaldo Simonelli

1943 - 1990

AGRONOMIA POR INTUIÇÃO E UMA BREVE CARREIRA EM USINA



Ariovaldo Simonelli nasceu em 23 de maio de 1943, em Limeira (SP). Seu pai, Wilson Simonelli, era capitão do Exército e gostaria que seu único filho cursasse Direito, mas Ariovaldo decidiu seguir sua intuição e optou pela Agronomia. Sua mãe, Maria Simonelli, era a responsável pela educação em casa.

Em Piracicaba morou na república Vai-Ke-m-Ké, que ficava na Rua Prudente de Moraes, e ganhou o apelido de Badico. Era muito participativo no curso, gostava da Escola.

Em 28 de maio de 1974 casou-se com Maria José Querino Simonelli, com quem teve 4 filhos: Carla, mãe do Pablo, da Paola e da Ornella; Cristiana, mãe da Renata, da Rebeca e da Julia; Cristiano, pai do Lorenzo, e Reika.

Quando se formou, mudou-se para Quatá (SP) e foi trabalhar na Usina Santa Lina, do Grupo Giorgi, mais tarde comprada pela Zilor e denominada Usina Açucareira Quatá. Gostava do trabalho, contudo, aos 36 anos, teve um infarto que muito o abalou e comprometeu também seu desempenho profissional.

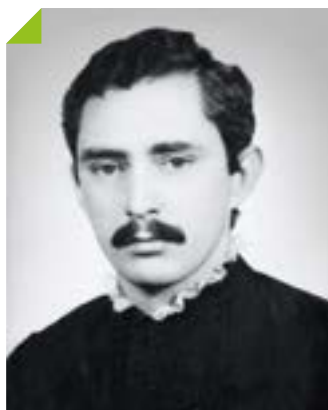
Depois disso, Ariovaldo ainda trabalhou na Bayer e em 1982 voltou para Limeira e foi trabalhar na Prefeitura de Iracemápolis (SP), como engenheiro agrônomo.

Depois do infarto, contudo, teve grande dificuldade de restabelecer sua saúde. Faleceu em sua terra natal, no dia 9 de janeiro de 1990, aos 46 anos, de insuficiência respiratória. Deixou muitas saudades.

Ariovaldo Roque Quintana

1943 - 2020

OS PERÍODOS DE 12 QUE MARCARAM A VIDA DESSE AGRÔNOMO



Ariovaldo Roque Quintana nasceu no dia 28 de novembro de 1943, em Divinolândia (SP). Aos 7 anos mudou-se com os pais – Manoel Quintana e Priscila Tarifa Quintana – para estudar em São João da Boa Vista (SP). Até o Científico não sabia qual vestibular prestar. Contudo, como o pai tinha sítio, Ariovaldo era ligado à terra. E em 1964, um amigo o convidou para estudar na ESALQ e ele aceitou.

Mudaram-se para Piracicaba em 1965 para fazer cursinho. Ele e três colegas fizeram uma promessa de ir até Rio Claro a pé se passassem no vestibular. A caminhada levou 12 horas; chegaram em frangalhos, mas felizes. Quando Ariovaldo voltou para casa e o pai viu o primogênito careca, deu pulos de alegria.

Na Escola o apelido de bixo foi Canguru, porque no teste de atletismo chegou a saltar 5,5 metros. Aliás, justamente por praticar corrida, livrou-se de muitos trotes. Mas como já no primeiro ano do curso tinha cabelo grisalho, começaram a chamá-lo de Veinho, apelido que pegou.

Montou com outros colegas da A70 a república H-RRafa. Chegaram a morar em 12 na casa. Durante o curso fez estágio na Ultrafertil e também foi para Sete Barras (SP) pelo Projeto Rondon; surpreendeu-se ao ver como os japoneses controlavam as pragas nas plantações por meio da temperatura.

Enfrentou um momento difícil quando o pai – o único sustento da família – faleceu ainda no primeiro ano da graduação. A mãe se virou com os imóveis que tinham – vendendo uns e alugando outros – para conseguir sustentar os três filhos. Mulher batalhadora, venceu essa parada.

Aliás, Ariovaldo só tinha boas lembranças dos pais, que o ensinaram valores como honestidade, sinceridade e honradez. Reconheceu o esforço deles com sua dedicação aos estudos todas as noites. Seu lazer era apenas o futsal, os bailinhos e uma cerveja no fim de semana.

A trajetória profissional começou em São Pau-

lo, na empresa em que tinha feito estágio. Seu contrato com a Ultrafertil foi assinado no dia 4 de janeiro de 1971, antes mesmo de colar grau. Para ele, o fato de ter estudado na ESALQ fez toda diferença.

Desenvolveu um trabalho de assistência técnica e venda de defensivos agrícolas, sementes e calcário em vários municípios. Em 1972, casou-se com Marly Gebara Quintana com quem teve dois filhos: Rodrigo Gebara Quintana e Ariovaldo Roque Quintana Filho.

Na época, assumiu a vaga da Ultrafertil em Bebedouro (SP). Entre idas e vindas, foram quase 12 anos de empresa. Em 1982, uniu-se a um colega e montou a empresa Granfertil Indústria e Comércio de Fertilizantes, em Casa Branca.

Mais 12 anos se passaram e ele vendeu sua parte para um dos sócios e foi para a Cooperativa Agropecuária de Casa Branca, o que lhe trouxe uma grande dor de cabeça. Sem dinheiro, a cooperativa fechou, e os processos recaíram sobre ele. Foram noites sem dormir e muitos momentos de nervosismo. Ah, mas como é bom ter amigos nessas horas: o advogado da cooperativa, seu amigo, o ajudou a resolver tudo.

Em 1996 assumiu o cargo de gerente de obras em uma empresa de São João da Boa Vista, que presta serviços de infraestrutura para loteadores. E lá se foram 12 anos de atuação em obras de rede de águas pluviais, de captação de esgoto, de água tratada e construção de guias e sarjetas. Só parou de trabalhar em 2008, quando se aposentou.

Contudo, não se desligou da terra. Isso porque o filho caçula, que herdou seu nome, “herdou” também sua profissão; e Ariovaldo passou a viajar uma vez por ano para Araguaína (TO), onde mora o filho, para ajudar no plantio e na colheita de soja.

Em 2019, reduziu as viagens e ficou em São João da Boa Vista, onde procurou aproveitar bons momentos ao lado da esposa e dos 5 netos. Faleceu em 28 de julho de 2020.

Augusto Kozuki

1946 - 1996

CARINHO COM A TERRA, COM OS ANIMAIS E A VONTADE DE FAZER O PAÍS PRODUZIR



Augusto Kozuki nasceu no dia 20 de outubro de 1946, em Presidente Prudente (SP), cidade conhecida como Capital do Oeste Paulista.

Filho dos imigrantes Minoru Kozuki e Toshie Kozuki, que vieram do Japão para trabalhar nas lavouras de café, na região de Guará (SP), Augusto sempre teve contato com a terra. E como muitos colegas da A70, passava suas férias no sítio, no caso dele, do Tio Odisan, em Presidente Venceslau (SP).

Seu carinho com a terra, com os animais e a vontade de fazer o país produzir era visível para a família. Assim, Augusto decidiu estudar na ESALQ. Um ano após a perda inesperada do pai, que sofreu um ataque cardíaco fulminante, Augusto passou no vestibular, mudou-se para Piracicaba e logo ganhou o apelido de Gugu.

Embora o estudo fosse em período integral, conseguia encontrar tempo para praticar vôlei e natação pela Escola. Também foi um dos que viajaram pelo Projeto Rondon para povoados da Ilha de Marajó (PA) onde os alunos prestavam assessoria para os moradores locais.

Seu primeiro emprego após formado foi

no Colégio Técnico Agrícola de Presidente Prudente (SP), onde atuou como professor, ensinando filhos de agricultores, e como agrônomo nas atividades práticas.

Depois foi para a Casa de Agricultura de Álvares Machado (SP), onde trabalhou com extensão rural. Na década de 1980 começou a trabalhar com crédito rural no Banco do Brasil, onde ficou por mais de 15 anos. Atuou em agências de Martinópolis e Presidente Venceslau, ambas no estado de São Paulo.

Um dos maiores desafios enfrentados na carreira, segundo a família, foi compreender as relações político-profissionais no setor do agronegócio. Mas Augusto superava cada um deles de modo cortês, na medida em que apreciavam.

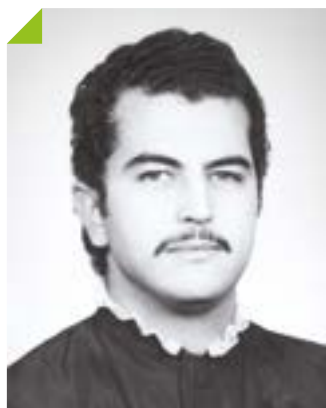
Em 1974 casou-se com Delza Maria Torres Kozuki com quem teve três filhos: Renata Torres Kozuki, Fernanda Torres Kozuki e Hamilton Torres Kozuki.

Augusto faleceu no dia 7 de maio de 1996, aos 49 anos, de acidente de trânsito na rodovia Raposo Tavares, em Presidente Bernardes (SP), quase em frente à sua propriedade rural, que tanto amava, denominada Chácara Ceres.

Benedito Orlando B. de Godoi

1947 - 2006

A VIDA DE EMPREENDEDOR APÓS PERCORRER VÁRIAS USINAS



Nascido em 23 de outubro de 1947, na Vila Rezende, em Piracicaba, Benedito Orlando Barbosa de Godoi sempre ouvia falar na “Escola Agrícola” da cidade, o que desde cedo impulsionou-o a cursar Agronomia.

Seu pai, Lourival Barbosa de Godoi, era funcionário da Dedini, e sua mãe, Helena Vilio Barbosa de Godoi, era a responsável pela educação dos 2 filhos, e apoiou Benedito em sua decisão de estudar na ESALQ.

Então, ele se matriculou no conhecido Cursinho do Torigoi, dedicou-se aos estudos e passou em 30º lugar no vestibular; ganhou o apelido de Dito da Vila. Aplicado, gostava muito da matéria de Topografia e amava a Escola, tinha muitos amigos na turma. Paralelamente aos estudos, dava aula de Física e de Matemática na Escola Monsenhor Jeronymo Gallo, na Vila Rezende.

Assim que se formou, Benedito iniciou a jornada no setor sucroalcooleiro. Seu primeiro emprego foi na Usina São Luís, do Grupo Ometto, em Piras-

sununga; depois foi para a Agropecuária Cresciumal/Usina Cresciumal, em Leme; passou pela Usina Santa Rita, do Grupo Nelson Cury, em Santa Rita do Passa Quatro; Usina Santa Bárbara, em Santa Bárbara d’Oeste, e Usina Costa Pinto, em Piracicaba, ambas do Grupo Cosan; e pela Destilaria Rio Brillhante, no Mato Grosso do Sul, do grupo Celso Silveira Mello.

Logo no início da carreira, em 1º de março de 1972, casou-se com Célia Maria Marconi Barbosa de Godoi, com quem teve 3 filhos: Álvaro, Felipe e Juliano; o primogênito, lhe deu a neta Giovana. Dito não chegou a conhecê-la, mas ela já ouviu falar muitas vezes do avô.

Em 1990, Benedito montou a Conspan, firma de consultoria em avaliações de empresas e peritagens, onde atuou até seus últimos dias. Faleceu em 22 de janeiro de 2006, aos 58 anos, em Piracicaba, em decorrência de um câncer. Bom pai de família e muito trabalhador, deixou muitas saudades.

Cleusa Maria A. Guindani

1945 - 2020

A CONCILIAÇÃO AMOROSA ENTRE O TRABALHO NO INSTITUTO BIOLÓGICO E A VIDA FAMILIAR



Cleusa Maria Angeli Guindani passou a infância nas fazendas dos avós em Tietê, Itapetininga e Piracicaba, esta última, sua terra natal, o que despertou nela o interesse pela Agronomia. Escolheu a ESALQ, que além de desfrutar de tão bom conceito no Brasil e no exterior, tem belas paisagens que muito se assemelham aos campos das propriedades agrícolas da família.

Além disso, a imponência dos prédios, ressaltada pelo vai e vem dos alunos, conferia à Escola poderosa vibração estudantil, aumentando a graça do local e conquistando a atenção de Cleusa. Nascida em 16 de março de 1945, tinha 20 anos quando iniciou o curso.

O convívio com os colegas era muito cordial, de respeito e cooperação. Cleusa sempre foi pacata, caseira e dedicada aos estudos; quando saía, era para ir à igreja, ao cinema ou às brincadeiras dançantes, em especial, aquelas promovidas pela A70 no CALQ para angariar fundos para a formatura.

No 2º ano do curso, conheceu Luiz Adevanir Guindani, hoje advogado e bancário aposentado, com quem vivenciou linda história de amor e companheirismo. Adevanir é filho de Seu Luiz Guindani, então zelador do ginásio da ESALQ, muito conhecido pelos estudantes na época; portanto, vivia na Escola com o pai. Mas foi fora do campus que se deparou com Cleusa pela 1ª vez.

Ele trabalhava no banco com o irmão dela, Cleiton, que o convidou para visitá-lo; quando Adevanir chegou à casa dele e conheceu Cleusa, ficou encantado. Foi amor à primeira vista. Começaram a namorar um mês depois, em 1967, casaram-se em 1974 e tiveram 2 filhas, Alessandra Angeli Guindani Inufushi, mãe do Lucas, e Cristina Angeli Guindani.

Cleusa sempre foi muito dedicada à família e conseguiu enfrentar o difícil desafio de conciliar trabalho e maternidade. Mesmo quando chegava em casa cansada, sentava-se pacientemente ao lado das filhas para ajudá-las com as tarefas da

escola. Ponderada, procurava resolver os dilemas na base da conversa.

Assim que se formou, foi dar aula nos Colégios Técnico Agrícolas de Santa Cruz do Rio Pardo, Jaboticabal e Rio das Pedras. Ocupar um cargo mais comum para os homens na época e enfrentar os filhos de agricultores em sala de aula, foi um desafio, até pela experiência ainda incipiente. Mas aos poucos, com equilíbrio, respeito, ética e determinação, conseguiu superar os obstáculos.

No início de 1973, passou em 2º lugar em concurso para engenheiro agrônomo do Instituto Biológico e se mudou para São Paulo. Posteriormente optou pela carreira de pesquisadora científica, que desenvolveu com grande empenho. Tanto como engenheira agrônoma, quanto como pesquisadora, sempre trabalhou na seção de resíduos, área com a qual se identificou.

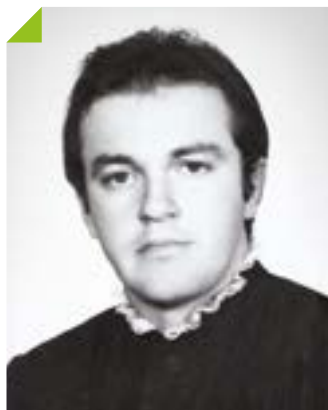
Entre outros trabalhos, analisava hortaliças do CEAGESP para verificar se havia resíduos de inseticida acima dos níveis de tolerância; a ação também ocorria com amostras de café para exportação, feijão e outros grãos. Cleusa teve vários artigos publicados em revistas especializadas e se sente feliz por ter construído sua carreira em um instituto tão tradicional como o Biológico. Extremamente organizada, deixou a documentação das tarefas que executava toda detalhada e numa sequência lógica, facilitando a consulta e o trabalho dos atuais colegas e daqueles que chegaram depois.

Durante toda a trajetória pôde contar com seu grande companheiro, Adevanir, parceiro de vida, com quem compartilhava suas dificuldades e buscava acalento para resolvê-las. No final da década de 1980, fizeram com as filhas uma viagem de mais de 20 dias à Europa, vivenciando momentos que ficarão marcados para sempre. Em 1990 ficou doente e se aposentou como pesquisadora científica nível IV. Faleceu em 24 de setembro de 2020, em São Paulo, deixando muitas saudades.

Domingos Batistella

1944 - 2018

O COMPARTILHAMENTO DAS VIVÊNCIAS E DOS CONCEITOS ACUMULADOS*



Domingos Batistella iniciou a jornada neste mundo em 10 julho 1944, em Cerquilha (SP). Seus pais, Giacomo Batistella e Elídia Grandi Batistella, foram criados na lavoura e mantinham sítios de produção agrícola, beneficiadora de cereais e venda de adubos para atender a comunidade; e foi nesse ambiente que Domingos cresceu.

Aos 7 anos já ajudava nos afazeres em estreita convivência com a família e seus negócios, consolidando, assim, as bases e princípios de educação, moral, respeito e responsabilidade para a vida digna em sociedade. Com essa consciência, já em 1964 optou por estudar Agronomia.

Na educação formal, frequentou o curso primário e o ginásio em Cerquilha; o Científico na cidade vizinha Tietê. Seguiu em 1965 para Piracicaba a fim de fazer o reconhecido cursinho do Torigoi; dedicou-se muito e passou em 10º lugar no vestibular. Pensando em aproveitar melhor a estada na cidade, resolveu também prestar vestibular para Economia na recém-criada UNIMEP.

Morou 3 meses em pensão estudantil na Rua do Rosário, depois formou a república Anônima, em casarão antigo na Rua Boa Morte; e no último ano ficou na república Fronteira. Seus principais apelidos eram Mingo, Mingão ou, simplesmente, Batistella.

No CALQ e no ginásio de esportes participava dos constantes programas com atrações variadas; havia os jogos do XV, as noitadas na Rua do Porto, a Ripolândia e por aí vai, tudo em clima de liberdade e confiança entre estudantes, professores e funcionários da Escola.

Na gloriosa ESALQ foram 5 anos em período integral, de 1966 a 1970; na UNIMEP o curso foi de 4 anos – 1966 a 1969 – no período noturno. Com os estudos concluídos com formação de engenheiro agrônomo e economista, em 1971 mudou-se para São Paulo e abriu escritório particular para trabalhos de consultoria voltados a

diversas regiões e atividades rurais.

Atuou durante mais de 4 décadas por iniciativa própria e parcerias no atendimento aos segmentos da agropecuária e agroindústria, englobando assistência técnica, avaliações, estudos, projetos e assessorias. Também era filiado ao CREA e ao CORECON, pelos quais realizava trabalhos e negócios mais focados na parte estratégica dos empreendimentos do agronegócio.

Domingos faleceu em 8 de julho de 2018, em decorrência de um câncer. Após décadas com trabalho ininterrupto e prazeroso por conta própria, procurou aliar esforços e criatividade, consolidando em si uma visão sobre o mundo que fez questão de deixar registrada:

- Agronegócio – precisa conviver irmanado com o meio ambiente e com a economia, tendo a opção de conciliar 2 vetores-mestres: um para produção de alimentos de consumo humano em sistema diversificado, natural, biológico e saudável, de máxima segurança para atendimento às comunidades próximas e ao mercado regional; outro para produtos que atendem às demais finalidades, em processos massificados, até de maior risco e especulação nos moldes das commodities e atendimento ao mercado mais amplo.

- Ser Humano – em tudo é o resultado dos seus sentimentos, escolhas, do que pensa e do que ingere. Então, melhor ficar nos pensamentos positivos e na alimentação adequada; em complemento vem a movimentação do corpo, o sono reparador, o cultivo da memória e do bom humor.

- Vida – uma sequência de altos e baixos; do planejado pouco acontece, no dia a dia surge situação desfavorável, então toma providências, aí melhora e se ajeita; logo mais, piora de outro lado e aí se conserta de novo. De forma gradual e consciente, cada um pode melhor se equilibrar e prolongar sua estada neste mundo; certeza só o mistério final rumo ao infinito.

*Texto original publicado em:
http://www.celso-foelkel.com.br/esalq70_formandos.html

Eduardo Hiroshi Mizumoto

1946 - 1974

A ASCENSÃO DA GRANJA MIZUMOTO E O SONHO INTERROMPIDO



Filho de Akira e Sachiko Mizumoto, Eduardo Hiroshi Mizumoto sempre teve contato com a terra. Nascido em 24 de junho de 1946, na zona rural de Bastos (SP), era o responsável, desde os 6 anos, pela coleta de ovos da Granja Mizumoto, iniciada por seus pais no ano de seu nascimento.

Chegou a iniciar o curso técnico de Contabilidade, mas a sintonia com a produção de ovos foi maior e resolveu cursar Agronomia para dar melhor suporte ao futuro da granja, ao lado do irmão, Yutaka Mizumoto, que puxou a fila. O desenvolvimento do negócio foi tamanho, que abriu portas para os dois caçulas – Ademar e Celso.

Passou em 7º lugar no vestibular da ESALQ, onde ganhou o apelido de Nassubi. Em Piracicaba morou na República Fazendinha. Também pela Escola praticava judô e, ainda, participou do Projeto Rondon. Ordeiro e leal, por onde passava fazia amigos.

Estudante exemplar, Eduardo sempre foi muito dedicado. Para complementar a renda, imprimia apostilas no cursinho e, com o tempo, adquiriu a confiança dos professores e passou a corrigir provas, o que aumentou a remuneração.

Foi vice-presidente e tesoureiro geral do CALQ. Nas férias, voltava para Bastos e liderava os irmãos e primos nos trabalhos de construção de aviários e gaiolas para aumentar a capacidade instalada da granja.

Em 1968 ajudou o pai a realizar um grande sonho: construir um jardim japonês. Trabalhou duro em muitos finais de semana na seleção, coleta, carregamento e transporte das pedras de ornamentação. Mais tarde, o “Mizumoto Eien” (Jardim Eterno Mizumoto) tornou-se referência nacional e foi palco de muitas filmagens no Centenário da Imigração Japonesa no Brasil.

Assim que se formou, foi trabalhar na granja. E ainda em 1971 fez Especialização em Agronomia na Universidade de Okayama, no Japão. Em seguida, fez estágio nos EUA, na Hy Line, líder na genética avícola da época, sendo considerado o

melhor estagiário da empresa.

De volta ao Brasil, assumiu com firmeza as atividades da Granja que acabava de abrir a sua primeira filial. Junto com seus pais e seu irmão Yutaka, empreendeu forte impulso no crescimento das atividades.

Ao mesmo tempo em que trabalhava ombro a ombro com os funcionários, aplicava o conhecimento adquirido tanto pela prática desde a infância, quanto pelos ensinamentos recebidos em sua excelente formação escolar.

Resolvia os eventuais conflitos com senso de equilíbrio, buscando junto às partes a melhor solução. Conquistou o respeito e a admiração de todos. Era considerado o feitor que impulsionaria os negócios da família. Com a sua formatura, o pai decidiu se aposentar e passar a gestão dos negócios para os filhos.

Entretanto, no 4 de fevereiro de 1974, após entregar o último convite de seu casamento, que ocorreria 12 dias depois, faleceu em um trágico acidente de trânsito em Tupã (SP), aos 27 anos.

Eduardo partiu, mas deixou seu exemplo e sua inspiração aos irmãos, responsáveis pela continuidade da empresa que tomou seu rumo e cresceu muito nas décadas de 1970 e 1980, chegando à liderança na produção de ovos no Brasil.

Na ocasião, a granja doou o Laboratório de Controle Biológico da Mosca Doméstica ao Departamento de Entomologia da ESALQ. Logo depois, o espaço foi denominado Laboratório de Controle Biológico “Eduardo Hiroshi Mizumoto”, por sugestão do então chefe do departamento, professor Evoneo Berti Filho, também formado na A70.

Até hoje, a lacuna aberta com a partida de Eduardo nunca se preenche. Lembranças nos momentos difíceis e alegres, missas em memória... A cada encontro com os amigos de Eduardo, o lamento. Se, de um lado, a família ainda sente a perda tão precoce, de outro percebe que em um tempo tão curto, Eduardo vivenciou cada momento e desenvolveu toda a sua missão na Terra.

Eduardo Pires C. Filho

1948 - 2017

FLORESTAS, ENERGIA, MEIO AMBIENTE, POLÍTICAS PÚBLICAS E AMIZADE



Quem não se lembra do saudoso Drepo, que partiu há pouco mais de 3 anos deixando imensa saudade em tantos corações? Responsável por unir novamente a A70, era tão enérgico e participativo que muitos se lembram de sua história.

Nascido em 11 de maio de 1948, em Santos (SP), Eduardo Pires Castanho Filho, o Drepo, teve contato com a terra desde cedo, já que acompanhava os pais, Eduardo Pires Castanho e Julieta Esteves Pires Castanho, na fazenda de pecuária em Lavínia (SP).

A intensa vivência no campo motivou-o a aprimorar seus conhecimentos técnicos para desenvolver os projetos familiares e, assim, escolheu o melhor curso para sua formação: Agronomia na ESALQ. Foi o despertar de uma vocação.

Casou-se com Maria Sílvia Domicildes Oliveira, a quem conheceu em Santo André, onde passou sua adolescência. Tiveram 2 filhos - Guilherme e Renata - e 3 netos: Gustavo, Juliana e João. Apreciava e praticava desenho, pintura, escultura e música.

Em Piracicaba morou em república e era assíduo nas assembleias do CALQ. Durante o curso, viajou para outros países da América do Sul, Nordeste e Sul do Brasil tendo contato com reforma agrária no Chile, irrigação no Rio São Francisco, vitivinicultura no Sul e também com a CEPLAC na Bahia..

A maior parte de suas atividades profissionais esteve ligada a questões florestais e ambientais. Ocupou diferentes cargos e funções no serviço público estadual. Começou em 1970, trabalhando com reflorestamento em Santa Fé e Capanea, no Paraná.

Em 1973, entrou para a SAA, atuando, inicialmente, no Grupo de Planejamento Central. Em 1975 foi admitido no IEA onde, ao longo da carreira, chegou a pesquisador nível VI. Em 1976 fez curso de aperfeiçoamento em Planejamento Rural, pelo Institut Agronomique Méditerranéen de Montpellier, na França.

Esteve à frente da Coordenadoria da Pesquisa

de Recursos Naturais durante três anos, na década de 1980, e teve atuação importante em diversos momentos da história, valorizando a profissão e fortalecendo a agricultura no país.

Participou da criação da Secretaria Estadual do Meio Ambiente, do CONSEMA e do DEPRN. Foi o 1º diretor executivo da Fundação Florestal, em 1986, onde prestou serviço até 1994, como analista ambiental. Coordenou o Plano de Desenvolvimento Florestal Sustentável de São Paulo, editou a Revista Florestar Estatístico e atuou na aquisição da Fazenda Intervales (hoje parque estadual).

Foi, ainda, chefe de gabinete da Secretaria de Economia e Planejamento do estado, onde ficou de 1995 a 2002. Nessa época, fez curso de desenvolvimento florestal em Garpenberg, na Suécia, onde teve contato com o agronegócio florestal. Em seguida, prestou serviço junto ao Gabinete do Coordenador da APTA, até 2006.

Fora do serviço público, integrou a Diretoria da AEASP organizando os primeiros Congressos Paulistas de Agronomia, época em que ajudou a fundar a Associação de Agricultura Orgânica. Além disso, dirigiu o Fundo Florestar, participou da fundação da SOS Mata Atlântica e do comitê de certificação de produtos orgânicos da OIA. Na fazenda herdada da família participou da produção de café, milho e cana-de-açúcar e da criação de gado bovino e ovino.

No IEA, executou importante sistema de informações florestais, com coleta de dados, elaboração de índices de preços e estimativa do valor da produção florestal estadual. Escreveu grande número de artigos técnicos, em especial na publicação online “Análises e Indicadores do Agronegócio”, com dados relevantes para o setor. Em 2008, tornou-se membro da Comissão de Estudos Estratégicos da Agricultura.

Em 2013 passou por sério problema de saúde, que arrefeceu um pouco suas atividades; faleceu 25 de fevereiro de 2017, em São Paulo, por problemas circulatórios e septicemia.

Eloah Maria P. de O. Jorge

1946 - 1984

A ALEGRIA DE SER AGRÔNOMA E A BREVE PASSAGEM PELA VIDA



Nascida em Piracicaba, em 30 de julho de 1946, Eloah Maria Pacheco de Oliveira Jorge era a única filha de Vicente Gonçalves de Oliveira e de Eloah Pacheco Gonçalves de Oliveira. A família morava em Tietê quando Eloah decidiu cursar Agronomia na ESALQ, seguindo os passos de seu pai, formado pela Escola em 1924, e de seus tios José Arlindo Ayres de Camargo Pacheco (A46) e Angelo Ayres de Camargo Pacheco (A52), irmãos de sua mãe. Ou seja, inspiração não faltava.

O início do curso foi determinante para seus pais se mudarem para Piracicaba, cidade que Eloah tanto amou. Em família, ela era carinhosamente chamada de Eloasita. Entre os amigos da A70, Eloah tinha particular afeto por Ana Cândida Primavesi, com quem passava bastante tempo... estudaram, conversaram e viajaram juntas. Grandes lembranças ela guardou da viagem cultural que a A70 fez pela Europa, oportunidade em que esbanjou seu inglês fluente.

Quatro anos após a formatura, Eloah defendeu o Doutorado pela ESALQ (1974), com o tema “Distribuição geográfica e taxonomia do capim gordura”, sob orientação do professor Almiro Blumenschein.

Em 1979, casou-se com Max Augusto Jorge, veterinário pesquisador da Embrapa, passando a residir em Campinas e trabalhar também na Embrapa, no Instituto de Zootecnia em Nova Odessa.

O casal teve como filhos Patricia Angélica, Luiz Fernando e Ana Luiza; a primogênita é, na verdade, filha de Neusa de Fátima Gonçalves, anjo da guarda da família, que ajudou a criar e a educar amorosamente Ana e Fernando, quando Eloah faleceu. Eloah era madrinha de Patrícia, mas a amava como filha; os três – Patricia, Ana e Fernando – foram criados juntos, como irmãos, sem distinção.

Eloah faleceu em Campinas, em 17 de agosto de 1984, aos 38 anos. Certamente, seria uma grande avó para Daniel e Samuel, filhos da Ana Luiza, e para Lucas, filho do Luiz Fernando.

Eloah amava a vida. Por onde passava, deixava marcas de sua presença e de seu equilíbrio, evidenciados por seu desempenho profissional, pelo amor aos familiares e amigos, e por sua afeição aos seus bichos, suas plantas e seus livros. Essa é a imagem que ficará para sempre no coração de seus familiares e amigos.

Euclides Foroni Junior

1946 - 2018

A SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES PARA SE TORNAR AGRÔNOMO E EXERCER A PROFISSÃO JUNTO À TERRA



Euclides Foroni Junior nasceu em 26 de fevereiro de 1946, em São Roque (SP), cidade de intensa produção de uva e vinho. Foi criado na Chácara Maravilha, onde os pais, Euclides Foroni e Anita Paro Foroni, cultivavam uvas para a produção de vinho. Sempre teve contato com cavalos e adorava trabalhar na lavoura.

Foi por amor à terra que escolheu o curso de Agronomia, no que foi incentivado pelo primo Paulo Paro, estudante da ESALQ. Euclides tinha muito interesse pela tecnologia de alimentos, então, em 1965, quando terminou os estudos no colégio interno Liceu Coração de Jesus, em São Paulo, decidiu realizar seu sonho e enfrentar o vestibular. Nem precisou fazer cursinho, passou direto.

Assim que se mudou para Piracicaba foi morar em uma república no bairro São Judas, perto da ESALQ. Ficou conhecido como Doutor Fofô. Em 1º de dezembro de 1968 sofreu um acidente de carro e precisou parar o curso por um tempo, por isso se formou com a A70. Quando voltou para a Escola, passou a morar na Casa do Estudante.

Euclides era muito esforçado e se dedicava intensamente a tudo o que fazia. Após o acidente, estreitou relações com o amigo Godofredo Cesar Vitti, da A70, com quem manteve bastante contato mesmo após a formatura. A facilidade com a Matemática levou Euclides a dar aulas particulares durante a Agronomia para complementar a renda. Apaixonado por esportes, jogava basquete e futebol de salão.

Nas férias fazia estágio nas vinícolas do pai, em

São Roque e em Colina (SP). Adorava a Escola e se impressionava com a capacidade dos docentes, em especial, de Ferdinando Galli, Walter Accorsi e Jairo de Mattos. Os professores Rubens Angulo e Claudio Haddad foram seus amigos da ESALQ.

Assim que se formou, fez pós-graduação em Tecnologia de Alimentos na UNICAMP, porém o acidente durante o curso lhe deixou com algumas limitações físicas, o que lhe trouxe muita dificuldade para conseguir emprego.

Mais tarde, foi trabalhar para a Empresa Método Engenharia, na área de usinagem de sementes de arroz e agropecuária, em uma fazenda de Trombas (GO). Gostava muito do trabalho com lavoura de arroz selecionado.

Euclides já morava em Porangatu (GO) quando se casou com Hilda Maria Zamboni Foroni, em 7 de julho de 1979; tiveram 2 filhos: Euclides Foroni Neto e Elydiani Foroni. Anos depois, teve a alegria de ser avô de Miguel, Manuela e Igor.

Em Porangatu, Euclides enfrentou muitos desafios, já que a fazenda onde trabalhava era distante da cidade e de difícil acesso. Mas ele era persistente e resistiu bravamente, inclusive ajudando muitos agricultores locais com seu conhecimento.

Após 15 anos, retornou a Piracicaba para cuidar da propriedade rural que adquiriu. Em 2010 sofreu outro acidente, tendo por consequência um traumatismo craniano, que o deixou acamado por 8 anos. Faleceu em Piracicaba, no dia 1º de dezembro de 2018, de insuficiência respiratória. Deixou muitas saudades.

Ezequiel Rodrigues do Valle

1943 – 2021

A PROFÍCUA ATUAÇÃO NA EMBRAPA GADO DE CORTE E UMA PARCERIA DE SUCESSO



Paulistano da gema, Ezequiel Rodrigues do Valle era apaixonado pelo sítio da família em Jundiá (SP), onde se produzia uva, e desde menino se encantou pela agricultura. Seus pais, João Rodrigues e Aurélia, deram-lhe total suporte para o estudo, reforçando os princípios de ética, honestidade e respeito ao próximo.

Nascido em 20 de agosto de 1943, morou em Santos dos 13 aos 23 anos e em 1964, quando terminou os estudos no Colégio Piracicabano, fez cursinho no Pavilhão de “Chimica” na ESALQ. Ficou impressionado diante do imenso gramado em frente ao Pavilhão Central, que sempre o encantou.

Morou na República Jacarepaguá com mais 9 colegas e ganhou o apelido de Zicão. Aprendeu a conviver em grupo, entender os limites de cada um e também se divertiu muito. Sempre que podia, jogava futebol no campus. Aquela foi uma das melhores épocas de sua vida.

Ainda na Escola, decidiu aprender alemão. Foi quando conheceu Cacilda Pimenta Borges, aluna exímia que até o irritava por ser tão sabida. No 4º ano da Agronomia começaram a namorar e se casaram em 1973, ano em que Cacilda se formou na ESALQ. Tiveram 2 filhos: Andréa, mãe do Liam, que mora em Nova Iorque, e Alexis, pai de Leo e de Maia, que moram em Montreal.

Ezequiel fez estágio na Massey Ferguson e na Proagri, empresa paulistana de projetos agropecuários, onde teve contato com crédito rural, SUDAM, SUDENE e CONDEPE. Estagiou durante toda a Diversificação em Economia Rural e, quando se formou, foi contratado pela Proagri.

Três anos depois, foi trabalhar na Seitec com elaboração de projetos para grandes empresas rurais e depois no BADESP, a convite do ex-secretário da Agricultura Roberto Cano de Arruda, também esalqueano, para fazer análise de projetos agropecuários.

Em 1974 o professor Delmar Marchetti, da ESALQ, convidou Ezequiel e a esposa para fazer parte da Embrapa, criada havia pouco tempo.

Então, o casal foi para os EUA fazer Mestrado na Universidade Estadual de Iowa (1975-1978), ela em Fisiologia Vegetal e ele em Fisiologia Animal.

Foi um período com muitos desafios, tanto pela língua estrangeira, quanto pela adaptação ao sistema americano. Em Ames/Iowa nasceu Andréa. No retorno do Mestrado, ambos foram para a Embrapa Gado de Corte, em Campo Grande (MS), cidade onde se instalaram definitivamente.

Depois que nasceram os 2 filhos, em 1982, voltaram para os EUA para fazer o Doutorado na Universidade de Illinois (1986), numa fase mais amena no exterior, onde Ezequiel defendeu tese sobre Fisiologia da Reprodução Animal. Período importante profissionalmente, mas de grande desafio familiar, já que os filhos eram pequenos. De volta à Embrapa, Ezequiel fixou-se na pesquisa.

Em 2003 foi convidado a coordenar a Câmara Setorial Consultiva da Bovinocultura de Corte no MS, onde ficou 4 anos. Dessa atuação nasceu o BPA, da Embrapa, com o qual trabalhou até aposentar-se, em 2019.

Com o objetivo de garantir ao mercado consumidor alimentos seguros provenientes de sistemas de produção sustentáveis, o protocolo desenvolvido (BPA) foi difundido em todo o país e incorporado ao programa estadual de incentivo aos produtores rurais do MS.

Ezequiel foi diretor técnico, presidente, vice-presidente e diretor de Sustentabilidade da Associação Sul-mato-grossense dos Produtores de Novilho Precoce, que passou a implantar o BPA nas propriedades rurais.

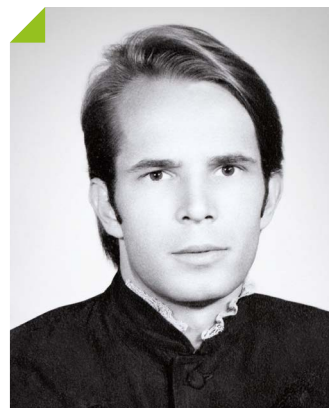
Foram quase 45 anos de atuação na Embrapa, boa parte com pesquisa e os últimos 16 com transferência de tecnologia. Ezequiel realizou muito mais do que esperava e se fortaleceu a cada barreira suplantada, sempre com o incentivo de Cacilda, mulher inteligente e determinada que o motivou diante de cada obstáculo.

Ezequiel faleceu em 31 de março de 2021, de Covid-19, deixando muitas saudades.

Fernando Antonio de A. Séver

1947 - 1984

A AGRONOMIA DIRECIONADA À ESTATÍSTICA E À INFORMÁTICA NA BREVE CARREIRA NO IEA*



De temperamento cerebral, extremamente racional, Fernando Antonio de Almeida Séver tinha muita facilidade para resolver problemas matemáticos. Não por acaso, seu apelido na ESALQ era Matemático. Nascido em Pindorama, Fernando formou-se engenheiro agrônomo na A70. Durante o curso, fez estágio no Departamento de Matemática e Estatística e auxiliava muitos colegas no difícil enfrentamento das provas do professor Frederico Pimentel Gomes. No 5º ano fez Diversificação em Economia Rural.

Assim que se formou, ingressou no IEA onde, inicialmente, trabalhou na Divisão de Economia da Produção, transferindo-se, mais tarde, para a Divisão de Levantamentos e Análises Estatísticas, da qual foi diretor técnico por 2 anos, até 1983, quando passou a responder pela chefia da Seção de Processamento de Dados.

Sempre guiado pela preocupação com o aprimoramento metodológico, desenvolveu diversas pesquisas nesse período, contribuindo também, de forma marcante, com o desenvolvimento dos projetos de pesquisa de colegas do IEA que, muitas vezes, procuravam sua orientação. Publicou vários trabalhos na área.

Culto, muito inteligente, perto do ge-

nia, não tinha muita paciência com burocratas e com pessoas de inteligência limitada. Preferia os problemas teóricos, mas dedicou-se a vários serviços aplicados do IEA, como modelos econométricos, números-índices e esquemas amostrais para levantamento de dados.

Participou da equipe do Prognóstico Agrícola e depois do Prognóstico Região Centro-Sul, em 1972/73 e em 1984, tendo integrado também a equipe das seções de projeções de oferta e demanda, desempenho da agricultura, valor da produção agrícola, bem como do processamento de dados para os prognósticos.

Foi o introdutor do modelo de ajustamento parcial desenvolvido por Marc Nerlove, nos estudos de projeção de oferta agrícola do IEA, utilizando funções exponencial e linear. Também trabalhou com índices e indicadores econômicos.

Concluiu todos os créditos do curso de Mestrado em Estatística no IME-USP, mas não apresentou sua dissertação, tendo desviado sua atenção para outros assuntos emergentes na época, principalmente para a tecnologia da informação. Integrou grupo de trabalho junto à PRODESP, que elaborou o Plano Diretor de Informática para o IEA.

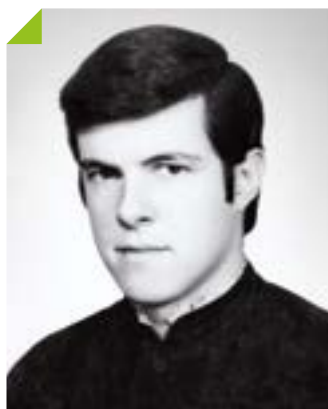
Faleceu em 28 de dezembro de 1984.

*Colaborou:
Francisco Alberto Pino (F72), pesquisador do IEA

Fernando Del Porto Santos

1946 - 2003

O INTERESSE PELA AGRONOMIA APÓS INCENTIVO DO PAI E A ATUAÇÃO NA GENÉTICA DE PLANTAS



Fernando Del Porto Santos teve contato com a terra desde menino. Isso porque seu pai, Mário Dumangin Santos, era apaixonado por criação de animais e por plantação; com frequência, levava os filhos aos sítios dos tios, em Jundiá (SP), incentivando-os a plantar milho, feijão, entre outros cultivos. E Fernando adorava.

Nascido em 29 de novembro de 1946, em São Paulo (SP), o primogênito de 5 irmãos sempre quis cursar Agronomia na ESALQ e seguiu a orientação que Seu Mário e dona Laura davam aos filhos: dedicar-se para realizar o que se deseja. Assim, Fernando matriculou-se em um cursinho pré-vestibular, estudou muito e passou!

Seu Mário ficou bem feliz; embora formado em Ciências Contábeis, nutria o sonho de cursar Agronomia, o que só não fez por falta de recursos. Dona Laura era professora e também vibrou com a decisão do filho. Pais dedicados, os dois sempre procuraram oferecer o que tinham de melhor para que os 5 filhos se desenvolvessem.

Em Piracicaba Fernando morou em república dividindo a casa com vários amigos. Afeito aos esportes, jogava vôlei na seleção masculina de Jundiá e também era bom no basquete e no futebol, práticas que manteve na Escola. Sempre gostou muito de pesquisa, procurando realizar projetos de melhoramento e desenvolvimento de variedades de plantas durante seus estudos.

Logo depois que se formou, casou-se com Maria Cristina Duarte Santos, com quem teve 2 filhos: Mariana e Marcel, que residem, atualmente, em Jundiá. Ainda recém-formado, Fernando começou a trabalhar na Cica (Grupo Agrocica) e chegou a ser o responsável geral pelos cultivos da empresa na região de Presidente Prudente (SP), para onde se mudou e morou até seu falecimento.

Gostava muito da área de pesquisa, desenvolvimento de variedades e técnicas de plantio, e por isso foi convidado pelos colegas Onório Kitayama (A70) e Tonhão Jacinto para ser sócio da Destilaria Decasa, no início do PROÁLCOOL. Fernando era o responsável pelo relacionamento com a Embrapa e com outros órgãos de pesquisa, para buscar novas técnicas e variedades para o setor agrícola.

Ativo, sempre procurou manter o contato com a terra: trabalhou na plantação de cana-de-açúcar em áreas arrendadas e também plantou algodão, amendoim, entre outras culturas. Em sociedade com a Company Construtora, de seu primo, criou a Brasamid, feccularia de mandioca em Bataguassu (MS).

Faleceu em 23 de junho de 2003, em Presidente Prudente, em um acidente automobilístico junto com sua esposa Maria Cristina. Deixou os dois filhos e não chegou a conhecer as netas Malu e Gabriela, filhas de Marcel, mas com certeza elas ouvirão falar muito do avô.

Francisco Eduardo C. Domingues

1945 - 1967

FORMAÇÃO EM AGRONOMIA E ATUAÇÃO NA PECUÁRIA: UM SONHO INTERROMPIDO



Francisco Eduardo Conceição Domingues passou a infância na fazenda de seu pai, Benedito Baptista Domingues, em Botucatu (SP), sua terra natal. Nascido em 27 de abril de 1945, numa família com mais 3 irmãos e uma irmã, desde menino nutria o desejo de dar continuidade à pecuária, principal atividade na propriedade rural. Por isso decidiu cursar Agronomia.

Acompanhava o pai em várias atividades da fazenda, enquanto sua mãe, Isabel Conceição Domingues, dividia seu tempo entre o magistério e a educação dos filhos. Francisco estudou na Escola Estadual Dr. Cardoso de Almeida, época em que iniciou sua paixão pelo basquete. Treinava no Tênis Clube e jogava pelo time de Botucatu. Mas nas férias sempre voltava para a fazenda.

Quando chegou a hora do vesti-

bular, escolheu estudar na ESALQ por ser uma instituição de referência nacional. Em Piracicaba morou na república Cabana com outros amigos da A70; era chamado de Chico Botucatu. Inteligente, ativo e muito atento, estava sempre disposto a ensinar. Tanto que logo depois de entrar na Agronomia começou a dar aula em um cursinho pré-vestibular em Limeira, à noite.

Contudo, o sonho de Chico Botucatu foi interrompido precocemente. No 2º ano da Escola sofreu grave acidente de carro em Piracicaba. Chegou a ser socorrido e levado ao Hospital das Clínicas da USP, mas faleceu dois dias depois, em 30 de junho de 1967. Tinha apenas 22 anos e a notícia de sua morte foi recebida com muita comoção pelos amigos e familiares. Chico era bem querido, deixou muitas saudades.

Francisco Seiiti Kasai

1946 - 2014

O CONTATO COM A TERRA, O ENSINO E A PESQUISA GUIARAM A VIDA DE KASAI



A dedicação à terra começou cedo na vida de Francisco Seiiti Kasai. Ainda jovem, auxiliava os pais, Shizuo Kasai e Tiyomi Kasai, na atividade de avicultura. Nascido no dia 2 de julho de 1946, Francisco passou a infância e a adolescência com o pé na terra, em Bastos (SP).

Aliás, a vivência no sítio foi um dos motivos que o levaram a estudar na ESALQ. O outro foi a influência dos colegas, que já conheciam a universidade detentora do curso de agronomia mais famoso do país na época.

Após fazer o cursinho intensivo conduzido pelo querido professor Torigoi e sua equipe, conseguiu entrar na ESALQ, onde ganhou o apelido de Tio Chico. Mudou-se para Piracicaba, onde morou em república com outros colegas.

Por sua atuação profissional, entende-se que Francisco foi um estudante aplicado, estudioso e responsável, já que desenvolveu boa parte de sua carreira na pesquisa.

Em 1974 casou-se com Maria Leiko Kasai, com quem teve cinco filhos. E pôde ainda celebrar o nascimento de dois netos: Giuia e Murito Kasai.

Seu primeiro emprego, logo depois de se formar, foi como professor da Escola Técnica Agrícola “Engenheiro Herval Bellusci”, em Adamantina. Conduzia as disciplinas de Criações e Mecanização Agrícola.

Sete anos depois, prestou um concurso na CATI e passou a atuar como assistente agropecuário, na então Casa da Lavoura de Pacaembu (SP), de onde transferiu-se para a Casa da Agricultura de Adamantina. Ficou no cargo até 1988, quando então, deu início à sua carreira como pesquisador do IAC.

Foi diretor técnico de serviços do Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento do IAC, na Estação Experimental de Adamantina. Atuou na área de agronomia, com ênfase em manejo e tratamentos culturais das culturas de amendoim, café, algodão e mamona.

Em 1992, durante o trabalho no IAC, deu início ao Mestrado em agronomia na área de produção vegetal, na UNESP de Jaboticabal. Concluiu sua dissertação em 1994.

Em que pese tenha enfrentado muitos desafios para conseguir recursos para a realização das pesquisas no setor público, Francisco Kasai nunca desistiu de sua profissão. Gostava do que fazia e mesmo tendo atingido o tempo de aposentadoria, continuou na ativa até a saúde não mais lhe permitir. Publicou 25 artigos científicos em periódicos especializados e 16 trabalhos em anais de eventos.

Faleceu em Adamantina no dia 20 de outubro de 2014, aos 68 anos, de falência múltipla dos órgãos.

Fuad Jorge Cury

1943 - 1999

DO CAFÉ AOS POMARES DE LARANJA NAS LAVOURAS DA FAMÍLIA



Filho de um importante produtor rural do Oeste do estado de São Paulo, Fuad Jorge Cury nasceu em 14 de janeiro de 1943, em Urupês (SP). Dos 5 filhos de Jorge Mellem Cury e Emeli Ferez Cury, Fuad foi o único que cursou Agronomia.

Criado na fazenda do pai, localizada em Irapuã, perto de São José do Rio Preto, estava habituado ao cultivo do café, principal cultura da época; seu Jorge chegou até a instalar uma pequena máquina beneficiadora na propriedade.

Após o ginásio, Fuad mudou-se para São Paulo, para estudar no Colégio Diocesano, já que a pequena Urupês só dispunha de Grupo Escolar e Ginásio. Foi ele quem convidou o amigo Antônio Carlos Furlan Gimenes, o Xinelo, em 1965, para conhecer a ESALQ, revelando sua intenção de cursar Agronomia.

Então, naquele ano, os dois seguiram rumo a Piracicaba no DKW-Vemag de Fuad, primeiro para visitar a Escola e depois para fazer cursinho e prestar vestibular. Na A70, Fuad era muito bem quisto. Segundo os amigos, era calmo, agradável e muito simples. Amava a Rua do Porto e chegou a integrar um grupo de violeiros e cantadores.

Participava da 3ª turma prática e tomava emprestado os cadernos do amigo Godofredo Cesar Vitti, fazendo anotações por cima das dele... Vitti ficava louco. Mas adorava o amigo.

Logo que se formou, Fuad participou de um treinamento do extinto IBC com o amigo Afonso Negri Neto, o Bixinho, na missão de localizar eventuais focos de ferrugem em lavouras de São José do Rio Pardo, alimentando o interesse pela cultura presente nas propriedades rurais de sua família.

Quando voltaram de Rio Pardo, Fuad e Bixinho chegaram a prestar juntos um concurso da CATI, no qual foram aprovados, mas não assumiram. O pai de Fuad havia pedido que ele voltasse para Urupês, então, o jovem dedicou-se ao cultivo e aprimoramento nas propriedades rurais da família.

Sempre atuou na lavoura. Além do café, es-

pecializou-se no cultivo de seringueira e laranja, especialmente quando a cultura despontou no Brasil. Sem contar que chegou a plantar abóbora entre as linhas dos cafezais. Formou várias fazendas para os irmãos na região.

Em 1981 casou-se com Maria da Graça Pozzi Cury, com quem teve 3 filhos: Fuad, André e Renata. O primogênito seguiu os passos do pai na Agronomia, tornando-se engenheiro agrônomo.

Fuad era bastante interessado pelo cultivo da laranja. Na época do cancro cítrico, que dizimou grande parte das lavouras, estudou muito e fez vários contatos para conseguir encontrar uma solução. O pomar da fazenda Santa Terezinha, uma das que ele gerenciava, tornou-se modelo.

Inspirado nas ações de seu Jorge, Fuad montou uma estação de beneficiamento de laranja e limão na Fazenda Santa Sofia, em Irapuã, para fornecimento de frutas in natura. Além das laranjas selecionadas na própria produção, também comprava de pequenos produtores da região.

No beneficiamento, a laranja era selecionada em máquinas por tamanho, lavada, recebia cera própria para frutas e era polida para ganhar brilho. Depois de uma nova seleção manual, as embalagens de 3, 10 e 20 quilos era preparadas para distribuição.

A Fazenda Santa Sofia abastecia lanchonetes, restaurantes, supermercados e sacolões de São José do Rio Preto, além de São Carlos, para onde Fuad se mudou com a família em 1995. Gostava daquele clima.

Inicialmente provia o comércio em média escala e sua intenção era comprar uma área na cidade para construir barracões e montar o beneficiamento de laranja na região Central do estado, mas a descoberta de um câncer, em maio de 1999, o impediu de avançar com esse projeto.

Fuad faleceu no dia 10 de agosto daquele ano, em São José do Rio Preto. Lúcido, discutiu os negócios da fazenda até o último dia. Fez muito por sua família e deixou grande saudade.

Gilberto de Barros Basile

1943 - 2015

A JUSTA HOMENAGEM APÓS DEDICADA CARREIRA NA EXTENSÃO RURAL E NO AUXÍLIO À PESQUISA



Alegre, extrovertido e espontâneo, Gilberto de Barros Basile era muito querido e estava sempre rodeado de amigos. Decidiu cursar Agronomia pela convivência com vários deles que, ligados à profissão, lhe possibilitavam ter contato com a terra.

Nascido em Jundiaí (SP), em 13 de novembro de 1943, Gilberto era filho do ferroviário Reynaldo de Montalvão Basile e da professora Izaltina Ferraz de Barros Basile. Embora os pais não tivessem propriedades rurais, deixaram o filho muito à vontade para seguir seu caminho.

Gilberto decidiu estudar na ESALQ por ser uma escola de renome internacional e elevado prestígio, devido à excelência de seu nível de ensino que, para ele, sempre foi motivo de orgulho.

Dedicado, saiu do Científico e passou direto no vestibular; foi morar na república Sorocabana. Seu apelido de “bixo” era “Gil Porra” e surgiu depois da insistência com que os veteranos da república perguntavam seu nome, fazendo jus à resposta: “Gil, Porra!”

Participou da equipe de esportes da ESALQ, competindo em diversas modalidades, e também do coral regido pelo maestro Benito Juarez, de quem se tornou amigo.

Fez estágio na empresa Ciba, sendo contratado logo após a conclusão do curso. Manteve estreita relação com docentes da Escola e tinha especial carinho e consideração pelo Dr. Walter Radamés Accorsi; sempre que possível passava para revê-lo.

Iniciou sua carreira na empresa Ciba-Geigy, onde permaneceu até meados de 1976. Em seguida, passou a dar assistência técnica direta a pro-

dutores de citrus; concomitantemente, começou a trabalhar com crédito rural, prestando serviços para o Banco do Brasil na elaboração e acompanhamento de projetos para financiamento.

Em 1992 foi aprovado em concurso público da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, assumindo a Casa da Agricultura de Bebedouro (SP) em 28 de dezembro, onde trabalhava com assistência técnica e extensão rural; ali ficou até se aposentar, em 4 de junho de 2013, como Chefe da Casa da Agricultura.

Durante esse tempo, enquanto agrônomo do estado, manteve forte ligação com pesquisadores do CENA, onde participava com fornecimento de material para pesquisa.

Foi casado por 44 anos com a pedagoga Cleuza Maria Priulli Basile, com quem teve 2 filhos: Gilberto de Barros Basile Filho, advogado, casado com a psicóloga Ledir Cristiane, e sua única neta Thuanny; e Adriana Basile, bióloga, solteira.

Gilberto foi um marido, pai, sogro e avô amoroso, cuidadoso e dedicado, deixando um enorme vazio em sua família, desde que faleceu, em 22 de novembro de 2015, vítima de uma neoplasia maligna de pâncreas.

Em 15 de dezembro de 2017 um fato marcou sua importante trajetória em Bebedouro: a Lei 16.614, do Governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, deu o nome de Gilberto de Barros Basile ao viaduto localizado no km 398 da Rodovia Armando Salles de Oliveira (SP-322), conhecida como Rodovia da Laranja, em um dos trevos de acesso ao município de Bebedouro; motivo de muito orgulho e honra para sua família.

Hélio Dimas de Almeida

1946 - 1993

DA DEDICAÇÃO NO TRABALHO COM EUCALIPTOS AO EMPREENDEDORISMO



Filho de Adelina Brienza Pereira e Marco Pereira, Hélio Dimas de Almeida nasceu em 5 de julho de 1946, em Porto Feliz (SP). Desde jovem teve contato com a agricultura familiar, pois seus pais eram proprietários de uma área de terras denominada “Fazendinha”, o que fortaleceu o sonho de cursar Agronomia.

Logo que se mudou para Piracicaba, passou a residir em uma república na Rua Prudente de Moraes. Na Escola era chamado de Dimas e também ganhou o apelido de Lagartixa. No final de 1969 participou da viagem cultural à Europa com amigos da A70 e quando retornou, no início de 1970, iniciou sua jornada como estagiário na empresa Votorantim, em Capão Bonito (SP), para onde se deslocava diariamente. Fez Diversificação em Fitotecnia II (envolvendo Agrotecnia e relações solo/nutrição vegetal/cultivos).

Ainda na época da Escola conheceu Daize Baltazar de Almeida, com quem se casou em 15 de julho de 1973; tiveram 2 filhos: Daniela de Almeida e Hélio Dimas de Almeida Junior. A alegria da família ficou completa com a chegada das netas Isabella de Almeida Costa e Maria Paula Fogaça de Almeida.

Assim que se formou, foi contratado pela empresa Votorantim para trabalhar como agrônomo na cidade de Capão Bonito, onde exerceu a atividade durante 5 anos. Como reconhecimento de sua técnica, capacidade e eficiência, foi nomeado gerente geral da fazenda localizada no distrito de Rechã, em Itapetininga (SP), onde iniciou uma reformulação geral administrativa e de controle de despesas, o que gerou grande economia na gestão local.

Nunca se esqueceu das pessoas, o que demonstrava seu lado humano, pois realizou grande esforço para que as crianças, filhos dos funcionários residentes no local, passassem a

frequentar a escola, adotando medidas para que não faltassem às aulas.

Referida postura, dinâmica e eficiente, chamou a atenção da Diretoria de São Paulo, que lhe outorgou a responsabilidade de gerenciar áreas de 2 empresas do grupo Votorantim na região de Itapetininga, nomeando-o gerente geral da Companhia Agrícola Santa Helena e da Cia Nitro Química Brasileira, no Distrito de Rechã.

Dada a dimensão das áreas das fazendas administradas, necessitou fazer curso e obteve brevê para pilotar aviões, realizando diversas viagens, inclusive com o Dr. Ermírio Pereira de Moraes, em visitas às fazendas mencionadas.

Tornou-se, ainda, sócio de Ricardo de Moraes, filho do Dr. Ermírio, em atividade de suinocultura, que passou a ser desenvolvida em uma das fazendas. Após crescimento da atividade em questão, que passou a fornecer carnes a frigoríficos da região, alienou sua participação na sociedade empresária e solicitou, por vontade própria, o desligamento do Grupo Votorantim após 20 anos de serviços prestados.

Em seguida, ingressou na empresa Engeverde, de Itapetininga, especializada nas áreas agro, florestal e industrial, na qual trabalhou por alguns anos. Iniciou, então, carreira solo e passou a realizar planos de plantio e corte em diversas cidades da região de Itapetininga; adquiriu caminhões para o transporte de madeiras e passou a construir residências em Itapetininga e Campinas.

No final dos anos 80 e início de 90 encerrou suas atividades na área da Agronomia e passou a atuar no comércio. Montou uma padaria e um posto de gasolina em Itapetininga, ramos a que se dedicou até o fim de sua vida. Faleceu jovem, com apenas 47 anos, em Itapetininga, no dia 5 de outubro de 1993, deixando muita saudade.

Jader Heitor de Queiroz

1945 - 1974

A ATUAÇÃO NA PECUÁRIA EXTENSIVA E A PAIXÃO PELA AVIAÇÃO



Trinta de junho de 1945. Nascia Jader Heitor de Queiroz, em Comendador Gomes (MG). Filho dos pecuaristas Conrado Heitor de Queiroz e Oronda Mendonça de Queiroz, Jader saiu do estado ainda jovem e foi fazer o colegial em Pirassununga (SP).

O exemplo de não se intimidar com mudanças e viagens vinha dos pais, que atuavam na pecuária não só de Minas Gerais, mas também do Mato Grosso e de São Paulo. E foi na nova cidade, a terra da Academia da Força Aérea (AFA), que Jader passou a ter contato com o que se tornaria sua grande paixão: a aviação.

O interesse pela Agronomia nasceu, possivelmente, após ver a dedicação constante de seus pais à pecuária. Jader iniciou seus estudos na UFG, em Goiânia, em 1966. No ano seguinte, entretanto, transferiu-se para a ESALQ.

Em Piracicaba vivenciou a fraternidade e a solidariedade por meio do convívio na república “Vai quem quer”, onde morou. Uma experiência

marcante para muitos estudantes.

Ainda na época da graduação ganhou o apelido de Jeremias. E como a terra do Nhô Quim oferecia a oportunidade de voar, Jader aproveitou para praticar a aviação. Nas férias, porém, voltava para as propriedades da família.

Jader formou-se pela ESALQ em 1970. Em seguida foi trabalhar nas fazendas da família, com forte atuação na pecuária extensiva, onde era responsável pela compra e venda de animais e por seus respectivos cuidados. Sua paixão pela aviação, contudo, era incessante. E ele sempre procurou se aperfeiçoar como piloto.

No entanto, o destino o surpreendeu e no dia 16 de março de 1974 Jader sofreu um acidente de avião junto com o irmão, Jarbas Heitor de Queiroz, numa propriedade próxima do Canal São Simão, durante uma das viagens para compra de gado. Ambos faleceram. Jader tinha 28 anos, era solteiro e não deixou filhos.

José Alescio Canola

1946 - 2018

A FORMAÇÃO DA ESALQ DIRECIONADA AO SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL



Filho de Alescio Canola e Mathilde Ferrone Canola, José Alescio Canola sempre teve contato com a terra. Nascido em Osvaldo Cruz (SP), em 21 de maio de 1946, cresceu na lavoura onde os pais cultivavam café.

Em Piracicaba morou na república Cabana, onde todos eram muito amigos, e ganhou o apelido de Zarur. Ainda jovem, aventurou-se pela Europa com os amigos da A70, em uma viagem cultural que durou 60 dias. Tinha muito orgulho de ter estudado na ESALQ, tanto que participou de vários encontros da república onde morou.

Casou-se com Lúcia Garcez Berthola

Canola em 18 de dezembro de 1971, com quem teve 3 filhos: Eduardo, Karen e Michele. Também ganhou 4 netas: Isabella, Rebeca, Maria Carolina e Alice.

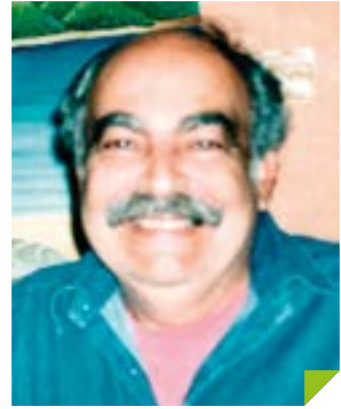
No início da carreira, José Alescio foi trabalhar na fazenda de seus pais. Depois, entrou no serviço público do estado de São Paulo, onde se aposentou como agrônomo. Nos últimos anos, atuou na Defesa Agropecuária.

Em 2018 teve uma fibrose pulmonar intersticial e insuficiência respiratória em decorrência de uma cirrose não alcoólica. Faleceu no dia 27 de novembro daquele ano, aos 72 anos, em Araçatuba. Deixou saudades.

José Antonio F. S. Lima

1942 - 2011

DESAFIOS ENFRENTADOS E SONHOS REALIZADOS GRAÇAS À AGRONOMIA



Quando José Antonio Ferraz Sampaio Lima nasceu, em 1º de julho de 1942, a família ainda morava em Piracicaba. Seu pai, Arnaldo Lima, tinha se formado na ESALQ havia 5 anos e trabalhava na Usina Monte Alegre. O amor à Escola sempre esteve presente.

A família de sua mãe, Odette Ferraz Sampaio Lima, também nutria um amor pela terra e Zé Antonio sempre ia à fazenda Milhã, ainda hoje administrada pelos primos. Tinha um forte carinho pelo avô, André Moraes Sampaio, político republicano importante, primo de Prudente de Moraes.

Zé Antonio morou na Usina Monte Alegre até se mudar para São Paulo, onde fez o Ginásio e o Científico. Em meados da década de 1950, seu pai adquiriu a Fazenda Pinhalzinho, em sociedade com 2 amigos, o que reforçou ainda mais a inclinação do filho para a área.

Finalmente, havia chegado a hora do vestibular e quando soube de sua aprovação, foi aquela alegria! Ganhou o apelido de Zé do Burro porque chegou ao baile dos bixos montado em um burro.

Em Piracicaba, morou na república Vai-Kem-Ké, junto com 12 esalqueanos que se tornaram grandes amigos. A vivência foi tão marcante, que mesmo após concluírem o curso, reuniam-se todos os anos com suas esposas e filhos para colocar as conversas em dia e, sobretudo, rememorar os anos da gloriosa ESALQ.

Desde a época da Escola, Zé Antonio era questionador. Contestava a informação – na dúvida, ou na certeza de que ela estava errada. Ativo, antes mesmo de concluir o curso passou a atuar na administração da Fazenda Canaporã, em Assis, adquirida pelo pai.

Assim que se formou, foi professor no Colégio Técnico Agrícola de Cândido Mota, do qual assumiu a direção mais tarde. Paralelamente, administrava o cultivo de cana da Canaporã. Afeito à pecuária, elaborou projetos para criação, recreio e engorda de gado vacum, conforme o Sistema de

Pastoreio Voisin. Gostava da área, embora tenha trabalhado muito mais com agricultura.

Em 1975, fundou a Planap, empresa de planejamento agropecuário, que permaneceu em funcionamento até a década de 1990. Nessa época, já havia se casado com Dulce Maria F. Carvalho, a quem paquerava havia tempos; os dois foram apresentados na casa de uma tia com quem Dulce morava em Assis, na época em que cursava Letras Clássicas na USP. Mas Zé Antonio já estava de olho nela desde que a viu em uma casa de show. Tiveram 3 três filhos: Ricardo, André e Guilherme.

A profissão lhe trouxe alguns desafios, entre eles, a compra, formação e administração das fazendas Ibiporã, Dallas e Ribeirão Claro, em Santa Cruz do Rio Pardo e São Pedro do Turvo. Plantava soja e trigo, já utilizando técnicas bem avançadas para a época, relacionadas ao manejo de pragas.

Mas também realizou sonhos, como a construção de um engenho de pinga em Assis. Zé Antonio empenhava-se com cada etapa da obra: a chaminé quadrada, a procura de pessoas para fabricar destiladores de cobre marchetado, a compra de tonéis de carvalho e a montagem das barricas de amendoim para envelhecimento e armazenagem da cachaça.

E era cauteloso; fazia questão de garantir o cumprimento das normas exigidas pelo Ministério da Agricultura, IBAMA e CETESB. Queria que a primeira destilação fosse inesquecível. E foi. Dulce recorda-se bem da empolgação dele. As árvores plantadas no entorno do engenho deram-lhe um ar ainda mais convidativo, tornando-o um espaço para encontros, almoços e reuniões com os amigos.

Zé Antonio conheceu somente um neto, o Raul, filho do Guilherme. Mas embora não tenha conhecido a Juliana, filha do Ricardo, e a Isadora, filha do André, com certeza, deixou um legado para as netas, que ainda ouvirão falar muito do avô.

Faleceu aos 68 anos, em Assis, no dia 9 de maio de 2011, em decorrência de um infarto.

José Eduardo Trinkl

1947 - 2007

O INTERESSE EM AGRONOMIA INSPIRADO NO PAI E O AMOR PELA ESALQ



Nascido em 13 de janeiro de 1947, em São Paulo (SP), José Eduardo Trinkl passava as férias na fazenda do avô materno, no Sul de Minas Gerais, o que lhe possibilitou ter contato com a terra desde cedo. Sua mãe, Elmisa Silva Trinkl, era graduada em Letras e incentivava o filho a ler, hábito que ele carregou por toda a vida. Seu pai, Eduardo Theodoro Trinkl, era engenheiro agrônomo formado na Áustria, onde nasceu, e o inspirou na escolha do curso.

José Eduardo decidiu estudar na ESALQ por ser considerada a melhor Escola de Agronomia do país na época. Fez o célebre cursinho do Torrigoi e entrou para a A70. Em Piracicaba, morou em república e ganhou o apelido de Kjú. Era muito querido pelos amigos da turma.

Ainda durante o curso, começou a namorar Vera Maria Guimarães Trinkl, com quem se casou em 18 de novembro de 1972, em São

Paulo. Também durante a Escola, fez estágio na Rações Anhanguera, em Campinas (SP), que o contratou logo após a formatura. José Eduardo teve, ainda, um comércio na cidade.

Mais tarde, trabalhou nas Rações Guabi, em Orlandia (SP); acompanhou a construção da fábrica e assumiu o cargo de gerente. Após três anos e meio, voltou para Campinas, onde foi proprietário de uma corretora de valores e construiu com um amigo uma Hidroponia.

José Eduardo sempre amou a ESALQ, em especial, a A70, que lhe trouxe grandes amigos; tanto que fez questão de participar das comemorações de 20 e de 25 anos de formatura da turma. Para além das plantas, era bom em cultivar amizades.

Faleceu aos 60 anos, em 31 de dezembro de 2007, em Campinas, de falência múltipla dos órgãos. Deixou muitas saudades.

José Paulo F. de Figueiredo

1946 - 2005

EXTENSÃO RURAL E ATUAÇÃO NO CAMPO E NA PESQUISA



José Paulo Fonseca de Figueiredo era apaixonado pela terra e adorava ser Agrônomo. Embora fosse filho de médico e de professora, estava habituado ao ambiente rural. Isso porque seu pai, Pio Antunes de Figueiredo, tinha fazenda de café no Paraná e mais tarde comprou outra propriedade rural, destinada à pecuária, em Lourdes (SP). Ao lado da esposa, Emirena Vieira da Fonseca Figueiredo, Pio sempre incentivou o filho a estudar.

Nascido em Altinópolis (SP), no dia 26 de abril de 1946, José Paulo fez o antigo ginásio no Colégio Arquidiocesano de São Paulo e foi para o Colégio Piracicabano para fazer o Científico e depois o cursinho. Entrou na ESALQ em 1965.

Em Piracicaba, morou na República H-RRAFA e ganhou o apelido de Jota. Sempre que podia, aproveitava as novas piscinas do campus para nadar. Aluno atento, foi convidado para atuar no Departamento de Genética, mas não aceitou; achava a vida em laboratório sufocante.

Assim que concluiu o curso, trabalhou na Geigy. Em 1972 casou-se com Maria Ruth da Costa, filha de produtor rural de Altinópolis e professora, com quem teve 4 filhos: Gustavo, que seguiu os passos do pai e se tornou engenheiro agrônomo, Denise, que é farmacêutica, Cristina, dentista, e Henrique, advogado.

Quando o Governo Brasileiro lançou o PROÁL-COOL, em meados da década de 1970, José Paulo foi um dos empreendedores que acreditaram na cultura canavieira para a produção de açúcar e álcool, e junto com a família se tornou sócio do Grupo Aralco. Contribuiu diretamente com a produção agrícola canavieira, incentivando a cultura local.

Quando a CATI abriu concurso, também na década de 1970, José Paulo decidiu fazer a prova e foi trabalhar com assistência técnica e extensão rural. Tornou-se o chefe da Casa da Agricultura de Buritama; gostava de visitar as propriedades rurais

e orientar os agricultores, com quem foi criando ótimo relacionamento. Ficava feliz quando via o aumento da produtividade, fruto do conhecimento que trazia dos treinamentos realizados na CATI, em Campinas.

Quando seu pai faleceu, em 1976, além do trabalho na Casa da Agricultura, passou a administrar a fazenda da família em Lourdes, distante 15 quilômetros de Buritama. José Paulo fez muitas parcerias na atividade bovina de corte (engorda de boi) e instalou nova área cafeeira produzindo a própria muda; fez questão de contratar mão de obra da região para a atividade.

Também trabalhou junto a pesquisadores do Posto de Sementes de Araçatuba para multiplicar sementes de espécies de plantas forrageiras, gramíneas ou gramíneas consorciadas com leguminosas, tais como o siratro (*Macroptilium atropurpureum*). Entre as espécies desenvolvidas e multiplicadas estão o Tobiata (*Panicum maximum cv. Tobiata*), Centenário (*Panicum maximum cv. Centenário*) e Braquiara (*Brachiaria brizantha cv. Marandu*).

Foi o pioneiro a introduzir a cultura do sorgo na região. Além disso, implantou técnicas de conservação do solo na fazenda da família, o que lhe rendeu prêmios da CATI de Araçatuba. Um reconhecimento ao seu empenho.

Embora não tenha aceitado o trabalho no Departamento de Genética da ESALQ, atuou com genética em cavalos Mangalarga Marchador e com gado leiteiro Girolando e Holandês. Ativo, ainda produzia e vendia feno de capim-pangola (*Digitaria decumbens*) para amigos criadores de cavalos de raça.

Aos 59 anos, entretanto, José Paulo Fonseca de Figueiredo teve um infarto fulminante e faleceu no dia 23 de julho de 2005, em Buritama. Não chegou a conhecer os netos Gabriel, Laura e Helena, mas eles já ouviram falar muito do avô.

José Ricardo C. de M. Junqueira

1946 - 2009

A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO MAIS JUSTO NA LUTA POR UM SERVIÇO PÚBLICO MAIS EFICIENTE*



José Ricardo Cardoso de Mello Junqueira, o Zé Ricardo, nasceu em 3 de novembro de 1946, em São Paulo. Sempre teve vocação para o agro e resolveu estudar na ESALQ. Em Piracicaba atirou-se às disciplinas de humanas, notadamente Economia.

Engajou-se na luta contra o regime e teve participação importante no movimento estudantil. Entretanto, isso não impediu uma diversificada vida extra acadêmica, tendo atuado, inclusive, no Showvendo.

Após formado, trabalhou por cerca de dois anos no Banco da Bahia e em novembro de 1972 ingressou no IEA. Nessa época já era casado com Maria Elisa Benetton, que conhecera durante seus estudos na Escola e com quem teve uma filha, Joana.

Em dezembro de 1977 ingressou na carreira de pesquisador científico. Nos dois anos seguintes realizou cursos de Pós-graduação em Economia na UNICAMP. Zé Ricardo tinha pensamento arguto e inteligência privilegiada, o que o levou a dar contribuições para além de sua produção científica e o fez trilhar no serviço público em outras esferas do governo do Estado de São Paulo, no qual pôde imprimir sua marca de grande gestor público.

Assim, ao coordenar a Assessoria Técnica do Gabinete da SAA, com o secretário Walter Lazzarini, Zé Ricardo trouxe a experiência de dois anos de trabalho no Grupo de Planejamento Central da SAA, em 1974/75, quando as primeiras tentativas de planejamento geral das ações da Secretaria foram gestadas.

Iniciava-se também, já nessa época, a introdução de elementos de TI na gestão pública, com um sistema de acompanhamento da pesquisa que, mesmo rudimentar, foi ferramenta importante no desenvolvimento dos sistemas posteriores.

Antes de qualquer outra secretaria de estado, a da Agricultura começou a informatizar seus procedimentos devido à persistência e abnegação de Zé Ricardo, sendo a precursora desses processos, no início da década de 1990.

Tinha extrema habilidade para ouvir e resolver conflitos, e por onde passava montava equipes permanentes, que trataram de modernizar o Estado. Em 1995, a convite do amigo Drepo, foi para a Secretaria de Economia e Planejamento, onde solucionou sério problema de estrutura de pessoal na área de informática. Propôs a terceirização de parte do setor, o que acabou sendo adotado por vários outros setores da administração pública.

Com isso, as etapas posteriores da informatização propostas por ele também foram aceitas e culminaram com a elaboração e acompanhamento do orçamento do estado, realizado online pela 1ª vez.

No início de 2007, já de volta ao IEA, postergou sua aposentadoria e aceitou convite para contribuir com orientação à gestão da jovem equipe que tinha acabado de assumir a direção do Instituto. Como assistente técnico teve papel fundamental na elaboração do Plano Plurianual (PPA 2008-2011) do governo do estado. Aposentou-se, finalmente, em novembro de 2008.

Trabalhar por um serviço público mais eficiente era seu pressuposto básico, a forma mais eficaz de retorno do dinheiro pago na forma de impostos. Concepções formadas já na universidade e, posteriormente, reforçadas em seu engajamento político, tanto na opção pelo serviço público, quanto na participação em partidos políticos e na esfera profissional da AEASP, onde atuou quando a tarefa fundamental era a recondução à democracia.

Em meio a todas essas ações, ainda encontrou tempo para se dedicar a uma atividade que se iniciou como um hobby e se tornou uma paixão: a Astrologia. Além disso, tornou-se um yogi. Seu falecimento em 8 de maio de 2009 deixou, além da saudade, a consciência da partida de um ser humano que dedicou sua vida à busca da compreensão do homem e à construção de um mundo mais justo.

*Texto original publicado em: <https://www.adealq.org.br/blog/homenagem-ao-jose-ricardo-drepo-f70-1433>

José Rubens Rochelle

1947 - 2016

UMA CARREIRA NA CASA DA LAVOURA, UMA VIDA COM MÚSICA



José Rubens Rochelle nasceu em São Pedro (SP), em 24 de agosto de 1947. Perdeu sua mãe, Dolores Garcia, quando tinha 3 anos de idade e, mais tarde, foi morar em Piracicaba com o seu avô Augusto Rochelle, jardineiro da ESALQ, que tinha o sonho de ver o neto formar-se pela Escola.

A convivência com o avô e a relação com os esalqueanos da época despertaram nele o interesse pela Agronomia, e a escolha pelo curso foi certa. Seu pai, Joaquim Rochelle, era construtor civil e o apoiou na decisão; ele se casou novamente e teve mais 2 filhos: Antonio e Homero. O caçula seguiu os passos do irmão e também cursou Agronomia na ESALQ.

José Rubens Rochelle cursou o Ginásio e o Colégio no Sud Mennucci e foi um dos tantos que tiveram o privilégio de assistir às tradicionais aulas do professor Torigoi, no cursinho pré-vestibular.

Aprovado na ESALQ, ganhou o apelido de Rodela. Adorava jogar futebol, e nos campeonatos de futebol de salão, integrava a equipe dos nativos, como eram chamados os estudantes que moravam em Piracicaba. De temperamento discreto, sempre se destacou entre os colegas pela aplicação aos estudos. Bem-humorado, Rochelle era assertivo e querido por todos.

Iniciou as atividades profissionais em 1971 como diretor do Colégio Agrícola de Santa Cruz do Rio Pardo (SP). Dois anos depois, passou em um concurso da CATI e assumiu a Casa da Agri-

cultura em Chavantes (SP), onde desenvolveu toda sua carreira.

Pouco tempo depois, em 1975, casou-se com Maria Inês Andrade Rochelle, professora, com quem teve 2 filhos: Leonardo, que seguiu a carreira do pai, cursando Agronomia, e Leandro, que optou pelo curso de Ciência da Computação, ambos na Universidade Federal de Lavras.

Na Casa da Agricultura, Rochelle era o responsável pelo trabalho de extensão rural e assistência técnica aos produtores da cidade. Detalhista e exigente consigo mesmo, sempre procurou fazer o melhor que podia.

Participou ativamente do projeto de Microbacias Hidrográficas do Vale do Paranapanema, coordenado pela CATI, em convênio com o Banco Mundial. Aposentou-se em 2015 e voltou a morar em Santa Cruz do Rio Pardo.

Rochelle, que em sua juventude participava do coral da igreja, gostava de cantar músicas italianas e participava de serestas com os amigos e familiares. Animado, nunca recusava um convite para churrasco e recebia amigos com alegria em sua casa, sempre caprichando na cerveja gelada.

Dedicado à família, pôde conviver por 4 anos com seu neto Caio, que lhe trouxe grande alegria no momento em que mais precisava, já que lutava contra um câncer, mieloma múltiplo. Faleceu no dia 21 de fevereiro de 2016, no Hospital Amaral de Carvalho, em Jaú, deixando muitas saudades como bom esposo, pai exemplar, amigo leal e dedicado profissional.

Marco Antonio Camolese

1943 - 2018

A SUPERAÇÃO DE OBSTÁCULOS PARA REALIZAR O SONHO DE FORMAR UMA FAZENDA



Ele sempre teve contato com o campo e com os animais. Nasceu em 18 de novembro de 1943, Marco Antonio Camolese passou a infância no sítio da família, onde o pai, Giovani Camolese, trabalhava como agricultor e comerciante de grãos. Dona Aurélia Furlan Camolese, sua mãe, era a responsável por manter a ordem dentro de casa.

A vivência no ambiente rural e a admiração pelo trabalho do pai, levaram Marco a escolher o curso de Agronomia na ESALQ. Embora não fosse lá muito chegado aos estudos, nunca ficou em dependência e sempre fez estágio para complementar a renda.

Quando terminou o curso, foi trabalhar na usina Sobar, onde ficou durante 15 anos. Em seguida, iniciou a

jornada em direção à realização de seu sonho: formar uma fazenda, missão que conseguiu cumprir.

O processo foi cheio de desafios, mas o maior deles, enfrentado também por outros fazendeiros da região de Bauru, foi lidar com os sem-terra, que invadiam as propriedades, roubavam gado, insumos e ainda faziam ameaças, deixando em pânico muitos proprietários rurais. Mas enfrentou bravamente cada dificuldade.

Marco era casado com Rosa Maria Pacheco Camolese, com quem teve 2 filhos: Giuliano e Adriano; e teve também um neto, o Filippo.

Aos 74 anos, Marco teve um grave melanoma, seguido de metástase, que o levou a óbito no dia 12 de agosto de 2018. Deixou muitas saudades.

Marcos Henrique Scali

1946 - 2002

A TRADIÇÃO DE FAMÍLIA PRESERVADA COM A ATUAÇÃO EM CAFEICULTURA



A família de Marcos Henrique Scali era muito ligada à cafeicultura. Seu avô materno, José Pereira Martins de Andrade, era fazendeiro e produtor de café. Marcos não chegou a conhecê-lo, mas conviveu muito com o avô paterno, Lourenço Scali, comissário de café em Santos (SP) e proprietário das Fazendas Roseirinha e Três Cabeças, em Tapiratiba (SP), onde também plantava café. A família herdou a Fazenda Três Cabeças e deu continuidade à produção de café e leite.

Seu pai, Leoncio Scali, era comprador de café, fazendeiro e professor; e sua mãe, Elza de Andrade Scali, era dona de casa e a responsável pela educação dos 3 filhos. Marcos teve muito contato com seu primo agrônomo Osmany Junqueira Dias, um dos diretores do extinto IBC. Além de produtor de café, Osmany viajava sempre e trazia novas práticas de plantio, o que encantava o primo.

Nascido em 21 de maio de 1946, em São José do Rio Pardo (SP), Marcos cursou o primário no Grupo Escolar Tarquinio Cobra Olyntho e o Ginásio e Científico no Instituto de Educação Euclides da Cunha; paralelamente fez curso de Contabilidade na Fundação Educacional, mas já tinha decidido cursar Agronomia na ESALQ.

Então, matriculou-se no cursinho, estudou muito e passou no vestibular. Em Piracicaba, morou na república ChopAna, onde fez grandes amigos e os conservou enquanto viveu. Ganhou o apelido de Xerife. Dedicado, datilografava apostilas no CALQ à noite para complementar sua renda. No início de 1970, integrou o grupo que ficou 60 dias na Europa em viagem cultural endossada pela Escola. Na

volta, fez estágio em Espírito Santo do Pinhal.

Assim que se formou, Marcos foi para o Rio de Janeiro trabalhar com seu primo Osmany Dias no IBC. Pouco tempo depois, contudo, passou em concurso do IAC e se mudou para Campinas, onde trabalhou na Fazenda Santa Elisa, com o Dr. Alcides de Carvalho, agrônomo esalqueano especialista em café.

Em 1972, representou o país em uma parceria entre Brasil e Portugal. Durante um ano, trabalhou em Oeiras, no Centro de Investigação das Ferrugens do Cafeeiro, ligado ao Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, sob a supervisão do professor Brinquinho D'Oliveira.

No mesmo ano, casou-se com Lucia Azevedo Sales Scali, com quem teve 3 filhos: Marcos Henrique Sales Scali, engenheiro civil, Ana Paula Sales Scali, arquiteta e urbanista e Ana Amélia Sales Scali, engenheira de alimentos. E também teve a alegria de ser avô de Rafaela, Ana Luiza, Vitor, Olivia e Gabriel Kenzo.

Na volta de Portugal, Marcos ainda ficou mais um ano no IAC e em 1974 passou para a iniciativa privada; foi trabalhar na Sandoz Produtos Agropecuários, em Ribeirão Preto e em São Paulo; na capital era responsável pelo registro de produtos agropecuários.

Tempos depois, em 1978, voltou para São José do Rio Pardo e passou a trabalhar no IBC, com assistência técnica à cooperativa local, a Cafecran, mais tarde englobada pela COOXUPÉ, onde ficou até 2000. Foi um excelente agrônomo e suas ideias eram muito respeitadas.

Faleceu em Águas de São Pedro (SP), no dia 16 de dezembro de 2002, deixando muitas saudades.

Marcos Pessoa Pádua

1942 - 2001

O DESAFIO DE MUDAR DO CRÉDITO RURAL PARA A AUDITORIA NA RECEITA FEDERAL



Filho de Odete Pessoa Pádua e Geraldo Alberto Gomes de Pádua, Marcos Pessoa Pádua nasceu em 24 de novembro de 1942, em Curitiba (PR). Embora o pai fosse general, tinha fazenda em Lagoa Santa (MG), o que possibilitou ao filho ter contato com a terra.

Quando entrou na Agronomia, Marcos ganhou o apelido de Dedão. Morou em uma República na Rua Prudente de Moraes, perto do CALQ, lugar em que ia com frequência, já que era engajado politicamente. Nas horas livres, gostava de jogar xadrez.

Assim que se formou, Marcos foi chefe de escritório na Associação de Crédito e As-

sistência Rural de Lavras (MG). Em julho de 1971, casou-se com Claremi Maria Bueloni Pádua, com quem teve uma filha: Juliana Pádua, mãe da Mariana.

Ainda na década de 1970, Marcos trabalhou com crédito rural no Unibanco e fundou uma empresa de paisagismo em Piracicaba, chamada Flora Tropical. O maior desafio da carreira, entretanto, foi a mudança de atuação: da Agronomia para a Receita Federal, onde foi auditor.

Aos 58 anos, Marcos Pessoa Pádua teve um edema pulmonar agudo irreversível. Faleceu no dia 1º de novembro de 2001, em Piracicaba.

Massuji Kuramoto

1946 - 1987

VOCAÇÃO PARA A AGRONOMIA E UMA BREVE CARREIRA EM CRÉDITO RURAL



Filho de imigrantes japoneses, Massuji Kuramoto nasceu em 12 de junho de 1946, em Araçatuba (SP), em meio a uma família de agricultores. Seus pais, Mitsugui Kuramoto e Hatsue Kuramoto, bem como seus irmãos mais velhos, trabalhavam na lavoura de algodão no noroeste do estado, e foi nesse ambiente que Massuji passou toda a infância, adolescência e juventude, em um convívio muito próximo com a família.

Decidiu cursar Agronomia por influência familiar e vocação pessoal, adquirida por meio das atividades agrícolas que participava, afinal, nasceu, cresceu e passou boa parte da vida na zona rural. Escolheu a ESALQ por ter um curso de Agronomia já na época muito consagrado e afamado.

Esforado e dedicado aos estudos, Massuji foi aluno de escola pública e após sair do Científico, passou direto no vestibular; assim, entrou para a A70. Em Piracicaba morou na Casa do Estudante e ganhou o apelido de Fala Mansa. Companheiro e sempre

solidário, era muito querido pelos amigos.

Durante a Agronomia manteve aquela dedicação do Científico e foi bolsista, estagiando na própria Escola. Participou do Projeto Rondon, tendo ido para o Rio de Janeiro. Aproveitou ao máximo seu período de universitário.

Quando se formou, Massuji trabalhou como agrônomo na EMBRACAL e depois foi para Joaçaba (SC), onde trabalhou com crédito rural na ACARESC, empresa de economia mista, pesquisa agrícola e extensão rural. Ainda em Joaçaba, foi professor do Centro de Estudos Profissionalizantes do Oeste de Santa Catarina.

Mais tarde, mudou-se para Chapecó (SC), onde trabalhou no Banco do Estado de Santa Catarina, como Diretor Regional da Carteira Agrícola. Este talvez tenha sido o trabalho do qual mais gostou.

Massuji faleceu em 2 de setembro de 1987, aos 41 anos, em decorrência de câncer de pulmão, em Chapecó.

Maurício Candido de S. Dias

1947 - 1970

A INTENSIDADE DE UM JOVEM DEDICADO À AGRONOMIA E EM BUSCA DE IGUALDADE SOCIAL*



Maurício Candido de Souza Dias era muito inteligente. Nascido em 20 de março de 1947, em São Paulo, passou a infância com seus 2 irmãos mais velhos – Luiz Candido e Luciano – e com Lúcia, a caçula, em uma casa grande com biblioteca e um imenso quintal com horta, galinheiro para 50 poedeiras e espaço para os cães e gatos da família.

Seus pais, Mauro Candido de Souza Dias, médico, e Nadir Ribeiro de Souza Dias, foniatra, educaram os filhos com bastante disciplina: cada um tinha uma tarefa a cumprir diariamente. Educação e esporte foram obrigações desempenhadas sem discussões. Os 4 leram toda a obra infantil de Monteiro Lobato, Júlio Verne, Sherlock Holmes (Arthur Conan Doyle), dentre outros. Maurício tinha preferência pelos livros de Mark Twain e se tornou admirador do Presidente Lincoln ao ler a biografia dele.

Carinhoso, alegre e tranquilo, como os pais, sempre gostou de estudar; foi aluno brilhante. Dono de muitas ideias, era líder nato e estava sempre rodeado por amigos. Não se afeiçoou aos esportes, mas era um intelectual; imbatível no jogo de xadrez. Ainda menino, foi grande companheiro do pai e dos tios na caçada e pescaria no rio Araguaia; no barco falava pouco, procurava se concentrar. Nos fins de semana, era o companheiro dos irmãos nos circuitos de bicicleta por São Paulo.

Quando o galinheiro da casa foi desativado, improvisou no local um teatro, junto aos irmãos e aos primos. No início, Maurício falava aos trancos, sem a fluência adequada; “um motim a bordo é grave, comandante”, gritava ele, sem ainda nem desconfiar que em 1964 participaria de protestos contra o regime militar. Foram muitos ensaios até conquistar fluidez na fala e a estreia da trupe foi bastante aplaudida pelos vizinhos.

Passava férias e fins de semana nas fazendas

em São José do Rio Pardo (SP) e Tarumã (SP), também com os irmãos e os primos; organizavam expedições à maneira dos Bandeirantes e Maurício, muitas vezes, foi porta-bandeira. Passavam a noite em barracas na Reserva Florestal da fazenda, sentindo-se verdadeiros desbravadores. E também tinham tarefas nas fazendas, como ordenha de vacas, limpeza de galinheiros, alimentação do gado etc.

Toda essa vivência influenciou Maurício na decisão pela Agronomia; passou em 3º lugar no vestibular. Morou na república Pau Doce com outros amigos da A70, dentre eles, Ossir Goreinstein, o Barraca; a afinidade foi tanta, que o amigo deu o nome de Maurício a seu 1º filho.

Realmente, Maurício Dias era muito admirado e respeitado na Escola. Possuidor de íntegro caráter, elevada formação intelectual, espírito alegre e brincalhão, senso crítico da sociedade e arguta inteligência, ganhou o apelido de Cabeção. Enveredou-se cedo pela política estudantil, tanto no CALQ, onde integrou várias diretorias, quanto no movimento estudantil estadual e nacional, tendo sido preso no famoso congresso da UNE em Ibiúna, em 1968.

Mesmo naquela época de agitação, o rótulo de “desligado” lhe caía direitinho; isso porque, como na pescaria, muitas vezes, ficava absorto em seus pensamentos, cofiando a barbicha incipiente, e se esquecia de cumprimentar os colegas, valendo-lhe, às vezes, injustamente, a pecha de esnobe.

Maurício era um estrategista que queria mais igualdade e oportunidade para todos os brasileiros. Afirmava que a Agronomia seria a profissão do futuro. Faleceu em 2 de junho de 1970, poucos meses após se formar, em consequência de um acidente de carro. Foi um dos 3 da família – dos 14 graduados na ESALQ – que morreram de acidente. Sua partida foi uma inestimável perda para todos que tiveram o grato privilégio de usufruir de seu convívio.

*Colaboraram:

Ossir Gorenstein e Fabio Lotufo.

Turma A70 | O sonho Não Acabou

Milton Marchiori

1944 - 2014

A DEDICAÇÃO À FAZENDA DA FAMÍLIA E O AMOR AO CAMPO



Filho de fazendeiro, Milton Marchiori foi criado nas propriedades rurais dos pais; passou a infância na de Engenheiro Coelho (SP), cidade onde nasceu no dia 18 de fevereiro de 1944. Amava o cultivo e a vida no campo e foi uma pessoa muito dedicada à família e à manutenção dessa união familiar.

Tinha intenção de cursar Medicina, mas decidiu estudar Agronomia, o que lhe permitiu encontrar-se profissionalmente e alegrar seus pais, Sygesfredo Marchiori e Armelinda Terezani Marchiori, afinal, a escolha foi resultado da vivência ao lado deles.

Em Piracicaba, morou o tempo todo em repúblicas, sendo a última “Puleiros dos Anjos”, onde fez muitos amigos. Todos que o conheceram dizem que ele era simples, mas honesto, comunicativo, brincalhão, boa gente, enfim, um “companheiro”. Aluno dedicado, sempre buscava o conhecimento técnico-científico; por outro lado, não era amante dos esportes. Na Escola, foi apelidado de Chita, mas era mais conhecido como Milton Marchiori.

Durante o curso, viajou para São Paulo, pelo Projeto Rondon. Foi quando, no Estádio do Pacaembu, conheceu Mariza Guimarães Marchiori, cirurgiã-dentista, com quem se casou em 1º de maio de 1971, poucos meses após a formatura.

Tiveram 4 filhos: Milton Marchiori Júnior, que também se tornou engenheiro agrônomo, Sygesfredo Marchiori Neto, filho especial e muito querido, Milena Maria Marchiori, farmacêutica, e André Vinícius Marchiori, que seguiu os passos da mãe, tornando-se cirurgião-dentista. Os netos – Tales, Mariana, Ana Júlia e Hen-

rique – completaram a família com a alegria característica das crianças.

O primeiro trabalho como agrônomo foi no Colégio Técnico Agrícola “José Bonifácio”, instituição pública de ensino gratuito de nível médio e técnico, hoje encampado pela FCAV/UNESP de Jaboticabal. Pouco tempo depois, Milton decidiu pedir demissão para ajudar seu pai na administração de suas propriedades rurais, mantidas em sociedade com 2 tios, irmãos de seu pai. Inicialmente, trabalhou em Jaboticabal (SP) e, posteriormente, também em Paulo de Faria (SP).

Criavam gado e cultivavam café, milho, laranja, eucalipto, abacate e jaca. Milton ajudou na pecuária e na lavoura, além de contribuir como engenheiro agrimensor e no planejamento da partilha, quando decidiram dissolver a sociedade.

Desde então, passou a exercer realmente as funções de um engenheiro agrônomo, garantindo a produtividade da lavoura e acompanhando a implantação da cana-de-açúcar, que passou a ser a principal cultura, junto com a soja. Ele foi, inclusive, um dos primeiros na região a implantar a mecanização na colheita da cana.

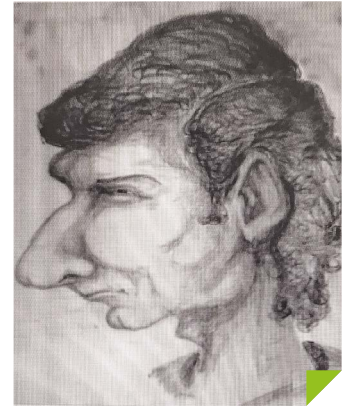
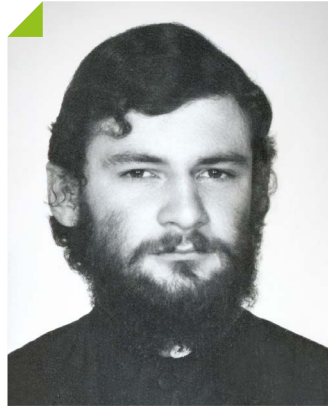
Logo após completar 70 anos, quando ainda celebrava a recuperação de um câncer na próstata, Milton sofreu um infarto fulminante e faleceu no dia 25 de março, em Jaboticabal.

Segundo o filho caçula, naquele dia, Milton estava muito feliz por ter concluído o plantio de cana do ano. Ele era realizado enquanto engenheiro agrônomo. Partiu deixando muitos exemplos de vida e muitas saudades.

Moacyr Pereira O. Júnior

1947 - 1973

AS AVENTURAS PROPORCIONADAS PELO INCOMPARÁVEL CONVÍVIO NA ESCOLA*



Moacyr Pereira Oliveira Júnior nasceu em Florianópolis (SC), onde ficou até concluir o Científico. Decidiu cursar Agronomia na ESALQ atraído pelo fascínio do desconhecido, querendo libertar-se de certo provincianismo que via em sua terra natal.

De sotaque inconfundível, quando chegou em Piracicaba, ganhou o apelido de Catarina. Ali, descobriu uma nova vida e aproveitou intensamente o ambiente acadêmico. Estabeleceu sólidas amizades com colegas de todas as turmas, especialmente com o Drepão [Eduardo Pires Castanho Filho]; convidava-os para passar férias em “Floripa”, na época ilustre desconhecida. Aventuroso, no 2º ano foi a Salvador levando 7 amigos de Kombi; além dos passeios turísticos na capital baiana, participaram de reuniões do movimento estudantil.

Em 1968, fez Tiro de Guerra que, aliás, contava com bom contingente esalqueano. Foi um ano atrapalhado e cheio de peripécias onde até controle de multidões foi treinado.

Catarina gostou daquela história de viajar e em 1969 partiu com o amigo Drepão pela América do Sul, de carona! Começaram pelo Uruguai, indo para Argentina, Chile e Bolívia. Conheceram as faculdades de Agronomia onde, invariavelmente, eram muito bem recebidos e “obrigados” a tomar muito vinho e jogar futebol. No Chile buscaram informações sobre a reforma agrária, então em curso no país, tema proibido no Brasil na época; mas não tiveram os esclarecimentos que queriam.

Finalizado o roteiro, mas ainda com tempo e dinheiro, resolveram esticar até a Bolívia, apesar da documentação precária: tinham apenas um “permisso” de turismo emitido pelo Consulado Brasileiro em Santiago. Passaram poucas e boas, já que, ao cruzar o magnífico Atacama e subir as cordilheiras de trem, Drepão teve uma baita crise renal e quase foram descobertos pela imigração.

Que maus momentos em La Paz! Falta de ar,

muito frio, talvez o pior hotel do mundo e pouco dinheiro. Pegaram carona para Cochabamba num caminhão de garrafas e depois, já pensando na volta, rumaram para Santa Cruz de La Sierra, na companhia nada edificante do capitão que havia comandado a caçada ao Che. Ao chegar a terras brasileiras comemoraram com cervejas Brahma.

A 3ª viagem, que contou também com o amigo Barraca [Ossir Gorenstein] teve seus pontos de precariedade. Novamente pegaram carona, desta vez para conhecer o projeto de irrigação do São Francisco. A viagem levou mais tempo do que deveria porque o rio estava seco e durante o trajeto, morreu alguém que viajava com eles, o que os obrigou a desviar para deixar o falecido na Bahia.

De Petrolina foram para Feira de Santana, de onde viram pela TV a chegada dos gringos na lua, num posto de gasolina na BR-116. Então seguiram para Itabuna, onde se encontraram com o amigo Aquino [Carlos Roberto Nunes de Aquino] e tomaram contato com a cacauicultura.

No ano da formatura, Catarina dirigiu, junto com o Drepão, o Bishow, que acabou provocando certo furor por atacar a ditadura, de forma um tanto dissimulada, é verdade, mas que causou temor por algum tipo de represália.

Participou ativamente de ações contra o regime militar, com panfletagens em fábrica, pichações pelo voto nulo, passeatas quando o pessoal de Ibiúna foi preso, contudo, gostava mesmo era de uma boa festa “republicana”.

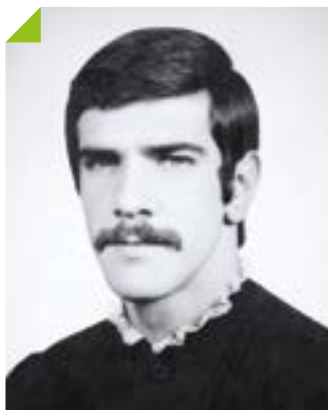
Em 1971 teve convites para regressar a Floripa, mas, queria continuar em São Paulo e formou um trio, com o Drepão e o Zé Ricardo, para procurar emprego. No final daquele ano, foi para o IPPH, entidade com sede em Lins (SP), que se propunha a um trabalho de porte fortemente social junto aos pequenos produtores em Auriflana, no Noroeste de estado, onde precocemente faleceu, em 23 de fevereiro de 1973.

*Texto original publicado em:
http://www.celso-foelkel.com.br/esalq70_formandos.html

Norberto dos Santos Leal

1946 - 2021

O TRABALHO COM DEFENSIVOS AGRÍCOLAS, A DEDICAÇÃO ÀS FAZENDAS E O ORGULHO DE SER ESALQUEANO



Norberto dos Santos Leal cresceu ouvindo seus pais dizerem que sem estudo não haveria futuro no Brasil. Dona Eunice Verdinassi dos Santos Leal e seu Darliz da Costa Leal deram duro no trabalho para que os 5 filhos pudessem estudar. Dona Eunice era exigente; mas alegre e agregadora, sempre recebia bem os amigos do filho.

Nascido em 8 de junho de 1946, em Campinas (SP), Norberto já morava em Piracicaba havia mais de 15 anos quando entrou na ESALQ. Ainda jovem nem pensava em cursar Agronomia; tinha a intenção de seguir carreira militar ou entrar em Medicina.

Quando percebeu a impossibilidade dessas opções, aceitou o convite de um amigo para cursar o 3º Científico na Escola Estadual Monsenhor Jeronymo Gallo, na Vila Rezende, e estudar em dupla para o vestibular da ESALQ. Paralelamente, Norberto ainda dava aulas particulares de Matemática. E, assim, entrou para a A70.

Na escola logo começou a ser chamado de Preto, apelido que trouxe da adolescência. E desde o 1º ano participou da AAALQ, jogando nas seleções de futebol de campo, futebol de salão e de atletismo. Ganhou inúmeras medalhas nos 5 anos de ESALQ, e na formatura ainda ganhou medalha da AAALQ em reconhecimento à sua dedicação.

Ainda durante os estudos, Norberto continuou dando aulas particulares de Matemática em curso supletivo e, no último ano, passou a dar aulas também no Colégio Piracicabano. Nas férias aproveitava todas as oportunidades de estágio que podia: passou por IAC, Eucatex, Massey Ferguson, participou de um levantamento florestal no Paraná e também foi bolsista na área de Avicultura. Fez Diversificação em Fitotecnia I.

Na semana seguinte à da formatura, Norberto foi para São Paulo procurar emprego, e logo na 2ª empresa conseguiu resposta positiva; atuou no Departamento Técnico da Bayer. Sua alegria era tanta que nem se importava com a rotina puxada: saía da casa de sua irmã às 5h e só voltava às 22h,

cansado, mas feliz da vida.

Logo foi transferido para a filial de Presidente Prudente (SP) e começou a perceber o reconhecimento de seu trabalho; sentia grande satisfação por ter cursado Agronomia e muito orgulho por ter estudado na ESALQ. Casou-se na década de 1970 e teve 4 filhos: Tiago, Arthur, Natalia e Vinicius.

No fim daquele ano, foi transferido para a matriz da Bayer, em São Paulo. Tornou-se gerente de herbicida, na área de aplicação aérea. Ficou mais 3 anos na empresa e ainda passou um semestre em Belém (PA), desenvolvendo aplicação aérea em pastagens na Amazônia.

Quando voltou para São Paulo, saiu da Bayer e foi trabalhar na Amcham com defensivos agrícolas, fertilizantes e adubos. Depois, trabalhou em uma fazenda de café em Monte Alegre de Minas (MG) e na Codistil. Então, entrou na Monsanto, onde foi, inicialmente, gerente distrital do Nordeste, morando em Recife.

Um ano depois, foi transferido para a filial de Porto Alegre, onde ficou 2 anos e, então, voltou para a matriz, onde se tornou gerente regional de vendas da região Sul. Em 1982 foi trabalhar na área de marketing da Basf, onde chegou a gerente nacional de vendas.

Em 1988, decidiu abrir a própria empresa de defensivos agrícolas em Barueri, e em 1994 comprou fazenda em Novo Santo Antônio, na região Centro-Oeste do Mato Grosso, em sociedade com um amigo; os negócios prosperavam e o lucro foi investido em novas fazendas em Goiás.

Em 2002, ele e o amigo decidiram desfazer a sociedade. Norberto ficou com as fazendas de Goiás, onde passava boa parte do tempo e criava gado. Quando estava em Goiânia (GO), aproveitava os momentos ao lado de Denise Arantes, sua querida companheira. Norberto faleceu em 15 de março de 2021, em Goiânia, em decorrência da Covid-19. Levou consigo o orgulho de ser esalqueano e deixou enorme saudade.

Normando Marth Pazim

1944 - 2018

UM LEGADO DE DEDICAÇÃO, CONSTANTE APRIMORAMENTO E CONHECIMENTO COMPARTILHADO



Desde menino Normando Marth Pazim gostava do contato com a natureza e de apreciar a paisagem. Nascido em 3 de outubro de 1944, em Sorocaba (SP), adorava subir o morro do Ipanema, em sua terra natal, para ler a Revista Seleções e admirar aquela vista.

Quando tirou a CNH, pôde apreciar outros cenários, desta vez nas estradas. Viajou com sua avó para o Sul e chegaram a ir até a Argentina, sempre de Fusca!

Filho do policial militar Benedito de Oliveira Pazim e da cabeleireira Adail Marth Pazim, Normando mudou-se para Piracicaba já para cursar Agronomia na ESALQ. Morou em República e recebeu o apelido de Robusto; mas também era conhecido como Normandão.

Muito estudioso, lia diariamente, inclusive deixando para sua família uma pequena biblioteca. Curioso e interessado, Normando tinha um perfil aberto às novidades e às novas tecnologias. Durante o curso, fez estágio no IAC e também deu aulas de Química. Nas horas livres, frequentava o CALQ e praticava remo.

Depois que se formou, Normando trabalhou na Socil Guyomarc'h, na área de nutrição e saúde animal. Começou atuando em São Paulo, na área comercial, e depois se tornou gerente geral da planta da empresa, em Cruzeiro (SP), para onde se mudou com a família.

Em 25 de junho de 1977 casou-se com Maria Nilze Foltran e teve 2 filhos: Giordano Foltran e Rafael Foltran Pazim que, mais tarde, foi seu aluno no curso de Administração.

Normando sempre ressaltava o quanto o conhecimento adquirido durante o curso na ESALQ contribuiu para que ele construísse o alicerce de sua atuação profissional, desde a área comercial,

até a de produção.

Viajou a trabalho para a Europa, passando a maior parte do tempo na França, onde ficava a matriz da companhia. Também esteve em Indianópolis, nos EUA, pela empresa. Além de sua atuação na Socil, também trabalhou na área de certificação ISO e consultoria em administração, tornando-se sócio na empresa Quarind Optimiso.

Sua trajetória como agrônomo incluiu muitas oportunidades e alguns desafios. Na saída da Socil, diante da necessidade de procurar novo emprego, decidiu reciclar-se, enveredando por novas áreas. Fez graduação em Administração (1987) pela FIC, e Mestrado em Administração pela Faculdade Cenecista de Varginha (2008).

Com isso, seu conhecimento passou a ser compartilhado com estudantes em diversas instituições; Normando foi professor na Faculdade Santa Marta, FIC, FACIC, UNIPAC e FASC; nas duas últimas também coordenou o Curso de Administração de Empresas.

Pelo fato de ser professor, sempre se mantinha atualizado e conversava sobre qualquer assunto. Falava inglês, francês, italiano, espanhol, português e ainda arranhava alemão. Sabia se comunicar.

Ativo, Normando fez parte da mesa provedora da Santa Casa de Cruzeiro e prestou consultoria a diversas empresas do município; também integrou a Associação das Indústrias de Cruzeiro. Por sua atuação, em 1993 recebeu o título de Cidadão Cruzeirense, da Câmara Municipal de Cruzeiro, e teve Cadeira na Academia Cruzeirense de Letras.

Faleceu de ataque cardíaco em 30 de agosto de 2018, aos 73 anos, em Cruzeiro (SP). Deixou uma bela trajetória, muitas histórias e muitas saudades.

Onorio Kitayama

1946 - 2015

O PERFIL IDEALISTA E O DESEJO DE COLABORAR COM O PAÍS REVELADOS NA DEFESA DO ETANOL



Por que prestar tantos vestibulares? Você deve escolher a melhor faculdade e se esforçar ao máximo para ser aprovado. Essa foi a frase que Onorio Kitayama ouviu de seu pai, Tadashi Kitayama, após escolher várias instituições para prestar o vestibular de Agronomia. Foi assim que escolheu a ESALQ, tornando-se, anos depois, um dos responsáveis pela união da A70.

Nascido em 9 de outubro de 1946, em Presidente Venceslau (SP), Onorio optou pela Agronomia mesmo após sugestão de seu pai para cursar Medicina. Uma paixão, talvez? Possivelmente. Muitas vezes acompanhou o pai e o tio na comercialização de batatas e algodão. Sua mãe, Teruko Kitayama, era quem comandava a casa.

Em Piracicaba, Onorio morou na república Varandão e ganhou o apelido de Jurupoca. Embora fosse grande torcedor do Corinthians, na prática, o futebol dava lugar ao tênis de mesa. Participou da viagem à Europa com amigos da A70; gostou tanto, que muitas vezes compartilhava com os filhos algumas de tantas vivências, como quando encontraram Gilberto Gil em Londres.

Assim que se formou, foi trabalhar na famosa Cooperativa Agrícola de Cotia. Depois abriu um escritório de projetos agrícolas, o Oeste Plan, em sociedade com amigos de Presidente Venceslau. Foi, ainda, sócio e diretor financeiro da Decasa. Na mesma época foi conselheiro na SOPRAL e, em seguida, diretor superintendente; com certeza, o ofício que mais lhe agradou.

Nos anos 2000, foi consultor na UNICA e diretor na COOMEX. Nesse período, Onorio foi reconhecido como um dos idealizadores da bioeletricidade (energia elétrica derivada da biomassa do bagaço de cana-de-açúcar). Foi ele, aliás, quem sugeriu o emprego do termo bioeletricidade e trabalhou arduamente para torná-la o 3º produto do setor

sucroalcooleiro. Seu esforço foi reconhecido por prêmios como 10 Homens de Visão do Setor Sucroalcooleiro (2008) e BestBIO (2012).

Idealista, desejava colaborar para o crescimento do país. Diante dos desafios impostos por políticas governamentais pouco favoráveis, convocava os profissionais de seu setor a trabalharem ainda mais e melhor!

Para além de um agrônomo defensor de sua missão, Onorio foi marido e pai exemplar, além de avô coruja. Em 1975 casou-se com Maria de Lourdes Gomes Kitayama, com quem teve 3 filhos: Marcela, Gustavo e Rodrigo. Também teve 3 netos: Enzo, Lorena e Maitê. Sempre desejou a união dos filhos e considerava a educação um patrimônio.

Trabalhou até morrer em 2015, por parada cardíaca, após três anos de tratamento. Era dia 25 de dezembro e partiu de forma inesperada e tranquila, durante um cochilo após o almoço de Natal em Presidente Venceslau.

Nos últimos anos de vida, havia estreitado o contato com Salvador Bernardis, da A70, e se empenhou fortemente em reunir os amigos da turma. Convocou Eduardo Castanho (Drepo) para organizar o cadastro de endereços de todos. Na pesquisa dos contatos, na alegria a cada amigo reencontrado e no prazer dos almoços e encontros, os olhos de Onorio brilhavam de satisfação.

Desafiou a turma a reunir 100 amigos no encontro de 45 anos de formados. Entristeceu-se quando percebeu que não poderia ir devido às complicações de saúde; contudo, Onorio estava presente em cada um dos amigos que ali compareceram motivados por seu empurrão.

Além da família, que tanto amava, e do trabalho, ao qual dedicou-se com afinco, a A70 foi, sem dúvida, uma das maiores fontes de alegria para ele, especialmente em seus últimos anos de vida.

Paulo Henrique C. Leal

1946 - 1991

O INCENTIVO DO PAI PARA A AGRONOMIA E OS DESAFIOS DA ATUAÇÃO EM VENDAS



Desde menino, Paulo Henrique Contrucci Leal teve contato com a terra, já que seus pais e avós tinham fazenda. Nascido em 23 de dezembro de 1946, em Avaré (SP), decidiu cursar Agronomia justamente porque gostava daquele ambiente. Seu pai, Roldão Euphrasio Leal, era farmacêutico e sempre o incentivou, afinal, era um orgulho ter um filho estudando na ESALQ. Dona Olinda Contrucci Leal, sua mãe, também ficou bem feliz.

Em Piracicaba, Paulo morou em República na rua XV de Novembro e ganhou o apelido de Zé Fino. Mas pelos amigos de Avaré era conhecido como Paulo Navio. Gostava do curso e sempre se dedicou aos estudos. Afeito aos esportes, desde a juventude, gostava de jogar basquete.

Seu 1º emprego após se formar foi na Sandoz Brasil como gerente de vendas. Em seguida, passou no concurso da CATI e assumiu a Casa da Agricultura de Bernardino de Campos. Foram 4 anos

de trabalho em assistência técnica e extensão rural, que muito lhe agradaram.

Contudo, Paulo foi convidado para ser gerente de vendas da Ultrafértil em Ourinhos e decidiu aceitar. Após 3 anos na cidade, foi transferido para Assis, onde ficou mais 3 anos. Foi um grande desafio, já que a área de vendas não era a sua preferida, mas estava em ascensão na época, quando os fertilizantes eram ainda incipientes e precisavam ser apresentados aos fazendeiros.

Casou-se com Maria Estela Cruz Leal em 1972, com quem teve 4 filhas: Daniela, Paola, Letícia e Natália. Não chegou a conhecer os netos, que trouxeram tanta alegria para a família: Paulo Henrique, Vinícius, Mariana, Rafael, Beatriz, Cecília, Sarah e Manuela; mas todos já ouviram falar do avô.

Paulo faleceu em Avaré, em 23 de dezembro de 1991, no dia de seu aniversário de 45 anos; teve um infarto fulminante, dois meses após ter feito cirurgia de ponte de safena. Deixou muitas saudades.

Pericles Capello Cruz

1942 - 2020

A LUTA PELA APLICAÇÃO DAS NORMAS E TÉCNICAS NA FRUTICULTURA



Ele nasceu em Atibaia (SP) no dia 11 de setembro de 1942. Foi pelas mãos da avó paterna que Pericles Capello Cruz chegou ao mundo. Filho de um comerciante de produtos agropecuários, entendia que a agricultura despontaria no futuro.

Pericles veio de uma família de cinco irmãos. Os pais – Vicente Ignacio Cruz e Maria Capello Cruz – faziam questão que os filhos estudassem. Mas também os incentivou a trabalhar, afinal, era preciso colaboração para manter a casa. Pericles trabalhou em banca de revista e vendeu pipocas.

Na juventude, teve contato com o primeiro agrônomo da Casa da Agricultura de Atibaia, Davinir de Castro Peres, um apaixonado pela ESALQ. No início da década de 1960, Pericles participou de excursão com amigos do Científico, conheceu a ESALQ e se encantou.

Em Piracicaba morou na República Canecão, cujo nome representava um brinde ao chopp. Gostava de estudar e por isso não enfrentou nenhuma DP; quando podia, jogava futebol de salão e dava um pulinho no CALQ. Fez diversificação em Agricultura.

Seu primeiro emprego foi no ensino agrícola. A filosofia era boa: a escola-fazenda atenderia alunos da zona rural, filhos de agricultores, para que eles pudessem levar os ensinamentos ao campo. Na prática, entretanto, não havia a menor estrutura, nem sequer equipamentos. Pericles trabalhou seis meses no Colégio Técnico Agrícola de Jacareí, um dos mais antigos do estado, e um ano em Rio das Pedras.

Desiludido com o sistema, decidiu sair. Em 1972 prestou um concurso na CATI e foi trabalhar em Campinas, na sessão de sementes e mudas, onde aprendeu muito, especialmente sobre como funcionava a estrutura dos órgãos da Secretaria.

Na mesma época casou-se com Gersey Pinheiro Cruz, professora de Língua Portuguesa e artista plástica. Uma união que lhe trouxe alegrias durante toda a vida. O casal teve duas filhas – Silene

e Diana – e três netos.

Pericles ficou dois anos em Campinas e pediu transferência para a Casa da Agricultura de Atibaia. Foi um dos que lutaram para que o prédio ganhasse o nome de Davinir de Castro Peres.

Aliás, uma das características marcantes de Pericles na atuação profissional era lutar por aquilo que acreditava. Foram 15 anos de discussões com a Secretaria de Agricultura em defesa da produção de morango. Reforçou a fiscalização das plantações, o que resultou em algumas interdições, uma delas de 10 milhões de mudas. Arrumou briga. Mas garantia a prevenção de doenças. Também ensinou a corrigir problemas na produção de uva, mesmo enfrentando resistência de agricultores. Apontava o erro, porém mostrava o caminho.

Sempre se posicionou. Batalhava para que as regras fossem cumpridas, independentemente de quem fosse o produtor. Quando o DAEE chegou a Atibaia, Pericles abriu as portas da Casa da Agricultura para a instalação do departamento, mesmo contrariando colegas e até seus superiores. Contudo, lia muito e estava amparado pela Lei.

Concentrou sua atuação na fruticultura. Participou desde a primeira edição da Festa do Morango, criada há 30 anos por Duílio Maziero para valorizar quem punha a mão na massa, ou melhor, na terra, já que a maior parte dos produtores de morango na época era meeira. Também atuou com floricultura e ainda integrava a Associação da Festa das Flores, de Atibaia.

Aposentou-se em 2009, após 40 anos de atividades, sempre lutando para fazer aquilo que considerava correto. Sentindo-se como quem cumpriu sua missão, aproveitava a vida para viajar com a família. E ainda participava do Conselho Deliberativo da Associação Hortolândia de Atibaia e da Associação da Festa do Morango, da qual foi um dos fundadores, fazendo o julgamento dos frutos e organizando a exposição. Faleceu em 24 de maio de 2020, deixando muitas saudades.

Plínio Francisco Raserá

1947 - 2018

O AGRÔNOMO QUE SE REALIZOU NA CARREIRA DE SEGURANÇA E SAÚDE DO TRABALHADOR



Plínio Francisco Raserá sempre amou a ESALQ. Nativão, como eram chamados os agricultores que nasceram em Piracicaba, tinha grande admiração pela Escola que divulgava o nome da cidade pelo país. Teve contato com a terra desde cedo porque seu pai, Emílio Raserá, tinha sítio e Plínio o ajudava na lavoura. Estava habituado com a vida rural.

A escolha pelo curso foi natural. Nascido em 3 de janeiro de 1947, Plínio foi o único dos 6 filhos de Seu Emílio e Dona Iside Bragaia a cursar Agronomia. Seus pais não escondiam o orgulho do filho.

Logo no início do curso, conheceu José Osmar Lorenzi, que se tornou um de seus melhores amigos. Ambos moravam na Paulista e compraram uma lambreta em sociedade para ir à Escola. No 2º ano, aceitaram convite de Osmair Scarpari e fundaram a Escola de Madureza Novo Mundo, onde deram aulas à noite por 4 anos. Plínio era professor de Ciências.

Também foi no 2º ano que conheceu Maria Valdete Novello Raserá, que tinha terminado um namoro para ir ao Baile do Bixo de 1967, e lá se viram pela 1ª vez, embora ela tenha feito o Normal Rural na ESALQ. No ano seguinte começaram a namorar e em 1971 decidiram se casar. Tiveram 3 filhos – Ricardo, Rodrigo e Viviane – e 7 netos.

Plínio aproveitou muito o período de estudante. Era próximo dos amigos de Piracicaba, mas não dispensava uma partida de truco nas repúblicas. Participou da viagem pela América do Sul com a A70, visitando estações experimentais, fazendas e vinícolas. Experiência incrível. Para arrecadar verbas para a viagem, realizou uma campanha de vacinação de cães e gatos com Lorenzi. Foram muitas aventuras.

Plínio tomava emprestada a caminhonete do pai e ia cantar com amigos nas janelas das moças; Valdete recebeu muitas serenatas. No 5º ano, ele estagiou na usina São Martinho, em Sertãozinho (SP), e fez Diversificação em Tecnologia Rural.

Quando se formou, foi convidado para traba-

lhar na usina São Martinho, mas Valdete já tinha assumido uma cadeira no Centro de Mecanização Agrícola de Jundiaí, então Plínio optou por assumir o cargo de professor no Colégio Técnico Agrícola de Jundiaí.

Cansado da falta de infraestrutura, em 1976 fez curso de engenheiro de segurança em Campinas e em 1978 decidiu prestar concurso da Secretaria Estadual do Trabalho; ali começou sua trajetória na área de segurança e saúde do trabalhador. Com a extinção daquela Secretaria, Plínio foi alocado na Secretaria da Saúde, mas permaneceu na área até se aposentar.

Fiscalizava empresas em toda a região, em especial quando havia denúncias de acidentes de trabalho ou de falta de EPIs. Na época, a preocupação com segurança do trabalhador era incipiente. Plínio amava as máquinas e se dedicou; estudou sobre seu funcionamento, inteirou-se das possibilidades de proteção e conheceu mais sobre perdas auditivas e outros processos que poderiam colocar em risco a saúde do trabalhador. Sentia-se realizado. Quando se aposentou, passou a prestar consultorias para empresas na área de segurança do trabalho.

Em casa era grande companheiro. Divertido, sempre tinha uma piada na ponta da língua. Pescador de mão cheia, viajou muito, e ainda conheceu vários países ao lado de Valdete. Bom anfitrião, era afeito à cozinha e expert em servir leitoa, carneiro e bacalhau; também preparava um potinho doce para presentear os amigos. E ainda encontrava tempo para os trabalhos sociais: foi presidente do Rotary Club de Jundiaí, ministrou vários cursos de noivos na igreja e trabalhou com os Vicentinos, visitando doentes aos sábados. Amava a vida. Amava as pessoas.

Em agosto de 2016 descobriu uma leucemia com a qual lutou durante 2 anos. Muito religioso, enfrentou a doença com coragem e resiliência. Faleceu em 19 de março de 2018, deixando muitas saudades.

Roberto Usberti

1946 - 2014

A DETERMINAÇÃO PARA REALIZAR PESQUISAS SOBRE SEMENTES EM CAMPINAS



Roberto Usberti nunca teve contato com a terra, ainda assim, tornou-se agrônomo dedicado. Talvez porque nascera em Piracicaba (SP), onde a ESALQ, para muitos piracicabanos, era local de passeio.

A família morava no Centro, próximo ao Mercado Municipal, onde seu pai, José Alfredo Usberti, possuía um conhecido açougue. Sua mãe, dona Antonieta Cruz Usberti, era a responsável pela educação dos 5 filhos.

Nascido em 11 de novembro de 1946, Roberto passou a infância e a juventude na terra do Nhô Quim, mascote oficial do XV de Piracicaba, e gostava muito de futebol. Tanto que jogou pelo time da Escola mais tarde, participando de vários campeonatos.

Ah, a Escola, com seus vastos campos, dedicados à pesquisa e às bolas de futebol da meninada, conquistou Roberto, que escolheu o curso de Agronomia justamente por ser reconhecido internacionalmente.

Decisão tomada, matriculou-se no cursinho intensivo do Torigoi e celebrou com alegria sua entrada na A70. Beto ou Betão, como era conhecido, foi músico profissional e desde muito jovem se apresentava tocando clarinete e saxofone em orquestras da cidade. Chegou até a integrar a banda “Os Cambitos”, famosa em Piracicaba na década de 1960.

Seu primeiro trabalho após formado foi como professor no Colégio Técnico Agrícola de Santa Rita do Passa Quatro, onde ficou por 2 anos. Em janeiro de 1973 passou em concurso da CATI e se mudou para Campinas, dando início, assim, à sua carreira como funcionário público do estado.

Em 1972 casou-se com Maria Helena Cavallari Usberti, a quem conheceu em Piracicaba em 1967. Tiveram 3 filhos – Roberto, Beatriz e Fábio – e 6 netos.

Na CATI trabalhou com extensão rural, dando suporte técnico aos postos de sementes, no Laboratório de Análise de Sementes, do qual tornou-se diretor mais tarde. Por sua dedicação, Roberto foi convidado para assumir a Diretoria do Departamento de Sementes.

Quatro anos depois de aprovado no concurso, iniciou o Mestrado em Ciências Biológicas (Biologia Vegetal) na UNICAMP (1979), momento em que pesquisou a germinação de Sementes de Limão-Cravo, sob orientação do professor Gil Martins Felipe.

Na mesma universidade fez o Doutorado Ciências Biológicas (1986), pesquisando a germinação de sementes de Capim-Colonião, sob orientação do professor Ivany Ferraz Marques Valio.

O maior desafio de sua carreira, inclusive, foi escrever e defender Mestrado e Doutorado, ainda como funcionário público, no entanto, sem obter nenhuma ajuda das instituições de fomento à pesquisa ou órgãos governamentais, sob a alegação de que ele não exercia atividades relacionadas ao tema.

Mas Roberto era determinado. Fez pós-doutorado pela Universidade de Reading (1990), na Inglaterra, e foi revisor de inúmeros periódicos nacionais e internacionais. Teve artigos publicados em diversas revistas de pesquisa e sempre recebia convite para apresentar trabalhos em congressos no Brasil e no exterior.

Quando as atividades de defesa foram desmembradas da CATI, Roberto foi alocado na Coordenadoria de Defesa Agropecuária, da SAA, onde chegou ao cargo de assistente agropecuário VI. Também foi professor credenciado da UNICAMP.

No final de 2014, Roberto teve infarto e morreu no dia 12 de dezembro, aos 68 anos, em Campinas. Deixou muitas saudades.

Rui Nelson R. Arruda

1945 - 1974

A BREVE E INTENSA CARREIRA QUE RENDEU JUSTA HOMENAGEM



Nascido em Campinas (SP), em 1 de fevereiro de 1945, Rui Nelson Rodrigues Arruda cresceu em contato com a terra já que seus avós e seus tios sempre tiveram sítios e fazendas; agricultura e agropecuária, portanto, eram atividades familiares para ele, que gostava daquele ambiente.

Seu pai, Milton Pires de Arruda, era auditor fiscal, e sua mãe, Lucia Rodrigues Alves, professora, e ambos o incentivaram a cursar Agronomia na ESALQ. Inclusive durante a formação acadêmica do filho, adquiriram uma pequena propriedade rural onde Rui pôde colocar em prática o conteúdo aprendido na Escola.

A propriedade rural hoje está sob os cuidados de seus filhos, José Milton Mendes Arruda e Luís Gustavo Mendes Arruda, frutos do casamento com Maria Helena Mendes Arruda, realizado em 19 de dezembro de 1970.

Rui tinha 20 anos quando iniciou o curso em Piracicaba; morou na república Senzala e ganhou o apelido de Ranho. Nas horas livres, frequentava o CALQ, lugar de grande efervescência política; era bastante participativo nos movimentos estudantis da época.

Assim que se formou, foi trabalhar na colônia de japoneses de São Miguel Arcanjo, a colônia Pinhal, onde se praticava o cultivo

de uvas. Um grande desafio, já que na época era o único brasileiro em toda a equipe, mas com jeito, ganhou a confiança de todos e conseguiu realizar um belo trabalho.

Tinha até projeto de viajar para o Japão na companhia dos integrantes da colônia, para aperfeiçoamento profissional. Entretanto, o sonho foi interrompido por um acidente na estrada entre Itapetininga e Capão Bonito, no dia 21 de maio de 1974, que tirou sua vida aos 29 anos.

Rui nem chegou a conhecer o neto Rui Otávio. Contudo, sua atuação profissional na região de São Miguel Arcanjo foi muito reconhecida. Tanto que quando faleceu, legisladores propuseram que a Casa da Agricultura de São Miguel Arcanjo levasse seu nome.

Então, o pai de Rui sugeriu que a homenagem fosse realizada em Laranjal Paulista, terra natal paterna, o que foi aceito por Maria Helena e acordado entre os dois municípios. Assim, em 2 de setembro de 1975, a Lei nº 653, de autoria do deputado estadual Archimedes Lammoglia, foi publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo, dando a denominação de “Rui Nelson Rodrigues Arruda” à Casa da Agricultura de Laranjal Paulista, homenagem que até hoje muito honra toda a família.

Tomaz Caetano C. Ripoli

1947 - 2013

O AGRÔNOMO QUE SE TORNOU REFERÊNCIA NO SETOR SUCROENERGÉTICO MUNDIAL*



Ele se considerava “caipiracicabano” com muita alegria. Quem o conheceu, não esquece. Com sua fala decidida, pontual e assertiva, Tomaz Caetano Cannavam Ripoli nutria grande amor por sua terra natal, e deixou marcas indeléveis em Piracicaba. Nascido em 16 de fevereiro de 1947, Kaita, como ficou conhecido, era apaixonado pela família, pela profissão, pela política, pelo esporte e pela fotografia. Dedicou-se a todos.

O esporte entrou em sua vida pelo legado do pai, Romeu Ítalo Ripoli, agrônomo formado pela ESALQ em 1940, cidadão influente e polêmico em Piracicaba, que presidiu o XV de Novembro por muitos anos, motivando jogadores, comissão técnica e arbitragem. Foi também por influência do pai, que Caetano decidiu cursar Agronomia na ESALQ.

Desde os primeiros anos identificou-se com a fotografia e passou a ir com frequência ao laboratório localizado no subsolo do Prédio Central. Dono de uma veia aguçada para elogiar, criticar e imprimir com palavras suas opiniões, Caetano descobriu o gosto pelo jornalismo político em 1968, quando passou a divulgar atividades do CALQ no Jornal de Piracicaba e no Diário.

Durante um estágio com o professor Luiz Geraldo Mialhe interessou-se pela pesquisa em Máquinas e Implementos Agrícolas, com foco na melhoria da mecanização da cultura da cana-de-açúcar. Assim que se formou, participou da implementação da Faculdade de Agronomia Luiz Meneguel, em Bandeirantes (PR), e foi um dos fundadores do renomeado Centro Tecnológico da Copersucar.

Casou-se em 1972 com Maria Lúcia, a pessoa que mais o apoiou em toda a sua carreira acadêmica e na vida familiar. Tiveram dois filhos: Marco, que também é agrônomo formado pela ESALQ, e Bianca, mãe de Matheus, a maior alegria do avô.

A partir de 1982 começou a dar aulas na ESALQ, onde permaneceu até 2012, agregando uma coleção de mais de 21 mil imagens que registravam

suas andanças pelo país e pelo mundo. Fez Mestrado em Solos e Nutrição de Plantas e Doutorado em Agronomia, ambos pela ESALQ. Assim que terminou sua formação acadêmica, implantou a colheita mecanizada de cana em Alagoas, a convite do PLANALSUCAR.

Fez Pós-doutorado na Universidade da Califórnia, e é autor de diversos livros técnico-científicos sobre mecanização da cana. Escreveu centenas de artigos citados até hoje.

Caetano Ripoli foi quem idealizou e estudou a fundo, pela primeira vez no mundo, o conceito de recolhimento de palhiço de cana com a finalidade de cogeração de energia elétrica nas usinas e melhor manutenção da cultura. Desde então pensava num sistema sustentável e numa economia circular. Hoje a sua ideia é realidade em diversas usinas e vários fornecedores de cana.

Por duas décadas foi professor do Departamento de Engenharia de Biosistemas da ESALQ. Interessado na formação acadêmica de futuros profissionais, preocupava-se em ensinar, para além do conteúdo das disciplinas, como ser ético, sempre com foco em melhorias no setor de Máquinas e Implementos Agrícolas.

Foi membro de conselhos editoriais de revistas e consultor ad-hoc da FAO e UNOPS, das Nações Unidas. Orientou dezenas de alunos em Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado.

Publicou em especial dois livros: Cantos e Recantos, que retrata a ESALQ por meio de fotografias, foi publicado em coautoria com sua filha Bianca Cunali Ripoli e reconhecido oficialmente pela reitoria da USP; e o mais polêmico de todos, Introdução à Bundologia.

Ripoli é citado até os dias de hoje em trabalhos científicos e conferências devido às importantes contribuições ao agro brasileiro e mundial. Faleceu em 24 de fevereiro de 2013, aos 66 anos, vítima de câncer. Deixou um legado intenso, histórias marcantes e muita saudade.

*Colaborou:
Marco Lorenzo Cunali Ripoli (F-99)

A70 “de coração”

Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou,
descobriu um tesouro. (Eclesiástico 6:14-17)



OS A70 “DE CORAÇÃO”

Quem conviveu com os amigos da A70, ainda que apenas por algum período, sabe o quanto essa turma é especial. Ali foram construídas amizades para toda a vida.

E justamente por essa amizade bonita, e também por mérito, os amigos que, em algum momento, fizeram parte da turma A70, mesmo tendo se formado em anos diferentes pelos mais diversos motivos, foram convidados para integrar o livro do Jubileu de Ouro.

Seis colegas aceitaram de imediato e logo marcaram a entrevista: Célia Matilde Tegen de Castro Neves (F71), Clóvis Machado Ferreira (Clovito – F71), Gilberto Wesley Mac Fadden (F71), João Bosco Olivito Nonino (Tripé – F71), Luiz Henrique Perez (Vitavena – F73) e Maria Cândida Moraes (Unesp/Jaboticabal).

Outros 3 colegas já falecidos também tiveram sua trajetória narrada, porém com o inestimável apoio dos amigos e parentes. São eles: Laudelino Carneiro Leite (F 71), Licurgo Nakasu (F 75) e Paulo Augusto Simardi (Paulinho Modess – F71). Oduvaldo Lacava (Esmeralda – F72) foi convidado, mas não quis participar.

Outros colegas formados com a A70 também não quiseram participar do livro, mas estão no co-

ração da 70. São eles: Dalton Alexandre Maróstica, Henrique de Rezende Barbosa (Esarq), João César Heitor de Queiróz (Melão), José Fernando Rodrigues Dominguez, Juan Altamirano Medina, Lina Abreu Sampaio Leme Cesario Garcia, Luiz Armando Gasparetti (Reizinho) e Paulo Massaharu Homa.

Bem, cada um tem uma história peculiar vivenciada com os amigos da A70. Todos só têm boas lembranças da turma. Alguns arrependem-se até hoje por não terem se formado em 1970. Mas há um sentimento em comum: todos se consideram parte inerente da turma.

Contudo, a vida seguiu seu curso e embora os destinos tenham sido diferentes, o reencontro com os amigos e o convite para participar do livro fez aflorar em cada coração a amizade, o carinho e a fraternidade existentes entre eles.

Parafraseando Lamartine Babo, autor do popular hino rubro-negro, “uma vez A70, sempre A70”. Que sejam bem-vindos os sete engenheiros agrônomos A70 de coração!

Nas páginas a seguir, a biografia de cada um mostrará não só as suas trajetórias, mas também o que os levou a se formar em outros anos e, ainda assim, permanecer com o pensamento voltado para essa querida turma.

A CONCILIAÇÃO ENTRE A EXTENSÃO RURAL, A FISCALIZAÇÃO E A MATERNIDADE

Ela aprendeu muitos nomes de plantas ainda menina pelos passeios que fazia na Escola com o pai. Natural de Piracicaba, Célia Matilde Tegon de Castro Neves queria cursar Letras, mas como não poderia morar em outra cidade, voltou seu olhar para a ESALQ, um lugar bastante familiar. Na época havia poucas meninas que cursavam Agronomia, mas Célia sempre gostou de desafios e decidiu que esse seria mais um.

Então, depois de concluir o 3º Científico no Sud Mennucci, fez 6 meses de cursinho e passou no vestibular. Nascida em 1º de junho de 1945, Célia tinha 20 anos quando iniciou Agronomia na ESALQ. Era tempo de muitas anotações em classe e de assistir a aula em silêncio, mas ela se divertia tanto com as caricaturas feitas por uma das amigas da A70 que tinha até que disfarçar.

Fez um rápido estágio no Departamento de Geologia, mas se aproximou mais do professor Jairo Ribeiro de Mattos, do Departamento de Produção Vegetal. Tanto que, mais tarde, depois de formada, inspirou-se nas habilidades dele e implantou em um asilo de idosos um canteiro de rosas para poder vendê-las e angariar fundos para a entidade.

No 4º ano do curso casou-se com Carlos Eduardo Castro Neves e se mudou para uma fazenda, em Pereira Barreto. E apesar dos quase 500 km de distância de Piracicaba, em 1971 decidiu viajar toda semana para concluir o curso na ESALQ. Conseguiu! Ela e Carlos Eduardo tiveram 4 filhos: Elaine, Erasto, Eduardo e Lucila.

Célia dedicou-se integralmente à maternidade durante 8 anos e depois se tornou professora no Ginásio Estadual Coronel Francisco Schmidt. Dava aula de Zootecnia para o 3º Colegial, disciplina ensinada devido à predominância da pecuária na região. Um grande desafio, superado graças ao seu desejo de se tornar independente.

Anos depois, prestou concurso na CATI e se tornou a responsável pela Casa da Agricultura de General Salgado; logo conseguiu transferên-

cia para Pereira Barreto, onde desenvolveu vasto trabalho de extensão; um, em especial, ficou marcado: Célia buscava as crianças da FEBEM para colher sementes, preparar mudas e vendê-las na feira aos sábados.

Sempre tinha alguém que questionava sua atitude, mas ela sabia que aquilo traria benefícios para a meninada. Até hoje, ainda é possível encontrar vários Oitis na cidade, frutos de um programa de plantio coordenado por ela junto aos internos da FEBEM. Célia sente orgulho de mostrar para o neto o resultado de uma ação tão despreziosa, mas que deixou marcas indeléveis.

Após 12 anos na Casa da Agricultura de Pereira Barreto, pediu transferência para Ribeirão Preto; tinha ficado viúva e ainda perdido um filho num acidente de carro, precisava mudar de ares. Recebeu total apoio e, na nova cidade, passou a trabalhar com fiscalização de agrotóxicos em mudas e sementes.

Mais tarde, as atividades de defesa deixaram de pertencer à CATI, e para continuar realizando-as, foi transferida para a Coordenadoria de Defesa Agropecuária. Conciliar a vida de agrônoma e mãe não foi fácil: Célia tinha que visitar 19 municípios da região para vistoriar as lavouras. Levava os filhos consigo naquele Fuscão preto para conseguir cumprir a jornada.

Sempre procurou fazer um trabalho educativo com os agricultores antes de aplicar alguma sanção, mas não hesitava se percebesse que seria a única saída. Chegou a emitir um laudo indicando a erradicação total de uma lavoura de tomates em Santa Fé do Sul.

Aposentou-se em 2012, aos 67 anos, e ainda mora em Ribeirão Preto, mas não perdeu o vínculo com Pereira Barreto; antes porque tinha os negócios da fazenda para cuidar, e hoje porque Eduardo, seu filho, mora lá. E de Piracicaba, guarda com muito carinho lembranças de seu tempo de infância e a sensação de poder que estudar na ESALQ lhe conferiu.



ORIGEM NA AGRONOMIA, PASSAGEM PELA INFORMÁTICA E REALIZAÇÃO NA ESTRADA, SOBRE 2 RODAS

De família paulistana, Clóvis Machado Ferreira, o Clovito, nasceu em 21 de setembro de 1942, por acaso em Piracicaba, durante uma visita de seus pais aos avós. A infância foi movimentada: ficou em São Paulo até os 6 anos, depois passou por Araraquara, Dourado e voltou para São Paulo. Como nasceu em uma família de 21 agrônomos, entre eles, seu pai, Clóvis Martins de Camargo Ferreira, sempre ouviu falar da gloriosa ESALQ.

Muito mais que Agronomia, contudo, Clovito aprendeu com seu pai lições sobre a vida; ele era seu exemplo de retidão. Dona Yolanda Machado Ferreira, mãe carinhosa e protetora, também sempre o impulsionou. Além disso, o avô materno tinha fazenda em Dourado, onde Clovito passou muitas férias em contato com a terra. A opção pelo curso foi natural.

Em 1965 mudou-se para Piracicaba a fim de fazer o cursinho do Torigoi e vivenciou a intensa experiência de morar em república. Fez estágio em Avicultura e embora fosse dedicado, e até muito bom em Física, a Matemática o atrapalhou e Clovito concluiu o curso apenas em 1971. Hoje comemora o fato de integrar 2 turmas.

Nessas alturas já havia oficializado a união com Ana Raquel Truffi de Abreu Ferreira, a quem conheceu ainda na adolescência, quando morava na fazenda, em Dourado. Casou-se em 1969 e teve 3 filhos: Clovis, Marcos e Caio. Hoje, tem a alegria de ser avô de Nina, Vitor e Matheus.

Clovito iniciou a carreira em 1º de agosto de 1971 na Benzenex, trabalhando com fertilizantes e defensivos agrícolas na região de Maringá (PR). Após dois anos e meio saiu da empresa para ser representante de máquinas de pulverizadores. Um ano e meio depois, contudo, decidiu voltar para o estado e montar uma empresa de distribuição de ração com seu cunhado, que tinha granja em Dourado.

Entretanto, 3 anos depois, o negócio foi à falên-

cia. Situação difícil, para quem já tinha 3 filhos. Mas Clovito não esmoreceu. Começou a procurar emprego e voltando de uma das entrevistas, encontrou seu primo no Banco no Itaú, em São Paulo... na semana seguinte começou a trabalhar com crédito rural. Ficou um ano e meio no Itaú, 8 anos no Banco Auxiliar e, então, foi para o Banco Safra, onde era responsável pela análise do crédito rural de todo o país.

Trabalhou com Euclides Humberto Varniere Ribeiro, que lhe deu muitas oportunidades no banco. Com o fim do crédito rural, Clovito foi trabalhar em uma agência de Ibiúna, mas quase 3 anos depois pediu para sair; as tarefas corriqueiras de banco não lhe agradavam tanto quanto o crédito rural.

Então, conseguiu trabalho em uma nova área, que lhe abria muitas portas; passou a fazer informatização de sistemas. Inicialmente, montou o sistema de gerenciamento no posto de combustíveis de um amigo. Missão cumprida, foi para a Fertiza, informatizar o escritório. Especializou-se na área e passou a atender vários clientes, até que se uniu a uma empresa de informática sediada em São Carlos e ali ficou até se aposentar, em 2009.

Em seguida, passou a administrar a fazenda herdada do avô; logo arrendou sua parte para cana-de-açúcar e depois vendeu-a para seu sobrinho. Também trabalhou por um tempo na Cooperativa dos Cafeicultores de Dourado até que decidiu dar uma reviravolta na

vida e realizar um sonho que nutria há 52 anos: vendeu terrenos, comprou uma moto de alta cilindrada e aos 72 anos, aceitou convite para fazer uma viagem até Ushuaia, na Argentina.

E, assim, naquela primavera de 2014, saiu com 2 amigos para uma viagem de 42 dias. Percorram 14,5 mil quilômetros, vivenciando intensos exemplos de solidariedade. Experiência incrível. Atualmente, integra a Irmandade “Motociclistas Sem Fronteiras – Livres para Rodar”, e sempre que pode, aproveita para praticar seu principal hobby: viajar de moto.



A SERVIÇO DOS AGRICULTORES, DA PROFISSÃO DO AGRÔNOMO E DOS NETOS

Estudo ou cabo do Guatambu? Essa era a escolha que Gilberto Weslei Mac Fadden e os 4 irmãos tinham que fazer. Como o primogênito estudava em São Paulo, Gilberto optou por permanecer em Piracicaba, sua terra natal, e cursar Agronomia na ESALQ, inspirado no pai – Hervey Ezell Mac Fadden – dono da floricultura Kobal, a 1ª da cidade. E foi muito incentivado pela mãe, Brasilina Moraes Mac Fadden, que prezava o estudo, o respeito e a ética.

Nascido em 1º de junho de 1947, Gilberto é torcedor do XV de Piracicaba – e do Palmeiras – e assistiu a vários jogos com seus ídolos no campo. Também não recusava convite para uma partida de futebol. E jogava bem. Tanto que, embora fosse estudante, participava do time dos funcionários da Escola. Fora convocado, ué, não podia declinar. E ainda era jogador do Kobal, time da chácara onde funcionava a floricultura do pai.

Mas, claro, também era dedicado ao curso e sempre ia à casa do amigo Vitti para reforçar os estudos. Já no 5º ano do curso trabalhou como topógrafo agrimensur na Prefeitura de Piracicaba. Em 1971 passou no concurso da CATI e se tornou chefe da Casa da Agricultura de Flórida Paulista, cidade onde conheceu Maria Aparecida Gomes Marton, mais tarde, Mac Fadden. Casaram-se em 1974 e tiveram 3 filhos: Karina, Wesley e Marcelo.

Na Casa da Agricultura, acompanhou lavouras de café, desenvolvendo trabalhos de conservação do solo para renovação cafeeira, estimulando o plantio em nível de 2 milhões de cafeeiros no município.

Em 1975, viu a dor causada pela grande “geada negra”, que ficou marcada. Atuou no plantio experimental de café Robusta, testando a resistência a nematoides, e na enxertia arábica sem porta-enxerto; trabalhou ainda com pesquisa de amendoim e de algodão, em parceria com o IAC.

Oito anos depois, assumiu o cargo de delegado agrícola da região de Adamantina. Foram 9 anos

de supervisão e fiscalização em 7 cidades; sempre procurou atuar de forma participativa junto aos agrônomos das Casas de Agricultura, o que lhe permitiu ter boa convivência.

Foi a época do manejo integrado de pragas do algodoeiro, e dos trabalhos em parceria com técnicos do SENAR. Atuou no preparo de alimentos e na agregação de valor aos produtos agrícolas, tais como derivados do leite, embutidos e defumados, conservas, panificação, saponáceas etc.

Também supervisionou programas de microbacias hidrográficas e ajudou a recuperar estradas rurais e matas ciliares, bacias de captação de águas pluviais, solos com uso de calcáreo dentre outros.

E, por acreditar na profissão, participou da implantação da inspetoria do CREA em Adamantina, da AEAANAP, da qual foi presidente e, mais tarde, da criação do Clube dos Engenheiros.

Em 1992 passou a atuar no Núcleo de Produção de Sementes e Mudanças de Lucélia, que abrangia toda a Alta Paulista, onde havia culturas de algodão, amendoim, adubos verdes, milho, feijão, mamona etc. Era o agrônomo assistente dos campos de produção de sementes do agricultor.

Sete anos depois, foi para a Defesa Agropecuária de Dracena onde fiscalizava a produção de sementes; era preciso um olhar atento à aplicação e revenda de agrotóxicos, à conservação dos solos, ao controle do cancro cítrico, enfim, a toda produção regional.

Foi uma carreira bastante ativa. Gilberto procurava compreender as necessidades dos agricultores para ajudar a supri-las. Destacava o valor agregado das produções. Nos cargos de gestão, mantinha isenção de ânimo, exercendo as funções de supervisão com tranquilidade.

Atuou, ainda, na implantação da Estação Experimental do IAC – Núcleo de Adamantina, onde hoje é a APTA. Aposentou-se em 2016 e atualmente desfruta a vida servindo e aproveitando a companhia dos netos: Arthur, Julia, Alicia e Henrique.



DAS FAZENDAS DE CAFÉ AOS NEGÓCIOS DE EUCALIPTO, GESSO AGRÍCOLA E AREIA

Seus avós tinham fazenda de café, onde, aliás, nasceu a mãe de João Bosco Olivito Nonino. As lembranças daquele contato com a terra ao lado dos primos não saem da cabeça desse “menino”, nascido em 20 de dezembro de 1944, em Orlandia (SP).

A família foi a grande base para que ele escolhesse e trilhasse sua profissão. A mãe e o pai – ela professora primária e ele um industrial sempre muito curioso – o incentivaram a estudar Agronomia naquela que era conhecida como a melhor Escola do Brasil. Alguns amigos já estudavam lá.

Quando o pai o levou para conhecer a ESALQ, ainda no terceiro ano do Científico, João Bosco ficou impressionado com aquela pujança e com o próprio sentimento diante do prédio principal. E foi ali, naquele exato local, que ganhou dos veteranos o apelido de Tripé, pelo qual é conhecido até hoje pelos colegas da turma A70.

Montou uma república com os amigos, que nunca teve a porta principal trancada. A ela deram o nome de Xoxota. Ele se lembra bem: ficava na Rua Boa Morte, esquina com a XV de Novembro. E, claro, ia de bondinho para a Escola.

Logo no segundo ano do curso, casou-se com Célia Modesto Nonino, com quem teve três filhos: Marcelo, Flávia e Fabiana. E a “herança genética” do amor à terra foi transmitida ao primogênito, que também se tornou engenheiro agrônomo.

Com a vida de casado, João Bosco relaxou nos estudos e – por causa da bendita matemática – atrasou-se em relação à turma; formou-se em 1971. Mas foi com a A70 que fez cursinho, levou trote e passou os dois anos mais intensos da graduação. Ainda durante a Escola fez estágio com plantação de café, lembrando os momentos de infância.

Nos três primeiros anos após se formar, João Bosco Nonino trabalhou na Quimbrasil como supervisor de vendas. Em seguida passou rapidamente pela CBT e conquistou uma vaga na Benzenex, onde atuou como supervisor durante três anos.

Mas foi na Copebras que teve sua maior atuação profissional. Foram 30 anos de trabalho e de uma experiência muito marcante, em um ambiente de confiança e positividade que permeavam a empresa. O agrônomo, que tinha sob seu comando boa parte do Brasil agrícola, aprendeu muito com seus líderes e se inspirou para montar seus negócios.

Entrou na Copebras como supervisor, em 7 de abril de 1977, e ao longo do tempo ascendeu ao cargo de diretor, onde se manteve até se aposentar, em 10 de abril de 2007. Contudo, passou a trabalhar ainda mais.

Isso porque dez anos antes, já havia iniciado sua empresa de gesso agrícola: a Nutrigesso, que atualmente vende 2,5 milhões de toneladas por ano e caminha sob a direção do filho. Mas João Bosco não parou por aí.

Também montou uma transportadora, que nasceu para fazer a distribuição do gesso, e se consolidou no mercado brasileiro atuando no transporte de cargas. Hoje a Itaobi Transportes, localizada em Jardinópolis (SP), conta com uma moderna frota composta por 150 caminhões.

No exercício intenso da profissão, mesmo após aposentar-se, o engenheiro agrônomo tomou gosto pelo empreendedorismo e montou, ainda, uma empresa de eucalipto. Dos 11 mil hectares da Fazenda Nova Zelândia, localizada em Buritizeiro (MG), 6 mil hectares são de eucaliptos. Sem contar os 120 fornos que produzem 7 mil metros cúbicos de carvão por mês.

Também montou uma empresa de areia, a Rincos – Areias Especiais, atualmente sob gerência da filha caçula. E para dar conta de tantas empresas, João Bosco tem parceiros e sócios em alguns dos negócios.

Seu “brinquedo” preferido, contudo, é a fazenda Brejinho, em Sales de Oliveira, que montou sozinho e onde tem plantação de cana e 260 mil frangos instalados. João Bosco Nonino sempre foi muito curioso, aliás, o que lhe ajudou a entrar no mundo tecnológico. Como adora desafios, nem pensa em parar.



Laudelino Carneiro Leite

1945 - 1991

UM LEGADO DE AMOR, SOLIDARIEDADE E DEDICAÇÃO



Justo, estudioso, solidário, um intelectual honesto. Assim era Laudelino Carneiro Leite, que desde muito novo organizava grupos de colegas (ginasial e colegial), para formar rodas de estudo. Ele sempre à frente, sonhando, pensando e realizando.

Nascido em 1º de janeiro de 1945, em Pindamonhangaba (SP), trazia muitos valores que aprendera com seus pais, Laudelino Leite Sobrinho e Saturnina Carneiro Leite, que faziam questão de reunir os 4 filhos na sala de jantar, para as refeições; aquele era um momento de aconselhamento, e Seu Laudelino sempre dizia: “passem fome, se preciso, mas jamais deixem de andar de cabeça erguida”.

Também abriam espaço para escutar os filhos e Laudelino era falante, expunha as angústias, as peripécias, as dúvidas... E mesmo com toda a solenidade de seu pai, conseguia promover um diálogo descontraído e amoroso na família. Gostava daquela hora, era visível em seu semblante. Segundo o primogênito, Antônio Carlos Carneiro, Laudelino foi, desde sempre, o irmão que sabia liderar, amar, ser solidário, manter o compromisso com o direito e a justiça e, sobretudo, elevar-se espiritualmente.

Ainda na juventude, ouvia muitas narrativas sobre a fazenda do tio-avô que era fazendeiro. Visionário, enxergava o Brasil como um país da agricultura, da agropecuária, enfim, do agronegócio. E por isso decidiu cursar Agronomia na ESALQ.

Em Piracicaba teve a peculiar experiência de morar em república e era conhecido como Frigideira e também como Lininho. Alegre, amigo, disciplinado e determinado, fez estágio no Departamento de Fitopatologia da Escola. Fato marcante era sua capacidade de agluti-

nar ideias e pessoas em torno de um projeto para realizar obras coletivas. Isso porque Laudelino era assim, irrequieto, criativo, pessoa de iniciativa e voltada ao bem comum, enfim, uma liderança.

Em 1972, foi chamado pelo grupo precursor que mais tarde criaria a Embrapa e, assim, direcionou sua vocação às grandes causas nacionais; atuou na pesquisa de Fitopatologia e sempre procurava se colocar a serviço de importantes obras de interesse do país.

Seu maior desafio, talvez, tenha sido viabilizar soluções de pesquisa, desenvolvimento e inovação para a sustentabilidade da agricultura em benefício da sociedade brasileira, uma vez que na época, não havia tanta tecnologia ou condições logísticas adequadas. Mas enfrentava com garra o seu dia a dia.

Laudelino trabalhou na Embrapa de Sete Lagoas (MG), onde conheceu Ione Coelho Maciel Leite, com quem se casou no dia 8 de setembro de 1978; logo sem seguida mudaram para os EUA, local de nascimento do filho primogênito, Eric Maciel Leite. Mais tarde, a caçula Maíra Maciel Leite completou a alegria da família.

Laudelino sempre teve enorme carinho e comprometimento com a família; marido dedicado e pai amoroso, conseguiu transmitir aos filhos seus princípios e valores, mesmo em curto período de vida. Faleceu de leucemia em Campinas (SP), no dia 27 de fevereiro de 1991, aos 46 anos.

Eric e Maíra, contudo, captaram a essência de Laudelino e junto à mãe continuaram unidos numa linda e desafiante jornada. Guardam de Laudelino apenas boas lembranças e uma enorme saudade.

Licurgo Nakasu

1946 - 2011

A LUTA EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE E DE UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA



Ambientalista e pesquisador aplicado, com profundo interesse pelo ser humano. Intelectual, ávido leitor, sempre em busca de se atualizar. Essas eram as principais características do engenheiro agrônomo Licurgo Nakasu, segundo a descrição de suas filhas, Carmen e Maria.

Nascido em Atibaia em 10 de agosto de 1946, Licurgo era filho de Maria Sumi Nakasu e João Tadimitsu Nakasu, japoneses. Seu pai, que fora pioneiro na plantação de uva Itália no Brasil, tinha um sonho: fazer uma agroindústria familiar de vinho. Por isso, os dois filhos mais velhos cursaram Agronomia na ESALQ.

Em Piracicaba, Licurgo morou na República Pau Doce. Já no primeiro ano frequentava o CALQ e passou a militar junto à Juventude Universitária Católica (JUC), sonhando com um Brasil mais igualitário. No segundo ano, deixou o curso, mudou-se para São Paulo e passou a integrar a Ação Popular Marxista Leninista (APML), uma das organizações mais numerosas que lutava contra a ditadura militar.

Licurgo era o responsável por estabelecer contatos e cuidar da segurança e do transporte dos jovens. Foi designado para trabalhar em Goioerê (PR) na linha política de integração na produção, afinal, tinha muita afinidade com o ambiente rural.

Conheceu a médica Elzira Vilela na militância. Casaram-se em 1970 e foram morar em Maringá (PR), onde paralelamente às ações sociais, Licurgo passou a dar aulas de História. Elzira engravidou de Carmen e, em 1973, quando a filha tinha um ano, os três foram presos pela polícia política quando estavam dentro do trem na Estação da Luz prestes a embarcar para a Argentina. Foi um grande sofrimento que durou três longos meses. Naquele ano a APML deixou de existir, pois quase todos os integrantes haviam sido presos e desaparecido.

Durante sua prisão, Licurgo não esmoreceu. Depois de sessões brutais de tortura, saía das masmorras do Departamento de Ordem Política

Social (DOPS) cantando, e os demais presos em coro o acompanhavam. Era um homem aguerrido e muito esperançoso. Quando saiu da prisão, quis retomar os estudos na ESALQ, mas fora jubilado. Resolveu pedir o auxílio do pai e conseguiu ser reintegrado ao curso. Assim, se formou somente em 1975.

No ano seguinte voltou para São Paulo com a família e nasceu Maria, a caçula do casal. Licurgo trabalhou por quase 15 anos no Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), onde, logo no início, foi eleito presidente da Associação dos Funcionários.

No fim da década de 1980 separou-se de Elzira e se casou com Julita de Souza, com quem teve mais dois filhos: Airana e Pedro Yoritomo. Adotou sua enteada, Sarah. Depois de residir em Atibaia, mudou-se para Sobral (CE), cidade natal da esposa.

Em Sobral, Licurgo lecionou no Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e nos cursos de Pedagogia e História do Instituto Superior de Tecnologia Aplicada (INTA). Procurava sempre dar aos seus alunos, que o estimavam muito, uma formação que os fizesse enxergar sua realidade e vislumbrar possibilidades de transformá-la.

Doutor em Geociências e Meio Ambiente pela UNESP de Rio Claro (1998), atuava como consultor em desenvolvimento e meio ambiente, agroecologia, pedologia, manejo e conservação de solos, educação ambiental e turismo.

No final de 2008, publicou seu primeiro livro: *Plandesva: plano de desenvolvimento sustentável do Vale do Acaraú*. O segundo – *Aprender com a Natureza* – é uma publicação autoral, que mostra sua vivência no ensino e revela seu lado filosófico, ressaltando a ideia de retornar à simplicidade da natureza.

Em 2011 voltou para São Paulo para tratar um câncer de esôfago. Despediu-se de seus familiares e amigos e faleceu meses depois, no dia 9 de novembro daquele ano, deixando muitos ensinamentos e muita saudade.

EFERVESCÊNCIA POLÍTICA E O DIRECIONAMENTO PARA ECONOMIA RURAL

Desde menino, Luís Henrique Perez partilhava o hobby do pai: plantar. Nascido em 20 de junho de 1946, em Araxá (MG), sempre teve contato com a terra e também tinha suas próprias plantações. Estudou em várias escolas do país, já que seu pai era auditor fiscal da União e se mudavam muito de cidade. No 2º Científico, cursado em São Paulo, um teste vocacional indicou sua tendência à Agronomia, e ele optou pela ESALQ, tão famosa já na época.

Em Piracicaba morou em república e não se esquece do acolhimento que havia entre os amigos; ganhou o apelido de Vitavena. Logo no início, aproximou-se de Licurgo Nakasu, que fazia parte de sua turma prática. Ambos tinham a mesma tendência política, tema efervescente que, àquela época, era assunto rotineiro entre os frequentadores do CALQ.

Luís estava na manifestação que culminou com a catedral de Piracicaba cercada pelo Exército de Campinas. Lembra-se com emoção do momento em que saíram da igreja e viram alunos da Escola dirigindo-se para a praça em defesa daqueles que estavam cercados. A fraternidade sempre foi forte entre os “agricultores”.

Participava das ações de protesto contra o sistema político da época e no 3º ano do curso chegou a ser preso no Congresso da UNE, em Ibiúna, por tentativa de panfletagem numa greve operária.

Poucos dias depois foi solto, mas no ano seguinte decidiu trancar a matrícula do curso para trabalhar numa fábrica de tecidos, no Rio de Janeiro, com o objetivo de mobilizar trabalhadores em prol de melhorias; logo foi preso novamente, desta vez por mais tempo; sentiu a censura na pele. Por outro lado, foi o período em que mais leu em sua vida.

Com tantas experiências, começou a mudar sua forma de pensar e em 1972 decidiu retornar para a Escola; no mesmo ano casou-se com Maria Cândida Raizer Cardinali Perez, da A71, com quem teve um filho, Carlos Cardinali Perez.

Luís concluiu o curso em 1973. Por ser o 1º colocado em Economia Rural, foi indicado para o Mestrado em Economia Rural na Embrapa (1975), mas assim que concluiu, foi dispensado junto com outros que tinham participado de manifestações.

Então foi trabalhar no IPARDES, em Curitiba, onde participou de 2 grandes projetos: um estudo do desmembramento de municípios do Paraná, com dados do censo demográfico e agropecuário, e um projeto de agroindústria. Novamente, outra retaliação devido às atuações da época de estudante tirou-o do trabalho.

Persistente, respirou fundo e seguiu adiante. Foi convidado para trabalhar com projetos de abastecimento na Secretaria de Negócios Metropolitanos; nessa época já estava separado e conheceu Cacilda Mandelli, com quem se casou e teve um filho, Bruno Mandelli Perez.

Em 1979 sua chefe convidou-o para ser assessor na SAA em São Paulo; inicialmente, era responsável pelo programa de estágio da Secretaria e depois participou da criação da Coordenadoria de Abastecimento, tornando-se chefe de departamento e enfim coordenador; trabalhava 14 horas por dia, mas via resultado. Lembra-se de quando passaram a distribuir leite na periferia, era muito gratificante.

Em 1985 casou-se com Zuleica Maria de Lisboa Perez, com quem teve seu 3º filho, Maurício Lisboa Perez. Dois anos depois, passou em

concurso no IEA, onde ficou por 30 anos, até se aposentar. Entrou na área de comercialização de fruticultura, trabalhando com banana, mas logo foi chamado para dar assessoria ao diretor, cargo em que fazia pesquisa e participava da direção.

Luís sempre viveu plenamente e aprendeu muito com cada experiência. Hoje encontra os amigos do IEA apenas nos almoços mensais, e suas atividades preferidas são assistir aos jogos do Timão e passear com sua fiel amiga Bazinga, um pastor belga, na deliciosa Rua do Pomar, em São Paulo, onde mora atualmente.



A LIDERANÇA NO MEC E A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PARADIGMA EDUCACIONAL EMERGENTE

Nascida em 10 de maio de 1947, em Ribeirão Preto (SP), Maria Cândida Moraes passou a infância na fazenda da família, em meio à produção de roseiras; eram mais de 150 mil. Seu pai, Léo Gomes de Moraes, agrônomo formado pela ESALQ, era dedicado à fruticultura e à floricultura, e Maria Cândida vivia num mar de rosas.

Léo inspirou 5 dos 6 filhos a entrar no mesmo curso, amava a Escola. Ao lado de sua Marthinha, construiu sólido alicerce para que os filhos seguissem seus rumos. Maria Cândida não tinha dúvida, cursou o 3º Científico em Piracicaba e entrou na A70.

Aplicada, dedicava-se não só aos estudos, mas também às questões sociais. Aliás desde cedo, foi vice-presidente da UEE de Ribeirão Preto, integrou a JEC e na época da Escola, o CALQ. Em 1968, se apaixonou e decidiu concluir o curso na UNESP, porque queria se casar. Embora tenha saído da ESALQ em 1969, até hoje nutre o amor pelo campus e pela A70.

Seu 1º emprego foi como professora no CTA de Jaboticabal. Encantou-se com a educação. Depois de 2 anos, tornou-se pesquisadora do INPE, em São José dos Campos, atuando na formação técnico-profissional de agricultores nordestinos e professores da área rural, com uso de meios audiovisuais e tecnológicos aplicados à educação, por meio do Projeto SACI. Fez Mestrado em Tecnologias Educacionais pelo INPE (1975) e atuou no 1º projeto de TV Educativa no Brasil.

Foram mais de 5 anos de uma experiência robusta, que lhe permitiu desenvolver visão macro e grande capacidade de planejamento de programas e projetos educacionais. Essa vivência lhe rendeu convite para trabalhar no MEC, onde ficou por 25 anos.

Inicialmente, foi coordenadora de planejamento e avaliação do DSU/MEC, sendo responsável pela educação de adultos, com uso de rádio e televisão. Implementou os Centros de Estudos Supletivos no país e coordenou os primeiros cursos de formação na área; como no tempo da juven-

tude, encheu-se de idealismo e se envolveu cada vez mais com o tema, até que se tornou diretora de planejamento da FUNTEVÊ/MEC, integrando o pioneirismo da TV Educativa no país.

Convidada a estudar a introdução dos computadores na Educação, organizou seminários nacionais, reunindo profissionais de informática, pedagogia, sociologia e psicologia, para dialogarem sobre o melhor uso da tecnologia computacional nas escolas.

Com visão sistêmica e complexa da realidade, ajudou a criar e foi diretora do CENIFOR, bem como coordenadora de Planejamento de Informática do MEC e coordenadora geral do PRO-NINFE. Manteve-se na coordenação técnica dos trabalhos durante a gestão de 9 ministros da Educação, sempre zelando por uma postura de dignidade e competência, aplicando os valores de berço, tão visíveis em seu pai, como integridade, amorosidade, ética e justiça.

Exerceu também a coordenação latino-americana do Projeto de Ciências para Menores em Risco, financiado pela OEA, e ajudou a fundar o Instituto de Estudos Futuros em SP, enquanto cursava o Doutorado em Educação na PUC (1996); sua tese deu origem ao livro “O Paradigma Educacional Emergente” que se tornou best-seller na área. Foi professora de Pós-Graduação em Educação na PUC-SP e na UCB.

Debruçou-se, ainda, sobre temas como aprendizagem, biologia do conhecer, complexidade, transdisciplinaridade em educação e paradigma educativo ecossistêmico. Representou o Brasil na reunião da UNESCO sobre o Pensamento Complexo, atendendo o convite do eminente filósofo Edgar Morin, e publicou mais de 30 livros.

Em 2019, recebeu na Espanha o Prêmio de Criatividade Ricardo Marin. Até hoje integra a Rede Internacional de Escolas Criativas e é professora visitante da Universidade de Barcelona. Também é mãe de Maria Teresa, Ana Maria e Mário Rubens, que fazem de sua vida algo ainda melhor.



Paulo Augusto Simardi

1947 - 2019 *In Memoriam*

REALIZAÇÃO PROFISSIONAL NA VIVÊNCIA EM FAZENDAS E A ATUAÇÃO EM IRRIGAÇÃO



Filho do fazendeiro Waldomiro Simardi e da professora Lucia Aparecida Simardi, Paulo Augusto Simardi sempre teve contato com a terra, já que tanto os pais quanto os tios tinham fazenda. E foi por influência do pai que escolheu cursar Agronomia.

Nascido em 18 de julho de 1947, em São Paulo, tinha ainda 18 anos quando se mudou para Piracicaba. Foi um dos fundadores da república Mau Xero, onde fez grandes amigos, entre eles, Roberto Masayuki Nishitani (BullDog), Clarindo Irineu de Miranda, Normando Marth Pazim (Robusto), Afonso Negri Neto (Bixinho), Salvador José Bernardis, Roberto Lucas Nogueira (Pardal), Renato Rappa, Jair Martinelli (Jajá), dentre tantos outros. Era muito querido.

Rapaz de bom coração, Paulinho era bem-apegoado e muito requisitado pelas moças da cidade; ganhou o apelido de Paulinho Modess. Ainda na época da Escola, teve diversos carros (Simca, Karmann Guia, Galaxie), mas nem por isso era esnobe, ao contrário, sempre ajudava os amigos e não desperdiçava a chance de uma partida de futebol, participando da campanha em que o seu time foi vice-campeão de Futsal Inter repúblicas.

No último ano, precisou trancar o curso por problemas pessoais, mas se formou na ESALQ em 1971. Três anos depois, casou-se com Vania Maria Moreira Iunes, união que durou 20 anos. Adotaram 2 filhas: Tharita, em 1979, que atualmente é médica, e Gabriela, em 1981, hoje turismóloga. Teve 3 netos: Ítalo,

Julia e Luiz Felipe.

Paulinho iniciou sua carreira em uma atuação que lhe fez voltar à raiz: foi gerente em uma fazenda de laranja em Matão (SP), por 3 anos. Depois, trabalhou na própria fazenda, em Monte Alegre de Minas (MG), onde cultivava café. Foram cerca de 6 anos de intensa realização profissional. Gostava do que fazia!

Fez Doutorado na Universidade do Arkansas (EUA) e também gerenciou, por anos, sua fazenda de Gurupi (TO), onde criava gado. Sua trajetória profissional inclui, ainda, extensa passagem pela multinacional francesa Saint-Gobain; durante 15 anos desenvolveu importante trabalho em irrigação e vendas de pivô central, tendo sido responsável pela comercialização de aproximadamente 70 pivôs centrais para empresas do Oeste da Bahia.

Paulinho trabalhou até 2014. Enfrentou desafios na profissão, em especial quando atuou na área de vendas, mas sua principal batalha na vida foi contra si mesmo: vencer o alcoolismo. Conseguiu superá-la ainda na década de 1990, mas seu casamento ficou abalado.

Recuperado, foi para uma pensão em São José do Rio Preto, mas em 2018 caiu e quebrou o fêmur. Chegou a ser operado e foi transferido para a Santa Casa de Santa Fé o Sul (SP), no entanto, faleceu em 11 de outubro de 2019, devido a complicações da cirurgia, deixando grande vazio nos corações dos colegas da A70.

Gerações Esalqueanas

Tenha em mente que tudo que você aprende na escola é trabalho de muitas gerações. Tudo isso é posto em sua mão como sua herança para que você receba-a, honre-a, acrescente a ela e, um dia, fielmente, deposite-a nas mãos de seus filhos. (Albert Einstein)



SÓLIDO ALICERCE PARA OS CAMINHOS PERCORRIDOS APÓS A AGRONOMIA

Cursar Agronomia na ESALQ, em especial na década de 1960, significava construir um sólido alicerce para a carreira. Ali foram edificadas histórias de vida singulares, cheias de beleza e desafios. Aquele período foi marcado por momentos de aventura, incertezas, amizade e celebração. Era, para a maioria, a realização de um sonho.

Muitos tinham essa aspiração devido às suas origens. Uns viveram em sítios e fazendas, outros tinham exemplo na família, de avós, pais, tios e irmãos que abriram o caminho, iniciando suas trajetórias na Escola. Falavam com orgulho da gloriosa ESALQ, inspirando seus sucessores.

Mais tarde, muitos agrônomos da A70 foram inspiração para seus filhos que, decididamente, seguiram o mesmo caminho. A ESALQ arraigou-

se em muitas famílias, criando uma tradição e envolvendo diferentes gerações de profissionais formados na Escola.

Este levantamento da turma A70, idealizado por Carlos Aquino (Baiano) leva em consideração as linhas diretas de gerações. Se fossem incluídos primos e sobrinhos, a abrangência seria muito maior e, talvez, não houvesse páginas suficientes neste livro.

Além das gerações esalqueanas, muitos colegas da turma tiveram filhos que seguiram a vocação dos pais e também se formaram em Agronomia em outras conceituadas faculdades, dando origem a uma importante tradição familiar.

Desta forma, as histórias foram construídas de maneira única e exclusiva por diferentes trilhas, mas sobre o mesmo alicerce.

A70 – GERAÇÕES E FAMÍLIAS ESALQUEANAS

Pais

Carlos Roberto N. de Aquino (Baiano)

Clóvis Nunes de Aquino | 1937 | Produtor rural na Bahia (cacau e agropecuária)

Clóvis Machado Ferreira (Clovito)

Clóvis Martins de C. Ferreira | 1930 | SAA

José Antonio F. S. Lima (Zé do Burro)

Arnaldo Lima | 1937 | Produtor rural no interior de São Paulo

Marcilio Nogueira do A. Gurgel

José Theóphilo do A. Gurgel | 1937 | Professor do Departamento de Genética

Marly Terezinha Pereira

Adherbal Pereira | 1950 | Delegado Agrícola da CATI e Diretor do Parque da Água Branca

Otávio Teixeira M. Neto*

Antonio José T. Mendes | 1934 | Pesquisador IAC

Reinaldo Romanelli

Mario Romanelli | 1940 | Diretor do Instituto Florestal São Paulo

Zilda Tereza P. de Barros

Dirceu Paes de Barros | 1938 | Serviço Florestal – SAA

*Integra a maior família de engenheiros agrônomos do estado de São Paulo: 56, a maioria é esalqueana

Irmãos

Altair Lombardi

Francisco Lombardi Neto | 1967 | Pesquisador do IAC na área de Conservação do Solo

Antonio Pereira Lima (Tonhão)

Petrônio Pereira Lima | 1974 | CATI

Godofredo Cesar Vitti

Francisco de Assis M. Mariconi | 1949 | Professor do Departamento de Entomologia

Eduardo Mizumoto

Ademar Iwao Mizumoto | 1972

Celso Norimitzu Mizumoto | 1974

Yutaka Mizumoto | 1969

Luiz Antonio M. Walder (Peixinho) e Vladimir Melges Walder (Vlad)

Ambos formados em 1970 | Seguiram carreiras em cana-de-açúcar e na EMATER/ES, respectivamente

Régia Aparecida C. de Almeida

Antonio Aparecido Carpanezzi | 1975 | Engenharia Florestal – Embrapa – pesquisa florestal

Roberto Usberti (Maria Bonita)

José Alfredo Usberti Filho | 1968

Urias Bellusci

Herval Bellusci | 1959 | SAA

Vilma Bissoli

Dirce Bissoli Ortolani | 1959 | Diretora do CATI – Secretaria da Agricultura de São Paulo

Cônjuges

Humberto Del Nery

Regina Célia Melato Del Nery | 1970 | Ciências Domésticas

José Ricardo C. De M. Junqueira

Maria Elisa Benetton | 1971

Olinda Barbosa M. de Souza

José Marques de Souza (Zé Prefeito) | 1969 | Cargos de direção na EMPAER e SEMAGRO

Vera Lucia M. S. Walder e Vladimir Melges Walder (Vlad)

Ambos da 8ª turma prática da A70 | Serviço de Extensão Rural da EMATER/ES e EMCAPA/ES, respectivamente

Wilson Roberto S. Mattos e Zilda Tereza P. de Barros

Ambos da 8ª turma prática da A70 | Professores do Departamento de Zootecnia e Economia Rural e Sociologia, respectivamente

Filhos

Antonio Carlos Guillaumon (Fubá)

André Guillaumon (Kirela) | 1996 | Ramo agropecuário – presidente Brasil Agro

Aparecido Altino Davoli (Véiãõ)

Rodrigo Davoli | 1996 | Nutrição Vegetal

Euclides Foroni Junior (Fofô)

Euclides Foroni Neto | 2006 | Cana-de açúcar

Luiz Celso H. Teles

Rodrigo Zancaner Teles | 1996 | Empresário do agronegócio

Luiz Sebastião Ferreira (Porquinho)

Luiz Renato de Paula Ferreira (Piau) | 2005 | Cana-de-açúcar

Marcos Zanaga Trapé (Marcão)

Roberto Rodrigues Trapé | 2004 | Empresário – Bob Trapé Paisagismo em Campinas, SP

Márcio Fonseca Reis (Xuxu)

Fernando Martins F. Reis (Pepônio) | 2003 | Empresário – Fast Agro em Rondonópolis, SP e Nitro e Gênica em Piracicaba, SP

Ossir Gorenstein (Barraca)

Maurício Romero Gorenstein | 1997 | Engenharia Florestal – professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, em Dois Vizinhos, PR

Renato Rappa (Carabinieri)

André Rappa | 1999 | Empresário – gerenciamento agroindústria

Roberto de Souza Gomes Coelho (Coelhão)

Fernanda de Souza Coelho | 1999 | Produtor rural – pastagens e ovinocultura

Roberto Lucas Nogueira (Pardal)

Mauricio Terzella Nogueira | 2002 | Pecuária

Mais de um parente formado na Escola

Álvaro Ferraz de Siqueira Filho

Filha | Cristiana Ferraz de Siqueira | 2003 | Consultora de mercado commodities agrícolas

Genro | Sérgio Luiz Bardella Aratangy | 2001 | Empresa Damha Agro

Irmã | Maria Isabel F. de Siqueira | 1978 | Produção de café

Irmão | Luiz Fernando F. de Siqueira | 1981 | Produção cana-de-açúcar

Ana Cândida Pacheco de Aguirre

Pai | Fausto Pacheco de Aguirre | 1941 | Produtor de leite

Tio | José Manoel de A. Junior | 1926

Tio-avô | José de Negreiros Cesar | 1911

Tio-avô | Paulo Leite de Negreiros | 1912

Tio-avô | Pedro Moura de O. Santos | 1913 | Catedrático de Botânica Geral e Descritiva

Eloah Maria P. de Oliveira

Pai | Vicente Gonçalves de Oliveira | 1924

Tio | José Arlindo A. de C. Pacheco | 1946

Tio | Angelo Ayres de C. Pacheco | 1952

João Américo Beltrame

Filho | André Boldrini Beltrame | 2003 | Pesquisador da EPAGRI

Nora | Ana Eliza de G. Beltrame | 2006 | Professora

Luiz Arnaldo Gatti Bergamin

Pai | Armando Bergami | 1941 | Professor do Departamento de Zootecnia

Filha | Mariana Clementi B. Krugner | 2000 | Silvicultura

Irmão | Armando Bergamin Filho | 1971 | Professor do Departamento de Fitopatologia

Marília Oetterer

Pai | Francisco de Salles Oetterer | 1942 | Diretor da DIRA de São José do Rio Preto, SP

Filha | Taís Oetterer de Andrade* | 1996 | Diretora do CLQ

Sogro | José de Andrade Sobrinho | 1935 | Pesquisador do IAC

Ex-marido | José Arthur de Andrade | 1968 | Diretor do Colégio Luiz de Queiroz (CLQ)

Mauricio Candido de Souza Dias

Família com 14 engenheiros agrônomos pela ESALQ

Newton Macedo (Rabisco)

Filha | Daniella Macedo | 1996 | Certificação da cadeia produtiva agrícola

Esposa | Maria Inês B. Macedo | 1972 | Economia Doméstica

Thomas Caetano Cannavam Ripoli

Pai | Romeu Ítalo Ripoli | 1940 | Empreendedor e impulsionador do progresso de Piracicaba

Filho | Marco Lorenzzo C. Ripoli (HULQ) | 1999 | Executivo em empresas de mecanização agrícola e empreendedor

*A Taís tem os dois avôs, o pai e a mãe esalqueanos

Professores

A primeira fase do saber é amar os nossos professores. (Erasmus de Roterdã)



Eduardo Castanho Ferraz

A COMPANHIA À EUROPA DO PROFESSOR QUE INSTITUIU A FISILOGIA VEGETAL NA ESALQ



O professor Eduardo Castanho Ferraz, mais conhecido como Dadinho, foi quem acompanhou os alunos da A70 à célebre viagem para a Europa, endossada pela ESALQ, em 1969/70. Foram cerca de 60 dias inesquecíveis para aqueles estudantes que se lembram até hoje das peripécias de juventude. Eduardo já era professor na Escola havia mais de 10 anos quando aceitou o convite para participar dessa aventura.

Nascido em São Paulo em 24 de outubro de 1934, Eduardo é de família piracicabana e decidiu cursar Agronomia pela facilidade de ter em Piracicaba uma instituição tão renomada como a ESALQ. Formou-se em 1957, e como era aluno aplicado, foi convidado pelo professor Walter Radamés Accorsi para integrar a 3ª Cadeira, denominada Botânica Geral e Descritiva. Assim, em 1958, Eduardo foi contratado pela ESALQ.

No ano seguinte, casou-se com Silvia Regina Tricanico Ferraz, com quem teve 3 filhas: Silvia, Marcia e Cristiana. Silvia é economista e atualmente dirige uma propriedade agrícola em São Pedro, Marcia é engenheira mecânica e aposentada como profes-

sora de Matemática na Pós-Graduação do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ, e Cristiana é engenheira agrônoma formada pela ESALQ. Hoje Eduardo tem 6 netos e 2 bisnetas.

Eduardo conta que naquela época, na Botânica, havia professores de taxonomia e de anatomia, mas não existia quem explicasse o funcionamento das plantas; como respiravam, como era feita a fotossíntese, enfim, não existia aula de Fisiologia Vegetal na ESALQ. Fez, então, cursos na Costa Rica, passou 6 meses na Espanha e quando voltou ao Brasil, começou a dar aulas de Fisiologia Vegetal, a nova disciplina.

Não só atuou como professor do Departamento de Botânica, como também foi o introdutor da Fisiologia Vegetal na Escola. Embora fosse apenas professor assistente, assumiu aulas práticas e teóricas de Fisiologia, fato raro para a época, quando a teoria era ministrada somente pelos catedráticos. Aquele curso na Espanha lhe abriu as portas para ampliar a atuação na Escola e se tornou base de suas aulas.

Eduardo era jovem e muito próximo dos alunos, tratava-os como cole-

gas. A isso atribui o fato de tão grande aceitação de suas aulas, enquanto os catedráticos mantinham certa distância dos estudantes. Ao longo da carreira, fez várias viagens e participou de diversos congressos sobre Botânica. Em 1974 lançou o livro “Poluição e Agricultura”, pela Editora Agronômica Ceres, e mais tarde, publicou diversos artigos científicos.

Porém poucos eventos em sua carreira tiveram a leveza da viagem à Europa com alunos da A70, em que pese a grande responsabilidade. Ele conta que essas viagens eram relativamente comuns na Escola e que esta da A70 deveria ter sido acompanhada pelo professor Admar Cervellini, o catedrático da Física e Meteorologia; como ele não pôde ir, convidaram o professor Dadinho, que não pensou duas vezes para aceitar, afinal, uma viagem como aquela para a Europa e com tudo pago era, para ele, irrecusável. Ainda mais com a companhia de sua querida esposa Silvia.

Embora já tenham se passado mais de 50 anos, Eduardo se lembra de fatos pitorescos, como quando foram à Suécia para conhecer a fábrica dos tratores Volvo, e o chofer, ao passar por uma cidade de ruas difíceis e estreitas, foi bastante aplaudido durante a travessia. Como o grupo o achou bastante parecido com o técnico da seleção brasileira, João Saldanha, passou a chamá-lo de Saldanha, aliás, o responsável por preparar o time e pela classificação da seleção para a Copa de 1970, que ocorreria no México.

O motorista europeu também se surpreendeu ao ser convidado para sentar-se à mesa e fazer as refeições com a trupe; talvez esse convite ou os calorosos abraços dos jovens estudantes em Estocolmo tenham sensibilizado o chofer, que foi até o aeroporto para se despedir da turma, surpreendendo a todos. Para o professor Eduardo, o motorista ficou comovido com o jeito espontâneo dos brasileiros.

Outra surpresa para a turma foi ser recebida numa choperia de Frankfurt com a música “A Banda”, de Chico Buarque. Todos se emocionaram pela carinhosa referência, numa Alemanha tão fria.

E embora a temperatura estivesse baixa, o único lugar em que realmente passaram muito frio foi em Paris, porque ventava o tempo todo. Mas a turma era animada, conta o professor, e nada detinha aqueles alunos. Considerando que tinha sob sua responsabilidade mais de 20 jovens, Eduardo diz que a viagem foi tranquila e garante: todos se comportaram muito bem, inclusive comparecendo quase sem faltas à extensa maratona de visitas técnicas agendadas.

Modesto, quando soube da homenagem no livro do Jubileu de Ouro da A70, disse que ficou feliz, mas que apenas fez o seu trabalho; para ele, a saudade da Escola que atinge a todos faz os defeitos serem minimizados e as qualidades elevadas. Os agrônomos contestam e garantem que Dadinho foi a melhor companhia que eles poderiam ter tido na viagem.

Fernando Valadares Novaes

1941 - 2021

REMINISCÊNCIAS DA VIAGEM À AMÉRICA DO SUL E A PROFÍCUA TRAJETÓRIA NA ESALQ



Conhecido como Cuiabano, Fernando Valadares Novaes foi quem acompanhou a turma A70 na “Viagem de Observação e Estudos” a alguns países da América do Sul, logo após completar 2 anos como docente da ESALQ. Foi uma divertida epopeia, da qual carrega lembranças inesquecíveis, somadas a uma profícua trajetória como docente e pesquisador da ESALQ.

Nascido em 16 de outubro de 1941, em Campo Grande (MS), mudou-se para São Paulo a fim de completar seus estudos. Em 1962 participou do extenuante vestibular da ESALQ que, àquela época, era composto de provas escritas, práticas e orais; após angustiante espera como vestibulando excelente, realizou o sonho de ingressar no curso de Agronomia.

O 5º ano coincidiu com o 1º dos alunos da A 70 que foram seus calouros. O ano de 1966 foi marcado por fatos importantes para ele: Fernando casou-se e foi bolsista da FAPESP, junto à Cadeira de Tecnologia do Açúcar e do Álcool. Assim que concluiu o curso, participou da Campanha de Erradicação de Cafeeiros Improdutivos pelo

IBC nos estados do Paraná e Espírito Santo, até meados de 1967.

Enquanto aguardava sua contratação pela ESALQ, que ocorreu em setembro daquele ano, passou a atuar como estagiário voluntário na destilaria de cachaça da Cadeira. Em 1968 foi contratado como professor e já em 1969 ministrou aulas à turma A70, ocasião em que foi convidado por um grupo de alunos para ser o professor responsável por acompanhá-los naquela memorável viagem.

Parte dela foi realizada em ônibus cedido pela Diretoria da Escola, cujo 1º destino foi Curitiba (PR). Depois, atravessando Santa Catarina e Rio Grande do Sul, tinham por destino o balneário de Punta Del Este.

Antes, ao passar na cidade uruguaia de Maldonado, souberam que ali situava-se a fazenda do ex-presidente João Goulart, exilado naquele país após ter sido deposto da Presidência do Brasil; então se dirigiram até lá. Foram gentilmente recebidos por ele e, após um cafezinho e uma boa prosa de mais de 2 horas, seguiram viagem. Sem um local para pouso, contudo, “acamparam” dentro do

ônibus, no interior de um bosque.

Foram muitas as aventuras vivenciadas durante a viagem. Até hoje, Fernando se diverte ao lembrar-se daquela epopeia, sendo seu ponto derradeiro o Chile, cuja capital, Santiago, foi alcançada após atravessarem a Cordilheira dos Andes em uma pequena Van, via estrada tortuosa e sem pavimentação.

Uma lembrança daquela cidade, que ele traz consigo até hoje, é o selo comemorativo do milésimo gol do Pelé, autografado pelo rei-. O famoso jogador integrava a delegação do Santos F.C., que lá se encontrava para jogar contra o Colo Colo, partida essa que assistiram no Estádio Nacional do Chile, tendo o Santos perdido por 4 x 3.

De volta à “realidade” esalqueana, em 1971 Fernando defendeu sua tese de Doutorado, cuja pesquisa comprovou que a cana, previamente queimada para sua colheita, perdia menos açúcar do que aquela despalhada manualmente, ao contrário do que se acreditava ocorrer. Até então aplicava-se sobre a queimada um deságio, em prejuízo dos fornecedores de cana. Com base nesse trabalho, o IAA houve por bem abolir aquele desconto que beneficiou, sobremaneira, a renda dos fornecedores daquela matéria-prima às usinas de açúcar.

Em 1975 foi convidado pela Diretoria da Embrapa, através do Prof. Almiro Blumenschein, para sua assessoria

técnica na empresa, vinculada ao MAPA. Cedido pela USP, com aquiescência da ESALQ, Fernando mudou-se para Brasília com a família – a esposa Elisabete e seus 3 filhos. Concluído o trabalho junto à Embrapa em 1977, continuou em Brasília, transferindo-se para o Gabinete do então ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, onde, entre outras funções, foi representante daquele Ministério junto ao IAA, no RJ. Em 1979 retornou às atividades na ESALQ.

Fernando sempre gostou de dar aulas, principalmente as práticas, onde aplicava a máxima “quem ouve, esquece; quem vê se lembra; quem faz aprende”. Não à toa, foi professor homenageado por mais duas outras turmas de formandos. No ensino e na pesquisa especializou-se nas produções de etanol e de cachaça e, principalmente, no caso desta bebida, desenvolveu um novo padrão, resultando na cachaça bidestilada.

Aposentou-se em 1997, continuando sua atividade profissional como consultor junto aos produtores de cachaça. Surpreendeu-se ao saber que seria um dos homenageados no livro do Jubileu de Ouro da A70. Considerava ser esse um reconhecimento especial para um professor: “não há prazer melhor do que ser ainda lembrado pelos ex-alunos, 50 anos depois.” Faleceu em 02 de fevereiro de 2021, em Campo Grande.

Humberto de Campos

1937 - 2020

O AMOR AOS NÚMEROS E A FACILIDADE COM A MATEMÁTICA QUE AUXILIOU ALUNOS DA A70



No dia 22 de março de 1937 nasceu em Rio Verde (GO) Humberto de Campos, o penúltimo de 12 da prole. Como passava boa parte do tempo na fazenda de seu cunhado, decidiu cedo que queria estudar “para ser fazendeiro”. Morou em Silvânia (GO), depois em Lavras (MG) e, finalmente, já com a intenção de estudar na ESALQ, decidiu fazer o Científico em Piracicaba, de onde nunca mais saiu. Ajudou muitos alunos da A70 a realmente compreender Matemática.

Humberto iniciou o curso de Agronomia em 1955. Morava na República Pecúria e ganhou o apelido de Goiano, do qual muito se orgulha, por marcar suas origens. Tirou 10 na 1ª prova do temido professor Orlando Carneiro, o catedrático da Matemática que exigia terno e gravata em suas aulas; foi um alvoroço na Escola, afinal, quase nenhum bixo conseguia esse feito. Para Humberto, contudo, foi natural, desde menino gostava de tudo que tivesse números.

Logo começou a dar aulas particulares de Matemática e o sonho de ser fazendeiro foi substituído pelo de ser professor da ESALQ, mas tinha que ser na Cadeira de Matemática. Quando

Humberto se formou, em 1958, chegou a receber convite para atuar em outras Cadeiras, mas não aceitou.

Passou pelo IAC, pela Anderson Clayton, pela Fazenda Ipanema, enfim, trabalhou em várias áreas enquanto aguardava uma oportunidade na ESALQ; claro, sempre mantendo contato com os professores da Cadeira. Em 1960 casou-se com Theresinha Vanda Thomaziello de Campos, com quem teve 5 filhos: Humberto Júnior, Patrícia, Marcelo, Rodrigo e Isa; hoje tem 8 netos e 4 bisnetos.

Humberto estava em Ribeirão Preto, onde desenvolvia um trabalho na área de irrigação e drenagem pela SAA, quando sua esposa lhe telefonou dizendo que tinha aberto vaga na Matemática. Ele não pensou 2 vezes e voltou para participar do concurso. Assim, em 1961 foi contratado como professor assistente.

Ao longo dos anos, galgou todos os degraus na carreira: fez Mestrado, Doutorado e Livre-docência até que se tornou Professor Titular. Também passou um ano na Universidade de Ohio (EUA), onde fez curso de aperfeiçoamento. Sua atuação foi intensa. Humberto ocupou vários cargos de lideran-

ça na Escola e na cidade que escolheu para viver.

Foi chefe do Departamento de Matemática e Estatística, coordenador do curso de Pós-Graduação, presidente da Comissão de Pós-Graduação, representante da Escola no Conselho Universitário da USP, em São Paulo, e em 1987 tornou-se diretor da ESALQ.

Cumpriu com maestria sua missão. Implantou disciplinas, criou o curso de Economia Doméstica e a Residência Agrônômica, além de instituir o SIA-GRO. Além disso, participou ativamente da incorporação do Horto Florestal de Itatinga ao patrimônio da USP.

Humberto também foi vice-prefeito de Piracicaba, secretário de Educação e prefeito de 1997 a 2000. Como secretário da Educação elevou de 22 para 48 o número de creches na cidade. Além disso, foi professor da EEP e diretor executivo da FUMEP durante 3 anos.

Como professor da ESALQ, foi diferente de seus mestres, que eram austeros. Muitos estudantes da A70, quando tinham dificuldade de compreender o

que dizia o professor Frederico Pimentel Gomes, procuravam Humberto, que os recebia em sua casa. Isso porque gostava de dar aula e se sentia feliz ao perceber que os alunos também gostavam de suas aulas.

Humberto tinha facilidade para transmitir conteúdo, o que atribuiu à clareza de ideias, que sempre o acompanhou. Além da Matemática, também ensinou Estatística. Em tudo o que realizou fazia questão de ser exemplo de dedicação e honestidade, valores aprendidos com seus pais, Rosulino Campos e Carlinda Cunha Campos.

Todo esse processo interativo fez com que o professor Humberto de Campos fosse homenageado por 17 turmas da ESALQ. Embora não comemorasse, por entender que apenas cumpriu sua missão, não escondia o seu amor pela Escola, afirmando sempre: “uma das coisas de que mais me orgulho é ter tido a oportunidade de ser professor da ESALQ”. Humberto faleceu em 6 de agosto de 2020, aos 83 anos, em Piracicaba.

José Luiz I. Dematte

AS QUEBRAS DE PARADIGMA COM APOIO DOS ESTUDANTES



O professor José Luiz Ioriatti Dematte foi um dos mais lembrados pelos agrônomos da A70 durante as entrevistas para o livro do Jubileu de Ouro. Ele era companheiro, ia a campo na carroceria do caminhão, enfrentando a poeira junto com os alunos, e ainda participava dos churrascos da turma, atitude rara para a época, em que os docentes eram mais distantes. Para ele, essa aproximação ocorreu porque a A70, assim como outras turmas, sempre o apoiaram nos enfrentamentos de sua carreira, o que lhe permitiu quebrar paradigmas e mudar conceitos no ensino de Solos.

Nascido em Serra Negra (SP), em 22 de outubro de 1940, mudou-se ainda menino para Londrina (PR), mas sempre que ia visitar os parentes no estado de São Paulo, passava pela ESALQ e, admirando seus campos, pensava: um dia vou estudar aqui. Sua tendência para a Agronomia veio da vivência nas propriedades agrícolas da família, e estava tão certo de sua escolha, que decidiu já cursar o 3º Científico em Piracicaba, junto com o cursinho.

Entrou na ESALQ em 1960. No 2º ano, precisava encontrar meios de se manter na cidade, quando soube que

a FAPESP oferecia bolsa de Iniciação Científica, então, saiu à procura de um orientador para assinar seus formulários de solicitação. Tentou em várias Cadeiras da Escola e no fim da tarde, exaurido de tanto perambular, viu que o Pavilhão de Agricultura estava aberto; mesmo sem saber o que funcionava ali, decidiu entrar.

Dirigiu-se a um professor que estava sentado à mesa, pintando um mapa, e lhe explicou sua intenção. Outro docente que estava na sala comentou com seu colega: “você vai precisar de alguém para abrir as porteiras durante o seu mapeamento de terras, então aceite esse rapaz para ajudá-lo”. Assim, Dematte iniciou seu estágio acompanhando o catedrático Guido Ranzani aos campos e, mais tarde, tornou-se reconhecido especialista na área de Solos.

Trabalhou no Departamento pelos 4 anos seguintes; quando se formou, em 1964, aceitou convite do professor Guido para permanecer na Escola e construiu sua vida em Piracicaba. Em 1965 casou-se com Rosalda Aparecida Melo Dematte, com quem teve 2 filhos: José Alexandre e Erica, que mais tarde lhes deram 3 netos.

Naquele ano, Dematte foi contratado como professor assistente pela ESALQ; em 5 anos concluiu o Mestrado, o Doutorado e se tornou Livre-Docente na área de Solos pela ESALQ. Esse foi exatamente o período em que os alunos da A70 cursaram Agronomia e as quebras de paradigma ocorreram.

A 1ª foi em relação às aulas de Solos, até então realizadas em laboratório. Incentivado pelo professor Geraldo Victorino de França, Dematte passou a olhar a paisagem para compreender melhor o que apontavam os perfis de solos; então, quebrando barreiras, levou os estudantes a campo.

Além disso, começou a produzir textos, numa época em que apenas os catedráticos escreviam. Foi inquirido por Guido, mas argumentou que os alunos precisavam daquele material; mais tarde, o catedrático lhe propôs montar uma apostila.

Para Dematte, o apoio dos estudantes da A70 foi fundamental e fez com que os novos conceitos fossem estabelecidos. A evolução foi tão grande, que depois ele criou uma disciplina de campo, sempre muito procurada pelos alunos, e ainda instituiu outras disciplinas de Graduação e Pós-graduação; os cursos evoluíram para manejo do solo. Para ele, a A70 foi um marco.

No início da década de 1970, De-

matte fez o 2º Doutorado na Universidade Ohio e, na volta, foi impulsionado pelo então diretor da Escola, Joaquim Engler, a assumir a direção do Departamento de Solos; então convidou o professor Godofredo Cesar Vitti, agrônomo da A70, para vir de Jaboticabal para Piracicaba.

Dematte era considerado ovelha-negra no Departamento por prestar consultorias externas, mas na verdade, buscava maneiras de auxiliar a aprendizagem e contribuir com a agricultura no país. Foi assim que decidiu fazer a gestão do Laboratório de Análise de Solos por meio da FEALQ, para viabilizar a prestação de serviços à comunidade.

Durante 11 anos esteve à frente do Departamento de Solos, instituindo concurso para contratação de docentes; ficou na Escola até se aposentar, em 2000, após orientar cerca de 40 teses de Mestrado e Doutorado; inúmeras vezes foi homenageado.

Ao completar seus 80 anos, no ano do Jubileu de Ouro da A70, Dematte comemora e reforça seu principal legado: a coragem para o enfrentamento, fundamental na vida. Questionado sobre as dificuldades devido à resistência que encontrou na carreira, ele responde: faria tudo de novo por essa turma que abriu as portas para tantas outras.

Klaus Reichardt

CAMINHO PELAS ÁGUAS: DA FÍSICA APLICADA ÀS AQUARELAS



Na carreira ou nas artes, seu foco esteve sempre na água. Klaus Reichardt é reconhecido pelos alunos da A70 tanto pelas aulas de Física com foco em irrigação e meteorologia, quanto pelas aquarelas espalhadas pela ESALQ. Mas não foi sempre assim. Nascido em 14 de dezembro de 1940, em Santos (SP), Klaus detestava as Ciências Exatas e amava Biologia. Até por isso decidiu cursar Agronomia.

Passou em 6º lugar no vestibular e em 1959 ingressou na ESALQ. Morava na República Saudades da Mamãe, e por ser filho de um pastor evangélico de Berlin, ganhou o apelido de Cachorro, pelo qual ficou conhecido pelos amigos de sua turma. Mas nas artes se estabeleceu como Nikolaus, também reforçando suas origens.

Quando Klaus soube que muitos agricultores demoravam a concluir o curso devido às reprovações em Matemática e Física, decidiu se dedicar. Não queria aquela história para si. E o sonho de talvez criar boi ou plantar café, talvez arar o solo e sujar a bota no barro, deu lugar a outro projeto: tornar-se bom em exatas.

Conseguiu. E logo se tornou professor no cursinho pré-vestibular que

funcionava no Pavilhão de Química da Escola. Ali, teve os primeiros retornos por sua habilidade no ensino; até hoje encontra profissionais que lhe agradecem pelas aulas. Também foi no cursinho que conheceu Ceres Pinto Viegas, com quem se casou e teve 3 filhos: Roberto, Gustavo – pai de Alice e de Pedro – e Fernanda, em fase de adoção do indiozinho Davi Seremrã-miwe Xavante.

No 2º ano da Agronomia, Klaus foi convidado pelo professor Admar Cervellini para ser bolsista pelo CNPq na Cadeira de Física e Meteorologia; ainda relutante com as exatas, disse não. Mas no dia seguinte o procurou e ali ficou até se formar, em 1963.

Dedicado, recebeu convite para permanecer na Escola e em 1964 foi contratado como professor assistente da 1ª Cadeira, ao mesmo tempo em que desenvolvia sua tese de Doutorado sobre o uso da radiação gama na determinação da densidade e da umidade do solo, defendida em 1965 na ESALQ. Klaus começou a gostar da Física aplicada.

A empolgação foi tanta que, logo após o Doutorado, começou a estudar o processo da evaporação de água do

solo, também com uso da radiação gama, para tornar-se Livre-docente. Mas essa foi uma etapa puxada; enfrentou muita resistência, afinal, por que um professor de Física estava estudando solo? Enfim, em 1968 conquistou a Livre-docência e partiu para Davis, na Califórnia; em 1971 obteve o PhD em Ciência do Solo, marco importante na carreira.

Aplicou as técnicas de radiação gama em solos e se encantou com o estudo da água, numa época em que o assunto era ainda incipiente; havia diferentes conceitos que precisavam de homogeneização, e Klaus conseguiu construir uma ponte entre Física e Agronomia; gostava dessa simbiose.

Foi representante dos alunos na congregação da ESALQ, dos professores assistentes, dos Livre-docentes, chefe do Departamento de Física e coordenador da reforma geral da ESALQ, um momento de tensão. Klaus acompanhou muitas mudanças na Escola, inclusive a criação do CENA.

Ao retornar de uma missão de 3 anos na ONU, em Viena, em 1986, voltou a pintar intensamente. E depois de se aposentar, em 2002, dedicou ainda mais atenção à aquarela. Não que tenha parado de trabalhar, pelo contrário; professor sênior, continuou no CENA e na ESALQ orientando Mestrados e Doutorados em Física de solos e

Fitotecnia. Em 2004 publicou, com seu aluno Luís Carlos Timm, o livro “Solo, planta e atmosfera: processos, conceitos e aplicações”, editado também em inglês, pela Springer.

Mas voltou a dar atenção especial à arte pela qual se interessou, ainda menino, por sua simplicidade: exigia apenas papel, pincel e tintas à base de água. E foi na volta daquela viagem, em 1986, que adotou formas geométricas como seu estilo, inspirado em um artista que conheceu na Tailândia. Essa se tornou sua marca, a mosairela, combinação de mosaico com aquarela.

Ao longo da carreira, Klaus foi indicado “Fellow” da Sociedade Americana de Agronomia, promovido a Cidadão Piracicabano pela Câmara e recebeu do MCTIC o título de Comendador de Mérito Científico. É membro da Academia Brasileira de Ciências e integra a Academia Mundial de Ciências para o avanço da ciência em países em desenvolvimento.

Em 2013 foi um dos contemplados com o Prêmio Bunge na área de Recursos Hídricos/Agricultura, na categoria Vida e Obra, o que o deixou muito lisonjeado.

É o autor da capa deste livro do Jubileu de Ouro da A70, obra que produziu a pedidos e ofertou à turma com o mesmo empenho que sempre caracterizou sua trajetória.

Otto Jesu Crocomo

A HABILIDADE COM A BIOQUÍMICA E OS DESAFIOS DE ENSINÁ-LA COM MAESTRIA



Professor de Bioquímica na ESALQ, Otto Jesu Crocomo era exigente. Na A70 todos se lembram dele, ou porque amavam a disciplina ou porque a temiam. Mas aquele rigor vinha da certeza que Otto sempre teve de que, com dedicação, os alunos seriam capazes de aprender e progredir.

Nascido em Piracicaba, em 23 de setembro de 1932, encantou-se pela ESALQ ainda menino; era o lugar onde passeava com a família. O 8º filho de uma grande família, Otto queria cursar Medicina, porém quando iria comentar com seu pai sobre esse anseio, seu irmão lhe fez pensar: quem o sustentaria em outra cidade? A vida era difícil e eles já não tinham mais a mãe.

Sem pestanejar, Otto decidiu cursar Agronomia, afinal, gostava de Biologia e Química, então poderia ser bem sucedido. Ingressou como aluno em 1953 e se entregou aos estudos; aplicado, logo começou a trabalhar na Cadeira de Química Orgânica e Química Biológica, com o professor Eurípedes Malavolta, seu guia na vida científica e acadêmica. Nessa época colaborou com José Dal Pozzo Arzolla e Domingos Pellegrino, assistentes do Prof. Malavolta nas aulas práticas. Otto sempre procu-

rou seguir grandes personalidades, a fim de se inspirar. Mais tarde, tornou-se inspiração para muitos.

Formou-se em 1956, ocasião em que recebeu o prêmio Manah, de Química, e então conseguiu bolsa do CNPq para continuar o trabalho com Malavolta. No ano seguinte, iniciou o Doutorado na ESALQ; foi a 1ª tese da Escola a utilizar radioisótopos em bioquímica de plantas, e estava tão bem estruturada, que Malavolta lhe recomendou inscrever-se no concurso de Livre-Docente, antes mesmo de defender o Doutorado, e Otto aceitou a proposta. Assim, tornou-se livre-docente e, por consequência, doutor; isso porque uma lei da década de 1930 previa a concessão do título de doutor a quem tivesse Livre-docência. E em abril de 1960, foi contratado como professor assistente da ESALQ.

Otto exerceu cargos de liderança na Escola por mais de 40 anos; acompanhou a mudança de cátedras para departamentos, durante 20 anos foi chefe e vice-chefe do Departamento de Química, viu o CENA nascer e é o idealizador e criador do CEBTEC, cujo prédio, inaugurado em 1988, leva o seu nome.

Otto foi para o exterior muitas ve-

zes, tanto para aprimorar o conhecimento, quanto para dar aulas. Também deu aula na FOP e na Faculdade de Agronomia de Botucatu, sem sair da ESALQ.

Além de ser apaixonado por bioquímica, adentrou o terreno da biologia, utilizando técnicas *in vitro* de cultura de células e tecidos de plantas não somente para compreender a bioquímica celular, mas também para obtenção de plantas saudáveis. Participou de quase 140 reuniões científicas e congressos no Brasil e no exterior. Tornou-se Professor Titular e, mais recentemente, foi laureado com o título de Professor Emérito.

Participou de importantes pesquisas e, sobretudo, dedicou-se ao ensino. Isso porque seu foco não era apenas discorrer sobre a matéria, mas fazer com que o aluno compreendesse; para tanto, usava os recursos mais simples possíveis: giz, lousa, “gogó” e paciência. Claro que tem um profundo conhecimento da matéria, estudou-a durante anos. E nunca teve medo de dar notas baixas, se fosse preciso, justamente para estimular o aluno a ser melhor.

Otto aposentou-se em 1989 e ainda deu aulas por mais 14 anos. Retirou-se das atividades acadêmicas em 2003, permanecendo até 2011 no CE-

BTEC desenvolvendo projetos em colaboração com empresas privadas; e nunca parou de escrever. Seu principal legado, considera, é a formação de recursos humanos e o reconhecimento dos alunos. Para ele, não há nada como encontrá-los e ouvi-los dizer que suas aulas lhes deram ânimo.

O segredo para tantas conquistas na vida? Ter ideias e colocá-las em prática; e para isso, trabalhar, trabalhar, trabalhar e trabalhar. Sem trabalho nada funciona. Esse foi o conceito que norteou sua vida.

Até hoje encontra alunos que, embora não gostassem de Bioquímica, lembram-se de suas aulas. Há até um que lhe “recitou” o ciclo de Krebs, 20 anos após ter sido seu aluno! Realmente, é preciso saber explicar. Otto ressalta que o professor não é simplesmente um “repetidor” e sim aquele que deseja que o aluno aprenda. E na universidade é aquele que ensina e orienta o aluno a desenvolver o pensamento científico: da observação dos acontecimentos à sua volta à compreensão da natureza como um todo.

Otto sente-se feliz e realizado por sua trajetória e não escondeu a emoção ao saber da homenagem no livro do Jubileu de Ouro da A70. “Fico até emocionado, não há reconhecimento maior”.

Shunhiti Torigoi

A ARTE DE ENSINAR COM ESFORÇO, DEDICAÇÃO E MUITA DIDÁTICA



Quem estudou na ESALQ em meados da década de 1960 com certeza conheceu – de perto ou de ouvir falar – o célebre Cursinho do Torigoi. O que talvez muitas pessoas não saibam é que Shunhiti Torigoi, considerado um dos melhores professores da época, quase foi reprovado em Matemática quando estava no Científico.

Nascido em 19 de setembro de 1940, em Lins, Torigoi tirou 0,5 no exame semestral do 1º Científico. Ali percebeu que perderia o ano se não reagisse e decidiu usar as férias de julho para estudar; debruçou-se sobre a coleção de Matemática do Ginásial todos os dias, sozinho. Resultado: concluiu o ano com 9,5 em Matemática, passou a gostar da matéria, bem como de Física, e começou a ensinar os colegas.

Torigoi venceu essa barreira graças à educação japonesa, que incentiva o recomeço sempre que necessário. Também foi com seus pais, Hiroshi e Tomiko Torigoi, que aprendeu a ser honesto e esforçado. E ainda por influência da família, decidiu cursar Agronomia. Seus avós paternos eram agricultores no Japão e seu pai veio para o Brasil aos 17 anos como colono de fazenda de café.

Contudo, a decisão não foi tão simples: Torigoi queria cursar Engenharia, mas após breve passagem por um escritório, percebeu que não gostava da área e decidiu cursar Agronomia, que continha as disciplinas de exatas e ainda lhe permitiria agradar seu pai.

Assim, em 1961, passou em 2º lugar no vestibular e iniciou o curso na ESALQ. Logo no 1º ano participou de concurso para professor no recém-criado cursinho do CALQ e passou em 1º lugar em Física; começou a dar aulas em abril, ainda careca, efeito do trote. Encantou-se com o ensino.

Apenas depois dessa experiência é que percebeu sua vocação; parecia que tinha o dom da didática, fato confirmado pelos inúmeros elogios dos alunos. Com isso, passou a dedicar todo o seu tempo livre às aulas – do cursinho e particulares de Matemática, já que a disciplina apertava muitos colegas no 1º ano.

Dois anos depois, surgiu uma oportunidade de ser professor no cursinho que funcionava no Pavilhão de Química da Escola; conduzido por estudantes, tinha grande rotatividade de professores, porque quando eles se formavam, seguiam a carreira de agrô-

nomo e deixavam as aulas. Mais tarde, Torigoi assumiu a administração do cursinho e quando se formou, em 1965, decidiu continuar à frente do projeto. Batizou-o de CLQ, em homenagem ao patrono da Escola.

Como só havia aulas no período noturno, o CLQ funcionou no campus com autorização do Diretor por mais 5 anos. Em contrapartida, colaborava mensalmente com o Fundo de Assistência da ESALQ, além de dar bolsa para estudantes carentes. O cursinho adquiriu nível de excelência, chegando a aprovar 92% dos alunos que entravam na Agronomia.

Também, foram muitas as vezes em que, depois das aulas, Torigoi ficava até de madrugada com algum aluno que tivesse mais dificuldade; 90% dos integrantes da A70 foram preparados pelo CLQ.

Em 1970, o vestibular da ESALQ foi assumido pelo CEECEM; com isso, as exigências de conteúdo passaram a incluir matérias até então não exigidas. Além disso, o número de alunos cresceu e o CLQ precisou procurar novas instalações: então passou a funcionar onde antes era o famoso Jardim da Cerveja e ampliou seu serviço, ensinando novas disciplinas.

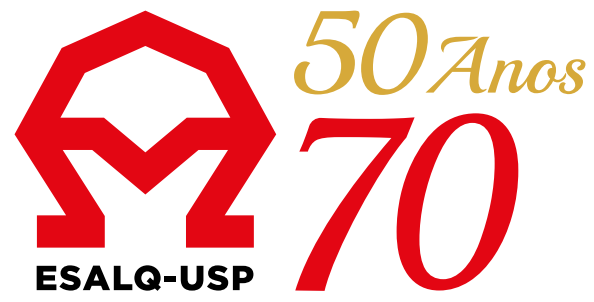
No ano seguinte, Torigoi convidou Newman Simões, agrônomo da A70, para ser seu sócio. O CLQ continuou

em franca expansão e chegou a ter mais de 1,7 mil alunos. Com o crescimento das faculdades particulares, contudo, Torigoi percebeu que o número de alunos do cursinho seria reduzido, e decidiu ampliar o negócio.

Fez licenciatura em Ciências, Matemática e Física, pediu autorização do CEE e em 1977 deu início ao CLQ – Colégio com o curso Colegial (hoje, Ensino Médio), em nova unidade. Mais tarde estendeu os serviços para Primário e Ginásial (hoje, Ensino Fundamental). Atualmente, após a fusão das escolas, o cursinho se tornou o CLQ-Poliedro.

Torigoi deu aulas durante 41 anos e sempre preparava o conteúdo com todo o cuidado. Depois de tantas experiências, concluiu que o bom professor é aquele que consegue explicar de maneira simples até os assuntos mais complexos, o que só é possível com conhecimento profundo da matéria e se colocando no lugar do aluno. Para ele, a didática não é uma ciência, é uma arte.

Sua maior realização é encontrar ex-alunos, até hoje gratos por todo o aprendizado. Uma delas, aliás, tornou-se sua esposa. Satie Ishii Torigoi é agrônoma formada em 1966, ano em que se casaram; tiveram 4 filhos e hoje têm 5 netos que lhes renovam a alegria de viver.



Siglas e abreviaturas

A

A70 – Turma do curso de Agronomia da ESALQ formada em 1970

AAALQ – Associação Atlética Acadêmica “Luiz de Queiroz”

AABB – Associação Atlética Banco do Brasil

ABCZ – Associação Brasileira de Criadores de Zebu

ABTCP - Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel

ACAR – Associação de Crédito e Assistência Rural, atual EMATER-MG

ACARES – Associação de Crédito e Assistência Rural do Espírito Santo

ACARESC – Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina

ACNB – Associação de Criadores de Nelore do Brasil

ADAE – Associação dos Docentes Aposentados da ESALQ

ADEALQ – Associação dos Ex-Alunos da ESALQ

ADIAESP – Associação dos Distribuidores de Insumos Agrícolas do Estado de São Paulo

AEAANAP – Associação dos Engenheiros, Arquitetos e Agrônomos da Nova Alta Paulista, Adamantina (SP)

AEAARP – Associação de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Ribeirão Preto (SP)

AEAGRO – Associação dos Engenheiros Agrônomos da Grande Rondonópolis (MT)

AEAN – Associação dos Engenheiros e Arquitetos da Alta Noroeste, Araçatuba (SP)

AEASP – Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo

AGEFLOR – Associação Gaúcha de Empresas Florestais

AGROESP – Associação dos Assistentes Agropecuários do Estado de São Paulo

AGROSTAT – Sistema de Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio, vinculado ao MAPA

AI-5 – Ato Institucional nº5; baixado em 13 de dezembro de 1968 durante o governo do general Costa e Silva; foi a expressão mais marcante da ditadura militar brasileira (1964-1985).

AID – Agency for International Development (EUA)

AIEA – Agência Internacional de Energia Atômica

AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras, escola de ensino superior do Exército Brasileiro, localizada em Resende (RJ).

AME – Associação Médico Espírita

ANA – Agência Nacional de Águas

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

APML – Ação Popular Marxista-Leninista

APPA – Associação de Proteção e Preservação Ambiental de Araras (SP)

APTA – Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios, ligada à SAA.

ARALT – Associação das Revendas de Produtos Agropecuários do Alto Vale do Tietê

ARCIS – Arte e Ciências Sociais (Universidade ARCIS, Chile)

ASSENAG – Associação dos Engenheiros, Arquitetos e Agrônomos de Bauru (SP)

B

BADESP – Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo, incorporado ao BANESPA.

BANCOOB – Banco Cooperativo do Brasil S/A

BANESER – Banespa Serviços Técnicos e Administrativos S/A

BANESPA – Banco do Estado de São Paulo S/A

BB – Banco do Brasil

BBV – Banco Bilbao Vizcaya, atual BBVA – Banco Bilbao Vizcaya Argentaria

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

BIRD – Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento

BM&F – Bolsa de Mercadorias & Futuros	CCA – Centro de Ciências Agrárias / UFSCar Araras (SP)	de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP.
BNCC – Banco Nacional de Crédito Cooperativo S/A	CDA – Coordenadoria de Defesa Agropecuária (CDA/SAA/SP)	CEPEC – Centro de Pesquisas do Cacau
BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social	CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo	CEPED – Centro de Pesquisas e Desenvolvimento (Salvador e Camaçari, BA)
BNDES Finame – Financiamento de Máquinas e Equipamentos	CDRS – Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável (antiga CATI)	CEPLAC – Comissão Executiva de Planejamento da Lavoura Cacaueira
BPA – Boas Práticas Agropecuárias – Bovinos de Corte	CEAGESP – Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo	CESCEM – Centro de Seleção de Candidatos às Escolas Médicas e Biológicas
C		
CAC – Cooperativa Agrícola de Cotia (SP)	CEBTEC – Centro de Biotecnologia Agrícola/ESALQ	CESP – Centrais Elétricas do Estado de São Paulo, alterada para Companhia Energética de São Paulo em 1977.
CACB – Confederação das Associações Comerciais e Empresariais do Brasil	CEC/IAC - Centro Experimental Central do IAC	CETERP – Centrais Telefônicas de Ribeirão Preto S/A
CAFEALTA – Cooperativa de Cafeicultores da Alta Araraquarense	CEDAF – Conselho Estadual de Desenvolvimento da Agricultura Familiar – SP	CETESB – Companhia Ambiental do Estado de São Paulo
CAIC – Centro de Atenção Integral à Criança	CEE – Conselho Estadual de Educação de São Paulo	CEU – Casa do Estudante Universitário/ESALQ
CALQ – Centro Acadêmico “Luiz de Queiroz”	CEF – Caixa Econômica Federal	CFP – Companhia de Financiamento da Produção, uma das 3 empresas públicas que deram origem à CONAB.
CALQuinteto – grupo musical ligado ao CALQ, formado por estudantes de Agronomia da ESALQ.	CENA – Centro de Energia Nuclear na Agricultura – instituto especializado da USP, fundado em 1966 por docentes da ESALQ.	CGAPI – Coordenação-Geral de Acompanhamento de Projetos Industriais
CAMPO – Companhia de Promoção Agrícola	CENAFOR – Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para Formação Profissional	CIANB – Central de Inseminação Artificial Nhozinho Barbosa
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, fundação vinculada ao MEC.	CENIBRA – Celulose Nipo Brasileira (MG)	CIBRAZEM – Companhia Brasileira de Armazenamento, uma das 3 empresas públicas que deram origem à CONAB.
CAR – Cadastro Ambiental Rural	CENIFOR – Centro de Informática do MEC, o 1º centro de informática educativa do país.	CICOM – Centro Interamericano de Comercialização, criado em função de um acordo entre o Brasil e a OEA, em dezembro de 1967.
CATI – Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, órgão da SAA (atual CDRS).	CEPA – Comissão Estadual de Planejamento Agrícola (ES)	
CBT – Companhia Brasileira de Tratores	CEPEA – Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada, grupo de pesquisas pertencente ao Departamento	CLQ – Centro Educacional

Luiz de Queiroz, que nasceu a partir do Cursinho Luiz de Queiroz, em Piracicaba (SP).	filiado ao MAPA.	Engenharia e Agronomia
CNA – Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil	CONDEPE – Conselho Nacional de Desenvolvimento da Pecuária	CTA – Colégio Técnico Agrícola, projeto do Governo do estado de São Paulo.
CNEC – Consórcio Nacional de Engenheiros Consultores	CONSEMA – Conselho Estadual do Meio Ambiente	CTC – Centro de Tecnologia Canavieira (iniciativa da Copersucar, comercializadora global de açúcar e etanol).
CNEN – Comissão Nacional de Energia Nuclear	CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura	CTP – Conselheiro Técnico Principal
CNH – Carteira Nacional de Habilitação	COOMEX – Companhia Operadora do Mercado Energético	D
CNPF – Centro Nacional de Pesquisas de Florestas	COOXUPÉ – Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé (MG)	DAEE – Departamento de Águas e Energia Elétrica do Estado de São Paulo
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – órgão ligado ao MCTI.	COPAS – Companhia Paulista de Fertilizantes	DCAA – Departamento de Cana-de-Açúcar e Agroenergia
CNPT – Centro Nacional de Pesquisa do Trigo / Embrapa	COPLACANA – Cooperativa dos Plantadores de Cana do Estado de São Paulo	DCI – Divisão de Controle do Comércio Internacional
COBAL – Companhia Brasileira de Alimentos, uma das 3 empresas públicas que deram origem à CONAB.	COPLANA – Cooperativa Agroindustrial, reúne produtores de amendoim em São Paulo, Minas Gerais e Tocantins.	DDD – Discagem Direta à Distância
CODEAGRO – Coordenadoria de Desenvolvimento dos Agronegócios, órgão ligado à Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.	COPPE – Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, da UFRJ	DEA - Diretoria do Ensino Agrícola, subordinada ao Departamento Nacional da Produção Vegetal, ligado ao MAPA.
CODEPAC – Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba	CORECON – Conselho Regional de Economia	DEPRN – Departamento Estadual de Proteção aos Recursos Naturais
CODEVASF – Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba	COSESP – Companhia de Seguros do Estado de São Paulo	DER – Departamento de Estradas de Rodagem
COMIND – Banco do Comércio e Indústria de São Paulo	COVID-19 – Coronavirus Disease	DEXTRU – Departamento de Extensão Rural/CATI
CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento, empresa pública vinculada ao MAPA, criada por meio da fusão entre as empresas públicas CFP, COBAL E CIBRAZEM.	CPOR – Curso de Preparação dos Oficiais do Exército	DFM – Departamento de Física e Meteorologia/ESALQ
CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente,	CPZ – Clube de Práticas Zootécnicas	DIRA – Divisão Regional Agrícola, divisão administrativa da SAA.
	CRAI – Companhia Real Agroindustrial S/A, incorporada pelo Grupo Agropalma.	DNIT – Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes
	CREA – Conselho Regional de	DNPEA – Departamento Nacional de Pesquisa e Experimentação Agropecuária

DP – Dependência Provisória	ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio	FCA – Faculdade de Ciências Agrônomicas/UNESP
DSM – Departamento de Sementes e Mudas / CATI	EPAMIG – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais	FCAV – Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal (SP)/UNESP
DSU – Departamento de Ensino Supletivo/MEC	EPI – Equipamento de Proteção Individual	FCPFESP – Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo (Fundação Florestal)
EADI – Estação Aduaneira Interior	ESALQ – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, vinculada à USP	FEALQ – Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz
EDA – Escritório de Defesa Agropecuária, ligado à CATI.	ESAPP – Escola Superior de Agronomia de Paraguaçu Paulista, ligada à FUNGE.	FEAP – Fundo de Expansão do Agronegócio Paulista
EDIBAP – Estudo de Desenvolvimento Integrado da Bacia do Alto Paraguai (Convênio-Brasil/PNUD/OEA).	ETE – Estação de Tratamento de Esgoto	FEBEM – Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, autarquia fundacional – pessoa jurídica de direito público – vinculada à Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania, ligada ao Governo de São Paulo, denominada Fundação CASA/SP (Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente) desde 2006.
EDR – Escritório de Desenvolvimento Regional, ligado à CATI.	ETEC – Escola Técnica Estadual, instituição de ensino técnico, médio e técnico integrado ao médio, pertencentes ao Centro Paula Souza, autarquia da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia do estado de São Paulo.	FEBRABAN – Federação Brasileira de Bancos
EEP – Escola de Engenharia de Piracicaba, unidade da FUMEP.	EUA – Estados Unidos da América	FEIT – Fundação Educacional de Ituiutaba (MG)
EESC – Escola de Engenharia de São Carlos/USP	F	FEMA – Fundação Educacional do Município de Assis (SP)
EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural, vinculada a secretarias específicas em alguns estados:	FAB – Força Aérea Brasileira	FETAESP – Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar do Estado de São Paulo
• ES – Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca do Espírito Santo	FACIC – Faculdade de Ciências Humanas de Cruzeiro (SP)	FFALM – Fundação Faculdade de Agronomia “Luiz Meneghel”
• MG – Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento	FADISC – Faculdade de Direito de São Carlos (SP), mantida pelo IPESU	FGV – Fundação Getúlio Vargas
EMBRACAL – Empresa Brasileira de Calcário	FAEF – Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal, Garça (SP)	FHC – Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente do Brasil (1995 – 2003).
Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária	FAO – Food Agriculture Organization (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura).	FIC – Faculdades Integradas de Cruzeiro (SP)
EMCAPA – Empresa Capixaba de Pesquisa Agropecuária	FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo	FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos, empresa
EMPAER – Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural	FASC – Faculdade Santa Cecília	
ENA – Escola Nacional de Agronomia (RJ)		

pública de fomento à ciência, tecnologia e inovação, vinculada ao MCTI.

FM-USP – Faculdade de Medicina da USP

FOP – Faculdade de Odontologia de Piracicaba (SP), atualmente incorporada à UNICAMP.

FUMEP – Fundação Municipal de Ensino de Piracicaba (SP)

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

FUNDAG – Fundação de Apoio à Pesquisa Agrícola

FUNDEC – Fundo de Desenvolvimento Comunitário, programa instituído pelo Banco do Brasil em 1981.

FUNDECITRUS – Fundo de Defesa da Citricultura

FUNDEPEC – Fundo de Desenvolvimento da Pecuária

FUNENSEG – Fundação Escola Nacional de Seguros

FUNEP – Fundação de Apoio à Pesquisa, Ensino e Extensão, criada em 1979 por 40 docentes da FCAV para auxiliar os professores no gerenciamento financeiro de seus projetos.

FUNGE – Fundação Gammon de Ensino

FUNTEVÊ – Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa

FUPEF - Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná

FUVEST – Fundação Universitária para o Vestibular

G

GAPE – Grupo de Apoio à Pesquisa e Extensão/ESALQEA -

GEA – Grupo de Experimentação Agrícola

GTEC – Grupo Técnico de Café

I

IAA – Instituto de Açúcar e Álcool – órgão do MDIC, instituído em 1933 e extinto em 1990.

IAC - Instituto Agrônomo de Campinas – instituto de pesquisa da APTA, ligado à SAA.

IAGRO – Agência Estadual de Defesa Sanitária Animal e Vegetal, autarquia vinculada à SEMAGRO.

IAPAR – Instituto Agrônomo do Paraná (Atual IDR)

IBÁ - Indústria Brasileira de Árvores

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBC – Instituto Brasileiro do Café, criado em 1950 e extinto em 1990.

IBDF - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDESUL – Instituto de Desenvolvimento de Mato Grosso do Sul, vinculado à Secretaria Estadual de Planejamento e Coordenação Geral.

IDR – Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná

IEA - Instituto de Economia Agrícola, ligado à SAA.

IFSP – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

IFT - Institute of Food Technologists

IHGP – Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

IME-USP – Instituto de Matemática e Estatística da USP

INCAPER – Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural, autarquia vinculada à Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca do Espírito Santo.

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

INCT – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia

INPA – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia

INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

INT – Instituto Nacional de Tecnologia

INTA – Instituto Superior de Teologia Aplicada / Sobral (CE)

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, fundação pública federal vinculada ao Ministério da Economia

IPEACO – Instituto de Pesquisa Agrônoma do Centro Oeste, atual Embrapa Milho e Sorgo

IPEADATA – Base de dados econômicos e financeiros mantida pelo IPEA

IPEF – Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais

IPESU – Instituto Paulista de Ensino Superior

IPPH – Instituto Paulista de Promoção Humana

IPPLAP – Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba

IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas

ISCA – Instituto Superior de Ciências Aplicadas (ISCA Faculdades), Limeira (SP).

ITAL – Instituto de Tecnologia de Alimentos, integrante da APTA.

ITESP – Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo

IUFRO – International Union of Forest Research Organizations

J

JEC – Juventude Estudantil Católica

JEPS - Junta Estadual de Política Salarial

JUC - Juventude Universitária Católica

L

LAN - Departamento de Agroindústria, Alimentos e Nutrição/ESALQ

LP – Long-Play

LSPA – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola

LUPA – Levantamento das Unidades Produtivas Agropecuárias

M

MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

MATOPIBA – Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia

MCTI – Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

MDIC – Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços

MEC – Ministério da Educação

MIT – Massachusetts Institute of Technology

MMA – Ministério do Meio Ambiente

MPOG – Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

O

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

OEA – Organização dos Estados Americanos

OIA – Organização Internacional Agropecuária

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONG – Organização Não Governamental

ONIRIS – Ecole Nationale Vétérinaire, Agroalimentaire et de L'Alimentation Nantes-Atlantique

ONU – Organização das Nações Unidas

OPEP – Organização dos Países Exportadores de Petróleo

OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público

OSE – Organização Superior

de Ensino, Itapetininga (SP).

OSU – Ohio State University

P

PAM – Plano Agrícola Municipal, Piracicaba (SP).

P&D – Pesquisa e Desenvolvimento

PDV – Plano de Demissão Voluntária

PEAE – Programa Estadual de Alimentação Escolar

PEMH – Programa Estadual de Microbacias Hidrográficas

PG – Pós-Graduação

PGE – Procuradoria Geral do Estado

PIB – Produto Interno Bruto

PIPMOA – Programa Intensivo de Preparação de Mão de Obra Agrícola, que deu origem ao SENAR.

PIPMOI – Programa Intensivo de Preparação de Mão de Obra Industrial, que deu origem ao SENAI.

PLANALSUCAR – Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-açúcar, ligado ao IAA.

PM – Polícia Militar

PNP&D/Café – Programa Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento do Café (Embrapa)

PNTE – Programa Nacional de Treinamento de Executivos

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

POLOCENTRO – Programa de Desenvolvimento dos Cerrados

PROAGRO – Programa de Garantia da Atividade Agropecuária

PROÁLCOOL – Programa Nacional do Alcool

PRODECER – Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados

PRODEPE – Programa de Desenvolvimento da Pecuária de Corte

PRODEPEF - Projeto de Desenvolvimento e Pesquisa Florestal

PRODESP – Companhia de Processamento de Dados do Estado de São Paulo

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PRONINFE – Programa Nacional de Informática Educativa/MEC

PROTAP – Programa de Treinamento em Administração de Pesquisas Científicas e Tecnológicas

PSE – Programa Saúde na Escola

PTF – Produtividade Total dos Fatores

PUC – Pontifícia Universidade Católica

R

RADAM – Radar na Amazônia

RIOCELL – Rio Grande Companhia de Celulose do Sul

ROI – Retorno sobre Investimento

RUCALQ – Restaurante Universitário do CALQ

S

SAA – Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

SABESP – Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo

SACI – Satélite Avançado de Comunicações Interdisciplinares, projeto do INPE.

SARESP – Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo, aplicado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

SARS-CoV-2 – nome dado ao novo coronavírus

sbCTA – Sociedade Brasileira de Ciência e Tecnologia de Alimentos

SBM – Sociedade Brasileira de Mandioca

SBO – Santa Bárbara d'Oeste (SP)

SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

SBS – Sociedade Brasileira de Silvicultura

SBZ – Sociedade Brasileira de Zootecnia

SEADE – Sistema Estadual de Análise de Dados

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEMAE – Serviço Municipal de Água e Esgoto, Piracicaba (SP).

SEMAGRO – Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar (MS)

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SFB – Sistema Florestal Brasileiro

SIAGRO – Simpósio Nacional de Instrumentação Agropecuária, ESALQ.

SICAR – Sistema Nacional de Cadastro Ambiental Rural

SIF – Sociedade de Investigações Florestais

SiSU – Sistema de Seleção Unificada, programa gerenciado pelo MEC

SMA – Secretaria do Meio Ambiente (SP)

SNIF – Sistema Nacional de Informações Florestais

SOBER – Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural

SOPRAL – Sociedade dos Produtores de Açúcar e Alcool do Estado de São Paulo

SPA – Secretaria de Política Agrícola, vinculada ao MAPA

SPD – Sistema de Plantio Direto

SSA – Sistema de Soluções Agrícolas

SUDAM – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia, autarquia do governo federal vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Regional.

SUDECO – Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste, autarquia criada em dezembro de 1967, vinculada ao então Ministério do Interior, no governo Costa e Silva, e extinta em 1990; recriada em 2009, vinculada ao Ministério

do Desenvolvimento Regional.

SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, autarquia especial, administrativa e financeiramente autônoma, vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Regional.

SUDEPE – Superintendência do Desenvolvimento da Pesca / MAPA

SUVALE – Superintendência do Vale do São Francisco, atual CODEVASF.

T

TULQ – Teatro Universitário “Luiz de Queiroz”

U

UBG – Usina Barra Grande, Grupo Zilor, Lençóis Paulista (SP).

UCB – Universidade Católica de Brasília (DF)

UCS – Universidade de Caxias do Sul (RS)

UEE – União Estadual dos Estudantes

UEL – Universidade Estadual de Londrina (PR)

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais

UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná

UEPAE – Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual de São Carlos (SP)

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFG – Universidade

Federal de Goiás

UFLA – Universidade Federal de Lavras (MG)

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos (SP)

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria (RS)

UFV – Universidade Federal de Viçosa (MG)

UnB – Universidade de Brasília (DF)

UNE – União Nacional dos Estudantes

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

UNIATA Central – Cooperativa de Técnicos Agropecuários do Estado de São Paulo

UNICA – União da Indústria de Cana-de-Açúcar, entidade representativa das principais unidades produtoras de açúcar, etanol (álcool combustível) e bioeletricidade da região Centro-Sul do Brasil, principalmente do estado de São Paulo.

UNICAMP – Universidade

Estadual de Campinas (SP)

UNIDO - United Nations Industrial Development Organization (Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial), agência especializada da ONU.

UNIFENAS – Universidade José do Rosário Vellano, anteriormente denominada Universidade de Alfenas (MG).

UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba (SP)

UNIPAC – Universidade Presidente Antônio Carlos

UNITRI – Centro Universitário do Triângulo

UNIVAP – Universidade do Vale do Paraíba

UNOPS – Escritório das Nações Unidas de Serviços para Projetos

USAID – United States Agency for International Development, agência dos EUA para o desenvolvimento internacional.

USDA – United States Department of Agriculture

USP – Universidade de São Paulo

UVA – Universidade Estadual Vale do Acaraú

V

VASP – Viação Aérea São Paulo

VUNESP – Fundação para o Vestibular da UNESP

Referências bibliográficas

1913 - 2013 - XV DE PIRACICABA - 100 Anos - Des-temido e Valente, Piracicaba, Editora B2 Comunicação, 2013, 196p.

ALBUQUERQUE, C. – A nova geografia da ESALQ. ESALQ/USP, 2013. Disponível em: <https://www.esalq.usp.br/boletim/node/20>. Acesso em 02 de junho de 2020.

ALBUQUERQUE, C. – Se não fosse a CEU eu não estudaria na USP. ESALQ/USP, 2017. Disponível em: <https://www.esalq.usp.br/banco-de-noticias/%E2%80%9Cse-n%C3%A3o-fosse-ceu-eu-n%C3%A3o-estudaria-na-usp%E2%80%9D>. Acesso em 01 de junho de 2020.

ALBUQUERQUE, F. – Produção de etanol na safra 2019/2020 deve aumentar 7,1%, diz Unica. Agência Brasil, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-12/producao-de-etanol-na-safra-20192020-deve-aumentar-71-diz-unica>. Acesso em 13 de janeiro de 2021.

ALISSON, E. – Proálcool: uma das maiores realizações do Brasil baseadas em ciência e tecnologia. Agência FAPESP, 2016. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/proalcool-uma-das-maiores-realizacoes-do-brasil-baseadas-em-ciencia-e-tecnologia/24432/>. Acesso em 30 de janeiro de 2021.

ALVES, E. R. de A.; SOUZA, G. da S. e; MARRA, R. – Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. Revista Política Agrícola, Brasília, ano 20, n. 2, p. 80-88, abr./jun. 2011. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/80653/1/Exodo-e-sua-contribuicao.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

ALVES, E.; SOUZA, G. da S. e; MARRA, R. – Papel da Embrapa no desenvolvimento do agronegócio. In: TEIXEIRA, E. C.; PROTIL, R. M.; LIMA, A. L. R.; A contribuição da ciência e da tecnologia para o desenvolvimento do agronegócio. Viçosa: UFV; Suprema, 2013. p. 125-172. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/149382/1/Papel-da-Embrapa-no-desenvolvimento-.pdf>. Acesso em 22 de outubro de 2020.

ALVES, R. – Câmara descobre documentos do Comurba após 55 anos da queda do prédio. Câmara Municipal de Piracicaba, 2019. Disponível em: <https://www.camarapiracicaba.sp.gov.br/camara-descobre-documentos-do-comurba-apos>

-55-anos-da-queda-do-predio-47540. Acesso em 13 de julho de 2020.

ALVES, R. – Os meninos que sonhavam ser os Beatles. Dando Nota, 2013. Disponível em: <https://dandonota.wordpress.com/minhas-materias/beatles/>. Acesso em 05 de maio de 2020.

AMYUNI, S. (ed.) – FEALQ 40 anos: semeando ciência e tecnologia. Piracicaba, Agência Múltipla, 2016, 98p.

ARAUJO, W.V.; MORAES, A.L.M.; SOUZA, J.C.S.; MOREIRA, J.A.; CARVALHO, R.R.D.; MONTE, R.R. – Crédito Rural: Política e Desempenho. In: VIEIRA FILHO, J.E.R e GASQUES, J.G. (Orgs); Uma Jornada pelos Contrastes do Brasil: Cem Anos do Censo Agropecuário. IPEA, Brasília, 2020, 407p. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/201201_livro_uma_jornada_pelos_contrastes_do_brasil.pdf. Acesso em 10 de setembro de 2020.

BARROS, J.R.M. (palestra) – Cenário Macroeconômico - Impactos da pandemia de Covid-19 na economia brasileira em 2020. Conselho Nacional do Café, 10 de set. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Na0fBX9Wvyg>. Acesso em 10 de setembro de 2020.

BIERNATH, A. – Gripe: quais foram as maiores epidemias da história. Veja Saúde, 17 de abril de 2018. Disponível em <https://saude.abril.com.br/medicina/gripe-quais-foram-as-maiores-epidemias-da-historia/>. Acesso em 20 de abril de 2020.

BITENCOURT, R. – Com história no agronegócio, Piracicaba ‘persegue’ inovação tecnológica do setor. Portal G1, Piracicaba, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/piracicaba-250-anos/noticia/com-historia-no-agronegocio-piracicaba-persegue-inovacao-tecnologica-do-setor.ghtml>. Acesso em 08 de jan. de 2021.

BLUME, B. A. – Intervenção militar no Brasil: argumentos contra e a favor. Politize, 2016. Disponível em: <https://www.politize.com.br/intervencao-militar-no-brasil/>. Acesso em 27 de abril de 2020.

CARVALHO, C.H.S. (ed.) – Cultivares de café. Brasília: Embrapa, 2007. 247p. Disponível em: http://www.sapc.embrapa.br/arquivos/consorcio/publicacoes_tecnicas/Livro_Cultivares.pdf. Acesso em

20 de julho de 2020.

CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. Conheça os prefeitos de Piracicaba. Prefeitura do Município de Piracicaba, 2016. Disponível em: <http://www.piracicaba.sp.gov.br/imprimir/conhea+os+prefeitos+de+piracicaba.aspx>. Acesso em 15 de janeiro de 2021.

CLQ Colégio. História do CLQ, c2020. História. Disponível em: <https://www.clq.com.br/colegio#historia>. Acesso em 20 de abril de 2020.

CODEPAC. Relação de Imóveis Tombados. Portal dos Conselhos Municipais de Piracicaba, 2020. Disponível em: <http://conselhos.piracicaba.sp.gov.br/codepac/relacao-de-imoveis-tombados/> Acesso em 18 de fevereiro de 2021.

CONHEÇA OS MOTIVOS DO AUMENTO DA PRODUÇÃO DO AGRO NO BRASIL. Terra Magna, 2020. Disponível em: <https://terramagna.com.br/conheca-os-motivos-do-aumento-da-producao-do-agro-no-brasil/>. Acesso em 18 de dezembro de 2020.

CRISE PETROLÍFERA DE 1973. Wikipédia, c2020. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_petro%C3%ADfera_de_1973. Acesso em 30 de janeiro de 2021.

CRUZ, T. P. – Piracicaba dos anos 60. Espaço Memória Piracicabana, 2017. Disponível em: <http://acervoshistoricos.blogspot.com/2017/08/piracicaba-dos-anos-60.html>. Acesso em 17 de novembro de 2020.

D'ARAUJO, M. C. – O AI-5. FGV CPDOC - Fatos & Imagens, c2020. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>. Acesso em 25 de abril de 2020.

DEOPS 'FICHOU' ESTUDANTES DA USP, PADARIA E ATÉ AÇOUGUE EM PIRACICABA. Portal G1, Piracicaba, 28 de abr. de 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2013/04/deops-fichou-estudantes-da-usp-padaria-e-ate-acougue-em-piracicaba.html>. Acesso em 17 de junho de 2020.

DOM ANÍGER FRANCISCO DE MARIA MELILLO - 2º BISPO DIOCESANO. Diocese de Piracicaba, c2020. Disponível em <https://diocesedepiracicaba.org.br/capa.asp?clero=88>. Acesso em 10 de dezembro de 2020.

ELIAS NETTO, C. – O glorioso Cine Palácio. A Província, 2015. Disponível em: <https://www>.

aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/retratos-provincia/photos/o-glorioso-cine-palacio-7696/. Acesso em 28 de outubro de 2020.

ESALQ. CALQ comemora 110 anos. ESALQ, 2019. Disponível em: <https://www.esalq.usp.br/banco-de-noticias/calq-comemora-110-anos>. Acesso em 12 de novembro de 2020.

ESALQ. ESALQ em números. ESALQ/USP, 2020. Disponível em: <https://www.esalq.usp.br/institucional/esalq-em-numeros>. Acesso em 29 de janeiro de 2021.

ESALQ. Graduação em números. ESALQ/USP, 2020. Disponível em: <https://www.esalq.usp.br/graduacao/quem-somos/graduacao-em-numeros>. Acesso em 29 de janeiro de 2021.

ESALQ. Grupos de Extensão - Lista geral. ESALQ, c2020. Disponível em: <https://www.esalq.usp.br/svcex/grupos-de-extensao/lista>. Acesso em 12 de fevereiro de 2020.

ESALQ. Linha do Tempo. ESALQ/USP, 2019. Disponível em: <https://www.esalq.usp.br/institucional/linha-do-tempo>. Acesso em de junho de 2020. Acesso em 13 de set. de 2020.

FEREZIM, A. – Comendador Luciano Guidotti mudou a cidade. Gazeta de Piracicaba, 2016. Disponível em: http://www.gazetadepiracicaba.com.br/_conteudo/2016/12/home/460499-comendador-luciano-guidotti-mudou-a-cidade.html. Acesso em 10 de dezembro de 2020.

FERNANDES, B. C. – Desenvolvimento histórico da citricultura. UNESP, Araraquara, 2010. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/118999/fernandes_bc_tcc_arafcl.pdf?sequence=1. Acesso em 18 de maio de 2020.

FOELKEL, C. – A vida em Repúblicas e na Casa do Estudante de Agronomia. Celsius Degree / Grau Celsius, c2020. Disponível em: http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/A13_ESALQ_A70_Republicas_Casa_Estudante.pdf. Acesso em 28 de maio de 2020.

FOELKEL, C. – O trote e a época da bicharada. Celsius Degree / Grau Celsius, c2020. Disponível em: http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/A10_ESALQ_A70_Trote.pdf. Acesso em 09 de setembro de 2020.

FOELKEL, C. – Tiro de Guerra TG-36 de Piracicaba. Celsius Degree / Grau Celsius, c2020. Dispo-

nível em: http://www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/A15_ESALQ_A70_TG_36.pdf. Acesso em 30 de outubro de 2020.

FOELKEL, C. – Turma de 1970 - Engenharia Agrônoma. Celsius Degree / Grau Celsius, c2020. Disponível em: <http://www.celso-foelkel.com.br/esalq70.html>. Acesso em 28 de maio de 2020.

GASQUES, J.G.; REZENDE, G.C.; VILLA VERDE, C.M.; SALERMO, M.S.; CONCEIÇÃO, J.C.P.R.; CARVALHO, J.C.S. – Desempenho e crescimento do agronegócio do Brasil. IPEA/DISET – texto para discussão – Brasília, 2004, 29p. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4225. Acesso em 05 de setembro de 2020.

GASQUES, J.G.; BACCHI, M.R.P.; BASTOS, E.T., VALDES, C. – Produtividade da agricultura brasileira: algumas atualizações. Brasília: Mapa, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2PJGVTb>. Acesso em: 05 de setembro de 2020.

GASQUES, J. G.; SOUZA, G.S.; GOMES, E.G.; BACCHI, M. R.P.; BASTOS, E.T. – Produtividade da Agricultura Brasileira – uma Nota. IPEA. Brasília, 2019, 6p.

GASQUES, J.G.; BACCHI, M. R. P.; BASTOS, E.T. – Impactos do crédito rural sobre variáveis do agronegócio. Revista de Política Agrícola, ano 26, p. 132 a 140, outubro/novembro/dezembro 2017.

GASQUES, J.G. – Sources of Growth in Brazilian Agriculture: Total Factor Productivity. Parlons Graphiques, 2017. Agricultural Economics Society and European Association of Agricultural Economists (EAAE), Eurochoices 16(1).

HIRATA, S. R.; SETE, P. K.; QUEIROZ, O. T. M. M. – O Parque da ESALQ como espaço público multifuncional e de lazer em Piracicaba, SP. Turismo em Análise, v. 24, n. 3, p. 627-653, 2013. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/18359/o-parque-da-esalq-como-espaco-publico-multifuncional-e-de-lazer-em-piracicaba-sp>. Acesso em 26 de fevereiro de 2021.

HISTÓRIA. Embrapa Cerrados, c2020. Disponível em: <https://www.embrapa.br/cerrados/historia>. Acesso em 03 de setembro de 2020.

HISTÓRICO DO PLANEJAMENTO DE PIRACICABA. IPPLAP, c2020. Disponível em: <https://ipplap.com.br/site/planejamento/historico-do-planejamento-na-cidade-de-piracicaba/>. Acesso em 06 de fevereiro de 2021.

IBIÚNA GUARDA MARCAS DO 30º CONGRESSO CLANDESTINO DA UNE CONTRA A DITADURA. União Nacional dos Estudantes, 2015. Disponível em: <https://www.une.org.br/2015/03/ibiuna-guarda-marcas-do-30%C2%BA-congresso-clandestino-da-une-contra-a-ditadura/>. Acesso em 26 de abril de 2020.

INDICADORES GERAIS AGROSTAT, c2020.. Disponível em: <http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>. Acesso em 05 de setembro de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Panorama de Piracicaba, 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/piracicaba/panorama>. Acesso em 01 de março de 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Produto Interno Bruto dos Municípios, 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/piracicaba/pesquisa/38/47001?tipo=ranking&ano=2018>. Acesso em 01 de março de 2021.

INSTITUTO DE AGRONOMIA. Institutos (da?) UFRRJ, c2020. História. Disponível em: <http://institutos.ufrj.br/ia/historia/>. Acesso em 26 de maio de 2020.

MARTINS-SALANDIM, M.E.; GARNICA, A.V.M. – Escolas técnicas agrícolas: um estudo sobre ensino de matemática e formação de professores. Revista Ciência & Educação, Bauru, vol. 16, nº 1, 2010.

MATTOS, A.C.Z. – Estádio Municipal Barão da Serra Negra. SELAM Piracicaba, c2020. Disponível em: <http://selam.piracicaba.sp.gov.br/wp/estadio-municipal-barao-de-serra-negra/>. Acesso em 02 de dezembro de 2020.

MINISTÉRIO DA DEFESA. Projeto Rondon - Lição de vida e de cidadania, c2020. Disponível em <https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/projeto-rondon>. Acesso em 28 de junho de 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Resposta nacional e internacional de enfrentamento ao novo coronavírus, 2020. Disponível em <https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo>. Acesso em 05 de julho de 2020.

MIZOGUCHI, S. – Controle de gerência da produção dos centros agrícolas, dentro do Sistema Escola-Fazenda. São Paulo: CENAFOR, 1976.

MIZOGUCHI, S. – Escola-Fazenda: um sistema bra-

sileiro onde o jovem aprende, trabalha e ganha. São Paulo: CENAFOR, 1980. Trabalho apresentado no Seminário Internacional de Educação, Formação Profissional e Emprego nas periferias urbanas, Salvador, 1980.

MORRISON, A. – Os bondes de Piracicaba. A Província, 2012. Disponível em: <https://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/especial/os-bondes-de-piracicaba-6020/>. Acesso em 19 de outubro de 2020.

NATÁRIO, F. G. – Gestão da cultura do café e ferrugem do cafeeiro (*Hemileia vastatrix*). Curitiba, 2014. 54p.

NOSSA HISTÓRIA. CTC, c2020. Disponível em <https://ctc.com.br/institucional/nossa-historia/>. Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

OLIVEIRA, Edwards. – Coisas que aconteceram em 1970. O blog do Ed, 2006. Disponível em <https://edwardsoliveira.wordpress.com/2006/11/22/coisas-que-aconteceram-em-1970/>. Acesso em 12 de junho de 2020.

PEREIRA, M. – XV de Piracicaba: primeira grande equipe do interior paulista. A História do Basquete Masculino, 2014. Disponível em: <http://historiabasqumasc.blogspot.com/2014/01/xv-de-piracicaba-primeira-grande-equipe.html>. Acesso em 27 de outubro de 2020.

PINTO, A. E. S. – Países desenvolvidos têm queda

recorde do PIB, de 9,8%, no 2º tri. Folha de S. Paulo, 27 de ago. de 2020, p. A22.

PIRACICABA. Wikipedia, c2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Piracicaba>. Acesso em 07 de fevereiro de 2021.

PLANALSUCAR: o início. Ridesa Brasil, 2015. Disponível em <https://www.ridesa.com.br/historia>. Acesso em 08 de janeiro de 2020.

REICHARDT, K. (ed.) – ESALQ-100 Anos: um olhar entre o passado e o futuro. Livro comemorativo do Centenário da ESALQ. São Paulo, Prêmio, 2001. REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA. Piracicaba, Ano XXIII, nº 22, 2015. 240p.

SARRUGE MOLINA, R. – História do movimento estudantil: centro acadêmico da “ESALQ/USP” de 1909 a 2016. Argumentos Pró-Educação, v. 2, n. 5, 29 ago. 2017. Disponível em: <http://ojs.univas.edu.br/index.php/argumentosproeducacao/article/view/183>. Acesso em 23 de junho de 2020.

SÍNTESE OCUPAÇÃO E USO DAS TERRAS NO BRASIL. Embrapa, c2020. Disponível em: <https://www.embrapa.br/car/sintese>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

SOJA EM NÚMEROS (SAFRA 2019/20). Embrapa Soja, c2020. Disponível em: <https://www.embrapa.br/soja/cultivos/soja1/dados-economicos>. Acesso em 20 de dezembro de 2020.

Os capítulos 4, 5, 6, 7 e 8 desta obra foram redigidos a partir de entrevistas com os integrantes da turma de formandos de 1970 da ESALQ e, no caso dos falecidos, com os seus familiares. As entrevistas foram realizadas tanto pessoalmente, quanto por telefone, e-mail e videoconferência, ao longo de um ano e meio (de fevereiro de 2019 a agosto de 2020).

Todos os esforços foram feitos para reconhecer os direitos autorais das imagens e referências publicadas neste livro. Os organizadores agradecem qualquer informação relativa à autoria, titularidade e/ou outros dados eventualmente omitidos aqui, comprometendo-se a incluí-los em edições futuras.

Várias e variadas vozes relataram viveres envoltos na moldura do tempo, com energia molhada de futuro, com utopias, vontades e conquistas semeadas na ESALQ e na Piracicaba que sempre acolheram aqueles que vêm traçar a formação profissional.

Várias e variadas vozes imprimiram retratos de vidas que vieram a ter atuação marcante no setor agropecuário, responsáveis pelo aumento da produção e da produtividade da agricultura brasileira, formando parte do alicerce do que é hoje o agronegócio.

Várias e variadas vozes fizeram eco ao tempo de nosso tempo, em que se traçou um viver - que hoje é saudade - com aquilo que encantou sonhos e que aqui ficaram registrados.

Várias e variadas vozes brotaram de corações que querem deixar ao mundo um grito afetuoso e carregado de certeza: O SONHO NÃO ACABOU.

Newman Simões

